SEPULCRO

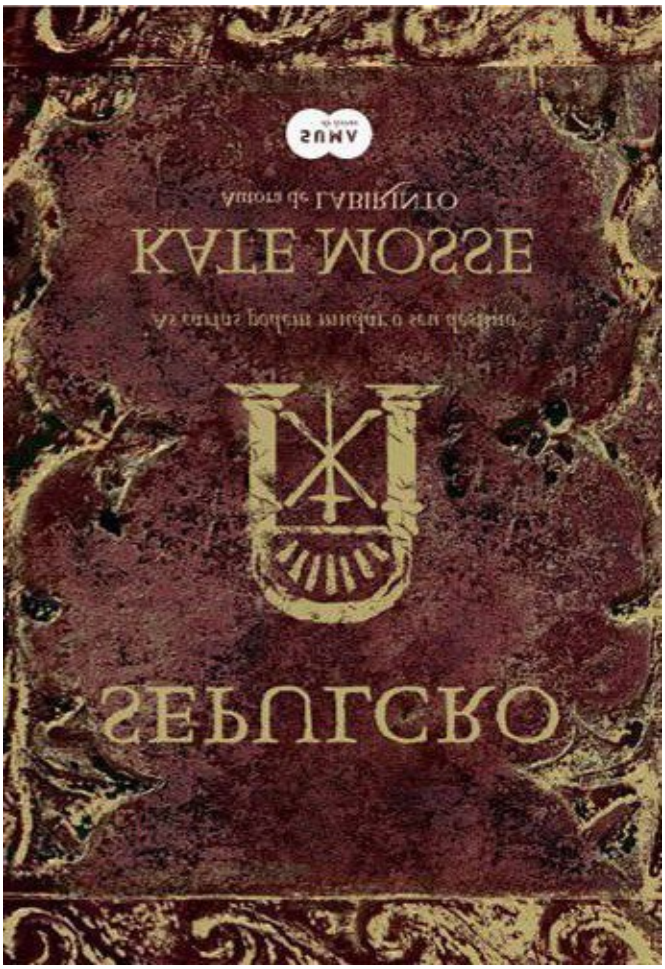


As cartas podem mudar o seu destino

KATE MOSSE

Autora de LABIRINTO

SUMA
de letras



SEPULCRO

KATE MOSSE

Tradução Vera Ribeiro

Para minha mãe. Barbara Mosse, por aquele primeiro piano E, como sempre, para meu querido Greg, por todas as coisas presentes, passadas e ainda por vir

SUMARIO

Prelúdio II

Parte I •

Parte VII •

Parte II •

Parte VIII •

Parte III •

Parte IX •

Parte IV •

Parte X •

Parte V •

Parte XI •

Parte VI •

Parte XII •

Coda •

NOTA DA AUTORA

SOBRE O TARÔ VERNIER

AGRADECIMENTOS

SOBRE A AUTORA



SEPULTURA

Si par une nuit lourde et sombre

Un bon chrétien, par charité,

Derrière quelque vieux décombre

Enterre votre corps vanté,

A l’heure ou les chastes étoiles

Ferment leurs yeux appesantis,

L’araignée y fera ses toiles,

Et la vipère ses petits;

Vous entendrez toute

Vannée Sur votre tête condamnée

Les cris lamentables des loups

Et des sorci

Ères faméliques,

Les ébats des viellards lubriques

Et les complots des noirs filous.

CHARLES BAUDELAIRE, 1857

Se, em noite horrorosa, escura,

Um cristão, por piedade,

Te conceder sepultura

Nas ruínas d’alguma herdade,

As aranhas hão de armar

No teu coval suas teias,

E nele irão procriar Víboras e centopeias

E sobre a tua cabeça,

A impedi-la que adormeça,

Em constantes comoções,

Hás de ouvir lobos uivar,

Das bruxas o praguejar,

E os conluios dos ladrões.

[TRAD. DELFIM GUIMARÃES, I912]

O verdadeiro tarô é simbolismo; não fa-

la nenhuma outra língua nem oferece outros

sinais.

The Pictorial Key to the Tarot, 1910 Arthur Edward Waite

L’âme d’autrui est une fôret obscure ou Il faut marcher avec précauition.

A alma do outro é uma floresta sombria

em que convém caminhar com precaução.

Carta de 1891

Claude Debussy



PRELÚDIO

MARÇO DE 1891

QUARTA-FEIRA, 25 DE MARÇO DE 1891

Esta história começa numa cidade de ossos. Nas vielas dos mortos. Nas silenciosas alamedas, passeios e becos do Cemitério de Montmartre, em Paris, lugar habitado por túmulos e anjos de pedra, e pelos fantasmas er-rantes dos que foram esquecidos antes mesmo de esfria-rem nas sepulturas.

Esta história começa com os vigias dos portões, com os pobres e desesperados de Paris que chegam para lucrar com a perda de terceiros. Os mendigos de boca es-cancarada e os trapeiros de olhar arguto, os fazedores de coroas funerárias e os vendedores de quinquilharias votivas, as moças que montam flores de papel e os coches à espera, com suas capotas negras e seus vidros sujos.

A história começa com a pantomima de um enterro. Uma notinha paga no jornal *Le Figaro* havia anunciado o local, a data e a hora, embora poucos tivessem comparecido. Era uma aglomeração parca, de véus escuros e fraques, botas polidas e guarda-chuvas extravagantes, para proteger da chuva atípica de março.

Léonie estava parada ao lado da sepultura aberta, junto do irmão e da mãe, seu belo rosto obscurecido atrás da renda negra. Dos lábios do padre saíam lugares-comuns, palavras de absolvição que deixavam todos os corações frios e todas as emoções intactas. Mal-ajambrado, com seu colarinho branco sem goma, os sapatos vulgares de fivela e a pele oleosa, ele nada sabia das mentiras e da trama de enganos que tinham levado àquele pedaço de terra no 18º *arrondissement*, na parte norte dos arredores de Paris.

Os olhos de Léonie estavam secos. Como o padre, ela desconhecia os acontecimentos cujo desdobrar se en-cenava nessa tarde úmida. Acreditava ter comparecido a um funeral, ao marco de uma vida precocemente ceifada.

Fora levar as últimas homenagens à amada de seu irmão, uma mulher que jamais conhecera em vida. Para apoiar o irmão em seu luto.

Os olhos de Léonie fixaram-se no caixão que baixava à terra úmida em que vivem os vermes e as aranhas.

Se houvesse virado depressa o rosto nesse momento, apanhando Anatole desprevenido, teria visto a expressão no rosto do irmão querido e se intrigado.

Não era tristeza, mas alívio, que bailava nos olhos dele.

E, por não se virar, ela não notou o homem de cartola cinza e sobrecasaca que se protegia da chuva sob os ciprestes, num canto mais distante do cemitério. Era uma figura elegante, o tipo de homem que fazia *une belle parisienne* levar a mão ao cabelo e erguer um pouco os olhos sob os véus. Suas mãos grandes e fortes, cobertas por luvas de pelica, estavam em perfeito repouso sobre o cabo de prata da bengala de mogno. Mãos capazes de envolver uma cintura, puxar uma amante para perto, acariciar um rosto pálido.

Ele observava, com uma expressão de grande intensidade no rosto. As pupilas eram minúsculos pontos negros em luminosos olhos azuis.

O baque pesado da terra sobre a tampa do caixão.

As palavras finais do padre, reverberando no ar sombrio.

— *In nomine Patri, et Filii, et Spiritus Sanctus.* Amém.

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Ele fez o sinal da cruz e se afastou.

Amém. Assim seja.

Léonie deixou cair a flor recém-colhida no Parque Monceau naquela manhã, uma rosa da saudade. O botão desceu espiralando, desceu pelo ar gelado, um lampejo de branco a escapar lentamente dos dedos enluvados de preto.

Que os mortos descansem. Que os mortos durmam.

A chuva caiu, mais pesada. Para além dos portões de ferro do cemitério, os telhados, as torres e as cúpulas de Paris ficaram envoltos numa bruma prateada. A água abafou o som das carruagens que chacoalhavam pelo Boulevard de Clichy e os uivos distantes dos trens que partiam da estação Saint-Lazare.

O grupo enlutado virou-se para se afastar do túmulo. Léonie tocou o braço do irmão. Ele lhe afagou a mão e baixou a cabeça. Ao saírem do cemitério, Léonie torceu, mais do que qualquer outra coisa, para que aquilo fosse o fim. Para que, depois dos deprimentes meses anteriores de perseguição e tragédia, eles

pudessem deixar tudo para trás.

Pudessem sair das sombras e recomeçar a viver.

Mas nesse momento, muitas centenas de quilômetros ao sul de Paris, algo se movimentou.

Uma reação, um elo, uma consequência. Nas ancestrais florestas de faias acima do elegante balneário de Rennes-les-Bains, uma rajada de vento balançou as folhas.

Uma música ouvida, mas não ouvida.

Enfin.

A palavra foi soprada pelo vento. Finalmente.

Impulsionado pelo ato de uma jovem inocente num cemitério de Paris, algo se moveu dentro do sepulcro de pedra. Esquecido desde muito nas aleias de vegetação alta e emaranhada da Herdade do Cade, algo despertou.

Para um observador distraído, não pareceria mais do que um truque de luz na tarde esvaecente, mas, por um instante fugaz, as estátuas de gesso pareceram respirar, mover-se, suspirar.

E os retratos pintados nas cartas sepultadas sob a terra e a pedra, lá onde o rio havia secado, pareceram ganhar vida momentaneamente. Imagens fugidias, impressões, sombras, ainda não eram mais do que isso. Uma sugestão, uma ilusão, uma promessa. A refração da luz, o movimento do ar sob a curva da escada de pedra. A rela-

ção inescapável entre o lugar e o momento.

É que, na verdade, esta história não começa com os ossos de um cemitério parisiense, mas com um baralho de cartas.

O Livro de Imagens do Diabo.



PARTE I

PARIS

SETEMBRO DE 1891



CAPÍTULO 1

PARIS

QUARTA-FEIRA, 16 DE SETEMBRO DE 1891

Léonie Vernier encontrava-se na escadaria do Palais Garnier, segurando com força sua bolsinha *chatelaine* e batendo o pé, impaciente.

Onde está ele?

O crepúsculo envolvia a Place de l'Opéra numa se-dosa luz azul.

Léonie franziu a testa. Aquilo era mesmo irritante.

Fazia quase uma hora que esperava o irmão no local combinado, sob o olhar brônzeo e impassível das estátuas que adornavam o telhado do teatro lírico. Havia suportado olhares impertinentes. Observara fiacres irem e virem, seges particulares com a capota levantada, veículos do transporte público, expostos às intempéries, carruagens de quatro rodas e cabriolés, todos desembarcando seus passageiros. Um mar de cartolas de seda preta e belos vestidos de gala saídos dos salões de exposição da Maison Léoty e da Charles Worth. Era uma plateia elegante de noite de estreia, um público sofisticado que estava ali para ver e ser visto.

E nada de Anatole.

Em certo momento, pensou tê-lo avistado. Um cavalheiro com o porte e as proporções de seu irmão, alto e espadaúdo, com o mesmo andar cadenciado. Ao

longe, Léonie chegou até a imaginar seus brilhantes olhos castanhos e o fino bigode preto, e ergueu a mão num aceno.

Mas o homem virou se e ela percebeu que não era seu irmão.

Voltou os olhos para a Avenue de l'Opera, que se estendia cm diagonal até o Palais du Louvre — um remanescente de uma monarquia frágil, dos momentos em que um nervoso rei francês buscava uma rota segura e direta para sua diversão noturna. Os lampiões piscavam à luz crepuscular e quadrados de luz aconchegante derrama-vam-se das janelas iluminadas dos cafés e dos bares. Os jatos de gás cuspiam e estalavam.

À sua volta, o ar estava repleto dos sons de uma cidade ao pôr do sol, quando o dia dava lugar à noite. No lusco-fusco, *entre chien et loup.* O tilintar de arreios e rodas nas ruas movimentadas. O canto de pássaros distantes no Boulevard des Capucines. Os gritos estridentes de vendedores ambulantes e estribeiros, os tons mais suaves das moças que vendiam flores artificiais na escadaria do teatro, os guinchos agudos dos garotos que, por um vintém, en-graxavam e poliam os sapatos dos cavalheiros.

Outro ônibus puxado por cavalos passou entre Léonie e a magnífica fachada do Palais Garnier, a caminho do Boulevard Haussmann, com o condutor assobiando no andar superior enquanto perfurava os bilhetes. Um velho soldado, ostentando no peito uma medalha obtida por combates em Tonquin, passou aos tropeços, cantando, embriagado, uma canção militar. Léonie viu até um palha-

ço de rosto pintado de branco sob o capuz de dominó preto, a roupa coberta por lantejoulas douradas.

Como é que ele pôde me deixar esperando?

Começou um dobre de sinos chamando para as vésperas, e seu tom plangente ecoou pelas pedras do cal-

çamento. Seriam de Saint-Gervais ou de outra igreja próxima?

Léonie encolheu de leve os ombros, os olhos num lampejo de frustração, depois euforia.

Não podia retardar-se mais. Se quisesse ouvir o *Lohengrin* de monsieur Wagner,

teria que segurar a coragem com as duas mãos e entrar sozinha.

Conseguiria?

Mesmo sem um acompanhante, por sorte estava com seu ingresso.

Mas será que se atreveria?

Pensou no assunto. Era a estreia parisiense. Por que deveria privar-se dessa experiência, em função da impontualidade de Anatole?

Dentro do teatro lírico, os lustres de cristal reluziam magnificamente. Tudo era luz e elegância, uma ocasião que não se podia perder.

Léonie tomou sua decisão. Subiu correndo a escadaria, cruzou as portas de vidro e se juntou à multidão.

Soaram as sinetas de advertência. Apenas dois minutos até o pano subir.

Num farfalhar de anáguas e meias de seda, Léonie cruzou em disparada a vastidão marmórea do Grand Foyer, atraindo uma medida igual de aprovação e admiração.

Aos 17 anos, estava à beira de se tornar uma grande bel-dade, não mais uma criança, mas ainda retendo lampejos da menina que agora tinha a sorte de ser dotada dos traços refinados e da coloração nostálgica que eram tidos em alta conta por monsieur Moreau e seus amigos pré-rafaelitas.

Mas sua aparência enganava. Léonie era mais decidida do que obediente, mais atrevida que pudica — uma jovem de paixões contemporâneas, não uma recatada donzela medieval. Aliás, Anatole costumava brincar dizendo que, embora ela parecesse o perfeito retrato de *La Damoiselle Élue*, de Rossetti, na verdade era sua imagem especular. Seu duplo, que era e não era ela. Dos quatro elementos, Léonie era o fogo, não a água, a terra, ou o ar.

Agora, suas faces de alabastro haviam-se enrubescido. Mechas grossas do cabelo cor de cobre tinham-se soltado das travessas e caído sobre seus ombros nus. Seus deslumbrantes olhos verdes, emoldurados por longos cílios castanho-avermelhados, faiscavam de raiva e ousadia.

Ele deu sua palavra que não se atrasaria.

Segurando a bolsinha numa das mãos, como se fosse um escudo, e levantando a saia do vestido de cetim verde com a outra, cruzou às pressas os pisos de mármore, sem prestar atenção aos olhares de reprovação de matronas e viúvas. As imitações de pérolas e as contas prateadas da barra do vestido iam batendo nas lajotas marmóreas, enquanto ela passava às pressas pelas colunas de mármore rosado, pelas estátuas douradas e pelos frisos, em direção à imponente Grande Escadaria. Confinada no espartilho, sua respiração ficou entrecortada, enquanto o coração batia como um metrônomo acelerado.

Mesmo assim, Léonie não afrouxou o passo. Mais adiante, viu funciona rios do teatro já em vias de fechar as portas da Grande Salle. Com um último rasgo de energia, impeliu-se para a entrada.

— *Voilà* — disse, entregando o ingresso ao porteiro. — *Mon frère va arriver...*

O homem afastou-se para o lado e a deixou passar.

Depois das ruidosas e reverberantes cavernas de mármore do Grand Foyer, o auditório pareceu particularmente silencioso, repleto de murmúrios abafados, cumprimentos, indagações sobre a saúde e a família, tudo parcial mente tragado pelos tapetes felpudos e por fileira após fileira de assentos forrados de veludo vermelho.

As conhecidas escapadas de sopros e metais, escalas, arpejos e fragmentos da ópera, cada vez mais altos, brotaram do poço da orquestra como rastros de brumas outonais.

Consegui.

Léonie se recompôs e alisou o vestido. Recém-comprado, entregue naquela tarde pela loja La Samaritaine, ainda estava meio duro, por falta de uso, Ela puxou as longas luvas verdes até acima dos cotovelos, para que não mais de uma tira de pele desnuda ficasse visível, e desceu por entre as poltronas em direção ao palco.

Os lugares eram na primeira fila, dois dos melhores do teatro, cortesia do amigo compositor de Anatole e vizinho de ambos, Achille Debussy. Ao passar, Léonie viu, à esquerda e à direita, fileiras de cartolas pretas, arranjos de plumas para a cabeça e um abanar de leques reluzentes.

Rostos de um vermelho e púrpura coléricos, matronas muito empoadas de rígidas cabeleiras brancas. Léonie retribuiu todos os olhares com um sorriso cordial e uma leve inclinação da cabeça.

Há uma intensidade estranha no ar.

Seu olhar aguçou-se. Quanto mais avançava pelo Grande Salle, mais ficava claro que havia algo errado —uma certa vigilância nos rostos, algo fervilhando logo abaixo da superfície, uma expectativa de distúrbios futuros.

Sentiu um leve arrepio na nuca. A plateia estava em guarda, como podia perceber nos olhares esquivos e nas expressões desconfiadas em quase todos os rostos.

Não seja ridícula.

Veio-lhe a vaga lembrança de um artigo de jornal lido por Anatole em voz alta, à mesa do jantar, a respeito de protestos contra a apresentação de obras de artistas prussianos em Paris. Mas esse era o Palais Garnier, não um beco escondido em Clichy ou Montmartre.

O que poderia acontecer na Opera?

Léonie passou pela floresta de joelhos e vestidos de sua fileira e, com uma sensação de alívio, acomodou-se na poltrona. Levou algum tempo para se ajeitar e olhou para os vizinhos. À esquerda estavam uma matrona cheia de joias e seu marido idoso, cujos olhos lacrimosos quase desapareciam sob as grossas sobrancelhas brancas. As mãos salpicadas de manchas, uma em cima da outra, des-cansavam sobre uma bengala de cabo de prata, circundada logo abaixo por um anel com uma inscrição. À direita, com a poltrona vazia de Anatole criando entre eles uma barreira que lembrava um valão, sentavam-se quatro homens de meia-idade, mal-encarados e barbudos, de expressão carregada e mãos apoiadas em bengalas de buxo sem maior distinção. Havia algo de inquietante em seu jeito de se manterem sentados em silêncio, olhando para a frente, com um ar de intensa concentração no rosto.

Ocorreu a Léonie que era estranho todos usarem luvas de couro, que deviam ser incomodamente quentes.

Depois, um deles virou a cabeça e a encarou. Ela enrubesceu e, fixando os olhos

adiante, pôs-se a admirar as magníficas cortinas em t *rompe l'oeil*, que pendiam em dobras carmesim e douradas desde o alto do ano do proscênio até o piso de madeira do palco.

Será que não é um atraso? E se houver acontecido alguma coisa ruim com ele?

Abanou a cabeça ante essa ideia nova e indesejada.

Tirou o leque da bolsa e o abriu com um estalo.

Por mais que quisesse inventar desculpas para o irmão, o mais provável era que fosse uma questão de impontualidade.

Como tem acontecido muitas vezes, ultimamente.

De fato, desde o infausto acontecimento no Cemitério de Montmartre, Anatole vinha-se mostrando ainda menos confiável. Léonie franziu a testa ao se dar conta, mais uma vez, de como essa lembrança tornava a lhe invadir a mente. Era obsedante a recordação daquele dia, que ela revivia ininterruptamente.

Em março, tivera a esperança de que tudo aquilo houvesse acabado, mas o comportamento do irmão havia continuado imprevisível. Muitas vezes, ele desaparecia por dias a fio, voltava à noite em horários estranhos, evitava muitos dos amigos e conhecidos e se atirava no trabalho.

Mas hoje ele me prometeu que não se atrasaria.

O *chef d'orchestre* subiu no tablado e dispersou essas reflexões. Uma salva de palmas encheu o auditório expectante como uma saraivada de tiros, violenta, súbita e intensa. Léonie bateu palmas com vigor e entusiasmo, mais ainda por conta da ansiedade. O quarteto de senhores a seu lado não se mexeu. Suas mãos continuaram imóveis, pousadas nas bengalas baratas e feias. Léonie olhou-os de relance, julgando-os indelicados e broncos e perguntando a si mesma por que se davam o trabalho de comparecer, se estavam decididos a não apreciar a música. E desejou, embora fosse irritante reconhecer tal nervosismo, não estar sentada tão perto deles.

O maestro fez uma profunda mesura e se voltou para o palco.

Os aplausos cessaram e o Grande Salle silenciou. O

regente bateu com a batuta na estante. No auditório, os jatos azulados das lâmpadas a gás estalaram e oscilaram, depois diminuíram. O clima ficou carregado de promessas. Todos os olhares fixaram-se no maestro. Os músicos da orquestra empertigaram o tronco e levantaram seus arcos, ou aproximaram os instrumentos aos lábios.

O maestro ergueu a batuta. Léonie prendeu a respiração quando os acordes iniciais do *Lohengrin* de monsieur Wagner encheram os vastos espaços do Palais Garnier.

A poltrona a seu lado continuou vazia.



CAPÍTULO 2

Os assobios e vaias começaram quase de imediato, na parte mais alta da galeria. A princípio, a maior parte da plateia não prestou atenção ao distúrbio e fingiu que aquilo não estava acontecendo. Mas depois ele se tornou mais insistente, mais alto. Ouviram-se vozes no balcão nobre e também nas poltronas.

Léonie não conseguiu discernir muito bem o que os manifestantes estavam dizendo.

Manteve os olhos resolutamente fixos no poço da orquestra e procurou ignorar cada novo assobio ou murmúrio. Mas, à medida que prosseguiu a abertura, uma inquietação crescente insinuou-se na plateia, de alto a baixo e de um lado a outro das fileiras, dissimulada e insidiosa.

Não mais conseguindo calar-se, ela se inclinou para sua vizinha.

— Quem são essas pessoas? — murmurou.

A senhora franziu a testa ante a interrupção, mas respondeu, assim mesmo.

— Eles se chamam de *abonnés* — explicou, por trás do leque. — Opõem-se à apresentação de qualquer compositor que não seja francês. Patriotas musicais, é o que dizem ser. Em princípio, tenho certa simpatia, mas não é essa a maneira de proceder.

Léonie agradeceu com um aceno da cabeça e tornou a se empertigar em seu assento, tranquilizada pelo jeito objetivo da mulher, muito embora, a bem da verdade, o distúrbio parecesse estar aumentando.

Os últimos compassos da abertura mal se haviam dissipado no ar quando começou o protesto propriamente dito. Ao subir a cortina, exibindo a cena de um coro de cavaleiros teutões do século X, postados na margem de um antigo rio da Antuérpia, iniciou se uma comoção maior no balcão simples. Um grupo de pelo menos oito ou nove homens pôs-se de pé, numa cacofonia de assobios, vaias e palmas lentas. Uma onda de reprovação varreu as fileiras da plateia e da galeria, enfrentada por outras explosões de protestos. Depois, incitado pelos manifestantes, veio um refrão que, a princípio, Léonie não conseguiu distinguir com clareza. Mas, num crescendo ruidoso, ele se tornou inconfundível.

— *Boche! Boche!*

O protesto chegou aos ouvidos dos cantores. Léonie viu olhares rápidos serem trocados entre o coro e os solistas, o alarme e a indecisão estampados em cada rosto.

— *Boche! Boche! Boche!*

Apesar de não querer que a apresentação fosse perturbada, ao mesmo tempo ela não pôde negar que aquilo era excitante. Estava testemunhando o tipo de acontecimento do qual, em circunstâncias normais, apenas teria notícia nas páginas de *Le Figaro* de Anatole.

A verdade era que andava completamente farta das restrições de sua vida cotidiana, do tédio de acompanhar a mãe em maçantes recepções vespertinas nas lúgubres residências urbanas de parentes distantes e ex-colegas de seu pai. E de ter que manter conversinhas aborrecidas com o atual amigo da mãe, um velho militar que tratava Léonie como se ela ainda usasse saias curtas.

Que história terei para contar ao Anatole!

Mas o clima do protesto começou a mudar.

O elenco, pálido e inseguro sob a maquiagem cêni-ca pesada, continuou a cantar. Na verdade, não manifestou relutância, até o primeiro projétil ser arremessado no palco — uma garrafa que por pouco não acertou o baixo que representava o

papel do rei Henrique.

Por um instante, foi como se a orquestra houvesse parado de tocar, tão profundo e suspenso foi o silêncio. O

público pareceu prender coletivamente a respiração, enquanto a garrafa rodopiava, como que em câmera lenta, captando a luz intensa da ribalta e emitindo deslumbrantes fachos verdes. Depois, atingiu o cenário de lona com um baque surdo, caiu e rolou para o poço.

A vida real entrou correndo. Instalou-se um pandemônio, no palco e fora dele. O barulho aumentou ainda mais. Então, um segundo projétil zuniu por sobre as cabe-

ças da plateia estupefata e explodiu ao bater no palco.

Uma mulher na primeira fila soltou um grito e cobriu a boca, enquanto um cheiro fétido de sangue, legumes podres e vielas antigas infiltrou-se pelas poltronas.

— *Boche! Boche! Boche!*

O sorriso desapareceu do rosto de Léonie, substitu-

ído por uma expressão de susto. Seu estômago deu um nó. Aquilo era repulsivo e apavorante, não TINHA nada de aventuresco. Ela ficou nauseada.

De repente, o quarteto à sua esquerda levantou-se de um salto, como se fosse um homem só, e começou a bater palmas em ritmo perfeito, a princípio devagar, e a emitir sons animalescos, imitando porcos, vacas e bodes.

Todos estampavam no rosto uma expressão cruel, perversa, e entoavam seu lema antiprussiano, já então repetido em todos os cantos do auditório.

— Por Deus, homem, sente-se!

Um senhor de óculos e barba farta, com a tez pálida de quem passava a vida em meio a tinteiros, cera e documentos, bateu de leve com seu programa nas costas de um dos manifestantes.

— Aqui não é a hora nem o lugar. Sentem-se!

— Isso mesmo — concordou seu companheiro. —

Sentem-se!

O manifestante virou-se e usou a bengala para desferir um golpe forte e rápido no punho do homem. Léonie abafou um grito. Apanhado de surpresa pela rapidez e ferocidade da retaliação, o senhor deu um grito e deixou cair o programa. Seu companheiro levantou-se de chofre, enquanto gotas de sangue brotavam do risco do ferimento. Tentou agarrar a arma do manifestante, já então percebendo que havia um pino de metal propositalmente preso no cabo da bengala, mas foi rudemente empurrado para trás e caiu.

O maestro tentou manter a orquestra no compasso, mas os músicos lançavam olhares amedrontados ao redor e o ritmo foi ficando esgarçado e desigual, ao mesmo tempo rápido e lento demais. Nos bastidores, tomara-se uma decisão. Ajudantes de contrarregra, com suas roupas pretas e as mangas arregaçadas até os cotovelos, de repente invadiram o palco e começaram a tirar os cantores da linha direta de fogo.

A gerência do teatro tentou abaixar a cortina. Os pesos retiniram e se moveram com estrondo, perigosamente, subindo depressa demais. O tecido pesado despencou no ar, encostou num pedaço do cenário e ficou preso.

A gritaria intensificou-se.

O êxodo começou pelos camarotes particulares.

Num alvoroço de plumas, ouro e sedas, a burguesia retirou-se às pressas. Ao vê-la, o desejo de sair espalhou-se pela galeria, onde se haviam instalado muitos manifestantes nacionalistas, e depois pelos balcões e a plateia. Também as fileiras atrás de Léonie foram se esvaziando uma a uma pelos corredores. De toda parte do Grande Salle ela ouviu assentos sendo levantados. Nas saídas, as argolas de latão chacoalhavam nos trilhos, conforme as pesadas cortinas de veludo iam sendo abertas com brusquidão.

Mas os manifestantes ainda não haviam alcançado o objetivo de suspender o espetáculo. Outros projéteis foram arremessados no palco. Garrafas, pedras e tijolos, frutas podres. A orquestra desocupou o poço, arrebatando as preciosas

partituras, arcos e estojos de instrumentos, e passando aos trambolhões pelos obstáculos representados por cadeiras e estantes, até sair por baixo do palco.

Finalmente, pela fresta aberta na cortina, o gerente do teatro apareceu no palco, pedindo calma. Transpirava e enxugava o rosto com um lenço cinza.

— *Mesdames, messieurs, s'il vous plaît. S'il vous plaît!*

Era um homem corpulento, mas nem sua voz nem

seus modos impunham autoridade. Léonie notou-lhe o olhar desvairado, enquanto ele agitava os braços e tentava imprimir alguma ordem ao caos crescente.

Muito pouco, tarde demais.

Outro projétil foi arremessado, dessa vez não uma garrafa ou outro objeto adquirido, mas um pedaço de madeira cheio de pregos. O gerente foi atingido acima do olho. Cambaleou para trás, com a mão no rosto. O sangue jorrou do ferimento por entre seus dedos e o homem tombou de lado, amarfanhado feito uma boneca de pano no chão do palco.

Diante dessa última visão, a coragem de Léonie finalmente a abandonou.

Preciso sair daqui.

Horrorizada, já então apavorada, ela lançou olhares aflitos pelo auditório, mas estava presa, encurralada pela turba às suas costas e lados e pela violência à frente. Agarrou o espaldar das poltronas, na suposição de que poderia fugir escalando as fileiras, mas, ao tentar se mexer, descobriu que a bainha rebordada do vestido ficara presa nos parafusos de metal embaixo do assento. Com os dedos cada vez mais desesperados, curvou-se e tentou puxar, libertar-se com um safanão.

Nesse momento, um novo grito de protesto infiltrou-se no auditório.

— *À bas!À bas!* Abaixo! Ela levantou a cabeça.

O que é isso agora? O grito foi retomado por todos os cantos do auditório.

— À bas! À l’attaque!

Como cruzados sitiando um castelo, os manifestantes avançaram, brandindo pedaços de pau e porretes. Aqui e ali, o brilho de uma lâmina. Um arrepio de pavor fez Léonie tremer. Ela entendeu que a massa pretendia investir contra o palco, e ela estava bem no seu caminho.

Em toda a plateia, o pouco que restava da máscara da sociedade parisiense rachou-se, estilhaçou-se, desfez-se em pedaços. A histeria tomou conta dos que ainda estavam encurralados. Advogados e jornalistas, pintores e acadêmicos, banqueiros e funcionários públicos, cortesãs e esposas, todos partiram numa carreira para as portas, no desespero de escapar da violência.

Sauvez qui peut! Salve-se quem puder!

Os nacionalistas avançaram para o palco. Com precisão militar, marcharam de todos os setores do auditório, saltando poltronas e gradis, invadindo o fosso da orquestra e subindo no tablado. Léonie puxou o vestido com força, mais força, até que, rasgando o tecido, soltou-se.

— Boche! Alsace française! Lorraine française!

Os manifestantes puseram-se a rasgar o pano de fundo e a chutar o cenário. Arvores, água, rochedos e pedras pintados, os soldados imaginários do século X, tudo destruído por uma turba muito real do século XIX. O palco ficou coalhado de lascas de madeira, telas rasgadas e poeira, enquanto o mundo de *Lohengrin* sucumbia na batalha.

Por fim, compôs-se uma força de resistência. Uma coorte de jovens idealistas e veteranos de antigas campanhas conseguiu juntar-se na plateia e saiu em perseguição aos nacionalistas no palco. A porta da passagem que separava a plateia dos fundos do teatro foi aberta. Os homens arremeteram pelos bastidores e se juntaram aos auxiliares de palco do teatro, que avançavam para os nacionalistas antiprussianos por entre as peças móveis do cenário, passando pelo depósito cenográfico.

Léonie assistiu a tudo, apavorada, mas hipnotizada pelo espetáculo. Um rapaz bonito, pouco mais que um garoto, num smoking emprestado grande demais para ele e com um bigode comprido e encerado, atirou-se sobre o líder dos manifestantes. Passando-lhe os braços em volta do pescoço, tentou derrubá-lo,

mas foi ele quem se viu no chão. Soltou um grito de dor quando uma bota com ponteira de aço atingiu-o na barriga.

— *Vive la France! À bas!*

A ânsia de sangue havia tomado conta. Léonie viu os olhos da turba arregalados de excitação, num frenesi, enquanto a violência escalava. Os rostos estavam rubros, febris.

— S'il *vous plaît!* — gritou ela, em desespero, mas ninguém a ouviu, e continuava a não haver por onde passar.

Ela se encolheu quando outro ajudante foi arremessado do palco. Seu corpo deu uma cambalhota por cima do poço deserto da orquestra e cravou-se na grade de metal. O braço e o ombro penderam frouxos, retorcidos, imóveis. Os olhos permaneceram abertos.

Você tem que recuar. Chegue para trás.

Mas, àquela altura, o mundo parecia afogar-se em sangue, ossos quebrados e carne viva. Léonie não conseguia ver nada senão ódio contorcendo os rostos dos homens a seu redor. A pouco mais de um metro de onde estava, imobilizada de medo, um homem se arrastava de quatro, com o colete e o paletó abertos. Deixou um rastro de marcas ensanguentadas das mãos nas tábuas do palco.

Atrás dele ergueu-se uma arma. *Não!*

Léonie tentou dar um grito de alerta, mas o choque lhe tirou a voz. A arma desceu. Fez contato. O homem escorregou, caindo pesadamente de lado. Ergueu os olhos para o agressor, viu a faca e levantou a mão para se proteger, enquanto a lâmina descia. Metal cravado na carne. Ele gritou quando a faca foi puxada e fincada de novo, enter-rando-se fundo em seu peito.

Seu corpo sacudiu e estremeceu como um fantoche no quiosque dos Champs-Elysées, agitando braços e pernas, depois ficou inerte.

Léonie espantou-se ao perceber que estava chorando. Em seguida, o medo retornou, mais feroz do que nunca.

— S'il *vous plaît!* — gritou. — Deixem-me passar!

Tentou abrir caminho empurrando com os ombros, mas era pequena demais, leve demais. Entre ela e a saída havia uma massa humana, e a essa altura o corredor central estava bloqueado por almofadas vermelhas. Sob o palco, os jatos de gás lançavam uma chuva de fagulhas sobre as partituras abandonadas, caídas no chão. E vieram uma explosão laranja, um silvo amarelo e um enfunar repentino, enquanto a armação de madeira sob o palco começava a brilhar.

— *Au feu! Au feu!* Fogo!

Um outro nível de pânico espalhou-se pelo auditório. A lembrança do incêndio que varrera a Opéra-Comique cinco anos antes, matando mais de oitenta pessoas, apoderou-se de todos.

— Deixem-me passar, eu imploro! — gritou Léonie.

Ninguém lhe deu atenção. Agora o chão estava forrado de programas abandonados, toucados de plumas, lornhões e binóculos de teatro, como ossos ressequidos num antigo sepulcro, estilhaçados sob os pés.

Léonie não conseguia enxergar nada além de cotovelos e da parte posterior de cabeças descobertas, mas continuou a se deslocar para a frente, num avanço penoso, centímetro por centímetro, e conseguiu introduzir uma pequena distância entre si mesma e a pior parte da briga.

Então, a seu lado, sentiu uma senhora idosa trope-

çar e começar a cair.

Ela será pisoteada.

Esticou o braço e segurou o cotovelo da mulher.

Sob o tecido engomado, descobriu-se agarrando um braço fino e ossudo.

Eu só queria ouvir a música chorava a mulher. —

Alemã, francesa, para mim não tem a menor importância.

Imagine vermos essas coisas em nossa época! Vermos tudo isso voltar!

Léonie avançou aos tropeços, segurando todo o peso da anciã, e seguiu cambaleando para a saída. O fardo parecia ficar maior a cada passo. A mulher estava desfale-cendo.

— Não falta muito. Por favor, tente, por favor! —gritou Léonie. Qualquer coisa para mantê-la de pé. — Estamos quase na porta. Quase em segurança.

Por fim, avistou a conhecida libré de um funcionário do teatro e gritou um pedido urgente de socorro:

— *Mais aidez-moi, bon Dieu! Par ici. Vite!*

O empregado obedeceu sem pestanejar. Sem dizer palavra, livrou Léonie de seu fardo, levantou a senhora no colo e a carregou para o Grand Foyer.

As pernas de Léonie bambearam, exaustas, mas ela se obrigou a prosseguir. Só mais alguns passos.

De repente, sentiu a mão de alguém segurar-lhe o pulso.

— Não! — gritou. — Não!

Não se deixaria encurralar lá dentro, com o fogo, a turba e as barricadas. Saiu debatendo-se às cegas, fixada apenas no ar.

— Não me toque! — berrou. — Solte-me!



CAPÍTULO 3

— Léonie, *c'est moi.* Léonie! Uma voz de homem, conhecida e tranquilizadora. E um aroma de óleo de sândalo para o cabelo e de tabaco turco. *Anatole? Aqui?*

E então, um par de mãos fortes segurou-a pela cintura e a levantou, afastando-a da multidão. Léonie abriu os olhos.

— Anatole! — exclamou, atirando-lhe os braços no pescoço. — Onde você estava? Como pôde fazer isso? —indagou, transformando o abraço num ataque e esmur-rando o peito do irmão com os punhos furiosos. — Espe-rei até não poder

mais, e você não veio. Como pôde me deixar para...

— Eu sei — ele se apressou a interromper. — E

você tem toda razão de me repreender, mas não agora.

A raiva de Léonie abandonou-a com a mesma rapidez com que havia surgido. Subitamente exausta, ela deixou a cabeça pender e se apoiar no peito do irmão mais velho. — Eu vi...

— Eu sei, *petite* — disse ele, baixinho, passando a mão no cabelo despenteado da irmã —, mas os soldados já estão lá fora. Precisamos sair, para não correr o risco de sermos apanhados na luta.

Quanto ódio no rosto deles, Anatole! Destruíram tudo. Você viu? Você viu?

Sentiu a histeria crescer dentro do peito, borbu-lhando do estômago para a garganta, para a boca.

Com as próprias mãos, eles...

— Você pode me contar depois — interrompeu Anatole, ríspido —, mas agora temos de sair daqui. *Vas-y.*

Léonie recobrou prontamente o juízo. Respirou fundo.

— Muito bem, menina — disse ele, vendo a determinação voltar aos olhos da irmã. — Agora, depressa!

Anatole usou a altura e a força para abrir caminho pela massa de corpos que fugiam do auditório.

Os dois emergiram das cortinas de veludo no caos.

De mãos dadas, correram pela sacada e desceram a Grande Escadaria. O piso de mármore, coalhado de garrafas de champanhe, baldes de gelo virados e programas do espetáculo, parecia um rinque de patinação. Escorregando, mas sem chegar propriamente a perder o equilíbrio, eles chegaram às portas envidraçadas e saíram na Place de l’Opéra.

No mesmo instante, veio de trás o barulho de vidro quebrado.

— Por aqui, Léonie!

Se ela havia considerado impossíveis às cenas no interior do Grande Salle, nas ruas estava ainda pior. Os manifestantes nacionalistas, os *abonnés,* também se haviam apossado da escadaria do Palais Garnier. Armados de paus, garrafas e facas, alinhavam-se em três filas sucessi-vas, esperando e cantando. Embaixo, na Place de l'Opera propriamente dita, ajoelhavam-se fileiras de soldados, de jaqueta vermelha curta e capacete dourado, com os fuzis apontados para os manifestantes, aguardando a ordem de disparar.

— Eles eram inúmeros — comentou Léonie.

Anatole não respondeu, puxando-a pela multidão em frente à fachada barroca do Palais Garnier. Chegou à esquina e dobrou à direita na rue Scribe, saindo da linha direta de fogo. Os dois foram arrastados pela massa humana, com os dedos firmemente entrelaçados para não se perderem um do outro, por quase todo um quarteirão, em meio a cotoveladas, correria e empurrões, leito espuma numa corredeira.

Mas, por um momento, Léonie sentiu-se segura.

Estava com Anatole.

Depois veio o som de um único tiro de fuzil. Por um instante, a onda humana se deteve, e então, como que num só movimento, tornou a rolar. — Léonie sentiu desa-tarem-se os laços das sapatilhas e teve súbita consciência de bolas masculinas batendo em seus tornozelos, pisote-ando a bainha rasgada e arrastada de seu vestido. Lutou para manter o equilíbrio. Uma saraivada de balas irrompeu às costas deles. O único ponto fixo era a mão de Anatole.

— Não me solte! — ela gritou.

Mais atrás, uma explosão cortou o ar. A calçada estremeceu. Virando-se um pouco, Léonie viu o cogumelo sujo e poeirento de fumaça acinzentando-se contra o céu, subindo da direção da Place de 1'Opéra. Sentiu então um segundo estrondo reverberando pela calçada. O ar em volta pareceu solidificar-se, depois desabar sobre ele mesmo.

— Des canons! Ils tirent!

— Non, non, c’est des pétards.

Mesmo sendo petardos, não canhões disparando, Léonie gritou e apertou com mais força a mão de Anatole.

Os dois se precipitaram para diante, sempre para diante, sem ter ideia de onde acabariam, sem noção do tempo, movidos apenas por um instinto animal que lhes dizia que não parassem, não enquanto o barulho, o sangue e a poeira não ficassem bem para trás.

Ela sentiu os membros exaustos, à medida que o cansaço foi-se apoderando de seu corpo, mas continuou a correr, correr até não aguentar mais. Aos poucos, a multidão foi diminuindo, até os irmãos finalmente se encontrarem numa rua sossegada, bem longe da luta, das explosões e dos canos das armas. Léonie tinha as pernas bambas de cansaço e a pele enrubescida e úmida de suor e orvalho.

Parando, estendeu a mão para se apoiar num muro.

Seu coração batia febrilmente. O sangue latejava em seus ouvidos, pesado e alto.

Anatole também parou e se encostou no muro. Léonie apoiou o corpo no do irmão, com os cachos acobreados descendo pelas costas como meadas de seda, e sentiu os braços do irmão envolverem seus ombros protetora-mente.

Engoliu o ar da noite, tentando recobrar o fôlego.

Tirou as luvas manchadas, sujas de fuligem das ruas de Paris, e deixou-as caírem na calçada.

Anatole correu os dedos pelo cabelo negro e espesso que lhe caíra sobre a testa larga e pelas maçãs altas e esculpidas do rosto. Também estava com a respiração arfante, apesar das horas passadas exercitando-se em salões de esgrima.

Extraordinariamente, parecia sorrir.

Por algum tempo, nenhum dos dois falou. O único som audível era o subir e descer de sua respiração, que formava nuvens brancas na fresca noite de setembro. Por fim, Léonie reergueu o corpo.

— Por que você se atrasou? — perguntou ao irmão, como se os eventos da hora anterior não tivessem acontecido.

Anatole fitou-a, incrédulo, depois começou a rir, primeiro baixinho, então mais alto, esforçando-se para falar e enchendo o ar de gargalhadas.

Você quer me repreender, *petite*, mesmo num momento como este?

Léonie o olhou firme, mas logo sentiu os cantos da boca começarem a tremer. Deixou escapar um risinho, mais outro, até seu corpo esguio sacudir com as risadas e as lágrimas rolarem por suas laces lindas e sujas.

Anatole tirou o paletó e cobriu os ombros nus da irmã.

— Você é mesmo uma criatura extraordinária —comentou. — Realmente extraordinária!

Léonie deu um sorriso pesaroso, contrastando seu estado desalinhado com a elegância de Anatole. Olhou para o vestido verde esfarrapado. A bainha pendia solta feito uma cauda, e as contas de vidro que restavam estavam lascadas, penduradas por um fio.

Apesar da fuga desabalada pelas ruas de Paris, Anatole parecia praticamente imaculado. As mangas da camisa estavam brancas e bem passadas, as pontas do colarinho, ainda engomadas e erguidas; o colete azul não tinha marcas.

Ele deu um passo atrás e levantou a cabeça para ler a placa no muro.

— Rue Caumartin — disse. — Excelente! Jantar?

Você deve estar com fome, imagino.

— Esfaimada.

— Conheço um café que não fica longe daqui. O

térreo é popular, com as dançarinas do Cabaret Le Grande-Pinte e seus admiradores, mas há salas particulares respeitáveis no primeiro andar. Isso lhe parece aceitável?

— Perfeitamente. Anatole sorriu.

— Então, está resolvido. E, para quebrar a monotonia, vou mantê-la na rua até tarde, até bem depois do horário razoável de dormir. Não me atrevo a entregá-la a mamãe em casa nesse estado. Ela nunca me perdoaria.



CAPÍTULO 4

Marguerite Vernier desembarcou do fiacre na esquina da rue Cambou com a Saint-Honoré, acompanhada pelo general Georges du Pont. Enquanto seu acompanhante pagava a corrida, embrulhou-se na estola de gala para se proteger da friagem noturna e sorriu, satisfeita.

Aquele era o melhor restaurante da cidade, com as janelas cobertas, como sempre, pelas mais finas cortinas de renda da Bretanha. Tê-la levado ali era uma indicação da crescente consideração de Du Pont por ela.

De braço dado, os dois entraram no Chez Voisin.

Foram acolhidos por uma conversa baixa e discreta. Marguerite sentiu Georges estufar o peito c erguer um pouco mais a cabeça. Percebeu sua consciência de que todos os homens do salão o invejavam. Apertou o braço do parceiro e o sentiu retribuir o gesto, num lembrete de como haviam passado as duas horas anteriores. Georges lançou-lhe um olhar possessivo. Marguerite concedeu-lhe um sorriso gentil, depois entreabriu os lábios, comprazendo-se em vê-lo enrubescer desde o colarinho até a ponta das orelhas. Era a boca de Marguerite, de sorriso generoso e lábios carnudos, que lhe elevava a beleza à categoria do extraordinário. Trazia uma promessa e um convite.

Georges levou a mão ao pescoço e puxou o colarinho branco e duro, afrouxando a gravata preta. Digno e rigorosamente apropriado, o paletó do fraque fora habilmente talhado para disfarçar o fato de que, aos 60 anos, o general já não era propriamente o espécimen físico que tinha sido no auge de seus tempos de exército. Na botoei-ra da lapela havia fitas coloridas representando as medalhas recebidas pelas batalhas de Sedan e Metz. Em vez de colete, que talvez acentuasse a barriga proeminente, ele usava uma faixa vermelho-escura.Grisalho e com um bigode farto e bem aparado, Georges era agora um diplomata, formal

e sóbrio, e queria que o mundo soubesse disso.

Para agradá-lo, Marguerite pusera um modesto vestido de noite em *moiré* de seda púrpura, debruado de prata e ornado de contas. As mangas eram bufantes, o que chamava ainda mais a atenção para a cintura fina e a saia rodada. O decote era alto e não deixava aparecer mais do que uma leve sugestão da cútis, embora, em Marguerite, isso tornasse o traje ainda mais provocante. Seu cabelo preto estava caprichadamente preso num coque, com um único toque de plumas de cor púrpura, o que salientava o pescoço alvo e fino. Os olhos castanhos e límpidos destacavam-se contra uma tez impecável.

Todas as matronas entediadas e as esposas cheias de enchimentos no restaurante fitaram-na com antipatia e inveja, principalmente porque Marguerite estava em meio à casa dos quarenta, e não no primeiro desabrochar da juventude. A combinação de beleza com um corpo tão benfeito, aliada à inexistência de uma aliança no dedo, o-fendia-lhes o senso de justiça e decoro. Seria correto desfilar-se um romance desse tipo num lugar como o Voisin?

O proprietário, grisalho e de aparência tão distinta quanto sua clientela, aproximou-se para receber Georges, saindo da sombra das duas senhoras sentadas à mesa da frente, a Cila e a Caribde, sem cuja bênção ninguém punha os pés naquela instituição culinária. O general Du Pont era um freguês de longa data, que pedia o melhor champanhe e dava gorjetas generosas. Mas não vinha sendo um freguês assíduo nos últimos tempos. Claramente, o dono temia haver perdido seu cliente para o Café Paillard ou o Café Anglais.

— Monsieur, é um grande prazer tornar a recebê-lo. Havíamos presumido que talvez o senhor tivesse sido designado para um cargo no exterior.

Georges pareceu completamente embaraçado. Tão moralista! pensou Marguerite, embora não desgostasse dele por isso. O general tinha modos mais refinados e era mais generoso e simples em suas necessidades do que muitos homens com quem ela já convivera.

— A culpa é inteiramente minha — disse Marguerite sob os longos cílios escuros. — Eu o tenho guardado só para mim.

O proprietário riu, depois estalou os dedos. Enquanto o atendente da chapelaria recolhia a estola de Marguerite e a bengala de Georges, os homens trocaram gentilezas, falando do tempo e da situação atual na Argélia.

Havia boatos de um protesto antiprussiano. Marguerite deixou seus pensamentos vagarem. Contemplou a famosa mesa que exibia as frutas mais requintadas. Era tarde demais para os morangos, é claro, e, de qualquer modo, Georges preferia recolher-se cedo, donde era improvável que quisesse ficar para a sobremesa.

Marguerite abafou habilmente um suspiro, enquanto os homens encerravam a conversa. Embora todas as mesas ao redor estivessem ocupadas, havia uma sensação de paz e discreto conforto. Seu filho descartaria o lugar como maçante e antiquado, mas ela, que muitas vezes ficara do lado de fora desses estabelecimentos, olhando pa-

ra dentro, achou-o encantador, assim como uma indicação do grau de segurança que havia encontrado na proteção de Du Pont.

Terminada a conversa, o proprietário levantou a mão. O *maître* aproximou-se e os conduziu pelo salão à luz de velas até uma mesa elevada num nicho reservado, fora do alcance dos olhares dos outros fregueses e bem longe das portas de vaivém da cozinha. Marguerite notou que o homem transpirava, com um brilho no lábio superior sob o bigode bem aparado, e se perguntou o que seria que Georges realmente fazia na embaixada e que tornava tão importante a sua opinião favorável.

— Monsieur, madame, um aperitivo, para come-

çar? — perguntou o sommelier.

Georges olhou para Marguerite:

— Champanhe?

— Sim, seria absolutamente esplêndido.

— Uma garrafa de Cristal — disse ele, reclinando-se na cadeira, como que para poupar Marguerite do conhecimento vulgar de que acabara de pedir a melhor bebida da casa.

Assim que o *maître* se afastou, Marguerite aproximou os pés dos de Du Pont, até tocá-los embaixo da mesa, e de novo teve o prazer de vê-lo sobressaltar-se e se remexer na cadeira.

— Marguerite, francamente — disse o general, mas sem convicção em seu protesto.

Ela tirou o pé da sapatilha e o pousou de leve no dele. Através da meia finíssima, apalpou a bainha das cal-

ças do general.

— Eles têm a melhor adega de vinhos tintos de Paris — comentou Georges, com a voz rouca, como se pre-

cisasse pigarrear. — Borgonhas, bordeleses, todos dispostos na precedência adequada, primeiro os dos grandes vinhedos, depois os demais, em sua ordem correta, até o mais simples vinho burguês.

Marguerite não gostava de vinho tinto, que lhe dava dores de cabeça terríveis, e preferia o champanhe, mas se resignava a beber o que quer que Georges pusesse à sua frente.

— Você é muito inteligente, Georges — disse, e, depois de uma pausa, olhou ao redor. — E conseguir uma mesa para nós! Está muito cheio para uma noite de quarta-feira.

— Uma simples questão de saber com quem falar

— retrucou o general, embora ela percebesse que ele ficara satisfeito com o elogio. - Você nunca jantou aqui?

Marguerite abanou a cabeça. Meticuloso, detalhista e pedante, Georges colhia informações e gostava de exibir seu conhecimento. Ela, é claro, como qualquer outro parisiense, conhecia a história do Voisin, mas estava disposta a fingir que não. Durante os sofridos meses da Comuna, o restaurante havia assistido a algumas das mais violentas altercações entre os *communards* e as forças do governo.

Onde agora havia fiacres e cabriolés, esperando para transportar os clientes de um lado a outro da cidade, tinha havido barricadas, vinte anos antes: estrados de ferro, carrinhos de madeira virados, colchões e caixas de munição.

Ela e o marido — seu maravilhoso e heroico Leo — tinham estado naquelas

barricadas, unidos como parceiros iguais, por um breve e glorioso momento, contra a classe dominante.

— Depois do vergonhoso fracasso de Luís Napoleão na batalha de Sedan — disse Georges, com sua voz ofegante —, os prussianos marcharam sobre Paris.

— Sim — murmurou ela, perguntando a si mesma, e não era a primeira vez, que idade lhe atribuiria o general, para achar que devia lhe dar uma aula de história sobre acontecimentos a que ela assistira em primeira mão.

— Quando o cerco e o bombardeio se intensificaram, é claro que houve uma escassez de víveres. Era a única maneira de dar uma lição naqueles *communards*. Mas isso significou que muitos dos melhores restaurantes não podiam abrir. Não havia comida suficiente, entende? Pardais, cães, gatos, não se via uma criatura nas ruas de Paris que não servisse de caça. Até os animais do zoológico foram abatidos, para que se aproveitasse sua carne.

Marguerite deu um sorriso encorajador:

— Sim, Georges.

— E o que você acha que o Voisin ofereceu no seu cardápio naquela noite?

— Nem imagino — fez ela, de olhos arregalados, com uma inocência perfeitamente calculada. — Aliás, nem me atreveria a imaginar. Cobra, talvez?

— Não — retrucou Georges, com uma risada satisfeita que mais pareceu um latido. — Dê outro palpite.

— Ah, não sei, Georges. Crocodilo?

— Elefante! — disse ele, com ar triunfal. — Um prato preparado com trombas de elefantes. Veja você! Esplêndido, realmente esplêndido. Mostra uma garra maravilhosa, não lhe parece?

— Ah, sim — concordou Marguerite, e também riu, embora sua lembrança do verão de 1871 fosse um pouco diferente. Semanas de fome, na tentativa de lutar e de apoiar o marido rebelado, idealista, passional, e ao mesmo tempo encontrar alimento suficiente para seu querido Anatole. Um tosco pão de centeio e castanhas e bagas roubadas durante a noite dos arbustos do Jardim das Tulherias.

Quando a Comuna fora derrotada, Leo havia fugido e se mantivera na clandestinidade, escondido por amigos, durante quase dois anos. No fim, lambem tinha sido capturado e escapara por pouco do pelotão de fuzi-lamento. Marguerite passara mais de uma semana percorrendo todas as delegacias policiais e tribunais de Paris, até descobrir que ele fora julgado e condenado. Seu nome fora divulgado numa lista colada na parede de um prédio municipal: deportação para a colônia francesa de Nova Caledônia, no Pacífico.

A anistia concedida aos *communards* chegara tarde demais para ele. Leo havia morrido nas galés, na travessia do oceano, sem sequer saber que tivera uma filha.

— Marguerite? — disse Du Pont, com ar irritado.

Percebendo haver ficado em silêncio por tempo demais, ela recompôs o rosto:

— Eu só estava pensando em como deve ter sido extraordinário — apressou-se a comentar —, mas diz muito sobre a habilidade e o engenho do chef do Voisin que ele tenha conseguido preparar um prato desses, não é?

É realmente maravilhoso estar sentada aqui, onde se escreveu a história. — Fez uma pausa e acrescentou: — E

com você.

Georges deu um sorriso complacente.

— No fim, a força de caráter sempre vence. Há sempre um modo de transformar uma situação ruim e ti-

rar proveito dela. Não que isso seja algo de que a geração atual tenha o menor conhecimento.

— Perdoem-me por invadir seu jantar.

Du Pont pôs-se de pé, num gesto cortês, a despeito da irritação que lhe turvou os olhos. Marguerite virou-se e viu um cavalheiro alto e aristocrático, co m uma farta cabeleira negra e a testa larga. Ele a fitou com suas pupilas nítidas e miúdas, negras em olhos de um azul espantoso.

— Monsieur? — fez Georges, em tom ríspido.

O olhar do homem desencadeou uma lembrança na mente de Marguerite, embora ela tivesse certeza de não conhecê-lo. Sendo aproximadamente da sua idade, talvez, ele usava o uniforme noturno costumeiro, formado por calça e paletó pretos, mas de um corte imaculado, que destacava o físico forte e imponente por baixo da roupa.

Ombros largos, um homem acostumado a conseguir o que queria. Marguerite olhou de relance para o anel de ouro com sinete em sua mão esquerda, à procura de pistas sobre sua identidade. O homem segurava uma cartola de seda, junto com as luvas brancas e um cachecol branco de caxemira, o que sugeria que havia acabado de chegar, ou estava prestes a sair.

Ela se sentiu enrubescer sob aquele olhar que parecia despi-la e experimentou uma sensação de calor na pele.

Gotas de transpiração formaram-se entre seus seios e sob a teia de renda apertada do espartilho.

— Perdoe-me — disse ela, lançando um olhar ansioso a Du Pont —, mas eu o ...?

— Senhor — interrompeu o homem, acenando pa-

ra Du Pont como desculpas. — Permite-me?

Abrandado, o general fez um leve aceno com a cabeça.

— Sou um conhecido do seu filho, madame Vernier — disse, tirando um cartão de visita de uma caderneta no colete. — Victor Constant, conde de Tourmaline.

Marguerite hesitou, depois pegou o cartão.

— Sei que é uma enorme descortesia interrompê-los, mas estou ansioso por entrar em contato com o Vernier sobre um assunto de certa importância. Estive no interior, acabei de chegar à cidade esta noite, e tinha a esperança de encontrar seu filho em casa. Mas... — e encolheu os ombros.

Marguerite havia conhecido muitos homens. Sempre soubera a melhor maneira de se portar, de falar, lisonjear e encantar após um minuto de conhecimento. Mas esse homem? Não conseguia decifrá-lo.

Olhou para o cartão em sua mão. Anatole não lhe confidenciava muitas coisas sobre seu trabalho, mas Marguerite tinha certeza de nunca tê-lo ouvido mencionar um nome tão ilustre, fosse como amigo, fosse como cliente.

— A senhora sabe onde posso encontrá-lo, madame Vernier?

Ela sentiu um frêmito de atração, depois medo.

Ambos foram agradáveis. Ambos a assustaram. Os olhos do homem se espremeram, como se ele pudesse ler seus pensamentos, e a cabeça moveu-se de leve.

— Receio que não, monsieur — respondeu, esfor-

çando-se para manter a voz firme. — Talvez o senhor queira deixar seu cartão no escritório dele...

Constant inclinou a cabeça.

— Eu o farei, com certeza. E ele fica...?

— Na rue Montorgueil. Não me recordo do núme-

ro exato. Constant continuou a olhá-la fixo.

— Muito bem — disse, por fim. — Mais uma vez, minhas desculpas por me haver intrometido. Se puder ter a gentileza de dizer a seu filho que estou à procura dele, madame Vernier, eu lhe ficarei muito grato.

Sem aviso prévio, estendeu o braço, tirou a mão dela de onde estava pousada no colo e a levou aos lábios.

Marguerite sentiu o hálito do conde e o roçar de seu bigode através da luva, e se sentiu traída pelo modo como seu corpo reagiu àquele contato, em franca oposição a seus desejos.

— *À bientôt*, madame Vernier. *Mon Général.*

Depois disso, fez uma meia mesura formal e se retirou. O garçom aproximou-se para reencher as taças. Du Pont explodiu:

— O maior de todos os canalhas insolentes e impertinentes! — rugiu, recostando-se na cadeira. Que vergonha! Quem esse patife pensa que é, para insultá-la dessa maneira?

— Insultar? Ele me insultou, Georges?

— O sujeito não conseguia desgrudar os olhos de você.

— Realmente, Georges, não reparei. Ele não me in-teressou — disse, querendo evitar uma cena. — Por favor, não se preocupe por mim.

— Você conhece aquele sujeito? — perguntou o general, subitamente desconfiado.

— Eu já lhe disse que não — respondeu ela, calmamente.

— O sujeito sabia o meu nome — insistiu Georges.

— Talvez ele o tenha reconhecido dos jornais, Georges. Você subestima o número de pessoas que o conhecem. Esquece-se de quanto é uma figura conhecida.

Marguerite o viu relaxar a guarda, ante essa lisonja cuidadosa. Com a intenção de pôr fim ao assunto, pegou o cartão refinado de Constant por um canto e o segurou acima da chama da vela no centro da mesa. Ele demorou um instante para pegar fogo, mas depois se inflamou com um brilho furioso.

— Em nome de Deus, o que está fazendo?

Marguerite levantou os cílios longos, depois tornou a baixar os olhos para a chama e a observou até ela gotejar e se extinguir.

— Pronto — disse, soltando as cinzas da ponta da luva no cinzeiro.— Esquecido. E, se o conde for alguém com quem meu filho pretenda negociar, o lugar certo para esses assuntos é o escritório dele, entre as dez da manhã e as cinco da tarde.

Georges balançou a cabeça, em sinal de aprovação.

Com alívio, Marguerite viu a suspeita desmanchar-se em seus olhos.

— Você realmente não sabe onde está aquele seu rapaz?

— É claro que sei — fez ela, sorrindo como se lhe revelasse um segredo jocoso —, mas é sempre bom usar de circunspecção. Não gosto de mulheres tagarelas.

Georges tornou a balançar a cabeça. Convinha a Marguerite que o general a visse como discreta e digna de confiança.

— Muito acertado, muito acertado.

— Aliás, o Anatole levou Léonie à ópera. À estreia da obra mais recente de Wagner.

— Maldita propaganda prussiana — resmungou Georges. — Não deviam permiti-la.

— E creio que depois ele pretendia levá-la para jantar.

— Num daqueles lugares boêmios pavorosos, como Le Café de la Place Blanche, imagino. Entupidos até a borda de artistas e sabe se lá o que mais comentou o general, tamborilando na mesa. — Como é o nome daquele nutro lugar no Boulevard Rochechouart? Deveria ser fechado.

— Le Chat Noir — disse Marguerite.

— Uns vadios, todo o bando deles — declarou Georges, animando-se com o novo tema. — Salpicam pontos num pedaço de tela e chamam aquilo de pintura.

Que espécie de ocupação é essa para um homem? E aquele sujeito completamente insolente, o Debussy, que mora no seu prédio? Gente dessa laia. Deviam ser chicoteados, todos eles.

— O Achille é compositor, querido — repreendeu Marguerite, em tom brando.

— São todos uns parasitas. Sempre de cara amarrada. Batendo naquele piano dia e noite. Admira-me que o pai não lhe dê uma coça com a bengala. Talvez lhe desse um pouco de juízo.

Marguerite escondeu o sorriso. Como Achille era contemporâneo de Anatole, ela achava um pouco tarde para essas medidas disciplinares. De qualquer modo,

madame Debussy fora liberal demais com os filhos quando pequenos, o que claramente não lhes fizera nenhum bem.

— Esse champanhe está realmente uma delícia, Georges — comentou, mudando de assunto. Estendeu o braço na mesa e segurou os dedos dele, depois lhe virou a mão e cravou as unhas na carne macia da palma. — Você é extremamente gentil — disse, e observou o frêmito de dor transformar-se em prazer nos olhos do general. — E

então, Georges, quer fazer o pedido para mim? Faz tanto tempo que nos sentamos aqui, que descobri que estou com um apetite enorme.



CAPÍTULO 5

Léonie e Anatole foram conduzidos a uma saleta privada no primeiro andar do Bar Romain, de frente para a rua. Ela devolveu o paletó ao irmão e foi lavar as mãos e o rosto e ajeitar o cabelo no pequeno toalete anexo. O

vestido, embora devesse necessitar das atenções de sua criada, ela o prendeu na bainha com um alfinete, e a peça ficou quase respeitável.

Contemplou seu reflexo no espelho, inclinando-se para perto. A pele brilhava, por causa da correria noturna pelas ruas de Paris, e os olhos de esmeralda reluziam, cintilando à luz das velas. Agora que o perigo havia passado, Léonie pintava mentalmente a cena em cores vivas e ousadas, como uma história. Já havia esquecido o ódio nos rostos dos homens e o pavor que sentira.

Anatole pediu duas taças de Madeira, seguidas por um vinho tinto, para acompanhar um jantar simples de costeletas de carneiro e purê de batata cremoso.

— Depois comeremos um suflê de pera, se você ainda estiver com fome disse ele, dispensando, o garçom.

Enquanto jantavam, Léonie relatou o que havia acontecido até o momento em que Anatole a encontrara.

— Eles são um grupo curioso, esses *abonnés* — disse o rapaz. — Km solo francês, só se deve executar música francesa, é esse o objetivo. Nos idos DE 1860, eles ape-drejaram o *Tannhäuser* até tirá-lo do palco — acrescentou, encolhendo os ombros. — Há uma crença geral em que não dão a mínima para a música.

— Então, por quê?

— Chauvinismo, puro e simples.

Anatole afastou a cadeira da mesa, esticou as pernas compridas e magras e tirou a cigarreira do bolso do colete.

— Não acredito que Paris volte a dar boas-vindas a Wagner algum dia. Não depois disso.

Léonie refletiu por um instante.

— Por que o Achille lhe deu de presente os convites para a ópera? Não é um admirador fervoroso de monsieur Wagner?

— Era, porém não é mais — disse Anatole, batendo o cigarro na tampa de prata para compactar o fumo.

Inclinou-se para o bolso do paletó, tirou uma caixa de Vestas de cera e riscou um dos fósforos. — “Um belo pôr do sol, confundido com um maravilhoso amanhecer”: foi esse o último pronunciamento de Achille sobre Wagner

— acrescentou. Deu uma pancadinha na cabeça, com um meio sorriso zombeteiro. — Perdão, *Claude-Achille,* como devemos dirigir-nos a ele agora.

Debussy, um pianista e compositor brilhante, embora volátil, morava com os irmãos e os pais no mesmo prédio de apartamentos dos Vernier, na rue de Berlin. Era, ao mesmo tempo, o *enfant terrible* do Conservatório e, com relutância, sua maior esperança. Em seu pequeno círculo de amizades, porém, a complexa vida amorosa de Debussy despertava mais notoriedade do que sua fama profissional crescente. A dama preferida nessa ocasião era Gabrielle Dupont, de 24 anos.

— Dessa vez é sério — confidenciou Anatole. —

A Gaby entende que a música vem em primeiro lugar para ele e, é claro, isso o atrai muito. Ela tolera seu jeito de de-

saparecer todas as terças-feiras nos salões de maître Mallarmé. Isso o reanima, diante da chuva contínua de reclamações da Academia, que simplesmente não compreende sua genialidade. São todos muito velhos, muito estúpidos.

Léonie levantou as sobrancelhas:

— A meu ver, é o Achille que atrai para si a maioria dos seus infortúnios. Ele se desentende muito depressa com as pessoas que poderiam apoiá-lo. Tem a língua afiada demais, ofende com muita facilidade. Na verdade, faz o impossível para ser mal-humorado, grosseiro e difícil.

Anatole fumou, sem discordar.

— E, amizade à parte — continuou Léonie, mexendo uma terceira colherada de açúcar no café —, confesso ter certa simpatia pelos críticos dele. Para mim, suas composições são meio vagas e desestruturadas e... bem, inquietantes. Cheias de meandros. Não raro, tenho a sensação de estar esperando que a melodia se revele. Como se a escutasse embaixo d’água.

Anatole sorriu.

— Ah, mas o propósito é exatamente esse. Diz o Debussy que devemos acabar com a ideia de tom. Ele está procurando iluminar com sua música as ligações entre o mundo material e o espiritual, entre o visível e o invisível, e uma coisa dessas não pode ser apresentada das maneiras tradicionais. Léonie fez uma careta:

— Isso me soa como uma daquelas coisas inteligentes que as pessoas dizem e que não significam absolutamente nada!

Anatole ignorou a interrupção:

— Ele acha que a evocação, a sugestão e a nuance são mais poderosas, mais verdadeiras e mais esclarecedo-ras do que a afirmação e a descrição. Que o valor e a força das lembranças distantes ultrapassam o do pensamento consciente e explícito.

Léonie sorriu. Admirava a lealdade do irmão ao amigo, mas sabia que ele estava repetindo na íntegra o que ouvira antes da boca de Achille. Apesar de toda a defesa apaixonada que Anatole fazia da obra do amigo, ela sabia muito bem que as preferências do irmão estavam mais com Offenbach e a orquestra do Folies Bergère do que com alguma coisa que Debussy, Dukas ou qualquer amigo deles do Conservatório pudessem produzir.

— Já que estamos trocando confidências — acrescentou ele —, admito que voltei à rue de la Chaussée d'Antin, na semana passada, para comprar um exemplar dos *Cinq Poèmes* do Achille.

Os olhos de Léonie faiscaram de raiva:

— Anatole, você deu sua palavra à *maman.* Ele encolheu os ombros:

— Eu sei, mas não pude resistir. O preço era muito razoável, e com certeza será um bom investimento, considerando-se que o Bailly só imprimiu 150 cópias.

— Devemos ter mais cuidado com o nosso dinheiro. A mamãe confia em que você seja prudente. Não podemos arcar com mais nenhuma dívida afirmou, acrescentando, depois de uma pausa: — Aliás, quanto estamos de-vendo?

Seus olhares se cruzaram.

— Francamente, Léonie, nossas finanças domésticas não são algo com que você deva se preocupar.

— Mas...

— Mas coisa nenhuma — disse ele, em tom firme.

Aborrecida, Léonie virou-lhe as costas.

— Você me trata feito criança! Anatole riu.

— Quando você se casar, pode levar seu marido à loucura com indagações sobre seu orçamento doméstico, porém, até lá... Mas eu lhe dou minha palavra que, de agora em diante, não gastarei um vintém sem a sua permissão.

— Agora você está fazendo troça de mim.

— Na verdade, nem mesmo um *cêntimo* — provocou.

Léonie sustentou o olhar furioso por mais um instante, depois cedeu:

— Vou cobrar isso de você, preste atenção — e deu um suspiro. Anatole desenhou uma cruz no peito com o dedo:

— Palavra de honra.

Por um momento, apenas sorriram um para o outro, e então o olhar de troça desapareceu do rosto do rapaz. Ele estendeu o braço e cobriu a mãozinha alva da irmã com a sua sobre a mesa.

— Falando sério por um instante, *petite,* será difícil eu me perdoar pelo fato de minha impontualidade tê-la deixado sozinha para enfrentar aquela provação de hoje.

Você me perdoa?

Léonie sorriu:

— Já está esquecido.

— A sua generosidade é mais do que eu mereço. E

você se portou com muita coragem. A maioria das moças teria perdido a cabeça. Estou orgulhoso de você — declarou. Recostou-se na cadeira, acendeu outro cigarro e prosseguiu: — Mas talvez você descubra que essa noite ficará voltando à sua memória. O choque tem o hábito de se apoderar de nós depois dos acontecimentos.

— Não sou tão tímida assim — retrucou Léonie, com voz firme. Sentia-se inteiramente viva: mais alta, mais ousada, mais exatamente ela mesma. Não aflita, em nenhum sentido.

O relógio sobre o console da lareira soou a hora.

— Mas, ao mesmo tempo, Anatole, nunca o vi perder a cortina até hoje.

Ele bebeu um gole de conhaque.

— Há sempre uma primeira vez. Léonie espremeu os olhos:

— O que o reteve? Por que você se atrasou?

Anatole devolveu lentamente o copo bojudo à mesa, depois puxou as pontas enceradas do bigode.

Um sinal certeiro de que não está sendo inteiramente sincero.

Os olhos de Léonie se estreitaram:

— Anatole?

— Eu tinha um compromisso com um cliente de fora da cidade. Era para ele chegar às seis, mas chegou bem mais tarde e demorou mais do que eu tinha previsto.

— E, mesmo assim, você tinha levado o seu traje de gala, ou voltou em casa antes de se encontrar comigo no Palais Garnier?

— Eu havia tomado a precaução de levar o traje a rigor para o escritório.

Então, com um movimento rápido, levantou-se, cruzou a sala e puxou a corda da campainha, interrompendo a conversa. Antes que Léonie pudesse fazer-lhe outras perguntas, apareceram os garçons para tirar a mesa, tornando impossível qualquer diálogo adicional.

— Hora de levá-la para casa — anunciou Anatole, segurando-a pelo cotovelo e ajudando-a a se levantar. —

Pagarei a conta depois que a tiver posto numa sege.

Momentos depois, os dois estavam parados na cal-

çada.

— Você não vai voltar comigo?

Anatole ajudou-a a subir no fiacre e fechou a trava da porta.

— Acho que passarei no Chez Frascati. Talvez jo-gue umas duas partidas de

cartas.

Léonie sentiu um sobressalto de pânico.

— O que direi à mamãe?

— Ela já se terá recolhido.

— E se não tiver? — objetou Léonie, tentando adiar o momento da partida.

Anatole beijou-lhe a mão.

— Nesse caso, diga-lhe para não me esperar acordada.

Ele ergueu o braço e pôs uma nota na mão do cocheiro, dizendo-lhe “Rue de Berlin”. Depois, deu um passo atrás a bateu na lateral do fiacre.

— Durma bem, *petite*. Eu a vejo no café da manhã.

O chicote estalou. Os lampiões bateram nas laterais do fiacre quando os cavalos partiram, num tilintar de arreios e ferraduras sobre as pedras do calçamento. Léonie abaixou o vidro e pôs o rosto fora da janela. Anatole estava parado numa poça de luz amarelada e turva sob o sibi-lante lampião a gás, com uma coluna fina de fumaça branca subindo do cigarro.

Por que ele não quis me dizer o motivo do atraso?

Léonie continuou a olhar, relutando em perdê-lo de vista, enquanto o fiacre chacoalhava pela rue Caumartin, passando pelo Hotel Saint-Petersbourg e pela antiga escola de Anatole, o Lycée Fontanes, a caminho do cruzamento com a rue Saint-Lazare.

A última imagem vislumbrada por ela, antes que o fiacre dobrasse a esquina, foi a do irmão atirando a ponta acesa do cigarro na sarjeta. Depois, ele virou de costas e tornou a entrar no Bar Romain.



CAPÍTULO 6

O prédio da rue de Berlin estava em silêncio. Léonie usou sua chave para entrar no apartamento. Uma lamparina a óleo fora deixada acesa para lhe iluminar o caminho. Ela largou a chave na tigela de porcelana ao lado da salva de prata em que era posta a correspondência, nesse momento esvaziada de cartas ou cartões de visita. Afastando a estola da mãe da almofada, afundou numa cadeira do vestíbulo. Tirou as sapatilhas manchadas e as meias de seda, massageando os dedos doloridos e pensando nas evasivas de Anatole. Se não havia nada vergonhoso em seus atos, por que ele não quisera lhe contar o motivo de seu atraso na ópera?

Deu uma espiada no corredor e viu que a porta do quarto da mãe estava fechada. Fugindo à regra, ficou de-sapontada. Muitas vezes, achava frustrante a companhia de Marguerite, com seus temas limitados e previsíveis de conversa. Nessa noite, porém, ficaria grata por um pouco de companhia nas altas horas.

Pegou a lamparina e entrou na sala. Amplo e generoso, o cômodo ocupava toda a frente da casa e dava para a própria rue de Berlin. As três janelas estavam fechadas, mas as cortinas de chintz amarelo, que pendiam do teto ao chão, haviam permanecido abertas.

Ela pôs a lamparina na mesa e olhou para a rua deserta. Percebeu sentir-se gelada até os ossos. Pensou em Anatole, em algum lugar da cidade, e torceu para que estivesse em segurança.

Por fim, as reflexões sobre o que poderia ter acontecido começaram a se insinuar em sua mente. O bom humor que a havia sustentado durante toda a longa noite dissipou-se, deixando-a assustada e temerosa, foi como se todos os seUS membros, todos os músculos, todos os sentidos fossem tomados pela lembrança do que ela havia testemunhado.

Sangue e ossos quebrados e ódio.

Fechou os olhos, mas os incidentes isolados continuaram a inundá-la, nítidos, como que captados pelo clique do obturador de uma câmera fotográfica. O cheiro fétido das bombas caseiras, feitas de excrementos e comida podre, ao estourarem. Os olhos petrificados do homem quando a faca cravou-se em seu peito, naquele momento paralisante entre a vida e a morte.

Havia um xale verde de lã pendurado no espaldar da *chaise longue.* Léonie enrolou-o nos ombros, apagou a lamparina a gás e se encolheu em sua poltrona

favorita, sobre as pernas dobradas.

Súbito, do andar de baixo, o som de música come-

çou a se infiltrar pelas tábuas do piso. Léonie sorriu. Achille ao piano outra vez. Olhou para o relógio da lareira.

Mais de meia-noite.

Acolheu de bom grado o conhecimento de que não era a única pessoa acordada na rue de Berlin, pois havia algo de consolador na presença de Achille. E se afundou mais nas curvas da poltrona, ao reconhecer a peça. *La Damoiselle Élue*, que Anatole sempre dizia que Debussy havia composto pensando nela. Léonie sabia que não era verdade. Achille lhe contara que o libreto era a versão em prosa de um poema de Rossetti, o qual, por sua vez, tinha-se inspirado no poema *O Corvo,* de monsieur Poe. Mas, verdade ou não, ela guardava no peito aquela peça, cujos acordes etéreos combinavam à perfeição com seu estado de humor noturno.

Sem aviso prévio, outra lembrança a invadiu. A manhã do funeral. Naquele dia, como agora, Achille martelando o piano sem parar, as notas pretas e brancas infiltrando-se pelo piso, até Léonie achar que enlouqueceria com o piano do amigo: A palma solitária, deixada flutuando na tigela de cristal. O aroma doentio do ritual e da morte, insinuando-se por todos os cantos do apartamento, a queima do incenso e das velas para mascarar o cheiro adocicado e enjoativo do cadáver no caixão fechado. *Você está confundindo o que passou com o que existe agora.* Depois, na maioria das manhãs, Anatole havia desaparecido do apartamento antes que a luz restituísse ao mundo suas formas.

Quase todas as noites, voltava para casa muito depois de todos se haverem recolhido. Uma vez, passara uma semana ausente, sem explicação. Quando Léonie tinha enfim reunido coragem para lhe perguntar onde estivera, ele lhe dissera apenas para não se preocupar. Ela havia imaginado que o irmão passava as noites nas mesas de rouge et noir.

Soubera também, pelos mexericos dos criados, que ele vinha sendo objeto de denúncias vociferantes e anônimas em colunas de jornais. O tributo físico que isso lhe cobra-ra tinha sido óbvio. Anatole havia ficado com o rosto encovado e a pele transparente. Os olhos castanhos tinham-se embotado, permanentemente injetados, e os lábios haviam ficado ressequidos e rachados. Léonie faria

qualquer coisa para evitar que essa deterioração se repetisse.

Só quando as folhas já começavam a ressurgir nas árvores do Boulevard Malesherbes, e quando as alamedas do Parque Monceau tinham voltado a se encher de brotos cor-de-rosa, brancos e lilases, é que os ataques à honra de Anatole haviam cessado, subitamente. A partir de então, seu estado de humor tinha melhorado e ele havia recobra-do a saúde. O irmão mais velho que Léonie conhecia e amava lhe fora devolvido. E desde então não houvera mais desaparecimentos nem esquivas nem meias verdades.

Até esta noite.

Léonie percebeu que estava com o rosto molhado.

Enxugou as lágrimas com os dedos frios e apertou o xale em volta do corpo.

Estamos em setembro, não em março. Mas continuou com um aperto no peito. Sabia que o irmão havia mentido. E, assim, manteve sua vigília à janela, deixando a música de Achille lá embaixo embalá-la num cochilo superficial, enquanto atentava o tempo todo para o som da chave de Anatole na porta.



CAPÍTULO 7

QUINTA-FEIRA, 17 DE SETEMBRO

Deixando a moça adormecida, Anatole saiu pé ante pé do quartinho alugado. Tomando o cuidado de não perturbar os outros hóspedes da pensão, desceu devagar, apenas de meias, os degraus estreitos e poeirentos da escada de madeira. Havia um bico de gás queimando em cada patamar, e ele desceu um lanço, depois outro e mais outro, até chegar ao corredor que dava para a rua.

Ainda não havia propriamente amanhecido, mas Paris já despertava. Ao longe, Anatole ouviu o som dos veículos de entrega. Carroças de madeira correndo sobre as pedras, entregando leite e pão fresco nos cafés e bares do Faubourg Montmartre.

Parou para calçar os sapatos e saiu andando. A rue Feydeau estava deserta e não

havia som algum, exceto o bater de seus saltos na calçada. Absorto em seus pensamentos, andou depressa até o cruzamento da rue Saint-Marc, com a intenção de cortar caminho pela galeria coberta conhecida como Passagem dos Panoramas. Não viu ninguém, não ouviu ninguém.

As ideias fervilhavam em sua cabeça. Será que o plano funcionaria? Ele conseguiria sair de Paris sem ser notado e sem levantar suspeitas? Apesar de toda a conversa das últimas horas, cheia de brigas, tinha algumas dúvidas. Sabia que sua conduta, nas próximas horas ou dias, determinaria o sucesso ou o fracasso dos dois. Léonie já andava desconfiada, e, como seu apoio seria crucial para o sucesso da empreitada, Anatole maldisse a sequência de acontecimentos que havia retardado sua chegada ao teatro lírico e, em seguida, o azar extraordinário que havia decre-tado que os *abonnés* escolhessem justamente aquela noite para montar seu protesto mais sangrento e violento até então.

Respirou fundo, sentindo o ar fresco de setembro infiltrar-se em seus pulmões, mesclado com os vapores, a fumaça e a fuligem da cidade. A culpa que ele sentira por ter falhado com Léonie tinha sido esquecida nos benditos momentos em que tivera a amada em seus braços. Mas nesse momento voltou, como uma pontada no peito.

Anatole resolveu que recompensaria a irmã.

A mão do tempo estava em suas costas, empurrando-o para casa. Ele andou mais depressa, imerso em pensamentos, no prazer pela noite recém-vivida, na lembrança da amada gravada na mente e no corpo, na fragrância da pele dela em seus dedos, na recordação da textura de seu cabelo. Sentia-se cansado do sigilo e dos encobrimentos incessantes. Assim que eles saíssem de Paris, não mais haveria necessidade de tramas, de inventar idas imaginárias a mesas de *rouge et noir,* antros de ópio ou casas de má fama, para encobrir seu verdadeiro paradeiro.

O fato de ter sido atacado nos jornais, impossibili-tado de defender sua reputação, era uma situação que não lhe caía bem. Ele suspeitava da mão de Constant nisso. O

denigrescimento de seu nome afetava a situação de sua mãe e sua irmã. Só lhe restava esperar que, quando o assunto viesse claramente à tona, houvesse tempo suficiente para reparar os danos causados.

Ao dobrar a esquina, uma rajada perversa de vento outonal soprou às suas

costas. Anatole apertou mais o paletó em torno do corpo e lamentou a falta de um cachecol. Atravessou a rue Saint-Marc, ainda perdido em pensamentos — refletindo sobre os dias, as semanas que viriam, e não sobre o presente, em que caminhava.

A princípio, não ouviu o som dos passos que vinham de trás. Dois pares de pés, andando ligeiro, chegando mais perto. Sua mente se aguçou. Ele baixou os olhos para o traje a rigor e se deu conta de que parecia um alvo fácil. Desarmado, desacompanhado e, possivelmente, levando nos bolsos o produto de uma noite de jogo.

Andou mais depressa. Os outros passos também se aceleraram.

Agora certo de que era um alvo, enveredou pela Passagem dos Panoramas, achando que, se conseguisse cortar caminho até o Boulevard Montmartre, onde os cafés estariam abrindo as portas e era provável que houvesse algum trânsito matinal — entregadores de leite, carroças

—, estaria a salvo.

Os poucos lampiões a gás remanescentes queima-vam uma luz azul e fria, quando ele passou pela fileira estreita de lojas com fachadas de vidro que vendiam selos e quinquilharias votivas, pela marcenaria que exibia um armário antigo com a douração dilapidada, e pelos vários antiquários e vendedores de *objets d’art.*

Os homens o seguiram.

Anatole sentiu uma ponta de medo. Pôs a mão no bolso, à procura de algo com que se defender, mas não encontrou nada que pudesse servir de arma.

Apertou o passo, resistindo ao impulso de começar a correr. Era melhor manter a cabeça erguida. Fingir que estava tudo bem. Confiar que chegaria ao outro lado, onde haveria testemunhas, antes que eles tivessem a chance de atacar.

Mas, nesse momento, às suas costas, veio o som de alguém correndo. Um lampejo de movimento refletiu-se na vitrine do entalhador Stern, uma refração da luz, e Anatole girou o corpo a tempo de evitar o punho que descia sobre sua cabeça. Recebeu o golpe acima do olho esquerdo, mas desviou a pior parte e conseguiu desferir um soco. O agressor usava uma boina de lã achatada e um

lenço preto que lhe escondia quase todo o rosto. O homem soltou um grunhido, mas, no mesmo instante, Anatole sentiu alguém prender-lhe os braços por trás, o que o deixou vulnerável. O primeiro murro, desferido contra o estômago, deixou-o sem fôlego, e então um punho o atingiu no rosto, à esquerda e à direita, como um boxeador no rin-gue, numa saraivada de golpes que fez sua cabeça estalar de um lado para outro, enquanto a dor ricocheteava pelo corpo.

Ele sentiu o sangue escorrendo da pálpebra, mas conseguiu contorcer-se o bastante para amortecer a pior parte dos golpes. O homem que o segurava também estava usando um cachecol em volta do rosto, mas tinha a cabeça descoberta e o couro cabeludo coalhado de bolhas vermelhas e inflamadas. Anatole levantou o joelho e jogou o pé para trás, acertando-lhe a canela com força. Por um instante, a força que o continha afrouxou-se, apenas o bastante para que ele agarrasse a gola aberta da camisa do homem e, segurando firme, jogasse o cambaleando contra as colunas da porta, com suas arestas pontudas.

Lançou-se então para a frente, usando o peso do corpo para tentar passar, mas o primeiro homem acertou-

lhe um jabe veloz na lateral da cabeça. Anatole meio que tombou de joelhos, desferindo um murro ao cair e acertando o homem com força nas costelas, mas sem causar maiores danos.

Sentiu os punhos unidos do sujeito arriarem sobre sua nuca. A força do golpe o fez cambalear para a frente, depois tropeçar e arriar no chão. Um chute violento das botas de ponteira de aço, pegando suas pernas por trás, o fez esparramar-se no chão. Ele cobriu a cabeça com as mãos e juntou os joelhos no queixo, na vã tentativa de se proteger da pior parte do ataque. Ao sentir um golpe atrás do outro nas costelas, nos rins, nos braços, pela primeira vez se deu conta de que talvez o espancamento não parasse.

— Ei!

No fim da galeria, na penumbra, ele julgou ver uma luz.

— Ei! Vocês aí! Que está havendo?

Por um instante, o tempo parou. Anatole sentiu o bafo quente de um dos agressores sussurrando em seu ouvido.

— *Une leçon.*

Depois veio a sensação de mãos apalpando-lhe o corpo maltratado, dedos enfiando-se no bolso do colete, um puxão forte, e o cebolão de seu pai sendo arrancado da presilha.

Finalmente ele recobrou a voz.

— Aqui! Aqui!

Com um último pontapé nas costelas, que fez seu corpo dobrar-se de dor feito um canivete, os dois agressores se foram, correndo em direção oposta à luz inconstante do lampião do vigia noturno.

— Aqui! — Anatole tornou a chamar.

Ouviu os passos arrastados se aproximarem, depois o retinir de vidro e metal no chão, quando o velho vigia se abaixou para examiná-lo.

— *Monsieur, qu'est-ce qui s'est passe ici?*

Anatole soergueu-se até ficar sentado, deixando o velho ajudá-lo.

— Eu estou bem — disse, procurando recobrar o fôlego. Levou a mão aos olhos e a retirou com os dedos ensanguentados.

— O senhor levou uma surra e tanto.

— Não foi nada — insistiu. — É só um corte.

— Monsieur, eles o roubaram?

Anatole não respondeu de imediato. Respirou fundo, depois estendeu a mão para que o vigia o ajudasse a ficar de pé. A dor desceu-lhe pelas costas e pelas pernas.

Ele levou um momento para se equilibrar, depois endireitou o corpo. Examinou as mãos, virando-as de um lado para outro. Os nós dos dedos estavam ralados e sangran-do, e as palmas, vermelhas com o sangue do corte acima do olho. Sentiu um corte profundo no tornozelo, onde a pele dilacerada roçava no tecido das calças.

Demorou mais um instante para se recompor, depois ajeitou a roupa.

— Levaram muita coisa, senhor?

Ele apalpou o corpo e ficou surpreso ao constatar que a carteira e a cigarreira ainda estavam lá.

— Acho que só levaram meu relógio — respondeu.

Suas palavras pareceram vir de muito longe, enquanto a realidade se infiltrava em sua mente e criava raízes. Não tinha sido um assalto qualquer. Na verdade, não fora assalto algum, mas uma lição, como dissera o homem.

Afastando a ideia da cabeça, ele pegou uma nota e a enfiou entre os dedos do velho, manchados de tabaco.

— Em sinal de gratidão pela sua ajuda, meu amigo.

O vigia baixou os olhos e um sorriso iluminou seu rosto.

— É muito generoso, monsieur.

— Mas não é preciso mencionar isto a ninguém, certo, meu velho? E agora, será que consegue me arranjar um fiacre?

O velhote levou a mão ao chapéu:

— Como quiser, senhor.



CAPÍTULO 8

Léonie acordou num sobressalto, completamente desorientada. Por um momento, não conseguiu recordar por que estava embrulhada num xale de lã na sala, enroscada numa poltrona. Depois, baixou os olhos para o vestido de gala rasgado e se lembrou. O tumulto no Palais Garnier. O jantar tardio com Anatole. Achille tocando acalantos noite adentro. Olhou para o relógio Sèvres no console da lareira. Cinco e quinze.

Gelada até os ossos e meio nauseada, foi até o vestíbulo e andou pelo corredor, notando que agora a porta de Anatole também estava fechada. Foi uma observação reconfortante.

Seu quarto era o da ponta. Agradável e arejado, era o menor dos quartos particulares, mas lindamente mobiliado em azul e rosa. Uma cama, um armário, uma cômoda, um lavatório com uma bacia e uma jarra de porcelana azul, uma penteadeira e uma banqueta de pés em garra, com uma almofada de tapeçaria.

Léonie tirou o vestido de noite esfrangalhado, deixando-o cair no chão, e desamarrou as anáguas. A bainha de renda do vestido estava cinzenta, imunda e rasgada em vários pontos. A criada teria uma trabalheira para consertá-la. Com dedos desajeitados, desatou o espartilho e soltou os colchetes, até conseguir contorcer-se e tirá-lo, jogando-o na banqueta. Borrifou no rosto um pouco da água da véspera, agora gelada, vestiu a camisola e se enfiou na cama.

Foi acordada algumas horas depois pelo barulho das criadas.

Percebendo que estava faminta, levantou-se depressa, abriu as cortinas e prendeu as venezianas. A luz do dia trouxera o mundo insignificante de volta à vida. Léonie admirou-se, depois da agitação da noite anterior, ao notar que a Paris vista de sua janela parecia inteiramente inalterada. Enquanto escovava o cabelo, examinou seu reflexo no espelho, em busca de sinais da noitada no rosto. Decepção: não havia nenhum.

Pronta para o café da manhã, vestiu o robe pesado de brocado azul sobre camisola branca de algodão, amarrou-o na cintura com um extravagante laço duplo e saiu pelo corredor.

O aroma do café recém-coado correu-lhe ao encontro quando ela entrou NA sala e estancou. Inusitada-mente, sua mãe e Anatole já estavam sentados à mesa. Na maioria das vezes, Léonie fazia o desjejum sozinha.

Mesmo tão cedo, a toalete de sua mãe era impecável. O cabelo preto de Marguerite estava caprichosamente preso no coque habitual, e ela usava Uma leve camada de pó nas faces e no pescoço. Estava sentada de costas para i janela, mas, à implacável luz da manhã, as linhas finíssimas da idade em torno dos olhos e da boca eram discerníveis.

Léonie notou que ela usava um novo *négligé* — seda corde-rosa com um laço

amarelo — e deu um suspiro. Presumivelmente, mais um presente do pomposo Du Pont.

Quanto mais generoso ele for, mais teremos de aguentá-lo.

Com uma pontada de culpa pelos pensamentos impiedosos, aproximou-se da mesa e beijou a mãe no rosto, com mais entusiasmo que de hábito.

— *Bon matin, maman* — disse e se virou para cumprimentar o irmão.

Seus olhos se arregalaram ao vê-lo: o olho esquerdo fechado pela inchaço, uma das mãos envolta numa atadu-ra branca, e um círculo de hematoma verde e roxo na altura do queixo.

— Anatole, mas o que...

Ele se apressou a interrompê-la:

— Eu estava contando à mamãe como fomos apa-

nhados nos protestos no Palais Garnier ontem à noite —disse, em tom severo, cravando os olhos na irmã. — E

falei do azar que tive por haver recebido alguns golpes.

Léonie o fitou, perplexa.

— Está até na primeira página do *Figaro* — disse Marguerite, batendo no jornal com as unhas imaculadas.

— Quando penso no que podia ter acontecido! Você podia ter morrido, Anatole. Graças a Deus ele estava lá para cuidar de você, Léonie. Diz aqui que houve vários mortos.

— Não se aflija, mamãe. O médico já me examinou. A coisa parece mais feia do que é.

Léonie abriu a boca para falar, mas tornou a fechá-la, ao captar o olhar de advertência do irmão.

— Mais de cem detenções continuou Marguerite.

Vários mortos! E explosões! No Palais Garnier, imaginem só! Paris tornou-se intolerável. É uma cidade sem lei. Eu realmente não aguento.

— Não há nada para você aguentar, mamãe — disse Léonie, impaciente. — Você não estava lá. Eu estou ótima. E o Anatole... — interrompeu-se, fitando-o com um olhar demorado. — O Anatole já lhe disse que está bem. Você está se afligindo à toa.

Marguerite deu um sorriso pálido:

— Você não faz ideia do que sofre uma mãe.

— Nem quero fazer — resmungou Léonie entre dentes, pegando um pedaço de pão de levedura e espalhando nele uma camada generosa de manteiga e geleia de damasco.

Por algum tempo, o café da manhã prosseguiu em silêncio. Léonie continuou a lançar olhares inquisitivos ao irmão, que os ignorou. A empregada entrou com a correspondência numa bandeja.

— Alguma coisa para mim? — perguntou Anatole, apontando com a faca de manteiga.

— Nada, *chéri.* Não.

Marguerite pegou um envelope pesado, de cor creme, com uma expressão intrigada no rosto. Examinou o carimbo do correio. Léonie viu a cor esvair-se das faces da mãe.

— Se vocês me dão licença — disse ela, levantando-se da mesa e saindo da sala, antes que um dos filhos pudesse protestar.

No instante em que ela se retirou, Léonie investiu contra o irmão.

— Que diabo aconteceu com você? — sibilou. —

Conte-me. Antes que a mamãe volte.

Anatole abaixou a xícara de café.

— Lamento dizer que tive um desentendimento com o crupiê do Chez Frascati. Ele estava tentando trapa-cear, eu percebi e cometi o erro de levar o assunto ao gerente.

— E?

— E — disse Anatole, com um suspiro — o resu-

mo da história é que fui escoltado para fora do recinto.

Não tinha andado mais de quinhentos metros quando fui atacado por um par de bandidos.

— Mandados pelo cassino?

— Suponho que sim.

Léonie o olhou fixo, repentinamente desconfiada de que houvesse algo mais na situação do que Anatole queria admitir.

— Você deve dinheiro a eles?

— Um pouco, mas... — deu de ombros, e outro lampejo de incômodo perpassou-lhe o rosto. — Por vir logo depois de tudo o que aconteceu no começo do ano, isso me faz pensar que talvez seja prudente eu sumir por uns tempos, uma semana, talvez... Sair de Paris, só até a poeira baixar.

Léonie fez uma expressão desolada.

— Mas eu não suportaria que você se ausentasse. E

depois, para onde iria?

Anatole pôs os cotovelos na mesa e abaixou a voz.

— Tenho uma ideia, *petite*, mas precisarei da sua ajuda.

A ideia de Anatole ir embora, mesmo que fosse por uns dias, era insuportável. Ficar sozinha no apartamento com a mãe e aquele entediante Du Pont. Léonie serviu-se de uma segunda xícara de café, à qual acrescentou três colheradas de açúcar.

Anatole tocou-lhe o braço:

— Você me ajuda?

— É claro, qualquer coisa, mas eu...

Nesse momento, Marguerite reapareceu no vão da porta. Anatole recuou e levou um dedo aos lábios. A mãe segurava o envelope e a carta. Suas unhas pintadas de cor-

de-rosa destacavam-se muito contra o tom creme e fosco do papel.

Léonie enrubesceu.

— *Chérie,* não enrubesça assim — disse a mãe, voltando para a mesa. — Chega a ser quase indecente. Você parece uma balconista.

— Desculpe, *maman* — retrucou Léonie —, mas é que o Anatole e eu estávamos preocupados, achando que... talvez você tivesse recebido uma notícia ruim.

Marguerite não disse nada, apenas olhou fixo para a carta.

— De quem é a carta? — Léonie acabou perguntando, quando a mãe continuou a não dar sinal de resposta. Na verdade, dava a impressão de quase haver esquecido que os filhos estavam presentes.

— *Maman?* — disse Anatole. — Posso trazer-lhe alguma coisa? Você não está se sentindo bem?

Ela levantou os enormes olhos castanhos.

— Obrigada, *chéri,* mas não. Fiquei surpresa, apenas isso. Léonie deu um suspiro.

— De-quem-é-a-carta? — repetiu, mal-humorada, pronunciando cada palavra como se falasse com uma criança especialmente obtusa.

Marguerite finalmente se recompôs:

— A carta veio da Herdade do Cade — respondeu, em voz baixa. — De sua tia Isolde. A viúva do meu meio-irmão Jules.

— O quê? — exclamou Léonie. — O tio que mor-

reu em janeiro?

— Faleceu, expirou; “morreu” é extremamente vulgar — corrigiu Marguerite, embora Léonie percebesse que a reprimenda não vinha do fundo do coração. —

Mas, sim, na verdade, é ele mesmo

— Por que ela lhe escreveu, tanto tempo depois do ocorrido?

— Ah, ela escreveu numas duas ocasiões anteriores

— respondeu Marguerite. — Uma vez por ocasião do casamento, depois novamente para me informar do falecimento de Jules e dos detalhes do funeral — acrescentou com uma pausa. — Lamento que a saúde precária tenha-me impedido de fazer a viagem, ainda mais naquela época do ano.

Léonie sabia perfeitamente que a mãe nunca teria retornado à casa em que havia crescido, nos arredores de Rennes-les-Bains, fossem quais fossem a estação do ano ou as circunstâncias. Marguerite e seu meio-irmão tinham-se desentendido.

Léonie soubera por Anatole dos dados essenciais da história. O pai de Marguerite, Guy Lascombe, casara-se muito cedo e às pressas. Ao perder a primeira mulher, quando, decorridos seis meses, ela dera à luz seu filho Jules, havia entregado prontamente o menino aos cuidados de uma governanta, depois, a uma série de tutores, e voltara para Paris. Havia custeado a educação do filho e a manutenção da propriedade da família e, por ocasião da maioridade de Jules, concedera-lhe uma bela pensão anual, mas, afora isso, não lhe prestara mais atenção do que antes.

Só no fim da vida é que vovô Lascombe voltara a se casar, embora tivesse continuado a levar basicamente a mesma vida dissoluta. Havia despachado a meiga esposa e a filha pequena para a Herdade do Cade, para residirem com Jules, visitando-as apenas quando lhe dava na veneta.

Pela expressão sofrida que o rosto de Marguerite assumia, nas raras ocasiões em que vinha à baila o assunto de sua infância, Léonie havia compreendido que a mãe não tinha sido propriamente feliz.

O *grandpère* Lascombe e sua mulher tinham morrido numa noite em que sua carruagem capotara. Quando da leitura do testamento, constatou-se que ele havia deixado toda a fortuna para Jules, sem um vintém para a filha.

Marguerite fugira imediatamente para o norte, para Paris, onde, em fevereiro de 1865, havia conhecido e desposado Leo Vernier, um idealista radical. Como Jules era defensor do *ancien régime*, não houvera nenhum contato entre os meios-irmãos a partir daquele momento.

Léonie deu outro suspiro.

— Bem, e por que ela está escrevendo de novo para você? — perguntou. Marguerite olhou para a carta, como se ainda não conseguisse acreditar muito em seu conteúdo.

— É um convite para que você, Léonie, vá visitá-la.

Por umas quatro semanas, aliás.

— O quê? — exclamou a garota, praticamente arrancando a carta das mãos da mãe. — Quando?

— *Chérie*, por favor.

Léonie não lhe deu atenção.

— A tia Isolde deu alguma explicação para estar fazendo esse convite agora?

Anatole acendeu um cigarro:

— Talvez ela queira corrigir os erros do falecido marido, por seu des cumprimento dos deveres familiares.

— É possível — concordou Marguerite —, embo-

ra nada na carta sugira que é essa a intenção por trás do convite.

Anatole riu:

— Isso dificilmente seria o tipo de coisa que alguém poria no papel. Léonie cruzou os braços.

— Bem, é um absurdo imaginar que eu aceitaria um convite para me hospedar com uma tia a quem nunca fui apresentada, e por um período ao longo. Aliás — acrescentou, em tom beligerante —, não consigo pensar em nada pior do que ficar enfurnada no interior com uma viúva idosa, falando sobre os velhos tempos.

— Ah, não, a Isolde é muito moça — disse Marguerite. — Era muitos anos mais nova do que o Jules, deve estar com pouco mais de 30 anos, creio eu.

Caiu um silêncio momentâneo sobre a mesa do desjejum.

— Bem, com certeza recusarei o convite — acabou dizendo Léonie. Marguerite olhou para o filho, do outro lado da mesa.

— Anatole, o que você recomendaria?

— Não quero ir — disse Léonie, em tom ainda mais firme. Anatole sorriu.

— Ora, vamos, Léonie, uma visita às montanhas?

Parece perfeito. Ainda na semana passada, você estava me falando de como anda entediada com a vida na cidade e de como precisava de um descanso.

Léonie encarou-o, assombrada.

— Sim, eu falei, mas...

— Talvez uma mudança de cenário a fizesse recobrar o ânimo. Além disso, o clima de Paris anda intolerável. Tempestuoso e úmido num dia, e, no dia seguinte, temperaturas que não envergonhariam o deserto argelino.

— Sei que isso é verdade, mas...

— E você andou me dizendo quanto ansiava por uma aventura, mas, quando surge uma oportunidade, é tímida demais para aproveitá-la.

— Mas talvez a *tante* Isolde seja completamente desagradável. E em que eu me ocuparia no interior? Não haverá nada para eu fazer.

Léonie lançou um olhar de desafio para a mãe e acrescentou:

— Maman, você nunca fala da Herdade do Cade a não ser com antipatia.

— Isso foi há muito tempo — retrucou Marguerite, em voz baixa. — Talvez as coisas estejam diferentes.

Léonie tentou outra abordagem:

— Mas a viagem levará dias e dias. Não tenho possibilidade de fazer uma viagem tão longa. Não sem um acompanhante. Marguerite pousou os olhos na filha.

— Não, não... é claro que não. Mas ontem à noite, casualmente, o general Du Pont sugeriu que ele e eu poderíamos visitar o vale do Marne por algumas semanas. Se eu pudesse aceitar esse convite... — interrompeu-se e se dirigiu ao filho. — Será que eu poderia contar com você, Anatole, para acompanhar a Léonie ao Midi?

— Tenho certeza de que eu poderia me liberar por alguns dias.

— Mas, mamãe... — objetou Léonie. O irmão continuou falando:

— Aliás, agora mesmo eu estava dizendo que pensava em passar uns dias fora. Assim, poderíamos combinar as duas coisas, de um modo satisfatório para todos. E

— acrescentou, dando um sorriso cúmplice para a irmã —

, se você se aflige por ficar tão longe de casa, *petite*, e sozinha num ambiente desconhecido, tenho certeza de que poderíamos convencer a *tante* Isolde a estender o convite a mim também.

Léonie finalmente compreendeu o raciocínio do irmão.

— Ah — disse.

— Você poderia liberar-se por uma ou duas semanas, Anatole? — insistiu Marguerite.

— *Pour ma petite soeur,* qualquer coisa — retrucou ele e sorriu para Léonie. — Se você quiser aceitar o convite, estou às suas ordens.

Ela sentiu os primeiros pruridos de animação. Ter a liberdade de caminhar pelos campos e respirar um ar não poluído. Ficar livre para ler o que quisesse, quando quisesse, sem medo de críticas ou repreensões.

Ter o Anatole só para mim.

Ponderou um pouco mais a questão, para não deixar óbvio que ela e o irmão estavam em conluio. O fato de sua mãe não ligar para a Herdade do Cade não significava que ela não gostaria de lá. Deu uma olhada de esgue-lha para o belo rosto machucado de Anatole. Havia suposto que toda aquela história tinha ficado para trás. A noite anterior lhe deixara claro que não era assim.

— Muito bem — disse, sentindo uma onda de sangue subir-lhe à cabeça. — Se o Anatole quiser me acompanhar e, quem sabe, ficar lá até eu estar confortavelmente instalada, então, sim, eu aceito — e se virou para Marguerite. — *Maman,* por favor, escreva para *tante* Isolde e diga que eu, que *nós* ficaremos encantados em aceitar seu generoso convite.

— Mandarei um telegrama para confirmar as datas que ela sugeriu. — Anatole sorriu e levantou a xícara de café: — *À l'avenir* — brindou. Léonie retribuiu o brinde, rindo: — Ao futuro! E à Herdade do Cade.



PARTE II

PARIS

CAPÍTULO 9

PARIS

SEXTA-FEIRA, 26 DE OUTUBRO DE 2007

Meredith Martin olhou para seu reflexo na janela, enquanto o trem corria para o terminal do Eurostar em Paris. Cabelo preto, rosto branco. Despojada das cores, não era lá muito bonita. Consultou o relógio.

Quinze para as nove. Quase chegando, graças a Deus.

Os fundos cinzentos das casas e as cidadezinhas passaram zunindo na quase escuridão, agora mais frequentes. O vagão estava quase vazio. Duas executivas francesas, de blusas brancas bem passadas e terninhos cinza.

Dois estudantes dormindo em cima das mochilas. A batida suave de teclados de computador, telefonemas feitos em voz baixa em celulares, o farfalhar da última edição dos jornais — franceses, ingleses, norte-americanos. Do outro lado do corredor, um quarteto de advogados de camisas listradas e calças cáqui, com vincos impecáveis, voltando às suas casas para o fim de semana. Falando alto sobre um caso de fraude, com a mesa coberta de garrafas de vidro e copos de plástico. Cerveja, vinho, bourbon.

Os olhos de Meredith vagaram para a brochura do hotel em papel brilhante, sobre a mesa de plástico, embora ela já a houvesse lido de ponta a ponta várias vezes.

HOTEL HERDADE DO CADE RENNES-LES-BAINS

11190

Situado num encantador parque arborizado, acima da pitoresca cidadezinha de

Renne-les-Bains, na bela região do Languedoc, o Hotel

Herdade do Cade é a síntese da grandiosidade e elegância do século X IX , mas com todo o conforto e as instalações de lazer esperados pelo visitante exigente do século XXI. O hotel ocupa o local da maison de maître *original, que foi parcialmente destruída por um incêndio em 1897. A dministrado como hotel desde a década de 1950, foi reaberto após uma grande reforma em 2004, sob nova direção, e hoje é reconhecido como um dos melhores hotéis do sudoeste da França.*

Para consultas de preços e detalhes sobre as instalações, veja o verso.

As mesmas informações eram repetidas em francês.

Parecia esplêndido. Na segunda-feira ela estaria lá.

Era seu presente para si mesma: dois dias de luxo cinco estrelas, depois de todos os voos na classe econômica e todos os hotéis baratos. Ela repôs a brochura na pasta de viagem de plástico transparente, junto com o recibo que confirmava sua reserva, e guardou tudo de volta na bolsa.

Esticou os braços longos e magros acima da cabe-

ça, depois girou o pescoço. Não se lembrava da última vez em que estivera tão cansada.

Deixara o hotel em Londres ao meio-dia, havia almoçado num café próximo do Wigmore Hall, antes de assistir a um concerto à tarde — de uma chatice incrível

—, e em seguida comera um sanduíche na estação de Wa-terloo, antes de embarcar no trem, acalorada e exausta.

Depois disso tudo, houvera um atraso na partida.

Quando o trem tinha finalmente começado a andar, ela havia passado quase toda a primeira parte da viagem meio aturdida, olhando pela janela para a verde zona rural ingle-

sa que corria lá fora, em vez de digitar suas notas. Depois, o trem havia mergulhado sob o canal da Mancha e fora tragado pelo concreto do túnel. A

atmosfera se tornara opressiva, mas ao menos fizera cessar a tagarelice nos celulares. Trinta minutos depois, eles haviam emergido do outro lado, na paisagem plana e marrom do norte da França.

Casas de fazenda em estilo chalé, o vislumbre de algumas cidadezinhas e longas estradas rurais em linha reta, que não pareciam levar a parte alguma. Uma ou duas cidades maiores, com montes de escória recobertos de grama pelo tempo. Depois, o aeroporto Charles de Gaulle e os subúrbios, *la banlieue*, com os monótonos e deprimentes espigões de aluguel tabelado que se erguiam mudos nos arredores da capital francesa.

Meredith recostou-se no assento e deixou o pensamento vagar. Havia completado parte de uma viagem de pesquisa de quatro meses à França e à Inglaterra, para escrever uma biografia do compositor francês oitocentista Achille Claude-Debussy e das mulheres de sua vida. Após uns dois anos de pesquisa e planejamento — mas sem chegar a lugar nenhum — ela tivera uma chance. Seis meses antes, uma pequena editora acadêmica iniciante havia feito uma oferta modesta pelo livro. O adiantamento não fora grande coisa, mas, considerando-se que ela não tinha fama no campo da crítica musical, tinha sido bastante bom. Suficiente para transformar em realidade seu sonho de ir à Europa. Ela estava decidida a escrever não apenas mais uma biografia de Debussy, e sim *o* livro, *a* biografia.

Seu segundo golpe de sorte tinha sido conseguir um cargo de professora em horário parcial numa faculdade particular nos arredores de Raleigh Durham, e começa-

ria no semestre da primavera. Tinha a vantagem de ficar perto de onde seus pais adotivos estavam morando — o que economizava gastos com lavanderia, contas telefôni-cas e mantimentos — e não muito longe de sua *alma mater,* a Universidade da Carolina do Norte.

Após dez anos custeando os próprios estudos, até concluir a universidade, Meredith havia contraído muitas dívidas e o dinheiro andava apertado. Mas, com o que tinha recebido pelas aulas de piano, combinado com o adiantamento da editora e, agora, com a promessa de um salário regular, ela havia reunido coragem para ir em frente e comprar as passagens para a Europa.

O manuscrito digitado deveria ser entregue à editora no final de abril. Nesse

momento, ela estava com tudo em dia. Na verdade, adiantada. Havia passado dez dias na Inglaterra. Agora teria quase duas semanas na França, a maior parte em Paris, mas também havia marcado uma viagem rápida a uma cidadezinha do sudoeste, Rennes-les-Bains. Daí os dois dias na Herdade do Cade.

A razão oficial desse desvio era que ela precisava verificar uma informação sobre a primeira mulher de Debussy, Lilly, antes de retornar a Paris. Se fosse apenas uma questão de seguir as pistas da primeira Sra. Debussy, Meredith não se daria todo esse trabalho. Era uma pesquisa interessante, sem dúvida, mas suas pistas eram muito tênues e nem chegavam a ser essenciais para o conjunto do livro. Mas havia um outro motivo para ela ir a Rennes-les-Bains, um motivo pessoal.

Meredith vasculhou uma divisão interna da bolsa e apanhou um envelope pardo, com uma inscrição em vermelho que dizia NÃO DOBRE. Retirou dele umas fotos antigas e amarelecidas, com orelhas nos cantos e cheias de marcas, e uma folha com uma peça musical para piano.

Fitou os rostos já conhecidos, como já fizera inúmeras vezes, depois voltou a atenção para a folha. Escrita ã mão num impresso amarelo de notação musical, era uma melodia simples, em compasso quaternário e tom de lá menor, com o título e a data grafados no alto, em letra itálica antiquada: *Sepulcro, 1891*.

Ela a sabia de cor — cada compasso, cada semicol-cheia, cada harmonia. A música com as três lotos que a acompanhavam — era a única coisa que

Meredith tinha herdado de sua mãe biológica. Uma lembrança de família, um talismã.

Tinha plena consciência de que a viagem poderia não revelar nada de interessante. Tudo acontecera fazia muito tempo; as histórias se haviam desbotado. Por outro lado, imaginava que não poderia ficar pior do que estava nesse momento, sem saber praticamente nada sobre o passado da família e precisando saber alguma coisa. Pelo preço da passagem aérea, parecia valer a pena.

Notou que o trem estava reduzindo a velocidade.

Os trilhos haviam se multiplicado. As luzes da Gare du Nord começavam a se tornar visíveis. O clima dentro do vagão tornou a mudar. Um retorno à vida real,

um sentimento de ambição ao término de uma viagem comparti-lhada que ia chegando ao fim. Gravatas endireitadas, paletós resgatados.

Meredith juntou as fotos e a música com seus outros papéis e tornou a guardar tudo na bolsa. Tirou do pulso um elástico verde, atou o cabelo preto num rabo de cavalo, alisou a franja e entrou no corredor.

Com as maçãs do rosto pronunciadas, os olhos castanhos cristalinos e o porte miúdo, ela mais parecia uma aluna de última série do curso médio do que uma acadêmica de 28 anos. Em seu país, ainda levava consigo a carteira de identidade quando queria ter certeza de ser servida num bar. Levantou os braços para pegar a jaqueta e a sacola no bagageiro, revelando a barriga chata e bronzeada entre a blusinha verde e os jeans da Banana Republic, cônscia de que os quatro sujeitos do outro lado do corredor estavam olhando.

Vestiu a jaqueta.

— Boa viagem, rapazes — disse, sorrindo, e se dirigiu à porta.

Uma onda sonora a atingiu no segundo em que ela pôs os pés na plataforma. Gente gritando, correndo, aglomerações por toda parte, acenos. Todo mundo apressado. Avisos berrados pelos alto-falantes. Informações sobre a partida seguinte, introduzidas por uma espécie de fanfarra tocada num xilofone. Uma loucura completa, depois do silêncio abafado do trem.

Meredith sorriu, absorvendo os cenários, os odores, o caráter peculiar de Paris. Já se sentia outra pessoa.

Carregando bolsas e sacolas nos dois ombros, seguiu as placas do saguão da estação e entrou na fila de táxis. O homem à sua frente gritava ao celular e sacudia um Gitane preso na junção entre dois dedos. Espirais branco-azuladas de fumaça, com aroma de baunilha, subiam pelo ar noturno, desenhando sua silhueta nas balaustradas e venezianas dos prédios em frente.

Ela deu o endereço ao motorista — um hotel no 4°

arrondissement, na rue du Temple, bairro de Marais, que havia escolhido por sua localização central. Seria bom para as escolhas habituais dos turistas, se ela tivesse tempo o Centro Pompidou e o Museu Picasso ficavam bem perto —, mas sobretudo pelo Conservatório e pelos vários salões de concertos, arquivos e

endereços particulares que ela precisaria visitar, por causa de Debussy.

O motorista pôs a sacola grande na mala, bateu a porta de Meredith e entrou no táxi. Ela foi jogada para trás no assento quando o carro acelerou com força, entrando no louco trânsito parisiense. Pôs o braço em volta da bolsa, num gesto protetor, e apertou-a junto ao peito, vendo os cafés, os bule vares, as motonetas e os postes de luz passarem chispando.

Meredith tinha a sensação de conhecer as musas, amantes, paixões e esposas de Debussy — Marie Vasnier, Gaby Dupont, Thérèse Roger, Lilly Texier, sua primeira mulher, Emma Bardac, a segunda, e sua filha amada, Chouchou. Os rostos, as histórias, as feições delas estavam bem ali, no primeiro plano de sua mente — as datas, as referências, a música. Ela já tinha um rascunho inicial da biografia e estava bastante satisfeita com o jeito que o texto vinha assumindo. Agora, o que precisava era dar vida a essas mulheres no papel, introduzir um pouco mais de cor, um clima oitocentista.

Vez por outra, temia que a vida de Debussy fosse mais real para ela do que seu próprio dia a dia. Depois, descartava essa ideia. Era bom concentrar-se. Se quisesse cumprir seu prazo, precisaria continuar assim, só um pouquinho mais.

O táxi parou, os freios guinchando.

— Hotel Axial-Beaubourg. *Voilà.*

Meredith pagou a corrida e entrou.

O hotel era bem contemporâneo. Mais parecia um daqueles hotéis-butique nova-iorquinos do que o que ela havia esperado encontrar em Paris. *Nem parece francês.*

Todo feito de retas e vidros; sofisticado, minimalista. O saguão era cheio de enormes poltronas meio quadradas, revestidas de xadrez preto e branco, ou de verde-limão, ou de listras marrom e branco, dispostas ao redor de mesas de vidro fumê. Revistas de arte, exemplares da *Vogue* e da *Paris-Match* empilhavam-se em suportes cro-mados nas paredes. Imensas luminárias pendiam do teto.

Apelativo demais.

No extremo oposto do pequeno saguão ficava o bar, com uma fileira de homens

e mulheres bebendo. Muitos músculos trabalhados e roupas de bom caimento. No balcão de ardósia havia coqueteleiras reluzentes; as garrafas de cristal refletiam-se no espelho, sob luzes azuis de neon. Tilintar de gelo e retinir de copos.

Meredith tirou da carteira um cartão de crédito diferente do que havia usado na Inglaterra, para o caso de havei esgotado seu limite, e se aproximou da recepção. A recepcionista, num elegante terninho cinza, foi amável e eficiente. Meredith ficou contente por seu francês enferrujado ser entendido. Fazia algum tempo que não falava a língua. *Deve ser bom sinal.*

Declinando a oferta de ajuda com a bagagem, anotou a senha de acesso *wireless* à internet, pegou o elevador estreito para o terceiro andar e percorreu um corredor escuro, até achar o número que procurava.

O quarto era bem pequeno, mas limpo e elegante, todo decorado em marrom, creme e branco. A camareira havia acendido o abajur ao lado da cama. Meredith passou a mão nos lençóis. Roupa de cama de boa qualidade, con-

fortável. Muito espaço no armário, não que ela precisasse disso. Largou a sacola na cama, tirou o laptop da bolsa, colocou-o na mesa de tampo de vidro e o ligou no carregador.

Depois, foi até a janela e abriu a cortina de filó e as venezianas. O som do tráfego invadiu o quarto. Lá embaixo, na rua, uma turma jovem e glamorosa desfrutava a noite surpreendentemente amena de outubro. Meredith debruçou-se no parapeito. A vista abarcava as quatro dire-

ções. Uma loja de departamentos na esquina oposta, com as venezianas fechadas. Cafés e bares, uma confeitaria e uma delicatéssen, todos abertos, e música escoando para as calçadas. Postes de luz em tom laranja, neon, tudo vivamente iluminado ou com silhuetas visíveis. Tons noturnos.

Com os cotovelos apoiados na balaustrada de ferro batido, ela passou algum tempo observando, desejando ter energia suficiente para descer e participar da agitação. Depois, esfregou os braços, percebendo estar com a pele toda arrepiada.

Tornando a entrar, desfez a bagagem, pôs suas poucas roupas no armário e rumou para o banheiro. Ficava escondido atrás de uma curiosa porta sanfonada

no canto do quarto, também agressivamente minimalista em sua cerâmica branca. Tomou uma chuveirada rápida, embrulhou-se num roupão de toalha e, calçada com meias grossas de lã, serviu um copo de vinho tinto do minibar e se sentou para verificar os e-mails.

Conseguiu estabelecer a conexão bem depressa, mas não havia grande coisa — uns dois e-mails de amigos, perguntando como iam as coisas, um da mãe, Mary, para saber se ela estava bem, e um folheto de propaganda de um concerto. Meredith deu um suspiro. Nada da editora.

A primeira parte do adiantamento deveria ter entrado em sua conta no fim de setembro, mas ainda não fora depositada na ocasião de sua partida. Agora, já era final de outubro e ela começava a se inquietar. Tinha enviado uns dois lembretes e fora assegurada de que estava tudo sob controle. Sua situação financeira não era muito ruim, ainda não, pelo menos. Ela contava com os cartões de crédito e sempre poderia pedir um pequeno empréstimo a Mary, se fosse absoluta mente necessário, para sair do aperto. Mas ficaria aliviada se soubesse que o dinheiro estava, a caminho.

Desfez a conexão. Bebeu o restante do vinho, escovou os dentes e se deitou, tendo um livro por companhia.

Resistiu por uns cinco minutos.

Os sons de Paris extinguiram-se aos poucos. Meredith adormeceu, ainda com a luz acesa e o exemplar surrado dos contos de Edgar Allan Poe abandonado no travesseiro junto dela.

CAPÍTULO 10

SÁBADO, 27 DE OUTUBRO

Quando acordou na manhã seguinte, a luz entrava pela janela. Pulou da cama. Deu uma escovada no cabelo, prendeu-o num rabo de cavalo e vestiu calças jeans, um suéter verde e a jaqueta. Conferiu a bolsa para ver se tinha tudo de que precisava — carteira, mapa, caderno de notas, óculos, câmera — e, com uma boa sensação a respeito do dia que teria pela frente, saiu porta afora, descendo de dois em dois os degraus da escada para o saguão.

Era um dia perfeito de outono, luminoso, ensolarado e fresco. Meredith

atravessou a rua para a *brasserie* em frente, para tomar café. Fileiras de mesas redondas com tampo imitando mármore, mas bonitas, tinham sido dispostas na calçada para captar o melhor do sol matutino.

Na parte interna, era tudo em madeira castanha laqueada.

Um longo balcão revestido de zinco cobria toda a extensão do cômodo, de um lado a outro, e dois garçons de meia-idade, vestidos de preto e branco, moviam-se com espantosa velocidade pelo restaurante lotado.

Meredith ocupou a última mesa vaga do lado de fora, junto a um grupo de quatro rapazes de colete e calças justas de couro. Todos fumavam e tomavam café expresso e copos d'água. À direita, duas mulheres magras e imacu-ladamente vestidas bebericavam um *café noisette* em minúsculas xícaras brancas. Meredith pediu o *petit-déjeuner complet*

— suco de frutas, uma baguete com manteiga e geleia, pães doces e *café au lait* — e pegou o caderno de notas, uma réplica do famoso Moleskine de Hemingway. Já estava no terceiro de um pacote de seis, comprado em oferta especial na Barnes & Noble para essa viagem. Ela escrevia tudo, por menor ou mais insignificante que fosse. Depois, transferia para o laptop as anotações que considerava relevantes.

Planejou passar o dia visitando os locais privados que tinham sido importantes para Debussy, em contraste com os grandes espaços públicos e salões de concerto.

Tiraria algumas fotos e veria aonde conseguiria chegar. Se a coisa se revelasse uma perda de tempo, repensaria o assunto, mas esse parei ia ser um modo sensato de se orga-nizar.

Debussy tinha nascido em Saint-Germain-en-Laye em 22 de agosto de 1862, no que agora fazia parte da regi-

ão metropolitana. Mas fora parisiense da cabeça aos pés, e havia passado a quase totalidade de seus 55 anos na capital, desde sua residência da infância, na rue de Berlin, até a casa 80 da Avenue du Bois de Boulogne, onde havia falecido em 25 de março de 1918, quatro dias depois de iniciado o grande bombardeio alemão de Paris. A última parada no itinerário de Meredith, talvez quando voltasse, no fim da semana, seria o Cemitério de Passy, no 16° *arrondissement,* onde o

compositor fora sepultado.Ela respirou fundo. Sentia-se perfeitamente à vontade em Paris, na cidade de Debussy. Tudo tinha sido tão louco antes da partida, que ela mal conseguia acreditar que estava realmente ali. Ficou quieta por um momento, apenas apreciando a paisagem e se sentindo bem no centro de tudo.Depois, pegou o mapa e o abriu no tampo da mesa, vendo os can-

tos se dobrarem e caírem sobre a borda como uma toalha colorida.

Prendeu atrás das orelhas umas mechas soltas de cabelo e examinou o mapa. O primeiro endereço de sua lista era a rue de Berlin, onde Debussy tinha morado com os pais e irmãos desde o começo da década de 1860 até chegar aos 29 anos. Ficava logo depois do apartamento do poeta simbolista Stéphane Mallarmé, no qual Debussy havia frequentado os famosos saraus das tardes de terça-feira. Depois da Primeira Guerra Mundial, como muitas ruas francesas de nomes alemães, essa fora rebatizada e agora se chamava rue de Liège.

Meredith traçou com o dedo a linha que levava à rue de Londres, onde Debussy havia alugado um apartamento mobiliado com sua amante Gaby Dupont em janeiro de 1892. Depois viera o apartamento da pequenina rue Gustave-Doré, no 17Q *arrondissement,* e em seguida, logo adiante, o da rue Cardinet, onde os dois tinham morado até Gaby deixá-lo, no dia 1Q de janeiro de 1899. Debussy havia permanecido no mesmo endereço nos cinco anos seguintes, com sua primeira mulher, Lilly, até esse relacionamento também terminar.

Em termos de espaços e planejamento, Paris era bastante cômoda. Tudo ficava a distâncias que podiam ser percorridas a pé, com a ajuda do fato de Debussy ter passado a vida inteira numa área relativamente pequena um quarteto estelar de ruas em torno da Place d’Europe, nos limites entre o 8° e o 9° *arrondissements,* de onde se avistava a estação Saint-Lazare.

Meredith circundou todos os locais no mapa com hidrocor preto, examinou rapidamente o padrão e resol-

veu que começaria no ponto mais distante, passando pelos outros no trajeto de retorno ao hotel.

Arrumou suas coisas, esforçando-se para refazer as dobras do mapa nos lugares certos. Terminou o café, sacudiu do suéter os farelos amanteigados de croissant e lambeu os dedos, um por um, resistindo à tentação de pedir mais alguma coisa. Apesar da aparência esguia e graciosa, ela adorava comer. Massas, pães,

biscoitos, todas essas coisas que ninguém mais deveria ingerir. Deixou uma nota de dez euros para cobrir a despesa, acrescentou um punhado de moedinhas de gorjeta e se foi.

Levou pouco menos de 15 minutos para chegar à Place de la Concorde. De lá, virou para o norte, passando pelo Palais de la Madeleine, uma igreja extraordinária, pro-jetada como um templo romano, e seguiu pelo Boulevard Malesherbes. Depois de mais cinco minutos, dobrou à esquerda na Avenue Velásquez, em direção ao Parque Monceau. Depois do trânsito estrondoso da avenida principal, a imponente rua sem saída pareceu estranhamente silenciosa. Plátanos de casca com diversas tonalidades, salpicada de manchas como o dorso da mão de um velho, ladeavam as calçadas. Muitos troncos tinham sido picha-dos. Meredith ergueu os olhos para os prédios das embaixadas, impassíveis e meio desdenhosos, que davam para os jardins. Parou e tirou algumas fotos, para o caso de não se lembrar da disposição deles, mais tarde.

Uma placa na entrada do Parque Monceau anunciava os horários de funcionamento no inverno e no verão.

Meredith cruzou os portões negros de ferro batido e entrou no vasto espaço verde, sentindo a imediata facilidade de imaginar Lilly ou Gaby, ou até o próprio Debussy, de mãos dadas com a filha, passeando pelas alamedas genero-

sas. Longos vestidos brancos de verão rodopiando na poeira, ou senhoras de chapéus de aba larga, sentadas num dos bancos verdes de metal dispostos ao longo das bordas dos gramados. Generais aposentados, de uniforme militar, e filhos de diplomatas, com seus olhos escuros, girando aros de madeira sob o olhar vigilante das governantas. Por entre as árvores ela vislumbrou as colunas de um coreto no estilo de um templo grego. Um pouco mais adiante, um depósito de gelo em forma de pirâmide de pedra, isolado do público por uma cerca, e estátuas de mármore das Musas. Por todo o parque, pôneis castanho-dourados, com uma corda em torno do pescoço, transportavam crianças animadas de um lado para outro pelas trilhas de cascalho.

Meredith tirou inúmeras fotografias. Afora as roupas e os telefones celulares, o Parque Monceau não parecia ter mudado quase nada desde as fotos que ela vira, de cem anos antes. Tudo muito vivido, muito claro.

Depois de passar meia hora vagando contente em círculos pelo parque,

finalmente saiu e se viu junto à esta-

ção de metrô do lado norte. A placa MONCEAU LIGNE NO.

2, acima da entrada, com seu sofisticado desenho art nou-veau, parecia ter estado lá desde a época de Debussy. Meredith tirou mais umas duas lotos, atravessou o cruzamento movimentado e entrou no 17Q *arrondissement.*

O bairro parecia insípido, depois da elegância fin de

siècle do parque. As lojas tinham um ar ordinário, os prédios não eram dignos de nota.

Ela encontrou sem dificuldade a rue Cardinet e identificou o edifício em que, mais de cem anos antes, Lilly e Debussy haviam morado. Sentiu uma pontada de decep-

ção. Visto de fora, era simples demais, sem distinção, apa-

gado. Sem personalidade. Nas cartas, Debussy falara com afeição do apartamento modesto, descrevendo as aquarelas nas paredes, os quadros a óleo.

Por um momento, ela pensou em tocar a campainha para ver se conseguiria convencer alguém a deixá-la entrar para dar uma olhada. Afinal, era ali que Debussy tinha escrito a obra que havia transformado sua vida, sua única ópera, *Pelléas et Mélisande.* Fora ali que Lilly Debussy tentara matar-se com um tiro, dias antes do quinto aniversário de casamento, ao perceber que o marido ia deixá-la para sempre, para viver com a mãe de um de seus alunos de piano, Emma Bardac. Lilly sobrevivera, mas os cirurgi-

ões nunca haviam conseguido retirar a bala. Meredith achava que o fato de ela ter passado o resto da vida com um lembrete físico de Debussy alojado no corpo era, de algum modo, a parte mais pungente — embora terrível —de toda a história.

Levantou a mão para o interfone prateado, mas se conteve. Acreditava no espírito dos lugares. Era adepta da ideia de que, em algumas circunstancias, uma espécie de eco do passado podia persistir. Mas ali, na cidade, já transcorrera tempo demais. Mesmo que os tijolos e a argamassa fossem os mesmos, em cem anos de movimentada vida humana haveria fantasmas em demasia. Um excesso

de passos, um excesso de sombras.

Deu as costas para a rue Cardinet. Pegou o mapa, dobrou-o num quadrado conveniente e saiu em busca da Place Claude Debussy. Encontrá-la foi uma decepção ainda maior, se é que isso era possível. Medonhos prédios brutalistas de seis andares e uma loja de artigos de segunda mão na esquina. K não havia ninguém. O lugar todo tinha um ar de abandono. Ao pensar nas elegantes estátuas do Parque Monceau que celebravam escritores, pintores e arquitetos, Meredith sentiu uma onda de raiva, por Paris ter feito uma homenagem tão medíocre a um de seus filhos mais famosos.

Voltou para o agitado Boulevard des Batignolles.

Em toda a bibliografia que lera sobre a Paris da década de 1890, a Paris de Debussy, aquele parecia ser um lugar bem perigoso, distante dos grandes bulevares e avenidas. Havia bairros — os *quartiers perdus* — que convinha evitar.

Seguiu adiante para a rue de Londres, onde Gaby e Debussy tinham alugado seu primeiro apartamento, em janeiro de 1892, movida pelo desejo de experimentar alguma coisa, uma nostalgia, uma sensação de autenticidade local, mas não conseguiu nada. Verificou a numeração e se deteve no local em que deveria ter ficado a casa de Debussy. Deu um passo atrás, pegou o caderno de notas para confirmar se estava no número certo e franziu a testa.

Não é meu dia.

Nos cem anos anteriores, o prédio parecia ter sido tragado pela estação Saint-Lazare. A estação havia crescido sem parar, invadindo as ruas circundantes. Ali não havia nada que ligasse os tempos antigos aos novos. Não havia nem mesmo algo digno de ser fotografado. Apenas uma ausência.

Meredith olhou em volta e viu um pequeno restaurante do outro lado da calçada, Le Petit Chablisien. Precisava comer. Mais do que tudo, precisava de uma taça de vinho.

Atravessou a rua. O cardápio estava anotado a giz num quadro-negro montado num cavalete na calçada. As vitrines grandes eram modestamente cobertas por uma meia-cortina de renda, e por isso ela não podia ver o inte-

rior. Baixou a maçaneta antiquada e uma sineta estrídula tilintou e chacoalhou. Entrou e foi instantaneamente recebida por um garçom idoso, com um avental engomado de linho branco amarrado na cintura.

— *Pour manger?*

Meredith fez que sim e foi conduzida a uma mesa de canto para uma pessoa. Toalhas de papel, facas e garfos ordinários de metal, uma garrafa de água esperando na mesa. Pediu o *plat dujour* e uma taça de Fitou.

A carne — uma *bavette,* ou lombo de boi — estava perfeita, rosada no centro e com um molho forte de pimenta-do-reino. O Camembert amadurecera até o ponto exato. Enquanto comia, Meredith olhou para as fotos em preto e branco nas paredes. Imagens do *quartier* nos velhos tempos: o pessoal do restaurante orgulhosamente postado do lado de fora, os garçons de bigodes pretos e colarinhos brancos e engomados, o patrão e sua esposa amatronada no centro, enfatiotados com a melhor roupa domingueira.

Uma foto de um dos antigos bondes da rue d'Amsterdam, outra, moderna, da famosa escultura dos relógios em frente à entrada da estação Saint-Lazare.

Mas a melhor de todas foi uma fotografia que ela reconheceu. Deu um sorriso. Acima da porta da cozinha, ao lado de um retrato feito em estúdio, que exibia uma mulher com um homem mais jovem e uma menina com uma enorme cabeleira em cascata, estava uma cópia de uma das fotos mais famosas ele Debussy. Tirada na Villa Medici, em Roma, em 1885, quando ele tinha apenas 23

anos, mostrava-o encarando a câmera, com sua típica expressão sombria e carrancuda. O cabelo preto e ondulado caía curto sobre a testa e, com o bigode incipiente, sua imagem era imediatamente reconhecível. Meredith pre-

tendia usar essa foto para ilustrar o verso da sobrecapa de seu livro.

— Ele morou bem aqui, nesta rua — disse ao gar-

çom, enquanto teclava a senha do cartão de crédito. Fez um gesto indicando a foto: — Claude Debussy. Aqui mesmo.

O garçom deu de ombros, desinteressado, até ver o tamanho da gorjeta. Nessa

hora, sorriu.

CAPÍTULO 11

O resto da tarde transcorreu conforme o planejado.

Meredith percorreu os outros endereços da lista e, ao voltar ao hotel, às seis horas, tinha visitado todos os lugares em que Debussy havia residido em Paris. Tomou banho e trocou de roupa, vestindo calças jeans brancas e um suéter azul-claro. Transferiu as fotos da câmera digital para o laptop, verificou a correspondência — nada de dinheiro ainda —, fez uma refeição leve na *brasserie* em frente e completou a noite no bar do hotel, com um coquetel verde que tinha uma aparência repulsiva e um sabor surpreendentemente bom.

Voltando ao quarto, sentiu necessidade de ouvir uma voz conhecida. Ligou para casa.

— Oi, Mary. Sou eu.

— Meredith!

A voz embargada da mãe lhe trouxe lágrimas aos olhos. De repente, ela se sentiu muito longe de casa e muito sozinha.

— Como vão as coisas? — perguntou.

Conversaram um pouco. Meredith contou a Mary tudo o que tinha feito desde a última conversa entre as duas e falou de todos os lugares que já visitara desde a chegada a Paris, embora tivesse uma dolorosa consciência dos dólares que se acumulavam a cada minuto de conversa.

Ouviu a pausa no telefonema internacional.

— E como vai o outro projeto? — perguntou Mary.

— Ainda não estou pensando nele. Há coisas demais para fazer aqui em Paris. Cuidarei disso quando chegar a Rennes-les-Bains, depois do fim de semana.

— Não há nada com que se preocupar — disse —

Mary, cujas palavras saíram num jorro, deixando óbvio quanto havia em sua cabeça. Ela sempre apoiara a necessidade de a filha se informar sobre o passado. Ao mesmo tempo, Metia medo do que pudesse vir à luz. Compartilhava esse sentimento. E se viesse a descobrir que a doen-

ça, o infortúnio que obscurecera a vida inteira de sua mãe biológica, estava presente na família, recuando até o passado distante? E se ela própria começasse a manifestar os mesmos sinais?

— Não estou preocupada — retrucou, em tom meio brusco, sentindo-se imediatamente culpada. — Está tudo bem comigo. Ando mais empolgada que qualquer outra coisa. Eu aviso sobre o que for descobrindo. Prometo. Conversaram por mais uns dois minutos, depois se despediram.

— Amo você.

— Também amo você — veio a resposta, a milha-

res de quilômetros de distância.

Na manhã de domingo, Meredith dirigiu-se à Ópera de Paris, no Palais Garnier.

Desde 1989, Paris tinha um novo teatro lírico, feito de concreto — a Ópera da Bastilha —, e, por isso, agora o Palais Garnier era usado primordialmente para os espetáculos de balé. Mas, na época de Debussy, o exuberante e extravagante edifício barroco era o que havia para se ver e o lugar em que ser visto. O local dos famigerados tumul-

tos anti-Wagner de setembro de 1891 era também o pano de fundo de *O Fantasma da Ópera*, o romance de Gaston Leroux.

Meredith levou 15 minutos para andar até o teatro, ziguezagueando por entre os turistas que procuravam o Louvre e percorrendo todo o trajeto pela Avenue de 1’Opéra. O prédio em si era puro século XIX, mas o trânsito era rigorosamente século XXI, completamente louco: carros, motonetas, caminhões, ônibus e bicicletas vindos de todos os ângulos. Com a vida nas mãos, ela se esquivou das faixas de rolamento até chegar à ilha em que ficava o Palais Garnier.

Ficou deslumbrada — a fachada imponente, as balaustradas grandiosas, as colunas de mármore cor-de-rosa, as estátuas folheadas a ouro, o telhado

decorado em ouro e branco, a cúpula verde de cobre que reluzia ao sol de outubro. Tentou imaginar o descampado pantanoso em que o teatro fora construído. Tentou imaginar carruagens, mulheres de longos vestidos esvoaçantes e homens de cartola, em vez de caminhões e automóveis tocando a buzina.

Não conseguiu. Era tudo ruidoso demais, estridente demais para deixar que os ecos do passado se infiltrassem.

Sentiu alívio ao descobrir que, por haver um concerto beneficente mais tarde, o teatro estava aberto, apesar de ser domingo. No segundo em que entrou, o silêncio das escadarias e das sacadas históricas envolveu-a em seus braços. O Grand Foyer era exatamente como o havia imaginado pelas fotografias uma vastidão de mármore, estendendo se à sua frente como a nave de uma catedral monumental. Mais adiante, a Grande Escadaria alçava-se no ar sob a cúpula de cobre polido.

Olhando em volta, Meredith continuou a andar.

Teria permissão para entrar ali? Seus tênis rangiam no mármore. As portas do auditório estavam abertas e, assim, ela se esgueirou para o interior. Queria ver o famoso lustre de seis toneladas e o teto de Chagal.

Lá adiante, um quarteto ensaiava. Meredith enfiou-se na última fila. Por um momento, sentiu o fantasma de seu eu anterior — a concertista que ela teria sido — entrar e se sentar a seu lado. Foi uma sensação tão forte, que ela quase se virou para olhar.

Enquanto as sequências de notas repetidas brotavam do poço da orquestra e penetravam nos corredores vazios, ela pensou nas inúmeras vezes em que tinha feito a mesma coisa. Aguardar nos bastidores, com o violino e o arco na mão. Aquela sensação aguda de expectativa na boca do estômago, metade adrenalina, metade medo, antes de se colocar diante da plateia. O retoque da afinação, com ínfimos ajustes nas cordas e no arco, os salpicos po-rosos de breu grudados no poliéster preto da saia comprida com que ela tocava na orquestra.

Mary lhe havia comprado seu primeiro violino quando ela contava 8 anos, pouco depois de ir morar de vez com eles. Nada mais de voltar à casa da mãe “de verdade” nos fins de semana. A caixa estava à sua espera na cama do quarto que viria a ser seu — um presente de boas-vindas para uma garotinha perplexa com a

mão que o destino lhe dera no jogo da vida. Uma criança que já vira coisas demais.

Meredith havia agarrado com as duas mãos a chance oferecida. A música era sua fuga. Tinha talento, apren-dia depressa e era esforçada. Aos 9 anos, havia tocado num baile de escola municipal no Estúdio da Companhia de Bale Milwaukee, em Walker's Point. Pouco depois, também começara a estudar piano. A música não tinha demorado a dominar sua vida.

Seus sonhos de ser musicista profissional haviam perdurado durante todo o primeiro grau e até a última série do curso médio. Os professores a incentivaram a se candidatar a um dos conservatórios, dizendo que ela teria uma boa probabilidade de ser aceita. O mesmo dissera Mary.

Mas, no último minuto, Meredith havia falhado.

Convencera-se de que não era boa o bastante. De que não tinha o que era preciso para fazer carreira. Assim, candida-tara-se a uma vaga na Universidade da Carolina do Norte para se formar em inglês, e fora aceita. Embrulhara o violino em sua capa de seda vermelha e o guardara no estojo forrado de belbutina azul. Afrouxara os valiosos arcos e os prendera na tampa. Pusera o pedaço de breu dourado em seu compartimento especial. Colocara o estojo de pé no fundo do armário e o deixara para trás, ao partir de Milwaukee para a faculdade.

Na UNC, Meredith havia estudado muito e se formara com grande louvor. Ainda tocava piano nas férias e dava aulas para os filhos dos amigos de Bill e Mary, mas era só. O violino tinha permanecido no fundo do armário.

Nunca, durante todo esse tempo, ela havia achado que tinha cometido um erro.

Nos dois anos anteriores, porém, ao descobrir as mais ínfimas ligações com sua família de origem, começara a questionar sua decisão. E nesse momento, sentada no auditório do Palais Garnier, aos 28 anos, o arrependimento pelo que poderia ter sido apertou-lhe o peito como um punho cerrado em torno do coração.

A música parou.

No poço da orquestra, alguém riu.

O presente voltou correndo. Meredith levantou-se.

Deu um suspiro, afastou o cabelo do rosto, fez meia-volta em silêncio e se retirou. Tinha ido à Opera em busca de Debussy. Tudo o que havia conseguido fora despertar seus próprios fantasmas.

Do lado de fora, o sol estava quente.

Tentando livrar-se do estado de humor melancóli-co, Meredith voltou depressa pela lateral do prédio e enveredou pela rue Scribe, com a intenção de cortar caminho para o Boulevard Haussmann e, de lá, para o Conservatório de Paris, no 8Q *arrondissement.*

A calçada estava movimentada. Paris inteira parecia ter saído para aproveitar o dia dourado, e Meredith teve que se esquivar das aglomerações para conseguir passar.

Havia um clima de parque de diversões: um músico cantando na esquina; estudantes distribuindo panfletos de refeições com desconto ou de liquidações de roupas de grife; um malabarista fazendo um diabolô subir e descer por um cordel suspenso entre duas varetas, jogando-o para cima a uma altura incrível e apanhando-o com um gesto rápido; um homem com uma mala aberta, vendendo relógios e colares de contas.

O celular tocou. Meredith parou e procurou o aparelho na bolsa. Uma mulher que vinha logo atrás bateu com o carrinho de bebê em seus tornozelos.

— *Excusez-moi, Madame.*

Meredith levantou a mão para se desculpar:

— *Non, non. C'est moi. Désolée.*

Quando conseguiu encontrar o telefone, ele havia parado de tocar. Saiu do caminho e consultou a lista de ligações não atendidas. Era um número da França, que ela só reconheceu vagamente. Já ia apertando a tecla para fazer a chamada quando alguém lhe enfiou um panfleto na mão.

— C'est vous, n'est-ce pas? Surpresa, ela levantou a cabeça:

— Perdão, como disse? Uma menina bonita a olhava fixo. De colete sem manga e calça esporte cheia de bolsos, com o cabelo louro-avermelhado preso em

inúmeras tranças finas e afastado do rosto por uma bandana, parecia uma das muitas viajantes e hippies da Nova Era que circulavam pelas ruas de Paris. A menina sorriu:

— Eu disse que ela é parecida com você — repetiu, dessa vez em inglês, e bateu no panfleto que pusera na mão de Meredith: — O retrato na frente.

Meredith olhou para a brochura. Ela anunciava leituras de tarô, quiromancia e revelações mediúnicas, e tinha a frente dominada pela imagem de uma mulher com uma coroa na cabeça. Na mão direita segurava uma espada. Na esquerda, uma balança. Na bainha da saia comprida levava uma série de notas musicais.

— Na verdade, ela podia ser você — acrescentou a menina.

No alto do desenho borrado, Meredith discerniu a muito custo um 11 em algarismos romanos. Na parte inferior, as palavras “La Justice”. Olhou mais de perto. Era verdade. A mulher era mesmo meio parecida com ela.

— Na verdade, não vejo semelhança — retrucou, enrubescendo um pouco com a mentira. — De qualquer modo, vou embora da cidade amanhã, por isso...

— Fique com ele, assim mesmo — insistiu a menina. — Nós abrimos sete dias por semana e ficamos logo ali na esquina. Cinco minutos a pé.

— Obrigada, mas não sou chegada a isso.

— A minha mãe é muito boa.

— Mãe?

— Ela faz as leituras de tarô — disse a menina, e sorriu. — Interpreta as cartas. Você devia ir.

Meredith abriu a boca e tornou a fechá-la. Não fazia sentido entrar numa discussão. Era mais fácil levar o panfleto e jogá-lo no lixo depois. Com um sorriso amarelo, enfiou-o no bolso interno da jaqueta de brim.

— Coincidência não existe, sabe? — acrescentou a menina. — Tudo acontece por uma razão.

Meredith fez que sim com a cabeça, sem querer prolongar a conversa unilateral, e se afastou, ainda segurando o celular. Na esquina, deteve-se. A menina continuava parada no mesmo lugar, observando-a.

— Você parece mesmo com ela — gritou de longe.

— São só cinco minutos daqui. Falando sério, você devia ir.

CAPÍTULO 12

Meredith esqueceu-se por completo do panfleto enfiado no bolso interno da jaqueta. Ligou para o número que a havia chamado pelo celular — era apenas o agente de viagens francês, confirmando sua reserva no hotel — e telefonou para a companhia aérea, para confirmar o horário da partida no dia seguinte.

Chegou ao hotel às seis horas, cansada e com os pés doloridos de tanto andar pelas ruas durante a tarde inteira. Carregou as fotografias no disco rígido do laptop e iniciou o processo de transcrever as anotações que fizera nos três dias anteriores. Às nove e meia, comprou um sanduíche na *brasserie* em frente e o comeu no quarto, enquanto continuava a trabalhar. Às onze, havia terminado.

Inteiramente em dia.

Deitou-se na cama e ligou a televisão. Correu os canais por algum tempo, à procura dos sons familiares da CNN, mas só encontrou um obscuro filme policial francês na FR3, *Columbo* na TFl e um filme pornográfico que se fazia passar por arte na Antenne 2. Desistiu e leu um pouco, antes de apagar a luz.

Ficou deitada na penumbra confortável do quarto, com as mãos atrás da cabeça e os pés afundados nos len-

çóis brancos. Olhos no teto, deixou a mente vagar até o fim de semana em que Mary lhe havia contado o pouco que sabia sobre sua família de origem.

Hotel Pfister, Milwaukee, dezembro de 2000. O

Pfister era o lugar a que eles iam em toda grande come-

moração familiar — aniversários, casamentos, ocasiões especiais —, em geral apenas para jantar. Dessa vez, porém, Mary fizera reservas para todo o fim de

semana, como um presente atrasado pelo aniversário de Meredith e pelo Dia de Ação de Graças, e também com a intenção de fazer umas comprinhas antecipadas para o Natal.

Ambiente discreto e refinado do século XIX, cores o estilo fin *de siècle*, cornijas douradas, colunas, balaustradas de ferro batido e elegantes cortinas de *voile* nas portas de vidro. Meredith descera sozinha para o cale do saguão, para esperar Bill e Mary. Acomodara-se no canto de um sofá macio e pedira no bar sua primeira taça de vinho permitida por lei: um *chardonnay* Sonoma Cutter, a 7,50

dólares a dose, mas que valia a pena. Aveludado, preser-vando o aroma do barril nos tons amarelos.

Que maluquice, lembrar justamente disso.

Do lado de fora, a neve tinha começado a cair. Flocos regulares, persistentes, num céu branco que envolvia o mundo em silêncio. No balcão do bar, uma senhora idosa, de casaco vermelho e gorro de lã enterrado até as sobrancelhas, gritava com o barman: “Fale comigo! Por que você não fala comigo?” Como a mulher de A *Terra Devastada,* de Eliot. Outros hóspedes, seus colegas de bar, tomavam cerveja Miller, e havia dois rapazes com garrafas de outras marcas: Sprecher Amber e Riverwest Stein. Como Meredith, fingiam não notar a maluca.

Meredith acabara de romper o namoro e, por isso, ficara contente por se afastar do campus durante o fim de semana. O rapaz era um professor visitante de matemática, em licença sabática na UNC. Os dois tinham gostado um do outro. Uma mecha de cabelo afastada do rosto de Meredith no bar; ele sentado na beirada da banqueta do piano enquanto ela tocava; a mão deslizando casualmente pelo ombro dela entre as estantes escuras da biblioteca, tarde da noite. A história nunca se destinara a dar em nada

— os dois queriam coisas diferentes — e Meredith não ficara arrasada. Mas o sexo tinha sido ótimo e a relação fora divertida enquanto havia durado.

Mesmo assim, tinha sido bom ir para casa.

Conversaram durante a maior parte do fim de semana frio e nevado, Meredith fazendo a Mary todas as perguntas sobre a vida e a morte prematura de sua mãe biológica, sobre tudo que sempre quisera saber, mas tivera medo de ouvir. As circunstâncias de sua adoção, o suicídio da mãe, as lembranças dolorosas, feito

estilhaços de vidro encravados na pele.

Meredith conhecia os dados essenciais. Sua mãe biológica, Jeanette, tinha engravidado numa festa de estacionamento, em volta das traseiras de caminhonetes, no final do curso médio, e só se dera conta disso quando já era tarde demais para fazer alguma coisa. Nos primeiros anos, a mãe de Jeanette, Louisa, tentara apoiá-la, mas sua morte rápida em decorrência de um câncer havia roubado da vida de Meredith uma influência confiável e estável, e as coisas tinham-se deteriorado rapidamente. Quando a situação se agravara para valer, Mary — uma prima distante de Jeanette — havia entrado em cena, até finalmente ficar claro que, em nome de sua própria segurança, Meredith não poderia voltar para a mãe. Com o suicídio de Jeanette, dois anos depois, fizera sentido pôr o relacionamento em bases mais formais, e Mary e o marido, Bill, haviam adotado a menina. Apesar de ter conservado seu sobrenome e de continuar a chamar Mary pelo prenome cristão, como sempre tinha feito, Meredith finalmente se sentira livre para pensar nela como sua mãe.

Foi no Hotel Pfister que Mary lhe dera as fotografias e a pequena partitura para piano. A primeira foto era de um rapaz de uniforme de soldado, de pé na praça de um vilarejo. Cabelo preto ondulado, olhos cinzentos e olhar franco. Não havia nome, mas o ano, 1914, assim como o nome do fotógrafo e o local, Rennes-les-Bains, estavam impressos no verso. A segunda foto era de uma menina de roupa antiquada. Não havia nome, data nem local. A terceira, tirada alguns anos depois — fim da década de 1930, início da de 1940, a julgar pela roupa — era de uma mulher que Meredith sabia ser sua avó materna, Louisa Martin, sentada diante de um piano de cauda. Mary explicou que Louisa tinha sido uma pianista de certo renome. A peça musical contida no envelope fora sua marca registrada. Ela a havia tocado sempre que a plateia pedia bis.

Ao ver a fotografia pela primeira vez, Meredith se perguntara se, caso houvesse tomado conhecimento de Louisa mais cedo, teria seguido adiante, sem dar as costas a uma carreira musical. Não saberia dizer. Não se lembrava de ter visto a mãe biológica, Jeanette, tocando piano nem cantando. Lembrava-se apenas dos gritos, do choro e do que viera depois.

A música tinha entrado em sua vida aos 8 anos de idade, ou assim ela havia suposto. A descoberta de que sempre houvera algo mais, escondido sob a superfície, tinha modificado essa história. Naquele fim de semana nevado em dezembro de 2000, o mundo de Meredith se transformara. As fotos e a música

tinham-se convertido numa âncora, ligando-a a um passado que ela sabia que um dia haveria de buscar.

Decorridos sete anos, era o que estava fazendo, finalmente. No dia seguinte, estaria pessoalmente em Rennes-les-Bains, lugar que havia imaginado inúmeras vezes.

Só esperava que houvesse alguma coisa lá para encontrar.

Olhou para o telefone celular. Meia-noite e trinta e três. Sorriu.

Amanhã, não. Hoje.

Quando acordou de manhã, o nervosismo noturno se evaporara. Meredith estava ansiosa por sair da cidade.

O que quer que viesse a conseguir, de um jeito ou de outro, uns dias de repouso e diversão nas montanhas eram justamente o que lhe faltava.

O voo para Toulouse só partiria no meio da tarde.

Ela já fizera tudo que havia pretendido fazer em Paris e realmente não queria começar nada novo antes de poder esquecer-se do relógio; por isso, ficou lendo um pouco na cama, depois levantou-se e tomou um café da manhã reforçado sob o sol, na *brasserie* de sempre, antes de sair para visitai alguns dos pontos turísticos habituais.

Entrou e saiu da sombra da conhecida colunata da rue de Rivoli, esquivando-se de enxames de estudantes carregados de mochilas e grupos de turistas que seguiam a trilha do *Código Da V inci.* Pensou na pirâmide do Louvre, mas o comprimento da fila na entrada a desanimou.

Encontrou um banco de metal verde no Jardim das Tulherias e desejou ter vestido uma roupa mais leve. Estava quente e úmido, um clima doido para fim de outubro.

Ela adorava a cidade, mas, nesse dia, o ar parecia denso com a poluição, os vapores de descarga do trânsito e a fumaça de cigarros dos cafés ao ar livre. Pensou em ir até o rio e dar uma volta num Bateau Mouche. Pensou em visitar a Shakespeare & Co., a lendária livraria da margem esquerda, que era quase um

templo para os norte-americanos em visita a Paris. Mas não conseguiu juntar energia para nada disso. A verdade é que queria fazer o que os turistas faziam, mas sem ter que se misturar com eles.

Muitos dos lugares que poderia visitar estavam fechados, e, por isso, recaindo em Debussy, ela resolveu voltar à casa da infância do compositor em 1890, na antiga rue de Berlin. Amarrou a jaqueta nos quadris e, já não precisando do mapa para encontrar o caminho na rede de ruas, partiu. Andou depressa e com eficiência, dessa vez pegando uma rota diferente. Passados cinco minutos, parou e, protegendo os olhos com a mão, levantou a cabeça para dar uma boa olhada na placa esmaltada da rua.

Ergueu as sobrancelhas. Sem querer, tinha ido parar na rue de la Chaussée d'Antin. Correu os olhos de um lado para outro. Na época de Debussy, o mal-afamado Cabaret Grande-Pinte tinha-se situado no começo da rua, perto da Place de la Trinité. Um pouco mais adiante ficava o famoso Hôtel-Dieu, do século XVII. E, no fim da rua, praticamente onde ela estava parada, na verdade, tinha sido a célebre livraria esotérica de Edmond Bailly. Nela, nos gloriosos dias da virada do século, poetas, ocultistas e compositores tinham-se reunido para discutir novas ideias, para falar de misticismo e mundos alternativos. Na livraria de Bailly, o jovem e irritadiço Debussy nunca teria preci-sado se explicar.

Meredith conferiu os números da rua.

Seu entusiasmo desabou no mesmo instante. Ela estava exatamente onde precisaria estar — só que não ha-

via nada para ver. Era o mesmo problema com que tinha deparado durante todo o fim de semana. Prédios novos haviam substituído os antigos, novas ruas se haviam ampliado, antigos endereços tinham sido tragados pela marcha impenitente do tempo.

O número 2 da rue de la Chaussée d'Antin era agora um moderno e inexpressivo prédio de concreto. Não havia livraria. Não havia nem mesmo uma placa na parede.

Em seguida, Meredith notou uma porta estreita, bem recuada na construção e quase invisível da rua. Nela havia uma tabuleta colorida, pintada a mão.

SORTILÈGE. LEITURAS DE TARÔ.

Embaixo, em letras menores: “Fala-se francês e inglês.”.

Levou a mão ao bolso da jaqueta de brim. Apalpou o quadrado de papel dobrado, o panfleto que a menina lhe dera na véspera, exatamente onde ela o havia colocado e depois esquecido. Tirou-o e olhou para o desenho. Era uma fotocópia ruim e borrada, mas não havia como negar a semelhança.

Ela se parece comigo.

Tornou a olhar para a tabuleta. Agora, a porta se abrira, como se alguém houvesse saído enquanto ela não estava olhando e deixado o trinco aberto. Meredith deu um passo à frente e olhou para dentro. Havia um pequeno vestíbulo de paredes roxas, decorado com estrelas e luas prateadas e com símbolos astrológicos. Mobiles de cristal ou vidro, ela não saberia ao certo, pendiam do teto em espiral, captando a luz.

Meredith se deteve. Astrologia, cristais, cartomancia, não acreditava em nada disso. Nem sequer consultava seu horóscopo no jornal, embora Mary o fizesse regularmente todas as manhãs, ao tomar a primeira xícara de café do dia. Era uma espécie de ritual.

Ela não entendia essas coisas. A ideia de que o futuro, de algum modo, já estivesse determinado, inteiramente escrito, parecia-lhe pura loucura. Era fatalista demais, próximo demais de renunciar à responsabilidade pela própria vida.

Recuou da porta, impaciente consigo mesma. Por que ainda estava parada ali? Devia ir embora. Tirar o panfleto da cabeça.

E idiotice. Superstição.

No entanto, ao mesmo tempo, alguma coisa a im-pedia de se afastar. Ela estava interessada, é claro, mas era um interesse mais acadêmico do que afetivo. Seria a coincidência do retrato? O acaso do endereço? Sentiu vontade de entrar.

Tornou a avançar mais um pouquinho. Do vestíbulo subia uma escada estreita, com degraus alternadamente pintados de vermelho e verde. No alto, avistou uma segunda porta, que mal se deixava entrever por uma cortina de contas de madeira amarela. Uma porta azul-celeste.

Quantas cores!

Tinha lido em algum lugar que certas pessoas viam mentalmente a música em cores. Simestesia? Sinestesia?

Como era mesmo o nome?

Estava fresco do lado de dentro. O ar provinha de um ventilador velho e barulhento acima da porta. Partículas de poeira dançavam no ar preguiçoso de outubro. Se ela realmente queria uma atmosfera do *fin de siècle,* o que poderia ser melhor do que ter o mesmo tipo de experiên-

cia que talvez tivesse sido oferecido bem ali, cem anos antes? *É uma pesquisa, na verdade.*

Por um momento, tudo ficou na balança. Foi como se o próprio edifício prendesse a respiração. Esperando, observando. Com o folheto na mão, como uma espécie de talismã, Meredith entrou. Depois, pisou no primeiro degrau e subiu.

Muitas centenas de quilômetros ao sul, nas florestas de faias acima de Rennes-les-Bains, um sopro de vento repentino levantou as folhas acobreadas dos galhos das árvores ancestrais. Foi o som de um suspiro silenciado desde longa data, como dedos movendo-se de leve num teclado. *Enfin.*

A mudança de luz ao girar de uma estrela diferente.

CAPÍTULO 13

HERDADE DO CADE

— *Oui, A bbé, et merci à vous pour votre gentillesse. À tout à l'heure.* Feito o agradecimento, Julian Lawrence ficou com o fone na mão por um instante e o repôs no gancho.

Bronzeado e em boa forma, parecia ter menos do que seus 50 anos. Tirou do bolso um maço de cigarros, abriu o Zippo e acendeu um Gauloise. A fumaça com cheiro de baunilha desenhou guirlandas no ar parado.

As providências para a cerimônia da noite tinham sido tomadas. Agora, desde

que seu sobrinho Hal se portasse direito, tudo deveria correr de forma satisfatória. Julian solidarizava-se com o rapaz, mas era incômodo ele andar fazendo perguntas pela cidade sobre o acidente do pai. Revolvendo coisas. Chegara até a procurar o escritório do legista, para indagar sobre a causa da morte na certidão de óbito. Como o agente encarregado do caso, no comissariado de polícia de Couiza, era amigo de Julian —e a única testemunha do incidente em si tinha sido a bêbada do local —, o assunto fora tratado com gentileza. As perguntas de Hal tinham sido encaradas como a reação compreensível de um filho enlutado, e não como comentários que tivessem alguma substância.

Mesmo assim, Julian ficaria contente quando o rapaz fosse embora. Não havia nada para desenterrar, mas Hal andava cavando e, mais cedo ou mais tarde, numa cidadezinha como Rennes-les-Bains, os boatos se espalha-riam. Não há fumaça sem fogo. Julian confiava em que, terminado o funeral, o sobrinho deixaria a Herdade do Cade e voltaria para a Inglaterra.

Ele e seu irmão Seymour, pai de Hal, tinham adquirido juntos a propriedade, quatro anos antes. Seymour, dez anos mais velho e entediado com a aposentadoria do centro financeiro de Londres, vivia obcecado com estima-tivas de lucro, planilhas e maneiras de lazer a empresa crescer. A preocupação de Julian era outra.

Desde a primeira vez que viajara pela região, em 1997, ele se havia intrigado com os boatos ligados a Rennes-les-Bains em geral e à Herdade do Cade em particular.

Toda a região era cheia de mistérios e lendas: rumores sobre tesouros enterrados, conspirações, histórias fantasio-sas sobre sociedades secretas — qualquer coisa, desde os templários e os cátaros, retrocedendo até os visigodos, os romanos e os celtas. A única história que lhe havia atiçado a imaginação, no entanto, era mais contemporânea. Falava de relatos escritos que remontavam ao fim do século XIX, de um sepulcro profanado que ha veria dentro da propriedade, de um baralho de tarô que se acreditava ter sitio pintado a mão, como uma espécie de mapa do tesouro, e do incêndio que havia destruído parte da casa original.

No século V, a região em torno de Couiza e Rennes-le-Château ficara no centro do império visigodo. Isso era de conhecimento geral. Fazia muito que historiadores e arqueólogos especulavam que o lendário tesouro pilhado pelos visigodos no saque de Roma tinha sido levado para o sudoeste da França. Nesse

ponto, os indícios se esgota-vam. No entanto, quanto mais Julian fora descobrindo, mais se havia convencido de que a maior parte do tesouro dos visigodos ainda estava lá para ser encontrada. E de que as cartas — as originais, não as cópias impressas —detinham o segredo.

Ficara obcecado. Havia requerido licenças para fazer escavações, afundando todo o seu dinheiro e seus recursos nessa busca. Seu sucesso fora limitado, revelando pouco mais do que alguns objetos recolhidos em sepulturas visigóticas — espadas, fivelas, copos, nada de especial.

Expirada a licença para as escavações, ele havia continuado ilegalmente. Como um jogador, estava viciado, convencido de que era apenas uma questão de tempo.

Quando o hotel fora posto à venda, quatro anos antes, Julian tinha convencido Seymour a fazer uma oferta. Ironicamente, apesar das enormes diferenças entre os dois, tinha sido uma boa medida. A sociedade havia fun-cionado bem até os últimos meses, quando Seymour passara a se envolver mais na administração do dia a dia dos negócios. E pedira para ver os livros.

O sol ardia no gramado, inundando a sala pelas janelas altas do antigo estúdio da Herdade do Cade. Julian ergueu os olhos para o quadro na parede, acima de sua escrivaninha. Era um antigo símbolo do tarô, semelhante a um oito deitado de lado. O símbolo do infinito.

— Está pronto?

Ele se virou e viu o sobrinho, de terno e gravata pretos, parado à porta, com a cabeleira escura penteada para trás, descobrindo a testa. Aos 20 e tantos anos, de ombros largos e tez clara, Hal parecia o desportista que tinha sido nos tempos da faculdade.Campeão de rugby, vice-campeão de tênis.

Julian inclinou se e amassou a ponta do cigarro no cinzeiro de cristal sobre o parapeito da janela, depois terminou o uísque. Impaciente, não via a hora de o enterro acabar e as coisas voltarem ao normal. Estava mais do que farto de Hal zanzando por ali.

— Encontro você num instante — respondeu. —

Dois minutos.

CAPÍTULO 14

PARIS

Meredith chegou ao alto da escada, afastou a cortina de contas e abriu a porta azul-celeste logo adiante.

O vestíbulo no interior era minúsculo, tão apertado que ela podia tocar as paredes sem sequer esticar os bra-

ços. À esquerda havia um mapa luminoso dos símbolos do zodíaco, um remoinho de cores, formas e símbolos, a maioria dos quais Meredith não reconheceu. Na parede da direita ficava pendurado um espelho antiquado, com uma pomposa moldura dourada. Ela deu uma olhada em seu reflexo, depois se virou e bateu na segunda porta, bem em frente.

— Olá! Há alguém em casa? Não houve resposta.

Meredith esperou um momento e tornou a bater, dessa vez mais alto. Nada ainda. Experimentou a maçaneta. A porta se abriu.

— Olá? — disse, entrando. — Há alguém em casa?

Alô?

Era um cômodo pequeno, mas cheio de vida. As paredes eram pintadas de outras cores vivas, como as de uma creche — amarelo, vermelho e verde, com desenhos de linhas, barras, triângulos e zigue-zagues em roxo, azul e prateado. Uma única janela, bem em frente à porta, era coberta por uma cortina de gaze lilás transparente. Através dela Meredith pôde ver as paredes claras de pedra do prédio do século XIX que ficava atrás, com sua balaustrada de ferro batido e portas altas com venezianas, enfeitadas por jardineiras com gerânios e amores-perfeitos em tons de roxo e laranja.

Os únicos móveis do cômodo eram uma mesinha quadrada de madeira, bem no centro, cujas pernas eram visíveis sob a toalha de linho preta e branca, coberta por círculos e outros símbolos astrológicos, e duas cadeiras de espaldar reto, uma de cada lado. Os assentos eram de palhinha, como nos quadros de Van Gogh, pensou ela.

Ouviu uma porta bater em algum outro lugar do prédio e, em seguida, passos. Sentiu-se ruborizar. Envergonhou-se de estar ali sem ser chamada e já ia saindo quando uma mulher apareceu atrás de um biombo de bambu, no lado oposto da sala.

Atraente, 40 e poucos anos, usava uma blusa justa e calças cáqui, tinha o cabelo castanho, salpicado de grisalho, cortado na altura dos ombros — um corte visivelmente caro —, e exibia um sorriso fácil, não se parecendo em nada com o que Meredith imaginava ser uma leitora de cartas de tarô. Nada de brincos de argola nem lenço na cabeça.

— Eu bati — disse Meredith, sem jeito. — Ninguém atendeu, então fui entrando. Espero que não haja problema.

A mulher sorriu.

— Tudo bem.

— Você é inglesa? Ela tornou a sorrir.

— Reconheço minha culpa. Tomara que você não tenha esperado muito. Meredith abanou a cabeça.

— Alguns minutos.

A mulher estendeu a mão:

— Eu sou a Laura. Cumprimentaram-se.

— Meredith.

Laura puxou uma cadeira e fez um gesto:

— Sente-se. Meredith hesitou.

— É natural ficar nervosa. Quase todos ficam, na primeira vez — disse

Laura.

Meredith tirou o panfleto do bolso e o pôs na mesa.

— Não é isso, é que... uma menina me deu esse panfleto na rua, uns dias atrás. Como eu ia passando... —tornou a se interromper. — É uma espécie de pesquisa.

Não quero desperdiçar seu tempo.

Laura pegou o panfleto e uma expressão de reconhecimento cruzou-lhe o rosto.

— Minha filha falou de você.

— Foi? — indagou Meredith, aguçando o olhar.

— A semelhança — comentou Laura, olhando pa-

ra a figura de La Justice. — Ela disse que você era a imagem perfeita dela.

Fez uma pausa, como se esperasse Meredith dizer alguma coisa. Quando isso não aconteceu, sentou-se à mesa.

— Você mora em Paris? — perguntou, apontando

para a outra cadeira.

— Só estou de visita. Sem ter propriamente essa intenção, Meredith descobriu-se sentando. Laura sorriu.

— Acertei ao supor que esta é a primeira vez que você faz uma leitura?

— Sim — respondeu Meredith, ainda empoleirada na borda da cadeira. *Mensagem clara — não pretendo me demorar.*

— Certo. Presumindo que você tenha lido o panfleto, sabe que a sessão de meia hora custa trinta euros; cinquenta por uma hora inteira?

— Meia hora está ótimo.

De repente, sentiu a boca seca. Laura a olhava, olhava *de verdade*, como se tentasse ler cada traço, cada nuance, cada sombra de seu rosto.

— Pois que seja, mas, como não tenho ninguém depois de você, se mudar de ideia, poderemos continuar.

Há alguma questão em especial que você queira explorar, ou é só um interesse geral?

— Como eu disse, é uma pesquisa. Estou trabalhando numa biografia. Nesta rua, exatamente neste local, aliás, havia uma livraria famosa que é muito falada. Essa coincidência, como imagino que se poderia dizer, me atraiu muito — explicou Meredith. E sorriu, procurando relaxar. — Embora a sua... sua filha, não é...? — Laura fez que sim — tenha dito que não existem coincidências.

Laura sorriu.

— Entendo. Você tem esperança de encontrar uma espécie de eco do passado.

— Isso mesmo — retrucou Meredith, com um suspiro de alívio. Laura balançou a cabeça.

— Certo. Alguns clientes têm preferência por um certo tipo de leitura. Têm um problema particular que querem examinar... pode ser o trabalho, um relacionamento, uma decisão importante a tomar, qualquer coisa, na verdade. Outros buscam alguma coisa mais geral.

— Geral está ótimo. Laura sorriu.

— Certo. A próxima decisão é o baralho que você gostaria de usar. Meredith pareceu sem jeito.

— Desculpe, eu realmente não entendo nada disso.

Fico contente se você escolher por mim.

Laura apontou para uma fileira de baralhos diferentes, todos com a face voltada para baixo, dispostos ao longo de uma lateral da mesa:

— Reconheço que no começo é confuso, mas é melhor você mesma escolher. Basta ver se gosta da sensa-

ção de algum deles em particular, está bem? Meredith encolheu os ombros.

— É claro.

Laura pegou o baralho mais próximo e dispôs as cartas em leque na mesa. Todas tinham o verso azul-real, com cometas dourados de cauda longa.

— São lindas — disse Meredith.

— Esse é o Tarô Universal de Waite, um baralho muito popular.

O seguinte tinha um padrão simples repetido no verso, em vermelho e branco.

— Este, sob muitos aspectos, é o baralho clássico

— disse Laura. — Chama-se Tarô de Marselha. Data do século XVI. E um baralho que uso de vez em quando, embora, na verdade, seja meio simples para as preferências atuais. A maioria dos consulentes prefere baralhos modernos.

Meredith levantou as sobrancelhas e indagou:

— Perdão, consulentes?

— Desculpe-me — sorriu Laura. — Consulente é a pessoa que pede a interpretação, a pessoa que faz as perguntas.

— Certo.

Meredith olhou para a fileira de baralhos e apontou para um que era um pouco menor do que os outros. As cartas tinham um bonito verso verde-escuro, com linhas douradas e prateadas em filigrana.

— Qual é esse? Laura sorriu.

— É o Tarô Bousquet.

— Bousquet? — repetiu Meredith. Uma lembrança cruzou-lhe a mente, trazendo-lhe a certeza de haver deparado com aquele nome em algum lugar. — Esse é o nome do pintor?

Laura abanou a cabeça.

— Não, é o nome da editora que fez a publicação original do baralho. Ninguém sabe quem foi o pintor nem quem encomendou as cartas, para começar. Praticamente tudo o que sabemos é que ele se originou no sudoeste da França,

ali pelo finalzinho da década de 1890.

Meredith sentiu um arrepio na nuca.

— Em que lugar do sudoeste, exatamente?

— Não me lembro com precisão. Em algum ponto

da região de Carcassonne, acho.

— Já ouvi falar — comentou Meredith, visualizando mentalmente o mapa da região. Rennes-les-Bains ficava bem no meio.

De repente, percebeu que Laura a fitava com um interesse aguçado.

— Há alguma coisa...?

— Não, não é nada — apressou-se a dizer. — Achei que o nome era conhecido, só isso. Desculpe, eu a interrompi — acrescentou com um sorriso.

— Eu só ia dizer que o baralho original, ou parte dele, pelo menos, é muito mais antiga. A rigor, não há como termos certeza de quão autenticas são todas as imagens, porque os arcanos maiores têm características que sugerem que eles foram acrescentados, ou pelo menos modificados, posteriormente. Os desenhos e as roupas dos personagens de algumas cartas são contemporâneos dos estilos do final do século, mas os arcanos menores são mais clássicos. Meredith fez uma expressão intrigada.

— Arcanos maiores, arcanos menores? — indagou, sorridente. — Desculpe, mas realmente não entendo nada disso. Posso lhe fazer umas perguntas, antes de prosse-guirmos?

Laura riu.

— É claro.

— Está bem, muito básico, para começar. Quantas cartas são?

— Com algumas pequenas exceções contemporâneas, há 78 cartas num baralho-padrão de tarô, divididas em arcanos maiores e arcanos menores. *A r cana* é a

palavra latina correspondente a “segredos”. Os arcanos maiores, num total de vinte e duas cartas, são numerados de um a 21, sem número para o Bobo, e são exclusivos do baralho de tarô. Cada um tem uma imagem alegórica e um conjunto de sentidos narrativos claros.

Meredith deu uma olhada na imagem da Justiça no panfleto.

— Como essa, por exemplo.

— Exatamente. As outras 56, que são os arcanos menores, ou cartas pontuadas, como às vezes são conhecidas, dividem-se em quatro naipes e se parecem com as cartas comuns usadas nos jogos, exceto pelo fato de haver uma carta a mais de figura. Assim, num baralho-padrão de tarô, temos o Rei, a Rainha, o Valete e a carta adicional, o Pajem, antes do Dez. Diferentes baralhos dão nomes diferentes aos naipes: pentáculos ou moedas, copas, varas ou bastões, e espadas. Em linhas gerais, eles correspondem aos naipes dos baralhos comuns de jogo: ouros, copas, paus e espadas.

— Certo.

— Quase todos os especialistas concordam em que as primeiras cartas de tarô, as que se assemelham aos baralhos que temos hoje, vieram do norte da Itália e datam de meados do século XV. Mas o renascimento do tarô moderno começou nos primeiros anos do século passado, quando um ocultista inglês, Arthur Edward Waite, produziu um novo baralho. A principal inovação dele foi conferir um sentido individual e simbólico, pela primeira vez, a cada uma das 78 cartas. Antes disso, as cartas pontuadas só tinham números.

— E o baralho da Bousquet?

— As cartas de figuras dos quatro naipes são ilus-tradas. O estilo de pintura sugere que datam do fim do século XVI. Certamente são anteriores a Waite. Mas os arcanos maiores são diferentes. Como eu disse, a roupa dos personagens é decididamente europeia, do fim da década de 1890.

— Como é possível?

— Há um consenso de que o editor, Bousquet, não tinha um conjunto completo de cartas com que trabalhar, por isso mandou que os arcanos maiores fossem pintados, ou então os copiou, no estilo e com as características das cartas

existentes.

— Copiou-os de onde? Laura encolheu os ombros.

— De fragmentos de cartas preservadas, ou, possivelmente, de ilustrações do baralho original em algum livro. Como eu disse, não sou especialista.

Meredith tornou a olhar para as cartas com o verso verde-escuro, pontilhado de dourado e prateado.

— Alguém fez um trabalho benfeito — comentou.

Laura abriu um leque do naipe de pentáculos na mesa, de frente para Meredith, começando pelo ás e ter-minando no rei. Depois, distribuiu algumas cartas dos arcanos maiores no topo do baralho.

— Está vendo a diferença entre os dois estilos?

Meredith balançou a cabeça.

— É claro, mas eles são bem parecidos, especialmente as cores. Laura bateu numa das cartas e continuou:

— Essa é outra modificação singular do Tarô Bousquet. Além de os nomes das cartas de figuras terem sido alterados, usando-se Senhor e Senhora, por exemplo, em vez de Rei e Rainha, também há toques pessoais em alguns dos grandes arcanos. Esta aqui, por exemplo, a carta II, costuma ser chamada de Suma Sacerdotisa, ou Papi-sa. Aqui, ela tem o título de A Sacerdotisa, La Prêtresse. A mesma figura também aparece aqui, na carta VI, como um dos enamorados, Les Amoureux. E, se você olhar para a carta XV, O Diabo, verá que é novamente a mesma mulher, acorrentada aos pés do demônio.

— E isso é incomum?

— Muitos baralhos vinculam as cartas VI e XV, mas não costumam associar a II também.

— Então, alguma pessoa — disse Meredith devagar, pensando em voz alta —, por conta própria ou seguindo instruções, teve um trabalho enorme para personalizar essas cartas.

Laura assentiu com a cabeça.

— Aliás, algumas vezes me perguntei se os arcanos maiores desse baralho não seriam baseados, na verdade, em pessoas reais. As expressões de alguns rostos parecem muito vividas.

Meredith deu uma olhada na imagem da justiça na frente do panfleto.

O rosto dela é igual ao meu.

Olhou para Laura, do outro lado da mesa, com um impulso repentino de lhe dizer alguma coisa sobre a busca pessoal que a tinha levado a França. De lhe dizer que, dali a poucas horas, estaria partindo para Rennes-les-Bains.

Mas Laura recomeçou a falar e o momento passou.

— O Tarô Bousquet também respeita as associa-

ções tradicionais. Por exemplo, o naipe de espadas é o do ar, que representa a inteligência e o intelecto; varas é o naipe do fogo, energia e conflito, copas é o naipe associado à água e às emoções. Por último, pentáculos — e bateu com o dedo na carta do rei sentado em seu trono, cercado pelo que pareciam ser moedas de ouro é o naipe da terra, da realidade física, do tesouro.

Meredith examinou as imagens com intensa concentração, como se gravasse cada uma na memória, depois balançou a cabeça para que Laura soubesse que havia terminado.

Laura limpou a mesa, deixando apenas os arcanos maiores, que dispôs em três fileiras de sete cartas voltadas para Meredith, do número menor para o maior. Le Mat —a carta zero, o Bobo sem número — ela colocou sozinho no alto.

— Gosto de pensar nos arcanos maiores em termos de uma viagem prosseguiu. — Eles são os imponderáveis, as grandes questões da vida que não podem ser alteradas nem combatidas. Dispostas dessa maneira, fica claro que essas três fileiras representam os três níveis diferentes de desenvolvimento: o consciente, o inconsciente e a consciência superior.

Meredith sentiu seu gene de ceticismo entrar em ação. *É nesse ponto que a realidade cai fora.*

— No começo de cada fileira há uma imagem poderosa: Le Pagad, o Mago, no início da primeira. La Force no início da segunda. Por fim, no alto da fileira inferior temos a carta XV, Le Diable.

Alguma coisa se agitou na cabeça de Meredith quando ela fitou a imagem do demônio retorcido. Ao olhar para os rostos do homem e da mulher acorrentados aos pés do Diabo, veio-lhe um lampejo de reconhecimento. Depois, desapareceu.

— A vantagem de usarmos essa disposição dos arcanos maiores é que ela não apenas mostra a trajetória do Bobo, Le Mat, da ignorância para o esclarecimento, como também explicita as ligações verticais entre as cartas. Assim, você pode ver que a Força é a oitava do Mago, e que o Diabo é a oitava da Força. Outros padrões também sal-tam aos olhos: tanto o Mago quanto a Força têm o sinal do infinito acima da cabeça. Além disso, o Diabo levanta o braço num gesto que faz lembrar o Mago.

— Como dois lados da mesma pessoa.

— Pode ser — assentiu Laura. — Tudo no tarô tem a ver com os padrões, as relações entre uma carta e outra.

Meredith escutava apenas em parte. Algo que Laura tinha acabado de dizer a intrigava. Pensou por um instante até compreender.

Oitavas.

— Você geralmente explica esses princípios em termos musicais? — perguntou.

— Às vezes. Depende do consulente. Há muitas maneiras de explicar como o tarô pode ser interpretado; a música é só uma delas. Por que pergunta? Meredith encolheu os ombros, como quem não se importasse.

— Porque é a minha área de trabalho. Acho que eu só estava querendo saber se você tinha captado isso, de algum modo — e hesitou. — Não me lembro de ter mencionado nada a esse respeito, só isso.

Laura deu um sorrisinho.

— Essa ideia a incomoda?

— O quê: que você tenha captado isso de algum modo? Não — mentiu. Não estava gostando do jeito como aquilo a fazia sentir-se. O coração lhe dizia que talvez ela aprendesse alguma coisa sobre si mesma, sobre quem realmente era. E por isso queria que Laura entendesse bem a situação. Ao mesmo tempo, a cabeça lhe dizia que aquilo tudo era ridículo.

Apontou para a Justiça.

— Há notas musicais na bainha da saia dela. Esquisito, não é? Laura sorriu.

— Como disse a minha filha, não existem coincidências. Meredith riu, embora não achasse engraçado.

— Todos os sistemas divinatórios, como a própria música, trabalham por meio de padrões — continuou Laura. — Se você estiver interessada, houve um cartomante norte-americano, Paul Foster Case, que elaborou toda uma teoria para vincular particularidades dos arcanos maiores com as notas da escala musical.

— Talvez eu dê uma olhada.

Laura recolheu as cartas e juntou o baralho. Sustentou o olhar de Meredith, que, por um instante claro e intenso, teve certeza de que ela enxergava o interior de sua alma, vendo toda a ansiedade, a dúvida — e também a esperança — refletidas em seus olhos.

— Vamos começar? — perguntou Laura.

Mesmo sabendo que aquilo ia acontecer, o coração de Meredith vacilou.

— É claro. Por que não?

CAPÍTULO 15

— Vamos ficar com o baralho da Bousquet? — indagou Laura. — Parece claro que você sente uma ligação com ele. Meredith baixou os olhos. O verso das cartas lhe trazia à lembrança os bosques em torno da casa de Mary, em Chapel Hill. Cores do verão e do outono, todas misturadas. Muito diferentes dos tranquilos bairros residenciais de Milwaukee em que ela havia crescido.

— Está bem — concordou.

Laura tirou os outros três baralhos da mesa e o panfleto também.

— Como conversamos, vou fazer uma leitura geral.

Esta é minha maneira pessoal de pôr as cartas, baseada numa versão da cruz celta: uma leitura de dez cartas, usando o baralho inteiro, tanto os arcanos menores quanto os maiores. Dará uma visão geral excelente de onde você se encontra neste momento, do que aconteceu no seu passado recente e do que lhe pode reservar o futuro.

E voltamos para o território das maluquices. Mas Meredith descobriu o que queria saber.

— Na época em que o Tarô Bousquet foi impresso, no fim do século XIX, a interpretação das cartas ainda era misteriosa, dominada por cabalas e elites — prosseguiu Laura, e deu um sorriso. — Hoje as coisas são diferentes. Os intérpretes modernos procuram habilitar as pessoas, dar-lhes os instrumentos, a coragem, se você preferir, para se modificarem e mudarem sua vida. A interpretação tende a ser mais valiosa quando o consulente con-

fronta suas motivações ocultas ou seus padrões de comportamento inconscientes.

Meredith balançou a cabeça.

— A desvantagem é que há uma variedade quase infinita de interpretações. Há quem diga, por exemplo, que quando sai uma maioria de arcanos maiores, ao se porem as cartas, isso indica que a situação está fora do controle da pessoa, ao passo que uma maioria de arcanos menores sugere que o destino dela está nas próprias mãos.

Só posso adiantar, antes de começarmos, que vejo a interpretação como um guia do que *pode* acontecer, não do que acontecer.

— O.K.

Laura pôs o baralho na mesa entre elas.

— Embaralhe-as bem, Meredith. Não tenha pressa.

E, enquanto isso, pense no que você mais deseja descobrir, no que a trouxe aqui hoje. Algumas pessoas acham que fechar os olhos ajuda.

Havia uma brisa leve entrando pela janela aberta, um alívio depois da umidade anterior. Meredith pegou as cartas e começou a embaralhá-las. Aos poucos, o presente começou a se afastar de sua consciência, enquanto ela se perdia no movimento repetitivo.

Fragmentos de lembranças, imagens e rostos flutuaram por sua mente, em tons de sépia e cinza, depois se desmancharam. Sua mãe, bonita, vulnerável, perturbada.

Sua avó Louisa, sentada ao piano. O rapaz de aparência séria e uniforme militar, em tons sépia.

Toda a família que ela nunca havia conhecido.

Por um momento, sentiu-se flutuando no ar, sem peso. A mesa, as duas cadeiras, as cores, ela mesma, tudo visto de uma perspectiva diferente.

— Muito bem. Quando estiver pronta, abra os olhos — disse a voz de Laura, agora muito distante, ouvida e não ouvida, como o som da música depois que a nota se extingue.

Meredith piscou os olhos e a sala voltou correndo a seu encontro, indistinta, a princípio, depois mais luminosa do que antes, de algum modo.

— Agora, ponha o baralho na mesa e corte-o em três, com a mão esquerda.

Meredith obedeceu.

— Torne a juntar as cartas, com a pilha do centro primeiro, depois a de cima, depois a de baixo.

Sentiu Laura esperando que terminasse.

— Muito bem, a primeira carta que você vai tirar é o que chamamos de significador. Nesta leitura, é a carta que representará você, a consulente, a pessoa que você é hoje. O sexo da figura da carta não é importante, porque todas elas têm em si qualidades e características arquetípi-cas masculinas e femininas.

Meredith puxou uma carta do meio do baralho e a pôs à sua frente, com a lace para cima.

— A Moça de Espadas — disse Laura. — Espadas, lembre-se, é o naipe do ar, do intelecto. No baralho da Bousquet, a Moça de Espadas é uma figura poderosa, uma pensadora, uma pessoa forte. Ao mesmo tempo, é alguém que talvez não tenha uma ligação plena com os outros.

Isso pode dever-se à sua juventude, já que é frequente a carta indicar uma pessoa jovem, ou a decisões já tomadas.

Às vezes, pode indicar alguém no começo de uma jornada.

Meredith olhou para a imagem na carta. Uma mulher esguia e miúda, com um vestido vermelho que descia até os joelhos, cabelos pretos e lisos até os ombros. Parecia uma bailarina. Segurava a espada com as duas mãos, nem ameaçando nem como quem fosse ameaçada, mas como quem protegesse alguma coisa. Atrás dela, um pico montanhoso e irregular recortava-se contra um céu azul intenso, pontilhado de nuvens brancas.

— É uma carta ativa — disse Laura —, uma carta positiva. Uma das poucas cartas inequivocamente positivas de espadas.

Meredith assentiu com a cabeça. Dava para perceber.

— Tire outra. Ponha essa próxima carta ao lado da Moça de Espadas, ã sua esquerda. Essa segunda carta de-nota a sua situação tal como está agora. O meio em que você trabalha ou vive no presente, as influências exercidas sobre você.

Meredith pôs a carta no lugar.

— O Dez de Copas. Copas é o naipe da água, da emoção. Essa também é uma carta positiva. Dez é o número da conclusão. Marca o fim de um ciclo e o começo de outro. Sugere que você está num limiar, que está pronta para seguir adiante e fazer mudanças na situação atual, que já é de realização, de sucesso. É uma indicação de novos tempos que virão.

— Que tipo de limiar?

— Pode ser no trabalho, pode ser na vida pessoal, ou em ambos. As coisas

ficarão mais claras para você quanto mais avançarmos na interpretação. Tire de novo.

Meredith puxou uma terceira carta do baralho.

— Ponha essa abaixo e à direita do significador —instruiu Laura. — Essa indica possíveis obstáculos em seu caminho. Coisas, circunstâncias e até pessoas que podem impedi-la de seguir adiante, ou de introduzir mudanças, ou de alcançar seu objetivo.

Meredith desvirou a carta e a pôs na mesa.

— O Pagad — disse Laura. — Carta I, o Mago. *Pagad* é uma palavra arcaica, usada no Tarô Bousquet e não em muitos outros baralhos.

Meredith olhou bem para a imagem.

— Ele representa uma pessoa?

— Em geral, sim.

— Alguém em quem se possa confiar?

— Depende. Como o nome sugere, o Mago pode estar do seu lado, mas ele, ou ela, pode não estar. Muitas vezes, trata-se de alguém que funciona como um poderoso catalisador de transformações, embora sempre haja nessa carta um toque de astúcia, de equilíbrio entre o juízo e a intuição. O Mago exerce controle sobre todos os elementos — água, ar, fogo e terra e sobre os quatro símbolos dos naipes — copas, espadas, varas e pentáculos. Seu aparecimento talvez indique alguém capaz de usar a habilidade, como a linguagem ou o conhecimento, em seu benefício. Mas a pessoa pode igualmente usar os mesmos dons para obstruí-la de algum modo.

Meredith olhou para o rosto na carta. Olhos azuis penetrantes.

— Há alguém na sua vida que lhe pareça capaz de exercer esse papel?

— Ninguém em quem eu consiga pensar — disse Meredith, abanando a cabeça.

— Talvez seja alguém do passado que, apesar de não estar no seu dia a dia, ainda

exerça algum tipo de influência sobre o modo como você se vê. Alguém que, apesar de ausente, seja uma influência negativa. Ou alguém que você ainda esteja por conhecer. Do mesmo modo, pode ser alguém que você conhece, mas cujo papel na sua vida ainda não se tornou central.

Meredith tornou a olhar para a carta, atraída pela imagem e pelas contradições nela contidas, desejando que significasse alguma coisa. Não lhe ocorreu nada. Ninguém lhe veio à cabeça.

Tirou outra carta. Dessa vez, sua reação foi bem diferente. Ela sentiu uma onda de emoção, de calor. Era a imagem de uma jovem parada ao lado de um leão. Acima de sua cabeça estava o símbolo do infinito, como uma coroa. A jovem usava um vestido formal e antiquado, verde e branco, de mangas bufantes. O cabelo cor de cobre descia em ondas soltas pelas costas até a cintura fina. Exatamente, percebeu Meredith, do jeito que ela sempre havia imaginado *La Damoiselle Elue*, a donzela eleita de Debussy, metade Rossetti, metade Moreau.

Relembrando o que Laura dissera, Meredith não teve dúvida de que essa ilustração poderia ter-se baseado numa pessoa real. Leu o nome da carta: La Force. Número VIII. Olhos muito verdes, muito vividos.

E, quanto mais olhava, mais tinha certeza de ter visto aquela imagem — ou um similar real — numa fotografia, num quadro ou num livro. Loucura. É claro que isso não era possível. Mesmo assim, a ideia se enraizou.

Olhou para Laura, do outro lado da mesa.

— Fale-me desta — pediu.

CAPÍTULO 16

— Carta VIII, a Força, associada ao signo astrológico de Leão — disse Laura. — A quarta carta da leitura é tida como indicativa de uma questão singular, preponde-rante, na maioria das vezes inconsciente, não reconhecida pelo consulente, que influenciou a decisão de buscar uma interpretação. É um motivador poderoso. Algo que guia o consulente. Meredith protestou de imediato:

— Mas não foi assim...

— Eu sei — disse Laura, erguendo a mão. — Sim, sei que você me disseque foi um acaso, que minha filha enfiou um panfleto na sua mão, e que hoje você estava por aqui e teve tempo para subir, mas, ao mesmo tempo, Meredith, será que não haveria algo mais no fato de você estar sentada aqui? — Fez uma pausa. — Você poderia ter seguido adiante. Não ter resolvido entrar.

— Talvez. Não sei — ponderou Meredith. — Acho que sim.

— Há alguma situação ou pessoa em particular a quem você possa associar esta carta?

— Não que eu me lembre, mas... _Sim?

— A moça. O rosto dela. Há alguma coisa familiar nela, embora eu não saiba o quê.

Meredith viu Laura franzir a testa.

— O que foi?

A inglesa baixou os olhos para as quatro cartas postas na mesa.

— Na maioria das vezes, as leituras baseadas nas cartas postas de acordo com a cruz celta têm um padrão sequencial direto — disse. Meredith percebeu a hesitação em sua voz. — Embora ainda esteja cedo na leitura, em geral, neste ponto, já estão claros para mim os acontecimentos que pertencem ao passado, ao presente e ao futuro — e fez outra pausa. Mas aqui, por alguma razão, A linha do tempo é confusa. A sequência parece saltar para a frente e para trás, como se houvesse uma turvação dos acontecimentos. Coisas deslizando entre o passado e o presente.

Meredith inclinou-se para a frente.

— O que quer dizer? Que você não pode interpretar as cartas da maneira como as estou tirando?

— Não — ela se apressou a responder. — Não, não é bem isso — e tornou a hesitar. — Para ser franca, Meredith, não sei muito bem o que estou dizendo — declarou, dando de ombros. — As coisas se encaixarão, se seguirmos em frente.

Meredith não soube como reagir. Queria que Laura fosse mais explícita, mas não conseguiu pensar em que perguntas faria para obter as respostas de que precisava, de modo que não disse nada.

No fim, foi Laura quem rompeu o silêncio.

— Tire de novo. A quinta carta, que significa o passado recente. Meredith puxou o Oito de Pentáculos invertido e fez uma careta ante a sugestão de Laura de que ele talvez indicasse que o trabalho árduo e a habilidade poderiam não colher os benefícios esperados.

A sexta carta, associada ao futuro imediato, foi o Oito de Varas invertido. Meredith sentiu os pelos da nuca se arrepiarem. Olhou de relance para

Laura, mas ela não fez nada que revelasse estar prestando atenção especial ao padrão que emergia.

— Essa é uma carta de movimento, de ação clara

— disse a intérprete. — Sugere que o trabalho dedicado e os projetos chegam à fruição. Coisas prestes a decolar. De certo modo, é o mais otimista dos oitos — comentou.

Interrompeu-se e olhou para Meredith: — Presumo que todas essas referências ao trabalho signifiquem alguma coisa para você, não é?

Ela fez que sim.

— Estou escrevendo um livro, portanto, sim, tudo isso faz sentido. — Fez uma pausa. — Mas... o sentido se altera quando a carta está de cabeça para baixo, como aqui?

— Quando invertida, ela indica demora. Uma perturbação da energia, enquanto um projeto permanece em suspenso.

Como abandonar Paris para ir a Rennes-les-Bains, por exemplo, pensou Meredith. Como pôr as questões pessoais, e não as profissionais, no centro do palco.

— Isso, infelizmente, também faz sentido — comentou, com um sorriso irônico.

— Você o veria como uma advertência para eu não me desviar, ou não me deixar apanhar por outras coisas?

— É provável, embora o atraso não seja necessariamente ruim. Talvez seja a coisa certa para você fazer neste momento.

Meredith intuiu que Laura aguardava e observava, até ela se dar por satisfeita com essa carta, antes de lhe pedir que tirasse outra.

— Essa representa o ambiente em que os eventos atuais ou futuros deverão desenrolar-se, ou já estão se de-

senrolando. Coloque-a acima da carta seis. Meredith puxou a sétima carta e a abriu.

A imagem mostrava uma torre alta e cinzenta sob um céu carregado. Um único relâmpago bifurcado parecia cortar a figura em duas. Meredith estremeceu, antipatizan-do imediatamente com ela. E, embora continuasse tentando dizer a si mesma que aquilo tudo era um absurdo, desejou não tê-la tirado.

— La Tour — leu em voz alta. — Não é uma carta boa?

— Nenhuma carta é boa ou má — respondeu Lau-

ra, automaticamente, embora sua expressão indicasse uma outra mensagem. — Depende do ponto em que ela aparece na leitura e de sua relação com as cartas em volta. Dito isso — prosseguiu, depois de uma pausa —, a Torre é tradicionalmente interpretada como indicativa de mudanças drásticas. Pode sugerir a destruição, o caos.

Olhou de relance para Meredith, tornou a baixar os olhos para a carta e continuou:

— Interpretada positivamente, é uma carta de libertação: é quando o edifício de nossas ilusões, limitações e fronteiras desmorona, deixando-nos livres para começar de novo. É um lampejo de inspiração, se você quiser. Não é necessariamente negativa.

— Claro, entendi — disse Meredith, meio impaciente. — Mas e quanto a aqui e agora? Não é assim que você a está interpretando, certo?

Laura enfrentou seu olhar.

— Conflito. É assim que eu a vejo.

— Entre...? — rebateu Meredith.

— Isso é algo que só você pode saber. Talvez seja aquilo a que aludiu antes, um conflito entre exigências pessoais e profissionais. Do mesmo modo, pode ser uma discrepância entre o que as pessoas esperam de você e o que você pode dar, o que talvez leve a algum tipo de mal-entendido.

Meredith não disse nada, tentando repelir a ideia que fazia força para entrar em sua consciência, saindo de onde ela a havia enterrado.

E se eu descobrir alguma coisa sobre o meu passado que mo-difique tudo?

— Há alguma coisa em especial a que você ache que essa carta possa referir-se? — indagou Laura, baixinho.

— Eu... — começou Meredith, mas se deteve. —

Não — respondeu, com mais firmeza do que sentia. —

Como você disse, pode significar inúmeras coisas.

Hesitou, nervosa quanto ao que poderia vir em seguida, e puxou outra carta.

A seguinte, que representava o eu, foi o Oito de Copas.

— Você deve estar brincando — resmungou entre dentes, apressando-se a tirar a carta seguinte. O Oito de Espadas.

Ouviu Laura prender a respiração.

Outra oitava.

— Todos os oitos. Qual é a probabilidade disso?

Laura não respondeu de imediato.

— É incomum, com certeza — acabou dizendo.

Meredith estudou as cartas na mesa. Não eram só as oitavas ligando os arcanos maiores nem a repetição do número oito. Eram também as notas musicais no vestido da Justiça e os olhos verdes da mocinha em La Force.

— A probabilidade de uma carta sair, é claro, é a mesma para todas — disse Laura, mas Meredith percebeu que estava dizendo o que achava que devia, e não o que realmente estava pensando. — Não é mais nem menos provável saírem todas as quatro cartas de um número ou uma figura, numa leitura, do que qualquer outra combina-

ção de cartas.

— Mas isso já lhe aconteceu antes? — indagou Meredith, pouco disposta a deixar Laura safar-se da dificuldade. — Sério mesmo? Todas as cartas de um número, saindo assim? — insistiu. Deu uma olhada para a mesa. —

E La Tour, carta XVI. Essa também é um múltiplo de oito.

Com relutância, Laura abanou a cabeça:

— Não, não que eu me lembre. Meredith bateu na carta com o dedo:

— O que significa o Oito de Espadas?

— Interferência. Uma indicação de que alguma coisa... ou alguém... a detém.

— Como Le Pagad?

— Talvez, mas... — Laura parou, claramente escolhendo as palavras com cuidado. — Há histórias paralelas aqui. De um lado, há indícios claros da culminação iminente de um grande projeto, seja no trabalho, seja na sua vida pessoal, ou, possivelmente, em ambos — disse e ergueu os olhos. — Certo?

Meredith franziu a testa.

— Continue.

— Correndo em paralelo, há indícios de uma viagem ou uma mudança de situação.

— Certo, digamos que isso se encaixa, mas... Laura a interrompeu:

— Sinto que há mais alguma coisa. Não está inteiramente claro, mas sinto que *existe* alguma coisa. Esta última carta... é algo que você está prestes a descobrir, ou a desvendar.

Os olhos de Meredith se estreitaram. Durante tudo aquilo, ela dissera repetidamente a si mesma que era só uma diversãozinha inocente. Que não significava nada.

Então, por que seu coração dava cambalhotas?

— Lembre-se, Meredith — disse Laura, em tom urgente —, a arte da adivinhação através da disposição e interpretação das cartas não tem a ver com uma afirmação de que algo *acontecerá* ou *não acontecerá.* Tem a ver com investigar possibilidades, descobrir motivações e desejos inconscientes que possam ou não resultar num dado padrão de comportamento.

— Eu sei.

E só uma diversão inocente.

Mas alguma coisa na intensidade de Laura, na expressão de ardorosa concentração de seu rosto, tornava aquilo mortalmente sério.

— A interpretação do tarô deve aumentar o livre-arbítrio, não diminuí--lo — disse Laura —, pela simples razão de que a leitura nos diz mais sobre nós mesmos e sobre as questões que enfrentamos. Você fica livre para tomar suas decisões, decisões melhores. Para decidir que caminho tomar.

Meredith balançou a cabeça.

— Compreendo.

Súbito, só teve vontade de acabar com aquilo. Tirar a última carta, ouvir o que Laura tivesse a dizer e sair dali.

— Desde que você se lembre disso — insistiu Laura.

Meredith ouviu a advertência muito real em sua voz. E teve de combater a ânsia

de se levantar da cadeira no mesmo segundo.

— Esta última carta, a carta dez, completará a leitura. Ela fica no alto, do lado direito.

Por um instante, a mão de Meredith pareceu pairar sobre o baralho de tarô. Ela quase pôde discernir as linhas invisíveis que ligavam sua pele ao verde, dourado e prateado do verso das cartas.

Em seguida, puxou a carta e a virou.

Um som escapou-lhe dos lábios. Do outro lado da mesa, percebeu o punho de Laura se fechando.

— A Justiça — anunciou Meredith, com a voz firme. — Sua filha disse que eu era parecida com ela — acrescentou, embora já o tivesse dito.

Laura não a fitou nos olhos.

— A pedra associada à Justiça é a opalina — comentou. Meredith achou que ela parecia estar lendo a informação nas páginas de um livro. — As cores associadas a essa carta são as da safira e do topázio. Há também um signo astrológico ligado a ela. Libra.

Meredith deu uma risada oca.

— Eu sou de Libra. Meu aniversário é no dia 8 de outubro.

Laura continuou sem reação, como se também essa informação não a surpreendesse.

— La Justice, no Tarô Bousquet, é uma carta poderosa — continuou. — Se você aceitar a ideia de que os arcanos maiores são a jornada do Bobo desde a santa ignorância até o esclarecimento, a Justiça fica no ponto intermediário.

— E significa?

— Em geral, quando ela aparece ao se porem as cartas, é uma instrução para que se mantenha uma perspectiva equilibrada. O consulente deve certificar-se de não se deixar desvirtuar, e de chegar a uma compreensão im-parcial e apropriada da

situação.

Meredith sorriu.

— Mas ela está invertida — disse, admirada com sua própria calma. Isso muda as coisas, não é?

Por um momento, Laura não respondeu.

— Não muda? — insistiu Meredith.

— Quando invertida, a carta alerta para uma injustiça. Talvez preconceito e tendenciosidade, ou uma decisão injusta, em termos judiciais. Também traz em si a raiva de a pessoa ser julgada, ou erroneamente julgada.

— E você acha que essa carta representa a mim?

— Creio que sim — ela acabou dizendo. — Não só por ter sido a última a sair — hesitou. — E não só por haver essa óbvia semelhança física — e tornou a parar.

Meredith a olhou.

— Laura?

— Está bem. Creio que ela representa você, mas, ao mesmo tempo, acho que não indica uma injustiça co-metida contra você. Estou mais inclinada a achar que talvez você seja chamada a corrigir uma injustiça. Você como agente da justiça — disse. Levantou os olhos. — Talvez tenha sido isso que intuí antes. Que há uma outra coisa, que há mais alguma coisa por trás das histórias explícitas indicadas na disposição das cartas.

Meredith correu os olhos pelas dez cartas postas na mesa. As palavras de Laura giravam em sua cabeça.

Tem a ver com investigar possibilidades, descobrir motivações e desejos inconscientes.

O Mago e o Diabo, ambos com gélidos olhos azuis, sendo o primeiro o dobro da oitava do segundo. Todos os oitos, o número do reconhecimento, da realização.

Meredith estendeu a mão e pegou a quarta carta da mesa, depois a última. Força e justiça.

Por algum motivo, elas pareciam combinar.

— Por um momento — disse, baixinho, falando tanto consigo mesma quanto com Laura —, achei que havia compreendido. Como se em algum lugar, abaixo da superfície, tudo fizesse sentido.

— E agora?

Meredith levantou a cabeça. Por um instante, as duas sustentaram o olhar uma da outra.

— Agora são apenas desenhos. Apenas formas e cores.

As palavras ficaram no ar entre elas. Então, sem aviso, as mãos de Laura avançaram e ela recolheu as cartas, como se não quisesse deixar a disposição intacta por nem mais um minuto.

— Você deve levá-las — disse. — Elaborar as coisas sozinhas. Meredith a olhou e tornou a olhar, certa de ter ouvido mal.

— O que disse?

Mas Laura estava estendendo as cartas.

— O lugar desse baralho é com você.

Percebendo que não fora um mal-entendido, Meredith começou a objetar.

— Eu não poderia...

Mas Laura já estava apanhando alguma coisa embaixo da mesa. Pegou um quadrado grande de seda preta e nele embrulhou as cartas.

— Pronto — disse, empurrando-as por cima da mesa. — Outra tradição do tarô. Muita gente acha que a pessoa nunca deve comprar um baralho para si. Que deve sempre esperar que o baralho certo lhe seja dado de presente.

Meredith abanou a cabeça.

— Laura, eu não poderia aceitá-lo. Além disso, não saberia o que fazer com ele.

Levantou-se e vestiu a jaqueta. Laura também se levantou.

— Creio que você precisa dele.

Por um momento, seus olhos tornaram a se encontrar.

— Mas eu não o quero.

Se o aceitar, não haverá como voltar atrás.

— O lugar desse baralho é com você — insistiu Laura. Fez uma pausa. — E acho que, no fundo, você sabe disso.

Meredith sentiu-se oprimida pela sala. As paredes coloridas, a toalha estampada na mesa, as estrelas e meias-luas e sóis, todos pulsaram, aumentando, diminuindo, mudando de forma. E houve mais alguma coisa, um ritmo que soou em sua cabeça, quase uma melodia. Ou o vento nas árvores.

Enfin. Finalmente.

Ouviu a palavra com a mesma clareza que se a tivesse pronunciado. Tão nítida, tão alta, que chegou a se virar, achando que talvez houvesse entrado alguém às suas costas. Não havia ninguém.

Coisas deslizando entre o passado e o presente.

Não queria ter nada a ver com o baralho, mas, diante da determinação de Laura, achou que nunca sairia daquela sala se não o aceitasse.

Aceitou-o. Depois, sem mais uma palavra, virou-se e desceu a escada correndo.

CAPÍTULO 17

Meredith perambulou pelas ruas de Paris sem no-

ção do tempo, segurando o baralho e achando que, a qualquer momento, ele poderia explodir e carregá-la consigo, de algum modo. Não queria aquelas cartas, mas compreendeu que não teria forças para se livrar delas.

Somente ao ouvir os sinos da igreja de Saint-Gervais baterem uma hora foi que se deu conta de estar prestes a perder o voo para Toulouse.

Tratou de se recompor. Fez sinal para um táxi e, gritando para o motorista que ele receberia uma boa gorjeta se a levasse a seu destino depressa, entrou no trânsito cantando pneus.

Chegaram à rue du Temple em dez minutos exatos.

Meredith precipitou-se para fora do táxi e, deixando o taxímetro correr, disparou pelo saguão e pelas escadas do hotel e entrou no quarto. Jogou as coisas de que precisaria na sacola de viagem, pegou o laptop e o carregador e tornou a descer em disparada. Deixou com a recepcionista as coisas que não ia levar, confirmou que voltaria a Paris no fim da semana para mais duas noites, tornou a entrar no táxi e partiu pela cidade em direção ao aeroporto de Orly.

Chegou com uma antecedência de apenas 15 minutos.

Durante todo esse tempo, funcionou no piloto automático. Seu eu eficiente e organizador entrou em ação, mas ela fez apenas os movimentos físicos, porque o cérebro estava noutro lugar. Frases parcialmente lembradas, ideias a-

preendidas, sutilezas que haviam escapado. Todas as coisas ditas por Laura.

O que aquilo me fez sentir.

Só ao passar pela segurança foi que se deu conta de que, na pressa de sair daquela salinha, esquecera-se de pagar a sessão a Laura. Sentiu-se inundar por uma onda de vergonha. Calculando ter passado pelo menos uma hora lá, talvez mais perto de duas,fez uma anotação mental para enviar o dinheiro e um extra pelo correio, assim que chegasse a Rennes-les-Bains. *Sortilège.* A arte de ver o futuro nas cartas.

Quando o avião levantou voo, Meredith tirou da bolsa o caderno de notas e começou a rabiscar tudo de que se lembrava. Uma jornada. O Mago e o Diabo, ambos de olhos azuis, nenhum dos dois inteiramente dignos de confiança. Ela como agente da justiça. Todas as cartas de número oito.

Enquanto o 737 cruzava os céus azuis do norte da França, sobrevoando o Maciço Central e seguindo o sol rumo ao sul, Meredith escutou a *Suíte Bergamasque* de

Debussy nos fones de ouvido e escreveu até ficar com o bra-

ço doendo, enchendo de anotações e desenhos benfeitos as pequenas páginas pautadas, uma após outra. As palavras de Laura ecoavam repetidamente em sua cabeça, como se descrevessem círculos, lutando com a música.

Coisas que deslizam entre o passado e o presente.

E o tempo todo, como um convidado indesejado, a presença do baralho espreitava na bolsa, no bagageiro acima de sua cabeça. O Livro de Imagens do Diabo.



PARTE III

Rennes-les-Bains

Setembro de 1891



CAPÍTULO 18

PARIS

QUINTA-FEIRA, 17 DE SETEMBRO DE 1891

Uma vez tomada a decisão de aceitar o convite de Isolde Lascombe, Anatole acionou as providências para a partida imediata. Tão logo terminado o café da manhã, saiu para despachar o telegrama e comprar passagens de trem para o dia seguinte, deixando Marguerite encarregada de levar Léonie para comprar os artigos de que pudesse necessitar durante seu mês no interior. Primeiro elas foram à La Maison Léoty comprar um conjunto dispendioso de roupas íntimas, que transformou a silhueta de Léonie e a fez sentir-se muito adulta. Na La Samaritaine, Marguerite comprou-lhe um novo vestido leve para o chá e um duas-peças apropriado para o outono no interior. Mostrou-se calorosa e meiga, mas distante, e Léonie percebeu que ela planejava alguma coisa. Suspeitou que fosse o crédito de Du Pont que a mãe estava usando para fazer as compras, e se resignou ao fato de que talvez eles retornassem a Paris em novembro e se descobrissem com um novo pai.

Léonie estava animada, mas também meio irritadiça

— um estado de espírito que atribuiu aos acontecimentos da noite anterior. Não tivera oportunidade de conversar com Anatole nem de comentar a coincidência temporal que levara à chegada do convite num momento tão opor-tuno para as necessidades dele.

Depois do almoço, aproveitando ao máximo a tarde amena e aprazível, Marguerite e Léonie passearam pelo Parque Monceau, um dos locais favoritos

dos filhos de embaixadores das residências diplomáticas próximas. Um grupo de meninos brincava de *Un, Deux, Trois, Loup* com grande exuberância, aos gritos e incentivando uns aos outros. Um grupo de meninas de laços de fita e anáguas brancas, vigiadas por babás e guarda-costas de tez escura, dedicava SC a pular amarelinha. *La Marelle* tinha sido uma das brincadeiras favoritas de Léonie na infância, e ela e Marguerite pararam para observar as meninas jogarem a pedra no quadrado e pularem. Pela expressão no rosto da mãe, Léonie percebeu que ela também recordava o passado com afeição. Aproveitou o momento para lhe fazer uma pergunta:

— Por que você não foi feliz na Herdade do Cade?

— Não era um ambiente em que eu me sentisse à vontade, *chérie,* só isso.

— Mas por quê? Era a companhia? O lugar em si?

Marguerite deu de ombros, como sempre fazia, não querendo se deixar levar.

— Deve haver uma razão — insistiu Léonie. A mãe suspirou.

— Meu meio-irmão era um homem estranho e solitário — disse, por fim. — Não desejava a companhia de uma irmã muito menor, e menos ainda ser parcialmente responsável pela segunda mulher do pai. Sempre nos sen-timos hóspedas indesejadas.

Léonie pensou um pouco.

— Você acha que vou gostar de lá?

— Ah, sim, tenho certeza — Marguerite apressouse a dizer. — A propriedade é belíssima e imagino que, em trinta anos, deve ter havido muitas melhorias.

— E a casa em si? Não houve resposta.

— *Maman?*

— Isso foi há muito tempo — retrucou ela, com firmeza. — Tudo deve ter mudado.

A manhã da partida, sexta-feira, 18 de setembro, despontou úmida e com ventos

fortes.

Léonie acordou cedo, com um nó de nervosismo no estômago. Agora que o dia havia chegado, de repente sentiu saudade do mundo que ia deixar para trás. Os sons da cidade, as fileiras de pardais pousados nos telhados dos prédios em frente, os rostos conhecidos de vizinhos e comerciantes, tudo lhe pareceu imbuído de um encanto pungente. Tudo lhe trazia lágrimas aos olhos.

Algo semelhante também parecia ter afetado Anatole, que se mostrava inquieto. Franzia a boca e tinha uma expressão apreensiva, parado à janela da sala de estar, vigilante, lançando olhares nervosos para um lado e outro da rua.

A criada anunciou que o transporte havia chegado.

— Informe ao cocheiro que desceremos imediatamente — disse o rapaz.

— Você vai viajar com essa roupa? — implicou Léonie, olhando para o fraque cinza e a sobrecasaca do irmão. — Parece estar indo para o escritório.

— A ideia é essa — retrucou ele, carrancudo, atravessando a sala e se aproximando da irmã.— Quando estivermos fora de Paris, trocarei isto por uma roupa menos formal.

Léonie enrubesceu, sentindo se idiota por não ter percebido. — É claro.

Ele pegou a cartola.

— Ande logo, *petite.* Não queremos perder nosso trem.

Embaixo, na rua, a bagagem foi colocada no fiacre.

— Saint-Lazare! — gritou Anatole, para que sua voz se fizesse ouvir acima do barulho do vento. — Esta-

ção Saint-Lazare.

Léonie abraçou a mãe e prometeu escrever. Os olhos de Marguerite estavam vermelhos, o que a surpreendeu e, por sua vez, também a deixou lacrimosa. Por isso, seus últimos minutos na rue de Berlin foram mais emo-cionados do que a jovem tinha previsto.

O fiacre afastou-se. No último minuto, quando ia dobrando a esquina na rue d'Amsterdam, Léonie abaixou a janela e se virou para trás, para onde deixara Marguerite sozinha na calçada.

— *Au revoir, Maman.*

Depois, recostou-se no assento e enxugou os olhos úmidos com o lenço. Anatole pegou sua mão e a ficou segurando.

— Tenho certeza de que ela estará muito bem sem nós — garantiu-lhe. Léonie fungou.

— O Du Pont cuidará dela.

— Você se enganou? O trem expresso não sai da estação Montparnasse, em vez da Saint-Lazare? — perguntou-lhe a irmã pouco depois, superada a vontade de chorar.

— Se alguém nos procurar — respondeu ele, num sussurro conspiratório —, quero que acredite que estamos partindo para os subúrbios do oeste. Entende?

Ela fez que sim.

— Entendo. Um blefe.

Anatole sorriu e bateu de leve na lateral do nariz.

Ao chegarem à estação Saint-Lazare, ele mandou transferir a bagagem para um segundo fiacre. Fez uma grande encenação de conversar com o cocheiro, mas Léonie notou que ele transpirava, apesar do tempo úmido e frio. As bochechas estavam rubras e das têmporas escorriam gotas de suor.

— Você está passando mal? — perguntou-lhe, apreensiva.

— Não — disse ele de pronto —, mas esse... subterfúgio me desgasta os nervos. Ficarei bem quando hou-vermos saído de Paris.

— O que você teria feito, se o convite não houvesse chegado quando chegou? — indagou ela, curiosa. Anatole encolheu os ombros:

— Teria tomado outras providências.

Léonie esperou que o irmão dissesse mais alguma coisa, mas ele permaneceu calado.

— A mamãe sabe dos seus... compromissos no Chez Frascati? — perguntou, por fim.

Anatole evitou responder.

— Se alguém fizer perguntas, ela foi bem instruída a alimentar a ilusão de que fomos para Saint-Germain-en-Laye. Os parentes de Debussy são de lá, portanto...

Pôs as duas mãos nos ombros da irmã e virou-a de frente para si:

— E então, *petite,* está satisfeita? Léonie empinou a cabeça.

— Estou.

— Sem mais perguntas?

Ela deu um sorriso sem jeito.

— Vou tentar.

Ao chegar à estação Montparnasse, Anatole praticamente atirou o pagamento pela corrida em cima do cocheiro e disparou estação adentro, como se tivesse nos calcanhares uma matilha de cães de caça. Léonie entrou na pantomima, compreendendo que, embora o irmão tivesse querido que eles fossem notados em Saint-Lazare, ali queria passar despercebido.

No interior da estação, Anatole procurou o quadro com a lista de partidas, levou a mão ao bolso do colete e pareceu reconsiderar.

— Você não sabe onde pôs o relógio?

— Ele foi levado durante o assalto — veio a resposta, em tom desatento.

Seguiram pela plataforma até encontrar seus lugares. Léonie leu nos vagões os avisos sobre os locais em que o trem deveria parar: Laroche, Tonnerre, Dijon,

Mâ-con, Lyon-Perranche, às seis horas da tarde, depois Valence, Avignon e, por fim, Marselha.

No dia seguinte eles deveriam pegar o trem costeiro de Marselha para Carcassonne. Depois, na manhã de domingo, partiriam de Carcassonne para Couiza-Montazels, a estação ferroviária mais próxima de Rennes-les-Bains. De lá, segundo as instruções da tia, seria um trajeto curto de charrete até a Herdade do Cade, no sopé da cordilheira de Corbières.

Anatole comprou um jornal e se afundou atrás dele. Léonie observou as pessoas que passavam. Cartolas e fraques, senhoras com amplas saias rodadas.

Um mendigo de rosto fino e dedos sujos levantou uma janela de seu vagão da primeira classe para pedir es-molas, até que o guarda o expulsou.

Ouviu-se um último silvo agudo e estrídulo do apito, depois um urro da locomotiva, quando ela cuspiu seu primeiro jato de vapor. Voaram faíscas. Veio então o ranger de metal contra metal, outro arroto da chaminé negra e, pouco a pouco, as rodas começaram a girar.

Enfin.

O trem começou a ganhar velocidade ao se afastar da plataforma. Léonie recostou-se no assento, vendo Paris desaparecer em meio a ondas de fumaça branca.



CAPÍTULO 19

COUIZA

DOMINGO, 20 DE SETEMBRO

Léonie tinha apreciado a viagem de três dias pela França. Tão logo o Expresso deixara para trás a sombria *banlieue* parisiense, Anatole havia recuperado o bom humor e a divertira com várias histórias, jogando partidas de baralho e conversando sobre como passariam o tempo nas montanhas.

Pouco depois das seis da tarde, na sexta-feira, haviam desembarcado em Marselha. No dia seguinte, haviam prosseguido pelo litoral até Carcassonne e passado uma noite incômoda num hotel sem água quente e com empregados mal-humorados. Léonie tinha acordado com dor de cabeça nessa manhã e, dada a dificuldade de encontrar um fiacre numa manhã de domingo, por pouco os dois não haviam perdido a conexão.

No entanto, assim que o trem deixou os arredores da cidade, o humor da adolescente melhorou. Agora, seu guia turístico jazia descartado no banco, ao lado de um livro de contos. A paisagem viva e animada do Midi começou a exercer seu encanto.

Os trilhos acompanharam a curva do rio Aude em direção ao sul, passando por seu vale prateado rumo aos Pireneus. No começo, seguiram ao lado da estrada. A terra era plana e desabitada. Mas Léonie não tardou a ver filei-

ras de vinhas à esquerda e à direita, além de um ou outro campo de girassóis ainda em flor, luminosos e amarelos, com as cabeças inclinadas para o leste.

Vislumbrou um pequeno vilarejo — não mais que um punhado de casas — empoleirado numa colina distante e pitoresca. Depois outro, com as casas de telhados vermelhos aglomeradas em torno da torre dominante da igreja. Mais perto, nos arredores das cidades à beira da ferrovia, havia hibiscos cor-de-rosa, bougainvílleas, os pungentes lilases, arbustos de alfazema e papoulas silvestres. As cápsulas verdes e espinhosas das castanheiras pendiam de seus galhos carregados. Ao longe, silhuetas douradas e polidas de cobre, único indício de que o outono aguardava nos bastidores.

Ao longo de toda a via férrea havia lavradores trabalhando nos campos, com seus camisões azuis engomados, duros e brilhantes como se lhes tivessem passado verniz, decorados com desenhos bordados na gola e nos punhos. As mulheres usavam chapéus de palha largos e chatos, para se protegerem do sol escaldante. Os homens exibiam uma expressão de resignação nos rostos encarqui-lhados, desviados do vento incessante, trabalhando numa colheita muito tardia.

O trem parou por 15 minutos numa cidade importante, chamada Limoux. Depois, a zona rural tornou-se mais íngreme, pedregosa e implacável, à medida que as planícies deram lugar aos maquis dos Hautes Corbières. O

trem prosseguiu em seu chacoalhar precário, empoleirado em trilhos finos acima do rio, até que, ao dobrar uma curva, o branco-azulado dos Pireneus de repente apareceu ao longe, tremeluzindo sob o calor.

Léonie prendeu a respiração. As montanhas pareciam elevar-se do solo em linha reta, como uma muralha poderosa, ligando a terra ao céu. Magníficas, imutáveis.

Diante de tamanho esplendor natural, as construções parisienses feitas pelo homem não pareciam nada. As polêmi-cas em torno da célebre torre metálica de monsieur Eiffel, dos grandes bulevares do barão Haussmann e até do teatro de ópera de monsieur Garnier empalideceram na comparação, a ponto de se tornarem insignificantes. Essa era uma paisagem construída numa escala totalmente diversa — terra, ar, fogo c água. Os quatro elementos dis-punham-se a olhos vistos, como o teclado de um piano.

O trem chacoalhou e resfolegou, reduzindo consideravelmente a velocidade e avançando aos arrancos. Léonie abaixou a janela e sentiu o ar do Midi no rosto. Colinas cobertas de árvores, em tons de verde, castanho e vermelho, erguiam-se abruptamente à sombra de rochedos de granito cinzento. Embalada pelo gingar do trem e pela cantiga das rodas nos trilhos de metal, ela sentiu as pálpebras se fecharem.

Foi acordada num sobressalto pelo guinchar dos freios.

Arregalou os olhos e, por um instante, esqueceu onde estava. Depois, olhou para o guia turístico no colo, viu Anatole no banco oposto e se lembrou. Não era Paris, mas um vagão ferroviário chacoalhante no Midi.

O trem estava parando.

Sonolenta, ela espiou pela janela encardida. Era difícil discernir as letras na tabuleta de madeira pintada da plataforma. E então ouviu o chefe da estação anunciar, com um sotaque sulista carregado:

— Couiza-Montazels. Dix minutes d’arrêt. Léonie chegou para a frente, sobressaltada, e bateu no joelho do irmão.

— Anatole, n *ous sommes-là. Lève-toi.* Já podia ouvir as portas se abrindo e batendo com força nas laterais verdes do trem, como uma salva de palmas desconexa num espetáculo dos C’oncerts Lamoureux.

— Anatole — repetiu, certa de que ele devia estar fingindo dormir. — *C’est 1’heure.* Chegamos a Couiza.

Inclinou-se para fora.

Mesmo já estando tão próximo o fim da temporada, e apesar de ser domingo, havia uma fila de carregadores apoiados em carrinhos de madeira de encosto alto. A maioria usava a boina empurrada para trás, o colete aberto e as mangas da camisa arregaçadas até os cotovelos.

Ela levantou o braço.

— *Porteur, s’il vous plaît* — chamou.

Um deles saltou adiante, claramente pensando em como lhe cairiam bem alguns vinténs no bolso. Léonie recuou para buscar seus pertences. Sem aviso prévio, a porta foi aberta.

— Permita-me, mademoiselle.

Havia um homem parado na plataforma, olhando para dentro do vagão.

— Não, realmente, podemos nos arranjar... — começou a dizer, mas o homem olhou para o interior da cabine, viu a figura de Anatole adormecida, a bagagem ainda no bagageiro e, sem ser convidado, entrou no vagão.

— Eu insisto.

Léonie antipatizou instantaneamente com ele. O

colarinho alto e engomado, o colete transpassado e a cartola indicavam tratar-se de um cavalheiro, mas havia nele algo que não era propriamente *comme il faut.* O olhar era atrevido demais, impertinente demais.

— Obrigada, mas não é necessário — insistiu a moça, identificando o cheiro de aguardente de ameixa no hálito do estranho. — Estou mais do que...

Mas, sem esperar sua permissão, ele já estava levantando a primeira das valises e caixas e tirando-a do bagageiro de madeira. Léonie notou que dera uma espiada nas iniciais gravadas no couro, ao pôr o *portmanteau* de Anatole no chão de

terra.

Totalmente frustrada com a inércia do irmão, ela o sacudiu com força pelo braço.

— Anatole, *voilà* Couiza. Acorde!

Por fim, para seu alívio, ele deu sinal de vida. As pálpebras se entreabriram, trêmulas, e ele olhou em volta preguiçosamente, como se ficasse surpreso ao se descobrir num vagão ferroviário. Em seguida, avistou Léonie e sorriu.

— Devo ter cochilado — disse, passando os dedos longos pelo cabelo brilhoso. — Desolée.

Léonie estremeceu quando o homem deixou o baú pessoal de Anatole cair com um baque na plataforma. Em seguida, ele tornou a entrar para buscar a caixa de costura laqueada.

— Tome cuidado — disse-lhe, em tom ríspido. —

Ela é preciosa.

O estranho a fitou, depois olhou para as duas iniciais douradas na tampa: L.V.

— Mas é claro. Não se preocupe.

Anatole levantou-se. Num instante, a cabine pareceu muito menor. Ele se olhou no espelho sob o bagageiro, endireitou o colarinho, ajeitou o colete e puxou os pu-

nhos da camisa. Em seguida, curvou-se e, num só movimento ágil, pegou o chapéu, as luvas e a bengala.

— Vamos indo? — disse, com displicência, oferecendo a mão a Léonie. Só então pareceu notar que seus pertences já tinham sido retirados do vagão. Olhou para o companheiro de ambos.

— Obrigado, monsieur. Estamos sumamente agra-

decidos.

— Não há de quê. O prazer foi meu, senhor...

— Vernier. Anatole Vernier. E esta é minha irmã, Léonie.

— Raymond Denarnaud, às suas ordens — retrucou o outro, levantando o chapéu. — Vão ficar hospedados em Couiza? Porque, se forem, terei muito prazer em...

O apito tornou a soar.

— *En voiture!* Passageiros para Quillan e Espéraza, *en voiture!*

— Precisamos afastar-nos — disse Léonie.

— Não propriamente em Couiza — respondeu Anatole ao homem, quase gritando para se fazer ouvir acima do barulho da fornalha. — Mas fica perto. Rennes-les-Bains.

Denarnaud abriu um sorriso largo.

— Minha cidade natal.

— Excelente. Estaremos hospedados na Herdade do Cade, o senhor a conhece?

Léonie encarou o irmão, perplexa. Depois de insistir com ela na necessidade de discrição, ali estava Anatole, apenas três dias depois de sair de Paris, divulgando informações sobre ambos para um perfeito estranho, sem pensar duas vezes.

— Herdade do Cade — respondeu Denarnaud, cauteloso. — Sim, já ouvi falar.

A locomotiva soltou uma explosão de vapor e ruído. Nervosa, Léonie deu um passo atrás e Denarnaud embarcou.

— Mais uma vez, devo agradecer-lhe por sua gentileza — repetiu Anatole.

Denarnaud inclinou-se para fora do vagão. Os dois trocaram cartões de visitas e um aperto de mãos, enquanto o vapor inundava a plataforma. Anatole recuou da borda.

— Pareceu-me um sujeito bastante agradável. Os olhos de Léonie faiscaram de raiva.

— Você insistiu em mantermos nossos planos em sigilo — objetou — e, no

entanto...

— Eu só estava sendo amável — interrompeu Anatole. O relógio na torre da estação começou a bater a hora.

— Parece que ainda estamos na França, afinal —comentou Anatole, e deu uma espiada na irmã. — Algum problema? Foi alguma coisa que eu fiz? Ou que deixei de fazer?

Léonie deu um suspiro.

— Estou aborrecida e com calor. Foi maçante não ter com quem conversar. E você me deixou inteiramente à mercê daquele homem desagradável.

— Ora, o Denarnaud não era tão mau — retrucou o rapaz, apertando-lhe a mão. — Mas eu lhe peço perdão, de qualquer modo, pelo hediondo crime de haver adormecido!

Léonie fez uma careta.

— Vamos, *petite.* Você se sentirá melhor depois de comermos e bebermos alguma coisa.



CAPÍTULO 20

A plena intensidade do sol atingiu-os no instante em que saíram da sombra do prédio da estação. Nuvens marrons de arenito e poeira foram sopradas em seu rosto, agitadas pelo vento rodopiante que parecia vir de todas as direções ao mesmo tempo. Léonie atrapalhou-se com o fecho da nova sombrinha.

Enquanto o irmão fazia os arranjos com o carregador da bagagem, ela observou o ambiente ao redor. Nunca tinha viajado para um lugar tão ao sul. Na verdade, suas visitas além dos arrabaldes de Paris só haviam chegado até Chartres, ou a piqueniques infantis à margem do Marne.

Essa era uma França diferente. Ela reconheceu alguns sinais de trânsito e cartazes que anunciavam aperitivos, cera de polimento e xarope contra tosse, mas aquele não era um mundo que conhecesse.

O átrio da estação ferroviária dava diretamente para uma ruazinha movimentada, ladeada por tílias de copas densas; mulheres morenas, de rosto largo e curtido pelo sol, carroceiros e ferroviários, crianças desmazeladas, de pernas de fora e pés sujos. Um homem com o paletó curto dos operários, sem colete, carregando uma bisnaga embaixo do braço. Outro com o terno preto e o cabelo curto dos professores de liceus. Uma carroça passou estronde-ando, abarrotada de carvão de lenha e gravetos. Léonie teve a sensação de haver entrado num cenário dos *Contos de Hoffmann,* de Offenbach, no qual os antigos costumes predominassem e o tempo houvesse praticamente parado.

— Parece haver um restaurante passável na Avenue de Limoux — disse Anatole, reaparecendo a seu lado com um exemplar de um jornal local, *La Dépèche de Toulouse,* enfiado embaixo do braço. — Há também uma agência telegráfica, um telefone e uma posta-restante — acrescentou. Tirou do bolso uma caixa de Vestas, pegou um cigarro na cigarreira, bateu-o na tampa para compactar o tabaco e disse, enquanto riscava um fósforo: — Mas temo que não haja o luxo de uma sege. Ou, pelo menos, não nesta época de final de ano e num domingo.

O Grand Café Guilhem ficava do outro lado da ponte. Um punhado de mesas de tampo de mármore e pés de ferro batido, com cadeiras de madeira de espaldar reto e assento de palhinha, distribuía-se do lado de fora, à sombra de um grande toldo que tomava toda a frente do restaurante. Gerânios em vasos de terracota e árvores ornamentais, em grandes jardineiras de madeira com aros de metal, do tamanho de barris de cerveja, davam uma privacidade adicional aos fregueses.

— Está longe de ser o Café Paillard, mas servirá —comentou Léonie. Anatole deu um sorriso indulgente:

— Duvido que haja saletas reservadas, mas a área externa parece aceitável, não acha?

Foram levados a uma mesa numa localização aprazível. Anatole fez o pedido para os dois e entabulou uma conversa simpática com o *patron.* Léonie deixou a atenção vagar. Fileiras de plátanos de casca variegada, as árvores das marchas napoleônicas, sombreavam a rua. Ela ficou surpresa ao ver que não apenas a Avenue de Limoux, mas também as outras ruas em volta tinham sido pavimentadas, em vez de deixadas como pretendia a natureza. Presumiu que isso se devesse à popularidade das fontes hi-

drotermais vizinhas e ao número elevado de *voitures publiques* e carruagens particulares que circulavam de um lado para outro, no auge da temporada.

Anatole abriu o guardanapo e o estendeu no colo.

O garçom chegou prontamente com uma bandeja de bebidas — uma jarra de água, um copo grande de cerveja gelada para Anatole e um *pichet* do *vin de table* local.

Ela foi seguida logo depois pela comida: um almoço composto por pão, ovos cozidos, uma galantina de frios, toucinho de porco salgado, alguns cêntimos de queijo local e uma fatia de torta de galinha, moldada e revestida de galantina, tudo simples, mas satisfatório.

— Nada mau — comentou Anatole. — Na verda-

de, surpreendentemente bom.

Léonie pediu licença em meio à sequência de pratos. Ao voltar, uns dez minutos depois, constatou que o irmão tinha começado a conversar com os fregueses de uma mesa vizinha. Um senhor mais velho, em trajes formais de banqueiro ou advogado, cartola preta alta, terno escuro, colarinho engomado e gravata, apesar do calor. E, defronte dele, um homem mais jovem, de cabelo cor de palha e bigode hirsuto.

— Dr. Gabignaud, *maître* Fromilhague — disse Anatole —, permitam-me apresentar-lhes minha irmã, Léonie.

Ambos soergueram O corpo e tiraram os chapéus.

— O Gabignaud estava me falando de seu trabalho em Rennes-les-Bains explicou Anatole, enquanto Léonie tornava a se sentar à mesa. — Você estava me dizendo que fez seu aprendizado com o Dr. Courrent durante três anos?

Gabignaud confirmou com a cabeça.

— Isso mesmo. Três anos. Nossas termas de Rennes-les-Bains não são apenas as mais antigas da região, como também temos a sorte de dispor de vários tipos de água, de modo que podemos tratar de uma gama de sintomas e patologias maior que a de qualquer estabelecimento hidrotermal equivalente. O grupo de águas

termais inclui a *source du Bain Fort,* a uma temperatura de 52 graus, a...

— Eles não precisam de todos os detalhes, Gabignaud — resmungou Fromilhague.

O médico enrubesceu.

— Sim, exato. Bem. Tive a sorte de ser convidado para visitar outros estabelecimentos similares por toda parte. Tive a honra de passar algumas semanas estudando com o Dr. Privat, em Lamalou-les-Bains.

— Não estou familiarizada com Lamalou.

— A senhorita me surpreende, mademoiselle Vernier. É um balneário encantador, também de origem romana, logo ao norte de Béziers — disse e abaixou a voz.

— Embora seja um lugar bastante sinistro, é claro. Nos círculos médicos, é mais conhecido pelo tratamento da ataxia.

Maître Fromilhague bateu a mão com força na mesa, fazendo saltarem as xícaras de café e Léonie.

— Gabignaud, você está sendo inconveniente! O

jovem médico ficou rubro.

— Perdoe-me, mademoiselle Vernier. Não pretendi ofendê-la. Intrigada, Léonie fitou *maître* Fromilhague com um olhar frio.

— Esteja certo, Dr. Gabignaud, de que *eu* não me ofendi — e deu uma olhadela em Anatole, que se esforçava para não rir.

— Mesmo assim, Gabignaud, não seria um tema apropriado de conversa num grupo formado por homens e mulheres.

— É claro, é claro — balbuciou o médico. — Meu interesse, como homem da medicina, muitas vezes me leva a esquecer que tais assuntos não são...

— O senhor está visitando Rennes-les-Bains por causa das termas? — indagou

Fromilhague, com uma cortesia contrafeita.

Anatole abanou a cabeça.

— Ficaremos hospedados com nossa tia na propriedade dela, nos arredores da cidade. Na Herdade do Cade.

Léonie viu um lampejo de surpresa nos olhos do médico.

Ou seria preocupação?

— Sua tia? — indagou Gabignaud. Léonie observou-o com atenção.

— Para ser exato, a esposa de nosso falecido tio —respondeu Anatole, obviamente também notando a hesitação na fala de Gabignaud. — Jules Lascombe era meio-irmão de nossa mãe. Ainda não tivemos o prazer de conhecer nossa tia.

— Há algum problema, Dr. Gabignaud? — perguntou Léonie.

— Não, não. De modo algum. Perdoe-me, eu... eu não estava ciente de que o Lascombe tinha a felicidade de contar com parentes tão próximos. Ele levava uma vida sossegada e não mencionava... Para ser franco, mademoiselle Vernier, todos fomos apanhados de surpresa quando ele tomou a decisão de se casar, e numa idade tão avançada. Lascombe parecia um rematado celibatário. E levar a esposa para uma casa como aquela, de tão má reputação, bem...

A atenção de Léonie aguçou-se.

— Má reputação?

Mas Anatole havia passado para outra pergunta:

— Você conheceu o Lascombe, Gabignaud?

— Não muito bem, mas éramos conhecidos. Eles veraneavam aqui, acredito, nos primeiros anos de casados.

Madame Lascombe, que preferia a vida urbana, ausentava-se com frequência da Herdade, às vezes por meses a fio.

— O senhor não era o médico particular do Lascombe? Gabignaud abanou a cabeça.

— Não tive essa honra, não. Ele tinha seu próprio médico em Toulouse. Fazia muitos anos que andava com a saúde precária, embora seu declínio tenha sido mais súbito do que se esperava, acarretado pelo frio terrível do começo do ano. Quando ficou claro que ele não se recu-peraria, sua tia voltou para a Herdade do Cade, no início de janeiro. Lascombe faleceu dias depois. É claro, houve boatos de que ele morreu em decorrência de...

— Gabignaud! — interrompeu Fromilhague. —

Cuidado com a língua! O jovem médico tornou a enrubescer.

Fromilhague indicou seu desagrado permanente chamando o garçom, insistindo em relatar com exatidão o que os dois haviam comido, para verificar a conta, e im-possibilitando a continuação da conversa entre as duas mesas.

Anatole deixou uma gorjeta generosa. Fromilhague jogou uma nota na mesa e se levantou.

— Mademoiselle Vernier, Vernier — disse com brusquidão, levantando o chapéu. — Gabignaud, temos assuntos a resolver.

Para assombro de Léonie, o médico o seguiu sem dizer palavra.

— Por que não se pode falar de Lamalou? — perguntou Léonie, assim que os dois ficaram fora do alcance de sua voz. — E porque o Dr. Gabignaud permite que maître Fromilhague o intimide dessa maneira? Anatole riu.

— Lamalou é conhecida como o lugar dos avanços mais recentes e pioneiros no tratamento da sífilis, e portanto da ataxia. Quanto a sua conduta, imagino que Gabignaud necessite da proteção do advogado. Numa cidade tão pequena, isso faz a diferença entre uma clínica bem-sucedida e o fracasso — explicou. Deu um risinho e disse ainda: — Mas Lamalou-les-Bains, imagine! Léonie refletiu.

— Mas por que o Dr. Gabignaud ficou tão surpreso quando eu disse que nos hospedaríamos na Herdade do Cade? E o que ele quis dizer ao se referir à má reputa-

ção da casa?

— O Gabignaud fala demais e o Fromilhague de-saprova mexericos. É apenas isso.

Léonie abanou a cabeça.

— Não, não, foi mais do que isso — objetou. —

Maître Fromilhague estava decidido a não permitir que ele falasse.

Anatole deu de ombros.

— O Fromilhague tem o temperamento colérico do homem que se exaspera com frequência. Simplesmente não gosta que o Gabignaud tagarele como uma mulher.

Léonie mostrou-lhe a língua, diante dessa desfeita.

— Monstro!

Anatole limpou o bigode, largou o guardanapo na mesa, empurrou a cadeira e se levantou.

— *A lors, on y va.* Temos algum tempo livre. Vamos travar conhecimento com os encantos modestos de Couiza.



CAPÍTULO 21

PARIS

Centenas de quilômetros ao norte, Paris se acalmara. Após o alvoroço de uma agitada manhã de comércio, o ar da tarde estava abafado, com a poeira e os odores de frutas e legumes estragados. Os cavalariços e os vendedores ambulantes do 8° *arrondissement* tinham ido embora. As carrocinhas de leite, os carrinhos de mão e os mendigos haviam partido, deixando para trás os detritos, os restos de mais um dia.

O apartamento da família Vernier, na rue de Berlin, estava em silêncio, sob a luz

azulada do fim de tarde. Os móveis tinham sido cobertos por lençóis brancos. As janelas compridas da sala, que davam para a rua, encontravam-se fechadas, assim como as cortinas de chintz cor-de-rosa.

O papel de parede florido, que já fora de boa qualidade, tinha um ar desbotado nos pontos em que a passagem diária do sol o havia despojado de cor. Partículas de poeira em suspensão pairavam sobre os poucos pedaços de móveis descobertos.

Na mesa, as rosas esquecidas num vaso de cristal tinham as corolas pendentes, quase sem perfume. Havia um outro odor quase indiscernível, um cheiro acre que não fazia parte do lugar. Um toque de feira, de tabaco turco, e um aroma ainda mais estranho, num local tão distante da costa: o cheiro de mar, impregnado na roupa cinzenta do homem que se postava calado entre as duas janelas, diante da lareira, encobrindo o mostrador de porcelana do relógio de Sèvres em cima do console.

Era de compleição forte e imponente, ombros largos e testa alta, um corpo mais próprio de aventureiro que de esteta. Sobrancelhas escuras e unidas, olhos azuis penetrantes, pupilas negras como carvão.

Marguerite sentava-se ereta numa das cadeiras de mogno da mesa de jantar. Seu *négligé* cor-de-rosa, atado no pescoço por um laço de seda amarela, caía sobre os ombros de alvura perfeita. O tecido pendia em dobras requintadas sobre o assento estofado amarelo e os braços forrados da cadeira, como que arrumado para a pintura de uma natureza-morta. Apenas o pavor nos olhos da mulher contava uma outra história. Ele e o fato de seus braços estarem incomodamente puxados para trás, amarrados com firmeza por arame de pendurar quadros.

Um segundo homem, com a cabeça raspada cober-

ta por uma erupção inflamada de manchas e bolhas, montava guarda junto à cadeira, à espera das instruções do chefe.

— E então, onde está ele? — perguntou o homem de cinza, com a voz fria.

Marguerite o olhou. Lembrou-se da onda de atra-

ção que a invadira na presença dele e o detestou por isso.

Dentre todos os homens que havia conhecido, apenas um outro, seu marido, Leo Vernier, detivera o poder de instigar suas emoções tão instantaneamente e de tal maneira.

— O senhor esteve no restaurante — disse. — No Chez Voisin. Ele a ignorou.

— Onde está o Vernier?

— Não sei — tornou a dizer Marguerite. — Dou-

lhe minha palavra. Ele não tem horário certo. Muitas vezes, passa dias fora, sem uma palavra.

— O seu filho, sim. Mas a sua filha não entra e sai desacompanhada a seu bel-prazer. Tem horários regulares.

E também está ausente.

— Ela está com amigos.

— O Vernier está com ela?

— Eu...

O homem correu os olhos frios pelos lençóis e pelos armários vazios.

— Por quanto tempo o apartamento ficará fechado? — indagou.

— Umas quatro semanas. Na verdade, estou esperando o general Du Pont — disse Marguerite, esforçando-se para manter a voz calma. — Ele estará aqui a qualquer momento para me buscar, e...

As palavras se perderam em seu grito, quando o lacaio a agarrou pelo cabelo e puxou sua cabeça para trás.

— Não!

A ponta fria da faca pressionou sua pele.

— Se o senhor sair agora — disse Marguerite —, eu não direi nada, dou — lhe minha palavra. Deixe-me, vá embora.

O homem lhe afagou o lado do rosto com as costas da mão enluvada.

— Marguerite, ninguém vai chegar. O piano lá embaixo está mudo. Os vizinhos de cima estão passando o fim de semana no campo. E, quanto a sua arrumadeira e à cozinheira, eu as vi sair. Elas também acham que você já partiu com Du Pont.

O medo faiscou nos olhos da Sra. Vernier, ao perceber como o homem estava bem informado.

Victor Constant puxou uma cadeira, tão perto que Marguerite pôde sentir seu hálito no rosto. Sob o bigode bem aparado, viu os lábios cheios, vermelhos contra o rosto pálido. Era um rosto de predador, de lobo. E também tinha uma imperfeição. Um pequeno inchaço atrás da orelha esquerda.

— O meu amigo...

— O estimado general já está de posse de um bilhete adiando o seu encontro até as oito e meia da noite

— interrompeu Constant. Deu uma olhadela no relógio do console e acrescentou: — Daqui a umas cinco horas e pouco. Portanto, como vê, não precisamos apressar-nos.

E o que ele descobrirá ao chegar está inteiramente em suas mãos. Viva, morta. Para mim não tem importância.

— Não!

A ponta da faca passou a pressioná-la abaixo do olho.

— Creio, *chère* Marguerite, que você se daria mal na vida sem a sua beleza.

— O que o senhor quer? Dinheiro? O Anatole lhe deve dinheiro? Posso pagar as dívidas dele.

Constant riu.

— Ah, se fosse simples assim. Além disso, a sua situação financeira é, digamos, delicada. E, por mais que eu saiba quanto seu amante pode ser generoso, creio que o general Du Pont não pagaria para manter seu filho fora dos tribunais de

falência.

Com o mais leve toque, pressionou um pouco mais a ponta da faca contra a pele alva de Marguerite, abanando ligeiramente a cabeça, como se lamentasse o que era obrigado a fazer.

— De qualquer modo, não é uma questão de dinheiro. O Vernier tirou uma coisa que me pertence.

Marguerite ouviu a mudança em sua voz e come-

çou a se debater. Tentou soltar os braços, mas só conseguiu apertar mais os nós que a prendiam. O arame a cortou, perfurando a pele de seus pulsos descobertos. O sangue começou a pingar gota a gota no tapete azul.

— Eu lhe imploro — insistiu, tentando manter a voz firme. — Deixe-me falar com ele. Eu o convencerei a lhe devolver seja lá o que for que ele tirou. Dou-lhe minha palavra.

— Ah, mas é tarde demais para isso — retrucou ele, deslizando os dedos pelo rosto da infeliz. Eu me pergunto: será que você chegou pelo menos a entregar meu cartão a seu filho, *chère* Marguerite?

A mão negra pousou na garganta branca, e Constant aumentou a pressão. Marguerite começou a sufocar, debatendo-se e se agitando sob o punho cada vez mais cerrado, esticando desesperadamente o pescoço para cima e para longe daquela tenaz. A expressão no olhar do conde, mescla de prazer e vitória em igual medida, apavorou-a tanto quanto a violência sufocante de sua mão. De repente, sem qualquer aviso, ele a soltou.

Marguerite bateu no encosto da cadeira, tragando sofregamente o ar. Tinha os olhos vermelhos e o pescoço machucado por terríveis lanhos carmesim.

— Comece pelo quarto de Vernier — Constant instruiu seu capanga. Procure o diário dele. Mais ou menos deste tamanho — e fez um gesto para indicar a forma.

O lacaio se retirou.

— Agora — prosseguiu, como se estivesse em meio a uma conversa

perfeitamente normal. — Onde está seu filho?

Marguerite enfrentou o olhar de Constant. Seu coração pulsava de pavor do castigo que ele lhe poderia infligir. Mas ela já havia suportado maus-tratos nas mãos de outros e sobrevivido. Poderia fazê-lo de novo.

— Não sei — respondeu.

Dessa vez ele a golpeou. Com força e com o punho fechado, empurrando-lhe a cabeça para trás num estalo.

Marguerite arquejou e sua bochecha rachou por dentro. A boca encheu-se de sangue. Ela a abriu e cuspiu no colo.

Estremeceu ao sentir o puxão da seda no pescoço e a as-pereza da luva de couro desatando o laço amarelo. A respiração de Constant acelerou-se e ela sentiu o calor de seu corpo.

Com a outra mão, ele empurrou as dobras do tecido para cima dos joelhos de Marguerite, das coxas, mais alto.

— Não, por favor — ela murmurou.

— Ainda nem são três horas — retrucou ele, prendendo uma mecha de cabelo atrás da orelha de Marguerite, numa paródia de ternura. — Temos tempo mais do que suficiente para que eu a convença a falar. E pense em Léonie, Marguerite. Uma menina tão bonita. Um pouco atrevida para o meu gosto, mas estou certo de que poderia aprender a abrir uma exceção.

Afastou a seda dos ombros dela.

Marguerite acalmou-se, desaparecendo dentro de si mesma, como tantas vezes fora obrigada a fazer. Esvaziou a mente, apagando a imagem de Constant. Mesmo nesse momento, sua emoção mais intensa foi a vergonha de como seu coração tinha vacilado na hora em que ela lhe abrira a porta e o deixara entrar no apartamento.

Sexo e violência, a antiga aliança. Ela a vira inúmeras vezes. Nas barricadas da Comuna, nas vielas, escondida sob o verniz respeitável dos salões da alta sociedade em que passara a transitar ultimamente. Um sem número de homens

movidos pelo ódio, não pelo desejo. Marguerite havia tirado proveito disso. Explorara sua aparência, seu encanto, para que a filha nunca tivesse que levar a vida que ela vivera.

— Onde está o Vernier?

Constant a desamarrou e a arrastou da cadeira para o chão.

— Onde está o Vernier?

— Eu não...

Prendendo-a no chão, ele a golpeou mais uma vez.

E mais outra.

— Onde está seu filho?

Ao resvalar para a inconsciência, a única coisa em que Marguerite pensou foi em como proteger os filhos.

Em como não traí-los com esse homem. Tinha que lhe dizer alguma coisa.

— Rouen — mentiu, por entre os lábios ensanguentados. — Eles foram para Rouen.



CAPÍTULO 22

RENNES-LES-BAINS

Às quatro e quinze, depois de percorrer os modestos pontos turísticos de

Couiza, Léonie e Anatole pararam no pátio em frente à estação, aguardando enquanto o cocheiro carregava a bagagem no *courrier publique.*

Ao contrário dos veículos que Léonie havia notado em Carcassonne, com bancos de couro preto e capotas amadas, muito parecidos com os landaus que subiam e desciam a Avenue du Bois de Boulogne, o *courrier* era uma forma de transporte

muito mais rústica. Na verdade, assemelhava-se a uma carroça de fazenda, com um banco de madeira de cada lado, ambos virados para dentro e pintados de vermelho. Não havia almofadas e o veículo era aberto nas laterais, com um pedaço de lona escura esticado no alto, sobre uma armação fina de metal, para dar sombra.

Os cavalos, ambos cinzentos, usavam franjas brancas bordadas sobre as orelhas e os olhos, para afastar os insetos.

Os outros passageiros incluíam um marido idoso e sua esposa muito mais jovem, de Toulouse. Duas irmãs de idade avançada, com jeito de passarinho, pipilavam entre si em voz baixa sob os chapéus.

Léonie ficou contente ao ver que seu companheiro de almoço no Grand Café Guilhem, o Dr. Gabignaud, pegaria a mesma carroça. O frustrante era que *maître* Fromilhague o mantinha bem junto de si. A intervalos de poucos minutos, puxava pela corrente o cebolão do bolso do colete e batia no vidro do mostrador, como que desconfiado de que ele tinha parado de funcionar, antes de tornar a guardá-lo.

— Claramente, é um homem com assuntos prementes a tratar — sussurrou Anatole. — Logo, logo ele mesmo conduzirá a carroça, se não nos cuidarmos!

Assim que todos se acomodaram, o cocheiro subiu na boleia. Empoleirou-se sobre a coleção misturada de malas e valises, de pernas afastadas, e olhou para o relógio na fachada do prédio da estação ferroviária. Quando ele bateu a meia hora, estalou o chicote e a carroça arrancou num solavanco.

Minutos depois, estavam em plena estrada, rumando para leste de Couiza. A estrada corria pelo vale ribeiri-nho entre as montanhas altas de ambos os lados. Ali, o inverno rigoroso e a primavera úmida, que haviam castigado quase toda a França durante a maior parte do ano, tinham criado um Éden. Pastagens viçosas, verdes e fér-teis, em vez da terra crestada pelo sol, e encostas densa-mente arborizadas, feitas de abetos, azinheiras, aveleiras, castanheiras e faias. No alto de uma colina à esquerda, Léonie vislumbrou a silhueta de um castelo em ruínas.

Uma velha tabuleta de madeira à beira da estrada anunciava tratar-se da aldeia de Coustaussa.

Gabignaud sentara-se ao lado de Anatole e ia apontando os marcos importantes.

Léonie captava apenas fragmentos da conversa, por sobre o crescendo das rodas na estrada e dos arreios barulhentos dos cavalos.

— E aquela? — perguntou Anatole.

Léonie acompanhou o dedo apontado do irmão.

No alto de uma elevação rochosa à direita, bem acima da estrada, mal pôde discernir uma minúscula aldeia montesa, cintilando sob o calor forte da tarde, não mais que um punhado de moradias agarradas à encosta íngreme da montanha.

— Rennes-le-Château — respondeu Gabignaud.

— Vendo-a agora, você não acreditaria, mas ela já foi a antiga capital visigótica da região, Rhedae.

— O que provocou seu declínio?

— Carlos Magno, a cruzada contra os albigenses, bandidos vindos da Espanha, a peste, a marcha inelutável e inexorável da história — respondeu ele e fez uma pausa.

— Dito isso, o *curé* trabalha muito por seus paroquianos.

— É um homem interessante.

Anatole chegou mais perto para ouvir.

— Por quê?

— É erudito, claramente ambicioso e persuasivo.

Há muita especulação local sobre o que o teria levado a optar por ficar tão perto de casa e se enterrar numa paróquia tão pobre.

— Talvez ele acredite que é lá que pode ser mais eficiente, não?

— O vilarejo o adora, com certeza. Ele tem feito muitas coisas boas.

— Em termos práticos, ou apenas de natureza espiritual?

— Ambos. Por exemplo, a igreja de Sainte-Marie-Madeleine não passava de uma ruína quando ele chegou.

Chuva infiltrando-se por toda parte, a igreja entregue a ratos e pássaros e pumas. No entanto, no verão de 1886, a prefeitura aprovou a concessão de 2.500 francos a ele, pa-

ra dar início ao trabalho de restauração, principalmente para substituir o antigo altar. Anatole ergueu as sobrancelhas.

— É uma soma considerável! Gabignaud fez que sim.

— Só sei o que ouvi dizer por vias indiretas. O cura é um homem cultísSIMO. Dizem que muitas peças de interesse arqueológico vieram à luz, o que, é claro, despertou enorme interesse em seu tio.

— Como o quê?

— Um retábulo, segundo eu soube. E também um par de colunas visigóticas e uma antiga lápide, a Dalle des Chevaliers, que dizem ter sido de procedência merovíngia, ou, possivelmente, também da época dos visigodos. Por ter grande interesse nesse período, Lascombe empenhou-se muito nas etapas iniciais das reformas em Rennes-le-Château, o que resultou, é claro, em que o assunto passasse a ser de interesse em Rennes-les-Bains.

— O senhor também parece ser uma espécie de historiador — arriscou Léonie.

Gabignaud enrubesceu de prazer.

— É um passatempo, mademoiselle Vernier, nada mais.

Anatole tirou a cigarreira. O médico aceitou um cigarro. Protegendo a chama com a mão em concha, o parisiense riscou um fósforo para os dois.

— E como se chama esse padre exemplar? — perguntou, soprando a pergunta junto com a fumaça.

— Saunière. Bérenger Saunière.

Tinham chegado a um trecho reto da estrada e os cavalos ganharam velocidade.

O barulho foi aumentando de volume até impossibilitar qualquer outra conversa. Lé-

onie não se importou muito com essa barreira ao diálogo.

Seus pensamentos corriam em disparada, porque, em algum ponto do atoleiro da fala de Gabignaud, ela experi-mentara a sensação de haver aprendido algo de certa importância.

Mas o quê?

Pouco tempo depois, o cocheiro refreou os cavalos e, com um tilintar de arreios e um chacoalhar de lamparinas não acesas, batendo nas laterais da carroça, saiu da estrada principal para seguir pelo vale do rio Salz.

Léonie debruçou-se para fora o máximo que se a-treveu, encantada com a beleza da paisagem, com a vista extraordinária de céu, pedra e florestas. Dois postos avan-

çados arruinados, que se revelaram formações rochosas naturais e não sombras de castelos, pairavam acima do vale como sentinelas gigantescas. Nesse ponto, a floresta ancestral quase chegava à beira da estrada. Léonie teve a sensação de estar entrando num lugar secreto, como um explorador nas histórias de monsieur Rider Haggard a se aventurar por reinos africanos perdidos.

A estrada começou então a descrever curvas elegantes, dobrando-se sobre si mesma e seguindo o curso do rio. Era linda, um paraíso bucólico. Tudo fértil, viçoso e verde — verde-oliva, verde-mar, arbustos cor de absinto. A parte inferior prateada das folhas, quando levantadas pela brisa, reluzia ao sol entre os tons mais escuros dos abetos e carvalhos. Acima da copa das árvores, o contorno espantoso das cristas e dos picos, as antigas silhuetas de menires, dólmenes e esculturas naturais. A antiga história da região exposta às claras, como as páginas abertas de um livro.

Léonie ouviu o rio Salz correndo a seu lado, um companheiro constante, ora visível, com um lampejo da luz do sol na água, ora oculto. Como num jogo de esconde-esconde, a água cantava sua presença, correndo por sobre as pedras, perseguindo os ramos emaranhados dos salgueiros que pendiam baixo sobre o rio, um guia a aproximá-los cada vez mais do seu destino.



CAPÍTULO 23

RENNES-LES-BAINS

Os cascos dos cavalos ressoaram numa ponte baixa e os animais reduziram a velocidade para um trote.

Mais adiante, na curva da estrada, Léonie teve seu primeiro vislumbre de Rennes-les-Bains. Avistou um prédio branco de três andares com uma placa que o anunciava como o Hotel da Rainha. A seu lado ficava um aglomerado de construções meio ameaçadoras e sem nenhum adorno, que ela presumiu comporem o estabelecimento dos banhos hidrotermais.

O *courrier* seguiu a passo ao entrar na rua principal.

A direita, ela era limitada pela grande muralha cinzenta da própria montanha. A esquerda havia uma coleção de casas, pensões e hotéis. Nas paredes ficavam pesados lampi-

ões a gás em armações de metal.

As primeiras impressões de Léonie não foram o que ela havia esperado. A cidade tinha um ar de estilo e prosperidade elegantes e contemporâneos. Generosos degraus e soleiras de pedra areada confinavam com a via pública, que, embora deixada como a natureza havia pretendido, era limpa e transitável. A rua era ladeada por lourei-ros em largas jardineiras de madeira, que pareciam trazer as florestas para a cidade. Léonie viu um senhor rotundo de sobrecasaca abotoada, duas senhoras com para-sóis e três enfermeiras, cada qual empurrando uma *chaise roulante*.

Um grupo de meninas com laços de fita, babados e anáguas brancas passeava com a governanta.

O cocheiro saiu da rua principal e freou os cavalos.

— La Place du Pérou. S’il vous plaît. Terminus.

A pracinha era cercada por construções em três lados e recebia a sombra das tílias. O sol dourado filtrava-se pelo dossel de folhas e desenhava padrões quadriculados no chão. Havia uma gamela com água para os cavalos, e as residências respeitáveis eram adornadas por jardineiras nas janelas, que exibiam as últimas flores pendentes do verão.

Num pequeno café com toldos listrados, um grupo de senhoras bem-vestidas e enluvadas e seus acompanhantes refrescavam-se com uma bebida. Na esquina ficava o acesso a uma igreja modesta.

— Tudo muito pitoresco — murmurou Anatole.

O cocheiro pulou da boleia e começou a descarregar a bagagem.

— S'il *vous plaît, Mesdames et Messieurs. La Place du Pérou. Terminus.* Um a um, os viajantes desembarcaram.

Houve despedidas meio canhestras, comuns aos que parti-lharam uma viagem, mas pouco mais têm em comum.

Maître Fromilhague levantou o chapéu e desapareceu. Gabignaud apertou a mão de Anatole e lhe ofereceu seu cartão, dizendo quanto esperava que houvesse uma oportunidade de se reencontrarem durante a estada deles, quem sabe para um jogo de cartas ou um dos saraus musicais realizados em Limoux ou Quillan. Depois, inclinando o chapéu para Léonie, apressou-se a atravessar a praça.

Anatole pôs o braço nos ombros da irmã.

— Isso não parece tão pouco promissor quanto eu havia temido comentou.

— É encantador. Realmente encantador.

Uma jovem num uniforme cinza e branco de copeira apareceu sem fôlego na esquina à esquerda da praça.

Era rechonchuda e bonita, com olhos negros profundos e uma boca sugestiva. Mechas de cabelo escuro e farto es-capuliam de sua touca.

— Ah, quem sabe é o nosso comitê de recepção!

— disse Anatole. Atrás dela, também sem fôlego, chegou um rapaz de rosto largo e agradável. Usava a camisa aberta no colarinho e uma echarpe vermelha.

— *Et voilà* — acrescentou Anatole —, a menos que eu me engane, a explicação para a impontualidade da jovem.

A criada tentou ajeitar o cabelo e correu em direção a eles. Fez uma rápida mesura.

— *Sénher* Vernier? *Madomaisèla. Madama* me mandou buscá-los e levá-los à Herdade do Cade. Pediu para eu apresentar suas desculpas, mas houve um problema com a charrete. Está sendo consertada, mas *madama* sugeriu que seria mais rápido irmos a pé... — interrompeu-se, lançando um olhar de dúvida para as botas de couro de bezerro usadas por Léonie. — Se não se importarem...

Anatole olhou-a de cima a baixo.

— E você é...?

— Marieta, *sénher.*

— Ótimo. E quanto tempo teríamos de esperar pelo conserto da charrete, Marieta?

— Eu não saberia dizer. Quebrou uma roda.

— Bem, a que distancia fica a Herdade do Cade?

— *Pas luènh.* Não é longe.

Por cima do ombro dela, Anatole olhou para o rapaz arfante.

— E a bagagem será levada depois?

— O *c, sénher.* O Pascal vai levá-la. Anatole virou-se para Léonie.

— Nesse caso, na falta de qualquer alternativa promissora, proponho que façamos o que sugere nossa tia... e andemos.

— O quê? — exclamou Léonie, indignada, deixando a voz escapar antes que pudesse se conter. — Mas você detesta andar! — e tocou as próprias costelas,

para lembrar ao irmão os ferimentos que ele havia sofrido. —

Além disso, não será demais para você?

— Ficarei bem — disse ele, dando de ombros. —

Admito que é maçante, mas o que se pode fazer? Prefiro seguir em frente a ficar plantado esperando.

Tomando as palavras de Anatole como anuência, Marieta fez uma rápida cortesia, deu meia-volta e se pôs a andar. Léonie saiu atrás dela, boquiaberta.

— Ora, de todos... — foi exclamando. Anatole jogou a cabeça para trás e riu.

— Bem-vinda a Rennes-les-Bains — disse, pegando a mão da irmã. — Venha, *petite.* Caso contrário, ficaremos para trás!

Marieta os conduziu por uma passagem sombreada entre duas casas. Emergiram sob a luz luminosa do sol numa antiga ponte de pedra em forma de arco. Muito, muito abaixo, a água fluía sobre as pedras planas. Léonie prendeu a respiração, estonteada pela sensação de luz, espaço e altura.

— Léonie, *dêpèche-toi* — chamou Anatole.

A criada atravessou o rio, fez uma curva fechada à direita e enveredou por uma trilha desfeita, que subia em ladeira em direção à encosta arborizada. Léonie e Anatole a seguiram em silêncio, em fila indiana, guardando o fôlego para a subida.

Continuaram subindo pela inclinação cada vez mais escarpada, seguindo uma trilha salpicada de pedras e folhas caídas e se aventurando mais e mais pela densa floresta. Não muito adiante, a trilha se abriu numa estrada de terra mais larga. Léonie viu os sulcos rachados e claros, por causa da falta de chuva, que marcavam o trajeto de inúmeras rodas e cascos. Ali as árvores se afastavam mais da trilha e o sol derramava sombras compridas e evanes-centes entre os ramos e os arbustos.

Léonie virou-se e olhou para a direção de onde tinham vindo. Nesse momento pôde avistar, muito abaixo, mas ainda perto, os telhados inclinados de Rennes-les-Bains, em vermelho e cinza. Conseguiu até identificar os hotéis e a praça

central onde haviam desembarcado. A água cintilava e brincava como uma fita verde e prata, ou até vermelha, com o reflexo das folhas de outono, num correr suave de seda.

Depois de uma ligeira descida na trilha, chegaram a um platô.

A frente ficavam as pilastras de pedra e os portões de uma propriedade rural. As grades de ferro estendiam-se até onde a vista alcançava, depois desapareciam, protegidas por abetos e teixos. A propriedade parecia ameaçadora e altiva. Léonie estremeceu. Por um momento, seu espírito de aventura a abandonou. Ela recordou a relutância da mãe em falar da Herdade e da infância passada nela. E

então as palavras do Dr. Gabignaud ecoaram em seus ouvidos.

Tão má reputação.

— *Cade?* — perguntou Anatole.

— É um nome local do zimbro ou junípero, *sénher*

— respondeu a criada.

Léonie deu uma olhadela no irmão e avançou, decidida, pondo as duas mãos na cerca, como uma prisionei-ra atrás das grades. Encostou as faces ruborizadas no ferro frio e espiou os jardins mais adiante.

Tudo estava envolto em verde-escuro, com nesgas de sol que se infiltravam e se refletiam no vetusto dossel de folhas. Sabugueiros, arbustos, sebes formais e canteiros antes elegantes mostravam-se malcuidados e sem cor. A propriedade tinha um ar de majestoso abandono, ainda não arruinada, porém não mais esperando visitas.

Um grande chafariz de pedra erguia-se, seco e vazio, no centro da larga alameda de cascalho que levava diretamente dos portões à mansão. À esquerda de Léonie havia um lago ornamental de pedra, em formato redondo, com uma armação de metal enferrujado estendida por cima. Também estava seco. À direita ficava uma fileira de juníperos, em moitas que cresciam ao acaso e sem cuidado. Um pouco mais atrás ficavam os restos de uma estufa para cultivo de laranjas, sem os vidros e com a armação retorcida.

Se tivesse deparado com aquele lugar por acaso, Léonie o teria julgado abandonado, tamanha era a impressão de desleixo. Virou-se para a direita e viu que havia uma placa cinzenta de ardósia pendurada na cerca, com as palavras parcialmente apagadas por arranhões profundos na pedra. Como marcas de garras.

HERDADE DO CADE.

A casa não parecia propensa a acolher visitantes.



CAPÍTULO 24

— Deve haver um outro acesso à casa, presumo —disse Anatole.

— *Oc, sénher* — respondeu Marieta. — A entrada principal fica no lado norte da propriedade. O falecido senhor mandou construir uma trilha direto da estrada de Sougraigne. Mas é uma boa hora de caminhada, dando a volta por toda a cidade de Rennes-les-Bains e depois subindo a encosta. É um caminho muito mais longo que a velha trilha da floresta.

— E sua patroa a instruiu a nos trazer por esse caminho, Marieta? A moça enrubesceu.

— Ela não me disse para *não* trazê-los pela floresta

— respondeu, em tom defensivo.

Os irmãos aguardaram pacientemente, enquanto Marieta vasculhava o bolso do avental para pegar uma grande chave de bronze. Houve um forte estalido quando a tranca se abriu e, em seguida, a criada empurrou o lado direito do portão. Depois que todos passaram, ela tornou a fechá-lo. O portão vibrou e rangeu, depois se encaixou ruidosamente no lugar.

Léonie sentiu um frio na barriga, mistura de nervosismo e empolgação. Sentiu-se a heroína de sua própria história, ao seguir Anatole por alamedas verdes e estreitas, visivelmente pouco usadas. Pouco depois, avistou-se uma sebe alta de pés de buxo, recortada em forma de arco. Em vez de passar por ela, entretanto,

Marieta seguiu em linha reta, até eles emergirem numa generosa entrada para veículos. Esta era coberta de cascalho e bem cuidada, sem sinais de musgo nem ervas daninhas, e ladeada por uma avenida de *châtaigniers* com os galhos carregados de frutos.

Finalmente, Léonie vislumbrou pela primeira vez a casa propriamente dita.

— Oh! — exclamou, admirada.

Era magnífica. Imponente, mas de proporções harmoniosas, linha a localização perfeita para captar o melhor dos raios de sol e se beneficiar das paisagens ao sul e a oeste, proporcionadas por sua posição voltada para o vale. Três andares, telhado de inclinação suave e fileiras de janelas com venezianas, inseridas em elegantes paredes pintadas de branco. Cada janela do primeiro andar dava para uma sacada de pedra com um gradil curvo de ferro.

O edifício inteiro era coberto de hera verde e vermelha flamejante, que brilhava como se as próprias folhas tivessem sido lustradas.

Ao se aproximarem mais, Léonie notou a existência de uma parede ininterrupta que corria ao longo de todo o beirai do último andar da casa, atrás do qual se viam as oito janelas redondas do sótão.

Será que algum dia mamãe olhou cá para baixo de uma daquelas janelas?

Uma larga e majestosa escada semicircular de pedra conduzia à porta dupla e maciça da entrada, negra como um corvo, com aldrava e remates de bronze. Ela ficava sob a proteção de um pórtico recurvado de pedra, ladeado por duas enormes jardineiras que sustentavam cerejeiras ornamentais.

Léonie subiu a escada, seguindo a criada e Anatole para um vestíbulo espaçoso e elegante. O piso era um xa-

drez de lajotas vermelhas e pretas e as paredes eram revestidas de um delicado papel em tom creme, decorado com flores amarelas e verdes, o que dava uma impressão de luz e espaço. No centro ficava uma mesa de mogno com uma larga floreira de cristal, cheia de rosas brancas, e a madeira muito lustrada contribuía para o clima de intimidade e a-conchego.

Nas paredes havia retratos de homens de suíças e uniformes militares e de

mulheres de saias rodadas, além de uma seleção de paisagens envoltas em bruma e cenas pastorais clássicas.

Havia uma grande escadaria e, à esquerda dela, notou Léonie, uma miniatura de piano de cauda, com uma tênue camada de poeira sobre a tampa fechada.

— *Madama* os receberá no terraço da tarde — anunciou Marieta. Conduziu-os por um par de portas envidraçadas que davam para um terraço voltado para o sul e sombreado por videiras e madressilvas. Ele se estendia por toda a largura da casa e ficava situado de modo a des-cortinar os jardins formais e os canteiros de plantas. Uma avenida distante, formada por castanheiros da índia e abetos sempre verdes, marcava a fronteira mais remota; um mirante de vidro e madeira pintada de branco reluzia ao sol. No primeiro plano ficava a superfície lisa de um lago ornamental.

— Por aqui, *madomaisèla, sénher.*

Marieta os levou ao canto mais afastado do terraço, a um trecho de sombra criada por um generoso toldo amarelo. Havia uma mesa posta para três. Toalha de linho branco, louça branca de porcelana, talheres de prata e um centro de mesa composto de flores do campo, violetas de Parma, gerânios cor-de-rosa e brancos e lírios-roxos dos Pireneus.

— Vou avisar à madama que os senhores estão aqui — disse a moça e desapareceu nas sombras da casa.

Léonie encostou-se na balaustrada de pedra. Tinha as faces ruborizadas. Desabotoou as luvas nos pulsos e desatou o laço do chapéu, usando-o como um leque.

— Ela nos fez dar a volta inteira — comentou.

— Como disse?

Léonie apontou para a sebe alta de buxo nos confins do jardim.

— Se tivéssemos passado pelo arco, poderíamos ter vindo direto pelo parque. Mas a moça nos fez andar pelo terreno em círculo, para nos lazer entrar pela frente.

Anatole tirou o chapéu de palha e as luvas e os colocou na mureta.

— Bem, é uma construção esplêndida e a paisagem foi excelente.

— E nenhuma sege, nenhum mordomo para nos receber. É tudo muito peculiar.

— Esses jardins são primorosos.

— Aqui, sim, mas lá nos fundos, toda a propriedade parece negligenciada. Abandonada. A estufa, os canteiros cobertos de ervas, a...

— Negligenciada, Léonie, você está exagerando! —interrompeu Anatole com uma risada. — Admito que ela está mais para o estado natural, mas, afora isso...

Os olhos da moça faiscaram.

— Está completamente malcuidada. Não admira que a Herdade seja vista com suspeita neste lugar.

— Do que você está falando?

— Aquele homem impertinente, monsieur Denarnaud, na estação ferroviária... você viu a expressão no rosto dele quando lhe disse para onde vínhamos? E o pobre Dr. Gabignaud. O modo como aquele desagradável *maître* Fromilhague o repreendeu e o proibiu de falar. É tudo muito misterioso.

— Não é — retrucou Anatole, exasperado. — Vo-

cê está imaginando que tropeçamos por acaso numa daquelas historinhas macabras de monsieur Poe que você tanto aprecia — disse, fazendo uma careta grotesca. —

“Nós a sepultamos viva no túmulo” — citou, com a voz trêmula. — “Digo-lhe que, neste momento, ela está do lado de fora da porta!” Posso ser o Roderick Usher para a sua Madeline.

— E a tranca do portão estava enferrujada — obs-tinou-se Léonie. — Faz um bom tempo que ninguém passa por aquele portão. Estou lhe dizendo, Anatole, é muito estranho.

De trás deles veio uma voz de mulher, meiga, lím-pida e calma.

— Lamento ouvi-la pensar assim, mas você é muito bem vinda, de qualquer modo.

Léonie ouviu Anatole prender o fôlego.

Mortificada por ter sido entreouvida, girou nos calcanhares, com o rosto em fogo. A mulher parada à porta combinava à risca com sua voz. Elegante e segura, era esguia e alta. Os traços eram inteligentes e de uma harmonia perfeita, e a pele era deslumbrante. O cabelo louro e farto estava preso no alto da cabeça, sem uma mecha fora do lugar. E o mais impressionante de tudo eram os olhos, de um cinza pálido da cor da adulária.

A mão de Léonie voou para seus próprios cachos, insubmissos e caprichosos, por comparação.

— Titia, eu...

Baixou os olhos para a roupa de viagem empoeirada. A tia estava imaculada. Usava uma elegante blusa creme de gola alta e corte contemporâneo, com mangas bufantes, combinada com a saia lisa na frente, ajustada na cintura e pregueada nas costas.

Isolde foi-se aproximando.

— Você deve ser a Léonie — disse, estendendo os dedos longos e finos. — E Anatole?

Com uma meia reverência, Anatole pegou a mão de Isolde e a levou aos lábios.

— *Tante* — disse ele, com um sorriso, erguendo os olhos para a mulher sob os cílios escuros. — É um grande prazer.

— O prazer é meu. E, por favor, é Isolde. “Tia” é formal demais e faz com que eu me sinta muito velha.

— Sua criada nos trouxe pelo portão dos fundos.

Foi isso, aliado ao calor, que perturbou minha irmã —explicou Anatole. Abarcou

a casa e as terras num gesto largo e prosseguiu: — Mas se esta é a nossa recompensa, as tribulações da viagem já são uma lembrança distante.

Isolde inclinou a cabeça diante do elogio e se voltou para Léonie.

— Pedi realmente à Marieta que explicasse a situa-

ção lamentável da sege, mas ela se alvoroça com facilidade

— disse, em tom leve. — Lamento que suas primeiras impressões não tenham sido favoráveis. Mas não vem ao caso. Agora você está aqui.

Léonie finalmente encontrou a língua.

— *Tante* Isolde, por favor, desculpe a minha descortesia. Foi imperdoável. Isolde sorriu.

— Não há nada a perdoar. Agora, sentem-se. Primeiro um chá, *à l'anglaise,* e depois Marieta lhes mostrará seus quartos.

Sentaram-se. Imediatamente, um bule de prata com chá e uma jarra de limonada fresca foram levados à mesa, seguidos por pratos de iguarias saborosas e doces.

Isolde inclinou-se e serviu o chá, um líquido pálido r delicado que recendia a sândalo e ao Oriente.

— Que perfume maravilhoso — comentou Anato-

le, aspirando o aroma. — O que é?

— É minha própria mistura de *Lapsang Souchong* e verbena. Acho-a muito mais refrescante do que aqueles chás ingleses e alemães pesados que são tão populares hoje em dia.

Isolde ofereceu a Léonie um prato de porcelana branca com rodelas grandes de limão amarelo e disse:

— O telegrama de sua mãe, aceitando meu convite em seu nome, Léonie, foi absolutamente encantador. Espero ter a oportunidade de conhecê-la também. Quem sabe ela possa me fazer uma visita na primavera?

Léonie pensou na antipatia da mãe pela Herdade e em como Marguerite nunca pensara nesse lugar como sua casa, mas se lembrou de seus bons modos e mentiu com esmero:

— Mamãe ficaria encantada. Ela esteve adoentada por um período no início do ano, por causa do tempo inclemente, caso contrário, com certeza teria vindo prestar suas últimas homenagens ao tio Jules.

Isolde sorriu e se voltou para Anatole:

— Li nos jornais que as temperaturas caíram muito abaixo de zero em Paris. É verdade?

Os olhos de Anatole cintilaram, luminosos:

— O mundo pareceu transformar-se em gelo. Até o Sena congelou, e foram tantas pessoas morrendo nas ruas durante a noite, que as autoridades viram-se obrigadas a criar abrigos em ginásios, galerias de tiro, escolas e banhos públicos; chegaram até a instalar um dormitório no Palácio das Artes Liberais, no Champ de Mars, à sombra da magnífica torre de monsieur Eiffel.

— Nos salões de esgrima também? Anatole pareceu intrigado.

— Salões de esgrima?

— Desculpe-me — disse Isolde —, é a marca acima do seu olho. Pensei que talvez você fosse esgrimista.

Léonie apressou-se a entrar na conversa:

— O Anatole foi assaltado, quatro noites atrás, na noite dos tumultos no Palais Garnier.

— Léonie, por favor — protestou ele.

— Você se machucou? — apressou-se a perguntar Isolde.

— Alguns cortes e hematomas, não foi nada —respondeu ele, com um olhar furioso para a irmã.

— A notícia dos tumultos não chegou aqui? —perguntou Léonie. — Os jornais de Paris não falavam de outra coisa senão das notícias de detenções dos *abonnés*.

Isolde manteve os olhos fixos em Anatole.

— Você foi roubado? — indagou.

— Levaram meu relógio, o cebolão de meu pai.

Foram interrompidos antes que pudessem levar mais alguma coisa.

— Então, foi um assalto comum de rua? — repetiu Isolde, como se quisesse convencer-se.

— Exatamente. Nada mais. Falta de sorte.

Por um momento, fez-se um silêncio constrangido à mesa.

Em seguida, lembrando-se de seus deveres, Isolde voltou-se para Léonie:

— Sua mãe passou algum tempo aqui na Herdade do Cade quando era pequena, não foi?

Léonie fez que sim com a cabeça.

— Deve ter sido muito solitário crescer aqui sozinha. Sem outras crianças por companhia — sugeriu Isolde.

Léonie sorriu com alívio, por não ter que fingir uma afeição pela Herdade do Cade que sua mãe não sentia, e falou sem pensar:

— A senhora pretende fazer desta aqui a sua casa, ou vai voltar para Toulouse?

Isolde deixou a confusão toldar seus olhos cinzentos.

— Toulouse? Receio que eu não...

— Léonie — repreendeu Anatole, ríspido.

Ela enrubesceu, mas enfrentou o olhar do irmão.

— Tive a impressão, por alguma coisa que mamãe disse, que *tante* Isolde vinha de Toulouse.

— Sinceramente, Anatole, não estou nem um pouco ofendida — disse Isolde. — Mas, na verdade, fui criada em Paris.

Léonie aproximou-se mais, ignorando incisivamente o irmão. Sentia-se cada vez mais intrigada, querendo saber como os tios se haviam conhecido. Pelo pouco que sabia de tio Jules, aquele parecia um casamento improvável.

— Eu estava pensando... — começou, mas Anatole entrou rapidamente na conversa e a oportunidade se perdeu.

— São muito frequentes os seus contatos com Rennes-les-Bains? Isolde abanou a cabeça.

— Meu falecido marido não tinha grande interesse em receber visitas, e lamento dizer que, desde a morte dele, tenho negligenciado minhas responsabilidades de anfitriã.

— Tenho certeza de que as pessoas se solidarizam com sua situação — retrucou ele.

— Muitos vizinhos nossos foram extremamente gentis nas últimas se manas de vida de meu marido. Antes disso, fazia algum tempo que ele não andava bem de saúde. Depois do falecimento, houve inúmeros assuntos de que cuidar, longe da Herdade do Cade, e talvez eu tenha estado aqui menos do que deveria. Mas... — interrompeu-se e chamou Léonie para a conversa, com outro de seus sorrisos calmos e seguros. — Se for do seu agrado, pensei em usar o pretexto de sua visita para oferecer um jantar a um ou dois convidados locais, no próximo sábado. Isso agradaria vocês? Nada suntuoso, mas seria uma oportunidade de apresentá-los a eles e eles a vocês.

— Seria esplêndido — respondeu Léonie de imediato e, esquecendo todo o resto, começou a fazer perguntas à tia.

A tarde desdobrou-se prazerosamente. Isolde era uma excelente anfitriã, conscienciosa, atenta e encantadora, e Léonie deleitou-se imensamente com tudo: fatias de pão branco de crosta crocante, servidas com queijo de cabra e salpicadas de alho picadinho, finos palitos de torrada com pasta de anchovas e

pimenta-do-reino, uma bandeja de presunto defumado das montanhas, acompanhado por meias-luas roxas de figos maduros. Uma torta de ruibarbo, de massa adocicada e dourada, foi posta junto a um pote de porcelana azul, cheio até a borda de compota de amoras e cerejas, e a um jarro de creme de leite com uma colher de prata de cabo comprido ao lado.

— E o que é isso? — indagou Léonie, apontando para um prato de bombons cor de violeta com uma fina cobertura branca. — Parece delicioso.

— São Pérolas dos Pireneus: gotas de essência de sarcanto, um tipo de orquídea, cristalizadas em casquinhas de açúcar. Creio que são um dos seus favoritos, Anatole.

E estes... — Isolde apontou para outro prato — são bombons de chocolate feitos em casa. A cozinheira do Jules é realmente excelente. Tem servido à família há quase quarenta anos.

Havia em seu tom uma melancolia que fez Léonie se indagar se, como acontecera com sua mãe, Isolde se sentiria uma espécie de hóspede indesejada, e não a legíti-ma castelã da Herdade do Cade.

— Você trabalha nos jornais? — perguntou Isolde a Anatole. Ele abanou a cabeça.

— Já faz algum tempo que não. A vida de jornalista não me conveio: disputas internas, o conflito na Argélia, a última crise eleitoral na Academia de Belas-Artes; achei desanimador ser forçado a considerar assuntos que não me despertavam o menor interesse, e por isso desisti. Agora, embora escreva uma ou outra resenha para La Revue *Blanche e La Revue Contemporaine, eu b* asicamente me dedico a meus esforços literários numa arena menos comercial.

— O Anatole está no conselho editorial de uma revista para colecionadores, de edições antigas, coisas assim

— disse Léonie.

Isolde sorriu e tornou a voltar a atenção para ela.

— Quero dizer-lhe mais uma vez o quanto fiquei encantada por você ter podido aceitar meu convite. Receei que um mês no interior lhe parecesse muito

entediante, depois da agitação de Paris.

— Também é muito fácil ficar-se entediado em Paris — veio a resposta sedutora. — É muito comum eu ser obrigada a passar o tempo em reuniões maçantes, ouvindo as queixas de viúvas e solteironas a falarem de como as coisas eram muito melhores nos tempos do imperador.

Prefiro ler!

— Léonie é uma *lectrice assidue* — sorriu Anatole. —

Está sempre com o nariz enfiado num livro, embora seu material de leitura seja bastante, como direi, sensacionalis-ta! Não me agrada nem um pouco. Histórias de fantasmas e terrores góticos...

— Temos a sorte de dispor de uma esplêndida biblioteca. Meu falecido marido era um historiador ávido e se interessava por coisas menos usuais... — Isolde interrompeu-se, como que em busca da expressão apropriada.

— Por temas mais seletos de estudo, digamos — e tornou a hesitar.

Léonie fitou-a com interesse, porém ela não disse mais nada sobre quais seriam esses temas.

— Há muitas primeiras edições e livros raros —continuou — que tenho certeza de que serão do seu interesse, Anatole, além de uma boa seleção de romances e edições antigas de *Le Petit Journal,* que talvez sejam atraen-

tes para você, Léonie. Por favor, trate a coleção como se fosse sua.

Faltava pouco para as sete horas. À sombra das castanheiras altas, o sol havia praticamente desaparecido do terraço e as sombras se estendiam até os pontos mais distantes do jardim. Isolde tocou uma sineta de prata que estava a seu lado na mesa.

Marieta apareceu imediatamente.

— O Pascal já voltou com a bagagem?

— Faz algum tempo, *madama.*

— Ótimo. Léonie, eu a coloquei no Quarto Amarelo. Anatole, você ficará com a Suíte Anjou, na frente da casa. Ela dá para o lado norte, mas é um quarto agradável, apesar disso.

— Tenho certeza de que será extremamente confortável.

— Já que comemos tão bem no chá, e como achei que vocês gostariam de se recolher cedo esta noite, depois dos rigores da viagem de Paris, não providenciei um jantar formal para nós. Por favor, fiquem à vontade para tocar a campainha e pedir qualquer coisa de que precisarem. Adquiri o hábito de tomar uma bebida às nove horas, na sala de visitas. Se quiserem me acompanhar ficarei encantada.

— Obrigado.

— Sim, obrigada — acrescentou Léonie. Os três se levantaram. — Pensei em dar um passeio pelos jardins antes do anoitecer. Fumar um cigarro, quem sabe? — sugeriu Anatole.

Léonie percebeu um lampejo de reação nos serenos olhos cinzentos de Isolde.

— Se não for uma imposição excessiva, permita-me sugerir que você reserve sua exploração da Herdade para o amanhecer. Logo estará escuro. Eu não gostaria de ter que mandar uma equipe de busca procurá-lo em sua primeira noite.

Por um momento, ninguém falou. Depois, para espanto de Léonie, em *vez* de objetar a esse cerceamento de sua liberdade, Anatole sorriu, como que de alguma piada particular. Pegou a mão de Isolde e a levou aos lábios.

Perfeitamente correto, perfeitamente cortês.

No entanto...

— É claro, *tante*, como quiser. Considere-me seu criado.



CAPÍTULO 25

Depois de se despedir do irmão e da tia, Léonie seguiu Marieta pela escada e pelo corredor do primeiro andar, que se estendia por todo o comprimento da

casa. A criada parou para lhe indicar a localização do toalete e, adjacente a ele, a de um banheiro espaçoso, em cujo centro havia uma enorme banheira de cobre, antes de prosseguir para o quarto dela.

— O Quarto Amarelo, *madomaisèla* — disse, dando um passo atrás para que Léonie entrasse. — O lavatório tem água quente. Precisa de mais alguma coisa?

— Tudo parece extremamente satisfatório.

A criada fez uma pequena mesura e se retirou.

Léonie correu os olhos com prazer pelo quarto que seria sua casa nas quatro semanas seguintes. Era um cômodo bem mobiliado, bonito e confortável, com vista para os jardins do lado sul da propriedade. A janela estava aberta e, lá embaixo, ela ouviu o tilintar leve dos talheres e da louça, enquanto as criadas tiravam a mesa.

As paredes eram revestidas de um papel delicado de flores cor-de-rosa e violeta, combinando com as cortinas e a roupa de cama, o que dava uma impressão de luz, apesar dos matizes escuros dos móveis de mogno. A cama

— sem dúvida a maior que Léonie já tinha visto — postava-se como uma balsa egípcia no centro do aposento, a cabeceira e os pés trabalhados reluzindo de polidos. Ao lado ficava um pequeno armário com pés em forma de garra, sobre o qual havia uma vela num castiçal de bronze, um copo e um jarro d’água, coberto por um guardanapo branco bordado, para afastar as moscas. Sua caixa de costura também fora colocada ali, junto com o caderno de folhas de desenho e o material de pintura. O cavalete para viagem estava no chão, encostado no armário.

Léonie atravessou o quarto e se aproximou de um guarda roupa alto. A moldura era entalhada no mesmo esmerado estilo egípcio e havia dois longos espelhos nas portas, refletindo o cômodo às suas costas. Ela abriu a porta da direita, o que fez os cabides balançarem no trilho, e deparou com suas anáguas, vestidos para a tarde, trajes de noite e casacos, todos dispostos em fileiras ordenadas.

Tudo fora desembalado.

Na grande cômoda ao lado do guarda-roupa, ela encontrou sua roupa íntima e outras peças menores de vestuário, além de combinações, espartilhos, blusas e meias, todos cuidadosamente dobrados nas gavetas fundas e pesadas, que

recendiam a alfazema.

A lareira ficava na parede em frente à porta, tendo acima um espelho com moldura de mogno. No centro do console havia um relógio de Sèvres em porcelana e detalhes dourados, muito parecido com o que ficava na sala da casa de Léonie.

Ela despiu o vestido, as meias de algodão, as anáguas e o espartilho, deixando as roupas no tapete e na poltrona. De camisa e roupa-branca, verteu a água quente da jarra na bacia. Lavou o rosto e as mãos, depois molhou as axilas e a depressão entre os seios. Ao terminar, tirou a camisola azul de caxemira do gancho pesado de bronze em que fora pendurada, atrás da porta, vestiu-a e se sentou diante da penteadeira, em frente ao centro das três grandes janelas de batente.

Grampo a grampo, desfez o penteado e soltou o cabelo rebelde, cor de cobre, deixando-o cair até a cintura fina; inclinou o espelho em sua direção e começou a dar longas escovadas, até desembaraçá-lo como uma meada de seda a lhe descer pelas costas.

Pelo canto do olho, vislumbrou nos jardins lá embaixo um movimento que lhe captou a atenção.

— Anatole — murmurou, receosa de que o irmão pudesse ter resolvido, afinal, ignorar o pedido de Isolde de que ficasse em casa.

E torceu para que o tivesse feito.

Tirando da cabeça esse sentimento indigno, repôs a escova na penteadeira e foi postar-se diante da janela central. Os últimos vestígios do dia mal se haviam despedido no céu. À medida que seus olhos se acostumaram com a penumbra, ela notou outro movimento, dessa vez no limite extremo do jardim, perto da sebe alta de buxeiros, para lá do lago ornamental.

Viu então claramente uma figura. O homem tinha a cabeça descoberta e um andar furtivo, virando-se e olhando para trás a cada meia dúzia de passos, como se acreditasse estar sendo seguido.

Uma ilusão de óptica?

A figura desapareceu nas sombras. Léonie imaginou ter ouvido o dobre de um

sino no vale mais abaixo, uma única nota aguda e plangente, mas, quando se esfor-

çou para escutar, os únicos sons que pode distinguir foram os da zona rural ao anoitecer. O sussurro do vento nas árvores e o coral mesclado de cantos de pássaros no crepúsculo. Depois, o pio agudo de uma coruja preparando-se para a caçada noturna.

Ao perceber que a pele desnuda dos braços estava toda arrepiada, Léonie finalmente fechou a folha da janela e se afastou. Após um instante de hesitação, cerrou as cortinas. Era quase certo que a figura tivesse sido um dos jardineiros, talvez embriagado, ou algum garoto se atrevendo a fazer dos jardins um atalho ilícito, mas houvera algo de incômodo naquele espetáculo, algo de ameaçador. Na verdade, Léonie estava constrangida por ter assistido àquela cena. Sentia-se perturbada com o que vira.

O silêncio do quarto foi repentinamente quebrado por uma batida forte na porta.

— Quem é?

— *C'est moi* — respondeu Anatole. — Você está vestida? Posso entrar?

— *Attend, j'arrive*.

Amarrou o robe e alisou o cabelo, afastando-o do rosto, surpresa ao constatar que estava com as mãos trêmulas.

— O que houve? — perguntou ele, quando a irmã

abriu a porta. — Você me parece muito assustada.

— Estou ótima — foi a resposta.

— Tem certeza, *petite?* Você está branca feito um lençol.

— Você não estava lá fora andando no jardim? —indagou ela, de repente. — Há poucos minutos?

Anatole abanou a cabeça.

— Continuei no terraço por alguns minutos, depois que você saiu, mas não passou do tempo necessário para fumar um cigarro. Por quê?

— Eu... — começou Léonie, mas pensou melhor.

— Deixe para lá. Não tem importância.

Ele empurrou as roupas da irmã para o chão e se apoderou da poltrona.

Provavelmente, foi só um dos moços da estrebaria.

Anatole tirou a cigarreira e a caixa de Vestas do bolso e as colocou na mesa.

— Aqui não — pediu Léonie. — O seu fumo é nocivo.

Ele deu de ombros e enfiou a mão no outro bolso, tirando um livreto azul.

— Olhe, eu trouxe uma coisa para ajudá-la a passar o tempo. Atravessou o quarto devagar, entregou-lhe a pequena monografia e voltou para a poltrona, dizendo:

— *V oilà. Diables et esprits maléfiques et phantômes de la montagne.* Léonie não estava ouvindo. Seus olhos tinham corrido mais uma vez para a janela. Perguntava a si mesma se o que tinha visto ainda estaria lá fora.

— Tem certeza de que está passando bem? Você está mesmo com uma palidez horrível.

A voz de Anatole a trouxe de volta. Léonie olhou para o livro em sua mão, como que sem saber como ele havia chegado ali.

— Estou ótima — respondeu, sem jeito. — Que espécie de livro é esse?

— Não faço a menor ideia. Parece um horror, mas tem jeito de ser o seu tipo de coisa! Achei-o apanhando poeira na biblioteca. O autor é alguém que a Isolde pretende convidar para o jantar de sábado, um certo monsieur Audric Baillard. Há uns trechos sobre a Herdade do Cade. Parece que há toda sorte de histórias sobre demônios, espíritos maléficos e fantasmas associados a esta região, em particular a esta propriedade, remontando às guerras religiosas do século XVII — e Anatole sorriu.

Léonie espremeu os olhos, desconfiada.

— E o que foi que o levou a esse ato de generosidade?

— Será que um irmão não pode, por puro bom coração, fazer um gesto fortuito de gentileza para com sua irmã?

— Alguns irmãos, sim, com certeza. Mas você?

Anatole levantou as mãos, em sinal de capitulação.

— Está bem, confesso que achei que ele poderia impedi-la de fazer travessuras — disse e se abaixou para se esquivar do travesseiro atirado por Léonie. — Errou —comentou, rindo. — Péssima pontaria.

Pegou a cigarreira e os fósforos na mesa, levantou-se e, em meia dúzia de passos, chegou à porta.

— Conte-me como se entendeu com monsieur Baillard. Acho que devemos aceitar o convite da Isolde para tomar uma bebida com ela mais tarde, na sala. Certo?

— Você não acha estranho não haver jantar esta noite? Anatole levantou as sobrancelhas.

— Você está com fome?

— Bem, não. Não estou, mas até... Anatole levou um dedo aos lábios.

— Nesse caso, psssiu — disse, abrindo a porta. —

Divirta-se com o livro, *petite.* Esperarei por um relatório completo mais tarde.

Léonie ouviu-o afastar-se assobiando, cada vez mais tênue o som das botas em passos firmes, conforme ele seguia pelo corredor em direção a seu quarto.

Depois, outra porta fechando. A paz tornou a descer sobre a casa. Léonie pegou o travesseiro onde ele havia caído e subiu na cama. Encolheu as pernas, acomo-

dou-se confortavelmente e abriu o livro. O relógio no console da lareira bateu meia hora.



CAPÍTULO 26

PARIS

As ruas e bulevares elegantes sufocavam sob um denso crepúsculo marrom. Os *quartiers perdus*, os bairros dilapidados, com suas vielas e uma rede labiríntica de prédios de apartamentos e cortiços, também arquejavam no anoitecer poluído.

A temperatura despencou. O ar havia esfriado.

Prédios e gente, bondes e landaus pareceram assomar das sombras, surgindo e tornando a sumir como fantasmas. Os toldos dos cafés da rue d'Amsterdam tremula-vam sob o vento forte, arremetendo feito cavalos amarrados que tentassem se soltar. Nos Grands Boulevards, os galhos das árvores sacudiam.

As folhas deslizavam e dançavam nas calçadas do 9° *arrondissement* e nas trilhas verdejantes do Parque Monceau. Nada de amarelinha nem brincadeira de pique-cola; todas as crianças estavam aninhadas em segurança no interior dos prédios das embaixadas. Os novos cabos telegráficos dos correios começaram a vibrar e cantar, enquanto os trilhos dos bondes assobiavam.

Às sete e meia, a neblina deu lugar à chuva. Fria e cinzenta como lima-lha de ferro, ela caiu devagar, a princípio, depois mais forte e mais rápida. Criados fecharam ruidosamente as venezianas de apartamentos e casas. No 8° *arrondissement*, quem ainda estava na rua procurou refugiar-se da tempestade iminente, pedindo cerveja e absinto e brigando pelas últimas mesas restantes na parte interna do Café Weber, na rue Royale. Os mendigos e trapeiros, sem casa para onde voltar, buscaram abrigo sob as pontes e os arcos dos viadutos da linha férrea.

Na rue de Berlin, Marguerite Vernier estava estendida na *chaise longue* de seu apartamento. Tinha um dos braços alvos dobrado sob a cabeça, o outro caído sobre lateral do divã, com os dedos tocando no tapete, como uma jovem sonhadora num barco, durante o verão. Um toque levíssimo. Somente o matiz de azul nos lábios, a mancha arroxeada que parecia um colarinho sob o queixo e a pulseira de sangue coagulado no pulso ferido traíam o fato de que ela não estava dormindo.

Como a Tosca, como Emma Bovary, como Carmem, a infausta heroína de Prosper Mérimée, Marguerite era bela na morte. A faca, com a lâmina manchada de vermelho por sua tarefa, jazia ao lado de sua mão, como se houvesse escorregado dos dedos agonizantes.

Victor Constant mostrava-se alheio à presença da mulher. Para ele, Marguerite havia deixado de existir no instante em que ele percebera ter obtido dela tudo o que conseguiria.

A não ser pelo tique-taque do relógio no console da lareira, tudo era silêncio.

A não ser pelo círculo de luz projetado pela única vela, tudo era escuridão.

Constant abotoou as calças e acendeu um cigarro turco, depois se sentou à mesa para examinar o diário que seu criado tinha encontrado na mesinha de cabeceira de Vernier.

— Dê-me um conhaque.

Usando seu canivete, uma lâmina Nontron de cabo amarelo, cortou o barbante, abriu o papel pardo encerado e expôs uma caderneta de bolso azul-real. A agenda era um registro das atividades pessoais de Vernier no dia a dia durante todo o ano: os salões que ele havia frequentado; uma lista de débitos, cuidadosamente anotados em duas colunas e riscados quando a dívida era quitada; uma referência a um breve flerte com os ocultistas nos meses frios do início do ano, mais como comprador de livros do que como acólito; compras feitas, como a de um guarda-chuva e a de uma edição limitada dos *Cinq Poèmes de Baudelaire*, adquirida na livraria de Edmond Bailly, na rue de la Chaussée d'Antin.

Constant não estava interessado nos maçantes detalhes domésticos e folheou rapidamente o caderno, examinando as páginas em busca de datas ou referências que pudessem dar-lhe as informações que desejava.

Procurava detalhes sobre o romance entre Vernier e a única mulher a quem havia amado. Ele ainda não conseguia nem mesmo pensar no nome dela, muito menos dizê-lo. Em 31 de outubro do ano anterior, ela lhe dissera que o relacionamento precisava terminar. Antes disso, na verdade, a ligação entre os dois tinha sido digna desse nome. Constant havia interpretado a relutância da moça como pudor, e não a tinha pressionado. Seu choque dera lugar a uma fúria incontrolável,

instantaneamente, e por pouco ele não a havia matado. Aliás, poderia tê-lo feito, se os gritos dela não tivessem sido ouvidos por vizinhos no prédio ao lado.

Ele a soltara. Afinal, não tinha pretendido feri-la.

Constant a amava, cultuava, adorava. Mas a traição dela fora demais para suportar. Ela o levara àquilo.

Depois daquela noite, a mulher desaparecera de Paris. Durante novembro e dezembro, Constant tinha pensado nela ininterruptamente. Era simples. Amava-a e, em troca, ela o havia ultrajado. O corpo e a mente de Victor Constant lhe traziam lembretes implacáveis e ressentidos do tempo que os dois tinham passado juntos — o perfume dela, sua graça esguia, seu jeito de sentar-se imóvel ao lado dele, a gratidão que havia demonstrado por seu amor.

Como fora recatada, obediente, perfeita! E depois, a humilhação da forma como ela o havia abandonado tornava a inundá-lo, junto com uma raiva mais feroz e selvagem do que antes.

Para apagar essa lembrança, Constant se refugiara nos passatempos ao alcance de um cavalheiro de hábitos urbanos e bolsos cheios. Salões de jogos, clubes noturnos e láudano, para contrabalançar as doses cada vez maiores de mercúrio que ele era obrigado a tomar, para aliviar os sintomas da doença que se agravava. Houvera uma sucessão de *midinettes*, prostitutas que tinham com ela uma semelhança passageira, e cuja carne macia pagara o preço pela deslealdade da outra. Constant era de uma beleza marcante. Sabia ser generoso. Sabia seduzir e lisonjear, e as moças se mostravam muito dispostas, até o momento em que se davam conta de quão depravados eram os apetites dele.

Nada o aliviava. Nada minorava sua angústia pela traição dela.

Durante três meses, tinha sobrevivido sem ela.

Mas, no fim de janeiro, tudo havia mudado. Quando o gelo do Sena começava a derreter, chegara a seus ouvidos o boato de que ela não apenas tinha retornado a Paris, agora viúva, mas também de que havia um amante — o boato de que ela dera a outro homem o que lhe havia negado.

O tormento de Constant fora esmagador; sua ira, assustadora. A necessidade de se vingar dela — dos dois

— apossara-se dele por completo. Ele a imaginava ensanguentada, esvaindo-se em sangue em suas mãos, sofrendo como o fizera sofrer. Punir aquela prostituta por sua perfídia tornara-se o seu único objetivo na vida.

Descobrir o nome do rival tinha sido simples. O fato de ela e Vernier serem amantes era a primeira ideia que lhe vinha à cabeça todas as manhãs, quando o sol despontava. E a última que o deixava, quando a lua vinha acolher a noite.

Na passagem de janeiro para fevereiro, Constant dera início a sua campanha de perseguição e retaliação.

Tinha começado por Vernier, com a intenção de destruir seu bom nome. A tática fora simples. Um boato sussurra-do no ouvido dos colunistas menos honrados dos jornais.

Cartas falsas, passadas de mão em mão mediante subor-nos. Rumores introduzidos nas redes labirínticas de grupos clandestinos de iniciados, acólitos e adeptos do mag-netismo, que fervilhavam sob a fachada respeitável de Paris, todos obsequiosamente desconfiados e com um medo constante de serem traídos. Intrigas sórdidas, sussurros dúbios, a publicação anônima de calúnias.

Tudo mentira, mas eram mentiras plausíveis.

No entanto, nem mesmo sua cruzada contra Vernier, apesar de muito bem executada, trouxera alívio a Constant. Os pesadelos continuavam a lhe assediar o sono, e até seus dias eram repletos de imagens dos amantes nos braços um do outro. O avanço implacável da doença também lhe tirava o sono. Ao fechar os olhos, Constant era assaltado por imagens torturantes dele mesmo, flagelado e fincado numa cruz. Padecia com as visões de seu corpo extinto no chão, um Sísifo moderno esmagado por sua própria pedra, ou amarrado como Prometeu, enquanto ela se agachava sobre seu peito e lhe arrancava o fígado.

Em março, houvera uma espécie de resolução. Ela havia morrido e, para Victor Constant, com essa morte viera um certo alívio. Ele assistira de longe enquanto o caixão era baixado no solo úmido do Cemitério de Montmartre, com a sensação de que um fardo lhe fora retirado dos ombros. Depois disso, com grande satisfação, tinha visto a vida de Vernier desmoronar sob o peso do luto.

A primavera dera lugar ao calor de julho e agosto.

Por algum tempo, Constant sentira-se em paz. Viera setembro. E então surgira aquele comentário entreouvido por acaso, o vislumbre de uma cabeleira loura sob um chapéu azul no Boulevard Haussmann, murmúrios em Montmartre a respeito de um caixão enterrado seis meses antes, sem ocupante algum. Constant havia mandado dois homens interrogarem Vernier, na noite dos tumultos no Palais Garnier, mas eles tinham sido interrompidos antes de conseguirem descobrir alguma coisa de valor.

Tornou a folhear as páginas do diário mais uma vez, até retornar ao último dia 16 de setembro. A página estava vazia. Vernier não tinha feito nenhuma anotação sobre o tumulto na Ópera, nenhuma referência ao ataque sofrido na Passagem dos Panoramas. A última anotação do diário datava de dois dias antes. Constant virou a página e a releu. Letras grandes, confiantes — uma palavra solitária.

“FIM”.

Sentiu-se inundar por uma raiva fria. As três letras pareceram dançar na página diante de seus olhos, zom-bando dele. Depois de tudo o que havia suportado, descobrir que tinha sido vítima de uma trapaça puxava as cordinhas de sua amargura com uma arte toda especial.

Que loucura lhe pareceu, olhando para trás, ter imaginado que desonrar Vernier seria o suficiente para lhe assegurar a paz. Agora, sabia o que tinha de fazer. Ele os caçaria. E os mataria.

O criado pôs uma taça de conhaque junto a seu cotovelo.

— É capaz de o general Du Pont estar prestes a chegar... — murmurou c se afastou para a janela.

Agora cônscio do tempo que passava, Constant apanhou a folha de papel pardo em que o diário estivera embrulhado. A presença do caderno no apartamento o intrigava. Por que Vernier o teria deixado, se não pretendesse voltar? Seria por ter partido com muita pressa? Talvez fosse por não ter a intenção de se ausentar de Paris por muito tempo.

Engoliu o conhaque de um trago e atirou a taça na grade da lareira. Ela se espatifou em mil estilhaços afiados e reluzentes. O criado estremeceu. Por um instante, o ar pareceu vibrar com a violência do gesto.

Constant levantou-se e repôs a cadeira com precisão sob a mesa. Foi até o console e abriu a tampa de vidro do mostrador do relógio de Sèvres. Empurrou os ponteiros para adiante, até marcarem oito e meia. Depois, bateu com as costas duras do relógio na borda do console de mármore, até o mecanismo parar de funcionar. Abaixando-se, colocou-o virado para baixo entre os estilhaços brilhantes da taça de conhaque.

— Abra o champanhe e vá buscar duas taças.

O homem obedeceu às instruções. Constant aproximou-se do diva. Segurou um punhado do cabelo de Marguerite Vernier e levantou-lhe a cabeça, apoiando-a no braço. Um cheiro adocicado e metálico de abatedouro pairava sobre ela. As almofadas claras à sua volta estavam tingidas de vermelho e uma mancha borrada de sangue lhe manchava o peito, como o desabrochar exagerado de uma flor de estufa.

Constant derramou um pouco de champanhe na boca de Marguerite. Pressionou a borda de uma das taças em seus lábios cortados, até deixar visível uma mancha levíssima de batom, depois a encheu até a metade e a colocou na mesa, ao lado da mulher. Também serviu um pouco na segunda taça e deitou a garrafa de lado no chão.

Pouco a pouco, o líquido começou a escorrer, formando uma fita de bolhas que fluiu para o tapete.

— Nossos colegas reptilianos do Quarto Estado foram informados de que talvez haja uma novidade para eles esta noite?

— Sim, monsieur — disse o criado, cuja máscara caiu momentaneamente. — A senhora... Ela está morta?

Constant não respondeu.

O lacaio benzeu-se. O patrão foi até o aparador e pegou uma fotografia emoldurada, na qual Marguerite aparecia sentada no centro, com os dois filhos de pé mais atrás. Leu o nome do estúdio e a data. Outubro de 1890.

A filha ainda usava o cabelo solto. Ainda era uma menina.

O criado tossiu.

— Nós vamos viajar para Rouen, monsieur?

— Rouen?

O homem retorceu os dedos, nervoso, reconhecendo a expressão nos olhos do patrão.

— Perdão, monsieur, mas madame Vernier não disse que o filho e a filha tinham ido a Rouen?

— Ah. Sim, ela mostrou mais coragem... iniciativa...

do que eu havia esperado. Mas Rouen? Duvido que tenha sido esse o destino deles. Talvez ela não soubesse mesmo.

Jogou a fotografia para o criado.

— Saia e pergunte pela moça. Alguém há de falar.

Alguém sempre fala. As pessoas se lembrarão dela —ponderou, com um sorriso frio. — Ela nos levará ao Vernier e sua prostituta.



CAPÍTULO 27

HERDADE DO CADE

Léonie soltou um grito. Levantou-se repentinamente, com o coração palpitando contra as costelas. A vela se apagara e o quarto estava envolto em escuridão.

Por um momento, pensou estar de volta à sala da rue de Berlin. Depois, baixou os olhos e viu a monografia de monsieur Baillard no travesseiro a seu lado, e então compreendeu.

Un cauchemar.

Um pesadelo com demônios e espíritos, fantasmas e criaturas com garras, e antigas ruínas em que as aranhas teciam suas teias. Os olhos vazios dos fantasmas.

Léonie deixou-se cair de encontro à cabeceira, à espera de que a pulsação parasse de correr. Imagens de um sepulcro de pedra sob um céu cinzento, guirlandas mur-chas enroladas num escudo desgastado. Um brasão de família, corrompido e desonrado desde tempos remotos.

Que sonhos tenebrosos.

Esperou a pulsação normalizar-se, mas, se tanto, o martelar em sua cabeça tornou-se mais alto.

— *Madomaisèla* Léonie? *Madama* me mandou perguntar se a senhorita precisa de alguma coisa.

Com alívio, Léonie reconheceu a voz de Marieta.

— *Madomaisèla?*

Léonie se recompôs e respondeu:

— *Viens.*

Houve um ruído na porta, e em seguida:

— Desculpe, madomaisèla, mas está trancada. Léonie não se lembrava de ter girado a chave. Calçou depressa as *savates* de seda nos pés enregelados e foi correndo abrir a porta. Marieta fez uma mesura rápida.

— *Madama* Lascombe e o *sénher* Vernier me manda-ram perguntar se a senhorita gostaria de se encontrar com eles.

— Que horas são?

— Quase nove e meia. *Muito tarde.*

Léonie esfregou os olhos para afastar o pesadelo.

— É claro. Posso me arranjar sozinha. Quer dizer a eles que já vou descer? Enfiou a roupa de baixo, depois um vestido simples para a noite, nada sofisticado. Prendeu o cabelo com travessas e grampos, passou um pouquinho de água-de-colônia atrás das orelhas e nos pulsos e desceu para a sala.

Anatole e Isolde levantaram-se quando ela entrou.

Isolde usava um vestido simples azul-turquesa, de gola alta e mangas até os cotovelos, debruado de contas francesas de cristal negro. Estava deslumbrante.

— Lamento tê-los feito esperar — desculpou-se Léonie, beijando primeiro a tia, depois o irmão.

— Estávamos quase desistindo de você — comen-

tou Anatole. — O que gostaria de beber? Estamos tomando champanhe... não, mil perdões, Isolde, não é champanhe. Quer a mesma coisa que nós, ou algo diferente?

Léonie franziu o cenho:

— Não é champanhe? Isolde sorriu.

— Ele está implicando com você. É o que chamamos de *blanquette de Limoux,* que não é champanhe, e sim um vinho local muito parecido. É mais doce e mais leve, sacia mais a sede. Confesso que agora tenho certa predile-

ção por ele.

— Obrigada — disse Léonie, aceitando uma taça.

— Comecei a ler o panfleto de monsieur Baillard. Quando menos esperava, Marieta estava batendo à porta e já passava das nove horas.

Anatole riu.

— Ele é tão maçante que a fez dormir? Léonie abanou a cabeça.

— Muito pelo contrário. Foi fascinante. Parece que a Herdade do Cade, ou melhor, a área atualmente ocupada pela casa e pelo terreno, está no cerne de inúmeras superstições e lendas locais há muito tempo. Fantasmas, demônios, espíritos que perambulam durante a noite. As mais comuns são histórias sobre uma criatura negra e feroz, meio demônio, meio fera, que assola a zona rural em tempos difíceis e rouba crianças e animais dos rebanhos.

Anatole e Isolde se entreolharam.

— De acordo com monsieur Baillard — prosseguiu Léonie —, é por isso que tantos marcos históricos locais têm nomes sugestivos desse passado sobrenatural. Ele relata uma história a propósito de um lago no monte Tabe, o *étang du Diable,* que dizem se comunicar com o próprio inferno. Ao que parece, quando alguém atira pedras nele, nuvens de gás sulfuroso elevam-se da água e provo-cam tempestades ferozes. E há uma outra história que remonta ao verão de 1840, que foi particularmente seco. Na ânsia desesperada de chuva, um moleiro da aldeia de Montségur subiu o monte Tabe e jogou um gato vivo no lago. O animal se debateu e lutou feito um demônio, e aborreceu tanto o Diabo que ele fez chover nas montanhas pelos dois meses seguintes.

Anatole esticou o corpo para trás e estendeu o bra-

ço no encosto do sofá. Na lareira, um fogo acolhedor estalava e crepitava.

— Que tolice supersticiosa! — comentou, em tom afetuoso. — Chego quase a me arrepender de ter posto esse livro em suas mãos.

Léonie fez uma careta.

— Pode zombar, mas há sempre uma dose de ver-

dade nessas histórias.

— Disse-o bem, Léonie — aprovou Isolde. —

Meu falecido marido interessava-se muito pelas lendas associadas à Herdade do Cade. Sua paixão particular era o período dos visigodos, mas às vezes ele e monsieur Baillard conversavam até altas horas sobre toda sorte de assuntos. O pároco do nosso vilarejo irmão de Rennes-le-Château também se juntava a eles, em algumas ocasiões.

A imagem repentina dos três homens juntos, debruçados sobre os livros, passou pela cabeça de Léonie e a deixou intrigada, perguntando a si mesma se Isolde se haveria ressentido de ser excluída com tanta frequência.

— Abade Saunière — confirmou Anatole. — O

Gabignaud o mencionou na viagem de Couiza, hoje à tarde.

— Dito isso — prosseguiu Isolde —, caberia acrescentar que Jules sempre foi cauteloso na presença de monsieur Baillard.

— Cauteloso? Como assim? Isolde abanou a mão fina e alva.

— Ah, talvez *cauteloso* não seja a palavra certa. Quase reverente. Não estou inteiramente segura do que quero dizer. Ele tinha grande respeito pela idade e pelos conhecimentos de monsieur Baillard, mas também se assombra-va um pouco com a erudição dele.

Anatole tornou a encher as taças e tocou a sineta para pedir outra garrafa.

— A senhora disse que Baillard é um homem da região?

Isolde fez que sim.

— Ele aluga uma casa mobiliada em Rennes-les-Bains, mas sua residência principal fica em outro lugar.

Num ponto qualquer de Sabarthès, acredito. É um homem extraordinário, mas muito reservado. É circunspecto acerca de suas experiências passadas e tem interesses muito amplos. Além do folclore e dos costumes locais, também é especialista na heresia dos albigenses acrescentou, com um risinho. — Aliás, uma vez o Jules comentou que quase se poderia acreditar que monsieur Baillard tinha sido testemunha de algumas daquelas batalhas medievais, tão vividas eram as descrições que fazia.

Todos sorriram.

— Esta não é a melhor época do ano, mas talvez você gostasse de visitar as ruínas de um dos castelos da fronteira, não? — perguntou Isolde a Léonie.

Se as condições do tempo o permitirem.

— Eu gostaria muito.

— E vou colocá-la ao lado de monsieur Baillard no sábado, para que você possa perguntar-lhe tudo o que quiser sobre demônios, superstições e mitos das

montanhas.

Léonie assentiu com a cabeça, recordando-se das histórias de monsieur Baillard. Anatole também se calou.

Um clima diferente havia entrado na sala, infiltrando-se na conversa fluente enquanto ninguém prestava atenção. Por algum tempo, os únicos sons audíveis foram o tiquetaquear dos ponteiros dourados do carrilhão e o crepitar das chamas na lareira.

Léonie constatou que seu olhar era atraído pelas janelas. Estavam fecha das, para protegê-los da noite, mas ela se sentia vividamente cônscia da escuridão do lado de fora, que parecia ter uma presença viva e pulsante. Era apenas o vento assobiando pelos cantos da construção, mas, para ela, foi como se a própria noite murmurasse, invocando os antigos espíritos da floresta.

Olhou para a tia, linda sob a luz suave, e também muito quieta.

Será que ela também o sente?

A expressão de Isolde era serena, suas feições, impassíveis. Para Léonie, era impossível saber o que estaria pensando. Seus olhos não se turvavam de tristeza pela ausência do marido. E não havia qualquer sugestão de angústia ou nervosismo pelo que pudesse existir além das paredes de pedra da casa.

Léonie olhou para o *blanquette* em sua taça e bebeu até a última gota.

O relógio bateu a meia hora.

Isolde anunciou sua intenção de redigir os convites para o jantar de *sá* bado e se recolheu ao estúdio. Anatole pegou na bandeja a garrafa atarracada e verde de Benedic-tine e declarou que ficaria mais um pouco, para fumar um charuto.

Léonie deu um beijo de boa noite no irmão e saiu da sala. Atravessou o saguão com passos meio instáveis, cheia de lembranças do dia. Do que lhe dera prazer e do que a havia intrigado. Que sagacidade a de Tante Isolde, adivinhando que os bombons favoritos de Anatole eram as Pérolas dos Pireneus! Como fora descontraído, na maior parte do tempo, os três ficarem na companhia uns dos outros. Ela pensou nas aventuras que poderia ter e em como exploraria a casa e, se o clima o permitisse, o terreno da propriedade.

Já tinha colocado a mão no corrimão da escada quando notou que a tampa do piano estava tentadoramen-te levantada. As teclas pretas e brancas reluziam à luz bruxuleante das velas, como se tivessem sido lustradas pouco antes. A caixa preciosa de mogno parecia brilhar.

Léonie não era uma pianista talentosa, mas não pôde resistir ao convite do teclado intacto. Tocou uma escala, um arpejo, um acorde. O piano tinha um som doce, suave e preciso, como se fosse mantido afinado e bem cuidado. Ela deixou os dedos correrem à vontade, produzindo uma sequência melancólica e antiga de notas em tom menor — lá, mi, dó, ré. Uma linha melódica simples ecoou brevemente no silêncio do saguão, depois se extinguiu. Tristonha, evocativa, agradável de ouvir.

Léonie correu as costas dos dedos pelas oitavas ascendentes, com um último floreio, depois continuou a subir as escadas para se deitar.

Passaram-se as horas. Ela adormeceu. Cômodo a cômodo, a casa mergulhou no silêncio. Uma por uma, as velas se apagaram. Além das paredes cinzentas, do terreno, dos jardins, do lago, a floresta de faias imobilizou-se sob uma lua branca. Tudo se aquietou.

No entanto...



PARTE IV

Rennes-les-Bains

Outubro de 2007

CAPÍTULO 28

RENNES-LES-BAINS

SEGUNDA-FEIRA, 29 DE OUTUBRO DE 2007

O avião de Meredith aterrissou no aeroporto de Toulouse-Blagnac dez minutos antes da hora prevista. Às quatro e meia, ela já havia alugado um carro e estava saindo do estacionamento. De tênis e calças jeans, com a mo-chilona pendurada no ombro, parecia uma estudante.

O trânsito da hora do rush no anel perimetral foi uma loucura, algo como o *Grand Theft A uto*, só que sem as armas. Meredith segurou o volante com força, nervosa com os veículos que se aproximavam por todos os lados.

Ligou o ar-refrigerado e grudou os olhos no para-brisa.

Depois que chegou à autoestrada, as coisas se a-calmaram. Ela começou a se sentir suficientemente à vontade com o carro para ligar o rádio. Achou uma estação pré-programada, Classique, e aumentou o volume. O de praxe. Bach, Mozart, Puccini, até um pouco de Debussy.

A estrada foi bem direta. Ela tomou o rumo de Carcassonne, deixando a autopista depois de uns trinta minutos para rodar pelo interior, passando por Mirepoix e Limoux. Em Couiza, pegou a esquerda em direção a Arques e, após uns dez minutos de estrada sinuosa, virou à direita. Ali pelas seis horas, com uma mescla de expectativa e empolgação, entrou na cidade em que passara tanto tempo pensando.

Sua primeira impressão de Rennes-les-Bains foi a-nimadora. A cidade era muito menor do que ela havia esperado, e a rua principal — embora “principal” fosse meio forçado — era estreita, mal dando passagem para dois carros, mas tinha um

certo charme. Nem o fato de estar completamente deserta chegou realmente a incomodá-la.

Ela passou por um prédio feioso de pedra, depois por uns jardins bonitos junto à estrada, com um letreiro de metal na entrada que dizia JARDIN DE PAUL

COURRENT, e uma placa no muro com os dizeres LE

PONT DE FER. De repente, meteu o pé no freio. O carro parou meio derrapando, bem a tempo de não se espati-far na traseira de um Peugeot azul parado à sua frente na estrada.

Era o último de uma pequena fila de carros. Meredith desligou o rádio, apertou o botão para abrir a janela e pôs a cabeça do lado de fora, para dar uma olhada melhor.

Adiante havia um grupinho de operários, parado junto a uma placa de trânsito amarela: ROUTE BARRÉE.

O motorista do Peugeot saltou e foi até onde estavam os homens, gritando. Meredith esperou e, quando mais uns dois motoristas também saíram dos carros, fez o mesmo, no exato momento em que o sujeito do Peugeot dava meia-volta e retornava para o seu. Cinquenta e tantos anos, meio grisalho nas têmporas, um pouquinho acima do peso, mas ainda em forma. Atraente, com o porte e a conduta de quem estava habituado a obter o que queria. O

que chamou a atenção de Meredith foi o modo como estava vestido. Muito formal, de paletó, calças e gravata pretas, sapatos bem engraxados.

Ela deu uma espiada rápida na placa do automóvel.

Terminava em 11. Placa local.

— *Qu'est-ce qui se passe?* — perguntou-lhe, quando ele se aproximou.

— Arvore caída — respondeu o homem, abrupta-

mente, sem prestar atenção.

Meredith ficou irritada por ele ter respondido em inglês. Seu sotaque não era tão

ruim assim.

— Bem, eles disseram quanto tempo vai demorar?

— rebateu.

— Pelo menos meia hora — retrucou o sujeito, entrando no carro. — O que pode significar qualquer coisa abaixo de três horas no tempo do Midi. Ou até amanhã.

Era visível a sua impaciência para sair dali. Meredith deu um passo à frente e pôs a mão na porta.

— Há algum outro caminho?

Dessa vez, pelo menos ele a olhou. Gélidos olhos azuis, muito diretos.

— Voltando a Couiza e atravessando a serra, via Rennes-le-Château. Vai levar uns quarenta minutos, a esta hora da noite. Eu esperaria. Fica confuso no escuro —respondeu. Olhou de relance para a mão dela e de novo para seu rosto. — Agora, se me dá licença...?

Meredith enrubesceu.

— Obrigada pela ajuda — disse, com um passo atrás. Viu-o dar marcha a ré na calçada, arrancar e partir em direção à rua principal. — Está aí um sujeito com quem não convém brigar — resmungou consigo mesma, sem saber muito bem por que sentia tanta raiva dele.

Alguns outros motoristas fizeram a volta em manobras desajeitadas na rua estreita e retornaram na direção de onde tinham vindo. Meredith hesitou. Por mais ríspido que tivesse sido o sujeito, ela imaginou que seu conselho provavelmente era bom. Não fazia sentido perder-se nas montanhas.

Resolveu explorar a cidade a pé. Subiu de ré numa calçada e estacionou o carro alugado ao lado do Peugeot azul do homem. Não sabia ao certo se Rennes-les-Bains era mesmo o lugar de origem de seus ancestrais, ou se fora apenas por um acaso temporal que a fotografia do soldado fora tirada ali em 1914, e não em outro lugar. Mas era uma das únicas pistas que tinha. Poderia começar a descobrir nessa noite.

Pegou a bolsa do outro lado do banco — a ideia de ter o laptop furtado era impensável — e checou a mala do carro, onde estava a sacola de viagem, para ver se estava trancada. Deixado o carro em segurança, deu os poucos passos que a separavam da entrada principal da Estação Termal e Climática. Um aviso na porta, escrito à mão, dizia que ela estava fechada para o período de inverno: de 1Q de outubro a 30 de abril de 2008. Meredith ficou olhando para o aviso. Simplesmente presumira que ela estaria aberta o ano inteiro. Não lhe havia ocorrido telefonar com antecedência.

Com as mãos nos bolsos, passou algum tempo do lado de fora. As janelas estavam apagadas, o prédio, ao que parecia, totalmente deserto. Mesmo admitindo que a busca de vestígios de Lilly Debussy tinha sido, pelo menos em parte, uma desculpa para ir até lá, ela havia alimentado boas esperanças a respeito do spa. Registros antigos e fotografias que remontavam à virada do século, à época em que Rennes-les-Bains tinha sido uma das estâncias hidro-minerais mais elegantes da região.

Agora, olhando para as portas fechadas da Estação Termal e Climática, percebeu que, mesmo que lá dentro houvesse indícios de que Lilly tinha sido mandada a esse lugar para convalescer, no verão de 1900 — ou algum indício do rapaz de uniforme militar —, ela não os descobriria.

Talvez conseguisse convencer a prefeitura, ou alguma pessoa, a deixá-la entrar, mas não tinha muitas esperanças. Decepcionada consigo mesma por não ter racioci-nado direito, afastou-se e voltou para a rua.

Uma trilha para pedestres descia à direita dos prédios do balneário — a Allée des Bains de la Reine. Meredith seguiu por ela até a margem do rio, apertando a jaqueta em volta do corpo para se proteger do vento cortante que havia surgido, e passou por uma grande piscina vazia. Havia no terraço deserto um ar de abandono. Lajotas azuis lascadas, o deque cor-de-rosa descascando, espregui-

çadeiras de plástico branco quebradas. Era difícil acreditar que aquela piscina fosse usada.

Seguiu em frente. A margem do rio também parecia abandonada, esvaziada de vida humana. Como as festas de estacionamento dos tempos de secundário, na manhã do dia seguinte, quando o terreno ficava enlameado e cortado por marcas de pneus. A trilha era ladeada por bancos de metal tortos e de ar desolado; havia

uma pérgula de metal bamba e enferrujada, em forma de coroa, com um banco de madeira embaixo. Parecia não ter sido usada em anos.

Meredith levantou a cabeça e viu alguns ganchos metálicos, que presumiu servirem para fixar algum tipo de toldo para proteger do sol.

Por força do hábito, meteu a mão na bolsa e pegou a câmera. Ajustou os controles para lidar com a ilumina-

ção precária e bateu umas duas fotos, sem convicção de que sairiam. Tentou imaginar Lilly sentada num daqueles bancos, de blusa branca e saia preta, o rosto protegido por um chapéu de aba larga, sonhando com Debussy e Paris.

Tentou imaginar o soldado cor de sépia caminhando pela beira do rio, talvez de braço dado com uma moça, mas não conseguiu. O lugar não parecia certo. Estava tudo em decadência, abandonado. A vida seguira em frente.

Com certa tristeza e nostalgia por um passado imaginário que nunca havia conhecido, foi andando devagar pela margem. Seguiu a curva do rio até uma ponte plana de concreto que o atravessava. Hesitou antes de cruzá-la.

A margem oposta era mais agreste, claramente menos fre-quentada. Era idiotice vagar sozinha por uma cidade estranha, especialmente levando na bolsa um laptop valioso e uma máquina fotográfica.

E está escurecendo.

Mas sentiu que alguma coisa a puxava. Um espírito de exploração, supôs, ou de aventura. Queria conhecer a cidade intimamente. O lugar verdadeiro, que estivera ali por centenas de anos, e não apenas a rua principal, com seus cafés e automóveis modernos. E, se viesse a ser revelado que ela de fato tinha algum tipo de vínculo pessoal com aquele lugar, não queria ter a sensação de haver desperdiçado seu curto espaço de tempo ali. Atravessando a alça da bolsa no ombro e no peito, foi em direção à ponte.

O clima era diferente do outro lado do rio. Logo de saída, Meredith teve a sensação de uma paisagem mais duradoura, menos influenciada por pessoas e modismos.

A projeção íngreme e irregular da encosta parecia brotar diretamente do chão à

sua frente. Os verdes, marrons e cobres variegados dos arbustos e árvores adquiriam os ricos matizes do pôr do sol. Deveria ser uma paisagem atraente, mas havia algo estranho nela. Era como que bidimensional, como se o verdadeiro caráter do lugar se es-condesse por trás de um exterior pintado.

No lusco fusco do anoitecer de outubro, Meredith escolheu com cuidado o caminho por entre as urzes brancas, o mato rasteiro e os detritos carregados pelo vento.

Um carro passou na ponte de pedra lá no alto e, por um breve momento, seus faróis lançaram um facho de luz na muralha cinzenta de pedra, no ponto onde as montanhas entravam diretamente na cidade.

Depois, o barulho do motor se extinguiu e tudo voltou ao silêncio.

Meredith seguiu a trilha até onde não era possível continuar. Descobriu-se diante da boca de um túnel escuro, que passava por baixo da estrada e conduzia à encosta da montanha.

Será algum tipo de cano de escoamento?

Apoiando a mão na fria parede de tijolos do aca-bamento, inclinou se para a frente e deu uma espiada lá dentro, sentindo o ar úmido aprisionado sob o arco de pedra sussurrar em sua pele. Ali a água corria mais depressa, afunilando-se pelo canal estreito. Flocos brancos de espuma borrifavam as paredes de tijolos, nos pontos em que o rio rolava sobre pedras irregulares.

Havia uma saliência estreita na parede, larga apenas na medida para ela ficar de pé.

Não é boa ideia entrar.

Mas acabou enfiando a cabeça e, com a mão direita na lateral úmida do túnel, para manter o equilíbrio, deu um passo na escuridão. No mesmo instante, foi atingida pelo cheiro de umidade do ar, um cheiro de espuma, mus-

go e líquen. A saliência era escorregadia, mas Meredith se esgueirou aos poucos, um tantinho mais para dentro, um pouquinho mais, mais ainda, até que o crepúsculo cor de ametista tornou-se apenas um leve brilho e ela não conseguiu mais enxergar a margem do rio.

Vergando a cabeça para não bater na parede curva do túnel, parou e olhou para a água. Peixinhos pretos em disparada, filamentos ondulantes de algas verdes, achata-dos pela força da correnteza; cristas brancas de renda onde as pequenas ondulações entravam em contato com a borda de pedras e rochas submersas.

Embalada pelos sons aleatórios e pelo movimento da água, Meredith abaixou-se. Seus olhos perderam o foco. Era tranquilo embaixo da ponte, oculto, um lugar secreto. Ali ela podia evocar mais facilmente o passado. Baixando os olhos para o rio, era fácil imaginar meninos de calções até os joelhos e pés descalços, meninas de cabelo encaracolado, preso com fitas de cetim, brincando de esconde-esconde embaixo daquela velha ponte. Era possível imaginar o eco de vozes adultas chamando seus pupilos na margem oposta.

Mas que diabo!

Por um segundo fugaz, pensou ter visto na água o contorno de um rosto a fitá-la. Espremeu os olhos. Notou que o silêncio pareceu aprofundar-se. O ar ficou vazio e frio, como se toda a vida lhe tivesse sido sugada. Meredith sentiu o coração parar e os sentidos se aguçarem. Todos os nervos de seu corpo entraram em alerta.

É só o meu reflexo.

Dizendo a si mesma para não ser tão impressionável, tornou a olhar para o agitado espelho d’água.

Dessa vez não houve dúvida. Um rosto a encarava sob a superfície do rio. Não era um reflexo, embora Meredith intuísse seus próprios traços ocultos por trás da imagem, e sim o rosto de uma jovem de cabelos longos, que flutuavam e dançavam na correnteza — uma Ofélia moderna. Depois, pouco a pouco, os olhos embaixo d’água pareceram abrir-se e sustentar em sua expressão direta e franca o olhar de Meredith. Eram como cristal verde, contendo em si todos os matizes cambiantes da água.

Meredith deu um grito. Com o susto, levantou-se depressa e por pouco não perdeu o equilíbrio, agitando as mãos para trás até encontrar a segurança da parede às suas costas. Obrigou-se a olhar de novo.

Nada.

Não havia nada ali. Nenhum reflexo, nenhum rosto fantasmagórico na água, apenas as formas distorcidas das pedras e dos galhos soltos, agitados pelo movimento da correnteza. Apenas a água rolando sobre as rochas, fazendo as plantas aquáticas dançarem e se retorcerem.

A essa altura, Meredith descobriu-se aflita para sair do túnel. Deslizando e escorregando, foi saindo pela sali-

ência bem devagar, até chegar a céu aberto. Suas pernas tremiam. Tirando a bolsa do ombro, desabou num pedaço seco de grama e encolheu as pernas, pondo os joelhos junto ao queixo. Acima, na estrada, mais dois fachos de luz, à passagem de outro carro que saía da cidade.

Estaria começando?

O maior medo de Meredith era que um dia se ma-nifestasse nela a doença que havia afligido sua mãe biológica. Fantasmas, vozes, uma perseguição por coisas que ninguém mais ouvia nem via.

Respirou fundo, inalando e exalando, inalando e exalando.

Eu não sou ela.

Concedeu-se mais alguns minutos, depois ficou de pé. Sacudiu a roupa, tirou os fiapos de limo e ervas daninhas das solas do tênis, apanhou a bolsa pesada e refez o percurso pela ponte de pedestres até a trilha.

Ainda estava trêmula, mas, pior do que isso, com raiva de si mesma por ter ficado tão apavorada. Usou as mesmas técnicas que se havia ensinado tempos antes, invocando lembranças boas para expulsar as ruins. Assim, em vez da lembrança dolorosa do choro de Jeanette, ouviu mentalmente a voz de Mary. Coisas comuns de mãe.

De todas aquelas vezes em que ela voltara para casa enlameada e com as calças rasgadas nos joelhos, coberta de arranhões e picadas de insetos. Se Mary estivesse ali nesse momento, ficaria preocupada ao ver a filha sair para perambular sozinha, metendo o nariz em lugares em que não tinha nada que ir, como sempre.

O de sempre, o de sempre.

Sentiu-se inundar por uma onda de saudade. Pela primeira vez desde a partida para a Europa, duas semanas antes, desejou sinceramente estar enroscada em segurança em sua poltrona favorita, com um livro, embrulhada na velha colcha de retalhos que Mary fizera para ela na época em que havia passado um semestre inteiro fora da escola, na quinta série. Desejou estar em casa, e não vagando sozinha, no que poderia vir a se revelar uma busca inútil, por um canto esquecido da França.

Com frio e aflita, tentou saber que horas eram. Não havia sinal em seu telefone celular, mas ela conseguiu ver as horas. Fazia apenas 15 minutos que tinha saído do car-

ro. Arriou os ombros. Era improvável que a estrada já estivesse desobstruída.

Em vez de subir de volta pela Allée des Bains de la Reine, permaneceu na trilha que corria pelos fundos das casas, no nível do rio. Dali podia ver a estrutura de concreto sob a piscina, erguida acima da trilha, escorada por várias estacas. O contorno dos prédios originais era mais nítido, visto por aquele ângulo. Nas sombras, Meredith viu os olhos luminosos de um gato, circulando por entre as escoras. Lixo, pedaços de papel e garrafas de refrigerante roladas pelo vento agarravam-se aos tijolos e cabos.

O rio descrevia uma curva para a direita. Na margem oposta, Meredith viu uma passagem em arco que descia da rua no alto para o vale do rio, levando diretamente à trilha à beira da água. As luzes dos postes de rua haviam se acendido, e ela pôde discernir uma senhora de maio florido e touca de natação boiando de costas na água, dentro de um círculo de pedras, com sua toalha cuidadosamente dobrada na passarela de pedestres. Meredith estremeceu de frio ao vê-la, antes de notar o vapor que se elevava da superfície. Ao lado da mulher enxugava-se um senhor idoso, o corpo magro e moreno todo enrugado.

Meredith admirou a disposição dos dois, embora aquela não fosse a maneira como optaria por passar um frio anoitecer de outubro. Tentou imaginar os dias de glória do *fin de siècle,* quando Rennes-les-Bains tinha sido um próspero balneário. Cabines de banho sobre rodas, senhoras e cavalheiros em antiquados trajes de banho, entrando nas águas quentes terapêuticas, criados e enfermeiras postados atrás deles nessa mesma margem do rio.

Não conseguiu. Como um teatro em que a cortina houvesse descido e o gerente

tivesse apagado as luzes, Rennes-les-Bains parecia desolada demais para esses voos da imaginação.

Uma escada estreita e sem corrimão conduzia a uma ponte de pedestres em metal pintado de azul, que ligava a margem esquerda à direita. Meredith lembrou-se da placa anterior: LE PONT DE FER. Era bem ali que havia deixado o carro de aluguel.

Subiu a escada. De volta à civilização.

CAPÍTULO 29

Como Meredith suspeitara, a estrada ainda estava bloqueada. O carro de aluguel continuava onde ela o havia deixado, atrás do Peugeot azul. Mais alguns carros tinham-se juntado a eles na calçada.

Passou pelo Jardin Paul Courrent e seguiu a avenida principal em direção às luzes, depois dobrou à direita numa rua muito íngreme, que parecia subir diretamente a encosta. A ruela levava a um estacionamento surpreendentemente cheio, considerando-se quanto a cidade parecia deserta. Meredith leu o quadro de informações destinado aos turistas — uma placa rústica de madeira que anunciava passeios a pé a pontos turísticos locais: L'Homme Mort, La Cabanasse, La Source de la Madeleine e uma trilha rural para um vilarejo vizinho, Rennes-le-Château.

Não estava chovendo, mas o ar havia ficado úmido.

Tudo parecia abafado e quieto. Ela continuou a caminhar, espiando ruelas que não pareciam levar a parte alguma e observando as janelas muito iluminadas das casas, depois retornou para a avenida principal. Bem em frente ficava a prefeitura, com a bandeira tricolor tremulando o seu azul, branco e vermelho ao ar da noite. Meredith virou à esquerda e se descobriu na Place des Deux Rennes.

Deteve-se um pouco, absorvendo a atmosfera local. Havia uma pizzaria elegante à direita, com mesas de madeira do lado de fora. Apenas um par delas estava ocupado, ambas com grupos de ingleses. Numa das mesas, os homens falavam de futebol e de Steve Reich, enquanto as mulheres — uma de cabelo preto com um corte curtinho da moda, outra de cabelo louro e liso na altura dos ombros, a terceira com cachos avermelhados — dividiam uma garrafa de vinho e conversavam sobre o último romance de Ian Rankin. Na segunda mesa estava

um grupo de estudantes, comendo pizza e tomando cerveja. Um dos rapazes usava uma jaqueta de couro azul tacheada. Outro falava de Cuba com um amigo de cabelo mais escuro, que tinha aos pés uma garrafa fechada de Pinot Grigio, e com um garoto um pouco mais novo, que estava lendo. O último membro do grupo, uma moça bonita com mechas cor-de-rosa no cabelo, formava um quadrado com as mãos no ar, como se emoldurasse a cena para uma fotografia. Meredith sorriu ao passar por eles, lembrando-se de seus alunos. A moça notou e retribuiu o sorriso.

No outro extremo da praça, ela notou um campanário com um único sino acima dos telhados das outras construções e percebeu que havia encontrado a igreja.

Seguiu por um acesso pavimentado de pedras, que conduzia à Église de Saint-Celse et Saint-Nazaire. Uma única lâmpada acendia-se no pórtico despretensioso, exposto às intempéries ao norte e ao sul. Havia também duas mesas, vazias e com um ar incongruente.

A plaqueta no quadro de avisos da paróquia, ao lado da porta, dizia que a igreja ficava aberta das dez da manhã até depois do anoitecer, exceto em dias santificados e nos casamentos e funerais, mas, quando Meredith experimentou a maçaneta, encontrou a porta trancada, apesar de haver luzes lá dentro.

Consultou o relógio. Seis e meia. Talvez houvesse acabado de perder o horário.

Fez meia-volta. Na parede oposta havia um quadro com nomes, uma lista dos homens de Rennes-les-Bains que tinham perdido a vida na Primeira Guerra Mundial.

A ses Glorieux Morts.

Meredith perguntou a si mesma se alguma vez a morte era gloriosa, pensando em seu soldado cor de sépia.

Em sua mãe biológica, entrando no lago Michigan com os bolsos carregados de pedras. Será que o sacrifício valia a pena?

Aproximou-se e leu até o fim a lista de nomes em ordem alfabética, sabendo ser inútil esperar que houvesse ali algum Martin. Era loucura. Pelas poucas informações que Mary pudera transmitir-lhe, sabia que Martin era o sobrenome da mãe de Louisa, não o de seu pai. Aliás, sua certidão de nascimento dizia PAI

DESCONHECIDO. Mas ela sabia que seus ancestrais tinham emigrado da França para os Estados Unidos nos anos seguintes à Primeira Guerra Mundial e, depois das pesquisas que fizera, tinha bastante certeza de que o soldado da fotografia era o pai de Louisa.

Só precisava de um nome.

Uma coisa chamou-lhe a atenção. Havia um BOUSQUET no memorial. Como as cartas de tarô, guardadas em sua sacola na mala do carro. Seria a mesma família? Era mais uma coisa para verificar. Seguiu adiante. No final da placa, um sobrenome incomum: SAINT-LOUP.

Junto ao quadro havia uma placa de pedra em memória de Henri Boudet, vigário da paróquia entre 1872 e 1915, e um crucifixo de metal preto.

Meredith refletiu. Se o seu soldado desconhecido provinha dali, talvez Henri Boudet o tivesse conhecido.

Afinal era uma cidade pequena, e as datas eram mais ou menos coincidentes.

Copiou tudo — primeira regra da pesquisa; e segunda e terceira: escreva tudo. Nunca se sabe, a não ser depois, o que pode se revelar importante.

Abaixo do crucifixo havia uma inscrição com as célebres palavras do imperador Constantino: *“In hoc signo vinces”* Meredith já havia deparado com essa frase em inúmeras ocasiões, mas, dessa vez, ela fez com que outras ideias lhe passassem céleres pela cabeça. “Com este sinal vencerás”, murmurou, tentando descobrir o que a estava incomodando, mas nada lhe ocorreu.

Cruzou o pórtico, passou pela entrada principal da igreja e saiu direto no cemitério. Logo adiante havia outro memorial de guerra com os mesmos sobrenomes, com um ou dois acréscimos e discrepâncias de grafia, como que para assinalar que o sacrifício deles, uma vez só, seria pouco.

Gerações de homens: pais, irmãos, filhos, quantas vidas.

Sob o crepúsculo sombrio, percorreu lentamente a trilha de cascalho que corria ao longo da igreja. Lápides, sepulturas, anjos de pedra e crucifixos avultaram à sua frente ao passar. Aqui e ali, ela se deteve para ler uma inscrição. Alguns sobrenomes se repetiam, geração após geração de famílias locais, relembradas

em granito e mármore — Fromilhague e Saunière, Denarnaud e Gabignaud.

No limite mais extremo do cemitério, que dava para a garganta do rio, Meredith descobriu-se diante de um mausoléu todo decorado, acima de cuja grade de metal estavam entalhadas as palavras FAMÍLIA LASCOMBE-BOUSQUET.

Abaixou-se e, sob os últimos resquícios de luz solar, leu sobre os casamentos e nascimentos que haviam unido as famílias Lascombe e Bousquet em vida e, já ago-

ra, na morte. Guy Lascombe e sua mulher tinham morrido em outubro de 1864. O último descendente da linhagem dos Lascombe fora Jules, falecido em janeiro de 1891. O

último membro sobrevivente do ramo Bousquet da família, Madeleine Bousquet, havia morrido em 1955.

Meredith levantou-se, cônscia da conhecida sensa-

ção de arrepio na nuca. Não se tratava apenas do baralho de tarô que Laura a fizera aceitar e da coincidência do sobrenome Bousquet, porém de algo mais. Algo relacionado com a data, algo que ela vira, mas ao qual não tinha prestado atenção suficiente na ocasião.

E então compreendeu. O ano de 1891 reaparecia constantemente, mais do que seria esperável. Ela o notou, em particular, por seu significado pessoal. Era o ano impresso na partitura. Visualizou mentalmente o título da canção e a data, tão claramente quanto se segurasse a peça musical.

Porém havia algo mais. Ela repassou tudo mentalmente, desde o segundo em que tinha entrado no átrio da igreja, até descobrir. Não se tratava apenas do ano, mas do fato de que uma mesma data se repetia seguidamente.

Tomada por uma descarga de adrenalina, Meredith refez às pressas seu trajeto por entre os túmulos, ziguezagueando e verificando as inscrições, e constatou estar certa. Sua memória não lhe estava pregando peças. Apanhou o caderno de notas e começou a anotar, registrando a mesma data de falecimento de pessoas diferentes, três, quatro vezes.

Todas haviam morrido em 31 de outubro de 1891.

Às suas costas, o sino minúsculo do campanário começou a tocar.

Meredith virou-se e viu as luzes no interior da igreja, depois ergueu os olhos e notou o céu já pontilhado de estrelas. Também ouviu vozes, um murmúrio baixo. Ouviu a porta da igreja se abrir, uma onda de vozes mais altas, e a porta novamente se fechando com estrondo.

Refez seu percurso até o pórtico. Agora as mesas de armar de madeira estavam sendo usadas. Uma fora coalhada de presentes — flores de celofane, buquês, plantas em vasos de terracota. A segunda estava coberta por um grosso feltro vermelho, sobre o qual se encontrava um livro de condolências.

Não pôde resistir a dar uma olhada. Abaixo da data atual havia um nome, seguido pelas datas de nascimento e morte:

SEYMOUR FREDERICK LAWRENCE:

15 DE SETEMBRO DE 1938 — 24 DE SETEM-

BRO DE 2007.

Percebeu que o funeral estava prestes a começar, embora já fosse tarde. Não querendo ser flagrada, voltou depressa para a Place des Deux Rennes, agora com bastante movimento. Por ela passavam em grupos, falando baixo, mas não caladas, pessoas de todas as idades. Homens de blazer, mulheres com estampas delicadas em tons pastel, jovens de terno e vestidos chiques. O que Mary chamaria de sua melhor roupa domingueira.

Parada à sombra da pizzaria, sem querer dar a impressão de estar espionando, ela viu os acompanhantes do enterro desaparecerem no presbitério ao lado da igreja, durante alguns minutos, depois ressurgirem para assinar o livro de condolências no pórtico. A cidade inteira parecia haver comparecido.

— Sabe o que está acontecendo? — perguntou à garçonete.

— *Funérailles, madame. Un bien-aimé.*

Uma mulher muito magra, de cabelo preto e curto, encostava-se numa parede. Estava perfeitamente imóvel, mas os olhos corriam de um lado para outro por toda parte. Quando ela levantou as mãos para acender um cigarro, as mangas da

blusa escorregaram e Meredith notou cicatrizes vermelhas e grossas nos dois pulsos.

Como que intuindo que alguém a observava, a mulher virou a cabeça e a olhou diretamente.

— *Un bien-aimé?* — indagou Meredith, procurando algo para dizer.

— Uma pessoa conhecida. Muito respeitada — retrucou a mulher, em inglês.

É claro. É bastante óbvio.

— Obrigada. Eu *não* estava raciocinando direito —disse Meredith, com um sorriso constrangido.

A mulher continuou a encará-la por mais um instante, depois virou cabeça. O sino iniciou um dobre insistente, produzindo um som agudo, quase de flauta. A multidão se manteve a meia distância, enquanto quatro homens saíam do presbitério, carregando um caixão fechado.

Atrás deles ia um rapaz vestido de preto, talvez perto dos 30 anos, de cabeleira escura. Seu rosto estava pálido e os maxilares, trincados, como se ele fizesse força para se controlar.

A seu lado havia um homem mais velho, também vestido de preto. Meredith arregalou os olhos. Era o mo-

torista do Peugeot azul, com um ar de completo controle.

Ela sentiu uma pontada de culpa por sua reação anterior, *Não admira que ele tenha sido tão ríspido.*

Observou o caixão fazer o curto trajeto do presbitério para a igreja. Os turistas do café em frente puseram-se de pé quando os acompanhantes passaram. Os estudantes pararam de falar e se mantiveram em silêncio, cruzando as mãos à frente do corpo, enquanto a massa vagarosa de pessoas desaparecia no corredor.

A porta da igreja fechou-se com estrondo. O sino parou de tocar, deixando apenas um eco no ar noturno.

Rapidamente, tudo na praça voltou ao normal. Pernas de cadeira arrastadas, gente pegando copos e guardanapos, cigarros se acendendo.

Meredith notou um carro subindo pela avenida principal em direção ao sul. Depois, vários outros. Para seu alívio, a estrada fora reaberta. Ela queria chegar ao hotel.

Saiu da proteção do prédio e finalmente observou o panorama completo, em vez de apenas um detalhe. E de repente percebeu. A fotografia do jovem soldado, seu ancestral, fora tirada ali, exatamente no ponto emoldurado pelos prédios que levavam à Ponte Velha, entre uma fileira de plátanos e a encosta arborizada que se vislumbrava pelos intervalos entre as casas.

Ela examinou a bolsa, puxou o envelope e levantou a fotografia.

Correspondência perfeita.

As tabuletas do café e da pensão no lado direito da praça eram novas, mas, afora isso, era exatamente a mesma paisagem. Bem ali, em 1914, um jovem tinha parado e sorrido para a máquina fotográfica, antes de partir para a batalha. Seu trisavô, Meredith tinha certeza.

Com um entusiasmo renovado pela tarefa que se havia estabelecido, ela retornou ao carro. Fazia menos de uma hora que chegara e já tinha descoberto uma coisa.

Uma coisa clara.

CAPÍTULO 30

Meredith ligou o carro e passou pela Place des Deux Rennes, olhando para o local em que a fotografia fora tirada, como se pudesse ver a silhueta de seu antepas-sado, morto desde longa data, a lhe sorrir por entre as árvores.

Pouco depois, já havia cruzado os arrabaldes da cidadezinha e se encontrava na estrada sem iluminação. As árvores assumiam formas estranhas, mutáveis. Uma ou outra construção, uma casa ou um galpão de animais, avultava diante dela no escuro. Meredith abaixou a trava com o cotovelo e ouviu o mecanismo fazer um clique tranquilizador, fechando bem a porta.

Avançando devagar, seguiu as instruções no mapa do folheto de propaganda.

Ligou o rádio para ter alguma companhia. O silêncio da zona rural parecia absoluto. A seu lado havia uma massa florestal. No alto, a vastidão do céu, iluminado por um punhado de estrelas. Nenhum sinal de vida, nem mesmo uma raposa ou um gato.

Localizou a estrada para Sougraine, indicada no mapa, e virou à esquerda. Esfregou os olhos, cônscia de estar cansada demais para dirigir. Os arbustos e os postes telegráficos à beira da estrada pareciam oscilar e vibrar.

Em dois momentos, ela pensou haver alguém andando ao longo da estrada, iluminado por trás por seus faróis, mas, ao chegar perto, descobriu tratar-se apenas de uma placa ou um santuário à beira da rodovia.

Tentou manter a concentração, mas percebeu que seus pensamentos cansados vagavam. Depois da loucura daquele dia — a interpretação do tarô, a corrida de táxi em Paris, a viagem até ali, a montanha-russa de emoções

—, sua energia se havia esgotado. Ela estava completamente exausta. Só conseguia pensar num banho quente demorado, uma taça de vinho e um jantar. Depois, um longo, longo sono.

Santo Deus!

Apertou o pé no freio. Havia alguém parado bem no meio da estrada. Uma mulher de capa vermelha e comprida, com o capuz cobrindo a cabeça. Meredith deu um grito e viu seu próprio rosto refletido no para— brisa, branco de susto. Deu uma guinada no volante, certa de que não haveria meio de evitar a colisão. Como que em câmera lenta, sentiu os pneus derraparem na estrada. Levantou as mãos e se preparou para o impacto. A última coisa que viu foi um par de enormes olhos verdes, fitando-a diretamente.

Não! De jeito nenhum!

O carro derrapou. As rodas traseiras giraram noventa graus e voltaram, deslizando pela pista até parar, oscilantes, a centímetros de um barranco. Houve um rufar alto de tambores, vindo de algum lugar, martelando, golpeando seus sentidos. Ela levou um momento para se dar conta de que era apenas o som de seu próprio sangue pulsando nos ouvidos.

Abriu os olhos.

Por alguns segundos, ficou agarrada ao volante, como se temesse soltá-lo. Depois, tomada por uma onda de gélido pavor, percebeu que tinha de se obrigar a saltar.

Podia ter atropelado alguém. Matado alguém.

Atrapalhou-se com a trava da porta e saltou do carro, de pernas bambas. Apavorada ante o que viria a descobrir, deu a volta com cuidado pela frente, preparando-se para ver um corpo preso embaixo das rodas.

Não havia nada. Sem saber o que pensar, Meredith olhou ao redor, incrédula, primeiro para a esquerda, depois para a direita, então para trás, na direção de onde tinha vindo, e para a frente, até onde a luz dos faróis desaparecia, tornando-se um ponto no negrume.

Nada. A floresta estava em silêncio. Nem sinal de vida.

— Olá! Há alguém aí? — perguntou. — Você está bem? Olá!

Nada senão sua própria voz, devolvida pelo eco.

Perplexa, curvou-se e examinou a dianteira do carro. Nenhuma marca. Contornou todo o veículo, passando a mão pela carroceria, mas encontrou a intacta.

Tornou a entrar no carro. Estava certa de ter visto alguém. Encarando-a, bem no meio da escuridão. Não havia imaginado aquilo. Ou havia? Olhou se no espelho, mas viu apenas o próprio reflexo fantasmagórico a fitá-la.

E em seguida, surgido das sombras, o rosto desesperado de sua mãe biológica.

Não estou enlouquecendo.

Esfregou os olhos, concedeu-se mais alguns minutos e ligou novamente o carro. Assustada com o que havia acontecido — ou *não havia* acontecido —, avançou com toda a calma, deixando a janela aberta para desanuviar a cabeça. Para despertar um pouco.

Ficou aliviada ao ver a placa do hotel. Saiu da estrada para Sougraine e seguiu uma pista sinuosa de mão única, que subia por uma encosta íngreme. Passados

mais uns dois minutos, chegou a duas pilastras de pedra e a um par de portões negros decorados, de ferro batido. Na parede, uma placa em ardósia cinzenta dizia: HOTEL HERDADE DO CADE.

Acionados por um sensor de movimento, os portões se abriram lentamente para lhe dar passagem. Havia algo sinistro naquele silêncio, no clique do mecanismo no cascalho, e Meredith estremeceu. Era quase como se a floresta estivesse viva, respirando, observando. Malévola, de algum modo. Ela ficaria feliz quando se visse num recinto fechado.

Os pneus estalaram no cascalho quando o carro avançou lentamente por uma longa alameda ladeada por castanheiras, enfileiradas como sentinelas de plantão. De ambos os lados, os jardins se estendiam até desaparecerem no negrume da noite. Por último, ela contornou uma curva suave e finalmente avistou o hotel.

Mesmo depois de tudo o que havia acontecido nessa noite, a beleza inesperada do lugar a deslumbrou. O

hotel era um elegante prédio de três andares, com paredes caiadas e recobertas de hera flamejante e verde, que reluzia sob os holofotes como se as folhas tivessem sido lustradas. Sacadas no primeiro andar e uma fileira de janelas redondas bem no alto, nas antigas instalações da criadagem: uma casa de proporções perfeitas, o que era admirável, considerando-se que parte da *maison de maître* original fora destruída pelo fogo. Tudo parecia completamente autêntico.

Meredith encontrou uma vaga na frente do hotel e subiu com suas sacolas a escadaria curva de pedra. Estava feliz por ter chegado inteira, embora não conseguisse propriamente se livrar de uma sensação estranha na boca do estômago, por causa do quase acidente na estrada. E pela cena no rio.

E só cansaço, disse a si mesma.

Sentiu-se melhor no segundo em que entrou no saguão espaçoso e elegante. Havia um piso axadrezado em preto e vermelho e, nas paredes, um delicado papel de tom creme, com flores amarelas e verdes. À esquerda da porta principal, em frente às altas janelas de guilhotina, um par de sofás bem acolchoados, de almofadas gorduchas, um de cada lado da lareira de pedra. Na grade havia um enorme arranjo floral. Por toda parte, espelhos e vidros refletiam a luz dos lustres, das molduras douradas e dos candelabros de cristal nas paredes.

Bem em frente ficava uma imponente escadaria central, de corrimões sumamente polidos, cintilando sob a luz difusa do lustre de cristal, com a recepção à direita, instalada numa grande mesa de madeira lustrada e pés em garra, em lugar de um balcão. As paredes eram repletas de fotografias de época, em preto e branco e sépia. Homens de uniformes militares, à primeira vista mais napoleônicos que vindos da Primeira Guerra Mundial, damas de mangas bufantes e saias amplas, retratos de família, cenas de Rennes-les-Bains nos tempos de outrora. Meredith sorriu.

Haveria muito que verificar nos dias seguintes. Aproximou-se da recepção.

— *Bienvenue, madame.*

— Olá.

— Seja bem-vinda à Herdade do Cade. A senhora tem reserva?

— Sim, é Martin. M-A-R-T-I-N.

— É sua primeira estada conosco?

— É.

Meredith preencheu o formulário e forneceu os detalhes de seu cartão de crédito, o terceiro que usava nesse dia. Recebeu um mapa do hotel e dos jardins, outro da área circundante e uma chave antiquada de bronze, com uma borla vermelha e uma etiqueta redonda que dizia o nome de seu quarto: La Chambre Jaune.

Súbito, veio-lhe um arrepio na nuca, como se alguém se houvesse aproximado por trás e estivesse muito perto. Sentiu um arfar suave de respiração. Espiou por cima do ombro. Não havia ninguém.

— O Quarto Amarelo fica no primeiro andar, madame Martin.

— Perdão, como disse? — fez Meredith, virando-se outra vez para a recepcionista.

— Eu disse que o seu quarto fica no primeiro andar. O elevador é bem em frente à portaria — continuou a mulher, apontando para uma placa discreta. — Ou, se preferir, use a escada e vire à direita. Os pedidos para o jantar são aceitos até as

nove e meia. Quer que eu lhe reserve uma mesa?

Meredith consultou o relógio. Quinze para as oito.

— Seria ótimo. Às oito e meia?

— Perfeito, madame. O bar do terraço, com entrada pela biblioteca, fica aberto até a meia-noite.

— Ótimo. Obrigada.

— Precisa de ajuda com a bagagem?

— Não, eu me arranjo, obrigada.

Com uma última olhadela pelo saguão deserto, Meredith subiu a escada para o majestoso patamar do primeiro andar. Lá de cima, olhou para o térreo e viu um piano de meia cauda oculto nas sombras sob a escadaria. Um belo instrumento, a julgar pela aparência, embora aquele parecesse um lugar estranho para se colocar um piano. A tampa estava fechada.

Ao andar pelo corredor, ela sorriu do fato de todos os quartos terem nomes, em vez de números. Suíte Anjou, Quarto Azul, Branca de Castela, Henrique IV.

É o hotel reforçando suas credenciais históricas.

Seu quarto ficava praticamente no fim do corredor.

Com o lampejo de antecipação que sempre experimentava ao entrar pela primeira vez num novo hotel, atrapalhou-se com a chave pesada, empurrou a porta com a ponta do tênis e acendeu a luz.

Deu um largo sorriso.

No centro do aposento havia uma enorme cama de mogno. A cômoda, o armário e os dois criados-mudos combinavam entre si, todos na mesma madeira vermelho-escura. Ela abriu as portas do armário e constatou que o minibar, a televisão e o controle remoto ficavam escondidos dentro dele. Num *bureau,* revistas em papel brilhante, um guia do hotel, o cardápio do serviço de quarto e brochuras com a história do lugar. Numa pequena prateleira acima do *bureau,*

uma seleção de livros antigos. Meredith correu os olhos pelas lombadas — os romances policiais e os clássicos de praxe, um guia de uma espécie de museu do chapéu em Espéraza e uns dois livros sobre a história local.

Foi até a janela e abriu as venezianas, aspirando o perfume inebriante da terra úmida e do ar noturno. Os jardins escurecidos pareciam estender-se por quilômetros.

Ela discerniu vagamente um lago ornamental e, mais adiante, uma cerca viva alta, separando a parte formal do jardim dos bosques mais além. Ficou contente por estar na parte dos fundos do hotel, longe do estacionamento e do som de portas de carro batendo, embora houvesse um terraço abaixo com mesas de madeira, cadeiras e calefato-res.

Desfez as malas, dessa vez como convém, em vez de deixar tudo na sacola, como fizera em Paris: calças de brim, camisetas e suéteres nas gavetas, roupas mais sofisticadas no armário. Arrumou a escova de dentes e a maquiagem nas prateleiras do banheiro e, em seguida, experimentou os sofisticados sabonetes e xampus Molton Brown na banheira.

Trinta minutos depois, sentindo-se mais senhora de si, embrulhou-se num enorme roupão branco, pôs o celular para carregar e se sentou diante do laptop. Ao se descobrir sem acesso à internet, ligou para a recepção.

— Oi. Aqui é a Srta. Martin, no Quarto Amarelo.

Preciso verificar minha correspondência, mas estou com dificuldade para entrar na internet. Você poderia me fornecer a senha, ou providenciar isso aí na recepção?

Com o fone preso entre o ouvido e o ombro, anotou as informações.

— Certo, ótimo, obrigada. Já anotei.

Desligou, impressionada com a coincidência da senha ao digitá-la — CONSTANTINE —, e conseguiu prontamente a conexão. Enviou seu e-mail diário para Mary, avisando que havia chegado bem e que já tinha descoberto o local em que uma das fotografias fora tirada, e prometendo entrar em contato quando houvesse mais alguma coisa para contar. Depois, verificou sua conta bancária e constatou com alívio que o dinheiro da editora finalmente fora

depositado.

Até que enfim.

Havia uns dois e-mails pessoais, inclusive um convite para o casamento de dois amigos dos tempos de faculdade em Los Angeles, o qual recusou, e um para um concerto regido por um velho amigo de escola, agora de volta a Milwaukee, o qual aceitou.

Estava prestes a se desconectar da rede quando lhe ocorreu que poderia aproveitar para ver se havia alguma coisa sobre o incêndio na Herdade do Cade em outubro de 1897. Não havia muito mais do que ela já ficara sabendo pelo folheto do hotel.

Em seguida, digitou LASCOMBE no serviço de busca.

Isso revelou algumas informações novas sobre Jules Lascombe. Ele parecia ter sido uma espécie de historiador amador, especialista na era dos visigodos e no folclore e nas superstições locais. Chegara até a mandai publicar particularmente alguns livros e panfletos numa gráfica local, a Bousquet.

Meredith espremeu os olhos. Clicou num link e as informações surgiram na tela. Família local de renome, além de proprietária da maior loja de departamentos de Rennes-les-Bains e de uma gráfica de porte substancial, seus membros eram também primos em primeiro grau de Jules Lascombe e haviam recebido de herança, por ocasião da morte dele, a Herdade do Cade.

Meredith foi descendo a página até encontrar o que estava procurando. Deu um clique e começou a ler: *O Tarô Bousquet é um baralho raro, não muito usado fora da França. Seus primeiros exemplares foram impressos pela editora Bousquet, situada nos arredores de Rennes-les-Bains, no sudoeste da França, no fim da década de 1890.*

Tido como baseado num baralho muito mais antigo, que remontaria ao século X V II, ele tem entre seus aspectos singulares a substituição das quatro cartas de figuras de cada naipe por Maître, Maîtresse, Fils *e* Filie, *bem como a roupa e a iconografia da época.*

N ão se conhece a identidade do pintor que criou as cartas dos arcanos maiores, contemporâneas do primeiro baralho impresso.

Na escrivaninha, o telefone tocou. Meredith sobressaltou-se com o som, espalhafatosamente alto no silêncio do quarto. Sem tirar os olhos da tela, estendeu a mão e atendeu.

— Alô? Sim, é ela mesma.

Era do restaurante, para saber se ainda queria sua mesa. Ela deu uma espiada no relógio do laptop e se admirou ao ver que eram quinze para as nove.

— Na verdade, acho que vou pedir para me man-darem alguma coisa no quarto respondeu, mas foi prontamente informada de que o serviço de copa era interrompido às seis horas.

Ficou dividida. Não queria parar, não nesse momento, justamente quando começava a chegar a algum lugar — ainda que saber se aquilo tinha alguma importância, ou o que significava, fosse outra história. Mas estava faminta. Não havia almoçado, e era inútil de estômago vazio.

As alucinações no rio e na estrada eram prova suficiente.

— Já vou descer — disse.

Gravou a página e os links e desfez a conexão.

CAPÍTULO 31

— Mas que diabo está havendo com você? — per-

guntou Julian Lawrence. — Que diabo está havendo comigo? — gritou Hal. — O que quer dizer com o que está havendo comigo? Afora o fato de eu ter acabado de enterrar meu pai? Afora isso, você quer dizer?

Bateu a porta do Peugeot com um excesso de força e começou a andar em direção à escada, enquanto arrancava a gravata e a enfiava no bolso do paletó.

— Fale baixo — sibilou o tio. — Não vamos fazer outra cena. Já tivemos o bastante por hoje.

Trancou o carro e saiu atrás do sobrinho no estacionamento do pessoal do hotel, em direção à entrada dos fundos.

Ao longe, os dois pareciam pai e filho a caminho de um jantar formal. Elegantes em seus ternos pretos e sapatos bem engraxados. Somente a expressão no rosto de ambos e os punhos fechados de Hal indicavam o ódio que sentiam um pelo outro.

— É só isso, não é? — berrou Hal. — É só com isso que você se importa. A reputação. O que os outros vão pensar — esbravejou. Bateu com um dedo na cabeça.

— Será que o fato de que quem estava naquele caixão era o seu irmão, o meu pai, chegou sequer a penetrar na sua consciência? Duvido!

Lawrence estendeu o braço e pôs a mão no ombro do sobrinho.

— Escute, Hal — começou, em tom mais suave.

— Compreendo que você esteja transtornado. Todos compreendem. É perfeitamente natural. Mas sair fazendo acusações insanas a torto e a direito não ajuda. Se tanto, torna as coisas piores. Está começando a fazer as pessoas acharem que há alguma substância nessas alegações.

Hal tentou soltar-se. O tio apertou-lhe o ombro com mais força.

— A cidade... o comissariado, a *Mairie*, todos se solidarizam com a sua perda. E o seu pai era benquisto. Mas se você continuar...

Hal fuzilou-o com os olhos:

— Você está me ameaçando? — perguntou, com um safanão do ombro que fez a mão do tio soltar-se. —

Está?

Os olhos de Julian Lawrence toldaram-se. Acabou-se o olhar de compaixão, de preocupação familiar. No lugar dele, surgiram a irritação e mais alguma coisa. Desprezo.

— Não seja ridículo — retrucou, com a voz fria.

— Pelo amor de Deus, mantenha a compostura. Você tem 28 anos, não é um

garotinho mimado de colégio interno!

Entrou no hotel.

— Tome uma bebida, converse com seu travesseiro — disse, olhando para trás por cima do ombro. — De manhã falaremos disso.

Hal passou por ele.

— Não há mais nada para conversar. Você sabe o que eu penso. Nada que possa dizer ou fazer me levará a mudar de ideia.

Virou à direita e se dirigiu ao bar. O tio esperou um minuto, observando-o até a porta de vidro fechar-se entre os dois. Depois, deu a volta e foi até a recepção.

— Boa noite, Eloise. Tudo bem por aqui?

— A noite está muito calma — disse a moça, sorrindo com ar solidário. — Os enterros são sempre muito difíceis, não é?

Julian revirou os olhos.

— Você não faz ideia — respondeu e apoiou as mãos na escrivaninha que os separava. — Algum recado?

— Apenas um — disse ela, entregando-lhe um envelope branco. — Mas correu tudo bem na igreja, não foi?

Ele balançou a cabeça com ar sombrio.

— Tanto quanto se poderia esperar, nestas circunstâncias.

Deu uma espiada na letra no envelope. Um sorriso lento abriu-se em seu rosto. Era a informação que estivera aguardando, a respeito de uma câmara mortuária visigótica descoberta em Quillan, a qual esperava que pudesse ter importância para suas escavações na Herdade do Cade. O

sítio arqueológico de Quillan era fechado ao público e, até aquele momento, ainda não fora liberado nenhum inventário.

— A que horas isso chegou, Eloise?

— Às oito, monsieur Lawrence. Foi entregue por um portador. Ele tamborilou sobre a mesa da recepção.

— Excelente. Obrigado, Eloise. Tenha uma boa-noite. Estarei no meu escritório, se alguém precisar de mim.

— *D'accord*— sorriu ela, mas Julian já lhe dera as costas.

CAPÍTULO 32

Às quinze para as dez, Meredith havia terminado o jantar.

Voltou ao saguão do piso de lajotas. Embora estivesse acabada, não adiantava se recolher naquele momento. Não haveria a menor possibilidade de dormir, pois tinha coisas demais na cabeça.

Olhou pela porta da frente para a escuridão lá fora.

Uma caminhada, talvez? As alamedas eram viva-mente iluminadas, apesar de desertas e silenciosas. Apertou bem o cardigã vermelho da Abercrombie & Fitch no corpo esguio e descartou a ideia. De mais a mais, não tinha feito outra coisa senão andar nos últimos dias.

De qualquer modo, não depois do que aconteceu hoje.

Também afastou essa ideia. Um som murmurante vinha do corredor que levava ao bar do terraço. Meredith não era grande fã de bares, mas, como não queria ir direto para o quarto e sentir a tentação de se deitar, essa lhe pareceu a melhor opção.

Passando por vitrines repletas de pratos e outras peças de porcelana, abriu a porta de vidro e entrou. As paredes eram cobertas de livros, do chão ao teto, em estantes envidraçadas. Num canto havia uma escada deslizante de madeira sumamente polida, para se chegar às prateleiras mais altas.

Poltronas de couro agrupavam-se em torno de mesas redondas baixas, como num clube campestre para cavalheiros. O ambiente era confortável e descontraído.

Dois casais, um grupo de familiares e vários homens sozinhos.

Não havia nenhuma mesa desocupada, e por isso Meredith sentou-se numa banqueta do bar. Depôs a chave e o folheto e pegou o cardápio. O barman sorriu:

— *Cocktails d'un côté, vins de l'autre.*

Meredith virou a lista, leu os vinhos servidos em taças e abaixou o cardápio.

— *Quelque chose de la région?* — indagou. — Qu *'est ce que vous recommandez?*

— *Blanc, rouge, rose?*

— *Blanc.*

— Experimente o *chardonnay* Domaine Begude —disse outra voz.

Surpresa com o sotaque britânico e com o fato de alguém lhe dirigir a palavra, Meredith virou-se e viu um sujeito sentado no bar, umas duas banquetas adiante. Um paletó elegante e bem-talhado fora estendido sobre os dois bancos que os separavam, e a camisa branca e engomada, aberta no pescoço, assim como as calças e os sapatos pretos, pareciam não combinar com o ar profundamente arrasado do homem. Uma mecha espessa de cabelo preto caía sobre seu rosto.

— Vinhedo local. Cépie, logo ao norte de Limoux.

Bom vinho.

O estranho virou a cabeça e a olhou, como quem verificasse se ela estava ouvindo, depois tornou a contemplar o fundo de sua taça de vinho tinto. *Que olhos azuis.*

Com um sobressalto, Meredith se deu conta de que o reconhecia. Era o mesmo rapaz que tinha visto na Place des Deux Rennes, caminhando atrás do caixão no cortejo fúnebre. Por alguma razão, saber disso a respeito dele dei-

xou-a sem jeito. Como se houvesse andado bisbilhotando, mesmo sem ter tido essa intenção.

Olhou-o.

— Está bem — disse e tornou a se virar para o barman. — *S'il vous plaît.*

— *Très bien, madame. Votre chambre?*

Ela lhe mostrou a etiqueta na chave e tornou a dar uma olhada no sujeito do bar.

— Obrigada pela recomendação.

— Não há de quê.

Meredith remexeu-se na banqueta, meio constrangida, sem saber ao certo se os dois entabulariam ou não uma conversa. O rapaz tomou a decisão em seu lugar, virando-se de repente e estendendo a mão sobre a distância feita de couro negro e madeira.

— A propósito, meu nome é Hal. Apertaram as mãos.

— Meredith. Meredith Martin.

O barman pôs um descanso de papel diante dela, seguido por uma taça de um magnífico vinho amarelo-escuro. Discretamente, estendeu-lhe também a nota e uma caneta.

Intensamente consciente de que Hal a observava, ela bebeu um gole. Leve, puro, com um toque de acidez, o vinho fazia lembrar os brancos que Mary e Bill serviam nas ocasiões especiais, ou quando ela voltava para casa nos fins de semana.

— *É* ótimo. Boa pedida.

O barman olhou para Hal.

— *Encore un verre, monsieur?* Ele fez que sim.

— Obrigado, Georges — completou. Virou-se e ficou meio de frente para a jovem. — Então, Meredith Martin. Você é americana.

No instante em que as palavras lhe saíram da boca, ele pôs os dois cotovelos no bar e passou os dedos pelo cabelo desalinhado. Meredith se perguntou se estaria meio bêbado.

— Desculpe, que coisa ridícula para se dizer.

— Tudo bem — retrucou ela. — E sim, sou.

— Acabou de chegar?

— Faz algumas horas — respondeu, tomando ou-

tro gole de vinho e sentindo o álcool cair no estômago. —

E você?

— O meu pai... — ele se interrompeu, com uma expressão desesperada no rosto. — Meu tio é o dono disto aqui — concluiu. Meredith depreendeu ter sido o enterro do pai dele que tinha visto, o que a fez se sentir ainda pior pelo rapaz. Esperou o olhar dele voltar-se novamente para seu rosto.

— Desculpe-me. Não foi um grande dia — disse Hal. Esvaziou a taça e pegou a outra que o garçom pusera à sua frente. — Você está aqui a negócios ou a passeio?

Meredith teve a impressão de estar encenando uma peça surrealista. Sabia por que ele estava tão transtornado, mas não podia admiti-lo. E Hal, tentando manter uma conversinha banal com uma perfeita estranha, perdia todas as deixas. As pausas entre as falas eram sempre longas demais, e o fio de seu pensamento se desarticulava.

— As duas coisas. Sou escritora.

— Jornalista? — ele se apressou a indagar.

— Não. Estou escrevendo um livro. Uma biografia do compositor Claude Debussy.

Viu a centelha desaparecer dos olhos do rapaz e a mesma expressão abatida retornar. Não era a reação que ela havia esperado.

— É lindo este lugar — apressou-se a dizer, correndo os olhos por todo o bar. — Faz muito tempo que o seu tio está aqui?

Hal deu um suspiro, e foi fácil perceber sua raiva pelo modo como cerrou os punhos.

— Ele e meu pai o compraram juntos em 2003.

Gastaram uma fortuna para reformá-lo.

Meredith não conseguiu pensar no que mais dizer.

O rapaz não estava propriamente facilitando as coisas.

— Papai só veio trabalhar aqui em tempo integral em maio. Queria envolver-se mais de perto no dia a dia da administração do... Ele... — e parou de falar. Meredith ouviu sua voz embargar-se. — Ele morreu num acidente de automóvel há quatro semanas — explicou, engolindo o choro. — O enterro foi hoje.

Em seu alívio por ouvir a informação às claras, Meredith segurou a mão de Hal, antes de se dar conta de fazê-lo.

— Sinto muito.

Percebeu que a tensão se reduziu um pouco nos ombros dele. Os dois ficaram apenas quietos por algum tempo, de mãos dadas e em silêncio, até ela retirar delicadamente os dedos, a pretexto de pegar a taça.

— Quatro semanas? É um intervalo bastante longo antes do...

— Não foi uma coisa direta. A autópsia demorou um pouco. O corpo só foi liberado na semana passada.

Meredith balançou a cabeça, pensando em qual teria sido o problema. Hal se manteve calado.

— Você mora aqui? — perguntou-lhe, tentando retomar a conversa. Ele fez que não.

— Londres. Trabalho num banco de investimentos, embora tenha acabado de entregar meu pedido de demissão — e hesitou. — Já estava farto, de qualquer maneira. Mesmo antes disto. Trabalhava 14 horas por dia, sete dias por semana. Dinheiro excelente, mas nenhum tempo para gastá-lo.

— Você tem outros familiares aqui? Quero dizer, parentes nesta região da França?

— Não. Sou inglês de cabo a rabo. Meredith fez uma pequena pausa.

— Quais são seus planos agora? Hal encolheu os ombros.

— Vai ficar em Londres?

— Não sei — disse ele. — Duvido. Meredith tomou outro gole de vinho.

— O Debussy — disse Hal, de repente, como se só nesse momento compreendesse o que ela dissera. — Fico constrangido por admitir que não sei nada sobre ele.

Meredith sorriu, aliviada por ver que ao menos ele estava fazendo um esforço.

— Não há motivo para se constranger.

— Qual é a ligação dele com esta parte da França?

Ela riu.

— É tênue. Em agosto de 1900, Debussy escreveu uma carta para um amigo, dizendo que ia mandar sua mulher, Lilly, para os Pireneus, para convalescer de uma ci-rurgia. Nas entrelinhas, o que se lê é um rompimento. Até hoje, a história nunca foi provada, nem num sentido nem no outro; e, se a Lilly realmente fez essa viagem, com cer-

teza não foi por muito tempo, porque voltou a Paris em outubro. Hal fez uma careta.

— É possível. Agora isso é difícil de imaginar, mas acho que Rennes- lês-Bains era um balneário de muito sucesso naquela época.

— Era, sim. Particularmente entre os parisienses. E

também fazia sucesso, em parte, por não se especializar em tratar de apenas um tipo de problema Alguns lugares eram conhecidos pelos tratamentos para o reumatismo, outros, como Lamalou, por serem peritos em sífilis.

Hal levantou as sobrancelhas, mas não levou o assunto adiante:

— Sabe, isso me parece um esforço enorme — acabou dizendo. — fazer toda essa viagem, na esperança improvável de que Lilly Debussy tenha estado aqui. É tão importante assim, no panorama geral?

— Para ser franca, não, creio que não — respondeu ela, surpresa ao notar como se sentia defensiva. Como se, de repente, seu verdadeiro motivo para estar em Rennes-les-Bains ficasse dolorosamente transparente. — Mas seria um grande material original de pesquisa, algo que ninguém mais possui. Isso pode fazer toda a diferença, em termos de um livro se destacar dos demais — explicou.

Fez uma pausa. — E também é um período interessante na vida de Debussy. Lilly Texier tinha apenas 24 anos quando o conheceu e trabalhava como manequim. Casa-ram-se um ano depois, em 1899. Ele dedicou muitas de suas obras a amigos, amantes, colegas, e é inegável que o nome de Lilly não aparece em muitas partituras, canções nem peças para piano.

Meredith sabia estar tagarelando de uma forma in-coerente, mas, apanhada em sua própria história, não conseguiu parar. Chegou mais perto e prosseguiu:

— A meu ver, a Lilly esteve presente nos anos cru-ciais que levaram à primeira apresentação da única ópera de Debussy, *Pelléas et Mélisande*, em 1902. Foi nessa ocasião que a sorte, a reputação e o status dele se modificaram para sempre. A Lilly estava a seu lado quando ele criou essa obra. Imagino que isso deva ter algum valor.

Parou para respirar e viu que, pela primeira vez desde que se iniciara a conversa, Hal estava sorrindo.

— Desculpe-me disse, fazendo uma careta. Eu não pretendia me empolgar tanto, me estender desse jeito. É

um hábito terrível presumir que todos sentirão o mesmo interesse que eu.

— Acho ótimo existir alguma coisa pela qual a pessoa se apaixone — retrucou ele, em voz baixa. Alertada pela mudança de tom, Meredith o fitou e viu seus olhos azuis firmemente fixados nela. Para seu constrangimento, sentiu-se enrubescer.

— Gosto mais do processo de pesquisa do que propriamente de escrever — apressou-se a explicar. —

Toda essa escavação mental. Toda a obsessão com partituras e antigos artigos e cartas, na tentativa de dar vida a um momento, a um instantâneo do passado. Tudo isso tem a ver com a reconstrução, o contexto, com um mergulho numa época e lugar diferentes, mas tendo o benefício da visão retrospectiva.

— Um trabalho detetivesco.

Meredith lançou-lhe um olhar penetrante, desconfiada de que ele estivesse pensando em outra coisa, mas Hal prosseguiu:

— Quando você espera terminar?

— Meu prazo para concluir é abril do ano que vem. A rigor, já tenho um excesso de material. Todos os trabalhos acadêmicos publicados nos *Cahiers Debussy* e nas *Obras Completas de Claude Debussy,* e notas sobre todas as biografias já publicadas. Além disso, o próprio Debussy era um missivista prolífico. E escrevia para um jornal chamado *Gil Blas*, além de ter produzido um punhado de resenhas críticas para *La Revue Blanche.* É só dizer qual é o texto, eu já o li.

A culpa tomou conta quando ela percebeu que continuava a fazer a mesma coisa, continuava a falar, enquanto Hal enfrentava um momento tão difícil. Deu-lhe uma olhada, com a intenção de se desculpar por sua in-sensibilidade, mas alguma coisa lhe chamou a atenção.

Aquela expressão pueril, a expressão no rosto dele, de repente a fez lembrar de alguém. Meredith quebrou a cabe-

ça, mas não conseguiu descobrir quem seria.

Sentiu-se invadir por uma onda de cansaço. Olhou para Hal, perdido em seus pensamentos deprimidos. Fal-taram-lhe forças para levar a conversa adiante. Era hora de dar a noite por encerrada.

Levantou-se da banqueta e recolheu suas coisas.

A cabeça de Hal levantou-se bruscamente:

— Você não vai embora, vai?

Meredith sorriu, como quem se desculpasse:

— Foi um dia cansativo.

— É claro — disse ele, levantando-se também. —

Escute, sei que provavelmente isso vai parecer um abuso, sei lá, mas talvez... se você estiver por aqui amanhã, quem sabe possamos dar uma saída. Ou nos encontrarmos para tomar uma bebida, o que acha?

Meredith piscou os olhos, surpresa.

De um lado, gostava de Hal. Ele era bonito, char-moso e claramente necessitado de companhia. De outro, precisava concentrar-se em descobrir o que pudesse sobre sua família de origem — e fazê-lo em particular. Não queria ninguém mais de carona. E já ouvia a voz de Mary em sua cabeça, alertando para o fato de que ela não sabia nada do rapaz.

— É claro que, se você estiver ocupada... — ele começou a dizer.

Foi o toque de decepção na voz de Hal que a fez se decidir. Além disso, afora o tempo passado com Laura, quando ela pusera as cartas do tarô — o que não poderia propriamente contar —, fazia semanas que Meredith não mantinha com ninguém uma conversa cara a cara que passasse de duas ou três frases.

— É claro, por que não? — ouviu-se dizer.

Hal sorriu, dessa vez de verdade, o que lhe transformou o rosto.

— Ótimo.

— Mas eu estava pretendendo sair muito cedo. Para fazer umas pesquisas.

— Eu poderia acompanhá-la — sugeriu ele. —

Talvez possa ajudar um pouco. Não conheço a região tão bem assim, mas faz uns cinco anos que venho aqui, de tempos em tempos.

— Talvez seja muito maçante. Hal deu de ombros.

— Eu lido bem com coisas maçantes. Você tem uma lista de lugares que queira visitar?

— Pensei em improvisar, conforme as circunstâncias — foi a resposta. Ela fez uma pausa. — Eu havia esperado conseguir alguma coisa nas antigas termas de Ren-

nes-les-Bains, mas está tudo fechado durante o inverno.

Achei que se eu fosse à prefeitura, talvez encontrasse alguma pessoa capaz de ajudar.

A expressão de Hal toldou-se:

— Eles são uns inúteis — disse, em tom selvagem.

— É como dar com a cabeça numa parede.

— Sinto muito — Meredith apressou-se a dizer. —

Eu não pretendia lembrar-lhe a...

Hal abanou a cabeça com força.

— Não, desculpe. Sou eu — retrucou com um suspiro, depois tornou a sorrir. — Tenho uma sugestão.

Considerando que você se interessa há tanto tempo pela Lilly Debussy, talvez encontre alguma coisa útil no museu de Rennes-le-Château. Só estive lá uma vez, mas me lembro de que ele dava uma boa ideia de como devia ser a vida por aqui naquela época.

Meredith sentiu uma fisgada de animação.

— Parece ótimo.

— Então, vamos nos encontrar na recepção, às dez? Ela hesitou, depois resolveu que estava sendo caute-losa demais.

— Certo. Às dez está ótimo.

Hal se levantou e enfiou as duas mãos nos bolsos.

— Boa noite.

Ela balançou a cabeça.

— Até amanhã.

CAPÍTULO 33

De volta ao quarto, Meredith estava agitada demais para dormir. Repassou mentalmente a conversa entre os dois, relembrando o que tinha dito e o que Hal dissera.

Tentando interpretar as entrelinhas.

Observou seu reflexo no espelho ao escovar os dentes, sentindo uma pena aflitiva do rapaz, que parecia muito vulnerável. Cuspiu a pasta de dentes na pia. Provavelmente, Hal não tinha o menor interesse nela. Provavelmente, só precisava de um pouco de companhia.

Deitou-se na cama e apagou a luz, mergulhando o quarto num negrume suave. Passou algum tempo olhando para o teto, até ficar com os membros pesados e começar a resvalar para o sono.

No mesmo instante, o rosto que vira na água e a estranha experiência na estrada lhe voltaram à lembrança.

Pior que isso, surgiu o rosto bonito e torturado de sua mãe biológica, chorando, implorando às vozes que a dei-xassem em paz. Meredith abriu os olhos.

Não. Não mesmo. Não vou deixar que o passado me afete.

Estava ali para descobrir quem era, para saber sobre sua família, escapar da sombra da mãe, e não para trazê-la de volta, mais real do que nunca. Rechaçou as lembranças da infância, substituindo-as pelas imagens do tarô que tinha levado na memória o dia inteiro. Le Mat e La Justice. O Diabo de olhos azuis e os Amantes desampara-dos, acorrentados a seus pés.

Reproduziu mentalmente as palavras de Laura e deixou o pensamento vagar de

uma carta para outra, res-valando para o sono. Sentiu as pálpebras pesadas. Passou a pensar em Lilly Debussy, pálida e com uma bala eterna-mente alojada no peito. Em Debussy, franzindo o cenho e fumando, enquanto tocava piano. Em Mary, sentada na varanda de Chapel Hill, balançando a cadeira para a frente e para trás enquanto lia. No soldado sépia emoldurado por plátanos na Place des Deux Rennes.

Ouviu a porta de um carro bater e sapatos trituran-do o cascalho, o pio de uma coruja partindo para a caçada, o vibrar e chocalhar ocasional dos canos de água quente.

O hotel silenciou. A noite envolveu a casa em seus braços. As terras da Herdade do Cade adormeceram sob o luar pálido.

Passaram-se as horas. Meia-noite, duas, quatro horas.

De repente, Meredith acordou num sobressalto, com os olhos arregalados no escuro. Todos os nervos de seu corpo vibraram, atentos. Cada músculo, cada tendão esticou-se como uma corda de violino.

Havia alguém cantando.

Não, cantando não. Tocando piano. E muito perto.

Ela ergueu o corpo e sentou-se. O quarto estava frio. A mesma friagem penetrante que sentira embaixo da ponte. A escuridão também estava diferente, menos densa, mais fragmentada. Foi quase como se ela pudesse ver as partículas de luz, escuridão e sombra se dissociarem diante de seus olhos. Embora fosse capaz de jurar que todas as janelas estavam fechadas, vinha uma brisa de algum lugar, uma brisa leve que soprava por seus ombros e seu pescoço, roçando sem tocar, pressionando, sussurrando.

Há alguém no quarto.

Disse a si mesma que era impossível. Ela teria ouvido alguma coisa. Mas foi tomada pela certeza esmagado-ra de que havia alguém parado aos pés da cama, observando. Um par de olhos brilhando na escuridão. Filetes de suor frio deslizaram por seu colo e escorreram pelo vão entre seus seios.

A adrenalina entrou em ação.

Agora. Ande.

Contou até três e, numa explosão de valentia, virou-se para o lado e acendeu a luz.

A escuridão bateu em retirada. Todos os objetos comuns do cotidiano voltaram correndo para saudá-la.

Nada fora do lugar. Armário, mesa, janela, console da lareira, *bureau*, tudo exatamente onde deveria estar. O espelho de pé de corpo inteiro, junto à porta do banheiro, refletindo a luz.

Ninguém.

Meredith recostou-se na cabeceira de mogno, tomada de alívio. No criado-mudo, o relógio piscava a hora em vermelho. Quatro e quarenta e cinco. Nada de olhos, apenas o mostrador piscante do rádio-relógio, refletido no espelho.

Foi só um pesadelo comum.

Devia ter esperado por isso, depois do que acontecera na véspera.

Chutou longe as cobertas, para se refrescar, e passou algum tempo acordada, com as mãos cruzadas no peito, feito uma escultura num túmulo, depois se levantou da cama. Precisava movimentar-se, fazer alguma coisa física.

Não apenas ficar deitada. Pegou no minibar uma garrafa de água mineral, foi até a janela e olhou para os jardins silenciosos, ainda sob a luz do luar. O tempo havia piorado e o terraço abaixo cintilava com a chuva. Um véu de brumas brancas flutuava no ar parado, acima das copas das árvores.

Meredith apoiou a mão quente no vidro frio, como se pudesse repelir as ideias negativas. Não era a primeira vez que sentia insinuar-se uma dúvida sobre aquilo em que se estava envolvendo. E se não houvesse nada para descobrir? Durante muito tempo, a ideia de ir a Rennes-les-Bains, munida apenas de um punhado de fotos antigas e um pedaço de partitura musical, fizera a seguir em frente.

Mas, agora que estava ali e via como o lugar era pequeno, sentia-se menos segura. Toda a ideia de levantar a origem de sua família biológica nesse local, sem sequer dispor de nomes adequados para procurar, pareceu-lhe uma loucura.

Um sonho estúpido, que caberia num daqueles filmes feitos para nos deixar de bem com a vida.

Não é a vida real.

Não saberia dizer quanto tempo ficou parada ali, pensando, elaborando ideias junto à janela. Só ao perceber que estava com os dedos dos pés dormentes de frio foi que se virou para consultar o relógio. Deu um suspiro de alívio. Passava das cinco da manhã. Já havia matado tempo suficiente. Expulsado os fantasmas, os demônios da noite. O rosto na água, a figura na estrada, as imagens intimidantes das cartas.

Dessa vez, ao se deitar para dormir, o quarto estava tranquilo. Nada de olhos a fitá-la, nenhuma presença bru-

xuleante na escuridão, apenas os números elétricos e piscantes do rádio-relógio. Fechou os olhos.

Seu soldado desfez-se em Debussy e se transformou em Hal.



PARTE V

Herdade do Cade

Setembro de 1891



CAPÍTULO 34

SEGUNDA-FEIRA, 21 DE SETEMBRO DE 1891

Léonie bocejou e abriu os olhos. Esticou os braços alvos e finos acima da cabeça, depois ajeitou-se sobre os generosos travesseiros brancos. Apesar do excesso de *blanquette de Limoux* na noite anterior — ou talvez por causa dele —, tinha dormido bem.

O Quarto Amarelo era bonito à luz da manhã. Ela continuou deitada por algum tempo, ouvindo os raros sons que rompiam o silêncio profundo do campo. O canto matinal dos pássaros, o vento nas árvores. Era muito mais agradável do que acordar em casa, num cinzento alvorecer parisiense, ao som agudo de metal rangendo na estação Saint-Lazare.

Às oito horas, Marieta chegou com a bandeja do café da manhã. Colocou-a na mesa junto à janela e abriu as cortinas, inundando o aposento com os primeiros raios refratados do sol. Pelo vidro imperfeito dos batentes antigos, Léonie viu que o céu estava claro e azul, pontilhado de fiapos esgarçados de nuvens arroxeadas e brancas.

— Obrigada, Marieta. Eu me arranjo.

— Muito bem, *madomaisèla.*

Léonie afastou as cobertas e baixou os pés para o tapete, procurando os chinelos. Tirou de trás da porta o robe de caxemira azul, borrifou o rosto com um pouco da água da véspera e se sentou à mesa da janela, sentindo-se sofisticada por fazer o desjejum sozinha no quarto. As únicas vezes em que o fazia em casa era

quando Du Pont visitava *maman.*

Levantou a tampa do bule de café fumegante, libe-rando o delicioso aroma dos grãos recém-torrados, como um gênio saído da lâmpada. Ao lado do bule de prata havia uma jarra de leite morno e espumante, um pote de torrões brancos de açúcar e um pegador de prata. Ela levantou o guardanapo de linho estampado e descobriu uma travessa de pães de trigo, com a crosta dourada ainda morna, e um prato de manteiga batida e cremosa. Havia três tipos diferentes de geleia, em pratos individuais de porcelana, e uma tigela de compota de marmelo e maçã.

Enquanto comia, contemplou os jardins. Uma névoa branca pairava sobre o vale entre as montanhas, ro-

çando a copa das árvores. Os gramados estendiam-se pacíficos e calmos ao sol de setembro, sem sinal do vento que ameaçara a noite anterior.

Léonie vestiu uma saia simples de lã e uma blusa de gola alta, depois pegou o livro que Anatole lhe levara na véspera. Estava pensando em examinar pessoalmente a biblioteca, investigar as estantes empoeiradas e as lombadas polidas. Se alguém a questionasse — embora não houvesse razão para isso acontecer, já que Isolde lhes pedira que tratassem a casa como se fosse deles —, teria a desculpa de estar devolvendo o livrinho de monsieur Baillard.

Abriu a porta e entrou no corredor. O restante da casa parecia dormir. Tudo quieto. Nenhum barulho de xícaras de café, nenhum assobio vindo do quarto de Anatole em sua toalete matinal, nenhum sinal de vida. No térreo, o saguão também estava deserto, embora ela ouvisse, atrás da porta que dava para os aposentos dos criados, o som de vozes e o barulho distante de panelas na cozinha.

A biblioteca ocupava o canto sudoeste da casa, e o acesso a ela se dava por um pequeno corredor espremido entre a sala de estar e a porta do estúdio. Na verdade, Léonie ficou surpresa por Anatole haver topado com ele.

Houvera pouco tempo para explorações na tarde da véspera.

O corredor, apesar de espremido, era claro e arejado, além de largo o bastante para acomodar diversas vitrines montadas nas paredes. A primeira exibia peças de porcelana de Marselha e Rouen; a segunda, uma pequena couraça antiga, dois sabres, um florete parecido com a arma favorita de Anatole na esgrima e um

mosquete; a terceira, menor do que as outras, uma coleção de medalhas e galões militares dispostos sobre veludo azul. Nada indicava a quem tinham sido concedidos nem por quê.

Léonie presumiu que houvessem pertencido a seu tio Jules.

Girou a maçaneta da porta da biblioteca e entrou.

Sentiu no mesmo instante a paz e a tranquilidade do aposento — o cheiro de cera, mel e tinta, veludo empoeirado e mata-borrões. As dimensões eram mais generosas do que ela havia esperado, e o salão tinha uma vista dupla, pois as janelas davam para o sul e o oeste. As cortinas, de um brocado pesado em ouro e azul, caíam em dobras, do teto ao piso.

O som dos saltos de seus sapatos foi tragado pelo grosso tapete oval que enchia o centro do cômodo, e onde havia uma mesa de pedestal grande o bastante para sustentar até mesmo o volume mais substancial. Lá estavam tinteiro e pena, ao lado de um bloco encadernado em couro e um mata-borrão novo

Léonie resolveu iniciar a exploração pelo canto mais distante da porta. Correu os olhos alternadamente por cada prateleira, lendo os títulos nas lombadas, deslizando os dedos pelas encadernações de couro e parando de tempos em tempos, quando um livro em especial captava seu interesse.

Deparou com um belo missal de fecho duplo trabalhado, impresso em Tours, com lindas folhas de guarda em verde e dourado e folhas delicadas de papel fino para proteger as gravuras. Na guarda frontal leu o nome do falecido tio — Jules Lascombe —, acompanhado da data de sua cerimônia de crisma.

Na estante seguinte, descobriu uma primeira edição da *Viagem à* Roda *do Meu Quarto,* de Maistre. Estava surrada e cheia de orelhas, ao contrário do prístino exemplar que Anatole tinha em casa. Em outro nicho, encontrou uma coleção de textos religiosos e fervorosamente antirre-ligiosos, reunido, como que para se anular mutuamente.

No setor dedicado à literatura francesa contemporânea, havia uma coleção completa dos romances de Zola sobre a saga dos Rougon-Macquart, além de Flaubert, Maupassant e Huysmans — a rigor, muitos dos textos de aprimoramento intelectual que Anatole em vão tentava impor-lhe, inclusive uma primeira edição de *O V ermelho e o Negro,* de Stendhal. Havia algumas obras

traduzidas, porém nada que fosse particularmente do seu agrado, exce-tuadas as traduções de monsieur Poe feitas por Baudelaire.

Nada de madame Radcliffe nem de monsieur Le Fanu.

Coleção enfadonha.

No canto mais distante da biblioteca, Léonie descobriu-se num nicho dedicado a livros sobre a história local, entre os quais supunha que Anatole houvesse deparado com a monografia de monsieur Baillard. Animou-se rapidamente, ao sair do calor espaçoso da área principal para as estantes sombrias e confinadas. O nicho era tomado por uma umidade que a deixou com a garganta comi-chando.

Ela correu os olhos pelas fileiras compactas de lombadas e capas, até chegar à letra “B”. Não havia nenhum espaço visivelmente vazio. Intrigada, espremeu o livro estreito no local em que lhe pareceu que deveria ficar. Concluída essa tarefa, virou-se em direção à porta.

Só então notou as três ou quatro vitrines penduradas no alto da parede, à direita da porta, supostamente destinadas a guardar os volumes mais valiosos. Uma escada deslizante de madeira estava presa a um trilho de metal.

Léonie segurou a engenhoca com as duas mãos e puxou com toda a força. Os degraus rangeram e reclamaram, mas não tardaram a se render. Ela os fez deslizarem pelo trilho até um ponto intermediário e, firmando bem os pés, desdobrou-os e começou subir. Suas anáguas de tafetá farfalharam, prendendo-se entre suas pernas.

Parou no penúltimo degrau. Usando os joelhos para se equilibrar, espiou o interior da vitrine. Estava escuro lá dentro, mas, com as mãos em concha sobre o vidro, para proteger os olhos da luz que entrava pelas duas janelas altas, Léonie enxergou o suficiente para conseguir ler os títulos nas lombadas.

O primeiro era *Dogme et Rituel de la Haute Magie,* de Eliphas Lévi. Ao lado ficava um livro intitulado *Traité Mé-thodique de Science Occulte.* Na prateleira acima, vários escri-

tos de Papus, Court de Gébelin, Etteilla e MacGregor Ma-thers. Léonie nunca tinha lido esses autores, mas sabia que eram ocultistas e considerados

subversivos. Seus nomes apareciam com frequência nas colunas de jornais e revistas.

Ela já ia descendo quando teve a atenção despertada por um volume grande e simples, encadernado em couro preto, menos espalhafatoso e ostensivo que os demais, exibido de frente. O nome de seu tio aparecia na capa, gravado em letras douradas abaixo do título: *Les Tarots.*



CAPÍTULO 35

PARIS

Quando o alvorecer nebuloso e hesitante despontou sobre os escritórios do Comissariado de Polícia do 8º

arrondissement, na rue de Lisbonne, os ânimos já estavam exaltados.

O corpo de uma mulher, identificada como madame Marguerite Vernier, fora encontrado pouco depois das nove horas da noite de domingo, 20 de setembro. A notícia fora transmitida por um telefonema dado de uma das novas cabines públicas, na esquina da rue de Berlin com a rue d'Amsterdam, por um repórter do *Petit Journal.*

Considerando-se que a falecida estivera associada a um herói de guerra, o general Du Pont, o chefe de polícia Laboughe fora convocado de sua casa de campo para assumir o comando da investigação.

Com extremo mau humor, ele entrou pela recepção e largou uma pilha de primeiras edições na escrivaninha do inspetor Thouron.

Assassinato de Carmem! Herói de guerra detido! Briga de amantes leva a facada mortal!

— O que significa tudo isso? — trovejou Laboughe.

Thouron levantou-se e murmurou um bom-dia respeitoso, depois retirou os outros papéis da única cadeira vazia na sala apertada e abafada, sentindo o olhar furioso do chefe de polícia. Concluída a tarefa, Laboughe tirou a cartola de seda

e se sentou, apoiando as mãos na bengala. O encosto da cadeira rangeu sob seu peso portentoso, mas aguentou firme.

— Bem, Thouron? — indagou ele, depois que o inspetor voltou para sua cadeira. — Como foi que eles obtiveram tantos detalhes sigilosos? Um de seus homens tem a língua frouxa?

O inspetor Thouron exibia todas as marcas de um homem que tinha visto o dia raiar sem experimentar o luxo de sua cama. Tinha sombras escuras e borradas, feito meias-luas, embaixo dos olhos. O bigode estava caído e a barba despontava em seu queixo.

— Não creio, senhor. Os repórteres já estavam lá antes de chegarmos, na noite em questão.

Laboughe o encarou, por baixo das sobrancelhas hirsutas.

— Alguém os avisou?

— É o que parece.

— Quem?

— Ninguém quer falar. Um de meus *gendarmes* en-treouviu uma conversa entre dois daqueles abutres, sugerindo que pelo menos duas redações de jornais receberam um comunicado, aproximadamente às sete horas da noite de domingo, insinuando que seria conveniente despachar um repórter para a rue de Berlin.

— Endereço exato? Número do apartamento?

— Também não quiseram revelar essa informação, senhor, mas presumo que sim.

O chefe de polícia cerrou os punhos envelhecidos, de veias azuladas, no cabo de marfim da bengala.

— E o general Du Pont? Ele nega que ele e Marguerite Vernier eram amantes?

— Não nega, embora tenha solicitado a garantia de que seremos discretos nesse assunto.

— E você as deu?

— Sim, senhor. O general nega com extrema veemência tê-la matado. A explicação é semelhante à oferecida pelos jornalistas. Diz que lhe entregaram um bilhete, quando saía de um concerto na hora do almoço, adiando o encontro que os dois teriam na tarde em questão, das cinco horas para mais tarde, à noite. Eles iam viajar para o vale do Marne hoje de manhã e passar alguns dias no interior. Todos os criados tinham sido dispensados por esse período. O apartamento certamente estava preparado para uma ausência.

— O Du Pont ainda está de posse desse bilhete?

Thouron deu um suspiro.

— Em respeito à reputação da senhora, ou assim disse ele, o general afirmou ter rasgado a missiva e tê-la jogado fora ao sair do salão de concerto — esclareceu.

Arriou os cotovelos na escrivaninha e passou os dedos cansados pelo cabelo. — Mandei um homem verificar prontamente, mas os lixeiros daquele *arrondissement* tinham sido surpreendentemente assíduos.

— Algum indício de relações íntimas antes da morte dela?

Thouron fez que sim.

— E o que disse o sujeito quanto isso?

— Ficou abalado com a informação, mas manteve a compostura. Não foi ele, ou assim declarou. Aferrou-se à história de que chegou e a encontrou morta, com uma multidão de repórteres andando pela rua, do lado de fora.

— A chegada dele foi testemunhada?

— As oito e meia, sim. A questão é se ele esteve ou não esteve lá mais. cedo. Temos apenas a sua palavra de que não.

Laboughe abanou a cabeça.

— General Du Pont — resmungou. — Bem relacionado... Sempre canhestro — comentou e olhou para Thouron. — Como foi que ele entrou?

— Ele tem a chave.

— Algum outro membro da família?

Thouron vasculhou uma das pilhas mal equilibradas de papel na escrivaninha, quase derrubando um tinteiro. Encontrou o envelope pardo que procurava e dele tirou uma única folha de papel.

— Afora os criados, há um filho que mora lá, Anatole Vernier, solteiro, 26 anos, ex-jornalista e *littérateur,* atualmente no conselho editorial de um periódico dedicado ao tema dos livros raros, *beaux livres,* esse tipo de coisa

— disse. Deu uma espiada em suas anotações. — E uma filha, Léonie, I anos, também solteira e morando com a família.

— Eles foram informados do assassinato da mãe?

Thouron deu outro suspiro.

— Infelizmente, não. Não conseguimos localizá-los.

— E por que não?

— Acredita-se que tenham viajado para o interior.

Meus homens fizeram perguntas aos vizinhos, mas eles sabem pouca coisa. Os filhos viajaram na sexta-feira de manhã.

O chefe de polícia franziu a testa, o que fez as sobrancelhas brancas juntarem-se no meio da testa.

— Vernier. Por que esse nome me é familiar?

— Pode ser por várias razões, senhor. O pai, Leo Vernier, foi *communard.* Foi preso e levado a julgamento, condenado à deportação. Morreu nas galés

Laboughe abanou a cabeça.

— Algo mais recente do que isso.

— No decorrer deste ano, Vernier *fils* apareceu nos jornais em mais de uma

ocasião. Acusações de jogo, presença em antros de ópio, ligações com prostitutas, mas nada comprovado. Uma sugestão de imoralidade, se o senhor preferir, mas nenhuma prova.

— Seria algum tipo de campanha de difamação?

— Sim, cheira muito a isso, senhor. — Anônima, presumo? Thouron assentiu com a cabeça.

— O *La Croix* parece ter tido o Vernier particularmente na mira. Por exemplo, eles publicaram uma acusa-

ção de que ele teria estado envolvido num duelo no Champs de Mars, reconhecidamente como segundo, e não como principal, mas, mesmo assim... O jornal publicou datas, nomes, horários. O Vernier conseguiu provar que estava em outro local. Afirmou desconhecer quem estaria por trás dessas calúnias.

Laboughe percebeu o tom do inspetor.

— Você não acredita nele? Thouron fez um ar cético.

— Os ataques anônimos raramente o são para as pessoas envolvidas. Depois, no dia 12 de fevereiro, ele foi implicado num escândalo envolvendo o furto de um manuscrito raro da Bibliothèque de 1’Arsenal.

Laboughe deu um tapa na perna.

— É isso. É por isso que o nome é familiar.

— Em virtude de suas atividades profissionais, o Vernier era um visitante regular e de confiança. Em feve-

reiro, depois de uma denúncia anônima, descobriu-se que um texto ocultista extremamente precioso havia desaparecido — e Thouron tornou a consultar suas anotações. —

Um livro de um certo Robert Fludd.

— Nunca ouvi falar.

— Não se conseguiu vincular nada ao Vernier, e o assunto revelou o esquema de segurança bastante precário da biblioteca, de modo que a história toda foi abafada.

— O Vernier é um desses esoteristas?

— Parece que não, exceto no exercício do trabalho de colecionador.

— Ele foi interrogado?

— Sim, novamente. Mais uma vez, foi uma simples questão de provar que não poderia ter estado envolvido.

E, mais uma vez, quando lhe perguntaram se haveria pessoas que pudessem ter intenções maldosas a seu respeito e que sugerissem o contrário, ele disse que não. Não tivemos alternativa senão abandonar o assunto.

Laboughe calou-se por um momento, assimilando as informações.

— E quanto às fontes de renda do Vernier?

— Irregulares, mas nada insignificantes. Ele recebe uns 12 mil francos por ano, de uma variedade de fontes

— informou, baixando os olhos para as anotações. — Seu cargo no conselho editorial da revista, que lhe paga honorários de cerca de 6 mil francos. O escritório fica na rue Montorgueil. Ele complementa isso escrevendo artigos para outras revistas *e* jornais especializados, e, sem dúvida, com os ganhos obtidos nas mesas de *rouge et noir* e de carteado.

— Alguma perspectiva de herança? Thouron abanou a cabeça.

— Como *communard* condenado, os bens do pai dele foram confiscados. O Vernier *père* era filho único e seus pais faleceram há muito tempo.

— E Marguerite Vernier?

— Estamos investigando. Os vizinhos não conheciam nenhum parente próximo, mas veremos.

— O Du Pont contribui para as despesas domésticas da rue de Berlin? Thouron encolheu os ombros.

— Diz ele que não, mas duvido que esteja sendo inteiramente franco a esse respeito. Se o Vernier tinha ou não conhecimento desses arranjos, eu não me disporia a especular.

Laboughe mudou de posição, fazendo a cadeira ranger e reclamar. Thouron aguardou pacientemente enquanto seu superior considerava os fatos.

— Você disse que o Vernier é solteiro — manifestou-se, por fim. — Tem alguma amante?

— Esteve envolvido com uma mulher. Ela morreu em março e foi enterrada no Cemitério de Montmartre.

Os laudos médicos sugerem que, umas duas semanas antes, tinha sido submetida a uma operação numa clínica, a Maison Dubois.

Laboughe fez uma expressão de desagrado.

— Uma interrupção?

— É possível, senhor. Os laudos se perderam. Foram furtados, segundo a direção. Mas a clínica confirmou que a despesa foi paga pelo Vernier.

— Em março, você disse. Então, é improvável que isso esteja ligado ao assassinato de Marguerite Vernier, certo?

— Não, senhor — respondeu o inspetor, acrescentando em seguida: — Se de fato o Vernier foi vítima de uma campanha de difamação, acho mais provável que essas duas coisas possam muito bem estar ligadas.

Laboughe deu um resmungo.

— Ora, Thouron. Caluniar um homem está longe de ser o papel de uma pessoa honrada, mas daí para o assassinato?

— Exato, *monsieur le Préfet*, e, em circunstâncias normais, eu concordaria. Mas há uma outra ocorrência que me faz pensar se não teria havido uma escalada das

hostilidades.

Laboughe deu um suspiro, percebendo que o inspetor não havia terminado. Tirou do bolso um cachimbo Meerschaum preto, bateu o fornilho na quina da escrivaninha para soltar o fumo, riscou um fósforo e sugou até o fogo pegar.Um cheiro úmido e acre inundou o escritório apertado,

— É óbvio que não podemos ter certeza de que isso tenha alguma ligação com o assunto em pauta, mas o próprio Vernier foi vítima de uma agressão na Passagem dos Panoramas, nas primeiras horas do dia 17 de setembro, quinta-feira passada.

Na manhã seguinte aos tumultos no Palais Garnier?

— O senhor conhece o local?

— É uma galeria elegante de lojas e restaurantes.

Stern, o gravador, também tem instalações lá.

Isso mesmo, senhor. O Vernier sofreu um ferimento contundente pouco acima do olho esquerdo e ficou com uns bons hematomas. Também anonimamente, isso foi informado a nossos colegas da segunda circunscrição.

Por sua vez, eles nos informaram do incidente, sabendo do nosso interesse por esse cavalheiro. Ao ser interrogado, o vigia noturno da Passagem admitiu ter sabido da agressão, tê-la testemunhado, na verdade, mas confessou que o Vernier lhe pagara uma boa soma para não dizer nada. Vocês deram continuidade à investigação? — Não, senhor. Uma vez que o Vernier, a vítima, optou por não dar queixa do incidente, não havia muito que pudéssemos fazer. Só o menciono para corroborar a sugestão de que talvez isso tenha sido uma indicação.

— De quê?

— De uma escalada das hostilidades — respondeu Thouron, pacientemente.

— Mas, nesse caso, Thouron, por que é a Marguerite Vernier que está deitada numa laje, e não o próprio Vernier? Não faz sentido.

Laboughe recostou-se na cadeira, fumando seu cachimbo. Thouron o observou e

aguardou em silêncio.

— Você acredita que o Du Pont seja culpado do assassinato? Diga-me, inspetor, sim ou não?

— Estou mantendo a mente aberta, senhor, até co-lhermos mais informações.

— Sei, sei — fez Laboughe, abanando a mão com impaciência —, mas e o seu instinto?

— Na verdade, não creio que o Du Pont seja o nosso homem. É claro que essa parece ser a explicação mais provável. O general esteve lá. Só temos a palavra dele para afirmar que encontrou Marguerite Vernier morta ao chegar. Havia duas taças de champanhe, mas havia também um copo de uísque espatifado na grade da lareira. Só que há um excesso de coisas que não parecem encaixar-se nessa história.

Thouron respirou fundo, lutando para encontrar as palavras certas.

— A informação, para começar. Se de fato foi uma briga de amantes que fugiu do controle, quem entrou em contato com os jornais? O próprio Du Pont? Duvido muito. Todos os criados tinham sido dispensados. Só pode ter sido um terceiro.

Laboughe assentiu com a cabeça.

— Continue.

— Além disso, o momento escolhido, digamos, com o filho e a filha fora da cidade e o apartamento fechado por um período — disse Thouron, soltando um suspiro. — Não sei, senhor. Há alguma coisa montada nessa história toda.

— Você acha que isso foi uma armação para que o Du Pont levasse a culpa?

— Creio que é uma possibilidade que devemos considerar, senhor. Se tivesse sido ele, por que apenas adi-aria o encontro? Com certeza tomaria o cuidado de não aparecer em nenhum lugar das imediações, não é?

Laboughe concordou.

— Não posso negar que seria um alívio não ter que levar um herói do exército aos tribunais, Thouron, especialmente alguém tão condecorado e ilustre quanto Du Pont

— disse e lhe deu uma olhadela. — Não que isso deva influenciar a sua decisão, inspetor. Se você acha que ele é culpado...

— É claro, senhor. Eu também ficaria angustiado por processar um herói da pátria.

Laboughe baixou os olhos para as manchetes espalhafatosas.

— Por outro lado, Thouron, não devemos esquecer que há uma mulher morta.

— Não, senhor.

— Nossa prioridade deve ser localizar o Vernier e informá-lo do assassinato da mãe. Se antes ele não se dispunha a falar com a polícia sobre os vários incidentes em que foi envolvido neste último ano, talvez essa tragédia o faça soltar a língua — disse, mudando de posição. A cadeira gemeu sob seu peso. — Mas não há nenhuma indicação de onde ele está?

Thouron abanou a cabeça.

— Sabemos que saiu de Paris há quatro dias, em companhia da irmã. Um cocheiro, um dos que trabalham regularmente na rue d'Amsterdam, informou ter buscado passageiros na rue de Berlin, um homem e uma moça que correspondem à descrição dos Vernier, e tê-los levado à estação Saint-Lazare na última sexta-feira, pouco depois das nove horas da manhã.

— Alguém os viu depois de entrarem na Saint-Lazare?

— Não, senhor. Os trens que saem da Saint-Lazare vão para os arrabaldes a oeste: Versalhes, Saint-Germain-en-Laye, e há também, é claro, os trens portuários que vão para Caen. Nada. Mas, por outro lado, eles poderiam ter desembarcado em qualquer ponto e se transferido para uma linha secundária. Meus homens estão verificando isso.

Laboughe contemplou seu cachimbo. Parecia estar perdendo o interesse.

— E você já conversou com as autoridades ferroviárias, imagino.

— Com a linha central e as estações dos ramais secundários. Já foram afixados avisos por toda a Île-de-France, e estamos verificando as listas de passageiros das embarcações do canal da Mancha, para a eventualidade de eles pretenderem fazer uma viagem mais longa.

O chefe de polícia levantou-se pesadamente, arfan-do com o esforço. Guardou o cachimbo no bolso do casaco, pegou a cartola e as luvas e se dirigiu à porta, como um barco a todo o pano.

Thouron também ficou de pé.

— Faça outra visita ao Du Pont — instruiu Laboughe. — Ele é o candidato mais óbvio nesse episódio lamentável, embora eu me incline a pensar que a sua leitura da situação é a correta.

Deslocou-se devagar pelo cômodo, batendo com a bengala no chão, até chegar à porta.

— E... inspetor?

— Pois não, *monsieur le Préfet?*

— Mantenha-me informado. Havendo qualquer desdobramento do caso, quero ouvir as notícias de você, não das páginas do *Petit Journal.* Não me interesso por mexericos, Thouron. Deixe essas coisas para os *journalistes* e os escritores de ficção. Fui claro?

— Perfeitamente, senhor.



CAPÍTULO 36

HERDADE DO CADE

Havia uma chavezinha de metal na fechadura da vitrine. Estava dura e não queria se mexer, mas Léonie a chacoalhou até que ela acabou girando. Abriu a porta e apanhou o livro intrigante.

Empoleirada no degrau superior lustroso, abriu *Les Tarots,* virando a capa dura e deixando escapar o cheiro de poeira, papel antigo e velharia. Dentro havia um panfleto fino, que mal chegava a ser um livro. Não mais de oito páginas de bordas irregulares, como se tivessem sido cortadas a faca. O papel pesado em tom creme falava de tempos mais remotos — não era uma antiguidade, mas também não era uma publicação recente. As palavras estavam escritas à mão em letra itálica benfeita.

Na primeira página repetiam-se o nome de seu tio, Jules Lascombe, e o título, *Les Tarots,* dessa vez com um subtítulo logo abaixo: *Au delà du voile et l'art musicale de tirer les cartes.* Mais abaixo ficava uma ilustração muito semelhante ao desenho de um oito, deitado de lado, como uma meada de linha. Na parte inferior da página havia uma data, presumivelmente a de quando seu tio escrevera a monografia: 1870.

Depois que minha mãe fugiu da Herdade do Cade e antes de Isolde chegar. O frontispício era protegido por uma folha de papel fino encerado. Léonie a levantou e soltou um arquejo involuntário. A ilustração era a gravura em preto e branco de um demônio, erguendo maleficamente os olhos da página, com uma expressão lasciva e ousada. Seu corpo era vergado, com ombros recurvados e vulgares, braços compridos e garras em lugar das mãos. A cabeça era grande demais, distorcida, sugerindo uma espécie de paródia grotesca da forma humana.

Examinando mais de perto, Léonie notou que na testa da criatura havia chifres, tão pequenos que chegavam a ser quase indiscerníveis. E uma desagradável sugestão de pelagem, em vez de pele. O mais desagradável de tudo eram as duas figuras, claramente humanas, de um homem e uma mulher acorrentados à base do túmulo sobre o qual se erguia o diabo.

Na base da gravura havia um número em algarismos romanos: XV.

Léonie consultou o pé da página. Nenhum crédito referente ao pintor, nenhuma informação quanto à proveniência ou origem da gravura. Apenas uma única palavra, um nome, escrito abaixo em letra de forma: ASMODEU.

Não querendo se deter mais, Léonie passou à página seguinte. Deparou com linha após linha de uma explicação introdutória sobre o tema do livro, com espaços miúdos. Fez uma leitura superficial do texto, tendo a aten-

ção captada por algumas palavras. A promessa de demônios, cartas de tarô e

música fez seu pulso acelerar-se, num delicioso frêmito de pavor. Decidida a buscar uma posição mais confortável, ela desceu de sua torre de madeira, saltando os últimos degraus, levou o livro até a mesa no centro da biblioteca e mergulhou fundo no coração da história.

N as lajes areadas do interior do sepulcro ficava o quadrado, anteriormente pintado de preto por minhas próprias mãos, naquele dia, e que nesse momento parecia emitir uma tênue luz brilhante.

Em cada um dos quatro cantos do quadrado, como pontos numa bússola, ficava a nota musical que lhe era correspondente. Dó no norte, Lá no oeste, Ré no sul e Mi no leste. N o interior do quadrado foram postas as cartas sobre as quais a vida seria soprada e através de cujo poder eu andaria em outra dimensão.

A cendi o único lampião da parede, que derramou uma luz branca e pálida.

N o mesmo instante, foi como se o sepulcro se enchesse de uma névoa que retirou da atmosfera o ar saudável. Também o vento afirmou sua presença, pois a que mais eu poderia atribuir às notas que começaram a murmurar dentro da câmara de pedra, como o som de um piano distante?

N o ambiente crepuscular, as cartas ganharam vida, ou assim me pareceu. Os desenhos, libertos de sua prisão de pigmentos e tintas, ganharam corpo e forma e tornaram a andar sobre a terra.

Houve uma lufada de ar e tive a sensação de não estar sozinho. N esse momento, tive certeza de que o sepulcro estava repleto de seres. Espíritos. N ão sei dizer se eram humanos. Todas as regras naturais desapareceram. Havia entidades em toda a volta. Eu mesmo e meus outros eus, tanto passados quanto ainda por vir, ficamos igualmente presentes. Eles transitaram rente a meus ombros e meu pescoço, roçaram em minha testa, cercaram-me sem jamais me tocar, porém sempre chegando mais e mais perto. Pareceu-me que voavam e se deslocavam no ar, de modo que estive sempre cônscio de sua presença fugaz. Mas me pareceram ter peso e massa. Especialmente no ar acima de minha cabeça, foi como se houvesse um movimento incessante, acompanhado por uma cacofonia de sussurros, suspiros e choro, que me fizeram curvar o pescoço, como se carregasse um fardo.

Tornou-se claro que eles queriam negar-me o acesso, embora eu não soubesse por quê. Sabia apenas que deveria retornar ao quadrado, ou estaria correndo

um perigo mortal. Dei um passo em dire-

ção a ele, ao que, no mesmo instante, desceu sobre mim um vento fortíssimo, que me empurrou para trás, gritando e urrando uma melodia assustadora, se é que lhe posso dar esse nome, a qual me pareceu estar dentro e fora da minha cabeça. A s vibrações me levaram a temer que as próprias paredes e o telhado do sepulcro viessem a desmoronar.

Reuni forças e me atirei no centro do quadrado, como um afogado que tentasse em desespero alcançar a praia. N o mesmo instante, uma única criatura, nitidamente um diabo, mas tão invisível quanto seus companheiros infernais, lançou-se sobre mim. Senti as garras sobrenaturais em meu pescoço e as presas em minhas costas, assim como seu hálito de peixe em minha pele, mas em meu corpo não foi deixada marca alguma.

Cobri a cabeça com os braços para me proteger. O suor brotava de minha testa. Meu coração começou a perder o ritmo e me dei conta de uma debilidade crescente. A rfante e trêmulo, com cada músculo distendido ao máximo, reuni meus últimos vestígios de coragem e tornei a forçar o corpo para a frente. A música foi ficando mais alta.

Cravei as unhas nas frestas das lajes do piso e, por um milagre, consegui me arrastar até o quadrado assinalado.

Instantaneamente, um silêncio terrível oprimiu a câmara com a força de um grito poderoso, violentíssimo, e que trouxe consigo a fetidez do inferno e das profundezas do oceano. Pensei que minha cabeça fosse rachar-se com a simples pressão. N um balbucio desvairado, continuei a recitar os nomes das cartas: Bobo, Torre, Força, Justiça, Juízo. Estaria eu invocando os espíritos das cartas, já então manifestos para me ajudar, ou seriam eles que estavam tentando me impedir de chegar ao quadrado? Minha voz não parecia ser minha, mas provir de um ponto fora de mim, baixa a princípio, mas aumen-

tando aos poucos em volume e intensidade, ampliando a força e enchendo o sepulcro.

Depois, quando julguei que não conseguiria suportar mais, algo saiu de dentro de mim, da minha presença, dos subterrâneos de minha própria pele, com um ruído arranhado, como as garras de um animal selvagem raspando a superfície de meus ossos. Houve uma lufada de ar. A pressão sobre meu coração

fragilizado aliviou-se, Prostrei-me no chão, quase desfalecido, mas ainda cônscio de que as notas — as mesmas quatro notas — se extinguiam, e de que os sussurros e suspiros dos espíritos iam ficando mais fracos, até que finalmente não ouvi mais nada.

Abri os olhos. A s cartas tinham voltado mais uma vez a seu estado adormecido. N as paredes da abside os quadros estavam inertes. Então, uma sensação de vazio e paz desceu subitamente sobre o sepulcro, e compreendi que tudo havia terminado. A s trevas me envolveram. Não sei por quanto tempo permaneci desacordado.

A notei a música da melhor maneira que me foi possível. A s marcas nas palmas de minhas mãos, os estigmas, não desapareceram.

Léonie soltou um assobio baixo. Virou a página.

Não havia mais nada.

Por algum tempo, simplesmente fitou as últimas linhas do panfleto. Era uma história extraordinária. A interação oculta da música com o local dera vida às imagens das cartas e, se ela havia compreendido corretamente, invocado aqueles que haviam passado para o outro lado. *Au delà du voile* — para além do véu —, como declarava o título anotado no folheto.

E escrito por meu tio.

Nesse momento, tanto quanto qualquer outra coisa, o que assombrou Léonie foi que houvesse um autor de tal qualidade em sua família, sem que isso jamais tivesse sido mencionado.

No entanto...

Parou para pensar. Na introdução, seu tio dissera que aquele era um depoimento verdadeiro. Reclinou-se na cadeira. O que teria ele pretendido dizer, ao escrever sobre a capacidade de “andar em outra dimensão”? O que significava sua afirmação sobre “meus outros eus, tanto passados quanto ainda por vir”? E, uma vez invocados, haveri-am os espíritos retornado para o lugar de onde tinham vindo?

Léonie sentiu um arrepio na nuca. Virou-se, olhando por cima dos ombros para a

direita e a esquerda, com a sensação de uma presença às suas costas. Correu os olhos pelas sombras dos nichos de ambos os lados da lareira e pelos cantos empoeirados atrás das mesas e cortinas. Ainda haveria espíritos dentro da propriedade? Pensou na figura que vira atravessar o jardim na noite anterior.

Uma premonição? Ou alguma outra coisa?

Abanou a cabeça, achando meio engraçado deixarse dominar pela imaginação, e voltou a atentar para o livro. A levar o tio ao pé da letra e acreditar que aquela história era realidade, e não ficção, será que o sepulcro se situava dentro da própria Herdade do Cade? Inclinou-se a achar que sim, até porque, na notação das línguas saxôni-cas, por exemplo, as notas musicais necessárias para invocar os espíritos — c, A, D, E — correspondiam às letras da árvore que dava nome à herdade: cade.

E será que ele ainda existe?

Léonie apoiou o queixo na mão. Seu lado prático assumiu o controle. Deveria ser simples determinar se existia na propriedade algum tipo de estrutura semelhante à descrita por seu tio. Seria compatível com uma propriedade rural daquele tamanho contai com sua própria capela ou mausoléu dentro do terreno. Sua mãe nunca lhe falara de nada disso, mas, por outro lado, pouco tinha dito sobre a herdade. *Tante* Isolde também não o havia mencionado, mas o assunto não viera à baila durante a conversa da noite anterior e, segundo a admissão dela própria, seu conhecimento da história da família do falecido marido era limitado.

Se o sepulcro ainda existir, eu o encontrarei.

Um barulho no corredor, do lado de fora, chamou-lhe a atenção.

Ela escondeu imediatamente o livro no colo. Não queria que a encontrassem lendo uma coisa daquelas. Não por embaraço, mas porque se tratava de sua aventura particular, e não queria compartilhá-la com ninguém. Anatole implicaria com ela.

Os passos foram ficando mais distantes, depois Léonie ouviu uma porta fechar-se mais além do saguão.

Levantou-se, perguntando a si mesma se poderia levar *Les Tarots.* Achou que a tia não faria objeção ao empréstimo, já que os convidara a tratar a casa como se

fosse deles. E, embora o livro estivesse fechado numa vitrine, Léonie tinha certeza de que isso era uma proteção contra os estragos advindos da poeira, do tempo e da luz solar, não tendo o sentido de uma proibição. Se assim não fosse, por que teriam deixado a chave tão obsequiosamente na fechadura?

Saiu da biblioteca levando consigo o livro furtado.



CAPÍTULO 37

PARIS

Victor Constant dobrou o jornal e o colocou no assento ao lado. *Assassinato de Carmem — Polícia busca filho!*

Seus olhos espremeram-se de desdém. “Assassinato de Carmem.” Era ofensivo, depois de toda a ajuda que ele lhes dera, os homens da imprensa serem tão previsíveis.

Não havia no mundo duas mulheres que pudessem ser mais diferentes do que Marguerite Vernier e a heroína impetuosa e incorreta de Bizet, em termos de caráter ou temperamento, mas a ópera havia se infiltrado na consci-

ência popular francesa num grau aflitivo. Para que a comparação fosse feita, bastavam um militar e uma faca, e a história estava pronta.

Num intervalo de horas, Du Pont tinha passado de principal suspeito a vítima inocente nas colunas dos jornais. A princípio, o fato de o chefe de polícia não o haver acusado do assassinato lhes despertara o interesse e os fizera lançar suas redes literárias um pouco mais longe.

Agora — graças, em boa parte, aos esforços do próprio Constant —, os repórteres estavam de olho em Anatole Vernier. Ele ainda não era propriamente suspeito, mas o fato de ter o paradeiro desconhecido era visto como passível de suspeição. Diziam que a polícia não conseguira localizar Vernier nem sua irmã para informá-los da tragédia. Porventura um homem inocente seria tão difícil de encontrar?

Na verdade, quanto mais o inspetor Thouron ne-gava que Vernier fosse suspeito,

mais virulentos se torna-vam os rumores. Sua ausência de Paris passara, de fato, a equivaler a sua presença no apartamento na noite do assassinato.

Convinha muito a Constant que os jornalistas fossem preguiçosos. Bastava apresentar-lhes uma história bem embalada, feito um pacote, para que eles a ofereces-sem a seus leitores com poucas modificações. A sugestão de que verificassem independentemente as informações que lhes eram passadas, ou de que se convencessem da veracidade dos dados fornecidos, não lhes ocorria.

Apesar de seu ódio a Vernier, Constant foi obrigado a admitir que o idiota tinha sido esperto. De início, nem mesmo o conde, com seus bolsos recheados e sua rede de espiões e informantes trabalhando a noite inteira, havia conseguido descobrir para onde Vernier e a irmã

tinham ido.

Ele lançou um olhar desinteressado pela janela enquanto o Expresso de Marselha seguia ruidosamente para o sul, atravessando os subúrbios parisienses. Raramente se aventurava além da periferia. Não gostava da paisagem, da luz indiscriminada do sol ou dos céus cinzentos, que tudo desbotavam sob seu olhar vasto e ameaçador. Não gostava da natureza inculta. Preferia conduzir seus negócios na penumbra das ruas com iluminação artificial, no lusco-fusco de salas ocultas, iluminadas à moda antiga com velas de sebo e cera. Desprezava o ar livre e os espaços descobertos. Seu ambiente eram os corredores perfumados dos teatros, repletos de moças com plumas e leques, ou as salas particulares de clubes privados.

No fim, acabara por deslindar o confuso emaranhado que Vernier tentara construir em torno de sua partida. Os vizinhos, incentivados por um ou dois tostões, haviam alegado não saber nada muito preciso, mas tinham entreouvido, recordado ou absorvido fragmentos suficientes de informações. O bastante, com certeza, para Constant montar o quebra-cabeça do dia em que os Vernier tinham fugido de Paris. O dono do Le Petit Chablisien, um restaurante próximo do apartamento dos Vernier na rue de Berlin, havia admitido entreouvir uma conversa sobre a cidade medieval de Carcassonne.

Com a bolsa cheia de moedas, o criado de Constant não tivera dificuldade para localizar o cocheiro que os havia transportado à estação Saint-Lazare na manhã de sexta-feira e o segundo fiacre que os levara de lá à estação Montparnasse,

coisa que Constant estava certo de que, até esse momento, os *gendarmes* do 8º *arrondissement* não haviam descoberto.

Não era muito, mas era o bastante para convencê-lo de que valia a pena gastar o preço da passagem de trem para o sul. Se os Vernier estivessem em Carcassonne, as coisas seriam mais fáceis. Com ou sem a prostituta. Constant não sabia que nome ela estaria usando agora; sabia apenas que o nome pelo qual a conhecera estava gravado numa lápide do Cemitério de Montmartre. Um beco sem saída.

Ele chegaria a Marselha mais tarde. No dia seguinte, pegaria o trem litorâneo de Marselha para Carcassonne e lá se instalaria, como uma aranha no centro da teia, esperando a presa ficar a seu alcance.

Mais cedo ou mais tarde, as pessoas falariam. Sempre falavam. Murmúrios, boatos. A menina Vernier era muito bonita. Em meio à gente morena do Midi, de cabelos pretos e olhos de carvão, aquela pele alva e aqueles cabelos cor de cobre seriam recordados.

Talvez demorasse, mas ele os encontraria.

Tirou do bolso o cebolão de Vernier e o segurou nas mãos enluvadas. Com sua caixa de ouro e o monograma em platina, era um relógio distinto e singular. Constant comprazia-se com sua simples posse, com o fato de haver tirado algo de Vernier.

Olho por olho.

Sua expressão endureceu-se ao imaginá-la sorrindo para Vernier, tal como um dia lhe sorrira. Em sua mente torturada, num súbito lampejo, passou a imagem dela, exposta ao olhar do rival. E não pôde suportá-la.

Para se distrair, procurou na valise de couro alguma coisa que ajudasse a passar o tempo na viagem. Sua mão roçou na faca, escondida numa grossa bainha de couro, que ceifara a vida de Marguerite Vernier. Pegou *A V iagem Subterrânea de N icholas Klimm,* de Holberg, e *O Céu e Suas Maravilhas e o Inferno,* de Swedenborg, mas nenhum dos dois foi de seu agrado.

Tornou a escolher. Dessa vez, apanhou *A Quiromancia,* de Robert Fludd.

Mais um suvenir. Em perfeito acordo com seu estado de espírito.



CAPÍTULO 38

RENNES-LES-BAINS

Léonie mal saíra da biblioteca quando foi abordada no corredor pela criada, Marieta. Pôs o livro nas costas.

— *Madomaisèla*, seu irmão me mandou informar que está planejando uma visita a Rennes-les-Bains esta manhã e gostaria que a senhorita o acompanhasse.

Léonie hesitou, mas apenas por um momento. Estava empolgada com o projeto de explorar a Herdade em busca do sepulcro. Mas essa expedição poderia esperar. A ida à cidade com Anatole não esperaria.

— Por favor, leve meus cumprimentos a meu irmão. Diga-lhe que ficarei encantada.

— Ótimo, *madomaisèla.* A sege foi pedida para as dez e meia.

De dois em dois degraus, Léonie subiu ao quarto e olhou em volta, à procura de um lugar secreto para esconder *Les Tarots*, pois não queria despertar o interesse dos criados, deixando um livro como aquele em plena vista. Seus olhos pousaram na caixa de costura. Ela abriu prontamente a tampa de madrepérola e escondeu o livro bem no fundo, sob os carretéis de algodão e linha e a misturada de retalhos de tecido, dedais, alfinetes e agulheiros.

Não havia sinal de Anatole quando chegou ao saguão.

Andou até o terraço nos fundos da casa e parou com as mãos na balaustrada, olhando para os jardins. Os feixes largos de luz solar, filtrados por um véu de nuvens, dificultavam uma visão clara, pelo contraste abrupto entre luz e sombra. Léonie respirou fundo, inalando o ar puro, limpo, despoluído Era muito diferente de Paris, com seu cheiro desagradável de fuligem e ferro quente e seu manto perpétuo de nevoeiro enfumaçado.

O jardineiro e seu ajudante trabalhavam nos canteiros lá embaixo, amarrando arbustos e árvores menores em estacas de madeira. Perto deles estava um carrinho de mão, cheio de folhas de outono que o ancinho recolhera, vermelhas

como vinho. O homem mais velho usava paletó marrom curto e boina, com um lenço vermelho no pescoço. O menino, que não teria mais de 11 ou 12 anos, tinha a cabeça descoberta e usava uma camisa sem colarinho.

Léonie desceu a escada. O jardineiro tirou a boina, de um feltro marrom da cor da terra outonal, e a segurou entre os dedos sujos à aproximação da jovem:

— Bom dia — ela cumprimentou.

— *Bonjorn, madomaisèla* — resmungou o homem.

— Lindo dia.

— Vem temporal aí.

Com ar de dúvida, Léonie contemplou o céu perfeitamente azul, pontilhado de ilhas flutuantes de nuvens.

— Parece muito calmo. Firme.

— Está só esperando a hora certa.

O jardineiro inclinou-se para ela, revelando dentes tortos e escurecidos como uma fileira de lápides antigas.

— É trabalho do Diabo, a tempestade. Todos os velhos sinais. Teve música no lago, ontem de noite.

Seu hálito era fétido e azedo, e Léonie recuou instintivamente, meio afetada pela sinceridade do velho, a despeito de si mesma.

— O que o senhor quer dizer? — retrucou em tom ríspido. O jardineiro se benzeu.

— O Diabo anda por aqui. Toda vez que sai do lago Barrenc, traz tempestades violentas pelo campo, uma atrás da outra. O falecido patrão mandou os homens ater-rarem o lago, mas o Diabo apareceu e disse na cara deles que, se continuassem esse trabalho, Rennes-les-Bains ia se afogar na inundação.

— São apenas superstições tolas. Não posso...

— Fizeram um acordo, não me cabe dizer por que nem como, mas o fato é que os trabalhadores foram embora. Deixaram o lago em paz. Mas agora, *mas ara*, a ordem natural se inverteu de novo. Estão aí todos os sinais.

O Diabo vem cobrar o que lhe devem.

— Ordem natural? — Léonie ouviu-se murmurar.

— Ora, o que o senhor quer dizer?

— Faz 21 anos — resmungou o jardineiro. — O

falecido patrão provocou o Diabo. A música aparece quando os fantasmas saem do túmulo. Eu é que não sei dizer por que nem como. O padre veio.

Ela franziu a testa.

— Padre? Que padre?

— Léonie!

Com uma mescla de culpa e alívio, ela virou para trás ao som da voz do irmão. Anatole lhe acenava do terraço. — A sege chegou! — gritou ele.

— Fique com a alma fechada, *madomaisèla* — acon-selhou o jardineiro entre dentes. — Quando chega a tempestade, os espíritos andam soltos por aí.

Léonie fez as contas de cabeça. Vinte e um anos antes, dissera o homem, o que daria 1870. Ela estremeceu.

Visualizou mentalmente a mesma data. O ano de publica-

ção impresso na página de rosto de *Les Tarots.*

Os espíritos andam soltos por aí.

As palavras do jardineiro combinavam de forma muito precisa com o que ela lera nessa manhã. Léonie abriu a boca para fazer outra pergunta, mas o velho já re-pusera a boina na cabeça e voltara a seu trabalho de escavação Ela hesitou por mais um instante, depois arregaçou a saia e subiu correndo os degraus que a separavam do irmão.

Sim, era intrigante. E inquietante. Mas ela não permitiria que nada estragasse seu tempo com Anatole.

— Bom dia — disse o irmão, curvando-se para beijá-la na face enrubescida e olhando-a de cima a baixo. —

Quem sabe não lhe conviria um pouquinho mais de pudor?

Léonie olhou para as meias, claramente visíveis e com salpicos leves da lama da trilha. Sorriu, alisando as saias.

— Pronto — disse. — Perfeitamente respeitável!

Anatole abanou a cabeça, em parte frustrado, em parte achando graça. Atravessaram juntos a casa e subiram na sege.

— Você já andou costurando? — ele perguntou, ao notar um fiapo de linha vermelha preso na manga da irmã.

— Que menina trabalhadora!

Léonie tirou o fiapo e o jogou no chão.

— Eu estava procurando uma coisa na caixa de costura, só isso — retrucou, sem sequer enrubescer pela mentira improvisada.

O cocheiro estalou o chicote e a carruagem partiu num solavanco, descendo a alameda.

— T *ante* Isolde não quis nos acompanhar? — perguntou ela, elevando a voz para se fazer ouvir acima do barulho dos arreios e cascos.

— Havia uns assuntos da propriedade que exigiam sua atenção.

— Mas o jantar de sábado está combinado? Anatole apalpou o bolso do paletó.

— Está. E prometi que pagaremos aos mensageiros e entregaremos os convites.

Os ventos noturnos tinham arrancado gravetos soltos e folhas dos troncos lisos e prateados das faias, mas a estrada que descia da Herdade do Cade estava razoavel-mente livre de detritos, de modo que eles ganharam terreno com

rapidez. Os cavalos usavam antolhos e mantiveram o passo firme, embora os lampiões sacudissem em seus suportes e batessem nas laterais da sege durante a descida.

— Você ouviu trovejar essa noite? — perguntou Léonie. — Foi muito estranho. Um ribombar seco, depois trovoadas repentinas, e o vento uivando o tempo todo.

Anatole balançou a cabeça:

— Parece que são muito comuns essas tempestades de raios e trovões sem chuva, especialmente no verão, quando pode haver uma sucessão delas, uma atrás da outra.

— Foi como se os trovões estivessem presos no vale entre as montanhas. E estivessem zangados.

Anatole sorriu.

— Isso pode ter sido o efeito do *blanquette* em você!

Léonie mostrou-lhe a língua.

— Não estou sofrendo nenhum efeito nocivo —disse e fez uma pausa. — O jardineiro me contou que dizem que as tempestades vêm quando os fantasmas andam soltos por aí. Ou será que é o contrário? Não tenho certeza.

Anatole levantou as sobrancelhas.

— É mesmo?

Léonie virou-se para se dirigir ao cocheiro na boleia:

— O senhor conhece um lugar chamado Lac de Barrenc? — perguntou, elevando a voz para se fazer ouvir acima do estrépito das rodas.

— *Oc, madomaisèla.*

— É longe daqui?

— *Pas luènh* — foi a resposta. Não era longe. —

Para os *toristas, é* um lugar pra visitar, mas eu não me aven-turaria por lá.

Apontou com o chicote para um trecho denso de floresta e uma clareira com três ou quatro megálitos, que brotavam do chão como se tivessem sido postos ali por mão gigantesca. — Lá em cima é a Poltrona do Diabo. E, a uma manhã de caminhada, não mais, ficam o lago do Diabo e a montanha Chifruda.

Léonie estava falando do que temia apenas para dominar o medo, e sabia disso. Mesmo assim, virou-se para Anatole com uma expressão vitoriosa no rosto.

— Viu? Há provas de demônios e fantasmas por toda parte. Anatole riu.

— Superstições, *petite,* com certeza. Dificilmente seriam provas.

* * *

A sege deixou-os na Place de Pérou.

Anatole encontrou um menino disposto a entregar os convites aos convidados de Isolde por um vintém, e os dois saíram para passear. Começaram andando pela Gran'Rue em direção ao estabelecimento hidrotermal. Pararam por alguns minutos num pequeno cale na calçada, onde Léonie tomou uma xícara de café forte e doce, e Anatole, uma taça de absinto temperado com açúcar. Passaram senhoras de vestido duas-peças e cavalheiros de sobrecasaca. Uma babá empurrando um carrinho de bebê.

Meninas de cabelo esvoaçante, enfeitado por fitas azuis e vermelhas de seda, e um menino de calção até os joelhos, rolando um aro com uma vareta.

Visitaram a maior loja da cidade, a Magasins Bousquet, que vendia toda sorte de artigos, desde linha de costura e fitas até panelas e frigideiras de cobre, armadilhas, redes e espingardas de caça. Anatole entregou a Léonie a lista de mantimentos de Isolde, a serem entregues na Herdade do Cade no sábado, e a deixou fazer as encomendas.

Léonie divertiu-se muito.

Admiraram a arquitetura da cidade. Muitas construções da r *ive gauche* eram mais imponentes do que pareciam, quando vistas da estrada; na verdade, várias delas tinham muito mais andares para cima e para baixo e desciam até a garganta

do rio. Algumas eram bem cuidadas, embora modestas. Outras estavam meio decrépitas, com a tinta descascando e as paredes mal alinhadas, como se o tempo pesasse sobre elas.

Da curva do rio, Léonie teve uma visão excelente dos terraços das termas e das sacadas dos fundos do Hotel de La Reine. Mais que visto da rua, o estabelecimento dominava a paisagem, com sua imponência e sua importância, seus prédios modernos, piscinas e enormes janelas de vidro. Uma escadinha de pedra descia dos terraços diretamente para a beira da água, onde havia uma coleção de cabines de banho individuais. O conjunto era um testemunho do progresso e da ciência, um santuário moderno para peregrinos contemporâneos necessitados de assistência física.

Uma enfermeira solitária, com o chapéu branco de abas largas pousado na cabeça como uma gigantesca ave marinha, empurrava um paciente numa *chaise roulante.* À

beira da água, aos pés da Allée des Bains de La Reine, uma pérgula de ferro batido, em formato de coroa, proporcionava sombra e proteção dos raios solares. Em frente a um pequeno quiosque móvel, com uma meia-porta dobrável que dava para a rua, uma mulher de lenço claro na cabeça e braços grossos e bronzeados vendia copos de sidra por um par de cêntimos. Ao lado do café sobre rodas, em perfeita combinação com ele, havia uma engenhoca de madeira para espremer as maçãs, e seus dentes metálicos iam girando aos poucos, à medida que um garotinho de mãos raladas e camisão solto, grande demais para a sua idade, alimentava-os com maçãs vermelhas e de coloração ferru-ginosa.

Anatole entrou na fila e comprou dois copos. A sidra era doce demais para seu paladar, mas Léonie a declarou deliciosa e bebeu primeiro o seu copo, depois a sobra deixada pelo irmão, cuspindo um ou outro carocinho no lenço.

A *rive droite* — a margem direita, oposta à cidade —tinha um caráter diferente. Havia menos construções, e as poucas que se agarravam à encosta, pontilhadas entre ár-

vores que chegavam quase à beira da água, eram residências pequenas e modestas. Ali moravam os artesãos, criados e balconistas de lojas cuja sobrevivência dependia das enfermidades e da hipocondria das classes médias urbanas vindas de Toulouse, Perpignan ou Bordeaux. Léonie viu pacientes

sentados na água escaldante e rica em ferro dos *bains forts*, aos quais se chegava por uma alameda particular coberta. Uma fila de enfermeiras e criados aguardava pacientemente na margem, com toalhas dobradas nos braços, à espera que seus tutelados emergissem.

Depois de explorarem toda a cidade, até Léonie se dar por satisfeita, ela se declarou cansada e reclamou que as botas a estavam apertando. Voltaram à Place du Pérou, passando pela posta-restante e pela agência telegráfica.

Anatole propôs uma pequena *brasserie* no lado sul da praça.

— Aquela é aceitável? — indagou, apontando com a bengala para a única mesa desocupada. — Ou você prefere comer na parte interna?

O vento brincava suavemente de esconde-esconde entre os prédios, sussurrando pelas ruelas e fazendo os toldos balançarem. Léonie olhou em volta para as folhas que rodopiavam ao vento, douradas, acobreadas e arroxeadas, e para as réstias delicadas de sol no prédio coberto de hera.

— Do lado de fora. É encantador. Absolutamente perfeito. Anatole sorriu.

— Será que esse é o vento que eles chamam de Cers? — refletiu, sentando-se defronte da irmã. — Creio que é um noroeste que vem das montanhas, segundo a Isolde, em contraste com o Marin, que vem do Mediterrâ-

neo — disse, abrindo o guardanapo. — Ou será que aquele é o Mistral?

Léonie encolheu os ombros.

Anatole fez o pedido a ser dividido entre os dois: *pâté de la maison*, um prato de tomates e uma *bûche* de queijo de cabra local, com molho de amêndoas e mel, acompanhados por um jarro de vinho rosé das montanhas.

Léonie quebrou um pedacinho de pão e o pôs na boca.

— Visitei a biblioteca hoje de manhã — disse. —

Uma seleção muito interessante de livros, pareceu-me.

Fiquei surpresa por termos tido o prazer da sua companhia ontem à noite.

Os olhos castanhos do irmão se aguçaram:

— O que quer dizer com isso?

— Apenas que havia livros mais do que suficientes para mantê-lo ocupado por algum tempo, e que fiquei surpresa, aliás, por você ter conseguido localizar o livro de monsieur Baillard entre tantos. Por quê? O que achou que eu queria dizer? — indagou, espremendo os olhos.

— Nada — respondeu Anatole, torcendo as pontas do bigode. Sentindo seu ar meio evasivo, Léonie abaixou o garfo:

— Mas, agora que mencionou o assunto, confesso ter ficado surpresa por você não ter feito nenhum comentário sobre a coleção, quando foi ao meu quarto à tardi-nha, antes da hora do jantar.

— Comentários sobre...?

— Ora, a coleção de *beaux livres,* para começar —disse ela, fixando os olhos no irmão para observar como reagiria. — E também os livros de ocultismo. Alguns me pareceram edições raras.

Anatole não respondeu de imediato, e por fim disse:

— Bem, em mais de uma ocasião você me acusou de ser meio cansativo a respeito dos livros antigos. Eu não quis entediá-la.

Léonie riu.

— Ora, pelo amor de Deus, Anatole, qual é o seu problema? Pelo que você mesmo me disse, sei que muitos desses livros são considerados bastante desonrosos. Até em Paris. Não são o que se esperaria num lugar como este. E o fato de você nem sequer os ter mencionado, bem, isso é...

Anatole continuou a fumar seu cigarro.

— Bem? — indagou ela.

— Bem o quê?

— Bem, para começar, *por que* você está decidido a não manifestar nenhum interesse? — Respirou fundo e prosseguiu: — E por que nosso tio teria uma coleção tão grande de livros dessa natureza? A tia Isolde não disse.

— A bem da verdade, disse, sim — retrucou ele, com rispidez. — Você parece determinada a criticar a Isolde. É evidente que não gosta dela.

Léonie enrubesceu.

— Você está enganado, se foi essa a impressão que teve. Acho a *tante* Isolde muito agradável — declarou, elevando um pouco a voz, para impedir que ele a interrom-pesse. — Não é a nossa tia, e sim o caráter do lugar, que é inquietante, especialmente quando combinado à presença desses livros ocultistas na biblioteca.

Anatole deu um suspiro.

— Não os notei. Você está fazendo tempestade em copo d'água. A explicação mais *óbvia*, para usar as suas palavras, é que o tio Jules tinha preferências abrangentes, ou melhor, liberais. Ou talvez tenha herdado muitos livros junto com a casa.

— Alguns deles são muito recentes — retrucou Léonie, obstinada. Sabia estar provocando Anatole e quis recuar, mas, por algum motivo, não conseguiu se deter.

— E você é a especialista nessas publicações —disse ele, em tom cético. Léonie retraiu-se diante da frieza do irmão.

— Não, mas é exatamente disso que estou falando.

Você é! Daí a minha surpresa por não ter-se dignado nem mesmo a mencionar a coleção.

— Não consigo entender por que você está tão determinada a ver algum mistério nisso, aliás, em tudo por aqui. Realmente não compreendo.

Léonie inclinou-se para a frente.

— Estou-lhe dizendo, Anatole, há alguma coisa estranha na Herdade, admita

você ou não — e fez uma pausa. — Na verdade, chego até a me perguntar se você realmente foi à biblioteca.

— Já chega — rebateu ele, num tom carregado de advertência. — Não sei que diabo deu em você hoje.

— Você me acusou de querer injetar uma espécie de mistério na casa. Admito que possa ser verdade. Mas, da mesma forma, você parece decidido a fazer o inverso.

Anatole revirou os olhos, exasperado, e explodiu:

— Escute só as suas palavras! A Isolde nos acolheu com extrema hospitalidade. A situação dela é incômoda e, se existe alguma estranheza, decerto se pode atribuí-la ao fato de que ela mesma se sente uma estranha aqui, viven-do em meio a criados muito antigos, que provavelmente se ressentem de que uma pessoa de fora assuma o lugar de dona da casa. Pelo que pude perceber, o Lascombe se ausentava com frequência, e suponho que os empregados estivessem habituados a mandar na casa. Esses comentários não são dignos de você.

Percebendo ter ido longe demais, Léonie recuou:

— Eu só queria...

Anatole limpou os cantos da boca e jogou o guardanapo na mesa.

— Minha intenção foi apenas achar um livro interessante que lhe fizesse companhia ontem à noite, para você não ficar com saudade de casa num lugar desconhecido. A Isolde não fez outra coisa senão demonstrar-lhe gentileza, mas você parece decidida a pôr defeitos em tudo.

O desejo de Léonie de provocar uma briga evaporou-se. Já nem se lembrava da razão de ter ficado tão determinada a discutir, para começo de conversa.

— Sinto muito se as minhas palavras o ofenderam, mas... — começou, porém era tarde demais.

— Nada do que eu digo parece deter essa sua maledicência infantil, portanto, não ha nenhum benefício em continuarmos esta conversa — disse Anatole,

furioso. Pegou a cartola e bengala. — Venha. A sege esta esperando.

— Anatole, por favor — pediu Léonie, mas o irmão já estava atravessando a praça. Dividida entre o pesar e o ressentimento, ela não teve alternativa senão acompanhá-lo. Desejou mais do que tudo ter mordido a língua.

No entanto, ao se afastarem de Rennes-les-Bains, começou a se sentir magoada. A culpa não fora sua. Bem, no princípio, talvez, mas ela não tivera a intenção de ofender ninguém. Anatole estava decidido a ver ofensas onde não houvera nenhuma intenção de cometê-las. E

logo atrás dessas desculpas de Léonie veio uma outra consideração, esta mais insidiosa.

Ele está preferindo defender a Isolde, não a mim.

Era muito injusto, depois de um conhecimento tão breve. Pior ainda, essa ideia a deixou doente de ciúme.



CAPÍTULO 39

O trajeto de volta para a Herdade do Cade foi incômodo. Léonie ficou carrancuda. Anatole não lhe deu a menor atenção. Assim que chegaram, pulou da sege e desapareceu na casa sem olhar para trás, deixando-a sozinha para contemplar a tarde maçante e solitária que se estendia à sua frente.

Ela subiu para o quarto num rompante, sem querer ver ninguém, e se atirou de bruços na cama. Chutou longe os sapatos, deixando-os cair no chão com um baque satisfatório, e ficou com os pés pendurados na borda, como se flutuasse num rio sobre uma jangada.

— *J’en ai marre.* Estava entediada.

O relógio no console da lareira deu duas horas.

Léonie catou os fiapos soltos na colcha bordada, arrancando os pálidos e cintilantes fios de ouro até fazer uma pilha digna de Rumpelstiltskin na cama. Lançou um olhar frustrado para o relógio.

Duas horas e dois minutos. O tempo mal se movia.

Levantou-se da cama e foi até a janela, onde ergueu a ponta da cortina. Os jardins estavam inundados de uma luz viva e dourada.

Por toda parte, ainda viu indícios dos estragos causados pelo vento maldoso. Ao mesmo tempo, no entanto, os jardins pareciam serenos. Talvez fosse bom dar um passeio. Explorar um pouco o terreno.

Seus olhos pousaram na caixa de costura e ela remexeu nos tecidos e aviamentos até encontrar o livro preto.

É claro.

Era a oportunidade ideal para procurar o sepulcro.

Para voltar a seu projeto anterior de como passar o dia.

Talvez até encontrasse as cartas de tarô. Apanhou o livro.

Dessa vez, leu todas as palavras.

* * *

Uma hora depois, com seu novo casaquinho de estambre, botas resistentes para caminhar e o chapéu pousado na cabeça, saiu pé ante pé para o terraço.

Não havia ninguém nos jardins, mas, ainda assim, ela andou depressa, não querendo ter que dar explicações.

Passou quase correndo pelo aglomerado de rododendros e juníperos e manteve esse ritmo até ficar fora do alcance da visão da casa. Só depois de passar pela abertura da sebe alta de buxo foi que diminuiu o passo, para recobrar o fôlego. Já estava transpirando. Parou e tirou o chapéu que pinicava, desfrutando a sensação do ar puro na cabeça descoberta, e guardou as luvas no fundo dos bolsos, ficou radiante por estar completamente só, sem ser observada, totalmente senhora de si.

Parou na orla da floresta, sentindo as primeiras alfinetadas de inquietação. Havia uma sensação palpável de quietude e o cheiro de samambaias do campo e folhas

caídas. Léonie olhou para trás, na direção de onde tinha vindo, e em seguida para a luz sombria da floresta. A casa estava praticamente fora do campo visual.

E se eu não conseguir achar o caminho de volta?

Olhou para o céu. Desde que não demorasse demais, desde que o tempo continuasse firme, poderia simplesmente voltar para casa na direção oeste, seguindo o sol poente. Além disso, aquela era uma floresta particular, administrada e cuidada, e instalada dentro de uma propriedade. Estava longe de ser uma aventura pelo desconhecido.

Não há nada de alarmante.

Depois de se convencer a continuar, sentindo-se a heroína de uma série de romances de aventura, seguiu por uma trilha coberta de vegetação. Não tardou a se descobrir parada no cruzamento de duas trilhas. À esquerda havia um ar de abandono e quietude. Os buxeiros e lou-reiros pareciam gotejar umidade. Os carvalhos penugentos e as agulhetas cortantes dos *pins maritimes* pareciam vergar-se sob o peso indesejado do tempo, com um aspecto ado-ecido e esgotado. Na comparação, o caminho da direita era decididamente corriqueiro.

Se havia um sepulcro há muito esquecido no terreno, com certeza estaria nas profundezas da floresta, não?

Bem longe da vista da casa?

Léonie tomou o caminho da esquerda e enveredou pelas sombras. A trilha tinha um ar de local não frequentado. Não havia sulcos recentes das rodas do carrinho do jardineiro nem indicação de que o ancinho houvesse recolhido folhas: nenhuma impressão de que alguém tivesse passado por ali recentemente.

Ela percebeu que estava subindo. A trilha tornou-se mais íngreme e menos definida. Pedras, terra desnivela-da e galhos caídos projetavam-se das moitas espessas de ambos os lados. Léonie sentiu-se encerrada, como se a paisagem se fechasse sobre ela e encolhesse. De um lado, acima da trilha, havia uma escarpa íngreme, coberta de vegetação densa e verde, ramos de pilriteiros e um emaranhado de teixos enlaçados, feito renda negra à meia-luz.

De nervoso, Léonie sentiu um frio no estômago. Cada ramo, cada raiz expressava abandono. Nenhum pássaro cantava, nenhum coelho, raposa ou rato

silvestre movia-se por entre os arbustos rasteiros a caminho da toca.

Logo adiante, a terra ao lado da trilha formava um declive abrupto à direita. Em vários momentos, Léonie deslocou uma pedra com o pé e a ouviu despencar no a-bismo. Seus receios aumentaram. Não era preciso um grande rasgo da imaginação para evocar os espíritos, fantasmas ou aparições que o jardineiro e monsieur Baillard, em seu livro, haviam afirmado assombrar aquelas veredas.

Ela emergiu então numa plataforma na encosta, que se abria de um lado e revelava o panorama das montanhas distantes. Havia uma pontezinha de pedra sobre uma galeria, no ponto em que uma faixa de terra marrom cruzava em ângulo reto a trilha abaixo dela — um canal baixo, desgastado pela corrida veloz das águas no degelo da primavera. Nesse momento, estava seco.

Bem ao longe, pela abertura vislumbrada acima das copas das árvores mais baixas, o mundo inteiro pareceu estender-se de repente diante dela, como um quadro. Nuvens deslizando pelo céu aparentemente sem fim, uma névoa ou bruma de calor vespertino, em final de verão, flutuando pelas depressões e curvas das montanhas.

Léonie respirou fundo. Sentia-se magnificamente distante de toda a civilização, do rio e dos telhados cinzentos e vermelhos das casas de Rennes-les-Bains, do contorno fino do campanário e da silhueta do Hotel de la Reine.

Aninhada em seu silêncio arbóreo, imaginou o ruído dos cafés e bares, a barulheira das cozinhas, o chacoalhar de arreios e carruagens na Gran’Rue, a gritaria do cocheiro quando o *courrier* se posicionava na Place du Pérou. E então o badalar agudo do sino da igreja foi carregado pelo vento até onde ela havia parado, ouvindo.

Já são três horas.

Ficou escutando até o eco distante desaparecer. Seu espírito de aventura esmoreceu com o som. As palavras do jardineiro lhe voltaram à lembrança.

Fique com a alma fechada.

Desejou ter pedido a ele — a alguma pessoa — indicações sobre o caminho. Sempre querendo fazer as coisas sozinha, detestava pedir ajuda. Mais do que qualquer outra coisa, lamentou não ter trazido o livro.

Mas cheguei longe demais para voltar agora.

Empinou o queixo e continuou andando com determinação, lutando contra a suspeita insidiosa de estar seguindo na direção totalmente errada. O instinto a con-duzira até ali, em primeiro lugar. Ela não tinha mapa nem qualquer instrução. Tornou a lamentar a falta de visão e o orgulho que a tinham levado a nem sequer perguntar por um mapa da herdade. Não que tivesse visto alguma coisa parecida na biblioteca.

Passou-lhe pela cabeça que ninguém sabia aonde ela fora. Se viesse a cair ou a se perder, ninguém saberia onde procurá-la. Ocorreu-lhe também que deveria ter deixado algum tipo de pista. Pedacinhos de papel ou, como João e Maria na floresta, miolo de pão para marcar o caminho de casa.

Não há razão para você se perder.

Continuou a andar, aprofundando-se na mata. Descobriu-se então numa clareira, delimitada por um círculo de juníperos silvestres carregados de bagas tardiamente amadurecidas, como se os pássaros nunca penetrassem tão fundo na floresta.

Sombras, vultos distorcidos, entravam e saíam de seu campo visual. No interior do manto verde da floresta, a luz se adensava, afastando o mundo tranquilizador e familiar e substituindo-o por algo incognoscível, mais antigo. Serpeando por entre as árvores, as sarças e a vegetação rasteira, surgiu uma bruma vespertina, que se infiltrou sem aviso prévio, sem se anunciar. Desceu uma calma absoluta e impenetrável, à medida que o ar encharcado foi abafan-do todo o som. Léonie sentiu os dedos gelados da névoa envolverem seu pescoço como um cachecol, enroscando-se em suas pernas, embaixo das saias, feito um gato.

E então, de repente, vislumbrou mais adiante, por entre as árvores, o contorno de algo que não era de tronco, casca nem terra. Uma capelinha de pedra que não a-comodaria mais de seis ou oito fiéis, com um telhado de cumeeira alta e uma pequena cruz de pedra acima da entrada em arco.

Prendeu a respiração.

Encontrei-o.

O sepulcro era cercado por um renque de teixos retorcidos, de raízes tortas e

deformadas como as mãos de um velho, fazendo sombra sobre a trilha. Não havia marcas na terra. Todas as sarças e urzes cresciam ao léu.

Cheia de orgulho e expectativa, em medidas iguais, Léonie aproximou-se. As folhas farfalharam e os gravetos estalaram sob suas botas. Mais um passo. Agora, um pouco mais, até parar diante da porta. Ela inclinou a cabeça e levantou os olhos. Acima do arco de madeira, simétricos e perfeitamente desenhados, estavam dois versos em antigas letras pretas:

Aïci lo tems s'en va res l'Eternitat.

Leu duas vezes as palavras, em voz alta, revirando na boca os sons estranhos. Tirou do bolso seu lápis de cera e as rabiscou num pedaço de papel.

Houve um barulho atrás dela. Um farfalhar? Um animal selvagem? Uma pantera? Depois veio um som diferente, como se puxassem uma corda no convés de um navio. Uma cobra? A confiança de Léonie evaporou-se.

Os olhos escuros da floresta pareciam oprimi-la. As palavras do livro voltaram-lhe à memória com uma clareza assustadora. Premonições, assombrações, um lugar em que o véu entre os mundos era afastado.

Léonie relutou subitamente em entrar no sepulcro.

Mas a alternativa ficar sozinha e desprotegida na clareira

— pareceu-lhe muito pior. Com o sangue pulsando na cabeça, estendeu a mão, segurou a argola pesada de metal na porta e empurrou.

A princípio, nada aconteceu. Ela tornou a empurrar. Dessa vez, houve um som de metal rangendo, ao sair do lugar, e um clique agudo, quando a lingueta cedeu. Léonie encostou o ombro estreito na madeira e, com todo o peso do corpo, deu um empurrão forte.

A porta vibrou ao se abrir lentamente.



CAPÍTULO 40

Léonie entrou no sepulcro. O ar frio veio ao seu encontro, junto com o odor inconfundível de poeira e objetos antigos e uma lembrança de incenso secular. Também havia mais alguma coisa. Ela franziu o nariz. Um cheiro remanescente de peixe, de mar, do casco salgado de um barco de pesca naufragado.

Fechou os punhos dos lados do corpo, para impedir as mãos de tremerem.

O lugar é este.

Logo à direita da porta principal, na parede oeste, ficava o confessionário, com cerca de l,80m de altura, uns 2,40m de largura e não mais de 0,60m de profundidade.

Era de madeira escura e muito simples, nada semelhante às versões requintadas ou entalhadas das catedrais e igrejas de Paris. A grade estava fechada. Uma cortina púrpura desbotada pendia diante de um dos assentos. Do outro lado do compartimento não havia cortina.

Logo à esquerda da porta de entrada ficava o bénitier, a pia de água benta. Léonie recuou. A cuba era de mármore vermelho e branco, porém se apoiava nas costas de uma figura diabólica, com uma expressão grotesca: tez vermelha e empolada, mãos e pés em garra, olhos maléficos, de um azul penetrante.

Eu conheço você.

A estátua era gêmea da gravura no frontispício de Les Tarots.

Apesar do fardo que sustentava nas costas, seu ar de desafio persistia. Com cuidado, como se temesse ver o demônio ganhar vida, Léonie foi chegando mais perto.

Abaixo, impressa num cartãozinho branco, amarelecido pelo tempo, estava a confirmação: asmodée, maçon au temple de salomon, démon du courroux.

— Asmodeu, pedreiro do Templo de Salomão, demônio da ira — leu ela em voz alta. Erguendo-se na ponta dos pés gelados, olhou para dentro da pia. O *bénitier* estava seco. Mas havia letras entalhadas no mármore, sobre as quais ela correu os dedos.

— *Par ce signe tu le vaincras* — murmurou alto. “Com este sinal o vencerás.”

Léonie franziu a testa. A quem se referia o “o”: ao próprio demônio Asmodeu? Logo em seguida, ocorreu-lhe outra ideia: qual delas teria sido a primeira, a ilustração do livro ou a pia de água benta? Qual delas era a cópia, qual o original?

Sabia apenas que o ano indicado no livro era 1870.

Curvando-se, o que fez as saias de estambre dese-nharem riscos espiralados na poeira do chão de pedra, ela examinou a base da estátua, para ver se exibia alguma data ou marca. Não havia nada que indicasse sua idade ou origem.

Mas não é visigótica.

Fazendo uma anotação mental para pesquisar melhor o assunto — talvez Isolde soubesse alguma coisa —, ergueu o corpo e virou de frente para a nave. Havia três fileiras de bancos de madeira simples no lado sul do sepulcro, virados para a frente, como numa turma de escola primária, porém não mais largos do que o necessário para acomodar dois fiéis em cada um. Nenhuma decoração, nenhum entalhe nas extremidades das fileiras, nenhuma almofada em que se ajoelhar; apenas um fino apoio de madeira para os pés na largura de cada banco.

As paredes do sepulcro eram caiadas e estavam descascando. Janelas simples em arco, sem vitrais coloridos, deixavam entrar a luz, mas despojavam o lugar de calor. As estações da Via-Sacra eram pequenas ilustrações, montadas sobre a estrutura de crucifixos de madeira que mal chegavam a ser pinturas, mais se assemelhando a medalhões, e todas indignas de nota, pelo menos para os olhos destreinados de Léonie.

Ela começou a andar lentamente pela nave, como uma noiva relutante, e foi ficando mais ansiosa à medida que se afastava da porta. Em certo momento, julgando haver alguém às suas costas, deu meia-volta.

De novo, ninguém.

À esquerda, a nave estreita era ladeada por santos de gesso, todos de metade do tamanho natural, como crianças malvadas. Seus olhos pareceram segui-la em sua passagem. Léonie foi parando de tempos em tempos para ler os nomes pintados em preto nas placas de madeira abaixo de cada um: santo Antão, o Eremita egípcio; santa Germana, com o avental cheio de flores silvestres dos Pireneus; o coxo são Roque, com seu bordão. Santos de importância local, presumiu ela.

A última estátua, mais próxima do altar, era de uma mulher magra e miúda, num vestido vermelho que descia até os joelhos e com o cabelo preto e liso caindo sobre os ombros. Com as duas mãos segurava uma espada, não com um ar ameaçador ou como se estivesse sendo ataca-da, mas como se ela própria fosse a protetora.

Abaixo havia um cartão em que se haviam impri-mido as palavras “La Filie d’Épées”.

Léonie franziu a testa. A Moça de Espadas. Será que pretendia ser uma representação de santa Joana d’Arc?

Houve outro ruído. Léonie olhou para as janelas altas. Eram só os galhos das castanheiras, tamborilando feito unhas no vidro. Apenas o som do pio lúgubre dos pássaros.

No fim da nave, ela se deteve, abaixou-se e examinou o piso, buscando provas do quadrado negro que o autor havia descrito e das quatro letras — C, A, D, E —que seu tio teria marcado no chão, no que ela acreditava.

Não conseguiu ver nada, nem mesmo a mais vaga lembrança, mas descobriu uma inscrição arranhada nas pedras:

— *Fujhi, poudes; Escapa, non* — leu. Também copiou isso.

Levantou-se e foi até o altar. Segundo sua lembran-

ça, ele correspondia exatamente à descrição feita em *Les Tarots:* uma mesa nua, sem nenhum dos artefatos religiosos — nada de velas, crucifixo de prata, missal ou antifo-nário. Estava colocada numa abside octogonal cujo teto era de um luminoso azul cerúleo, como o opulento telhado do Palais Garnier. Todos os oito painéis eram revestidos de um papel de parede estampado, decorado com riscas cor-de-rosa horizontais, largas e desbotadas, separadas por um friso de flores brancas e vermelhas de zimbro e um detalhe repetido de discos ou moedas azuis. Na inter-secção de cada painel forrado havia sancas, bordões ou cetros de gesso, pintados de dourado.

Em cada um havia uma única imagem pintada.

Léonie abafou uma exclamação, ao discernir repentinamente o que via. Oito

quadros individuais retirados do tarô, como se cada figura houvesse saído de sua carta e ido para a parede. Abaixo de cada uma aparecia um título gravado: Le Mat; Le Pagad; La Prêtresse; Les Amoureux; La Force; La Justice; Le Diable; La Tour. Tinta negra antiga sobre cartões amarelos.

São as mesmas cartas do livro.

Léonie balançou a cabeça. O que poderia constituir uma prova melhor de que o depoimento de seu tio fora baseado em acontecimentos reais? Chegou mais perto. A pergunta era: por que essas oito, das 78 cartas detalhadas no livro de tio Jules? Com a animação a lhe agitar o peito, começou a copiar os nomes, mas foi ficando sem espaço no pedacinho de papel que havia encontrado no bolso.

Correu os olhos pelo sepulcro, em busca de alguma outra coisa na qual escrever.

Projetando-se de baixo dos pés de pedra do altar, notou o canto de uma folha de papel. Puxou-o. Era uma página de partitura de piano, escrita à mão em pesado papel apergaminhado amarelo. Claves de sol e de fá, compasso quaternário, sem bemóis nem sustenidos. A lembrança do subtítulo na capa do livro do tio voltou-lhe à lembrança, junto com seu depoimento — ele havia anotado a melodia.

Léonie alisou a folha e tentou solfejar à primeira vista os compassos iniciais, mas não conseguiu captar a linha melódica, embora fosse muito simples. Só tinha um número limitado de notas, as quais, num primeiro momento, fizeram-na lembrar muito do tipo de exercícios para quatro dedos com que fora obrigada a batalhar durante suas aulas de piano, na infância.

E então um lento sorriso aflorou em seus lábios.

Léonie percebeu o padrão — C-A-D-E. As mesmas notas, repetindo-se em sequência. Lindas. Como afirmara o livro, música para invocar os espíritos.

Ocorreu-lhe então outra ideia rápida, nos calcanhares da anterior.

Se a música ficou no sepulcro, por que as cartas também não estariam aqui?

Léonie hesitou, depois escreveu o ano e a palavra

“Sepulcro” no alto da página, como prova de onde a havia encontrado, guardou-a no bolso e deu início a uma busca metódica na capela de pedra. Enfiou os

dedos em cantos e frestas empoeirados, à procura de espaços ocultos, mas não encontrou nada. Não havia móveis nem peças decorativas por trás dos quais se pudesse esconder um baralho.

Mas, se não está aqui, onde está?

Deslocou-se para trás do altar. Agora que já havia acostumado os olhos à atmosfera sombria, imaginou que conseguiria discernir o contorno de uma portinha oculta nos oito painéis da abside. Estendeu a mão, em busca de alguma alteração da superfície, e encontrou uma ligeira depressão, talvez a marca de uma antiga abertura que já houvesse tido serventia. Empurrou com força, mas nada aconteceu. Estava fixada com firmeza. Se tinha havido uma porta ali, já não era usada.

Recuou, com as mãos nas cadeiras. Relutava em aceitar que o baralho não estivesse ali, mas havia esgotado todos os esconderijos possíveis. Não conseguiu pensar em mais nada senão retornar ao livro e nele buscar as respostas. Agora que tinha visto o lugar, com certeza saberia ler os significados ocultos do texto.

Se é que existe algum.

Tornou a erguer os olhos para as janelas. A luz já esmaecia. Os fachos filtrados por entre as árvores haviam desaparecido, deixando os vidros escuros.

Nesse momento, tal como antes, sentiu os olhos das estátuas de gesso pousados nela, observando. E, ao se conscientizar da presença deles, o clima no sepulcro pareceu alterar se, mudar.

Houve uma rajada de vento. Léonie discerniu mentalmente uma melodia que vinha de algum lugar dentro dela. Ouvida, mas não ouvida. Depois, uma presença às suas costas, cercando-a, roçando-a sem jamais tocá-la, mas chegando mais perto, num movimento incessante, acompanhado por uma confusão silenciosa de sussurros, suspiros e choro.

Sua pulsação disparou.

E só minha imaginação.

Ouviu um ruído diferente. Tentou descartá-lo, como fizera com todos os outros sons de dentro e de fora.

Mas ele voltou. Um arranhar, um arrastar de pés. Um bater de unhas ou garras nas pedras, vindo de trás do altar.

Nesse momento, Léonie sentiu-se uma invasora.

Havia perturbado o silêncio do sepulcro e dos ouvintes, dos vigias que habitavam seus poeirentos corredores de pedra. Não era bem-vinda. Havia examinado as imagens pintadas nas paredes e encarado os santos de gesso que serviam de sentinelas. Virou-se, aprisionada pelos malévolos olhos azuis de Asmodeu. As descrições dos demônios do livro voltaram-lhe à memória com toda a força. Ela recordou o pavor do tio ao escrever sobre o modo como as asas negras, as presenças, haviam caído sobre ele. Rasgado sua carne.

A s marcas nas palmas de minhas mãos, os estigmas, não desapareceram.

Léonie baixou os olhos e viu ou imaginou ver marcas vermelhas espalhando-se por suas mãos frias, viradas para cima. Cicatrizes na forma de um oito, deitado de lado em sua pele alva.

A coragem finalmente a abandonou.

Arregaçou as saias e disparou para a porta. O olhar maléfico de Asmodeu pareceu zombar dela à sua passagem, acompanhando-a pela curta nave. Apavorada, jogou todo o peso do corpo contra a porta, só conseguindo fechá-la com mais firmeza. Em desvario, lembrou-se de que ela abria para dentro. Agarrou a maçaneta e puxou.

Nesse momento, teve certeza de ouvir passos às suas costas. Garras, unhas deslizando pelas lajes do piso a persegui-la. A caçá-la. Os demônios do lugar tinham sido soltos para proteger o santuário do sepulcro. Um soluço de pavor escapou-lhe da garganta quando ela penetrou aos tropeços na floresta escurecida.

A porta fechou-se pesadamente às suas costas, rangendo nas dobradiças antigas. Léonie já não tinha medo do que pudesse estar à sua espera na penumbra da mata.

Não era nada, comparado aos pavores sobrenaturais do interior da tumba.

Arregaçou as saias e correu, certa de que os olhos do demônio continuavam a vigiá-la. Apercebera-se por um triz de como o antigo olhar dos espíritos e dos

espectros guardava seus domínios contra os intrusos. Mergulhou de novo no ar frio, deixando cair o chapéu, aos tropeços, quase tombando, e refez os passos por toda a trilha, cruzando o riacho seco e atravessando a mata envolta na luz crepuscular, até chegar à segurança dos gramados e dos jardins.

Fujhi, poudes; Escapa, non.

Por um momento fugaz, julgou compreender o significado das palavras.



CAPÍTULO 41

Léonie voltou para casa, onde chegou enregelada até os ossos e encontrou Anatole andando pelo saguão, de um lado para outro. Sua ausência não apenas fora notada, como tinha causado grande consternação. Isolde lançou os braços em volta dela, mas recuou rapidamente, como que constrangida por essa demonstração de afeto. Anatole a abraçou, depois a sacudiu. Ficou dividido entre repreendê-la severamente e sentir alívio por não lhe haver acontecido nenhuma desgraça. Nada se disse sobre a briga anterior, que a fizera sair sozinha pelas terras da herdade, para começo de conversa.

— Onde você esteve? Como pôde ser tão inconsequente? — perguntou ele.

— Fui andar pelos jardins.

— Andar! Já é quase noite!

— Perdi a noção da hora.

Anatole continuou a disparar uma pergunta atrás da outra. Ela havia encontrado alguém? Tinha-se perdido fora dos limites da herdade? Havia notado ou ouvido alguma coisa fora do comum? Sob esse interrogatório verbal continuado, o medo que se apossara dela no sepulcro foi perdendo força. Léonie se recompôs e começou a se defender, e a determinação de Anatole de dar tamanha importância ao incidente a incentivou a fazer o inverso.

— Não sou criança — rebateu, irritadíssima com o tratamento recebido do irmão. — Sou perfeitamente capaz de cuidar de mim.

— Não, não é! — gritou ele. — Você só tem 17

anos! Léonie jogou para trás as madeixas cor de cobre.

— Você fala como se tivesse medo de que eu fosse sequestrada!

— Não seja ridícula — retrucou Anatole, embora ela interceptasse o olhar trocado entre o irmão e Isolde.

Seus olhos se espremeram e ela indagou, devagar:

— O que foi? O que aconteceu para fazê-lo reagir com tamanho exagero? O que é que você não está me contando?

Anatole abriu a boca e tornou a fechá-la, deixando Isolde intervir:

— Lamento se nossa preocupação lhe parece exa-gerada. É claro que você tem toda a liberdade de passear por onde quiser. Só que houve relatos de animais selvagens que desceram para o vale ao anoitecer. Avistaram-se panteras, ou talvez lobos, não muito longe de Rennes-les-Bains.

Léonie estava prestes a questionar essa explicação quando a lembrança do som de garras nas pedras do sepulcro voltou-lhe com nitidez. Não saberia dizer ao certo o que havia transformado sua aventura em algo totalmente diferente, e de forma tão abrupta. Sabia apenas que, no instante em que partira em disparada, havia acreditado estar com a vida em perigo. Por quê, não sabia.

— Está vendo? Você se fez ficar doente! — enfureceu-se Anatole.

— Anatole, já chega — disse Isolde, baixinho, tocando-o de leve no braço.

Para espanto de Léonie, ele se calou. Com uma bu-fadela de contrariedade, virou de costas, com as mãos nas cadeiras.

— Também houve alertas de outros episódios de mau tempo, vindo das montanhas — prosseguiu Isolde.

— Ficamos com medo de que você fosse apanhada numa tempestade.

O comentário dela foi interrompido por um estrondo ominoso de trovões. Os três

olharam para as janelas. Agora se viam nuvens baixas e malévolas correndo pelos cimos das montanhas. Uma névoa branca feito fumaça de fogueira pairava entre os morros ao longe. Outra trovoada, mais próxima, sacudiu os vidros das janelas.

— Venha — disse Isolde, pegando Léonie pelo braço. — Mandarei a criada preparar um banho quente para você, depois jantaremos e acenderemos a lareira da sala. E, quem sabe, um jogo de cartas? *Bésigue*, vinte e um, o que você quiser.

Léonie recordou-se. Olhou para as palmas das mãos, brancas de frio. Não havia nada. Nenhum estigma vermelho marcado na pele. Deixou-se conduzir a seu quarto.

Somente algum tempo depois, ao soar a sineta chamando para a ceia, foi que parou para contemplar seu reflexo no espelho.

Sentou-se na banqueta em frente à penteadeira e olhou destemida para sua imagem especular. Seus olhos, apesar de brilhantes, estavam febris. Ela viu com clareza a lembrança do medo gravada na pele e se perguntou se isso seria evidente para Isolde ou Anatole.

Hesitou, pois não queria agitar os nervos em fran-galhos, mas se levantou e tirou Les *Tarots da c* aixa de costura. Com dedos cautelosos, virou as paginas até chegar à passagem que queria:

Houve uma lufada de ar e tive a sensação de não estar sozinho. N esse momento, tive certeza de que o sepulcro estava repleto de seres. Espíritos. N ão sei dizer se eram humanos. Todas as regras naturais desapareceram. Havia entidades em toda a volta. Eu mesmo e meus outros eus, tanto passados quanto ainda por vir (...).

Pareceu-me que voavam e se deslocavam no ar, de modo que estive sempre cônscio de sua presença fugaz. (...) Especialmente no ar acima de minha cabeça, foi como se houvesse um movimento incessante, acompanhado por uma cacofonia de sussurros, suspiros e choro.

Léonie fechou o livro.

Aquilo se equiparava com exatidão a sua experiência. A pergunta era: será que as palavras se haviam alojado nas profundezas de sua mente inconsciente e

orientado suas emoções e reações, ou teria ela experimentado, independentemente, algo do que fora visto pelo tio? Ocorreu-lhe uma outra ideia:

E será que a Isolde realmente não sabe nada disso?

Que tanto sua mãe quanto Isolde sentiam algo de perturbador no caráter do lugar, disso ela não tinha dúvida. Cada qual a seu modo, ambas haviam aludido a um certo clima, sugerido um sentimento de inquietação, embora coubesse reconhecer que nenhuma das duas fora explícita. Léonie juntou as mãos, formando um cume com os dedos e se concentrando intensamente. Também ela o havia sentido naquela primeira tarde, ao chegar com Anatole à Herdade do Cade.

Ainda remoendo o assunto, devolveu o livro a seu esconderijo, enfiou a partitura embaixo das cobertas e se apressou a descer para se juntar aos outros. Agora que o medo havia cedido, ela estava intrigada e decidida a descobrir mais coisas. Tinha muitas perguntas a fazer a Isolde, inclusive o que ela sabia das atividades do marido an-

tes de os dois se casarem. Talvez até escrevesse à mãe para indagar se houvera em sua infância incidentes específicos que a tivessem assustado. Isso porque, mesmo sem saber do que tinha tanta certeza, Léonie estava certa de que o lugar em si é que mantinha cativos os terrores, a floresta, o lago, as árvores centenárias.

Por outro lado, ao fechar a porta do quarto na saída, percebeu que não poderia mencionar sua expedição, por medo de ser proibida de retornar ao sepulcro. Ao menos por ora, sua aventura teria que permanecer secreta.

* * *

A noite desceu lentamente sobre a Herdade do Cade trazendo consigo uma sensação de pressentimento, de expectativa e vigilância.

O jantar transcorreu de forma agradável, com ribombos ocasionais de trovões desconsolados ao longe. *A* questão da aventura de Léonie pelas terras da propriedade não foi mencionada. Em vez disso, eles conversaram sobre Rennes-les-Bains e as cidades vizinhas, sobre os preparativos para o jantar de sábado e seus convidados, sobre o muito que havia por fazer e sobre o prazer que eles

teriam em se desincumbir dessas tarefas.

Uma conversa agradável, comum e doméstica.

Depois da refeição, retiraram-se para a sala de estar e seu humor se modificou. A escuridão do lado de fora parecia quase viva. Foi um alívio quando enfim chegou a tempestade. O próprio céu começou a rosnar e tremer.

Brilhantes relâmpagos bifurcados cortaram com raios de prata as nuvens negras. As trovoadas estrondearam, rugi-

ram e ricochetearam em rochas e galhos, ecoando por entre os vales.

Depois, o vento, momentaneamente acalmado, como se reunisse forças, atingiu a casa de chofre, com todo o seu impacto, trazendo consigo o começo da chuva que ameaçara cair durante a tarde inteira. Rajadas de granizo açoitaram as janelas, a ponto de parecer aos que se encolhiam dentro da casa que uma avalanche de água cas-cateava pela fachada da construção, como ondas quebrando na praia.

Num ou noutro momento, Léonie pensou ouvir música: as notas gravadas na folha escondida em seu quarto, retomadas e entoadas pelo vento. Exatamente, lembrou-se com um arrepio, como advertira o velho jardineiro.

Na maior parte do tempo, Anatole, Isolde e ela tentaram não dar atenção à tempestade que rugia lá fora. Um bom fogo ardia e estalava na lareira. Todas as lâmpadas estavam acesas e os criados haviam trazido velas adicionais. Eles não poderiam estar mais confortáveis, porém, mesmo assim, Léonie temia que as paredes se vergassem, se deslocassem, cedessem ante a investida furiosa.

No saguão, uma porta foi aberta pelo vento e prontamente fechada de novo. Léonie ouviu os criados movi-mentando-se pela casa, certificando-se de que todas as janelas estavam fechadas. Como havia o risco de que o vidro fino das janelas de batente mais antigas se estilhaças-se, todas as cortinas foram cerradas. Nos corredores dos andares superiores, eles ouviram passos e o tilintar de baldes e bacias posicionados a intervalos para captar a água das goteiras, os vazamentos que, como lhes disse Isolde, deixavam a chuva entrar pelas telhas soltas.

Confinados na sala de estar, os três ficaram sentados, passearam, andaram de um lado para outro e conversaram. Tomaram um pouco de vinho.

Procuraram ocupar-se com atividades noturnas normais. Anatole atiçou o fogo e tornou a encher as taças.

Isolde retorceu no colo os dedos longos e pálidos. Num dado momento, Léonie afastou a cortina e contemplou a escuridão. Pouco pode ver pelas tábuas das venezianas mal encaixadas, exceto as silhuetas das árvores no jardim, momentaneamente iluminadas pelo clarão de um relâmpago, agitadas e inquietas como cavalos indomados presos a uma corda. Para ela, foi como se a própria floresta pedisse socorro, suas venerandas árvores gemendo, estalando, resistindo.

Às dez horas, Léonie sugeriu uma partida de *bésigue.*

Ela e Isolde acomodaram-se à mesa de jogo. Anatole ficou de pé, com o braço apoiado no console da lareira, fumando um cigarro e segurando uma taça de conhaque.

Pouco falaram. Cada um deles, embora se fingisse alheio à tempestade, esperava ouvir as mudanças sutis do vento e da chuva que pudessem indicar que o pior já havia passado. Léonie notou quanto Isolde havia empalidecido, como se houvesse uma outra ameaça, um aviso na tempestade. À medida que o tempo avançou, vagarosamente, ela teve a impressão de que Isolde se esforçava para manter a compostura. Uma de suas mãos deslizava a todo momento para a barriga, como se ela sentisse alguma dor.

Ou então seus dedos remexiam no tecido da saia, nos cantos das cartas do baralho, no feltro verde da mesa.

Um trovão ribombou bem acima da casa. Os olhos cinzentos de Isolde se arregalaram. Num instante, Anatole postou-se a seu lado. Léonie sentiu uma pontada de ciú-

me. Sentiu-se excluída, como se os dois houvessem esquecido que ela estava ali.

— Nós estamos seguros — murmurou ele.

— Segundo monsieur Baillard — interrompeu Léonie —, dizem as lendas locais que as tempestades são enviadas pelo Diabo, quando o mundo funciona mal.

Quando a ordem natural das coisas é perturbada. Foi o que disse o jardineiro hoje de manhã. Ele disse que se ouviu música no lago ontem à noite, o que...

— Léonie, *ça suffit!* — cortou Anatole, ríspido. —

Todas as histórias desse tipo, de demônios e acontecimentos diabólicos, de pragas e maldições, são meras lendas para assustar criancinhas.

Isolde tornou a olhar para a janela:

— Até quando isso pode durar? Acho que não aguento.

Anatole pôs a mão por um instante no ombro dela, depois a retirou, mas não tão depressa que Léonie não observasse o gesto. *Ele quer cuidar dela. Quer protegê-la.* Afastou essa ideia invejosa.

— A tempestade passará logo — repetiu Anatole.

— É só o vento.

— Não é o vento. Eu sinto que alguma coisa... uma coisa terrível vai acontecer — murmurou Isolde. — Tenho a sensação de que ele está vindo. Chegando mais perto de nós.

— Isolde, *chérie* — disse Anatole, abaixando a voz.

Léonie espremeu os olhos:

— Ele? — repetiu. — Ele quem? Quem está chegando? Nenhum dos dois lhe prestou atenção.

Outra rajada de vento chacoalhou as venezianas. O

céu ribombou.

— Tenho certeza de que esta digna e antiga casa já viu coisas muito piores do que isto — disse Anatole, tentando injetar leveza na voz. — Aliás, aposto que ela continuará de pé, muitos anos depois de estarmos todos mortos e enterrados. Não há nada a temer.

Os olhos cinzentos de Isolde faiscaram, febris. Léonie percebeu que as palavras do irmão tinham surtido nela o efeito inverso ao pretendido. Não a haviam acalmado, mas, ao contrário, aumentado a inquietação.

Mortos e enterrados.

Por uma fração de segundo, Léonie julgou ver o rosto contorcido do demônio Asmodeu a fitá-la nas labaredas saltitantes do fogo. Assustou-se.

Estava prestes a confessar a Anatole a verdade de como havia passado a tarde. O que tinha visto e ouvido.

Mas, ao se virar para o irmão, viu que ele fitava Isolde com uma expressão de tamanha ternura, tamanha preocupação, que quase se envergonhou de havê-la testemunhado.

Tornou a fechar a boca e não disse nada.

O vento não se aplacou. E a imaginação irrequieta de Léonie também não lhe deu sossego.



CAPÍTULO 42

Ao acordar na manhã seguinte, Léonie ficou surpresa ao se descobrir na *chaise longue* da sala de estar da Herdade do Cade e não em seu quarto.

Réstias da luz dourada das primeiras horas da manhã infiltravam-se pelas frestas das cortinas. O fogo havia apagado na lareira. As cartas do baralho e as taças vazias continuavam na mesa, abandonadas, onde tinham sido deixadas na noite anterior.

Léonie passou um tempo sentada, escutando o silêncio. Depois de todos os estrondos, do martelar da chuva e do vento, tudo estava calmo. A velha casa já não estalava e gemia. A tempestade seguira adiante.

Ela sorriu. Os pavores da noite anterior — a ideia de fantasmas e demônios — pareceram-lhe totalmente absurdos à benigna luz da manhã. Pé ante pé, ela foi até a porta e saiu para o saguão. Fazia frio e havia um cheiro penetrante de umidade por toda parte, mas o ar tinha um frescor que estivera ausente na véspera. Ela cruzou a porta que separava a frente da casa dos aposentos dos criados, sentindo as lajotas frias sob as solas finas das *savates*, e se descobriu num longo corredor com piso de pedra. No final dele, atrás de uma segunda

porta, ouviu vozes e o retinir de utensílios de cozinha, além de alguém assobiando.

Entrou na cozinha. Era menor do que a havia imaginado: um cômodo quadrado e agradável, com paredes polidas e vigas negras das quais pendia uma multiplicidade de panelas com fundo de cobre e diversos utensílios de cozinha. No tampo enegrecido do fogão, encaixado sob uma chaminé tão larga que poderia acomodar um banco de pedra de cada lado, havia um caldeirão fervendo.

A cozinheira segurava uma colher de pau de cabo comprido ao se virar para a visitante inesperada. Houve um arrastar de pernas de cadeiras nas lajotas, quando os outros criados, que faziam o desjejum na mesa de madeira arranhada no centro da cozinha, puseram-se de pé.

— Por favor, não se levantem — apressou-se a dizer Léonie, desconcertada com sua intromissão. — Eu queria saber se podia arranjar um café. E pão também, talvez.

A cozinheira acenou com a cabeça.

— Vou lhe preparar uma bandeja, *madomaisèla*. Na sala íntima?

— Sim, obrigada. Alguém mais já desceu?

— Não, *madomaisèla* é a primeira.

O tom foi cortês, mas Léonie estava sendo claramente dispensada. Mesmo assim, demorou-se:

— A chuva causou algum estrago?

— Nada que não se possa consertar — respondeu a cozinheira.

— Nenhuma inundação? — insistiu, preocupada com a possibilidade de que o jantar de sábado, embora ainda faltassem alguns dias, tivesse que ser adiado, caso houvessem ocorrido estragos na estrada que vinha do vilarejo.

— Não vieram notícias graves de Rennes-les-Bains.

Uma das meninas ouviu dizer que houve uma avalanche em Alet-les-Bains. A

diligência postal ficou presa em Limoux — disse a cozinheira, enxugando as mãos no aven-

tal. — Agora, se não houver mais nada, *madomaisèla,* queira me dar licença. Há muita coisa a preparar para logo mais.

Léonie não teve alternativa senão retirar-se.

— É claro.

Quando saía da cozinha, o relógio do corredor bateu sete horas. Ela olhou pelas janelas e viu um céu rosado atrás de nuvens brancas. Nos jardins, já começara o trabalho de varrer as folhas e recolher os gravetos e galhos que se haviam desprendido das árvores.

Os dias seguintes transcorreram serenamente.

Léonie ficou livre para circular pela casa e pelo terreno da propriedade. Fazia o desjejum em seus aposentos e tinha liberdade para passar a manhã como bem entendesse. Muitas vezes, só via o irmão e Isolde na hora do almoço. À tarde, ela e a tia caminhavam pelo jardim, quando o clima o permitia, ou exploravam a casa. Isolde era infalivelmente atenciosa e gentil, mas de inteligência aguçada e espirituosa. Elas tocavam duetos de Rubinstein no piano, desajeitadas e com mais prazer do que habilidade, e à noite se distraíam com jogos de salão. Léonie leu e pintou uma paisagem da casa, vista do pequeno promontório acima do lago.

O livro do tio e a partitura que havia retirado do sepulcro ocuparam-lhe constantemente o pensamento, porém a jovem não retornou a eles. E, em suas perambulações pela propriedade, impediu propositadamente os pés de conduzirem-na em direção à trilha coberta de vegeta-

ção que levava pela floresta à deserta capela visigótica.

O sábado, 26 de setembro, dia do jantar, amanhe-ceu luminoso e claro.

Quando Léonie terminou o café da manhã, a primeira carroça de entrega proveniente de Rennes-les-Bains veio chacoalhando pela entrada da Herdade do Cade. O

entregador pulou dela e descarregou dois grandes blocos degelo. Não muito depois, chegou outra carroça com a *viande,* queijos, leite e creme de leite fresco.

Em todos os cômodos da casa, ou assim lhe pareceu, as criadas lustraram, arrumaram, dobraram toalhas de linho e distribuíram cinzeiros ou copos, sob o olhar da velha governanta.

Às nove horas, Isolde saiu do quarto e a levou para os jardins. Munidas de tesouras de podar e com galochas grossas de borracha sobre os sapatos, para se protegerem das trilhas úmidas, elas colheram flores ainda molhadas de orvalho para os arranjos de mesa.

Ao retornarem à casa, às 11 horas, tinham enchido de flores quatro cestas largas e rasas. Encontraram café pelando à espera na sala íntima, onde Anatole, em excelente estado de humor, sorriu-lhe de trás do jornal.

Ao meio-dia, Léonie terminou o último cartão para a disposição dos convivas, com os nomes grafados e decorados segundo as especificações de Isolde. Arrancou da tia a promessa de que, quando a mesa estivesse pronta, ela mesma os distribuiria.

À uma hora, não restava mais nada a fazer. Depois de um almoço leve, Isolde anunciou sua intenção de se recolher a seu quarto para algumas horas de repouso.

Anatole retirou-se para cuidar da correspondência. Léonie não teve alternativa senão fazer o mesmo.

No quarto, deu uma espiada na caixa de costura onde o *Les Tarots* dormia sob retalhos de algodão vermelho e linha azul, mas, apesar de terem passado alguns dias desde sua expedição ao sepulcro, ainda relutou em perturbar sua paz de espírito, deixando-se apanhar novamente nos mistérios do livro. Além disso, tinha plena consciência de que ler não a ocuparia nessa tarde. Sua cabeça estava irrequieta demais, tamanho o seu estado de expectativa.

Seus olhos correram, ao contrário, para o ponto do assoalho em que estavam suas tintas, seus pincéis, o cavalete e o bloco de folhas de cartolina. Léonie se levantou, sentindo uma onda de afeição pela mãe. Essa seria a oportunidade ideal para fazer bom uso do tempo e pintar alguma coisa como lembrança. Um presente para oferecer a Marguerite, quando eles voltassem para a cidade no fim

de outubro.

Para apagar as tristes lembranças infantis que ela guarda da Herdade do Cade?

Léonie tocou campainha para chamar a criada e a instruiu a lhe trazer uma tigela com água, para seus pincéis, e um tecido grosso de algodão para cobrir a mesa.

Depois, pegou a paleta e os tubos de tinta e começou a espremer gotas de carmesim, ocre, azul-turmalina, amarelo e verde-musgo, e mais o preto para os contornos. Do bloco de cartolina, retirou uma única folha pesada, de colora-

ção creme.

Passou algum tempo sentada, esperando que lhe viesse a inspiração. Sem qualquer ideia clara do que pudesse tentar fazer, começou a esboçar o contorno de uma figura com finas pinceladas negras. Enquanto o pincel deslizava sobre a folha, sua mente concentrou-se nos momentos excitantes da noite que viria. O desenho começou a tomar forma sem sua participação. Ela se perguntou o que acha-ria da sociedade de Rennes-les-Bains. Todos os convidados tinham aceitado a hospitalidade de Isolde. Léonie viu-se admirada e elogiada, imaginando-se primeiro com o vestido azul, depois o vermelho, depois o verde, compra-

dos na La Samaritaine. Imaginou seus braços esguios com vários tipos de luvas para a noite, ora preferindo o debrum de um par, ora o comprimento de outro. Imaginou o cabelo cor de cobre preso com travessas de madrepérola ou prendedores de prata, o que mais ressaltasse a colora-

ção de sua tez. E pensou numa multiplicidade de colares, brincos e pulseiras para completar a aparência.

Enquanto as sombras se alongavam nos canteiros lá embaixo, enquanto Léonie passava o tempo absorta em pensamentos agradáveis, as cores se adensaram na folha de cartolina, pincelada a pincelada, e a imagem ganhou vida.

Só depois de Marieta voltar para arrumar as coisas e se retirar do quarto foi que Léonie parou para avaliar o que havia pintado. E o que viu a assombrou. Sem a menor intenção, ela pintara a imagem de um dos quadros do tarô na parede do sepulcro: La Force. A única diferença é que dera à jovem uma longa cabeleira cor de cobre e um vestido muito semelhante a um outro que ficara pendurado em

seu armário na rue de Berlin.

Havia pintado a si mesma no quadro.

Dividida entre o orgulho pela qualidade de sua obra e a intrigante escolha de tema que fizera, Léonie ergueu o autorretrato para examiná-lo sob a luz. Em geral, todos os seus personagens afiguravam-se muito parecidos e tinham pouca relação com o tema que ela tentava retratar. Nessa ocasião, porém, havia mais do que uma semelhança passageira.

Força?

Era assim que via a si mesma? Não diria isso. Examinou o desenho por mais um momento, porém, ciente de que a tarde ia chegando ao fim, foi obrigada a equili-

brar o retrato atrás do relógio no console da lareira e a tirá-lo do pensamento.

* * *

Marieta bateu na porta às sete horas.

— Madomaisèla? — chamou, enfiando a cabeça pela porta entreaberta.— *Madama* Isolde me mandou ajudá-la a se vestir. Já decidiu o que quer usar? Léonie fez que sim, visto que isso nunca estivera em dúvida.

— O vestido verde de decote quadrado. E a anágua com o debrum de bordado inglês.

— Muito bem, *madomaisèla.*

Marieta buscou a roupa, carregando-a nos braços esticados, e a estendeu com cuidado na cama. Depois, com dedos ágeis, ajudou Léonie a por o espartilho sobre a camisa e a roupa de baixo, apertando os laços nas costas e prendendo os colchetes na frente. Léonie virou-se para a esquerda, depois para a direita, contemplando seu reflexo no espelho, e sorriu.

A criada trepou na cadeira e lhe vestiu pela cabeça primeiro a anágua, depois o vestido. A seda verde trouxe uma sensação fria na pele, ao descer em dobras tremeluzentes, como água tocada pela luz solar.

Marieta pulou da cadeira e cuidou das presilhas, depois se agachou para ajeitar a bainha, enquanto Léonie arrumava as mangas.

— Como quer que eu a penteie, *madomaisèla?*

Léonie virou-se para a penteadeira. Inclinando a cabeça de lado, enrolou na mão uma mecha grossa de sua cascata de cachos e a torceu para cima, até o alto da cabe-

ça.

— Assim.

Soltou o cabelo, depois puxou uma caixinha de joias de couro marrom.

— Na caixa de joias tenho travessas de casco de tartaruga com incrustações de madrepérola, que combi-nam com os brincos e o pingente que pretendo usar.

Marieta trabalhou depressa, mas com cuidado.

Prendeu o fecho do colar de pérolas e folhas de platina no pescoço de Léonie, depois recuou para admirar seu trabalho.

A jovem contemplou-se demoradamente no espelho de báscula, inclinando-o para obter uma visão completa. Deu um sorriso, satisfeita com o que viu. O vestido lhe caía bem, nem muito simples nem extravagante demais para um jantar particular. Favorecia-lhe as cores e o corpo.

Seus olhos estavam límpidos e luminosos e a pele tinha um aspecto excelente, nem pálida nem carregada demais no ruge.

Do térreo veio o clamor espalhafatoso da sineta.

Em seguida, o som da porta da frente se abrindo, à chegada dos primeiros convidados.

As duas moças se entreolharam.

— Que luvas quer, as verdes ou as brancas?

— As verdes com o bordado de contas no punho.

Há um leque exatamente da mesma cor numa daquelas caixas de chapéu em cima do armário.

Uma vez pronta, Léonie pegou sua bolsinha *châte-laine* em cima da cômoda e enfiou os pés, já calçados nas meias, em sapatilhas de seda verde.

— *Madomaisèla* está uma pintura — suspirou Marieta. — Linda.

Uma saraivada de sons atingiu-a no instante em que emergiu do quarto, e a fez estancar. Ela espiou por cima da sacada o salão lá embaixo. Os criados usavam librés alugadas para a ocasião e estavam muito elegantes, o que contribuía para a sensação de um grande evento social.

Ela estampou no rosto um sorriso deslumbrante, certifi-cou-se de que o vestido estava perfeito e, com um frio na boca do estômago, desceu para se juntar ao grupo.

Na entrada da sala de visitas, Pascal a anunciou em voz alta e clara, mas depois estragou o efeito, ao lhe dar uma piscadela de incentivo quando ela passou.

Isolde estava parada junto à lareira, conversando com uma moça de aspecto doentio. Fez sinal com os olhos para que Léonie se aproximasse.

— *Mademoiselle* Denarnaud, permita que eu lhe a-presente minha sobrinha, Léonie Vernier, filha da irmã de meu falecido marido.

— *Enchantée, mademoiselle* — disse Léonie, com ar gracioso.

No decorrer do breve diálogo, transpirou que mademoiselle Denarnaud era uma irmã solteira do cavalheiro que os havia ajudado com a bagagem em Couiza, no dia da chegada. O próprio Denarnaud ergueu a mão e acenou, ao ver Léonie olhá-lo do outro lado do salão. Uma prima bem mais distante, ela soube, trabalhava como governanta do cura de Rennes-le-Château. Mais uma família numerosa, pensou Léonie, lembrando-se de Isolde haver mencionado durante a ceia, duas noites antes, que o abade Saunière era um de 11 irmãos.

Suas tentativas de conversa foram recebidas com um olhar frio. Embora talvez não fosse mais velha do que Isolde, a Srta. Denarnaud usava um vestido de brocado, pesado e matronal, que mais se adequaria a uma mulher com o dobro de sua idade, e uma anquinha medonhamen-te antiquada, do tipo que já não se

via em Paris fazia alguns anos. O contraste entre ela e sua anfitriã não poderia ser maior. Isolde havia penteado o cabelo em anéis de cachos louros, presos no alto da cabeça por travessas incrus-tadas de pérolas. Seu vestido de tafetá dourado e seda marfim, suficientemente refinado, aos olhos de Léonie, para ter vindo da última coleção de Charles Worth, era entremeado de fios metálicos e de cristal. No pescoço ela exibia uma gargantilha alta do mesmo tecido, com um broche de pérola preso no centro. À medida que Isolde falava e se movia, o vestido captava a luz e cintilava.

Com alívio, Léonie avistou Anatole parado junto às janelas, fumando e conversando com o Dr. Gabignaud.

Pediu licença e cruzou rapidamente o salão para ir ao encontro dos cavalheiros. O aroma de sabonete de sândalo e óleo para o cabelo, bem como um smoking preto recém-passado, deram-lhe as boas vindas quando ela se aproximou. O rosto de Anatole iluminou se ao vê-la:

— Léonie!

Abraçou-a pela cintura e a apertou com força.

— Deixe-me dizer que você está encantadora — e deu um passo atrás, para introduzir o médico na conversa.

— Gabignaud, está lembrado de minha irmã?

— Decerto que sim — disse o médico, com uma mesura animada. — mademoiselle Vernier. Permita-me acrescentar meus elogios aos de seu irmão.

Ela enrubesceu graciosamente e comentou:

— É um belo grupo.

Anatole identificou os outros convidados para a irmã:

— Lembra-se de *maître* Fromilhague? E ali estão Denarnaud e a irmã, que cuida da casa para ele.

Léonie balançou a cabeça:

— *Tante* Isolde nos apresentou.

— E aquele é Bérenger Saunière, o pároco de Rennes-le-Château e amigo de nosso falecido tio.

Apontou para um homem alto e musculoso, de testa larga e feições vigorosas, tudo muito destoante de seu longo hábito negro.

— Parece ser um sujeito simpático, embora pouco dado a trivialidades — continuou Anatole, e acenou com a cabeça para o médico. — Mostrou-se bem mais interessado nas investigações médicas do Gabignaud do que nas cortesias mundanas que eu tinha a oferecer.

Gabignaud sorriu, reconhecendo que era verdade:

— O Saunière é um homem extremamente bem-informado em toda sorte de coisas. Tem sede de saber.

Vive fazendo perguntas.

Léonie fitou o padre por mais um momento, depois seu olhar seguiu adiante:

— E a senhora que está com ele?

— É madame Bousquet, uma parenta distante do nosso falecido tio — respondeu Anatole, abaixando a voz.

— Se o Lascombe não tivesse assumido a responsabilidade de se casar, teria sido ela a herdeira da Herdade do Cade.

— E, mesmo assim, ela aceitou o convite para o jantar? Anatole balançou a cabeça:

— O laço entre madame Bousquet e Isolde não é propriamente o que prevalece entre irmãs, mas é civiliza-do. Elas visitam uma à outra. Na verdade, a Isolde a admira.

Só então Léonie notou um homem alto e muito mamo, parado um pouco atrás de seu grupinho. Virou-se um pouco para observá-lo. O homem vestia-se de um modo muito inusitado, de terno branco, em vez do habitual traje preto para a

noite, e exibia um lenço amarelo no bolso frontal do paletó. O colete também era amarelo.

Ele tinha o rosto vincado e a pele quase transparente, de tão antiga, mas não pareceu a Léonie que transmitis-se uma grande ideia de velhice. No entanto, a seu ver, havia uma tristeza subjacente. Como se ele fosse alguém que já havia sofrido e visto muitas coisas.

Anatole virou-se para ver quem ou o que tanto havia prendido a atenção da irmã. Chegou mais perto e sussurrou em seu ouvido:

— Ah, aquele é o visitante mais celebrado de Rennes-les-Bains, Audric Baillard, autor daquele livrinho estranho que tanto lhe despertou o interesse — e sorriu. —

Bastante excêntrico, ao que parece. O Gabignaud esteve me dizendo que ele sempre se veste daquele modo singular, seja qual for a ocasião. Sempre de terno claro, sempre de gravata amarela.

Léonie virou-se para o médico e perguntou, *sotto vo-ce:*

— Por quê?

Gabignaud sorriu e deu de ombros:

— Creio que é em memória de amigos já perdidos, mademoiselle Vernier. Companheiros que sucumbiram em combate, não tenho muita certeza.

— Você mesma pode lhe perguntar no jantar, *petite*

— disse Anatole.

A conversa prosperou, até que o bater do gongo chamou os convidados para o jantar.

Escoltada por *maître* Fromilhague, Isolde conduziu as visitas para fora da sala e pelo saguão. Anatole acompanhou madame Bousquet. Léonie, de braço dado com monsieur Denarnaud, não perdeu monsieur Baillard de vista. O abade Saunière e o Dr. Gabignaud fecharam a retaguarda do cortejo, com mademoiselle Denarnaud entre os dois.

Pascal, esplêndido de libré vermelho e ouro alugada, abriu as portas quando o grupo se aproximou. Houve um murmúrio imediato de apreciação. Até Léonie, que vira a sala de jantar em vários estágios de preparação ao longo da manhã, deslumbrou-se com a transformação. O

magnífico lustre de cristal ganhara vida, com três fileiras de velas brancas de cera. A mesa oval e comprida estava enfeitada com braçadas de lírios frescos, iluminados por três candelabros de prata. No aparador havia terrinas com tampas em forma de cúpula, reluzentes como armaduras.

A luz das velas fazia as sombras dançarem pelas paredes, correndo sobre as pinturas dos rostos de gerações passadas da família Lascombe ali penduradas.

A proporção de quatro damas para seis cavalheiros deixou a mesa um tanto desigual. Isolde sentou-se à cabeceira, com monsieur Baillard na outra ponta. Anatole ficou à esquerda da anfitriã e *maître* Fromilhague à direita.

Ao lado de Fromilhague ficou mademoiselle Denarnaud e, junto dela, o Dr. Gabignaud. Em seguida vinha Léonie, com Audric Baillard à sua direita. Ida deu um sorriso tímido quando o criado puxou sua cadeira, e sentou-se.

Do outro lado da mesa, Anatole teve o prazer da companhia de madame Bousquet, seguida por Charles Denarnaud e, mais adiante, pelo abade Saunière.

Os criados serviram porções generosas de *blanquette de Limoux* em taças rasas feito bacias e largas como xícaras de café. Fromilhague concentrou suas atenções na anfitriã, praticamente ignorando a irmã de Denarnaud, o que Léonie julgou uma descortesia, embora não pudesse censurá-lo inteiramente por isso. Na breve conversa que as duas haviam mantido, a mulher lhe parecera sumamente entediante.

Depois de trocar algumas frases formais com madame Bousquet, Léonie percebeu que Anatole já se lançara numa conversa animada sobre literatura com *maître* Fromilhague. Este era um homem de opiniões firmes, que descartou como monótono e imoral o último romance de monsieur Zola, *O Dinheiro.* Condenou outros habitués da antiga confraria de escritores de Zola, como Guy de Maupassant — que, havendo atentado contra a própria vida, segundo diziam os boatos, estava agora confinado no ma-nicômio do Dr. Blanche, em Paris. Em vão Anatole tentou sugerir que a vida de um homem e seu trabalho talvez devessem ser tratados separadamente.

— A imoralidade na vida degrada a arte — foi a resposta obstinada de Fromilhague.

Em pouco tempo, a maior parte da mesa engajouse no debate.

— Está muito calada, *madomaisèla* Léonie — disse uma voz em seu ouvido. — A literatura não lhe interessa?

Ela se virou com alívio para Audric Baillard.

— Adoro ler. Mas, num grupo como este, é difícil fazer ouvir as próprias opiniões.

— Ah, sim — sorriu ele.

— E confesso — prosseguiu Léonie, enrubescendo um pouco — que julgo sumamente cansativa uma grande parte da literatura contemporânea. Páginas e mais páginas de ideias, fraseados requintados e reflexões inteligentes, porém nunca acontece nada!

Um sorriso brilhou nos olhos de Baillard.

— São as histórias que captam a sua imaginação?

Léonie sorriu.

— Meu irmão, Anatole, sempre me diz que tenho preferências muito vulgares, e suponho que esteja com a razão. O romance mais empolgante que li foi o C *astelo de Otranto*, mas também sou fã das histórias de fantasmas de Amélia B. Edwards e de tudo o que monsieur Poe escreve. Baillard assentiu com a cabeça.

— Ele era talentoso. Um homem angustiado, mas muito hábil em captar o lado obscuro de nossa natureza humana, não acha?

Léonie sentiu uma pontada de prazer. Havia suportado um excesso de *soirées* entediantes em Paris, nas quais fora praticamente ignorada pela maioria dos convidados, que pareciam crer que ela não teria nenhuma opinião digna de ser ouvida. Monsieur Baillard dava a impressão de ser diferente.

— Acho. Meu conto favorito entre os de monsieur Poe, embora eu confesse que

me dá pesadelos toda vez que o leio, é *O Coração Delator.* Um assassino enlouquecido pelo som do bater do coração do homem que assassinou e escondeu sob as tábuas do assoalho. Realmente brilhante!

— A culpa é uma emoção poderosa — disse Baillard em voz baixa. Léonie fitou-o com atenção por um momento, à espera de que se estendesse, porém ele não disse mais nada.

— Posso cometer a impertinência de lhe fazer uma pergunta, monsieur Baillard?

— É claro.

— O senhor está vestido, bem... Interrompeu-se, não querendo ofendê-lo. Baillard sorriu:

— De maneira pouco convencional? Sem o uniforme de praxe?

— Uniforme?

— Dos cavalheiros nos jantares, hoje em dia —respondeu ele, com os olhos brilhantes.

Léonie suspirou.

— Bem, sim. Mas não foi propriamente isso, e sim o fato de meu irmão ter dito que o senhor era conhecido por sempre se vestir de amarelo. Em memória de companheiros falecidos, disse ele.

O rosto de Audric Baillard pareceu ensombrecer-se.

— É isso mesmo — disse, baixinho.

— O senhor combateu em Sedan? — perguntou ela, depois hesitou. — Ou então... meu pai lutou pela Comuna. Nunca o conheci. Ele foi deportado e...

Por um instante, a mão de Audric Baillard cobriu a dela. Léonie sentiu a pele do homem, fina como papel, através do tecido da luva, assim como a leveza de seu toque. Não saberia dizer o que se apossou dela nesse momento, mas apenas que, de repente, enunciou-se em palavras uma angústia que ela nunca se apercebera de sentir:

— É sempre certo lutarmos por aquilo em que a-creditamos, monsieur Baillard? — indagou cm voz baixa.

— Muitas vezes eu me pergunto. Mesmo que o custo seja enorme para aqueles que nos cercam? Ele apertou sua mão e respondeu num murmúrio:

— Sempre. E recordar os que caíram.

Por um instante, o barulho da sala recuou para segundo plano. Todas as vozes, o riso, o tilintar das taças e dos talheres de prata. Léonie o fitou diretamente e sentiu que seu olhar e seus pensamentos eram absorvidos pela sabedoria e experiência que cintilavam naqueles olhos claros e dignos.

E então ele sorriu. Os olhos se franziram e a intimidade rompeu-se.

— Os bons cristãos, os fiéis cátaros, eram obrigados a usar uma cruz amarela presa na roupa, para distingui-los — disse e bateu no lenço amarelo — girassol que levava no bolso. — Uso isto para lembrá-los.

Léonie inclinou a cabeça e comentou, risonha:

— O senhor sente uma profunda saudade deles, monsieur Baillard.

— Os que se foram antes de nós não necessariamente partiram, *madomaisèla* Vernier — e bateu no peito.

— Vivem aqui — sorriu. — A senhorita não conheceu seu pai, segundo disse, mas ele vive em seu peito, não é?

Para seu assombro, Léonie sentiu os olhos se en-cherem de lagrimas. Assentiu com a cabeça, sem confian-

ça na própria capacidade de falar. De certo modo, foi um alívio quando o Dr. Gabignaud lhe fez uma pergunta e ela foi obrigada a responder.

CAPÍTULO 43

Um prato após outro foi trazido à mesa. Trutas frescas e rosadas, desmanchando-se na espinha feito manteiga, seguidas por requintadas costeletas de carneiro, servidas sobre um leito de aspargos. Aos homens foi servido um Corbières forte,

um tinto local encorpado da excelente adega de Jules Lascombe. Para as damas, um branco meio doce de Tarascona, generoso e escuro, cor de casca de cebola chamuscada.

O ar aqueceu-se com a conversa e a troca de ideias, discussões sobre religião e política, o Norte e o Sul, a vida no campo em cotejo com a vida na cidade. Léonie deu uma olhadela no irmão. Anatole estava em seu elemento.

Com os olhos castanhos cintilantes e o cabelo negro brilhoso, ela percebeu o quanto estava encantando madame Bousquet e a própria Isolde. Ao mesmo tempo, não pôde deixar de notar que havia sombras no fundo de seus olhos. E que, à luz dançante das velas, a cicatriz em sua sobrancelha parecia particularmente vivida.

Léonie levou algum tempo para se recuperar das emoções intensas que lhe despertara a conversa com Audric Baillard. Aos poucos, a timidez e o constrangimento por ter-se revelado tão abertamente — e de forma tão inesperada — começaram a dar lugar à curiosidade sobre por que o teria feito. Recuperada a compostura, ela ficou impaciente por uma oportunidade de reatar a conversa.

Mas monsieur Baillard estava totalmente absorto no debate com o cura, Bérenger Saunière. À esquerda dela, o Dr.

Gabignaud parecia decidido a preencher todos os segundos com a fala. Somente ao chegar a sobremesa a oportunidade se apresentou.

— *Tante* Isolde me disse que o senhor é especialista em muitos assuntos, monsieur Baillard. Não só nos albigenses, mas na história dos visigodos e também em hieró-glifos egípcios. Na minha primeira noite aqui, li sua monografia sobre *Diabos e Espíritos Maléficos e Fantasmas da Montanha. Há* um exemplar aqui na biblioteca.

Ele sorriu e Léonie leve a impressão de que também estava satisfeito por retomar a conversa.

— Eu mesmo o dei de presente a Jules Lascombe.

— Recolher tantas histórias num único volume deve ter consumido muito tempo.

— Nem tanto — disse ele, em tom leve. — É apenas uma questão de ouvir a paisagem, as pessoas que habi-tam estas terras. As histórias comumente tidas como mitos ou lendas, espíritos, demônios e outras criaturas, acham se tão entremeadas no caráter da região quanto as pedras, as montanhas e os lagos.

— É claro — concordou Léonie. — Mas também

não lhe parece que existem mistérios inexplicáveis?

— *Oc, madomaisèla, ieu tanben.* Também acredito nisso. Os olhos de Léonie se arregalaram:

— O senhor fala occitano?

— É minha língua materna.

— O senhor não é francês? Ele deu um sorriso sa-gaz.

— Não, não mesmo.

— *Tante* Isolde gosta que os criados falem francês em casa, mas eles recaem com tanta frequência no occitano, que ela desistiu de repreendê-los.

— O occitano é a língua destas terras. Aude, Ariège, Corbières, Razès e, mais adiante, entrando pela Espanha e pelo Piemonte. É a língua da poesia, das histórias e do folclore.

— Então o senhor é desta região, monsieur Baillard?

— *Pas luènh* — respondeu ele, descartando com desenvoltura a indagação. A percepção de que ele poderia traduzir-lhe as palavras que ela vira gravadas acima da porta do sepulcro foi prontamente seguida pela lembrança das garras raspando as pedras do piso, como o arranhar de um animal aprisionado.

Léonie estremeceu.

— Mas essas histórias são verdadeiras, monsieur Baillard? As histórias de espíritos maléficos, fantasmas e demônios. Isso é verdade?

— *Vertat?* — repetiu ele, sustentando o olhar de Léonie por um momento a mais

com seus olhos claros. —

Verdade? Quem sabe dizer, *madomaisèla?*. Há quem acredite que o véu que separa uma dimensão da outra é tão transparente, tão translúcido, que chega a ser quase invisível. Outros diriam que somente as leis da ciência ditam aquilo em que podemos e não podemos acreditar — e fez uma pausa. — Por mim, só posso lhe dizer que as atitudes se modificam com o tempo. O que um século sustenta como realidade, outro vê como heresia.

— Monsieur Baillard — apressou-se a continuar Léonie —, quando eu estava lendo o seu livro, apanhei-me pensando se as lendas seguiriam a paisagem natural.

Será que a Poltrona do Diabo ou o lago do Diabo receberam esses nomes por causa das histórias que eram conta-

das por aqui, ou será que as histórias cresceram como um modo de dar personalidade ao lugar?

Ele balançou a cabeça e sorriu:

— É uma pergunta perspicaz, *madomaisèla*.

Baillard falava baixo, mas Léonie tinha a sensação de que todos os outros sons recuavam ante sua voz límpi-da, atemporal.

— O que chamamos de civilização é apenas a maneira de o homem tentar impor seus valores ao mundo natural. Os livros, a música, a pintura, todas essas coisas construídas que tanto têm ocupado nossos colegas convivas esta noite, não passam de maneiras de captar a alma daquilo que vemos à nossa volta. Um modo de compreender, de ordenar nossas experiências humanas em algo com que seja possível lidar, algo que se possa conter.

Léonie o fitou por um momento e perguntou, devagar:

— Mas os fantasmas, monsieur Baillard, e os demônios. O senhor acredita em fantasmas?

— *Benleu* — respondeu ele, com sua voz suave e serena. — Talvez. Virou a cabeça para as janelas, como se procurasse alguém lá fora, e tornou a se voltar

para Léonie.

— Uma coisa eu lhe digo. Em duas ocasiões, o demônio que assombra este lugar foi invocado. Em duas ocasiões foi derrotado — e deu uma olhadela para a direita. — Mais recentemente, com a ajuda do nosso amigo aqui. — Fez uma pausa. — Eu não gostaria de reviver ocasiões como essas, a menos que não haja alternativa.

Léonie acompanhou-lhe o olhar.

— O abade Saunière?

Baillard não deu sinal de tê-la ouvido:

— Estas montanhas, estes vales, estas pedras, assim como o espírito que lhes deu vida, existiam muito antes de as pessoas chegarem e tentarem captar a essência das coisas antigas através da linguagem. São os nossos temores que se refletem nos nomes a que a senhorita se referiu.

Léonie considerou o que ele tinha dito.

— Mas não sei ao certo se o senhor respondeu a minha pergunta, monsieur Baillard.

Ele pôs as mãos na mesa. Léonie viu as veias azuladas e as manchas marrons da idade gravadas em sua pele alva.

— Há um espírito que vive em todas as coisas. Aqui estamos nós, sentados numa casa de centenas de anos.

Ela está estabelecida, poderíamos dizer, é antiga, pelos padrões humanos modernos. Mas ergue-se num lugar que tem milhares e milhares de anos. Nossa influência no universo não passa de um sussurro. Seu caráter essencial, suas qualidades de luz e escuridão, foram estabelecidos milênios antes de o homem tentar deixar sua marca na paisagem. Os fantasmas dos que se foram antes estão todos à nossa volta, absortos no padrão, na música do mundo, se assim lhe aprouver.

Léonie sentiu-se subitamente febril. Levou a mão à testa. Para sua surpresa, estava úmida, fria. A sala girava, oscilava, movia-se. As velas, as vozes, o borrão

dos criados que se deslocavam para lá e para cá, tudo tinha as bordas esgarçadas.

Ela tentou trazer o pensamento de volta para o assunto em discussão, bebendo outro gole de vinho para acalmar os nervos.

— A música — disse, embora sua voz parecesse vir de uma longa distância. — Pode me falar da música, monsieur Baillard?

Viu a expressão no rosto dele e, por um instante, achou que, de algum modo, o homem havia compreendido a pergunta não formulada por trás de suas palavras.

Por que é que, quando durmo, quando entro na floresta, ou-

ço música no vento?

— A música é uma forma de arte que envolve sons organizados e silêncio, *madomaisèla* Léonie. Hoje a consideramos um entretenimento, uma diversão, porém ela é muito mais que isso. Pense no saber que se expressa em termos de tom, isto é, da melodia e da harmonia; em termos de ritmo, ou seja, do andamento e da métrica; e em termos da qualidade do som, do timbre, dinâmica e textura. Dito em linguagem simples, a música é uma resposta pessoal à vibração.

Léonie balançou a cabeça.

— Li que, em algumas situações, ela pode propor-cionar um elo entre este mundo e o outro. Que uma pessoa pode passar de uma dimensão para a outra. O senhor acha que haveria alguma veracidade nessas afirmações, monsieur Baillard?

O homem a encarou.

— Não há padrão concebível pela mente humana que já não exista dentro dos limites da natureza. Tudo o que fazemos, vemos, escrevemos, anotamos, tudo isso são ecos das costuras profundas do universo. A música é o mundo invisível, tornado visível através do som.

Léonie sentiu um aperto no coração. Agora eles se aproximavam do cerne de tudo. Durante todo o tempo, sabia agora, ela estivera caminhando para esse momento singular em que falaria de como havia encontrado o sepulcro

escondido na floresta, conduzida até lá pela promessa dos segredos enigmáticos enunciados no livro. Um homem como Audric Baillard compreenderia. Diria o que ela desejava saber. Respirou fundo.

— O senhor está familiarizado com o jogo de tarô, monsieur Baillard? A expressão do rosto dele não se alte-rou, mas os olhos se aguçaram. *N a verdade, é quase como se ele estivesse esperando esta pergunta.*

— Diga-me, *madomaisèla* — falou Baillard, por fim

—, essa sua indagação está relacionada com os assuntos que vínhamos discutindo antes ou é separada deles?

— As duas coisas — respondeu ela, sentindo as bochechas arderem.

— Mas estou perguntando porque... porque depa-rei com um livro na biblioteca. Foi escrito de um modo extremamente antiquado, as próprias palavras são obscuras, mas, ainda assim, havia algo... — Fez uma pausa. —

Não tenho certeza de haver descoberto o verdadeiro sentido.

— Continue.

— Esse texto, que tem a pretensão de ser um depoimento verdadeiro, e que foi... — Tropeçou, sem saber ao certo se deveria revelar a autoria do texto. Baillard completou sua frase:

— Escrito por seu falecido tio — e sorriu ante o ar de surpresa que Léonie não conseguiu esconder. — Estou a par do livro.

— O senhor o leu? Ele fez que sim.

Léonie deu um suspiro de alívio.

— O autor, quer dizer, meu tio, falou de música entremeada na trama do mundo corpóreo. Em certas no-

tas que poderiam invocar os espíritos, ou assim ele disse.

E as cartas do tarô também foram associadas à música e ao próprio lugar,

imagens que só ganharam vida no decorrer dessa comunicação entre os mundos — e fez uma pausa. — Foi mencionado um túmulo no terreno desta propriedade, descrevendo-se um evento teria ocorrido lá, certa vez. O senhor ouviu histórias sobre ocorrências como essa, monsieur Baillard? — completou Léonie, levantando a cabeça.

Ele enfrentou seus olhos verdes com expressão firme.

— Ouvi.

Antes de enveredar por essa conversa, talvez Léonie ainda tencionasse esconder do interlocutor o relato de sua expedição, mas, diante de seu olhar sábio e perscruta-dor, descobriu que não tinha como disfarçar.

— Eu... eu o encontrei. Fica mais acima, nas florestas, do lado leste.

Virou o rosto enrubescido para as janelas abertas.

Súbito, teve vontade de estar lá fora, longe das velas, da conversa, do ar abafado na sala superaquecida. Depois, estremeceu, como se uma sombra houvesse passado às suas costas.

— Também o conheço — disse Baillard. Parou, aguardou e prosseguiu: — E creio que há uma pergunta que a senhorita gostaria de me fazer, não é?

Léonie desvirou o rosto e o fitou.

— Havia uma inscrição gravada no arco acima da porta do sepulcro. Recitou-a da melhor maneira que pôde, atrapalhando-se com as palavras pouco familiares.

— *Aïci lo tems s’en va res l’Eternitat.* Baillard sorriu.

— Sua memória é boa, *madomaisèla.*

— O que isso quer dizer?

— É uma espécie de corruptela, mas, em síntese, significa “Aqui, o tempo se vai rumo à eternidade”.

Por um momento seus olhares se encontraram. O

dela, vidrado e cintilando por causa do *blanquette,* o dele, firme, sereno e sábio. E então Baillard sorriu:

— *Madomaisèla* Léonie me lembra muito uma jovem que conheci certa vez.

— Que aconteceu com ela? — perguntou a moça,

momentaneamente distraída.

Baillard não disse nada, mas Léonie percebeu que estava rememorando.

— Ah, essa é uma outra história — respondeu, baixinho. — Uma história que ainda não está pronta para ser contada.

Ela o viu retrair-se, embrulhando-se em suas lembranças. Súbito, sua pele pareceu transparente, as rugas do rosto, mais fundas, como que entalhadas em pedra.

— A senhorita estava me contando que encontrou o sepulcro. Chegou a entrar?

Léonie reconduziu a mente àquela tarde.

— Sim.

— Então leu a inscrição no piso: *"Fujhi, poudes; Escapa, non."* E agora constata que essas palavras a perse-guem.

Os olhos de Léonie se arregalaram:

— Sim, mas como é que o senhor pode saber?

Nem sei o que significam, apenas que se repetem na minha cabeça sem parar.

Baillard fez outra pausa e indagou:

— Diga me, *madomaisèla,* o que pensa ter encontrado lá, dentro do sepulcro?

— O lugar onde andam os espíritos — ela se ouviu responder e soube que era verdade.

Baillard calou-se pelo que pareceu ser uma eternidade e finalmente falou:

— A senhorita me perguntou se eu acreditava em fantasmas, *madomaisèla*. Há muitos tipos de fantasmas. Há os que não podem descansar, porque agiram mal e têm que buscar o esquecimento ou o perdão. Há também aqueles contra quem se cometeram injustiças, e que são condenados a perambular até encontrarem um agente da justiça que defenda sua causa.

Encarou-a:

— Procurou as cartas, *madomaisèla* Léonie?

Ela balançou a cabeça, depois se arrependeu, porque o gesto fez a sala rodar.

— Mas não as encontrei.

Parou, sentindo-se repentinamente nauseada. Seu estômago dava voltas, balançava, como se ela estivesse a bordo de um navio num mar tempestuoso.

— Só encontrei uma folha de partitura de piano.

Sua voz pareceu abafada, lanosa, como se viesse de baixo d'água.

— Tirou-a do sepulcro?

Léonie visualizou-se guardando a partitura e as palavras nela escritas no fundo do bolso da jaqueta de estambre, ao correr pela nave do sepulcro em direção ao lusco-fusco da floresta. E depois, mais tarde, enfiando-a entre as páginas de *Les Tarots.*

— Sim — respondeu, quase tropeçando na palavra.

— Tirei.

— Ouça-me, Léonie. Você é firme e corajosa. *Forca e vertu,* ambas são boas qualidades, quando usadas com sensatez. Você sabe amar, e sabe fazê-lo bem — acrescentou. Relanceou os olhos pela mesa até onde estava Anatole, depois os deteve por um instante em Isolde, antes de voltá-los novamente para sua interlocutora. — Receio que o futuro lhe reserve grandes provações. Seu amor será posto à prova. Você será convocada a agir. Os vivos precisarão dós seus serviços, não os mortos. Não volte ao sepulcro, até que isso... ou melhor, apenas *se* isso se tornar absolutamente necessário para você.

— Mas eu...

— Meu conselho, *madomaisèla, é* que você devolva *Les Tarots* à biblioteca. Esqueça tudo o que leu no livro.

Sob muitos aspectos, é um livro encantador, sedutor, mas, por ora, você deve tirar todo esse assunto da cabeça.

— Monsieur Baillard, eu...

— Você disse temer que talvez houvesse entendido mal as palavras do livro. — Fez uma pausa. — Não foi o que aconteceu, Léonie. Você as entendeu muito bem.

Ela teve um sobressalto ante o uso não adornado de seu nome, só então percebido.

— Então é verdade? É verdade que as cartas podem invocar os espíritos dos mortos?

Baillard não deu uma resposta direta.

— Com a combinação certa de sons, imagens e lugar, essas coisas podem acontecer.

A cabeça de Léonie girava. Ela queria fazer mil perguntas, mas não conseguiu encontrar as palavras.

— Léonie — disse Baillard, chamando-a de volta.

— Guarde sua força para os vivos. Para seu irmão. Para a esposa e o filho dele. Eles é que precisarão de você.

Esposa? Filho?

Sua confiança em monsieur Baillard vacilou por um momento.

— Não, o senhor está enganado. O Anatole não tem... Nesse momento, a voz de Isolde soou na outra ponta da mesa.

— Vamos, senhoras?

No mesmo instante, a sala encheu-se do arrastar e deslizar de cadeiras na madeira polida do assoalho, enquanto os convivas se levantavam da mesa.

Léonie ergueu-se, meio trôpega. As dobras do vestido verde derramaram-se no chão feito água.

— Não compreendo, monsieur Baillard. Pensei que sim, mas agora vejo que me enganei.

Ela parou, percebendo o quanto estava embriagada.

O esforço de se manter de pé foi subitamente esmagador.

Para recobrar o equilíbrio, pôs a mão no encosto da cadeira de Baillard.

— E você vai seguir meu conselho?

— Farei o melhor possível — respondeu a moça, com um sorriso torto. Suas ideias giravam em círculos. Ela já não conseguia lembrar quais palavras tinham sido ditas em voz alta, quais apenas enunciadas dentro de sua cabeça aturdida.

— *Ben, ben.* Ótimo. Fico tranquilo ao ouvir isso.

Mas...

Baillard tornou a fazer uma pausa, como que inde-ciso entre falar ou não dizer mais nada.

— Se chegar um momento em que a intervenção das cartas lhe for necessária, *madomaisèla,* saiba de uma coisa: pode me procurar. E eu a ajudarei.

Léonie balançou a cabeça, de novo fazendo a sala girar loucamente.

— Monsieur Baillard, o senhor não me disse o que significa a segunda inscrição. A do piso.

— *“Fujhi, poudes; Escapa, non”?*

— Sim, essas palavras. Os olhos dele se toldaram.

— Fugir, podes. Escapar, não.



PARTE VI

RENNES-LE-CHÂTEAU

OUTUBRO DE 2007

CAPÍTULO 44

TERÇA-FEIRA, 30 DE OUTUBRO DE 2007

Meredith acordou na manhã seguinte com a cabeça latejando, depois da noite de sono entrecortado. A combinação do vinho com os sussurros do vento nas árvores e com seus sonhos malucos a havia deixado inquieta.

Mas não queria pensar nessa noite. Em fantasmas, visões. No que isso poderia significar. Tinha que manter a concentração. Estava ali para fazer um trabalho e era com isso que devia se preocupar.

Demorou-se embaixo do chuveiro até a água ficar fria, tomou dois comprimidos de Tylenol, bebeu uma garrafa de água. Secou o cabelo com a toalha, vestiu um jeans azul confortável e um suéter vermelho e desceu para o café da manhã. Depois de um prato de bacon com ovos tamanho família e uma baguete, acompanhados por quatro xícaras de café francês doce e forte para ajudar a descer, voltou a se sentir humana.

Checou a bolsa — telefone, câmera, caderno de notas, caneta, óculos escuros e mapa local da área — e, meio nervosa, desceu para o saguão ao encontro de Hal.

Havia uma fila na recepção. Um casal espanhol reclamava por haver muito poucas toalhas no quarto, um executivo francês questionava as taxas adicionais em sua conta e, junto à portaria, uma montanha de malas esperava ser transportada para o ônibus de um grupo de turistas ingleses a caminho de Andorra. A recepcionista já parecia ten-

sa. Não havia sinal de Hal. Meredith tinha-se preparado para o fato de que ele talvez não aparecesse. À fria luz do dia, sem a coragem trazida pelo álcool, podia ser que lamentasse o impulso que o levara a convidar uma estranha para

sair. Por outro lado, ela meio que torcia para que o rapaz viesse. Nada de especial, tudo bem discreto, e não ficaria arrasada se levasse um bolo. Mas, ao mesmo tempo, não havia como negar o friozinho na barriga.

Ocupou-se examinando as fotografias e os quadros pendurados nas paredes do saguão.Eram os óleos típicos encontrados em todo hotel do interior. Paisagens rurais, torres envoltas em brumas, pastores, montanhas, nada de notável. As fotografias eram mais interessantes, todas claramente escolhidas para reforçar o clima *fin de siècle*. Fotos emolduradas em tons sépia, marrom e cinza. Mulheres de expressão séria, cintura apertada e saias amplas, o cabelo preso no alto da cabeça. Homens de bigode e barba, em poses formais, de costas eretas e olhando direto para a lente.

Correu os olhos pelas paredes, mais absorvendo a impressão geral do que os detalhes específicos de cada foto, até deparar com um retrato escondido bem junto à curva da escada, logo acima do piano em que ela havia reparado na noite anterior. Na pose formal em marrom e branco, com a moldura de madeira preta lascada nas bordas, reconheceu a praça de Rennes-les-Bains. Deu um passo à frente. No centro da fotografia, numa cadeira decorada de metal, sentava-se um homem de bigode preto, cabelo escuro penteado para trás, descobrindo a testa, cartola e bengala equilibradas no colo. Atrás dele, à esquerda, uma bela mulher de ar etéreo, esguia e elegante, de jaqueta escura bem-talhada, blusa de gola alta e saia comprida. O

meio-véu preto fora levantado do rosto, revelando o cabelo claro, preso na nuca num coque feito com arte. Os dedos finos, enluvados de preto, apoiavam-se de leve no ombro do rapaz. Do outro lado havia uma moça mais nova, de cabelo ondulado preso sob um chapéu de feltro, usando uma jaqueta curta com botões de metal e debrum de veludo.

Já a vi antes.

Meredith espremeu os olhos. No olhar direto e ousado da moça havia algo que a atraía e lhe produzia um vago eco na mente. A sombra de outra foto parecida? Um quadro? As cartas, talvez? Afastou para o lado a banqueta pesada do piano e chegou mais perto, quebrando a cabeça para se lembrar, mas a memória se recusou a atendê-la. A moça era de uma beleza deslumbrante, com uma cascata de cachos, nariz atrevido e olhos que fitavam diretamente o coração da câmera.

Tornou a contemplar o homem sentado no meio.

Havia uma clara semelhança familiar. Irmão e irmã, talvez? Tinham os mesmos cílios compridos, a mesma concentração inflexível, a mesma inclinação da cabeça. A outra mulher parecia menos definida, por alguma razão. As cores, o cabelo claro, o ar levemente distante. Apesar de toda a sua proximidade física dos outros, ela parecia insubstancial. Presente, mas ausente. Como se pudesse sumir de vista por completo, a qualquer momento. Tal como a Mélisande de Debussy, pensou Meredith, havia nela a sugestão de alguém que pertencia a outra época e lugar.

Sentiu um aperto no peito. Era a mesma expressão relembrada dos momentos em que ela fitava os olhos da mãe biológica, quando pequena. Ora o rosto de Jeanette era meigo, tristonho, ora enraivecido, crispado. Mas havia sempre, nos bons e maus dias, aquele ar de distração, de uma mente esquiva que pousava noutro lugar, fixada em pessoas que ninguém mais via, ouvindo palavras que ninguém mais podia ouvir.

Chega disto.

Determinada a não se deixar paralisar pelas lembranças ruins, Meredith estendeu a mão e tirou a fotografia da parede, em busca de algum tipo de confirmação de que se tratava de Rennes-les-Bains, ou de uma data, qualquer marca de identificação.

O papel marrom encerado e vincado estava-se soltando da moldura, mas as palavras impressas no verso em letras maiúsculas eram claras:

RENNES-LES-BAINS, OUTUBRO DE 1891, e depois o nome do estúdio, ÈDITIONS BOUSQUET. A curiosidade tomou o lugar das emoções indesejadas.

Abaixo disso vinham três nomes:

MADEMOISELLE LÉONIE VERNIER, MONSIEUR

ANATOLE VERNIER, MADAME ISOLDE LASCOMBE.

Ela sentiu os pelos da nuca se arrepiarem, ao se lembrar do túmulo num dos extremos do cemitério de Rennes-les-Bains: FAMÍLIA LASCOMBE-BOUSQUET. Agora, numa fotografia pendurada na parede, os dois sobrenomes

uniam-se mais uma vez.

Meredith tinha certeza de que as duas figuras mais jovens eram os Vernier; irmão e irmã, com certeza, c não marido e mulher, dadas as semelhanças físicas, certo? A mulher mais velha tinha o ar de quem já passara por mais experiências. Levara uma vida menos protegida. E então, num estalo, Meredith se deu conta de onde já tinha visto os Vernier. Veio-lhe o instantâneo de um momento em Paris, quando ela pagara a conta no Le Petit Chablisien, na rua em que Debussy havia morado: o compositor a fitá-la da moldura, taciturno e insatisfeito, e, ao lado dele, seus vizinhos de parede no restaurante — uma fotografia do mesmo homem e da mesma mocinha linda, embora com uma mulher diferente e mais velha.

Enfureceu-se consigo mesma por não ter prestado maior atenção naquele momento. Por um instante, chegou até a pensar em telefonar para o restaurante e perguntar se as pessoas de lá tinham alguma informação sobre o retrato de família que exibiam com tanto destaque. Mas a ideia de ter essa conversa em francês, por telefone, fez com que ela a descartasse.

Enquanto contemplava a fotografia, o outro retrato, mentalmente visualizado, pareceu bruxulear por trás dela — sombras da moça e do rapaz, das pessoas que eles tinham sido e das que eram nesse momento. Por um segundo,

Meredith soube — *pensou* saber — como, se bem que ainda não por quê, as histórias que vinha acompanhando poderiam se interligar.

Tornou a pendurar o retrato na parede, considerando que poderia pegá-lo emprestado mais tarde. Ao empurrar a banqueta pesada do piano para sua posição original, notou que agora a tampa do instrumento estava aberta. As teclas de marfim eram meio amareladas, com as bordas lascadas, feito dentes velhos. Fim do século XIX, ela calculou. Um piano de cauda Bluthner.

Pressionou o dó central. A nota ecoou, clara e alta, no espaço privado. Meredith olhou em volta, com ar culpado, mas não havia ninguém prestando atenção. Todos muito absortos em seus assuntos pessoais. Ainda de pé, como se sentar a fizesse comprometer-se com alguma coi-

sa, tocou a escala de lá menor. Apenas um par de oitavas graves com a mão esquerda. Depois, o arpejo, com a direita. A frieza das teclas nas pontas dos dedos trouxe uma sensação gostosa.

Como se ela houvesse chegado em casa.

A banqueta era de mogno escuro, com belos pés entalhados e uma almofada de veludo vermelho, presa à tampa por uma fileira de tachas de metal. Para Meredith, bisbilhotar as coleções musicais de outras pessoas era tão interessante quanto correr os dedos pelas prateleiras de livros de um amigo, quando ele se ausentava da sala por um momento. As dobradiças rangeram quando ela levantou a tampa, deixando escapar o aroma característico de madeira, velhas partituras e grafite.

Dentro havia uma pilha bem-arrumada de álbuns musicais e algumas partituras soltas. Meredith examinou a pilha, sorrindo ao deparar com as partituras de *Clair de Lune* e *La Cathédrale Engloutie,* de Debussy, com suas inconfundíveis capas amarelo-claras. Ali estavam as coleções habituais de sonatas de Beethoven e Mozart, bem como *O*

cravo bem-temperado, de Bach, volumes 1 e 2. Clássicos europeus, exercícios, algumas partituras soltas, umas duas canções de ópera, extraídas de *A vida parisiense* e *Gigi,* de Offenbach.

— Continue — disse uma voz junto a seu ombro.

— Não me importo de esperar.

— Hal!

Meredith soltou a tampa da banqueta, deixando-a fechar-se com um clique culpado, e se virou para vê-lo a lhe sorrir. Ele parecia melhor nessa manhã, bem, na verdade. As rugas de preocupação e sofrimento haviam sumido dos cantos dos olhos e a palidez diminuíra.

— Você parece surpresa — disse ele. — Achou que eu ia lhe dar um bolo?

— Não, nada disso... — parou e sorriu. — Bem, sim, talvez. Isso me passou pela cabeça.

Hal abriu os braços:

— Como vê, estou presente,com tudo em ordem e pronto para sair. Os dois ficaram parados, meio sem jeito, depois Hal se inclinou por cima da banqueta e

lhe deu um beijo na face.

— Desculpe o atraso — disse e apontou para o piano. — Tem certeza de que não quer...?

— Absoluta — interrompeu Meredith. — Depois,

talvez. Atravessaram juntos o piso de lajotas do saguão, Meredith consciente da pequena distância que os separava e do aroma de sabonete e loção após-barba de Hal.

— Sabe onde quer começar a procurá-la?

— Procurá-la? Quem? — precipitou-se Meredith.

— Lilly Debussy — foi a resposta, acompanhada de um ar surpreso. — Desculpe, não foi isso que você disse que esperava fazer hoje de manhã? Um pouquinho de pesquisa?

— Sim, é claro, com certeza — disse ela, enrubescendo.

Sentiu uma onda de embaraço por ter-se precipita-do na conclusão errada. Não queria explicar sua outra razão para estar em Rennes-les-Bains — a verdadeira razão, achava. Era pessoal demais. No entanto, como é que Hal ia saber no que ela estava pensando, na hora em que chegou? Ele não lia pensamentos.

— Com certeza — repetiu. — Na pista da primeira sra. Debussy. Se algum dia a Lilly esteve aqui, vou descobrir como, quando e por quê.

Hal sorriu.

— Vamos no meu carro? Fico feliz em levá-la aonde você quiser. Meredith pensou um pouco. Isso a deixaria mais livre para tomar notas e olhar direito em volta, verificar o mapa.

— É claro, por que não?

Ao se encaminharem para a porta e descerem os degraus, ela teve consciência dos olhos da garota da fotografia em suas costas.

CAPÍTULO 45

A alameda da entrada e as terras pareciam muito diferentes à luz do dia. O sol de outubro inundava os jardins, dourando tudo com cores vivas. Pela janela entreaberta do carro, Meredith aspirou o aroma de fogueiras úmidas queimando e o perfume do sol sobre as folhas or-valhadas. Um pouquinho adiante, uma luz mais salpicada incidia sobre os arbustos verde-escuros e a sebe alta de buxeiros. Era como se todos os contornos fossem debruados de ouro e prata.

— Vou pelo caminho de trás, direto pelos campos até Rennes-le-Château. É muito mais rápido do que ir a Couiza e dar a volta.

A estrada serpeava e se dobrava sobre si mesma na subida pelas encostas arborizadas. Lá estavam todos os matizes de verde, todos os matizes de marrom, todos os matizes de carmesim, cobre e ouro, e castanheiras, carvalhos, codessos com flores de um amarelo vivo, aveleiras prateadas e bétulas. No chão havia enormes cones sob os pinheiros, como que deixados ali para marcar o caminho.

Veio então um último serpear da estrada e, de repente, eles estavam fora da floresta, entrando numa vasta extensão de campinas e pastagens.

Meredith sentiu o humor melhorar conforme as paisagens se desdobravam à sua frente.

— Isso é maravilhoso. De uma beleza incrível.

— Lembrei de uma coisa que acho que terá grande interesse para você — disse Hal, e ela ouviu o sorriso em sua voz. — Quando eu disse ao meu tio que ia sair hoje de manhã, e por quê, ele me lembrou que existem indícios de uma ligação entre Debussy e Rennes-le-Château. Foi incomumente prestativo, aliás.

Meredith virou-se de frente para ele:

— Você está de brincadeira?

— Suponho que você conheça o grosso das histórias do lugar, não é?

Ela abanou a cabeça.

— Acho que não...

— Esse foi o vilarejo que desencadeou toda aquela história de *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada, O Código Da Vinci*, essas coisas, sabe? *A Herança dos Templários?* Isso lembra alguma coisa? A dinastia de Cristo?

Meredith fez uma careta.

— Desculpe, estou mais para a não ficção: biografia, história, teoria, esse tipo de coisa. Fatos.

Hal deu uma risada.

— Está bem, resumo rápido. A história é que Maria Madalena, na verdade, era casada com Jesus e teve filhos com ele. Depois da Crucificação, ela fugiu, dizem alguns que para a França. Marselha, uma porção de lugares na costa do Mediterrâneo, todos dizem que foi lá que ela desembarcou. Agora, um salto de uns mil e novecentos anos até 1891, quando dizem que o pároco de Rennes-le-Château, Bérenger Saunière, deparou com pergaminhos que comprovavam essa linhagem de Cristo, remontando da época atual até o século I d.C.

Meredith ficou imóvel:

— Mil oitocentos e noventa e um? Hal fez que sim.

— Foi quando o Saunière deu início a um projeto maciço de reforma que viria a durar muitos anos; come-

çou pela igreja, mas no fim abrangeu os jardins, o cemitério, a casa, tudo.

Interrompeu-se, e Meredith sentiu que ele a olhava de relance.

— Tudo bem com você? — perguntou.

— É claro — ela se apressou a responder. — Desculpe. Continue.

— Os pergaminhos sobre a dinastia teriam sido escondidos num pilar visigótico, lá nos idos tempos. A maioria da população local acha que tudo isso foi uma farsa, do começo ao fim. Os registros da época do Saunière não mencionam nenhum tipo de grande mistério associado a Rennes-le-Château, a não ser por uma melhora drástica na situação material do padre.

— Ele ficou rico?

Hal confirmou com a cabeça.

— A hierarquia eclesiástica o acusou de simonia, quer dizer, de vender missas por dinheiro. Seus paroquianos foram mais caridosos. Acharam que ele havia descoberto algum tesouro oculto dos visigodos e não ficaram ressentidos, já que ele gastava boa parte na igreja e com os próprios paroquianos.

— Quando morreu o Saunière? — perguntou Me-

redith, recordando as datas da placa em memória de Henri Boudet, na igreja de Rennes-les-Bains.

Hal fitou-a com seus olhos azuis.

— Em 1917, e deixou tudo para a governanta, Marie Denarnaud. Só no fim dos anos 70 é que todas essas teorias de conspiração religiosa começaram a vir à tona.

Ela também anotou essa informação. O sobrenome Denarnaud havia aparecido em vários túmulos do cemitério.

— O que o seu tio acha dessas histórias? O rosto de Hal ensombreceu-se.

— Que é bom para os negócios — respondeu, de-

pois ficou em silêncio. Já que, claramente, ele e o tio não morriam de amores um pelo outro,

Meredith se perguntou por que Hal ainda estaria por lá, agora que o enterro havia passado. Mas um olhar para seu rosto sugeriu que a pergunta não seria bem-vinda, por isso ela a deixou de lado.

— Bem, e o Debussy? — acabou indagando. Hal pareceu recompor as ideias.

— Desculpe. Parece que se formou uma sociedade secreta, para funcionar como guardiã dos pergaminhos sobre a dinastia, essas coisas que o Saunière teria ou não teria encontrado no pilar visigótico. Dizem que a organização teve alguns dirigentes muito famosos, figuras de proa, digamos. Newton, por exemplo, ou

Leonardo da Vinci. E Debussy.

Meredith ficou tão perplexa que caiu na gargalhada.

— Eu sei, eu sei — disse Hal, começando a rir. —

Mas só estou lhe passando a história como meu tio a contou.

— É um absurdo completo. Debussy vivia para sua música. E não era uma pessoa chegada a participar de clubes. Muito reservado, muito fiel a um pequeno grupo de amigos. A ideia de ele dirigir uma sociedade secreta... ora, isso é pura maluquice! — exclamou, enxugando o canto do olho com a manga. — Quais são as provas dessa teoria bizarra?

Hal encolheu os ombros.

— O Saunière realmente recebeu muitos parisienses e hóspedes importantes em Rennes-le-Château, mais ou menos na virada do século passado, o que foi mais um fator para fomentar as teorias da conspiração: chefes de Estado, cantores. Uma mulher chamada Emma Calvé.

Isso lembra alguma coisa?

Meredith pensou.

— Uma soprano francesa, mais ou menos dessa época, mas tenho razoável certeza de que ela nunca inter-pretou nenhum grande papel para Debussy — disse. Pegou o caderno de notas e rabiscou o nome. — Vou verificar.

— Quer dizer que isso talvez combine?

— Qualquer teoria pode combinar com qualquer coisa, se a gente se esforçar bastante. O que não a torna verdadeira.

— Assim disse a especialista.

Meredith ouviu a implicância meiga na voz dele e gostou.

— Assim disse a pessoa que passou metade da vida em bibliotecas. A vida real nunca é tão certinha. É confusa. As coisas se superpõem, os latos se

contradizem. Você descobre uma prova e acha que está tudo funcionando Que acertou na mosca. E aí, quando menos espera, depara com uma coisa diferente, que vira tudo de pernas para o ar.

Os dois seguiram por algum tempo num silêncio amistoso, cada qual eu cerrado em seus pensamentos. Passaram por uma grande fazenda e cruzaram uma crista de serra. Meredith notou que a paisagem desse lado da montanha era diferente. Não tão verde. Pedras cinzentas, lembrando dentes, pareciam irromper da terra cor de ferrugem, como se uma série de terremotos violentos houvesse forçado o coração oculto do mundo a vir à tona. Retalhos de solo vermelho, como feridas na terra. Era um ambiente menos hospitaleiro, mais ameaçador.

— Isso nos faz perceber como a paisagem essencial mudou pouco — comentou ela. — Se tirarmos da equa-

ção os carros e os prédios, sobram as montanhas, as gargantas e os vales que estão aí há dezenas de milhares de anos.

Notou que a atenção de Hal se aguçava. Teve intensa consciência do subir e descer suave da respiração dele naquele espaço confinado.

— Ontem à noite eu não percebi — continuou. —

Tudo me pareceu pequeno demais, insignificante demais para ter sido o centro de alguma coisa. Mas agora... —

Interrompeu-se. — Aqui no alto, a simples escala das coisas *é* diferente. Torna mais plausível que o Saunière tenha encontrado algo de valor — e fez uma pausa. — Não estou dizendo que encontrou ou não, apenas que isso dá substância à teoria.

Hal balançou a cabeça.

— Rhedae, o antigo nome de Rennes-le-Château, ficava no coração do império visigótico no sul. Séculos V, VI e começo do VII — disse. Deu uma espiada de relance em Meredith e tornou a voltar os olhos para a estrada.

— Mas, do seu ponto de vista profissional, não lhe parece que isso é muito tempo, tempo demais, para uma coisa permanecer encoberta? Se havia alguma coisa autên-tica para se encontrar, visigótica ou até anterior, romana, acho, com

certeza ela teria vindo à luz antes de 1891, não é?

— Não necessariamente. Pense nos Manuscritos do Mar Morto. É surpreendente como algumas coisas a-parecem, enquanto outras permanecem ocultas por milha-

res de anos. Segundo o guia turístico, existem ruínas de uma torre de vigia visigótica perto daqui, na aldeia de Fa, e cruzes dos visigodos na aldeia de Cassaignes, tudo descoberto em época bem recente.

— Cruzes? — surpreendeu-se Hal. — Eles eram cristãos? Acho que eu não sabia disso.

Meredith confirmou com a cabeça.

— Esquisito, não é? O interessante é que era costume dos visigodos enterrar os reis e os nobres com seus tesouros em sepulturas ocultas, e não em cemitérios em torno de igrejas. Espadas, fivelas de cinto, joias, fíbulas, taças, cruzes, o que você imaginar. É claro que isso acarre-tou os mesmos problemas relacionados com os antigos egípcios.

— De maneira a barrar os ladrões de túmulos.

— Exato. E por isso os visigodos desenvolveram um modo de construir câmaras secretas sob o leito dos rios. A técnica era fazer uma barragem no rio e desviar temporariamente o curso, enquanto se escavava o local e a câmara mortuária era preparada. Depois que o rei ou guer-reiro e seu tesouro eram escondidos em segurança, a câmara era vedada e camuflada com lama, areia, cascalho, seja lá o que fosse, e o dique era demolido. A água voltava a correr e o rei e seu tesouro ficavam escondidos por toda a eternidade.

Meredith virou-se para Hal, percebendo que, por algum motivo, suas palavras haviam desencadeado ideias sobre algo diferente.

Não conseguia entendê-lo. Mesmo levando em conta a experiência por que ele havia passado nas semanas anteriores, em particular na véspera, o sujeito parecia tran-

sitar de receptivo e relaxado, num momento, para alguém que carregava o mundo nas costas, no outro.

Ou será que ele gostaria de estar em outro lugar?

Continuou a olhar para a frente pelo para-brisa. Se Hal quisesse confiar nela, confiaria. Não fazia sentido for-

çar a barra.

Continuaram a subir mais e mais pela encosta desnuda, até que ele fez uma última curva em U na estrada.

— Chegamos — anunciou.

CAPÍTULO 46

Meredith ficou olhando pelo para-brisa enquanto Hal contornava a última curva.

Empoeirado no alto da encosta vertiginosa acima deles havia um punhado de casas e outras construções.

Uma placa pintada deu-lhes as boas-vindas a Rennes-le-Château.

Son site, ses mystères. Sua paisagem, seus mistérios.

Florzinhas brancas e roxas brotavam da sebe alta à beira da estrada, ao lado de flores grandes, como jacintos gigantescos, mais do que desabrochados.

— Na primavera há papoulas por toda parte —disse Hal, acompanhando a linha do olhar de Meredith. —

É incrível mesmo.

Minutos depois, pararam num estacionamento empoeirado, de onde se avistava toda a extensão meridional da Haute Vallée, e saltaram do carro. Meredith contemplou a vista panorâmica das montanhas e dos vales abaixo, depois se virou para admirar a aldeia em si.

Imediatamente atrás deles havia uma torre circular de água, toda de pedra, plantada no meio do estacionamento poeirento. Um relógio solar de mostrador quadrado, pintado na curva que dava para o sul, indicava os sols-tícios de verão e de inverno.

No alto havia uma inscrição. Meredith protegeu os olhos para lê-la:

Aïci lo tems s’en Va res l’Eternitat.

Tirou uma fotografia.

Numa borda do estacionamento ficava um mapa montado num quadro. Hal subiu na mureta baixa e come-

çou a apontar locais: os picos de Bugarach, Soularac e Bézu, as cidades de Quillan, ao sul, Espéraza, a sudoeste, Arques e Rennes-les-Bains, a leste.

Meredith respirou fundo. O céu infinito, o contorno dos picos ao longe, o perfil inconfundível dos abetos, as flores silvestres à beira da estrada, a torre a distância.

Era assombroso e, como ela notou de repente, fazia lembrar o pano de fundo na imagem da Moça de Espadas. As cartas do tarô poderiam muito bem ter sido pintadas com essa paisagem em mente.

— Aqui diz que, num dia claro de verão, é possível avistar vinte e duas aldeias do ponto em que estamos —informou Hal. Sorriu, pulou da mureta e apontou para uma trilha de cascalho que saía do estacionamento. — Se bem me lembro, a igreja e o museu ficam para lá.

— O que é aquilo? — perguntou Meredith, olhando para uma torre baixa, recortada por ameias, construída com vista para o vale.

— É a Torre Magdala — respondeu Hal, acompa-

nhando-lhe a direção do olhar. — O Saunière construiu o mirante, a passarela de pedra que corre ao longo do lado sul dos jardins, com essa paisagem incrível, bem no fim do projeto de reforma, em 1898, 1899. A torre deveria abrigar sua biblioteca.

— Mas com certeza a coleção original não está lá, está?

— Duvido. Desconfio que eles fizeram o que o papai fez na Herdade do Cade, quer dizer, puseram alguns volumes substitutos nas vitrines, para criar um certo clima.

Ele me telefonou, todo contente da vida, depois de conse-

guir comprar um lote inteiro de livros de segunda mão num *vide-grenier* em Quillan.

Meredith franziu a testa.

— Uma venda de coisas usadas — explicou ele.

— Certo — sorriu Meredith. — Então, isso significa que o seu pai se envolvia muito na administração do hotel, no dia a dia?

O rosto de Hal tornou a se toldar.

— Papai era o homem do dinheiro, vinha da Inglaterra de vez em quando. O projeto era do meu tio. Ele achou o lugar, convenceu meu pai a entrar com o dinheiro, supervisionou a reforma e tomou todas as decisões —disse e fez uma pausa. — Até este ano, bem entendido.

Papai se aposentou e mudou. Para melhor, na verdade.

Ficou relaxado, passou a se divertir. Veio aqui algumas vezes em janeiro e fevereiro, depois se mudou de vez para cá em maio.

— O que o seu tio achou disso?

Hal enfiou as mãos nos bolsos e olhou para o chão.

— Não tenho certeza.

— Seu pai sempre tivera a intenção de se aposentar e vir para a França?

— Na verdade, não sei — foi a resposta. Meredith ouviu a mescla de amargura e confusão na voz dele e sentiu uma onda de simpatia.

— Você está querendo montar o quebra-cabeça dos últimos meses de vida do seu pai — disse em tom meigo, compreendendo bem demais aquilo tudo.

Hal levantou a cabeça:

— Isso mesmo. Não que fôssemos tão próximos assim. Mamãe morreu quando

eu tinha 8 anos e me des-pacharam para um colégio interno. Mesmo quando eu ia para casa nos feriados e nas férias, papai estava sempre trabalhando. Não posso dizer que nos conhecêssemos de verdade. — Fez uma pausa.

— Mas tínhamos começado a nos encontrar um pouco mais nos últimos dois anos. Sinto que devo isso a ele.

Intuindo que Hal precisava seguir seu próprio ritmo, Meredith não o pressionou para saber o que quisera dizer com essa frase. Ao contrário, fez uma pergunta perfeitamente inofensiva, para ajudá-lo a se aproximar das coisas sérias.

— Que tipo de trabalho ele fazia, antes de se aposentar?

— Trabalhava num banco de investimentos. Com singular falta de imaginação, segui a trilha dele na mesma empresa, depois de me formar na faculdade.

— Essa foi outra razão para você se demitir do emprego? Você é herdeiro da parte do seu pai na Herdade do Cade?

— Foi mais um pretexto que uma razão — disse ele e fez uma pausa.

— Meu tio quer comprar a minha parte. Não que tenha dito isso, mas quer. Só que continuo achando que talvez papai quisesse que eu me envolvesse. Que continuasse de onde ele parou.

— Alguma vez você conversou com seu pai sobre isso?

— Não. Não parecia haver nenhuma pressa, sabe como é? — respondeu, virando-se para Meredith.

Tinham andado devagar enquanto conversavam e, nesse momento, pararam diante de um palacete elegante, que dava diretamente para a rua estreita. Defronte dele havia um jardinzinho formal, com uma generosa fonte de pedra e um café. As venezianas de madeira estavam fechadas.

— Vim aqui pela primeira vez com papai há uns 16, 17 anos — dis se Hal. — Muito antes de ele e meu tio pensarem em montar um negócio juntos.

Meredith sorriu consigo mesma, ao compreender por que Hal sabia tantas coisas sobre Rennes-le-Château, embora não soubesse praticamente nada sobre o

restante da região. O lugar lhe era especial por causa do vínculo que estabelecia com o pai.

— Agora foi tudo completamente reformado, mas na época estava caindo aos pedaços. A igreja abria umas duas horas por dia, vigiada por uma *gardienne* assustadora, toda vestida de preto, que me deixava morto de medo. A Villa Bethania, aqui — e apontou para o palacete majestoso junto ao qual estavam —, foi construída pelo Saunière para as visitas, não para ele mesmo. Quando eu vinha para cá com meu pai, ela ficava aberta ao público, mas de um modo totalmente aleatório. A gente entrava num quarto e topava com uma imagem de cera do Saunière sentado numa cama. Meredith fez uma careta.

— Parece terrível.

— Todos os papéis e documentos ficavam espalhados em vitrines sem chave, em cômodos úmidos e sem aquecimento, embaixo do belvedere.

— O pesadelo dos arquivistas — comentou Meredith com um sorriso. Hal apontou para a grade que separava a trilha dos jardins formais.

— Agora, como você vê, o lugar é uma grande atração turística. O cemitério em si, onde o Saunière está enterrado ao lado da governanta, foi fechado ao público em dezembro de 2004, quando *O Código Da V inci* estou-rou e o número de pessoas que visitavam Rennes-le-Château deu um salto. Ele fica por aqui.

Seguiram caminhando em silêncio, até chegar ao portão alto e sólido de metal que protegia o cemitério.

Meredith inclinou a cabeça para trás e leu a inscri-

ção numa tabuleta de porcelana pendurada no portão trancado:

— *"Memento homo quia pulvis es et in pulverem reverteris"*

— E isso significa?

— Do pó vieste e ao pó voltarás — disse ela, com um calafrio na espinha. Havia naquele lugar alguma coisa que a deixava pouco à vontade. Algo de acabrunhante no ar, uma sensação de vigilância, apesar das ruas desertas.

Meredith pegou o caderno e anotou a frase em latim.

— Você anota tudo?

— É claro que sim. São ossos do ofício. Sorriu-lhe e acolheu o sorriso com que ele retribuiu.

Ficou contente por deixar o cemitério para trás. Seguiu Hal por um Calvário de pedra e deu a volta quase completa por outra trilhazinha, até uma estatueta dedicada a Nossa Senhora de Lurdes, atrás de uma grade de ferro.

As palavras PÉNITENCE, PÉNITENCE e MISSION

1891 estavam gravadas na base de um pilar de pedra trabalhado.

Meredith olhou fixo. Não havia como escapar. O

mesmo ano continuava a aparecer.

— Ao que parece, esse é o verdadeiro pilar visigótico dentro do qual os pergaminhos foram encontrados —disse Hal.

— Ele é oco?

— Suponho que sim — fez ele, dando de ombros.

— Que loucura o deixarem aqui. Se este lugar é um ímã tão grande para os teóricos da conspiração e os caçadores de tesouros, seria de esperar que as autoridades se preocupassem com a possibilidade de alguém levá-lo.

Observou atentamente os olhos benevolentes e os lábios silenciosos da estátua erguida sobre o pilar. Enquanto contemplava as feições pétreas, viu, a princípio imperceptivelmente, depois mais fundas e insistentes, marcas de arranhão começando a aparecer no rosto suave.

Cristas e sulcos, como se alguém ferisse a superfície com um cinzel.

Que diabo é isso?

Sem confiar na prova fornecida por seus próprios olhos, deu um passo à frente, estendeu a mão e tocou a pedra.

— Meredith? — disse Hal.

A superfície estava lisa. A jovem retirou os dedos depressa, como se os tivesse queimado. Nada. Virou as palmas para cima, como que esperando ver alguma marca.

— Há algum problema? — perguntou ele.

Só o fato de eu estar começando a ver coisas.

— Tudo bem — respondeu em tom firme. — Esse

sol é forte mesmo.

Hal pareceu apreensivo, o que Meredith percebeu que a agradava, de certo modo.

— Enfim, que aconteceu com os pergaminhos, depois que o Saunière os encontrou? — perguntou-lhe.

— Parece que ele ia levá-los a Paris, para serem verificados. Meredith franziu o sobrolho:

— Isso não faz sentido. Por que ele iria a Paris? Para um padre católico, o lógico seria ir direto ao Vaticano.

Hal deu uma risada:

— Vejo que você não é grande leitora de livros de ficção!

— Mesmo bancando o advogado do diabo por um

momento — ela prosseguiu, raciocinando em voz alta —, a explicação contrária seria, supostamente, que ele não confiava em que a Igreja não destruísse os documentos.

Hal assentiu com a cabeça.

— Essa é a teoria mais popular. Papai frisou que se um padre paroquiano num canto remoto da França houvesse realmente tropeçado num segredo espantoso, como uma certidão de casamento ou a prova da existência de descendentes,

remontando até o século I d.C., seria mais simples para a Igreja livrar-se dele do que se dar todo o trabalho de comprar seu silêncio.

— Bem pensado.

Hal fez uma pausa e acrescentou:

— Só que ele tinha uma teoria completamente diferente. Meredith virou-se para fitá-lo, ao perceber o em-bargo em sua voz.

— E era?

— A de que toda a saga de Rennes-le-Château foi um simples acobertamento, uma tentativa proposital de desviar a atenção do que estava acontecendo na mesma época em Rennes-les-Bains.

Meredith sentiu um chute no estômago.

— Acobertamento de quê?

— Sabia-se que Saunière era amigo da família proprietária da Herdade do Cade. Houve uma série de mortes inexplicáveis na região... algum tipo de lobo, ou um puma, provavelmente, mas cresciam os rumores de que haveria uma espécie de Diabo devastando o interior.

Marcas de garras.

— Embora a causa do incêndio que destruiu grande parte da mansão original em 1897 nunca tenha sido comprovada, há fortes indícios de que ele foi intencional.

Talvez para livrar a área do tal demônio que acreditavam estar se abrigando nas terras da Herdade. Também houve alguma coisa sobre um baralho de tarô associado a ela.

Parece que o Saunière também estava envolvido nessa história.

O Tarô Bousquet.

— Só sei que meu tio e meu pai brigaram por causa disso. Meredith obrigou-se a manter a voz firme.

— Brigaram?

— No fim de abril, pouco antes de papai tomar a decisão de se mudar permanentemente para cá. Eu estava hospedado no apartamento dele em Londres. Entrei na sala e peguei a última parte da conversa. Da discussão, na verdade. Não ouvi muita coisa: algo sobre o fato de o interior da igreja do Saunière ser uma cópia de um túmulo mais antigo.

— Você perguntou a seu pai o que ele queria dizer?

— Ele não quis falar do assunto. Só disse ter sabido que havia um mausoléu visigótico nas terras da Herdade do Cade, um sepulcro, que fora destruído na mesma ocasião em que a casa pegou fogo. Sobraram apenas umas pedras antigas, ruínas.

Por um segundo, Meredith sentiu-se tentada a fazer confidencias a Hal. A contar-lhe tudo sobre a leitura do tarô em Paris, sobre o pesadelo da véspera, sobre o baralho que se encontrava, naquele exato momento, no fundo de seu armário. Sobre a verdadeira razão de ter ido a Rennes-les-Bains. Mas alguma coisa a conteve. Hal estava lutando com seus próprios demônios naquele momento. Ela franziu a testa, tornando a se lembrar da demora de quatro semanas entre o acidente e o enterro.

— Exatamente o que aconteceu com seu pai, Hal?

— perguntou e então se deteve, achando ter ido longe demais, depressa demais.
— Desculpe, foi pretensioso da minha parte...

Ele fez um desenho no chão com o pé.

— Não, tudo bem. O carro dele saiu da estrada, na curva da entrada de Rennes-les-Bains. Caiu no rio — explicou. Falou num tom monocórdio, como quem retirasse propositadamente toda a emoção da voz. — A polícia não conseguiu entender. Era uma noite clara. Não estava chovendo nem nada. O pior foi que...

Interrompeu-se.

— Você não precisa me contar, se for muito difícil

— disse Meredith com meiguice, pondo-lhe a mão nas costas.

— Aconteceu nas primeiras horas da madrugada, de modo que o carro só foi descoberto horas depois. Papai havia tentado sair, e por isso a porta estava entreaberta. Mas os bichos o apanharam primeiro. O corpo e o rosto tinham arranhões terríveis.

— Sinto muito.

Meredith tornou a olhar de relance para a estátua na trilha, lutando para não estabelecer uma ligação mental entre um trágico acidente em 2007 e as superstições mais antigas que pareciam assolar a região. Mas as ligações eram difíceis de ignorar.

Todos os sistemas divinatórios, como a própria música, trabalham por meio de padrões.

— O caso é que eu poderia aceitar a situação, se tivesse sido um acidente. Mas eles disseram que o papai tinha bebido, Meredith. E isso é uma coisa que eu sei que ele jamais faria. — Hal abaixou a voz. — Jamais. Se eu tivesse certeza do que aconteceu, de um jeito ou de outro, estaria tudo bem. Não tudo bem, quero dizer, mas eu poderia lidar com isso. O problema é não saber. Por que ele estava lá, naquele trecho de estrada, àquela hora? Só quero saber.

Meredith pensou no rosto banhado em lágrimas de sua mãe biológica e no sangue sob suas unhas. Pensou nas fotografias de tonalidade sépia, na partitura e no vazio em seu peito, que a tinham levado a esse canto da França.

— Não consigo lidar com o desconhecimento —repetiu Hal. — Você entende?

Meredith envolveu-o nos braços e o puxou para perto. Hal correspondeu, pondo os braços em volta dela e puxando-a mais para si. Ela se encaixava perfeitamente sob os ombros largos do rapaz. Sentiu o aroma de loção pós-barba e sabonete, a lã macia do suéter fazendo cóce-gas em seu nariz. Sentiu o calor de Hal, sua raiva, seu ódio, e o desespero por trás dos dois.

— Sim — disse, baixinho. — Eu entendo.

CAPÍTULO 47

HERDADE DO CADE

Julian Lawrence esperou as camareiras terminarem de arrumar o primeiro andar para sair de seu gabinete. A viagem de ida e volta a Rennes-le-Château levaria pelo menos duas horas. Ele tinha tempo de sobra.

Quando Hal lhe dissera que ia sair, e com uma mo-

ça, a primeira reação de Julian tinha sido de alívio. Os dois haviam até conversado por alguns minutos, antes de o rapaz sair desabalado. Será que aquilo significava que seu sobrinho aceitaria o que havia acontecido e tocaria a vida em frente? Que esqueceria as dúvidas?

No pé em que estavam as coisas, havia algumas pendências por resolver. Julian tinha insinuado que estaria disposto a comprar a parte da herança do sobrinho na Herdade do Cade, mas não insistira no assunto. Tivera a expectativa de ser obrigado a esperar passar o funeral, mas sentia que estava ficando impaciente.

Depois, Hal tinha deixado escapar que a moça em questão era escritora, e Julian havia começado a dar tratos à bola. Considerando o comportamento de Hal nas quatro semanas anteriores, ele não excluiria a possibilidade de que o rapaz tentasse despertar o interesse de uma jornalista na história do acidente do pai, só para ver no que dava.

Julian tinha verificado o registro do hotel e descoberto que a moça era uma americana chamada Meredith Martin, e tinha reserva até sexta-feira. Não fazia ideia se ela conhecia Hal, ou se o sobrinho estava simplesmente tirando proveito de encontrar alguém que pudesse dar ouvidos a sua história melodramática. Como quer que fosse, não podia correr o risco de que Hal usasse a moça para criar mais confusão. Não estava disposto a deixar seus planos serem prejudicados por boatos e insinuações.

Subiu escada dos fundos e seguiu pelo corredor.

Com a chave mestra, entrou no quarto de Meredith Martin. Tirou umas fotos com a Polaroid, para ter certeza de devolver o quarto às condições exatas em que o havia encontrado, e então iniciou a busca, começando pela mesinha de cabeceira. Vasculhou rapidamente as gavetas, mas não achou nada de interesse, a não ser duas passagens de avião, uma de Toulouse para o aeroporto de Orly, em Paris, na sexta--feira à tarde, e outra da viagem de volta para os Estados Unidos, no dia 11 de novembro.

Passou para a escrivaninha. O laptop da moça estava conectado à tomada. Julian levantou a tampa e o ligou.

Foi fácil. Não havia senha de proteção no sistema operacional e a moça andara usando o sistema de conexão sem fio do hotel.

Dez minutos depois, Julian tinha lido todos os e-mails — uma bobajada doméstica, maçante, nada de peso

—, rastreado os endereços que ela visitara recentemente na internet e examinado alguns arquivos armazenados.

Nada sugeria que se tratasse de uma jornalista em busca de uma reportagem História local, principalmente. Anota-

ções sobre pesquisas feitas na Inglaterra, depois uns dados muito básicos — endereços, datas, horários — sobre Paris.

Feito isso, Julian entrou nos arquivos de fotos e as percorreu em ordem cronológica. As primeiras tinham sido tiradas em Londres. Havia uma pasta com fotos de Paris — cenas de rua, marcos históricos, até a fotografia de uma placa com os horários de funcionamento do Parque Monceau.

O último arquivo tinha o nome de Rennes-les-Bains. Ele o abriu e começou a investigar as imagens. Essas o deixaram mais preocupado. Havia diversas fotografias da margem do rio na entrada da cidade, ao norte, em especial umas duas da ponte e do túnel, exatamente no lugar em que o carro de seu irmão Seymour tinha saído da estrada.

Havia outras fotografias, essas do cemitério nos fundos da igreja. Uma delas, tirada da varanda coberta que dava para a Place des Deux Rennes, permitiu-lhe identificar o local exato em que tinham sido feitas. Julian cruzou as mãos atrás da cabeça. Conseguiu discernir, no canto inferior direito da foto, um pedaço da toalha sobre a qual estivera o livro de condolências.

Franziu a testa. Meredith Martin estivera em Rennes-les-Bains na noite anterior, tirando fotografias do funeral e da cidade.

Por quê?

Enquanto copiava o arquivo de imagens em seu cartão de memória, tentou pensar em qual poderia ser a explicação inocente, mas não lhe ocorreu nada.

Saiu do programa e desligou o computador, deixando tudo exatamente como o havia encontrado, e passou para o guarda-roupa. Tirou mais duas fotos com a Polaroid, depois vasculhou metodicamente todos os bolsos e as pilhas de camisetas e sapatos, sem encontrar nada de interesse.

No fundo do armário, sobre um par de sapatos altos L. K. Bennett e outro de botas, havia uma bolsa de viagem preta e macia. Agachando-se, Julian abriu o zíper e examinou o compartimento principal. Estava vazio, a não ser por um par de meias soquete e uma pulseira de contas, que ficara presa no forro duro. Enfiou os dedos em todos os cantos, mas não achou nada. Depois, vasculhou os compartimentos externos. Dois grandes, um em cada ponta, ambos vazios, e três menores em cada lado da bolsa. Levantou-a, virou-a de cabeça para baixo e a sacudiu.

Parecia pesada. Tornou a emborcá-la e puxou a base de papelão. Com um som de velcro se abrindo, o forro soltou-se e revelou outro compartimento. Julian enfiou a mão lá dentro e tirou um embrulho retangular de seda preta. Com o polegar e o indicador, afastou as quatro pontas.

Ficou paralisado. O rosto da Justiça o encarava.

Por uma fração de segundo, pensou estar imaginando coisas, depois se deu conta de que era apenas mais uma reprodução. Abriu as cartas em leque para se certificar, cortando o baralho duas vezes.

Impresso, plastificado, não era o Tarô Bousquet original. Que idiotice ter pensado, mesmo por um segundo, que pudesse ser ele!

Levantou-se com o baralho na palma da mão, virando as cartas cada vez mais depressa, para o caso de haver nelas algo de singular, algo diferente.

Não havia. O baralho parecia idêntico ao que ele tinha no térreo, em seu cofre. Nenhuma palavra adicional, nenhuma variação nas imagens.

Forçou-se a pensar. Essa descoberta punha tudo de pernas para o ar, especialmente vindo logo depois da informação recebida do sítio de escavações do túmulo visigótico em Quillan. Junto com alguns objetos do túmulo fora

encontrada uma placa que confirmava a existência de outros sítios nas imediações da Herdade do Cade. Ele não tinha conseguido falar com seu informante nessa manhã.

Mas a pergunta imediata era: por que Meredith Martin tinha uma reprodução do baralho da editora Bousquet? E escondido no fundo da bolsa. Não podia ser coincidência. No mínimo, podia-se presumir que a moça tinha conhecimento do baralho original e de sua associa-

ção com a Herdade do Cade, não é?

O que mais? Teria Seymour dito mais coisas a Hal do que ele havia pensado? E, se Hal a trouxera para o hotel, em vez de simplesmente tirar proveito de tê-la conhecido ali, será que tinha sido não para investigar as circunstâncias do acidente, mas, ao contrário, relacionava-se de algum modo com as cartas?

Julian precisava de uma bebida. Estava transpirando no colarinho e nas axilas, pelo susto de haver acreditado, nem que fosse por um instante, que tinha nas mãos o baralho original.

Tornou a embrulhar a reprodução na seda preta, devolveu o embrulho à bolsa e a repôs no fundo do armário. Deu uma última olhadela pelo quarto. Tudo parecia estar como antes. Se houvesse alguma coisa fora de lugar, a Srta. Martin atribuiria a autoria às camareiras. Julian saiu do quarto e andou depressa pelo corredor em direção à escada de serviço.

A operação inteira, do começo ao fim, tinha levado menos de 25 minutos.

CAPÍTULO 48

RENNES-LE-CHÂTEAU

Hal foi o primeiro a recuar. Tinha os olhos azuis iluminados pela expectativa, talvez também pela surpresa.

O rosto estava meio enrubescido. Meredith também deu um passo atrás. A intensidade da atração bruta que eles sentiam um pelo outro, agora que a emoção do momento havia passado, deixou-os meio sem jeito.

— Enfim... — disse ele, pondo as mãos nos bolsos.

Meredith sorriu.

— Enfim...

Hal virou-se para o portão de madeira que formava um ângulo reto com a trilha e o empurrou. Franziu a testa, tentou de novo. Meredith ouviu os cadeados sacudindo.

— Está fechado — comentou. — É incrível, mas o museu está fechado. Sinto muito. Eu deveria ter telefona-do antes.

Os dois se entreolharam. Depois, caíram na gargalhada.

— As termas de Rennes-les-Bains também estavam fechadas. Até dia 30 de abril — disse ela.

A mesma mecha de cabelo rebelde havia caído na testa de Hal. Os dedos de Meredith comicharam de vontade de afastá-la de seu rosto, mas ela conservou as mãos junto ao corpo.

— Pelo menos a igreja está aberta — disse ele.

Meredith aproximou-se, agora muito cônscia da presença física do rapaz, que parecia preencher toda a trilha.

Ele apontou para o frontão acima da porta.

— Aquela inscrição, TERRIBILIS EST LOCUS ISTE, é outra razão de todas essas teorias conspiratórias sobre Rennes-le-Château terem pegado — disse, pigarreando.

— Na verdade, a frase se traduz por “este lugar é assombroso”, *terribilis* no sentido do Velho Testamento, e não

“terrível” no sentido moderno, mas você pode imaginar como foi interpretada.

Meredith olhou, mas foi na outra inscrição, parcialmente legível no ápice, que se concentrou, IN HOC SIGNO VINCES. Constantino de novo, o imperador cristão de Bizâncio. A mesma inscrição vista na placa em memória de Henri Boudet em Rennes-les-Bains. Reviu mentalmente a distribuição das cartas de

Laura na mesa. O imperador era um dos arcanos maiores, perto do Mago e da Sacerdotisa, no começo do baralho. E a senha que ela tivera que digitar para ter acesso à internet e ler sua correspondência...

— Quem deu a ideia da senha usada na rede do hotel? — perguntou. Hal pareceu surpreso com a observa-

ção desconexa, mas, assim mesmo, respondeu sem hesitar.

— Meu tio. Papai não era ligado em computadores

— acrescentou. Estendeu o braço e pegou a mão de Meredith. — Vamos?

A primeira coisa a lhe chamar a atenção, quando entraram na igreja, foi o quanto ela era pequena, como se tivesse sido construída em escala 1:75. Todas as perspectivas pareciam erradas.

Na parede da direita ficavam avisos escritos à mão, alguns em francês, outros num inglês macarrônico. Uma gravação de canto coral, uma espécie de cantochão medíocre, infiltrava-se por finos alto-falantes prateados, pendurados nos cantos.

— Eles sanearam o lugar — disse Hal em voz baixa. — Para contrabalançar todos os boatos sobre tesouros misteriosos e sociedades secretas, procuraram injetar em tudo uma mensagem católica. Como essa, por exemplo —e bateu numa das placas. — Olhe. *"Dans cette église, le trésor C'est vous"* Nesta igreja, o tesouro é você.

Mas Meredith estava fixada na pia de água benta logo à esquerda da porta. O *bénitier* equilibrava-se nos ombros da estátua de um demônio com cerca de um metro de altura. Rosto vermelho e malévolo, corpo retorcido, olhos azuis penetrantes e perturbadores. Ela já vira esse demônio. Ao menos uma imagem dele. Na mesa em Paris, quando Laura tinha exibido os arcanos maiores, no come-

ço da leitura.

Le Diable. Carta XV do Tarô Bousquet.

— Esse é Asmodeu — disse Hal. — O tradicional guardião do tesouro,

guardador de segredos e construtor do Templo de Salomão.

Meredith tocou no demônio de esgar grotesco, o que lhe trouxe aos dedos uma fria sensação de giz. Olhou para as mãos dele, em garras e retorcidas, e não pôde deixar de dar uma espiada para trás, pela porta aberta, para a estátua de Nossa Senhora de Lurdes, imóvel sobre o pilar.

Sacudiu de leve a cabeça e ergueu os olhos para o friso. Um quadro exibindo quatro anjos, cada um fazendo parte do sinal da cruz, e de novo as palavras de Constantino, só que dessa vez em francês. As cores estavam desbo-

tadas e lascadas, como se os anjos travassem uma batalha perdida.

Na base, dois basiliscos emolduravam um medalhão vermelho com as letras BS.

— As iniciais podem ser de Bérenger Saunière —disse Hal. — Ou de Boudet e Saunière, ou de La Blanque e La Salz, dois rios locais que se encontram num lago aqui perto, conhecido como *le bénitier.*

— Os dois padres se conheciam bem?

— Pelo que dizem os relatos, sim. Boudet foi men-tor de Saunière quando jovem. Nos primeiros tempos de sacerdócio do Boudet, quando ele passou uns meses na paróquia de Durban, aqui perto, também fez amizade com um terceiro padre, Antoine Gélis, que depois assumiu a paróquia de Coustaussa.

— Passei por lá ontem. Parecia em ruínas — disse Meredith.

— O castelo está. A aldeia é habitada, apesar de ser minúscula. Não mais que um punhado de casas. O Gélis morreu em circunstâncias meio estranhas. Assassinado no Dia de Todos os Santos de 1897.

— Nunca descobriram o responsável?

— Não, acho que não — disse Hal e parou diante de outra estátua de gesso. — Santo Antão, o Eremita. Um famoso santo egípcio do século III ou IV.

Essa informação tirou da cabeça de Meredith qualquer ideia sobre Gélis.

O Eremita. Outra carta dos arcanos maiores.

Eram esmagadores os indícios de que o Tarô Bousquet fora pintado naquela região. A minúscula igrejinha dedicada a Maria Madalena era prova disso. A única coisa que não estava clara para Meredith era onde se encaixava a Herdade do Cade nessa história.

E como é que isso se liga a minha família, se é que existe ligação?

Ela se obrigou a se concentrar no assunto em pauta. Não fazia sentido misturar tudo. E se o pai de Hal tivesse tido razão, ao sugerir que tudo em Rennes-le-Château tinha sido arquitetado justamente para desviar a atenção de sua aldeia-irmã, no vale mais abaixo? Havia nisso uma certa lógica, mas ela precisava saber mais coisas antes de se precipitar numa conclusão qualquer.

— Já viu o bastante? — perguntou Hal. — Ou quer ficar mais tempo por aqui?

Ainda pensando, Meredith abanou a cabeça.

— Já terminei.

Não falaram muito na caminhada de volta para o carro. O cascalho da trilha estalava alto sob seus pés, feito neve compactada. Esfriara desde a hora em que eles haviam entrado na igreja e havia no ar um cheiro forte de fogueiras. Hal abriu o carro e olhou para trás.

— Três corpos foram encontrados enterrados no terreno da Villa Béthania na década de 1950. Todos de homens entre trinta e quarenta anos, e todos mortos a tiros, embora pelo menos um dos corpos tivesse sido muito ferido por animais selvagens. O veredicto oficial foi que tinham sido mortos durante a guerra; os nazistas ocuparam uma parte desta região da França, e a Resistência foi muito atuante por aqui. Mas a convicção local é de que os corpos eram mais antigos, do fim do século XIX, e estariam ligados ao incêndio na Herdade do Cade e, possivelmente, também ao assassinato do pároco de Coustaussa.

Meredith fitou-o por cima do teto do carro.

— O incêndio foi intencionalmente provocado? Eu li que sim. Hal encolheu os ombros:

— A história local é meio vaga a esse respeito, mas há um consenso de que foi.

— Mas, se esses três homens estavam envolvidos, seja no incêndio, seja no assassinato, quem é que o povo acha que os matou?

Nesse momento tocou o celular de Hal. Ele levantou a aba do aparelho e viu o número. Seus olhos se agu-

çaram.

— Preciso atender a essa ligação — disse, cobrindo o bocal. — Desculpe. Por dentro, Meredith gemeu de frustração, mas não havia nada que pudesse fazer.

— É claro, vá em frente.

Entrou no carro e viu o rapaz afastar-se até um abeto próximo da Torre Magdala para falar.

Não existem coincidências. Tudo acontece por uma razão.

Apoiou a cabeça no encosto e repassou mentalmente tudo o que havia ocorrido, a sequência de acontecimentos desde o instante em que saltara do trem na Gare du Nord. Não, depois disso. Desde o momento em que pusera os pés nos degraus coloridos da escada que levava à salinha de Laura.

Tirou o caderno da bolsa e deu uma espiada nas anotações, à procura de respostas. A verdadeira pergunta era: qual das histórias ela estava perseguindo ali, qual das duas era o eco? Encontrava-se em Rennes-les-Bains para pesquisar a história de sua própria família. Será que as cartas combinavam com isso, de alguma forma? Ou será que a história era completamente diferente, sem relação com essa? Uma história de interesse acadêmico, mas sem nada a ver com ela própria. Haveria alguma ligação entre ela e a Herdade do Cade? Ou com os Vernier?

O que dissera Laura? Meredith folheou as anota-

ções de trás para a frente, até encontrar a que buscava:

“A linha do tempo é confusa. A sequência parece saltar para a frente e para trás, como se houvesse uma turvação dos acontecimentos. Coisas deslizando entre o passado e o presente.”

Olhou pela janela para Hal, que vinha voltando para o carro com o celular fechado na mão. A outra estava enfiada no bolso.

Onde ele se encaixa nisso tudo?

— Oi — disse-lhe, abrindo a porta. — Tudo bem?

Hal entrou.

— Desculpe, Meredith. Eu ia sugerir que fôssemos almoçar, mas surgiu um assunto que preciso resolver primeiro.

— Uma coisa boa, pelo jeito, não é?

— O comissariado de polícia que está cuidando do caso em Couiza finalmente concordou em me deixar ver o laudo sobre o acidente do meu pai. Faz semanas que venho pedindo isso, de modo que é um passo à frente.

— Que ótimo, Hal — comentou ela, torcendo para que fosse mesmo, e para que ele não se estivesse enchendo de esperanças à toa.

— Então, posso deixá-la no hotel, ou você pode ir comigo e depois acharemos um lugar onde comer. O único problema é que não sei quanto tempo vai demorar. Eles nem sempre andam depressa por aqui.

Por um momento, Meredith sentiu-se tentada a acompanha-lo. Para lhe dar apoio moral. Mas achou que era algo que ele precisava fazer sozinho. Além disso, ela precisava concentrar-se um pouco em suas próprias coisas, em vez de se deixar envolver nos problemas de Hal.

— Pode ser que você demore um pouco. Se não se importa em me deixar no hotel, no caminho, para mim está ótimo.

Ficou satisfeita ao ver a expressão dele relutar, mesmo por um instante.

— Provavelmente, é melhor eu ir sozinho, já que estão me fazendo um favor.

— Foi o que eu pensei — fez ela, afagando-lhe de leve a mão. Hal ligou o carro e deu marcha a ré.

— Então, que tal mais tarde? — perguntou, enquanto lidava com as dificuldades de manobrar pela rua estreita que saía de Rennes-le-Château. — Poderíamos encontrar-nos para um drinque. Ou até jantar, quem sabe?

Se você não tiver nenhum compromisso.

— É claro — sorriu ela, aparentando indiferença.

— Um jantar seria ótimo.

CAPÍTULO 49

Julian Lawrence estava parado à janela de seu gabinete na Herdade do Cade quando o sobrinho fez meia-volta com o carro e tornou a sair pela longa alameda.

Desviou a atenção para a mulher que acabara de descer, e que agora se despedia com um aceno. A americana, presumiu.

Balançou a cabeça com ar de aprovação. Benfeita de corpo, atlética, mas delicada, cabelo liso e preto caído nos ombros. Não seria uma grande provação passar um tempinho na companhia dela.

Em seguida, a moça se virou e ele pôde dar-lhe uma boa olhada. Reconheceu-a, embora não conseguisse situá-la. Vasculhou a memória, até a lembrança voltar. A vaca insolente do engarrafamento em Rennes-les-Bains, na noite anterior. O sotaque norte-americano.

Outro lampejo de paranoia o perpassou. Se a Srta.

Martin estava ali trabalhando com Hal, e se houvesse mencionado que vira Julian entrando de carro na cidade, seu sobrinho poderia legitimamente indagar onde ele estivera. Talvez percebesse que a desculpa dada por seu atraso não fazia sentido.

Esvaziou o copo e tomou repentinamente uma decisão. Atravessou o gabinete com três passadas, pegou o paletó pendurado atrás da porta e saiu para interceptar a moça no saguão.

Na volta de Rennes-le-Château, Meredith começara a se sentir empolgada. Até

então, o presente de Laura ti-

nha parecido um fardo. Agora, as cartas do tarô pareciam repletas de possibilidades intrigantes.

Esperou o carro de Hal desaparecer de vista, virou-se e caminhou para a escada da entrada principal do hotel.

Sentia-se nervosa, mas também entusiasmada. As mesmas sensações contraditórias que ela havia experimentado ao se sentar com Laura voltaram em cheio. Esperança versus ceticismo, a comichão da expectativa versus o medo de estar somando dois mais dois e chegando a cinco.

— Srta. Martin?

Apanhada de surpresa, Meredith virou-se em dire-

ção à voz e viu o tio de Hal atravessando o saguão a seu encontro. Ficou tensa, torcendo para que, após o diálogo mal-humorado entre os dois na noite anterior, em Rennes-les-Bains, ele não a reconhecesse. Mas afora o homem estava sorridente.

— Srta. Martin? — repetiu ele, estendendo a mão.

— Julian Lawrence. Queria apenas dar-lhe as boas-vindas à Herdade do Cade.

— Obrigada. Apertaram as mãos.

— E também queria... — interrompeu-se, encolhendo ligeiramente os ombros — ...também queria lhe pedir desculpas, se fui muito ríspido ontem à noite, na cidade. Se soubesse que a senhorita era amiga do meu sobrinho, é claro que eu teria me apresentado naquela hora.

Meredith enrubesceu.

— Não achei que fosse se lembrar de mim, Sr. Lawrence. Receio também ter sido muito indelicada.

— De modo algum. Como estou certo de que o Hal deve ter-lhe dito, ontem foi um dia muito difícil para todos nós. Sei que não é desculpa, mas...

Deixou o pedido de desculpas no ar.

Meredith notou que ele tinha o mesmo hábito de Hal de encarar a pessoa com um olhar firme, que parecia apagar todo o resto. E, apesar de ser uns trinta anos mais velho, tinha o mesmo tipo de carisma do sobrinho, um certo jeito de preencher o espaço. Ela se perguntou se o pai de Hal também teria sido assim.

— É claro. Sinto muito por sua perda, Sr. Lawrence.

— Julian, por favor. E obrigado. Foi um choque —acrescentou, com uma pausa. — Por falar no meu sobrinho, Srta. Martin, não imagino que saiba onde ele terá desaparecido, não é? Eu tinha a impressão de que vocês iam a Rennes-le-Château hoje de manhã, mas de que ele estaria aqui à tarde. E estava esperando ter uma palavrinha com ele.

— Fomos até lá, sim, mas ele recebeu um telefonema da delegacia de polícia e me deixou aqui antes de ir resolver umas coisas. Em Couiza, acho que foi o que me disse.

Sentiu um aguçamento do interesse do homem, embora sua expressão não se alterasse. No mesmo instante, arrependeu-se de ter deixado escapar a informação.

— Que tipo de coisas? — indagou Julian.

— Ele não me disse, realmente — veio a resposta apressada.

— Que pena, eu tinha a esperança de conversarmos — ele deu de ombros. — Mas não é nada que não possa esperar — e tornou a sorrir, embora, dessa vez, o sorriso não chegasse aos olhos. — Espero que esteja gostando de sua estada conosco. Tem tudo de que precisa?

— Está tudo ótimo — retrucou Meredith, com uma olhadela para a escada.

— Perdoe-me, eu a estou retendo.

— Há umas coisas que eu preciso...

— Ah, sim — fez Julian, balançando a cabeça. —

O Hal mencionou que a senhorita é escritora. Está aqui numa incumbência profissional?

Meredith sentiu-se imobilizada. Como que presa numa armadilha.

— Na verdade, não. Apenas fazendo uma pequena pesquisa.

— É mesmo? — disse ele, estendendo a mão. —

Nesse caso, não a retardarei mais.

Não querendo ser grosseira, Meredith aceitou-a.

Dessa vez, o contato com a pele dele trouxe-lhe uma sensação incômoda. Pessoal demais, talvez.

— Se vir o meu sobrinho antes que eu o encontre

— disse o homem, apertando-lhe a mão com uma força um tantinho excessiva —, por favor diga-lhe que estou à procura dele, sim?

— É claro.

Julian soltou-a. Virou-se e voltou a atravessar o saguão, sem olhar para trás.

Mensagem clara. O homem era confiante, seguro de si, controlado.

Meredith deixou escapar um longo suspiro por entre os lábios, tentando entender exatamente o que acabara de acontecer. Ficou olhando para o espaço vazio onde Julian estivera. Depois, com raiva de si mesma por tê-lo deixado afetá-la de novo, recompôs-se.

Tire isso da cabeça.

Olhou em volta. A recepcionista estava respondendo a uma pergunta e olhando para o outro lado. Pelo barulho que vinha do restaurante, ela calculou que a maioria dos hóspedes já estaria no salão almoçando. Perfeito para o que tinha em mente.

Atravessou depressa as lajotas pretas e vermelhas, contornou o piano, abaixando-se, estendeu a mão e tirou da parede a fotografia de Anatole e Léonie

Vernier e de Isolde Lascombe. Enfiou-a embaixo da jaqueta, fez meia-volta e subiu correndo os degraus, dois de cada vez.

Só quando se viu novamente no quarto, com a porta bem fechada, foi que sua respiração voltou ao normal.

Ela parou um instante, espremeu os olhos e deu uma espiada ao redor.

Alguma coisa no ar parecia diferente. Um odor estranho, muito sutil, mas ainda assim presente. Ela envolveu o corpo com os braços, lembrando-se do pesadelo.

Em seguida, abanou a cabeça. Não faça isso. As camareiras tinham entrado lá para fazer a cama. Depois, aquilo não se parecia em nada com o que ela havia sentido à noite.

Sonhado, corrigiu-se.

Foi só um sonho.

Veio então a sensação clara de haver mais alguém no quarto com ela. Uma presença, uma friagem no ar.

Aquele odor... Ora, era só...

Deu de ombros. Um polidor ou outro produto de limpeza, apenas isso. Nem era tão forte. Não realmente.

Mas ela não pôde deixar de franzir o nariz. Como o cheiro de água do mar estagnada na praia.

CAPÍTULO 50

Foi direto ao armário e apanhou o baralho de tarô, desdobrando os quatro cantos da seda preta como se as cartas dentro dela fossem de vidro.

A imagem inquietante da Torre estava em cima, com o cinza e o verde soturnos do fundo, assim como as árvores, todos mais vividos ali, na tarde nublada, do que lhe haviam parecido em Paris. Meredith fez uma pequena pausa, ao lhe ocorrer de repente que talvez a Justiça tivesse estado no alto da pilha, quando Laura lhe pusera o baralho na mão, mas deu de ombros. Era óbvio que não.

Abriu um espaço na escrivaninha e abaixou as cartas, depois tirou o caderno da bolsa, desejando ter tido tempo, na véspera, para transcrever da página para a tela as anotações feitas sobre a leitura do tarô.

Pensou um instante, tentando descobrir se, caso dispusesse as dez cartas que haviam saído na véspera, na paz e sossego de seus pensamentos, veria nelas mais alguma coisa. Resolveu que não. Estava menos interessada na leitura em si do que nos dados históricos que vinha reunindo sobre o Tarô Bousquet, e no modo como as cartas se encaixavam na história da Herdade do Cade, dos Vernier e da família Lascombe.

Procurou até encontrar no baralho todas as vinte e duas cartas dos arcanos maiores. Pondo as outras de lado, deitou-as em três fileiras, uma acima da outra, e colocou o Bobo no alto da fileira dele, como fizera Laura. Tocá-las trouxe-lhe uma sensação diferente. Na véspera, elas a ha-

viam deixado nervosa, como se assumisse um compromisso com alguma coisa pelo simples fato de manipulá-las. Mas nesse dia — e ela sabia que isso parecia idiotice

—, era como se as cartas fossem bem-intencionadas.

Tirou a foto emoldurada de baixo da jaqueta, colocou-a de pé na escrivaninha, à sua frente e estudou as figuras em preto e branco, cristalizadas no tempo. Em seguida, baixou os olhos para as imagens coloridas das cartas.

Por um momento, sua atenção pousou em Le Pagad, com seus olhos muito, muito azuis e o cabelo largo e negro, reunindo consigo todos os símbolos do tarô. Era uma imagem atraente, mas seria um homem confiável?

Voltou-lhe então a sensação de arrepio na nuca, que lhe desceu por toda a espinha ao se firmar uma nova ideia. Seria possível? Ela pôs o Mago de lado. Apanhou a carta I, Le Mat, e a levantou junto à fotografia emoldurada. Depois de colocá-las lado a lado, não teve dúvida de que o homem era “monsieur Vernier” redivivo. A mesma expressão afável e jovial, o corpo esguio, o bigode preto.

Depois, a Carta II, La Prêtresse. As feições etéreas, pálidas e distantes de “madame Lascombe”, embora num vestido de noite com decote cavado, e não nos trajes diur-nos formais da fotografia. Meredith tornou a baixar os olhos e viu

essas duas figuras pintadas juntas, sob a forma dos Enamorados, acorrentados aos pés do Diabo.

Por último, a carta VIII, La Force: “mademoiselle Léonie Vernier.”

Meredith se apanhou sorrindo. Sua ligação maior era com essa carta, quase como se conhecesse a adolescente. De certo modo, supôs, era porque Léonie lhe lembrava sua imagem mental de Lilly Debussy. Era mais jo-

vem, porém havia nela a mesma inocência ingênua, a mesma farta cabeleira cor de cobre, só que solta na carta do tarô e cascateando sobre os ombros, em vez de presa num estilo formal. Mais do que tudo, havia o mesmo jeito franco de fitar diretamente a lente.

Um vislumbre de compreensão marulhou sob a superfície da consciência de Meredith, mas escapou antes que ela pudesse captá-lo.

Voltou a atenção para as outras cartas dos arcanos maiores que haviam surgido no decorrer do dia: o Diabo, a Torre, o Eremita, o Imperador. Estudou-as uma a uma, porém com a sensação cada vez maior de que elas a afastavam de onde queria estar, em vez de fazê-la chegar mais perto.

Reclinou-se na cadeira. O assento antigo estalou.

Pôs as mãos atrás da cabeça e fechou os olhos.

O que é que não estou enxergando?

Deixou o pensamento vagar de volta à leitura do tarô. Deixou que as palavras de Laura a perpassassem, sem uma ordem específica, permitindo que os padrões emergissem.

Oitavas. Todos aqueles oitos.

Oito era o número da consecução, dos desfechos bem-sucedidos. Havia também uma mensagem explícita sobre interferências, obstáculos e conflitos. A Força e a Justiça, nos baralhos mais antigos, exibiam o número oito.

La Justice e Le Pagad tinham, ambos, o símbolo do infinito, como um oito deitado.

A música interligava tudo. Seus antecedentes familiares, o tarô Bousquet, os Vernier, a leitura das cartas em Paris, a partitura para piano. Meredith pegou o caderno e foi retrocedendo pelas paginas, até encontrar o nome que procurava, o do cartomante norte-americano que havia ligado o tarô à música. Ligou o laptop, tamborilando os dedos impacientes enquanto aguardava a conexão. Por fim, a caixa de buscas piscou na tela. Meredith digitou PAUL FOSTER CASE. Instantes depois, apareceu uma lista de sites.

Foi prontamente para a página da Wikipédia, que era minuciosa e direta. Norte-americano, Paul Foster Case interessara-se pelas cartas no começo da década de 1900, quando trabalhava em barcos a vapor, tocando piano e órgão no vaudeville. Trinta anos depois, em Los Angeles, havia criado uma organização para promover seu próprio sistema de tarô — os Construtores do Adito, conhecidos como B.O.T.A. Uma das características distintivas do B.O.T.A. era que Case havia divulgado publicamente sua filosofia, num contraste marcante com a maioria dos sistemas esotéricos da época, que se pautavam pelo sigilo absoluto e pela ideia de uma elite. O sistema também era interativo. Ao contrário de qualquer outro baralho, as cartas do B.O.T.A. eram em preto e branco, para que cada indivíduo pudesse colori-las, imprimir nelas sua própria marca. Isso, não menos que outras coisas, havia ajudado a introduzir o tarô na corrente dominante dos Estados Unidos.

Outra inovação de Case tinha sido a associação das notas musicais a alguns arcanos maiores. Todos, com exceção da carta XX, o Sol, e da IX, o Eremita — como se apenas essas duas imagens ficassem fora do curso habitual das coisas —, estavam ligados a uma nota específica.

Meredith olhou para a ilustração de um teclado, onde havia setas indicando qual carta combinava com qual nota.

A Torre, o Julgamento e o Imperador ligavam-se ao dó, ou C; o Diabo ligava-se ao lá, ou A; os Enamorados e a Força uniam-se ao ré, ou D; e o Mago e o Bobo, não numerado, tinham uma ligação com o mi, ou E.

C-A-D-E. *Herdade do Cade.*

Meredith contemplou a tela, como se esta tentasse pregar-lhe uma peça.

C-A-D-E: todas teclas brancas, todas associadas a certas cartas dos arcanos maiores que já haviam aparecido.

E, mais do que isso, Meredith percebeu outra liga-

ção que estivera o tempo todo embaixo do seu nariz. Pegou a folha da partitura musical que havia herdado: *Sepulcro 1891*. Conhecia a peça de trás para diante — os 44

compassos, a mudança do andamento na parte central —, cujo estilo e caráter sugeriam jardins oitocentistas e meninas de vestido branco. Ecos de Debussy, Erik Satie e Paul Dukas.

E construída em torno das notas lá, dó, ré e mi — A, C, D

e E.

Por um momento, Meredith esqueceu o que estava fazendo e imaginou seus dedos voando pelo teclado. Não havia nada além da música. A, C, D, E. E o último arpejo quebrado, o acorde final se extinguindo.

Tornou a se reclinar na cadeira. Tudo combinava, é claro.

Mas que diabo queria dizer, se é que tinha alguma significa-

ção?

Num instante, ela se viu de novo em Milwaukee, na turma adiantada das aulas de música da Srta. Bridge, no final do curso médio, repetindo sem parar o mesmo man-tra. Veio-lhe um sorriso aos lábios. “A oitava é composta de 12 tons cromáticos mais um.” Ela quase podia ouvir a voz da professora na cabeça. “O semitom e o tom são os elementos constitutivos da escala diatônica. Há oito tons na escala diatônica, cinco na pentatônica. O primeiro, terceiro e quinto tons da escala diatônica são os componen-tes básicos dos acordes fundamentais, a fórmula da perfei-

ção, da beleza.”

Meredith deixou as lembranças fluírem e guiarem seu pensamento. Música e matemática, buscando as liga-

ções, não as coincidências. Digitou FIBONACCI na página de busca. Observou as novas palavras surgirem à sua frente. Em 1202, Leonardo de Pisa, conhecido

como Fibonacci, desenvolveu uma teoria matemática em que os números formavam uma sequência. Uma vez dados dois valores iniciais, cada número seguinte era a soma dos dois anteriores.

0, 1, 1, 2, 3, 5, 8, 13, 21, 34, 55, 89, 144, 233, 377.

Dizia-se que a relação entre os pares de números consecutivos aproximava-se da proporção áurea, do justo meio-termo.

Na música, às vezes o princípio de Fibonacci era usado para determinar a afinação. Seus números também apareciam em elementos naturais, como a ramificação das árvores, a curvatura das ondas, a estrutura de uma pinha.

Nos girassóis, por exemplo, havia sempre 89 sementes.

Eu me lembro.

Debussy havia flertado com a sequência de Fibonacci em seu grande poema tonai orquestral, *La Mer.* Uma das maravilhosas contradições de Debussy era que, apesar de ser visto como um compositor primordialmente interessado no timbre e na cor, algumas de suas obras mais populares eram construídas, na verdade, em torno de modelos matemáticos. Ou melhor, podiam ser divididas em partes que refletiam a proporção áurea, frequentemente usando os números da sequência típica de Fibonacci. Assim, o primeiro movimento de *La Mer* tinha 55 compassos

— um número de Fibonacci — e se decompunha em cinco divisões de 21, 8, 8, 5 e 13 compassos, todos também números de Fibonacci.

Meredith obrigou-se a ir mais devagar. A pôr as ideias em ordem.

Voltou à página da rede referente a Paul Foster Case. Três das quatro notas ligadas ao nome da Herdade —c, A e E, ou dó, lá e mi — eram números de Fibonacci: o Bobo era 0, o Mago era I e a Força era VIII.

Apenas o ré — D — a carta VI, dos enamorados, não era um desses números.

Meredith correu os dedos pelo cabelo. Será que isso significava que ela havia entendido mal, ou seria a exce-

ção que confirmava a regra?

Tamborilou na escrivaninha enquanto procurava entender. Os Enamorados se enquadravam na sequência quando apareciam como indivíduos, em vez de um par: Le Mat era zero, a Sacerdotisa era a carta II. E zero e dois eram ambos números de Fibonacci, ainda que o seis não o fosse.

Mesmo assim...

Ainda que essas ligações fossem válidas, como poderia haver um elo entre o Tarô Bousquet, a Herdade do Cade e Paul Foster Case? Os dados não funcionavam.

Case havia criado a B.O.T.A. na década de 1930, e nos Estados Unidos, não na Europa. O Tarô Bousquet remontava à década de 1890, e os arcanos menores deviam ser ainda mais antigos. Não havia possibilidade de ele se basear no sistema de Case.

E se eu invertesse tudo?

Meredith pensou com mais atenção. E se Case tivesse ouvido falar da associação do tarô com a música e depois a houvesse aprimorado, para criar seu sistema? E

se houvesse tomado conhecimento do Tarô Bousquet, ou, quem sabe, da própria Herdade do Cade? Seria possível que as ideias tivessem passado não dos Estados Unidos para a França, mas o inverso?

Ela tirou da bolsa o envelope surrado e pegou a fotografia do rapaz de uniforme de soldado. Como podia ter sido tão cega? Vira que a figura de Le Mat era Anatole Vernier, mas não tinha levado a sério a semelhança evidente entre Vernier e seu soldado? E também a semelhan-

ça familiar com Léonie? Os cílios longos e escuros, a testa larga, o mesmo jeito de olhar diretamente para a lente da máquina fotográfica.

Tornou a contemplar o retrato. As datas conferiam.

O rapaz de uniforme de soldado poderia ser um irmão caçula, um primo. Ou até um filho.

E, através dele e ao longo das gerações, chegando a mim.

Meredith teve a sensação de que um grande peso lhe fora tirado do peito. O peso de não saber, como dissera Hal, desmanchando-se e ruindo, à medida que ela se aproximava lentamente da verdade. No mesmo instante, porém, a voz da cautela em sua cabeça entrou em ação, alertando-a a não ver o que queria ver, em vez do que era real.

Verifique. Os dados estão aí. Teste-os.

Com os dedos voando pelo teclado, na ânsia de descobrir tudo, de descobrir qualquer coisa, ela teclou a palavra VERNIER no site de busca. Não obteve nada que prestasse. E contemplou a tela, incrédula.

Tem que haver alguma coisa!

Tentou de novo, acrescentando Bousquet e Rennes-les-Bains. Dessa vez, conseguiu alguns sites que vendiam baralhos de tarô e uns dois parágrafos sobre o da editora Bousquet, porém nada além do que já havia descoberto.

Recostou-se na cadeira. A maneira óbvia de prosseguir era registrar-se em sites de busca de familiares nessa parte da França, para ver se assim conseguiria encontrar o caminho de volta ao passado, ainda que levasse algum tempo. Mas talvez Mary pudesse dar uma ajuda do lado de lá.

Com dedos impacientes, ela despachou um e-mail rápido para Mary, pedindo-lhe que verificasse o sobrenome Vernier nos websites locais de história em Milwaukee, assim como em registros eleitorais, ciente de que, se o soldado fosse filho de Léonie, e não de Anatole, mesmo assim ela poderia não estar com o sobrenome certo. Pensando melhor, acrescentou também o sobrenome Lascombe, depois se despediu com uma longa linha de beijos.

Tocou o telefone ao lado da cama.

Por um instante, Meredith apenas o fitou, como se não conseguisse entender o que ouvia. A campainha voltou a soar. Ela atendeu.

— Alô?

— Meredith? É o Hal.

Ela notou de estalo que as coisas não iam muito bem.

— Você está legal?

— Só ligando para avisar que já voltei.

— E como foi lá? Uma pausa, e depois:

— Eu lhe conto quando nos encontrarmos. Vou esperar no bar. Não quero arrancá-la do seu trabalho.

Meredith deu uma espiada no relógio e se admirou ao ver que já eram seis e quinze. Olhou para a confusão caótica de cartas, sites assinalados na internet, fotografias espalhadas na escrivaninha, tudo prova de seu trabalho vespertino. Sua cabeça parecia prestes a explodir. Ela havia descoberto muita coisa, mas ainda se sentia no escuro.

Não queria parar, mas reconheceu que seu cérebro tinha chegado ao ponto de fusão. Lembrou-se de todas aquelas noites dos tempos de curso médio em que Mary entrava em seu quarto, dava-lhe um beijo no alto da cabe-

ça e lhe dizia que era hora de fazer um intervalo. Dizia que tudo ficaria mais claro depois de uma boa noite de sono.

Sorriu. Em geral — sempre —, Mary tinha razão.

Ela não conseguiria fazer muito mais nessa noite.

Além disso, Hal estava com jeito de quem precisava de companhia. Mary também aprovaria isso. Pôr os vivos à frente dos mortos.

— Na verdade, agora é uma boa hora para eu parar.

— É mesmo?

O alívio nessas duas palavrinhas a fez sorrir.

— É mesmo.

— Tem certeza de que não estou interrompendo nada?

— Tenho. Vou acabar aqui e desço em dez minutos.

Trocou de roupa, vestindo uma blusa branca limpa e sua saia preta favorita, nada muito sofisticado, e foi até o banheiro. Passou um pouco de pó no rosto, umas duas pinceladas de rímel e pôs um batonzinho, depois escovou o cabelo e o prendeu num nó.

Estava calçando as botas, pronta para descer, quando o laptop apitou, para avisar que havia correspondência.

Foi para a caixa de entrada e clicou na mensagem de Mary. Com apenas duas linhas, o e-mail continha um nome, datas, um endereço e a promessa da mãe de escrever de novo, assim que tivesse algo mais a dizer.

Um sorriso estampou-se em seu rosto.

Descobri.

Apanhou a fotografia, que já não era de um soldado desconhecido. Ainda havia mais coisas para ajustar, mas estava quase lá. Enfiou o retrato na moldura da fotografia, que era o seu lugar. A família reunida. Sua família.

Ainda de pé, debruçou-se e clicou na resposta.

“Você é absolutamente incrível”, digitou. “Todas as informações adicionais recebidas, obrigada! Amo você.”

Apertou a tecla para enviar. Depois, ainda sorrindo, desceu ao encontro de Hal.



PARTE VII

Carcassonne

Setembro-outubro de 1891



CAPÍTULO 51

DOMINGO, 27 DE SETEMBRO DE 1891

Na manhã seguinte ao jantar, Léonie, Anatole e Isolde acordaram tarde. A noite fora um grande sucesso, todos concordaram. Os aposentos e corredores espaçosos da Herdade do Cade, silenciosos por tanto tempo, tinham sido restituídos à vida. Os criados assobiavam no corredor de serviço. Pascal sorria ao cuidar de suas tarefas. Marieta saltitava de leve pelo saguão, com um sorriso no rosto.

Apenas Léonie sentia-se indisposta. Estava com uma dor de cabeça feroz e com calafrios, acarretados pela quantidade inusitada de vinho que havia consumido e pelas repercussões das confidencias de monsieur Baillard.

Passou boa parte da manhã deitada na *chaise longue*, com uma compressa fria na cabeça. Quando se sentiu suficientemente recuperada para comer algumas torradas e tomar um caldo de carne no almoço, descobriu-se vítima da espécie de mal-estar que inevitavelmente acompanha o término de um grande evento. O jantar havia ocupado sua mente por tanto tempo, que agora era como se não houvesse mais nada por que esperar.

Entrementes, viu Isolde mover-se de um cômodo para outro, com a calma e o jeito pausado que lhe eram costumeiros, mas como se tivesse tirado um fardo dos ombros. A expressão de seu rosto sugeria que, talvez pela primeira vez, agora ela se sentia a castelã da Herdade do Cade. Sentia-se dona da casa, e não pertencente a ela. A-

natole também assobiou ao passar do saguão para a biblioteca, da sala de estar

para o terraço, com o ar de um homem com o mundo a seus pés.

Depois, à tarde, Léonie aceitou o convite de Isolde para dar um passeio pelos jardins. Precisava desanuviar a cabeça e, já ligeiramente melhor, ficou contente com a oportunidade de esticar as pernas. O ar estava sereno e cálido, e o sol da tarde foi delicado com seu rosto. Em pouco tempo,ela se sentiu refeita e bem humorada.

Tiveram uma conversa agradável sobre os assuntos de praxe, enquanto Isolde a conduzia ao lago. Música, livros, as últimas novidades da moda.

— Bem, e agora? — perguntou Isolde. — Como faremos para ocupar o seu tempo enquanto você estiver aqui? O Anatole me disse que você se interessa pela história e arqueologia locais, é verdade? Há várias viagens excelentes. As ruínas do castelo de Coustaussa, por exemplo?

— Eu gostaria de ir lá.

— E, é claro, a leitura. O Anatole vive dizendo que você tem pelos livros a sede que outras mulheres têm por joias e roupas.

Léonie enrubesceu.

— Ele acha que leio demais, mas é só porque não lê o bastante! Ele sabe tudo sobre os livros como objetos, mas não se interessa pelas histórias encontradas nas páginas.

Isolde riu.

— O que talvez seja, é claro, a razão de ele ter sido obrigado a resistir a fazer os exames do bacharelado, não é?

Léonie lançou-lhe um olhar rápido.

— Ele lhe contou isso?

— E claro que não, não — Isolde apressou-se a dizer. — Qual é o homem que se gaba de seus fracassos?

— Então...

— Apesar da falta de intimidade entre meu falecido marido e sua mãe, o Jules gostava de se manter a par do que acontecia na educação e na formação do sobrinho.

Léonie olhou de novo para a tia, com interesse. Sua mãe havia deixado muito claro que a comunicação entre ela e seu meio-irmão era mínima. A adolescente esteve a ponto de pressionar Isolde um pouco mais, porém a tia voltou a falar e o momento se perdeu.

— Já mencionei que fiz recentemente uma assinatura na Société Musicale et la Lyre, em Carcassonne, embora ainda não tenha conseguido comparecer a nenhum concerto? Sei que, para você, pode se tornar muito maçante ficar confinada aqui no interior, tão longe de qualquer diversão.

— Estou perfeitamente satisfeita. Isolde sorriu, agradecida:

— Serei forçada a fazer uma viagem a Carcassonne, em algum momento das próximas semanas, e assim achei que poderíamos transformar isso num passeio. Passar alguns dias na cidade. Que tal seria?

Os olhos de Léonie se arregalaram, encantados.

— Seria maravilhoso, titia. Quando?

— Estou aguardando uma carta dos advogados de meu falecido marido. Uma consulta jurídica. Tão logo eu receba notícias, tomaremos as providências para a viagem.

— O Anatole também?

— É claro — respondeu Isolde com um sorriso.

— Ele me disse que você gostaria de ver um pouco da Cité medieval restaurada. Dizem que ela parece inalterada, como era no século XIII. É realmente admirável o que eles conseguiram. Até uns cinquenta anos atrás, ela estava em ruínas. Graças ao trabalho de monsieur Viollet-le-Duc e daqueles que o executam, quase todos os bairros miseráveis foram retirados. Hoje em dia, os turistas podem visitá-la com segurança.

As duas haviam chegado ao fim da alameda. Seguiram para o lago, depois em

direção a um pequeno promontório ensombrecido, que proporcionava uma vista maravilhosa da água.

— E então, agora que nos conhecemos melhor, você se importaria por eu lhe fazer uma pergunta de cunho bastante pessoal? — perguntou Isolde.

— Bem, não — respondeu Léonie, com cautela —, embora eu imagine que isso dependeria da natureza da pergunta.

Isolde riu.

— Eu só estava pensando se você teria algum admirador. Léonie enrubesceu:

— Eu...

— Desculpe-me, será que estou abusando da nossa amizade?

— Não — apressou-se a dizer a adolescente, que não queria parecer atrapalhada nem ingênua, embora, na verdade, todas as suas ideias de amor romântico tivessem sido adquiridas em páginas de livros. — De modo algum.

É só que a senhora... a senhora me pegou desprevenida.

Isolde virou-se para ela:

— Bem, e então? Existe alguém?

Para sua surpresa, Léonie sentiu uma pitada momentânea de pesar por não haver ninguém. Ela havia sonhado, sim, mas com personagens que conhecera nas pá-

ginas dos livros, ou com heróis vislumbrados no palco, cantando o amor e a honra. Até então, porém, suas fantasias não verbalizadas nunca se haviam ligado a uma pessoa viva, de carne e osso.

— Não me interesso por essas coisas — disse, em tom firme. — Aliás, na minha opinião, o casamento é uma forma de servidão.

Isolde escondeu o sorriso.

— Antigamente, pode ser, mas nos tempos atuais?

Você é jovem. Todas as moças sonham com o amor.

— Eu, não. Vi a mamãe...

Interrompeu-se, rememorando as cenas, as lágrimas, os dias em que não houvera dinheiro para por comida na mesa, a procissão de homens entrando e saindo.

A expressão serena de Isolde toldou-se de repente:

— A situação da Marguerite foi difícil. Ela fez o possível para tornar as coisas confortáveis para você e Anatole. Você deve procurar não julgá-la com severidade.

Léonie sentiu uma onda de raiva.

— Eu não a julgo — retrucou com rispidez, mor-dida com a repreensão. — Só... só não quero aquele tipo de vida para mim.

— O amor, o amor verdadeiro, é uma coisa preciosa, Léonie. É sofrido, incômodo, leva-nos todos a fazer papel de bobos, mas é o que instila significado, cor e objetivo em nossa vida — disse Isolde, e fez uma pausa. — O

amor é a única coisa que eleva nossa experiência comum ao nível do extraordinário.

Léonie voltou os olhos para ela e tornou a baixá-los para os pés.

— Não foi só a mamãe que me fez desviar o rosto do amor. Vi como foi doloroso o sofrimento do Anatole.

Suponho que isso afeta a minha maneira de ver as coisas.

Isolde virou-se e Léonie sentiu toda a força de seus olhos cinzentos pousados nela, e não pôde encará-los.

— Houve uma moça que ele amou muito — con-

tinuou, em voz baixa. — Ela morreu. Em março último.

Não sei exatamente o que causou sua morte, apenas que as circunstâncias foram aflitivas — acrescentou. Engoliu em seco, olhou de relance para a tia e desviou o

rosto. —

Durante meses, depois disso, ficamos temerosas por ele.

Seu ânimo ficou abatido, os nervos, dilacerados, a ponto de ele se refugiar em toda sorte de... de maus hábitos. Passava noites inteiras fora e...

Isolde apertou o braço de Léonie contra o peito.

— A constituição do homem é capaz de lidar com formas de relaxamento que nos parecem pérfidas. Você não deve tomar essas coisas como indicação de um mal-estar mais profundo.

— A senhora não o viu! — exclamou a jovem, em tom veemente. — Ele se perdeu de si mesmo.

De mim.

— Sua afeição por seu irmão é muito louvável, Léonie, mas talvez seja hora de você se preocupar menos com ele. Qualquer que tenha sido a situação, agora ele parece bastante animado. Não concorda?

Com relutância, ela balançou a cabeça.

— Admito que ele melhorou muito na primavera.

— Então! Portanto, agora é hora de você pensar mais em suas próprias necessidades e menos nas dele. Você aceitou meu convite por estar necessitada de repouso, você mesma. Não foi?

Léonie fez que sim

— Pois, agora que está aqui, deve pensar em si. O

Anatole está em boas mãos.

Léonie pensou na saída desabalada de Paris, em sua promessa de ajudar o irmão, na sensação de ameaça que ia e vinha, na cicatriz na sobrancelha, como um lembrete do perigo que ele havia enfrentado e, num instante, sentiu que um fardo lhe era retirado dos ombros.

— Ele está em boas mãos — Isolde repetiu com firmeza. — E você também.

Tinham chegado ao lado oposto do lago. Era sereno e verde, bastante isolado, mas plenamente visível da casa. Os únicos sons audíveis eram o estalar dos gravetos sob os pés ou o alvoroço ocasional de um coelho na vegetação rasteira, mais atrás. Bem acima da copa das árvores, o grasnar de corvos distantes.

Isolde conduziu Léonie a um banco curvo de pedra, instalado na elevação do terreno. Tinha o formato de uma lua crescente e as bordas alisadas pelo tempo. Ela se sentou e deu um tapinha no banco, convidando a sobrinha a fazer o mesmo.

— Logo depois da morte de meu marido, nos primeiros dias, eu vinha com frequência a este lugar — disse.

— Considero-o extremamente repousante.

Tirou o chapéu branco de aba larga e o colocou a seu lado no banco. Léonie fez o mesmo, e também descalçou as luvas. Olhou de relance para a tia, cujo cabelo dourado parecia reluzir, sentada perfeitamente ereta, como sempre, com as mãos descansando suavemente no colo e o bico das botas despontando, muito composto, da bainha da saia de algodão azul-clara.

— Não era muito... muito solitário ficar sozinha aqui? — perguntou Léonie.

Isolde fez que sim.

— Passamos apenas alguns anos casados. Jules era um homem de hábitos e costumes rígidos e, bem, durante boa parte do tempo, não residíamos aqui. Não eu, pelo menos.

— Mas agora a senhora está feliz aqui?

— Acostumei-me com o lugar — disse ela, baixinho.

Toda a curiosidade anterior de Léonie a respeito da tia, que recuara um pouco para o segundo plano durante a agitação dos preparativos para o jantar, voltou numa en-xurrada. Mil perguntas lhe saltaram à mente, inclusive por que, se Isolde não se sentia inteiramente à vontade na Herdade do Cade, optava por permanecer ali.

— Tem tanta saudade assim do tio Jules?

No alto, as folhas balançavam ao vento, cochi-chando, murmurando, bisbilhotando. Isolde deu um suspiro.

— Ele era um homem atencioso — respon-

deu,com cuidado. — E um marido generoso e gentil.

Os olhos de Léonie se estreitaram.

— Mas as suas palavras sobre o amor...

— Nem sempre se pode casar com a pessoa amada

— cortou Isolde.

— As circunstâncias, a oportunidade, a necessidade, tudo isso entra em jogo.

Léonie continuou insistindo.

— Estive pensando em como a senhora e ele se conheceram. Eu tinha a impressão de que meu tio raramente deixava a Herdade do Cade, e por isso...

— É verdade que o Jules não gostava de viajar para longe. Tinha tudo o que desejava aqui. Mantinha-se bastante ocupado com seus livros e levava a sério as responsabilidades com a administração da propriedade. Mas tinha o costume de visitar Paris uma vez por ano, como fazia quando o pai ainda era vivo.

— E foi numa dessas viagens que vocês foram apresentados?

— Foi.

A atenção de Léonie foi despertada não pelas palavras da tia, mas por seus gestos. Sua mão havia corrido para o pescoço, que, nesse dia, estava coberto por uma delicada gola alta de renda, apesar da temperatura amena.

Léonie se deu conta de como esse gesto era habitual. E

Isolde havia empalidecido bastante, como que relembrando uma experiência desagradável que preferiria esquecer.

— Quer dizer que a senhora não sente muita saudade dele? — insistiu. Isolde abriu um de seus sorrisos lentos e enigmáticos.

Dessa vez, a jovem não teve dúvida. O homem de quem a tia havia falado com tanta ânsia, com tanta ternura, não fora seu marido.

Deu-lhe uma olhadela de relance, tentando reunir coragem para levar adiante a conversa. Estava ansiosa por saber mais coisas, porém, ao mesmo tempo, não queria ser impertinente. Apesar de todas as confidências que Isolde parecia ter feito, a verdade é que pouco havia explicado a história do namoro e do casamento. Além disso, em vários momentos durante a conversa, Léonie havia desconfiado que a tia estava prestes a tocar em outro assunto, em algo não dito entre elas, embora não fizesse ideia do que poderia ser.

— Vamos voltar para casa? — sugeriu Isolde, interrompendo suas reflexões. — O Anatole deve estar-se perguntando aonde fomos.

Levantou-se. Léonie pegou o chapéu e as luvas e fez o mesmo.

— Então, a senhora acha que vai continuar morando aqui, tia Isolde?

— indagou, enquanto desciam do promontório e voltavam para a alameda.

Isolde esperou um momento antes de responder.

— Vamos ver. Apesar de toda a sua incontestável beleza, este lugar é inquietante.



CAPÍTULO 52

CARCASSONNE

SEGUNDA-FEIRA, 28 DE SETEMBRO

O carregador abriu a porta do vagão da primeira classe e Victor Constant saltou na plataforma da estação de Carcassonne.

Un, deux, trois, loup. Como na brincadeira dos passos da vovó. Chegando para

pegar o outro, esteja ele ou não preparado.

O vento estava feroz. De acordo com o carregador, havia uma previsão de que a região sofreria a pior série de tempestades de outono em muitos anos. Esperava-se que outra delas, prevista como ainda mais devastadora que as anteriores, atingisse Carcassonne já na semana seguinte, talvez.

Constant olhou em volta. Acima dos trilhos da ferrovia, as árvores se vergavam e se agitavam como cavalos indomados. O céu estava cinza-chumbo. Nuvens negras e ameaçadoras deslizavam sobre os telhados das construções.

— Isso é só a abertura — disse, e sorriu da própria piada.

Olhou para a plataforma, onde seu criado havia desembarcado com a bagagem. Em silêncio, os dois percorreram o pátio da estação e Constant aguardou enquanto o criado arranjava um fiacre. Observou com pouco interesse os balseiros do Canal du Midi atarem suas *péniches* em amarras duplas, ou até na base das limeiras que ladeavam a margem. A água batia nos taludes de tijolos. No quiosque que vendia jornais, a manchete do *Dépêche de Toulouse*, o diário local, falava de uma tempestade que se abateria nessa mesma noite, e havia coisa pior por vir.

Constant alugou acomodações numa ruazinha estreita da Bastide Saint-Louis, a cidade baixa construída no século XIX. Depois, encarregando o criado de iniciar o tedioso processo de visitar cada hospedaria, cada hotel e cada casa com quartos para alugar, a fim de exibir o retrato de Marguerite, Anatole e Léonie Vernier furtado do apartamento da rue de Berlin, partiu imediatamente a pé para a cidade velha, a vila medieval fortificada situada na margem oposta do rio Aude.

Apesar de execrar Vernier, Constant não pôde deixar de admirar a eficiência com que ele havia encoberto seu rastro. Ao mesmo tempo, torcia para que seu evidente sucesso em desaparecer pudesse levá-lo a se tornar arrogante, tolo. O conde dera uma bela soma ao porteiro da rue de Berlin para que interceptasse qualquer comunicação de Carcassonne endereçada ao apartamento, contando com o fato de que a necessidade de Vernier continuar in-descoberto devia significar que ele ainda

não soubera da morte da mãe. A ideia de como a rede se vinha fechando em Paris, enquanto o rapaz permanecia na ignorância, deu-lhe imenso prazer.

Ele atravessou para o lado oposto pela Ponte Velha. Lá embaixo, o Aude batia suas águas negras e revoltas contra as margens encharcadas e corria célere sobre pedras achatadas e uma abundância de algas fluviais. O nível da água estava muito elevado. Constant ajeitou as luvas, na tentativa de aliviar o desconforto das bolhas sensíveis entre o segundo e o terceiro dedos da mão esquerda.

Carcassonne tinha mudado muito, desde a última vez em que ele pusera os pés na cidade fortificada. Apesar do tempo inclemente, artistas e homens com cartazes pendurados no corpo distribuíam brochuras turísticas em cada esquina, ao que parecia. Ele examinou superficial-mente o folheto aparatoso, correndo os olhos impiedosos pelos anúncios de sabonetes de Marselha e do La Micheline, um licor local, além de bicicletas e pensões. O texto era uma mistura de autoenaltecimento cívico e história reescrita. Constant amassou o papel barato no punho enluvado e o jogou no chão.

Odiava Carcassonne e tinha boas razões para isso.

Trinta anos antes, seu tio o levara aos bairros miseráveis de La Cité. Ele havia caminhado entre as ruínas e visto os *citadins* imundos que viviam dentro de suas muralhas decrépitas. Mais tarde, no mesmo dia, cheio de aguardente de ameixa e ópio, num quarto com cortinas de damasco acima de um bar na Place d'Armes, ele tivera sua primeira experiência com uma meretriz, por cortesia do tio.

Esse mesmo tio achava-se agora confinado em Lamalou-les-Bains, contaminado por uma ou outra imbe-cil, uma *connasse* qualquer, sifilítico e louco, acreditando que seu cérebro estava sendo sugado pelo nariz. Constant não o visitava. Não tinha o menor desejo de ver como a doença, com o tempo, poderia agir sobre ele mesmo.

Essa moça fora a primeira que ele havia matado.

Não tinha sido intencional e o incidente o chocara, não porque ele houvesse tirado uma vida, mas por ter sido tão fácil fazê-lo. A mão na garganta, a excitação de ver o medo nos olhos da garota, quando ela se dera conta de que a violência da cópula era apenas a precursora de uma posse mais absoluta.

Não fossem os bolsos recheados e as ligações do tio na prefeitura, Constant não

teria tido nada a esperar senão as galés ou a guilhotina. No caso, ambos haviam partido, céleres e sem cerimônia.

Essa experiência lhe ensinara muito, inclusive que o dinheiro era capaz de reescrever a história, corrigir o final de qualquer acontecimento. Não existiam "latos" quando havia ouro envolvido. Constant aprendera bem a lição.

Passara a vida inteira deixando amigos e inimigos com-prometidos com ele, mediante uma combinação de obrigação, dívidas e, quando isso falhava, medo. Somente alguns anos depois é que havia compreendido que todas as lições tinham um preço. A garota se vingara, afinal.

Transmitira-lhe a doença que vinha sugando penosamente a vida de seu tio e faria o mesmo com a dele. Ela estava fora do seu alcance, embaixo da terra fazia muitos anos, mas Constant havia castigado outras em seu lugar.

Ao descer da ponte, tornou a pensar no prazer da morte de Marguerite Vernier. Sentiu-se perpassar por uma onda de calor. Ao menos por um instante fugaz, ela havia obliterado a lembrança sofrida pelo conde nas mãos de seu filho. E persistia o fato de que, mesmo depois de tantas lhe haverem passado pelas mãos depravadas, a experi-

ência era ainda mais prazerosa quando a mulher era bonita. Fazia o jogo valer a pena.

Mais estimulado do que desejava pela lembrança das horas passadas com Marguerite na rue de Berlin, ele afrouxou o colarinho. Chegava quase a sentir o cheiro da mistura inebriante de sangue e medo, o odor inconfundível daquelas aventuras. Cerrou os punhos, rememorando a sensação deliciosa da resistência dela, o repuxar e esticar de sua pele contrariada.

Com a respiração acelerada, chegou às pedras toscas do calçamento da rue Trivalle e esperou um instante, até recobrar o autocontrole. Deu uma olhadela superficial no cenário à sua frente. As centenas, os milhares de francos gastos na restauração da cidade fortificada do século XIII não pareciam haver afetado a vida das pessoas do *quartier* Trivalle, que continuava empobrecido e dilapidado como há trinta anos. Crianças descalças e com a cabeça descoberta sentavam-se diante de portas imundas. As paredes de tijolo e pedra estufavam-se, como que empurradas pela larga mão do tempo. Uma mendiga embrulhada em cobertas imundas, de olhos mortiços e cegos, estendeu a mão sórdida à passagem dele.

Constant não lhe deu atenção.

Atravessou a Place Saint-Gimer, em frente à nova e feia igreja de monsieur Viollet-le-Duc. Um bando de cães e crianças ladrava em seus calcanhares, pedinchando moedas e oferecendo seus serviços como guias ou garotos de recado. Constant não fez caso deles, até que um garoto se arriscou a chegar perto demais. O conde desferiu-lhe um golpe com o cabo metálico da bengala, abrindo-lhe um corte na face, e a chusma de moleques de rua afastou-se.

Chegou a um beco estreito a esquerda, pouco mais do que uma viela, que levava à base dos taludes da cidade fortificada. Foi subindo a rua emporcalhada e escorregadia, cuja superfície era revestida por uma camada de lama cor de pão de mel. Detritos, destroços descartados de vidas miseráveis, cobriam a rua. Embalagens de papel, fezes de animais, legumes estragados, putrefeitos demais para serem comidos até mesmo pelos cães sarnentos. Constant se deu conta de que olhos escuros e invisíveis o observavam por trás das tabuazinhas das venezianas.

Parou diante de uma casa minúscula, à sombra da muralha, e bateu forte na porta com a bengala. Para encontrar Vernier e sua vagabunda, precisaria dos serviços do homem que morava ali dentro. Sabia ser paciente. Estava disposto a esperar o tempo que fosse, depois de comprovar a contento que os Vernier estavam na região.

Abriu-se um postigo de madeira.

Dois olhos injetados se arregalaram, primeiro de susto, depois de pavor. O postigo fechou-se com força.

Em seguida, após o deslizar de um trinco e o giro penoso da chave na fechadura, a porta abriu-se.

Constant entrou.



CAPÍTULO 53

HERDADE DO CADE

O mês tempestuoso e instável de setembro deu lugar a um outubro ameno e suave.

Fazia apenas umas duas semanas desde que Léonie deixara Paris, mas já lhe era difícil recordar a rotina dos dias em casa. Para sua surpresa, ela percebeu que não sentia falta de coisa alguma de sua vida anterior. Nem das paisagens nem das ruas, nem da companhia da mãe ou dos vizinhos.

Isolde e Anatole pareciam haver sofrido uma espécie de transformação permanente desde a noite do jantar.

Os olhos dela já não ficavam toldados de angústia e, embora ela se cansasse com facilidade e muitas vezes passasse as manhãs no quarto, sua fisionomia estava radiante.

Com o sucesso da recepção e a calorosa autenticidade das cartas de agradecimento, era evidente que Rennes-les-Bains estava disposta a acolher em sua sociedade a viúva de Jules Lascombe.

Durante essas semanas tranquilas, Léonie passou a maior parte possível do tempo ao ar livre, explorando cada centímetro da propriedade, embora evitasse a trilha abandonada que levava ao sepulcro. A combinação do sol com as primeiras chuvas outonais havia pintado o mundo em cores luminosas. Vermelhos vivos, o verde da vegeta-

ção perenifólia, a dourada parte inferior de galhos e ramos, o carmesim das faias acobreadas e o amarelo-gema dos codessos em floração tardia. O canto dos pássaros, o ladrar de um cão solitário que o vento trazia do vale, o farfalhar da vegetação quando um coelho corria para se abrigar, os saltos das botas tirando pedrinhas e gravetos do lugar, o coro crescente de cigarras vibrando nas árvores, tudo isso fazia da Herdade do Cade um lugar espeta-cular. À medida que o tempo aumentava a distância entre as sombras percebidas naquela primeira tarde e friagem do sepulcro, Léonie sentia-se absolutamente à vontade. Já nem conseguia compreender que sua mãe, quando crian-

ça, tivesse sentido algo inquietante nas terras e na casa. Ou assim dizia a si mesma. Era um local de grande tranquilidade.

Seus dias acomodaram-se numa rotina simples.

Quase todas as manhãs, ela pintava um pouco. Havia pretendido embarcar numa série de paisagens, pouco exigentes e tradicionais: o caráter cambiante da zona rural no outono. Mas, depois do sucesso inesperado com seu autorretrato na tarde anterior ao jantar, sem que em qualquer etapa houvesse tomado uma decisão consciente de pintá-lo, ela havia embarcado numa sequência, extraída de sua memória cada vez mais esvaecida, dos outros sete quadros de tarô do sepulcro. Em vez de um presente para a mãe, tinha agora a ideia de fazer das pinturas um suvenir da temporada dos dois para Anatole. Até então, em sua casa em Paris, em galerias e museus, em avenidas majestosas e jardins bem-cuidados, os encantos da natureza não a tinham comovido. Mas ali, agora, Léonie descobrira ter uma afinidade com as árvores e os cenários que via da janela. Descobriu-se pintando a paisagem da Herdade dó Cade em todas as ilustrações.

Alguns quadros voltaram-lhe mais prontamente à lembrança e mais facilmente aos pincéis do que outros. A imagem de Le Mat ganhou os traços de Anatole, a expressão de seu rosto, seu corpo, suas cores. La Prêtresse possuía uma elegância e encanto que Léonie associou a Isolde.

Não tentou desenhar Le Diable.

Depois do almoço, na maioria dos dias, ela ficava lendo em seu quarto ou passeava com Isolde pelos jardins.

A tia continuava discreta e circunspecta a respeito das circunstâncias de seu casamento, mas, pouco a pouco, Léonie conseguiu obter fragmentos suficientes de informação para montar uma história satisfatoriamente completa.

Isolde havia crescido nos arrabaldes de Paris, aos cuidados de uma parenta idosa, uma mulher fria e amarga para quem ela pouco mais era do que uma acompanhante não remunerada. Liberada pela morte da tia e deixada com poucos recursos com que se sustentar, ela tivera a sorte de achar um caminho para a cidade, aos 21 anos, trabalhando para um financista e sua esposa. Conhecida da tia de Isolde, essa senhora tinha perdido a visão alguns anos antes e requeria assistência cotidianamente. As obrigações de Isolde eram leves. Ela tomava ditado de cartas e outros tipos de correspondência, lia em voz alta os jornais e os romances mais recentes, e acompanhava a patroa em concertos e na ópera. Pela meiguice de seu tom ao falar desses anos, Léonie compreendeu que ela nutrira afeição pelo financista e sua mulher. Através deles, também havia adquirido um bom conhecimento prático da cultura, da sociedade e da *couture*.

Isolde não foi explícita a respeito das razões de sua demissão, mas Léonie inferiu que a conduta imprópria do filho do financista devia ter influído de algum modo.

Quanto à questão do casamento, a tia era mais reservada. Ficou claro, porém, que a necessidade e a oportunidade haviam desempenhado um papel tão significativo quanto o amor em sua aceitação da proposta de Jules Lascombe. Tratara-se mais de uma questão de negócios que de um romance.

Léonie também obteve mais informações sobre a série de incidentes da região que havia causado inquieta-

ção em Rennes-les-Bains, incidentes estes a que monsieur Baillard havia aludido e que, sem uma razão clara que ela pudesse compreender, tinham sido associados à Herdade do Cade. Isolde não fora clara a respeito dos detalhes.

Houvera igualmente acusações, na década de 1870, sobre cerimônias depravadas e impróprias na capela profanada dos bosques da propriedade.

Ao ouvir isso, Léonie tivera dificuldade de esconder seus sentimentos mais íntimos. A cor lhe fugira do rosto, depois voltara correndo, à lembrança dos comentários de monsieur Baillard sobre como o abade Saunière tinha sido chamado para tentar acalmar os espíritos do local. Léonie quisera saber mais, porém tratava-se de uma história contada em segunda mão por Isolde e ou vida algum tempo depois dos acontecimentos, de modo que a tia não pudera ou não quisera dizer mais nada.

Numa outra conversa, Isolde disse à sobrinha que Jules Lascombe era considerado uma espécie de recluso na cidade. Sozinho desde a morte da madrasta e a partida da meia-irmã, contentava-se com sua solidão. Como explicou Isolde, ele não ansiava por nenhum tipo de companhia, muito menos a de uma esposa. No entanto, Rennes-les-Bains havia começado a desconfiar cada vez mais de sua condição de celibatário e Lascombe se descobrira alvo de suspeitas. A cidade indagava, em tom vociferante, por que a irmã dele tinha fugido da propriedade anos antes, e se de fato ela fora embora.

Como explicou Isolde, a onda de boatos e insinua-

ções fora aumentando, até Lascombe ser obrigado a agir.

Foi no verão de 1885 que o novo pároco de Rennes-le-Château, Bérenger

Saunière, sugeriu-lhe que a presença de uma mulher na Herdade do Cade poderia contribuir para tranquilizar a vizinhança.

Um amigo comum apresentou Isolde a Lascombe em Paris. Jules deixou claro que lhe seria aceitável — agradável, a rigor — que sua jovem esposa permanecesse na cidade durante a maior parte do ano, as suas expensas, desde que se fizesse disponível em Rennes-les-Bains quando ele o solicitasse. Uma pergunta cruzou a mente de Léonie, embora ela não se atrevesse a formulá-la: será que o casamento se havia consumado?

Era uma história pragmática e pouco romântica. E, embora respondesse a muitas perguntas da adolescente sobre a natureza do casamento dos tios, não explicava de quem Isolde teria falado ao se manifestar com tanta ternura naquele primeiro passeio das duas. Na ocasião, ela havia insinuado uma grande paixão, diretamente saída das páginas de um romance. Merecera vislumbres tentadores de experiências com que Léonie só podia sonhar.

Durante essas primeiras semanas serenas de outubro, as tempestades previstas não se materializaram. O sol brilhou luminoso, mas não quente demais. Houve uma brisa amena, porém moderada — nada que perturbasse a tranquilidade dos dias. Foi um período prazeroso, com poucas coisas que perturbassem a superfície da vida casei-

ra e autônoma que eles vinham construindo para si na Herdade do Cade.

A única sombra no horizonte era a falta de notícias da mãe. Marguerite era uma correspondente relapsa, mas não ter recebido nenhuma comunicação era surpreendente. Anatole tentou tranquilizar a irmã, dizendo que a explicação mais provável era que uma carta se houvesse perdido na diligência postal que havia capotado nos arredores de Limoux, na noite da tempestade. O encarregado da agência do correio lhe dissera que um malote inteiro de cartas, pacotes e telegramas havia se perdido, atirado no rio Salz pelo impacto do acidente e arrastado pela enxur-rada correnteza abaixo.

Por insistência persistente de Léonie, Anatole concordou, se bem que com relutância, em escrever. Endere-

çou a carta ao apartamento da rue de Berlin, achando que talvez Du Pont tivesse sido obrigado a retornar a Paris e que, nesse caso, Marguerite estaria em casa para recebê-la.

Ao ver Anatole fechar o envelope e entregá-lo nas mãos do menino que o levaria à agência postal de Rennes-les-Bains, Léonie sentiu-se invadir por um súbito sentimento de pavor. Por pouco não estendeu a mão para detê-lo, mas se conteve. Estava sendo tola. Era impensável que os credores de Anatole ainda o estivessem perseguindo.

Que mal haveria em remeter uma carta?

No fim da segunda semana de outubro, quando o ar se encheu do aroma das fogueiras de outono e do perfume das folhas caídas, Léonie sugeriu a Isolde que talvez eles devessem fazer uma visita a monsieur Baillard. Ou, quem sabe, convidá-lo a ir à Herdade do Cade. Decepcio-nou-se ao ser informada de que Isolde ouvira dizer que monsieur Baillard deixara inesperadamente suas acomoda-

ções em Rennes-les-Bains, e não era esperado de volta antes da Toussaint, o Dia de Todos os Santos.

— Mas para onde ele foi? Isolde abanou a cabeça:

— Ninguém sabe. Para as montanhas, acredita-se, mas ninguém sabe ao certo.

Mesmo assim, Léonie quis ir. Embora Isolde e Anatole relutassem, acabaram capitulando, e se providen-ciou uma visita na sexta-feira, 16 de outubro.

Passaram uma manhã aprazível na cidade. Toparam com Charles Denarnaud e tomaram um café com ele no terraço do Hotel de la Reine. Apesar de sua *bonhomie* e cordialidade, ainda assim Léonie não conseguia gostar desse homem e, pelos modos e pela reserva de Isolde, percebeu que a tia sentia o mesmo.

— Não confio nele — sussurrou-lhe. — Há algo de falso em seus modos. Isolde não disse nada em resposta, mas levantou as sobrancelhas de uma forma que confirmou que compartilhava as apreensões da sobrinha. Léonie ficou aliviada quando Anatole se levantou para se despedir.

— E então, gostaria de me acompanhar numa ca-

çada matinal, Vernier? — perguntou Denarnaud, apertando a mão de Anatole. — Há muitos javalis nessa época do ano. E também galinholas e pombos.

Os olhos castanhos de Anatole brilharam ante essa perspectiva.

— Eu ficaria encantado, Denarnaud, embora deva avisá-lo de que tenho mais entusiasmo do que habilidade.

E me constrange informar-lhe que estou despreparado.

Não tenho nenhuma arma.

Denarnaud deu-lhe um tapinha nas costas:

— Eu forneço as armas e a munição, se você bancar o custo do café da manhã.

Anatole sorriu.

— Negócio fechado — disse, e, apesar de sua antipatia pelo homem, Léonie ficou animada com a expressão de prazer que a promessa da caçada levara ao rosto do irmão.

— Senhoras — disse Denarnaud, erguendo o cha-

péu. — Vernier. Segunda-feira próxima? Mandarei de antemão para a casa o que lhe for necessário, se a senhora estiver de acordo, madame Lascombe.

Isolde balançou a cabeça.

— É claro.

Enquanto os três passeavam, Léonie não pôde deixar de notar que Isolde despertava certo interesse. Não percebeu hostilidade nem desconfiança nesse escrutínio, mas havia um ar de vigilância. Isolde usava roupas escuras e, na rua, abaixava o meio-véu. Léonie surpreendeu-se ao ver que, mesmo passados nove meses, ainda se esperava que ela se vestisse como a viúva de Jules Lascombe. Os períodos de luto em Paris eram curtos. Em Rennes-les-Bains, era clara a exigência de uma observância mais longa.

Mas o ponto alto da visita, para Léonie, foi a presença de um fotógrafo itinerante na Place du Pérou. Seu rosto escondia-se atrás de um pano negro e grosso, e a caixa da engenhoca se equilibrava sobre as finas pernas de madeira de um tripé com pés de metal. O homem vinha de um estúdio em Toulouse. Com a missão de

registrar para a posteridade a vida nas aldeias e cidades da Haute Vallée, já visitara Rennes-le-Château, Couiza e Coustaussa.

Depois de Rennes-les-Bains, deveria seguir para Espéraza e Quillan.

— Podemos? Será uma lembrança do período que passamos aqui — disse Léonie, puxando a manga do irmão. — Por favor! Um presente para *maman,* sim?

Para sua surpresa, vieram-lhe lágrimas aos olhos.

Pela primeira vez desde que Anatole havia mandado a carta para a agência postal, ela se sentiu emocionada ao pensar na companhia da mãe.

Talvez por observar suas emoções intensas, Anatole capitulou. Sentou-se no meio, numa velha cadeira de metal de pernas desiguais e bambas sobre as pedras do calçamento, equilibrando a bengala atravessada nos joelhos e com a cartola no colo. Isolde, elegante em sua saia com jaqueta preta, postou-se atrás dele, à esquerda, com os dedos finos e enluvados de seda negra no ombro do rapaz. Léonie, linda com sua jaqueta castanho-avermelhada de botões de metal e debrum de veludo, ficou à direita, sorrindo diretamente para a máquina fotográfica.

— Pronto — disse Léonie, uma vez batida a fotografia. — Agora nos lembraremos deste dia para sempre.

Antes de saírem de Rennes-les-Bains, Anatole fez sua peregrinação regular à posta-restante, enquanto Léonie, querendo se convencer de que Audric Baillard realmente não estava em sua residência, dirigiu-se as suas modestas acomodações. Havia posto no bolso a folha com a partitura musical retirada do sepulcro e estava determinada a mostrá-la a ele. Também queria confidenciar-lhe que tinha começado a registrar no papel os quadros da parede da abside.

E lhe fazer mais perguntas sobre os boatos que cercam a Herdade do Cade.

Isolde esperou pacientemente enquanto ela batia à porta azul de madeira, como se pudesse arrancar monsieur Baillard lá de dentro pela força de sua vontade. Todos os batentes das janelas estavam fechados, e as flores nas jardineiras dos peitoris tinham sido cobertas de feltro, na expectativa das geadas de outono que não tardariam a chegar. Pairava sobre a casa um ar de hibernação, como se ela

não esperasse a volta de ninguém por algum tempo.

Léonie tornou a bater.

Enquanto olhava para a casa fechada, o vigor da advertência de monsieur Baillard de que ela não retornasse ao sepulcro nem procurasse as cartas voltou-lhe à lembrança, mais forte do que nunca. Apesar de só haver passado uma noite em companhia dele, depositava no homem sua completa confiança. Tinham decorrido algumas semanas desde a recepção. Agora, silenciosamente parada à espera, diante de uma porta que não se abria, Léonie percebeu o quanto desejava que ele soubesse que se mantivera obediente a seus desejos.

Quase completamente.

Não refizera o percurso pela floresta. Não tomara nenhuma providência para saber mais coisas. Era verdade que ainda não tinha devolvido o livro do tio à biblioteca, mas não o havia estudado. Na verdade, mal o tinha aberto desde aquela primeira visita.

Agora, embora a frustrasse constatar que monsieur Baillard estava realmente fora, isso reforçou sua determinação de lhe seguir os conselhos. Passou-lhe pela cabeça a ideia de que não seria seguro agir de outra forma.

Afastou-se e segurou o braço de Isolde.

Quando os três chegaram de volta à Herdade do Cade, cerca de meia hora depois, Léonie correu até o canto sob a escadaria e pôs a partitura na banqueta do piano, embaixo de um exemplar do *Cravo bem-temperado* de Bach, já roí do pelas traças. Nesse momento, pareceu-lhe significativo que, durante todo aquele tempo em que a possuíra, ela nunca havia realmente tentado tocá-la.

Nessa noite, ao apagar a vela em seu quarto, pela primeira vez Léonie lamentou não ter devolvido *Les Tarots* à biblioteca. Era sensível à presença do livro do tio no quarto, embora ele estivesse escondido sob os rolos de algodão, linha e fitas. Ideias sobre demônios insinuaram-se em sua mente, ideias de crianças roubadas de suas camas, de marcas no chão e nas pedras que pareciam falar de males desencadeados. No meio da longa noite, ela acordou num sobressalto, com a imagem dos oito quadros do tarô a oprimi-la. Acendeu uma vela e espantou os fantasmas.

Não permitiria que eles a chamassem de volta.

É que, a essa altura, Léonie compreendia perfeitamente a natureza do aviso de monsieur Baillard. Por pouco os espíritos do lugar não a tinham levado. Ela não deveria tornar a lhes dar essa oportunidade.



CAPÍTULO 54

A temperatura se manteve amena até terça-feira, 20

de outubro. O céu cinza-chumbo ficou baixo no horizonte. Uma névoa úmida e obscura envolveu a Herdade em dedos gélidos. As árvores não passavam de silhuetas. A superfície do lago encapelou-se. As moitas de juníperos e rododendros encolheram-se sob as rajadas do vento sudoeste.

Léonie ficou contente por Anatole ter feito sua ca-

çada com Charles Denarnaud antes da chegada das chuvas. Ele havia partido levando no ombro um *étui à fusil* de couro marrom, que continha suas armas emprestadas, com as fivelas reluzindo ao sol. No fim da tarde, voltara para casa com uma braçada de pombos-torcazes, o rosto curtido de sol e o olhar eufórico pela emoção da caçada.

Com uma espiada pela janela, a moça pensou em como a experiência teria sido muito menos prazerosa num dia como esse.

Depois do café da manhã, foi para a sala íntima, e estava enroscada na *chaise longue* com a coleção de poemas da Sra. Margaret Oliphant, quando chegou a correspondência vinda do vilarejo. Ouviu a porta da sala abrir-se, um murmúrio de cumprimentos e, em seguida, os passos curtos da criada no piso de lajotas, atravessando o saguão em direção ao estúdio.

Para Isolde, aproximava-se um período particularmente atarefado do ano na propriedade. Faltava menos de um mês para o Dia de São Martinho, 11 de novembro.

Esse era o dia do balanço anual e, em algumas propriedades, dos despejos. Isolde explicou a Léonie que era o dia em que os aluguéis dos arrendatários eram

estipulados para o ano seguinte e que, como castelã, ela estava decidida a cumprir seu papel. Tratava-se mais de dar ouvidos ao administrador da propriedade e seguir suas recomenda-

ções do que propriamente de tomar decisões, porém o assunto a havia mantido enclausurada em seu estúdio nas duas manhãs anteriores.

Léonie tornou baixar o olhos para o livro e continuou ler.

Minutos depois, ouviu vozes elevadas e o som inusitado da sineta do estúdio tocando. Intrigada, largou o livro e, calçando apenas as meias, atravessou a sala correndo e abriu uma fresta da porta. Chegou a tempo de ver Anatole descer a escada aos saltos e desaparecer no estúdio.

— Anatole? — chamou-o. — Alguma notícia de Paris?

Mas era óbvio que ele não a havia escutado, pois bateu com firmeza a porta do estúdio depois de entrar.

Que extraordinário.

Léonie esperou mais um momento, espiando inqui-sitivamente pelo batente da porta, na esperança de ter um vislumbre do irmão, porém não aconteceu mais nada e ela se cansou da vigilância e voltou para o sofá. Passaram-se cinco minutos, dez. Ela prosseguiu na leitura, embora estivesse com a atenção noutro lugar.

Às 11 horas, Marieta entrou na sala íntima com uma bandeja de café e a pôs na mesa. Como de praxe, havia três xícaras.

— Minha tia e meu irmão virão me acompanhar?

— Não recebi nenhuma ordem em contrário, *madomaisèla.*

Nesse momento, Anatole e Isolde apareceram juntos no vão da porta.

— Bom dia, *petite* — disse ele, os olhos castanhos brilhando.

— Ouvi a comoção — disse Léonie, levantando-se de um salto. — Fiquei pensando se você teria recebido notícias de Paris.

A expressão de Anatole relutou por um momento.

— Sinto muito, não. Nada da mamãe.

— Então... que foi que aconteceu? — perguntou ela, ao perceber que Isolde também parecia num estado de certa agitação. Tinha a tez enrubescida e os olhos também brilhavam.

Ela atravessou a sala e segurou a mão de Léonie.

— Hoje de manhã, recebi de Carcassonne a carta que estava esperando. Anatole se posicionara em frente à lareira, com as mãos às costas.

— Creio que a Isolde talvez tenha prometido um concerto...

— Então, nós vamos? — exclamou Léonie, dando

um pulo e beijando a tia. — Isso é absolutamente maravilhoso!

Anatole riu.

— Era nossa esperança que você ficasse satisfeita.

Não é a melhor época do ano para uma viagem dessas, é claro, mas estamos à mercê das circunstâncias.

— Quando viajaremos? — perguntou a adolescen-

te, olhando de um para o outro.

— Partiremos nesta quinta-feira, de manhã. A Isolde mandou um telegrama para informar que estará lá ás três horas — respondeu Anatole. Fez uma pausa e trocou outro olhar com Isolde, o qual Léonie percebeu.

Há mais alguma coisa que ele quer me dizer.

Tornou a sentir os nervos alvoroçados no peito.

— Aliás, há um outro assunto que gostaríamos de levantar com você. A Isolde sugeriu, muito generosamente, que poderíamos estender nossa estada aqui. Talvez mesmo até o ano-novo. O que você diria?

Léonie fitou o irmão, admirada. Em primeiro lugar, não sabia muito bem o que pensar da sugestão. Será que os prazeres do campo se tornariam insípidos, caso eles permanecessem lá por mais tempo?

— Mas... mas e o seu trabalho? A revista pode dispensá-lo por tanto tempo? Você não precisa cuidar dos seus interesses mais de perto?

— Ah, creio que a revista pode se arranjar um pouco mais sem mim — veio a resposta descontraída de Anatole, que aceitou de Isolde uma xícara de café.

— E a mamãe? — continuou Léonie, subitamente assaltada pela imagem da mãe sentada sozinha na sala de estar da rue de Berlin.

— Se Du Pont puder abrir mão dela, estivemos pensando em convidá-la a vir ao nosso encontro aqui, talvez.

Léonie encarou o irmão.

Ele não pode acreditar que algum dia mamãe sairá de Paris. Ou que voltará aqui.

— Creio que o general Du Pont não gostaria disso

— comentou, a título de desculpa pela recusa que certamente seria a resposta a um convite dessa natureza.

— Ou será, talvez, que você está entediada demais com a minha companhia para querer ficar aqui por mais tempo? — perguntou Anatole, atravessando a sala e pondo um braço em seus ombros. — Será que a ideia de passar outras semanas confinada aqui com seu irmão a aflige tanto assim?

O momento prolongou-se, tenso e expectante, e então Léonie começou a rir.

— Você é um bobo, Anatole! É claro que eu ado-raria ficar por mais tempo. Não consigo pensar em nada que me agradasse mais, embora...

— Embora? — apressou-se ele a dizer.

O sorriso desapareceu dos lábios de Léonie.

— Eu ficaria feliz se tivesse notícias de *maman.* Anatole depôs a xícara e acendeu um cigarro.

— Eu também — disse, em voz baixa. — Tenho certeza de que é apenas por ela estar passando um período muito agradável que ainda não encontrou uma oportunidade para escrever. E é claro, é preciso dar tempo para que minha carta seja encaminhada para o Marne. Léonie espremeu os olhos.

— Achei que você acreditava que eles deviam ter voltado a Paris, não foi?

— Apenas sugeri que *poderiam* ter voltado — fez ele, em tom brando. Depois, sua expressão tornou a se a-nimar. — Mas a ideia da viagem a Carcassonne lhe agrada?

— Sim, com certeza. Ele balançou a cabeça.

— Ótimo. Na quinta-feira, pegaremos o trem matutino que parte de Couiza. O *courrier publique* sai da Place du Pérou às cinco horas.

— Quanto tempo passaremos lá?

— Dois dias, talvez três. Léonie fez um ar desa-pontado.

— Mas isso não é quase tempo nenhum!

— É mais do que suficiente — sorriu Anatole.

Dessa vez ela não pôde deixar de notar o olhar de intimidade trocado entre o irmão e Isolde.



CAPÍTULO 55

Os amantes permaneceram sob os lençóis, seus rostos iluminados apenas pela luz bruxuleante de uma única vela.

— Você deveria voltar para seus aposentos — disse ela. — Está tarde. Anatole cruzou os braços atrás da cabeça, num gesto que expressava claramente sua determinação de se demorar mais.

— Sei. Estão todos deitados. Isolde sorriu.

— Eu não acreditava que pudesse sentir tanta felicidade — comentou, baixinho. — Que algum dia ficaría-mos juntos aqui.

Depois, o sorriso esmaeceu em seu rosto pálido.

Sua mão correu automaticamente para a base do pescoço e ela acrescentou:

— Tenho medo que não dure.

Anatole inclinou-se e beijou a pele marcada. Mesmo nessa hora, sentiu o desejo dela de se afastar do contato de seus lábios. A cicatriz era um lembrete constante de sua breve e violenta aventura com Victor Constant.

Só depois de meses de romance, após a morte do marido dela, é que Isolde permitira a Anatole vê-la descoberta e sem a costumeira gola alta, a echarpe ou a gargantilha que escondia a cicatriz feia e vermelha em seu pesco-

ço. E apenas semanas depois disso é que conseguira convencê-la a lhe contar a história de como havia sofrido aquele ferimento.

Anatole havia pensado — erroneamente — que falar do passado poderia ajudá-la a dominar suas lembran-

ças. Não fora assim. Além disso, havia perturbado sua própria paz de espírito. Mesmo agora, passados uns nove meses desde o primeiro encontro dos dois, e já lhe sendo familiar a ladainha dos castigos físicos que Isolde sofrerá nas mãos de Constant, ele ainda se encolhia ao relembrar a recitação calma e sem expressão com que ela lhe contara que, num acesso de ciúme, Constant havia usado o pegador da lareira para segurar seu sinete junto as brasas, e depois encostara o metal quente na garganta de Isolde, até ela desmaiar de dor. O homem a havia marcado. A descri-

ção tinha sido tão vivida, que Anatole fora praticamente capaz de sentir o cheiro doentio e adocicado da carne queimando.

A aventura de Isolde e Constant tinha durado apenas algumas semanas. Os dedos quebrados se haviam curado, as manchas roxas tinham desaparecido; restava apenas aquela cicatriz, como um lembrete físico dos ferimentos que Constant lhe

infligira no decorrer daqueles trinta dias. Mas o dano psicológico havia durado muito mais.

Era doloroso para Anatole que, apesar da beleza, do caráter gracioso e da elegância, Isolde se houvesse tornado tão medrosa, tão desprovida do sentimento de valor pessoal, tão assustadiça.

— Vai durar — disse-lhe com firmeza.

Deixou a mão deslizar para baixo, afagando os ossos e as curvas conhecidos e amados, até ela descansar na pele macia e alva no alto das coxas de Isolde.

— Está tudo acertado. Temos a licença. Amanhã

nos encontraremos com os advogados de Lascombe em Carcassonne. Ao sabermos qual é sua situação no tocante a esta propriedade, poderemos tomar nossas últimas providências. *Facile.*

Estendeu a mão para o criado-mudo, os músculos retesados e visíveis sob a pele nua. Pegou a cigarreira e os fósforos, acendeu dois cigarros e entregou um a Isolde.

— Haverá quem se recuse a nos receber — disse ela. — Madame Bousquet, *maître* Fromilhague.

— Creio que sim — concordou ele, dando de om-

bros. — Mas você se importa tanto com a opinião favorável deles?

Isolde não respondeu à pergunta.

— Madame Bousquet tem razão para ficar ressen-tida. Se o Jules não houvesse resolvido se casar, ela teria herdado a propriedade. Talvez venha até a contestar o testamento.

Anatole abanou a cabeça.

— Meu instinto me diz que, se ela tivesse essa intenção, já o teria feito quando o Lascombe morreu e o testamento foi divulgado. Veremos o que diz o codicilo, antes de nos preocuparmos com objeções imaginárias. —

Inalou mais um punhado de fumaça. — Admito que talvez *maître* Fromilhague deplore a pressa do nosso casamento. É possível que objete, mesmo não havendo nenhum laço consanguíneo entre nós, mas o que ele tem a ver com isso? — e deu de ombros. — Com o tempo, ele mudará de ideia. No frigir dos ovos, Fromilhague é um pragmatista. Não vai querer romper suas ligações com a propriedade.

Isolde assentiu com a cabeça, embora Anatole des-confiasse que era mais pelo desejo de acreditar nele do que por estar convencida.

— Você ainda é de opinião que devemos morar aqui, em vez de nos escondermos no anonimato de Paris?

— perguntou ela.

Anatole se lembrou de quanto ela se afligia toda vez que voltava à capital. De como era apenas uma sombra de si mesma. Todo cheiro, todo som, toda visão parecia causar-lhe sofrimento e lhe recordar a breve ligação com Constant. Ele não poderia viver assim e duvidava que Isolde o conseguisse.

— Sim, se nos for possível, acho que devemos construir nosso lar aqui — respondeu. Interrompeu-se e pousou a mão com delicadeza na barriga ligeiramente au-mentada de Isolde. — Principalmente se nossas suspeitas estiverem certas — e a fitou, com os olhos cintilando de orgulho. — Ainda não consigo acreditar que vou ser pai.

— Ainda é cedo — retrucou ela em tom meigo. —

Muito cedo. Embora, apesar disso, eu não creia estar enganada.

Pôs a mão sobre a dele e, por um instante, ambos se calaram.

— Você não tem medo de que sejamos castigados por nossa iniquidade de março? — sussurrou ela.

Anatole franziu a testa, sem entender o que Isolde queria dizer.

— A clínica. Fingirmos que fui obrigada a... interromper uma gravidez.

— Nem um pouco — retrucou ele com firmeza.

Ela tornou a se calar.

— Você me dá sua palavra de que a sua decisão de não voltar à capital não tem nada a ver com o Victor? —perguntou, enfim. — Paris é a sua casa, Anatole. Você quer abrir mão dela para sempre?

Ele apagou o cigarro, depois passou os dedos pela cabeleira farta e escura.

— Já discutimos isso demasiadas vezes. Mas se você se tranquiliza por me ouvir dizê-lo de novo, dou-lhe a minha palavra que é minha opinião ponderada que a Herdade do Cade é a residência mais apropriada para nós — e fez o sinal da cruz sobre o peito nu. — Não tem nada a ver com o Constant. Nada a ver com Paris. Aqui podemos levar uma vida simples, sossegada, podemos nos estabelecer.

— E a Léonie também?

— Espero que ela queira morar conosco, sim.

Isolde calou-se. Anatole sentiu seu corpo inteiro imobilizar-se, tenso, como se ela estivesse prestes a fugir.

— Por que você ainda permite que ele a domine tanto?

Isolde baixou os olhos e, no mesmo instante, o rapaz se arrependeu de ter dito o que pensava. Sabia que ela estava ciente de como o frustrava o fato de Constant lhe ocupar os pensamentos com tanta frequência. Nos primeiros tempos do romance, Anatole lhe dissera quanto seu medo persistente de Constant o fazia sentir-se defici-ente. Como se ele não fosse homem o bastante para banir os espectros do passado. E havia deixado sua irritação transparecer.

Em consequência disso, sabia que Isolde tinha decidido guardar silencio. Não que suas lembranças dos sofrimentos suportados a perturbassem menos. Agora Anatole compreendia que a rememoração dos maus-tratos demorava mais a cicatrizar do que seus indícios físicos.

Mas o que ele ainda lutava para entender era por que Isolde se sentia tão envergonhada. Em mais de uma ocasião, ela tentara explicar quanto os abusos de Constant a tinham feito sentir-se humilhada. Quanto se sentira envergonhada das próprias emoções, poluída, por ter-se deixado enganar a ponto de acreditar que poderia se apaixonar por um homem daqueles.

Em suas horas mais sombrias, Anatole temia que Isolde acreditasse haver perdido o direito a qualquer felicidade futura, por causa daquele único erro de julgamento passageiro. E se entristecia com o fato de, a despeito de suas reafirmações e das medidas extraordinárias que ele havia tomado para escapar às atenções de Constant — a ponto de criar a pantomima do Cemitério de Montmartre

—, ela ainda não se sentir segura.

— Se o Constant estivesse procurando por nós, a esta altura já o sabe ríamos. Ele não fez muito esforço para esconder suas intenções maléficas nos primeiros meses deste ano, Isolde — disse, e fez uma pausa. — Algum dia ele soube o seu nome verdadeiro?

— Não, não soube. Fomos apresentados na casa de um amigo comum, na qual os simples prenomes cristãos eram suficientes.

— Ele sabia que você era casada? Ela fez que sim.

— Sabia que eu tinha um marido no interior, e que, dentro dos limites costumeiros da respeitabilidade, ele era tolerante para com minha necessidade de uma certa dose de independência, desde que eu fosse discreta. Não era algo sobre o que costumássemos discutir. Quando eu lhe disse que ia embora, citei a necessidade de estar com meu marido.

Isolde estremeceu, e Anatole soube que estava pensando na noite em que o homem quase a havia matado.

— O Constant nunca conheceu o Lascombe —disse Anatole, insistindo nesse ponto. — É isso, não é?

— Ele não conhecia o Jules.

— E também nunca soube de nenhum endereço, de nenhuma outra ligação além do apartamento da rue Feydeau, certo?

— Não — confirmou ela, com uma pausa. — Pelo

menos, nunca por minha boca.

— Bem, então — disse Anatole, como se houvesse provado sua colocação. — Já faz seis meses desde o funeral, não é? E não aconteceu nada que perturbasse a nossa tranquilidade.

— Exceto o ataque a você na Passagem dos Panoramas. Anatole franziu a testa e disse, prontamente:

— Aquilo não teve absolutamente nada a ver com o Constant. — Mas eles só levaram o cebolão do seu pai

— protestou Isolde. — Que tipo de ladrão deixa um caderno de notas cheio de francos?

— Eu estava no lugar errado, na hora errada. Foi só isso. Inclinou-se para ela e lhe afagou o rosto com o dorso da mão.

— Desde que chegamos à Herdade do Cade, tenho mantido os olhos e os ouvidos abertos, Isolde. Não ouvi nada, não vi nada de impróprio. Nada que pudesse nos causar um momento de inquietação. Ninguém andou fazendo perguntas no vilarejo. Não houve notícias de estranhos nas imediações da propriedade.

Isolde deu um suspiro.

— Você não se preocupa por não ter havido nenhuma notícia da Marguerite?

Anatole ficou com a sobrancelha mais carregada.

— Admito que sim. Relutei em escrever, depois de todos os esforços que fizemos para esconder nosso paradeiro. Só posso presumir que seja por ela estar ocupada com o Du Pont.

Isolde sorriu daquela antipatia mal disfarçada.

— O único crime dele é estar apaixonado pela sua mãe — repreendeu-o, gentilmente.

— Então, por que não se casa com ela? — veio a resposta, mais ríspida do que Anatole havia pretendido.

— Você sabe por quê — disse Isolde em tom meigo. — Ela é viúva de um *communard*. Du Pont não é o tipo de homem que desdenhe das convenções.

Anatole balançou a cabeça e deu um suspiro.

— A verdade pura e simples é que ele ocupa o tempo dela e que, Deus me perdoe, apesar de minha antipatia pelo sujeito, fico menos preocupado com a mamãe, sabendo que ela está na companhia dele no Mame, do que se estivesse sozinha em Paris.

Isolde pegou o penhoar na cadeira ao lado da cama e o pôs sobre os ombros.

Houve um lampejo de apreensão nos olhos de Anatole.

— Você está com frio?

— Um pouco.

— Quer que eu vá buscar alguma coisa? Isolde pôs a mão no braço dele:

— Eu estou bem.

— Mas no seu estado, você devia...

— Não estou doente, Anatole — sorriu ela, em tom brincalhão. — O meu estado, como diz você, é perfeitamente natural. Por favor, não fique tão preocupado

— pediu. O sorriso desapareceu de seus lábios. — Mas quanto à questão da família, ainda sou de opinião que deveríamos contar à Léonie a verdadeira razão de nossa ida à Carcassonne. Dizer-lhe o que pretendemos fazer. Anatole passou as mãos no cabelo.

— E eu ainda sou de opinião que é melhor ela não saber de nada, até depois do evento.

Acendeu outro cigarro. Os fiapos brancos de fumaça flutuaram no quarto, como se escrevessem no ar.

— Você acredita mesmo, Anatole, que a Léonie o perdoará por mantê-la no

escuro dessa maneira? — Isolde fez uma pausa. — Que nos perdoará?

— Você gosta dela, não é? Fico feliz com isso. Isolde fez que sim.

— É por isso que reluto em continuar a enganá-la.

Anatole deu uma tragada forte no cigarro.

— Ela compreenderá que consideramos que envolvê-la em nossos planos, de antemão, seria pôr um fardo pesado demais em seus ombros.

— Sou da opinião inversa. Creio que Léonie faria qualquer coisa por você, aceitaria qualquer coisa que você lhe confiasse. Mas... — encolheu ligeiramente os ombros

— ... se ela se sentir menosprezada, se achar, com justa razão, que não confiamos nela, receio que sua raiva possa levá-la a se portar de maneira que ela e nós também lamentaríamos muito.

— O que quer dizer? Isolde segurou a mão dele.

— A Léonie não é criança, Anatole. Não mais.

— Ela só tem 17 anos.

— Já anda enciumada da atenção que você me dá

— disse Isolde, baixinho.

— Bobagem.

— Como acha que se sentirá quando descobrir que nós... que você a enganou?

— Não se trata de enganar, É uma questão de discrição. Quanto menos pessoas souberem o que tenciona-mos fazer, melhor.

Pôs a mão na barriga de Isolde, deixando claro que considerava o assim to encerrado.

— Logo, logo, meu amor, isso tudo estará terminado. Segurou-lhe a cabeça com a outra mão e a puxou para si, beijando-a na boca. Depois, lentamente, tirou o

penhoar de seus ombros, descobrindo seus seios intumescidos.

Isolde fechou os olhos.

— Logo, logo — murmurou contra a pele leitosa

—, tudo ficará às claras. Poderemos começar um novo capítulo da nossa vida.



CAPÍTULO 56

CARCASSONNE

QUINTA-FEIRA, 22 DE OUTUBRO

Às quatro e meia, o cabriolé afastou-se pela longa alameda de entrada da Herdade do Cade, levando Anatole, Léonie e Isolde. Marieta foi sentada na frente, com Pascal de cocheiro e um simples cobertor estendido sobre as pernas de ambos.

O veículo estava fechado, mas o couro rachado da capota era uma proteção insuficiente contra o frio da manhãzinha. Léonie estava embrulhada no sobretudo preto comprido, puxado até o alto da cabeça, espremida e quen-tinha entre o irmão e a tia. Sentia o cheiro de mofo e naftalina das mantas de pele, usadas pela primeira vez naquele outono, que os cobriam do queixo até os pés.

Os lampiões foram tilintando e batendo no cabriolé enquanto eles desciam para a estrada de Sougraigne, dois pontos de luz na escuridão. Isolde admitiu haver dormido mal e, por conseguinte, estar meio enjoada. Falou pouco.

Anatole também se manteve calado.

Léonie estava inteiramente desperta. Sentia no nariz o perfume matutino da terra úmida e pesada e a mistura fragrante dos aromas de cíclame e buxo, das amoreiras e castanheiras. Ainda era cedo demais para o som da co-tovia ou do pombo, mas ela ouviu o pio das corujas que voltavam da caçada noturna.

Apesar de eles terem partido cedo, as condições tempestuosas do clima resultaram em que o trem chegou a Carcassonne com mais de uma hora de

atraso.

Léonie e Isolde esperaram enquanto Anatole chamava um fiacre. Em poucos minutos, estavam voando pela Ponte Marengo para um hotel no *quartier* norte da Bastide Saint-Louis, recomendado pelo Dr. Gabignaud.

Situado na rue du Port, na esquina de uma ruazinha tranquila, perto da igreja de Saint-Vincent, o hotel era modesto, mas confortável. Um semicírculo de três degraus de pedra levava da calçada à entrada — uma porta pintada de preto, emoldurada por pedras entalhadas. As calçadas erguiam-se acima da rua pavimentada por pedras.

Havia árvores ornamentais ao longo da parede externa, em vasos de terracota, como uma fileira de sentinelas em prontidão. Jardineiras nos peitoris lançavam suas sombras verdes e brancas nas venezianas recém-pintadas. Na parede lateral estavam pintadas as palavras HOTEL ET RESTAURANT, em maiúsculas bem grandes.

Anatole cuidou das formalidades e supervisionou o transporte das malas para os quartos. Eles alugaram uma suíte no primeiro andar para Isolde, Léonie e a criada, e um quarto de solteiro para ele do outro lado do corredor.

Depois de um almoço leve na *brasserie* do hotel, concordaram em se reencontrar no estabelecimento às cinco e meia, a tempo de fazerem uma ceia mais cedo, antes do concerto. O compromisso de Isolde com os advogados do falecido marido fora marcado para as duas horas da tarde, na rua chamada Carrière Mage. Anatole se ofereceu para acompanhá-la. Na saída, eles arrancaram de Léonie a promessa de não ir a parte alguma sem Marieta e de não se aventurar desacompanhada ao outro lado do rio, além dos limites da Bastide.

Voltou a chover. Léonie ocupou-se conversando com outra hóspeda, uma viúva idosa, madame Sanchez, que visitava Carcassonne fazia muitos anos. Ela explicou que a cidade baixa, a Basse Ville, como a denominou, fora construída com base num sistema de grade, muito semelhante ao das modernas cidades norte-americanas. Servin-do-se do lápis de desenho de Léonie, madame Sanchez assinalou o hotel e a praça central no *plan de ville* fornecido pelo proprietário. Também alertou para o fato de que muitos nomes de ruas estavam desatualizados.

— Os santos cederam lugar aos generais — comentou, abanando a cabeça. —

Por isso, agora ouvimos banda na Praça Gambetta, em vez da Praça Santa Cecília.

Só o que posso lhe dizer é que a música soa exatamente igual!

Ao notar que a chuva estava diminuindo, e impaciente para iniciar suas explorações, Léonie pediu licença, garantindo a madame Sanchez que se arranjaria perfeitamente bem, e fez alguns preparativos apressados para sair.

Com Marieta esforçando-se para acompanhar seu ritmo, partiu para a praça principal, La Place aux Herbes, conduzida pelos gritos dos mascates e dos feirantes e pelo chacoalhar das rodas e dos arreios das carroças que subiam a rua estreita. A medida que se aproximou, Léonie viu que muitas barracas já estavam no processo de serem desmontadas. Mas havia um aroma delicioso de castanhas assadas e pão recém-saído do forno. Um ponche temperado com açúcar e canela era tirado às conchas de recipientes fumegantes de metal, pendurados na parte posterior de uma carrocinha de madeira.

A Place aux Herbes era uma praça despretensiosa, mas de boas proporções, cercada nos quatro lados por prédios de seis andares e com estradinhas e passagens que vinham dos quatro cantos. O centro era dominado por uma fonte muito floreada do século XVIII, dedicada a Netuno. Por baixo da aba do chapéu, Léonie leu os dizeres, por uma questão de dever, mas julgou a obra vulgar e não se demorou.

Os galhos dos plátanos frondosos estavam perdendo as folhas, e as que haviam restado se pintavam em tons de cobre, verde-claro e dourado. Por toda parte havia guarda-chuvas e para-sóis de cores vivas, para proteger do vento e da chuva que ia e vinha, além de cestos de salgueiro-branco com legumes e frutas frescos, ervas e flores de outono. Em cestas de vime, mulheres vestidas de preto e de rostos curtidos vendiam pão e queijo de cabra.

Para surpresa e deleite de Léonie, quase toda a fachada de um dos lados da praça era ocupada por uma loja de departamentos. Seu nome, em letras maiúsculas, ficava preso por pedaços retorcidos de arame às grades das sacadas de ferro — PARIS-CARCASSONNE. Embora mal passasse das duas e meia, bandejas com produtos em oferta — *solde d’articles, reclame absolument sacrifiée* — estavam sendo dispostas sobre mesas à frente da loja. Pendurados nos toldos, em suportes de metal, havia espingardas de caça, vestidos prêt-à-porter, cestas, toda sorte de

utensílios domésticos, frigideiras e até estufas e assadeiras.

Eu poderia comprar algum artigo de equipamento de caça para o Anatole.

A ideia lhe entrou e saiu da cabeça num relâmpago.

Ela só dispunha de uma pequena soma em dinheiro e não tinha a menor possibilidade de comprar a crédito. Ade-

mais, não saberia por onde começar. Assim, preferiu passear pelo *marché,* fascinada. Ali, ao que lhe pareceu, as mulheres e os poucos homens que vendiam seus produtos agrícolas tinham rostos risonhos e francos. Ela apalpou legumes, esfregou ervas entre os dedos e aspirou o aroma de flores de cabo comprido de um modo que jamais faria em Paris.

Depois de ver tudo que a Place aux Herbes tinha a oferecer, decidiu aventurar-se pelas ruas secundárias ao redor da praça. Andou na direção oeste e se descobriu na Carrière Mage, a rua em que se situavam os advogados de Isolde. Na parte mais alta ficavam sobretudo escritórios e *ateliers de coutourières.* Ela parou um pouco diante das oficinas dos Tissus Cathala. Pela porta de vidro viu uma exposição de tecidos de todas as cores e de toda sorte de artigos de costura. Nas venezianas de madeira de ambos os lados da entrada havia desenhos em papel de *les modes mas-culine et féminine,* presos com tachinhas, mostrando desde fraques para cavalheiros até vestidos de estampas delicadas e capas para senhoras.

Léonie se entreteve examinando os estilos de corte e costura, enquanto relanceava regularmente os olhos pela rua, na direção dos escritórios de advocacia, talvez pensando em ver Isolde e Anatole saírem de um deles. Mas, com o passar dos minutos e sem sinal dos dois, o atrativo das lojas mais abaixo a seduziu.

Com Marieta mais atrás, ela andou em direção ao rio. Parou para olhar as vitrines de vidro laminado dos vários estabelecimentos que vendiam antiguidades. Havia uma *librairie* com as vitrines cheias de estantes de madeira escura e lombadas em couro vermelho, verde e azul. No número 75, uma *épicerie fine,* havia um cheiro sedutor de café torrado e moído, forte e amargo. Por um instante, ela se deteve na calçada, olhando pelas três vitrines altas. No interior, prateleiras de vidro e madeira exibiam exemplos de variedades de grãos, artigos diversos e bules para fogão ou lareira. O letreiro acima da porta dizia *Élie*

Huc. Lá dentro, renques de linguiça seca pendiam de ganchos num dos lados da loja. No outro havia feixes de tomilho, sálvia e alecrim, além de uma mesa coberta de pratos e potes de cerejas em conserva e ameixas carameladas.

Léonie resolveu comprar alguma coisa para Isolde, um presente para lhe agradecer por haver providenciado essa viagem a Carcassonne. Entrou na caverna de Aladim, deixando Marieta retorcendo as mãos ansiosas na calçada, e voltou dez minutos depois, segurando um saquinho de papel branco com os mais finos grãos de café árabe e um vidro alto de frutas cristalizadas.

Estava começando a se cansar do rosto ansioso e da presença canina de Marieta.

Será que me atrevo?

Sentiu uma centelha de excitação à ideia que se insinuou em sua mente, sem ser chamada. Anatole lhe passaria uma reprimenda severa. Mas não havia necessidade de ele descobrir, se ela fosse rápida e se Marieta guardasse silêncio. Deu uma rápida olhadela para um lado e outro da rua. Havia algumas mulheres de sua classe desacompanhadas, apanhando a fresca. Cabia admitir que essa não era a norma, porém havia algumas. E ninguém parecia prestar a menor atenção. Anatole era rabugento demais.

Num ambiente como este, não preciso de um cão de guarda.

— Não quero carregar estas coisas — disse, empurrando os embrulhos para Marieta e fingindo olhar para o céu. — Receio que possa voltar a chover. Seria melhor você levar esses pacotes para o hotel e, ao mesmo tempo, buscar um guarda-chuva. Eu a espero aqui.

A preocupação cintilou nos olhos de Marieta.

— Mas o *sénher* Vernier me disse para ficar na sua companhia.

— É uma tarefa que não levará mais de dez minutos — retrucou Léonie em tom firme. — Você terá ido e voltado sem que ele jamais venha a saber — e deu um tapinha no embrulho branco. O café é um presente para minha tia, e não quero que estrague. Traga o guarda-chuva quando voltar. Teremos a garantia de nos protegermos da chuva, caso seja necessário — acrescentou. E então frisou seu último ponto: — Meu irmão não lhe agradeceria se eu pegasse um resfriado.

Marieta hesitou, olhando para os embrulhos.

— Ande logo — disse Léonie, impaciente. — Eu a espero aqui.

Com uma olhadela de dúvida para trás, a moça apressou-se a voltar pela Carrière Mage, olhando repetidamente por cima dos ombros para se certificar de que sua jovem senhora não havia desaparecido.

Léonie sorriu, encantada com seu subterfúgio inofensivo. Não tencionava contrariar as instruções de Anatole e sair da Bastide. Por outro lado, achava que poderia, sem ficar com a consciência pesada, andar até o rio e ter seu primeiro vislumbre da cidade medieval pela margem direita do Aude. Estava curiosa por ver a Cité de que Isolde havia falado e pela qual monsieur Baillard tinha tanta afeição.

Tirou o mapa do bolso e o examinou.

Não pode ser muito longe.

Se, por um azar, Marieta voltasse antes dela, Léonie poderia simplesmente explicar que tinha resolvido procurar o escritório dos advogados, para poder voltar com Isolde e Anatole, e que por isso se separara da criada.

Satisfeita com seu plano, atravessou a rue Pélisserie de cabeça erguida. Sentia-se muito independente e aventu-reira, e gostou da sensação. Passou pelas colunas de mármore do Hotel de Ville, onde estava desfraldada uma antiga bandeira *tricolore,* e se encaminhou para o que identificou no *plan* como sendo as ruínas do antigo Mosteiro das Clarissas. No alto da única torre que restava, uma cúpula decorativa cobria um sino solitário.

Léonie saiu da grade rígida de ruas movimentadas e entrou na calma arborizada da Praça Gambetta. Uma placa comemorava a obra de um arquiteto nascido em Carcassonne, Léopold Petit, que havia projetado e supervisi-onado a construção dos jardins. No centro da praça havia um lago com jatos de água que esguichavam de um ponto abaixo da superfície, criando uma névoa branca em toda a volta. Um coreto em estilo japonês era cercado por cadeiras brancas. A desarrumação dos assentos, os restos de casquinhas de sorvete e papel encerado e as pontas úmidas de charutos sugeriam que o concerto havia acabado fazia algum tempo. O chão estava repleto de folhetos descartados de um concerto, com pegadas enlameadas sobre o papel branco. Léonie curvou-se e pegou um

deles.

Dos espaços verdes e aprazíveis da Praça Gambetta, ela virou à direita numa rua sem graça, com pavimento de pedras, que corria ao lado do hospital e prometia conduzir a um mirante panorâmico aos pés da Ponte Velha.

Uma escultura de metal erguia-se no alto do chafariz, instalado num cruzamento de três ruas. Léonie esfre-

gou a placa para ler a inscrição, tratava-se, variadamente, de La Samaritaine, ou Flora, ou até Pomona.

Quem vigiava a heroína clássica era um santo cristão, São Vicente de Paulo, que supervisionava a cena do Hôpital des Malades, já no acesso à ponte. Seu olhar pé-treo e benevolente e seus braços abertos pareciam acolher a capela adjacente, com seu arco elevado de pedra na entrada e sua rosácea no alto.

O conjunto falava de beneficência, dinheiro e prosperidade.

Léonie virou-se para o outro lado e teve sua primeira visão desobstruída de La Cité, a cidade fortificada que se empoleirava no alto do morro, na margem oposta do rio. Prendeu a respiração. Era mais magnífica e de escala mais humana do que ela havia imaginado. Ela vira os cartões-postais populares da Cité que traziam as famosas palavras de Gustave Nadaud, “Il *ne faut pas mourir sans avoir vu Carcassonne”* — “não se deve morrer sem ter visto Carcassonne” —, mas não as considerara mais do que um lema de propaganda. Agora que estava ali, os dizeres pareciam ser um reflexo verdadeiro da realidade.

Ela notou que o nível do rio estava muito elevado.

Aliás, em alguns pontos, a água já transpunha a margem e banhava a grama, indo bater nas fundações de pedra da capela de São Vicente de Paulo e dos prédios do hospital.

Léonie não tinha intenção de continuar a desobedecer a Anatole, mas se viu subindo a ladeira suave da ponte, que cruzava o rio numa sucessão de arcos de pedra.

Mais alguns passos e vou voltar.

Quase toda a margem oposta era arborizada. Por entre a copa das árvores viam-se moinhos movidos a água, os telhados planos das destiladas e as oficinas têxteis, com suas *filatures mécaniques.* Era tudo surpreendentemente rural, pensou Léonie, os remanescentes de um outro mundo mais antigo.

Ergueu os olhos e viu um dilapidado Jesus de pedra pendurado na cruz, no "bico" central da ponte — um nicho na amurada baixa onde os viajantes podiam sentar-se um pouco, ou se afastar do caminho das carruagens ou dos carroceiros.

Deu mais um passo e, com isso, sem jamais haver realmente decidido fazê-lo, atravessou da segurança da Bastide para o romance da Cité.



CAPÍTULO 57

Anatole e Isolde postaram-se diante do altar. Uma hora depois, todos os papéis tinham sido assinados. As condições do testamento de Jules Lascombe, após os atrasos do verão, finalmente se haviam confirmado.

Lascombe deixara seu patrimônio para a viúva, enquanto ela vivesse. Numa guinada inesperada da sorte, havia determinado que, na eventualidade de ela tornar a se casar, a propriedade deveria passar para o filho de sua meia-irmã, Marguerite Vernier, *née* Lascombe.

À leitura dos termos em voz alta pelo advogado, com seu timbre seco e rouco, Anatole havia levado um momento para se dar conta de que era a ele que o documento se referia. Por pouco não caíra na gargalhada. De um modo ou de outro, a Herdade do Cade pertenceria a eles.

Agora, passada meia hora, parados na pequena capela dos jesuítas, enquanto o padre proferia as palavras finais da breve cerimônia que os havia unido como marido e mulher, Anatole estendeu as mãos e segurou as de Isolde. — Madame Vernier, *enfin* — murmurou. — *Mon coeur.*

As testemunhas, escolhidas ao acaso na rua, sorriram dos francos sinais de afeição do casal, mesmo considerando lamentável que se tratasse de uma cerimônia tão modesta.

Anatole e Isolde saíram para a rua ao som do repi-car dos sinos. Ouviram o

trovão. Desejosos de passar a primeira hora de sua vida conjugai a sós — e certos de que Léonie e Marieta se encontravam comodamente insta-

ladas no hotel, à espera de seu retorno —, os dois correram pela rua e entraram no primeiro estabelecimento adequado com que depararam.

Anatole pediu uma garrafa de Cristal, o champanhe mais caro do cardápio. Os dois trocaram presentes. Anatole deu a Isolde um medalhão de prata com uma miniatura dela, de um lado, e dele, do outro. Isolde o presenteou com um belo relógio folheado a ouro, com suas iniciais gravadas na tampa, para substituir o que fora roubado no assalto na Passagem dos Panoramas.

Durante a hora seguinte, os dois beberam e conversaram, felizes na companhia afetuosa um do outro, enquanto as primeiras pancadas pesadas da chuva açoitavam os janelões de vidro laminado.



CAPÍTULO 58

Léonie sentiu um minuto de inquietação ao descer da ponte. Já não podia fingir que não estava desobedecen-do às instruções expressas de Anatole. Afastou a ideia da cabeça e olhou para trás, notando que as nuvens negras da tempestade se acumulavam sobre a Bastide.

Naquele instante, disse a si mesma, era mais sensato permanecer nessa margem do rio, longe do pior do temporal. Na verdade, ainda não seria recomendável retornar à Cidade Baixa. Além disso, uma exploradora aven-tureira não desistiria de uma busca simplesmente pelo fato de seu irmão assim haver ordenado.

O *quartier* Trivalle era mais intimidante e muito mais pobre do que ela havia imaginado. Todas as crianças andavam descalças. À beira da rua, um mendigo cego, de olhos leitosos e mortos, enrolava-se num pano da cor do pavimento úmido. Com as mãos cheias dos riscos negros da sujeira e da pobreza, estendeu um copo imundo quando Léonie passou. Ela deixou cair uma moeda no recipiente e foi escolhendo o caminho com cuidado pela rua de pedra, ladeada por construções sem graça. Todas as venezianas estavam descascando e em péssimo estado de conservação. Léonie franziu o nariz. A rua cheirava a abandono e excesso de população.

Será melhor dentro da Cité.

A ruela subiu numa inclinação suave. Léonie descobriu-se longe das construções e a céu aberto, no come-

ço das imediações verdejantes da Cité propriamente dita.

À esquerda, no alto de uma escadaria de pedra meio arruinada, vislumbrou uma pesada porta de madeira, encravada a fundo em antigas paredes cinzentas. Uma placa surrada e desgastada anunciava que aquele era o convento dos capuchinhos.

Tinha sido.

Nem Léonie nem Anatole tinham sido criados a sombra repressora da Igreja. Sua mãe era um espírito livre demais, e as simpatias republicanas de seu pai significavam que, como um dia Anatole explicara à irmã, Leo Vernier considerava os clérigos tão inimigos da criação de uma verdadeira república quanto a aristocracia. Mesmo assim, a imaginação romântica de Léonie a levara a lamentar a in-transigência da política e do progresso, que exigia que toda beleza fosse sacrificada aos princípios. A arquitetura a atraía, embora as palavras ecoadas no interior do convento não o fizessem.

Pensativa, ela passou por mais um belo marco local, a Maison de Montmorency, com suas vigas externas de madeira e suas janelas de mainel, cujos losangos de vidro captavam a luz em prismas de azul, cor-de-rosa e amarelo, apesar do céu opaco.

No alto da rue Trivalle, ela virou à direita. Logo em frente, viu as torres altas e estreitas, cor de areia, da Porte Narbonnaise, a entrada principal da Cité. Seu coração pal-pitou de emoção diante do duplo anel de muralhas pontuadas por torres, algumas com telhados vermelhos, outras com telhas cinzentas, todas recortadas em silhueta contra o céu enfurecido.

Suspendendo as saias numa das mãos, para facilitar a subida, ela seguiu adiante com renovado vigor. Ao chegar mais perto, viu a parte superior de lápides cinzentas, com seus anjos elevados e suas cruzes monumentais, atrás dos muros altos de um cemitério.

Mais adiante, tudo eram pastos e gramados.

Léonie parou um instante para recobrar o fôlego.

O acesso à cidade fortificada se dava por meio de uma ponte pavimentada de pedra, que cruzava um fosso coberto de capim, plano e largo. Na cabeceira da ponte havia uma pequena cabine retangular de pedágio. Nela postava-se um homem de cartola surrada e suíças antiquadas, com as mãos nos bolsos, vigiando e solicitando o pagamento aos cocheiros das carroças de mantimentos, ou aos comerciantes que transportavam barris de cerveja para a Cité.

Empoleirado na mureta de pedra da ponte, que era baixa e larga, encontrava-se um homem na companhia de dois soldados. Usava uma velha capa napoleônica azul e fumava um cachimbo de cabo comprido, negro como seus dentes. Os três estavam rindo. Por um momento, Léonie teve a impressão de que os olhos dele se arregalaram ligeiramente ao avistá-la. O estranho fitou-a por um momento com um olhar meio impertinente, depois desviou os olhos. Desconcertada com sua atenção, ela passou depressa.

Ao sair da ponte, foi atingida em cheio pela força do vento noroeste. Viu-se obrigada a pôr uma das mãos no chapéu, para mantê-lo no lugar, enquanto a outra im-pedia suas saias rodopiantes de se lhe enroscarem nas pernas. Avançou com dificuldade, apertando os olhos para evitar que neles entrassem a poeira e a areia lançadas em seu rosto.

Contudo, no instante em une penetrou na Cité,ficou protegida do vento. Parou um instante para ajeitar a roupa e, em seguida, tomando cuidado para não molhar as botas no fluxo d’água que corria pela vala no centro das pedras do calçamento, rumou para o espaço aberto situado entre as fortificações interna e externa. Havia uma bomba, com dois meninos acionando o braço metálico para cima e para baixo e gotejando água num balde de metal. À esquerda e à direita, Léonie viu as ruínas das casas humildes dos bairros miseráveis que tinham sido demoli-das em data recente. Na altura do que teria sido um segundo andar, pendendo em pleno ar, havia uma lareira enegrecida de fuligem, abandonada por ocasião da derrubada das moradias. Desejando ter tido a presciência de esconder no bolso seu guia turístico, em vez de apenas o mapa da Bastide, antes de sair do hotel, ela pediu orienta-

ção e foi informada de que o castelo ficava bem em frente, instalado nas muralhas ocidentais da fortificação. Conti-nuando a andar, sentiu outro sobressalto de receio. Depois da grandeza distante do exterior e dos espaços

varri-dos pelo vento nas *hautes lices* — o intervalo entre as muralhas interna e externa —, o interior era mais escuro e sombrio do que ela havia esperado. E também sujo. A lama cobria as pedras escorregadias do calçamento, e toda sorte de detritos e dejetos enchia as valas.

Léonie foi subindo a rua estreita, seguindo uma placa de madeira pintada à mão que apontava para o Château Comtal, onde ficava aquartelada a guarnição militar.

Também ele foi decepcionante. Por suas leituras anteriores, ela sabia que o castelo tinha sido a residência da dinastia Trencavel, que havia produzido os senhores da Cité, muitas centenas de anos antes. Léonie tinha imaginado um castelo de contos de fadas, como os que havia nas margens do Ródano ou do Loire. Imaginara pátios e grandes salões, repletos de damas de vestidos amplos, e *chevaliers* partindo a cavalo para a batalha.

O Château Comtal tinha a aparência do que era agora: um edifício militar simples, eficiente, corriqueiro e feio. A Tour de Vade, à sombra das muralhas, era um depósito de pólvora. Um único sentinela montava guarda, palitando os dentes. O lugar era um manto de negligência, uma construção tolerada, mas não benquista.

Sob a aba larga do chapéu, Léonie passou algum tempo olhando, tentando ver algum romantismo na ponte simples e no portão estreito e funcional para o castelo em si, mas não encontrou nenhum. Ao dar meia-volta e se afastar, ocorreu-lhe a ideia de que as tentativas de rejuve-nescer a Cité como um marco turístico provavelmente fracassariam. Não conseguiu imaginar aquelas ruas abarrotadas de visitantes. Era tudo maçante demais, não fora concebido para agradar aos gostos e modismos contemporâneos. As muralhas recém-restauradas, as pedras e telhas cortadas a máquina só faziam enfatizar quanto o en-torno autêntico estava destruído. Só lhe restou guardar a esperança de que, concluídas as obras, a atmosfera viesse a se modificar. De que novos restaurantes, lojas e talvez até um hotel restituíssem vida às ruas tortuosas. Ela andou para cima e para baixo pelas passagens. Alguns outros viajantes, senhoras com as mãos aquecidas em regalos de pele, cavalheiros de bengala e cartola, cumprimentaram-na, desejando boa-tarde.

Ali o vento estava ainda mais forte, e Léonie foi obrigada a tirar o lenço do bolso e cobrir a boca e o nariz, para se proteger da parte pior da umidade do ar. Foi

andando num zigue-zague complexo e se viu ao lado de uma velha cruz de pedra, que dava para hortas comerciais dis-

postas em plataformas, com lotes de legumes, vinhas, ga-linheiros e coelheiras. Mais abaixo, uma aglomeração de casinhas apertadas.

Desse ponto de observação, ela pôde ver com clareza como o nível do rio havia subido. Era uma massa negra de água rodopiante e inquieta, passando célere pelos moinhos e fazendo as pás girarem. Mais ao longe se estendia a Bastide. Léonie distinguiu a torre da catedral de Saint-Michel e o campanário fino e alto da igreja de Saint-Vincent, bem perto do hotel em que se haviam hospedado. Sentiu uma pontada de angústia. Levantou os olhos para o céu ameaçador e percebeu que poderia se descobrir confinada na margem oposta do rio, isolada pela elevação do nível da água. A Cidade Baixa subitamente lhe pareceu meio distante. A história que ela havia fabricado, para dizer a Anatole que ficara desorientada e se perdera nas ruas estreitas da Bastide, de nada adiantaria, se ela fosse apanhada pela enchente.

Um movimento no alto a fez olhar para cima. Um bando de corvos outonais, negros contra o céu cinzento, sobrevoou as torres e ameias, num combate contra o vento.

Léonie começou a se apressar. A primeira gota de chuva bateu em seu rosto. Depois, outra e mais outra, mais rápidas, mais pesadas, mais frias. Em seguida, uma barulheira de granizo e uma única e abrupta trovoada. E, de repente, tudo se fez água à sua volta.

A tempestade, que ameaçara por tanto tempo, havia chegado.



CAPÍTULO 59

Léonie procurou urgentemente um abrigo, mas não havia nada. Apanhada a meio caminho na íngreme trilha de pedras que ligava a cidade fortificada ao *quartier* Barbacane, mais abaixo, não havia árvores, prédios nem moradias. Suas pernas cansadas protestaram contra a ideia de tornar a subir para a Cité.

Não resta alternativa senão continuar a descer.

Foi tropeçando pela *calada,* levantando as saias acima dos tornozelos, para não deixar que se encharcassem na água que descia em cascata pelas pedras do calçamento, como se fosse a correnteza na regueira de um moinho. O

vento lhe fustigava as orelhas e soprava as gotas da chuva para baixo da aba do chapéu, além de fazer seu casaco adejar e se enroscar em suas pernas.

Ela não viu os dois homens que a observavam ao lado da cruz de pedra, no alto da ladeira. Um deles, bem-vestido, era imponente e elegante, uma pessoa de recursos e posição. O outro era baixo e moreno, embrulhado num grosso sobretudo napoleônico. Os dois trocaram algumas palavras. Cintilou um brilho de moedas, passando da mão enluvada para as palmas imundas do velho soldado, e os dois se separaram. O soldado desapareceu na Cité.

O cavalheiro seguiu Léonie.

Quando ela chegou à Place Saint-Gimer, estava encharcada.

Na falta de qualquer tipo de restaurante ou café, sua única opção foi refugiar-se na própria igreja. Subiu correndo a escadaria moderna e sem graça e cruzou o portão de metal entreaberto na grade negra.

Empurrou a porta de madeira e entrou. Embora houvesse velas acesas no altar e nas capelas laterais, ela estremeceu. Estava mais frio lá dentro que do lado de fora. Bateu os pés no chão, para sacudir o que pudesse da chuva, aspirando o cheiro de pedra molhada e incenso.

Hesitou e, percebendo que poderia ficar presa na église de Saint-Gimer por algum tempo, resolveu que não se resfriar era mais importante do que sua aparência, e tirou as luvas e o chapéu encharcados.

À medida que seus olhos se habituaram à penumbra, percebeu com alivio que outras pessoas tinham sido atraídas para a igreja para se abrigar do temporal. Era uma congregação estranha. Na nave e nas capelas laterais havia gente perambulando em silêncio. Um cavalheiro de cartola e sobretudo pesado, de braço dado com uma dama, sentava-se ereto num dos bancos, como se houvesse um cheiro desagradável sob o nariz de ambos. Alguns moradores locais do *quartier,* muitos deles sem botas e malvestidos, agachavam-se no piso de pedra. Havia até um burro e uma mulher segurando duas galinhas, uma embaixo de cada braço.

— É uma visão extraordinária — disse uma voz em seu ouvido —, mas, afinal, é preciso lembrar que o santuário acolhe todo aquele que o procura.

Assustada por alguém lhe dirigir diretamente a palavra, Léonie virou-se e viu um cavalheiro parado junto a seu cotovelo. A cartola cinza e a sobrecasaca distinguiam sua classe, assim como o cabo e a ponteira de prata da bengala e as luvas de pelica. A elegância tradicional do traje tornava ainda mais espantosos os seus olhos azuis. Por um instante Léonie pensou tê-lo visto antes, mas então percebeu que, embora ele fosse mais espadaúdo e corpulento, guardava certa semelhança de cores e traços com seu irmão.

Havia mais alguma coisa nele, algo naquele olhar direto e nas feições vulpinas, que provocou um tumulto inesperado no peito de Léonie. Seu coração começou a bater um pouco mais forte e ela sentiu a pele aquecer-se subitamente sob a roupa empapada.

— Eu... — começou a dizer, enrubescendo graciosamente, e baixou os olhos.

— Perdoe-me, não pretendi ofendê-la. Em circunstâncias normais, é claro, eu não me dirigiria a uma dama sem ser apresentado. Nem mesmo num lugar como este

— e sorriu. — Mas as circunstâncias são um tanto inusitadas, não?

A cortesia do homem a tranquilizou, fazendo-a erguer os olhos.

— Sim, são mesmo — concordou.

— Pois então, aqui estamos, companheiros de viagem buscando refúgio da tempestade. Pareceu-me que talvez fosse possível suspender as regras normais de etiqueta e comportamento — disse o estranho. Levantou ligeiramente a cartola, revelando a testa larga e o cabelo sedoso, cortado com precisão rente ao topo do colarinho alto. — E então, podemos ser amigos, provisoriamente?

Não a ofendo por fazer este pedido?

Léonie abanou a cabeça.

— Nem um pouco — respondeu em tom claro. —

Ademais, podemos descobrir-nos presos aqui por um bom tempo, afinal.

Lamentou que sua voz soasse forçada a seus ouvidos, aguda e fina demais para ser agradável. Mas o estranho continuou a sorrir e não pareceu notar.

— Exato — disse ele, olhando em volta. — Mas, em consideração às boas maneiras, quem sabe eu possa atrever-me a me apresentar, e assim já não seremos estranhos. E seus guardiães não precisarão se preocupar.

— Ah, eu... — Léonie interrompeu-se. Talvez não fosse prudente revelar que estava sozinha. — Ficaria encantada em aceitar sua apresentação.

Com uma meia mesura, ele tirou um cartão de visita do bolso.

— Victor Constant, *mademoiselle.*

Léonie aceitou o elegante cartão impresso em relevo com um frêmito de agitação, o qual tentou mascarar estudando o nome gravado. Tentou pensar em algo divertido para dizer. Também desejou não ter tirado as luvas.

Sob o olhar turquesa do homem, sentiu-se despida.

— E posso ter a impertinência de lhe perguntar seu nome? Um risinho escapou dos lábios da adolescente.

— É claro. Que tolice a minha. Lamento não ter...

Descuidei-me e não trouxe meus cartões de visita — mentiu, sem se perguntar por quê. — Sou Léonie Vernier.

Constant segurou sua mão desluvada e a levou aos lábios.

— *Enchanté.*

Léonie sentiu um sobressalto quando os lábios de Constant lhe roçaram a pele. Ouviu sua própria exclama-

ção abafada e sentiu a vermelhidão subir-lhe às faces, constrangida com a reação tão óbvia, e retirou a mão.

Galantemente, ele fingiu não notar. A jovem gostou dele por isso.

— Por que o senhor presumiu que eu estivesse sob os cuidados de um guardião? — indagou, quando se sentiu apta a confiar na própria fala. — Talvez eu esteja acompanhada por meu marido.

— Poderia estar, de fato, exceto por uma coisa.

Não creio que um marido fosse tão desprovido de cava-lheirismo a ponto de deixar uma esposa tão jovem e bela sozinha. — Correu os olhos pela igreja: — E nesse tipo de companhia.

Ambos relancearam um olhar pela coleção enlameada de pessoas. Léonie sentiu uma onda de prazer pelo elogio, mas ocultou o sorriso.

— Meu marido poderia simplesmente ter ido buscar ajuda.

— Nenhum homem seria tão tolo — retrucou ele, e houve algo tão apaixonado, quase selvagem na maneira como proferiu as palavras, que o coração de Léonie deu uma cambalhota.

Constant baixou os olhos para a mão desluvada da moça, onde não havia aliança de casamento.

Bem, admito que o senhor é muito perspicaz, monsieur Constant. E é correta a sua suposição de que não tenho marido.

— Que marido desejaria se afastar de uma esposa assim, mesmo por um instante?

Ela inclinou a cabeça:

— Isso porque o senhor, é claro, não trataria sua esposa dessa maneira, certo? — deixou escapar, antes que pudesse conter as palavras atrevidas.

— Infelizmente não sou casado — respondeu ele, com um sorriso lento. — Quis apenas dizer que, se tivesse a sorte de desfrutar um bem tão precioso, eu tomaria mais cuidado.

Seus olhos entraram em colisão, os verdes e os azuis. Para encobrir a onda de emoção experimentada, Léonie riu, fazendo vários cidadãos temporários de Saint-Gimer virarem-se para olhar.

Constant levou um dedo aos lábios.

— Psssiu. Claramente nossa frivolidade não é apre-ciada.

Havia abaixado a voz ainda mais, e por isso Léonie foi obrigada a chegar mais perto. Na verdade, os dois estavam tão próximos que quase se tocavam. Ela sentiu o calor de Constant junto ao corpo, como se todo o seu lado direito estivesse virado para uma fornalha. Lembrou-se das palavras de Isolde sobre o amor, na ocasião em que as duas se haviam sentado no promontório que dava para o lago, e pela primeira vez vislumbrou o que poderia ser esse sentimento.

— Posso contar-lhe um segredo? — perguntou Constant.

— Certamente.

— Creio saber o que a atraiu para este lugar, mademoiselle Vernier. Léonie levantou as sobrancelhas.

— É mesmo?

— A senhorita tem o ar de uma jovem numa aventura solitária. Entrou sozinha na igreja, encharcada pelo temporal, o que sugere que não está acompanhada de uma criada, pois esta certamente estaria munida de um guarda-chuva. E os seus olhos, muito parecidos com esmeraldas, estão reluzindo com a ebulição deste momento.

Um jorro de palavras altas e ríspidas brotou de uma família espanhola ali perto, chamando a atenção de Cons-

tant. Léonie sentia-se longe do seu juízo normal, porém, mesmo assim, reconheceu o perigo. O risco de, na intensidade do momento, dizer coisas que mais tarde preferiria não ter dito.

Revolveu mentalmente o elogio feito por ele.

Seus olhos reluzem como esmeraldas.

— Há muitos tecelões espanhóis neste *quartier* —comentou Constant, como que intuindo o mal-estar da jovem. — Até se iniciarem as reformas da fortaleza medieval, em 1847, a Cité era o centro da indústria têxtil local.

— O senhor é bem informado, monsieur Constant

— disse Léonie, procurando manter-se concentrada. —

Está envolvido na restauração? É arquiteto, talvez?

Pareceu-lhe que os olhos azuis faiscaram de prazer.

— A senhorita me lisonjeia, mademoiselle Vernier, mas não. Nada tão renomado assim. Tenho um mero interesse de amador.

— Compreendo.

Léonie constatou que não conseguia pensar numa única coisa divertida para dizer. Ansiosa por manter viva a conversa, buscou um assunto com que pudesse atraí-lo.

Queria que ele a julgasse espirituosa, inteligente, sedutora.

Por sorte, Victor Constant continuou a falar sem a sua ajuda.

— Havia uma igreja dedicada a Saint-Gimer, perto deste local, desde o fim do século XI. Este prédio, em particular, foi consagrado em 1859, quando ficou claro que a construção original se encontrava em tão mau estado de conservação, que seria aconselhável construir uma nova igreja, em vez de tentar uma restauração da antiga.

— Compreendo — tornou a dizer Léonie e se en-

colheu. *Como pareço maçante. Que idiota!*

— A igreja foi iniciada sob os auspícios de monsieur Viollet-le-Duc — prosseguiu Constant —, embora a construção tenha sido entregue prontamente a um arquiteto local, monsieur Cals, a fim de que este a concluísse conforme suas instruções.

Constant pôs as mãos nos ombros de Léonie e girou seu corpo, deixando-a de frente para a nave. A adolescente prendeu a respiração, perpassada por uma onda de calor.

— O altar, o púlpito, as capelas e os painéis, tudo isso foi obra de Viollet-le-Duc — disse ele. — Bastante típico. Uma mescla de estilos do Norte e do Sul. Muitos objetos da construção original foram transferidos para cá.

E embora esta aqui seja um tanto moderna para o meu gosto, ainda assim tem certa personalidade. Não concorda, mademoiselle Vernier?

Léonie sentiu as mãos dele escorregarem de seus ombros, roçando suas costas ao fazê-lo. Pôde apenas balançar a cabeça, não confiando em sua capacidade de falar.

Uma mulher sentada no chão da nave lateral, à sombra dourada de um relicário embutido na parede, começou a entoar uma canção de ninar, para acalmar o bebê irrequieto em seu colo.

Agradecida por essa distração, Léonie virou-se para olhar.

Aquèla Trivala

Ah qu'un polit quartier

Es plen de gitanòs.

As palavras flutuaram pela igreja até a nave em que Léonie e Constant estavam parados.

— Há um grande encanto nas coisas simples —comentou ele.

— Essa é a língua da Occitânia — disse Léonie, querendo impressioná-lo. — As criadas lá de casa a falam, quando creem que não há ninguém escutando.

Sentiu a atenção dele aguçar-se.

— De casa? Perdoe-me, mas, por suas roupas e seu porte, presumi que a senhorita estaria apenas viajando por esta região. Eu a havia tomado por *une vraie parisienne.*

Léonie sorriu ante o elogio.

— Mais uma vez, monsieur Constant, sua perspicá-cia é elogiável. De fato, meu

irmão e eu somos apenas hóspedes no Languedoc. Moramos no 8º *arrondissement*, não muito longe da estação Saint-Lazare. Conhece aquele *quartier?*

— Apenas pelos quadros de monsieur Monet, lamento.

— A Place d'Europe é visível das janelas de nossa sala de estar. Se conhecesse o local, o senhor seria capaz de situar nossa residência com precisão.

Constant encolheu os ombros com ar pesaroso.

— Nesse caso, se não for uma pergunta impertinente demais, mademoiselle Vernier, o que a trouxe ao Languedoc? Já está tarde na temporada para as viagens.

— Estamos passando um mês com uma parenta.

Uma tia. Ele fez uma careta.

— Meus pêsames — disse.

Léonie levou um momento para perceber que era uma brincadeira.

— Ah — riu-se. — A Isolde não tem nada a ver com esse tipo de tia, cheia de bolas de naftalina e *eau de Cologne. É* bonita e jovem, e também é de Paris, para começar.

Notou que alguma coisa faiscou nos olhos de Constant — satisfação, até deleite. Enrubesceu de prazer, por ele estar visivelmente apreciando o flerte tanto quanto ela.

É perfeitamente inofensivo.

Constant pôs a mão no peito e fez uma pequena mesura.

— Aceito a correção — disse.

— E eu o perdoo — retrucou Léonie, com ar gracioso.

— E sua tia, essa bela e encantadora Isolde, proveniente de Paris, reside agora em Carcassonne?

Léonie abanou a cabeça.

— Não. Estamos passando uns dias na cidade. Minha tia tem negócios a resolver, referentes à propriedade de seu falecido marido. Iremos a um concerto hoje à noite.

Ele balançou a cabeça.

— Carcassonne é uma cidade encantadora. Melhorou muito, nos últimos dez anos. Agora há muitos restaurantes e lojas excelentes, e hotéis também — comentou.

Fez uma pausa. — Ou será que vocês alugaram uma casa, talvez?

Léonie riu.

— Só estamos aqui por alguns dias, monsieur Constant. O Hotel Saint-Vincent é mais do que satisfatório para nossas necessidades!

A porta da igreja se abriu, com uma lufada de ar frio, e mais transeuntes entraram para se proteger da chuva. Léonie estremeceu quando as saias molhadas se enros-caram em suas pernas geladas.

— A tempestade a aflige? — apressou-se a indagar Constant.

— Não, de modo algum — respondeu ela, apesar de satisfeita com essa preocupação. — A propriedade de minha tia fica no alto da montanha. Nas últimas duas semanas, tivemos trovões e relâmpagos consideravelmente mais fortes do que estes.

— Quer dizer que a senhorita está a uma certa distância de Carcassonne?

— Estamos situados ao sul de Limoux, na Haute Vallée. Não muito longe do balneário de Rennes-les-Bains. Conhece-o? — perguntou, risonha.

— Lamento dizer que não. Mas devo admitir que, de repente, a região passou a ter um interesse considerável para mim. Talvez eu me sinta motivado a visitá-la, num futuro não muito distante.

Léonie enrubesceu ante o elogio encantador.

— É bastante isolado, mas a zona rural é magnífica.

— Há muita vida social em Rennes-les-Bains? Ela riu.

— Não, mas estamos muito felizes com nossa vida tranquila. Meu irmão leva uma vida agitada na cidade. Estamos aqui para descansar.

— Bem, espero que o Midi conte com o prazer da sua companhia por mais algum tempo — disse ele, baixinho.

Léonie esforçou-se para manter a expressão serena.

A família espanhola, ainda discutindo, levantou-se de repente. Léonie virou-se e viu que agora a porta principal estava aberta.

— A chuva parece estar parando, mademoiselle Vernier. É lamentável.

A última palavra foi dita em voz tão baixa, que Léonie o olhou de soslaio, intrigada com essa declaração tão franca de interesse. Mas o rosto dele parecia muito inocente, o que a levou a se perguntar se teria interpretado mal o sentido da observação. Tornou a olhar para as portas e viu que o sol havia saído, banhando numa luz viva e ofuscante a escadaria molhada.

O cavalheiro de cartola ajudou sua companheira a se levantar. Saíram cuidadosamente do banco, caminharam pela nave e se retiraram. Uma a uma, todas as outras pessoas, começaram a segui-los. Léonie surpreendeu-se ao ver como a congregação se tornara numerosa. Mal a havia notado. Monsieur Constant ofereceu-lhe o braço. — Vamos?

Sua voz provocou um arrepio na espinha de Léonie, que hesitou apenas por um instante. Depois, como que numa languidez de sonho, ela se viu estendendo a mão desluvada e apoiando-a na manga cinzenta de Constant.

— É muita gentileza sua.

Juntos, Léonie Vernier e Victor Constant saíram da igreja em procissão e entraram na Place Saint-Gimer.



CAPÍTULO 60

Apesar de sua aparência desalinhada, Léonie sentiu-se a pessoa mais feliz da Place Saint-Gimer. Embora muitas vezes houvesse imaginado um momento como aquele, era extraordinário que parecesse tão natural andar de bra-

ço dado com um homem. *E não estou sonhando.*

Victor Constant continuou a se mostrar um perfeito cavalheiro, atencioso, mas não inconveniente. Pediu-lhe permissão para fumar e, quando Léonie a concedeu, fez-lhe a honra de lhe oferecer um de seus cigarros turcos, grosso e marrom, diferente dos preferidos por Anatole.

Ela declinou, mas sentiu-se lisonjeada por ser tratada como adulta.

A conversa entre os dois prosseguiu dentro dos moldes previsíveis — o tempo, os encantos de Carcassonne, o esplendor dos Pireneus —, até chegarem ao outro lado da Ponte Velha.

— Lamento dizer que é aqui que devo deixá-la.

A decepção tomou conta de Léonie, mas ela conseguiu manter a expressão perfeitamente composta.

— O senhor foi extremamente gentil, monsieur Constant, muito solícito — disse. Hesitou e acrescentou:

— Também devo retornar. Meu irmão deve estar-se perguntando o que houve comigo.

Por um momento permaneceram juntos, meio constrangidos. Uma coisa era travarem conhecimento de maneira tão pouco ortodoxa, graças às peculiaridades das circunstâncias do temporal. Outra, bem diferente, era levar a associação um passo adiante.

— Mademoiselle Vernier — fez ele. Léonie ouviu um tremor em sua voz, o que a fez gostar ainda mais dele.

— Pois não, monsieur Constant?

— Espero que me perdoe se isto lhe parecer um comentário ousado demais, porém eu gostaria de saber se já teve o prazer de visitar a Praça Gambetta — e apontou para a direita. — Fica a não mais de dois ou três minutos daqui.

— Estive caminhando por lá hoje de manhã.

— Se porventura gostar de música, há um excelente concerto todas as sextas-feiras pela manhã, às 11 horas

— e Constant fitou-a com a plena força de seus olhos azuis, acrescentando: — Por certo pretendo comparecer.

Léonie escondeu um sorriso, admirando a finura com que ele a convidara a encontrá-lo, sem transgredir os limites do decoro social.

— É intenção da minha tia que eu desfrute um leque de atividades musicais enquanto estivermos em Carcassonne — disse, inclinando a cabeça de lado.

— Nesse caso, talvez eu tenha a sorte de descobrir que nossos caminhos se cruzarão outra vez amanhã, mademoiselle — fez Constant, levantando o chapéu. — E de ter o prazer de conhecer sua tia e seu irmão.

O homem fixou-lhe os olhos e, por um instante fugaz, Léonie teve a sensação de que estavam ligados, como se fosse inexoravelmente atraída por ele, puxada como um peixe no anzol. Prendeu a respiração, não desejando outra coisa, naquele momento, senão que monsieur Constant a envolvesse pela cintura e a beijasse.

— *A la prochaine* — disse ele.

Suas palavras quebraram o encanto. Léonie enrubesceu, como se ele pudesse ler seus pensamentos mais íntimos.

— Sim, é claro — gaguejou. — Até a vista.

Em seguida, virou-se e saiu andando depressa pela rue du Pont Vieux, antes que fizesse um papel vergonhoso, revelando a extensão das esperanças que bailavam em seu peito.

Constant a observou afastar-se, percebendo, pela postura da jovem, por seu

andar gracioso, pela maneira de manter a cabeça erguida, que ela estava mais do que cônscia de seu olhar seguindo-a enquanto se retirava. *Tal mãe, tal filha.*

Na verdade, fora quase fácil demais. Os rubores de estudante, os olhos arregalados, o modo como Léonie havia afastado os lábios, revelando a ponta da língua rosada.

Ele poderia tê-la seduzido naquele exato momento, se assim desejasse. O que não convinha a seus objetivos. Era infinitamente mais satisfatório brincar com as emoções dela. Destruí-la, sem dúvida, mas por levá-la a se apaixonar. Saber disso seria um tormento maior para Vernier do que vê-la ser possuída à força.

E Léonie *haveria* de se apaixonar por ele. Era jovem e impressionável, pronta para ser fisgada. *Desprezível.*

Constant estalou os dedos. O homem da capa azul, que o seguia a uma certa distância, apareceu instantaneamente a seu lado.

— Monsieur.

Victor Constant escreveu um bilhete curto e deu instruções para que fosse entregue no Hotel Saint-Vincent. A ideia do rosto de Vernier quando lesse a mensagem foi-lhe irresistível. Queria fazê-lo sofrer. Os dois, Vernier e sua vagabunda. Queria que passassem os próximos dias olhando para trás, esperando, assombrados, sempre se perguntando quando seria desferido o golpe.

Jogou uma bolsa de dinheiro nas mãos sórdidas do homem.

— Siga-os — ordenou. — Fique com eles. Mande

um recado da maneira habitual, para me informar exatamente aonde eles vão. Está claro? Acha que consegue entregar o bilhete antes que a garota chegue ao hotel?

O homem fez um ar ofendido.

— Esta é a minha cidade — resmungou, depois girou nos calcanhares e desapareceu numa pequena viela nos fundos do Hôpital des Malades.

Constant tirou a garota da cabeça e pensou no passo seguinte. No decorrer

daquele tedioso flerte na igreja, ela não apenas lhe fornecera o nome do hotel em que estavam hospedados em Carcassonne, como também, o que era mais importante, revelara onde Vernier e sua prostituta se haviam escondido.

Ele estava familiarizado com Rennes-les-Bains e seus tratamentos terapêuticos. O local convinha a seus objetivos. Constant não poderia fazer nada contra eles em Carcassonne. A cidade estava cheia demais e um confron-to ali despertaria demasiada atenção. Mas uma propriedade isolada no interior? Ele tinha alguns contatos na cidade, um homem, em particular, pessoa de poucos escrúpulos e temperamento cruel, a quem já havia prestado serviços.

Não anteviu nenhuma dificuldade para convencê-lo de que era chegado o momento de pagar sua dívida.

Pegou um fiacre de volta ao coração da Bastide e, em seguida, ziguezagueou pela rede de ruas atrás do Café des Négociants, no Boulevard Barbes. Ali se encontrava o mais exclusivo dos clubes privados. Champanhe, talvez uma garota. Quase só havia carne escura nessa região tão meridional, não a tez alva e o cabelo louro de sua preferência. Mas, nesse dia, ele estava disposto a abrir uma exceção. Sentia-se com vontade de comemorar.



CAPÍTULO 61

Léonie atravessou correndo a Praça Gambetta, cujas passarelas e bordas reluziam com as poças de água da chuva, refletindo os pálidos raios do sol, depois passou por um prédio municipal feio e entrou no coração da Bastide.

Estava praticamente alheia à agitação do mundo a seu redor. Às calçadas repletas, às ruas cheias de água suja e detritos, carregados da parte alta da cidade pela força do temporal.

Só agora as consequências de sua excursão vespertina começaram a atingi-la. Sua cabeça encheu-se de ideias de como Anatole a castigaria, enquanto ela seguia, meio andando, meio correndo, pela rua encharcada, com os nervos tensos a ponto de quase se romperem. *Mas não me arrependo.*

Seria punida por sua desobediência, não tinha dúvida, mas não podia dizer que gostaria de não ter ido.

Levantou os olhos para a placa e constatou que estava na rue Courtejaire, não na Carrière Mage, como havia suposto. Na verdade, tinha-se perdido por completo. O

plan de la ville estava empapado e se desintegrou em suas mãos. A tinta havia escorrido e os nomes das ruas tinham ficado praticamente ilegíveis. Léonie virou primeiro à direita, depois à esquerda, procurando um marco que pudesse reconhecer, mas todas as lojas estavam com tábuas nas portas e vitrines, para protegê-las do mau tempo, e todas as ruas estreitas da Bastide pareciam iguais.

Errou o caminho várias vezes, de modo que se passou quase uma hora a mais até ela conseguir localizar a igreja de Saint-Vincent e, dali, a rue du Port e o hotel. Ao subir correndo os degraus da entrada principal, ouviu os sinos da catedral baterem seis horas.

Irrompeu saguão adentro, ainda correndo, na esperança de conseguir no mínimo voltar à privacidade de seu quarto e vestir uma roupa seca antes de enfrentar o irmão.

Mas Anatole estava parado na recepção, andando de um lado para outro, um cigarro preso entre os dedos. Léonie estancou. Ao vê-la, ele disparou pelo saguão, segurou-a pelos ombros e a sacudiu com força.

— Onde diabos você foi? — gritou. — Eu estava quase enlouquecendo! Léonie permaneceu imóvel, atônita diante daquela raiva.

— Então? — insistiu Anatole.

— Eu... eu sinto muito. Fui apanhada pela tempestade.

— Não brinque comigo, Léonie — berrou ele. —

Eu a proibi expressamente de sair sozinha. Você se livrou da Marieta com um pretexto absurdo e desapareceu. Onde foi, em nome de Deus? Diga-me, sua desgraçada!

Os olhos de Léonie se arregalaram. Anatole nunca havia praguejado diante dela. Nem uma vez. Nunca.

— Podia ter-lhe acontecido qualquer coisa! Uma moça sozinha num lugar

desconhecido. Qualquer coisa!

Léonie olhou para o gerente, que escutava tudo com indisfarçável interesse.

— Anatole, por favor — murmurou. — Eu posso

explicar. Se pudermos ir para um lugar mais privado. Para nossos quartos. Eu...

— Você me desobedeceu e saiu da Bastide? — o irmão tornou a sacudida. — E então? Foi isso que fez?

— Não — mentiu Léonie, assustada demais para dizer a verdade. — Gostei da Praça Gambetta e fiquei admirando a arquitetura maravilhosa da Bastide. Admito que mandei a Marieta de volta para buscar um guarda-chuva, e não o devia ter feito, eu sei, mas, quando a chuva começou, achei que você preferiria que eu procurasse um abrigo, em vez de ficar na rua. Ela lhe contou que nós fomos procurá-lo na Carrière Mage?

A expressão de Anatole ficou ainda mais sombria.

— Não, ela não me informou isso — respondeu, secamente. — E você nos viu?

— Não, eu...

Ele recomeçou o ataque:

— Mesmo assim, a chuva parou há mais de uma hora. Tínhamos combinado encontrar-nos às cinco e meia. Ou será que você tirou isso da cabeça?

— Eu me lembro, mas...

— É impossível não saber que horas são nesta cidade. Não se consegue dar um passo sem ser assaltado pelo toque dos sinos. Não minta para mim, Léonie. Não finja que não sabia como era tarde, porque não vou acreditar.

— Eu não pretendia dar esse tipo de desculpa —disse ela, num fiapo de voz.

— Onde você se abrigou?

— Numa igreja — apressou-se a responder.

— Que igreja? Onde?

— Não sei. Perto do rio. Anatole agarrou-a pelo braço.

— Está me dizendo a verdade, Léonie? Você atravessou o rio para ir à Cite?

— A igreja não era na Cité — protestou ela em tom sincero, aflita por sentir as lágrimas assomando aos olhos. — Por favor, Anatole, você está me machucando.

— E ninguém se aproximou de você? Ninguém tentou feri-la?

— Você está vendo que não — ela respondeu, tentando soltar o braço. Anatole a fitou, os olhos chamejan-tes de uma fúria que raras vezes ela havia provocado. E

então, sem aviso prévio, soltou-a, praticamente afastando-a com um empurrão.

Os dedos gelados de Léonie deslizaram para o bolso em que tinha posto o cartão de visita de monsieur Constant.

Se ele achasse isso agora...

Anatole afastou-se dela, dando um passo atrás.

— Estou decepcionado com você — declarou. A frieza e a falta de afeição em sua voz enregelaram Léonie até os ossos. — Estou sempre esperando o melhor de você, e aí você se comporta dessa maneira.

A raiva inflamou-se dentro dela, deixando-a a ponto de exclamar que não fizera nada além de dar um passeio desacompanhada, mas Léonie mordeu a língua. Não faria sentido exasperá-lo ainda mais.

Baixou a cabeça.

— Desculpe-me. Anatole deu-lhe as costas.

— Vá para o seu quarto fazer as malas. *N ão, isso não.*

Ela levantou os olhos rapidamente. Num instante, seu espírito de luta estava de volta.

— Fazer as malas? Por que devo fazer as malas?

— Não discuta comigo, Léonie, apenas faça o que estou mandando.

Se fossem embora nessa noite, ela não poderia se encontrar com Victor Constant no dia seguinte, na Praça Gambetta. Ainda não resolvera se iria, mas não queria que a decisão fosse tirada de suas mãos.

O que ele vai pensar se eu não for ao concerto?

Correu atrás de Anatole e o segurou pelo braço.

— Por favor, eu lhe imploro, eu já disse que sinto muito. Castigue-me, se quiser, mas não desse jeito. Não quero ir embora de Carcassonne. Anatole desvencilhou-se dela.

— Houve alertas de novas tempestades e inunda-

ções. Isso não tem nada a ver com você — afirmou ele, em tom selvagem. — Graças a sua desobediência, fui obrigado a mandar Isolde na frente para a estação com a Marieta.

— Mas e o concerto! — exclamou Léonie. — Eu quero ficar! Por favor! Você prometeu.

— Vá-fazer-as-malas! — gritou ele.

Nem mesmo nessa hora Léonie conseguiu aceitar a situação.

— O que aconteceu para fazê-lo querer ir embora tão abruptamente? — perguntou, elevando a voz no mesmo nível. — Tem alguma coisa a ver com a reunião da Isolde com os advogados?

Anatole deu um passo atrás, como se ela o tivesse esbofeteado.

— Não aconteceu nada.

De um minuto para outro, ele parou de gritar. Sua expressão abrandou-se.

— Haverá outros concertos — disse, num tom mais gentil. Tentou envolvê-la com o braço, mas ela o empurrou.

— Odeio você! — gritou.

Com as lágrimas queimando nos olhos e sem dar a mínima importância a quem a visse, subiu a escada correndo e assim continuou pelo corredor, entrou no quarto e se atirou de bruços na cama, numa tempestade de choro.

Eu não vou embora. Não vou.

Mas sabia não haver nada que pudesse fazer. Tinha pouco dinheiro. Qualquer que fosse a verdadeira razão daquela partida repentina — e não acreditava no pretexto da piora do tempo —, ela não tinha alternativa. Anatole estava decidido a castigá-la por seu comportamento vo-luntarioso e havia escolhido a maneira mais certeira de fazê-lo.

Terminada a crise de choro, Léonie foi buscar uma roupa seca para vestir e ficou perplexa ao encontrar o armário vazio, exceto por sua capa de viagem. Irrompeu pela porta de comunicação na parte comum da suíte, mas a encontrou deserta e constatou que Marieta levara praticamente tudo.

Totalmente arrasada, com a roupa úmida e pesada incomodando e lhe dando comichão, recolheu seus poucos pertences pessoais deixados na penteadeira pela empregada, pegou a capa e saiu impetuosamente pelo corredor, onde encontrou Anatole.

— A Marieta não deixou absolutamente nada para eu vestir — protestou, os olhos relampejando de fúria. —

Minha roupa está molhada e estou com frio.

— Ótimo — disse ele, entrando no quarto em frente e batendo a porta.

Léonie girou nos calcanhares e tornou a entrar em seu quarto, pisando duro.

Eu o odeio.

Ele ia ver só. Léonie tivera o cuidado de se portar direito e com decoro, mas Anatole a estava obrigando a tomar medidas mais drásticas. Ela mandaria um recado para monsieur Constant, explicando por que não poderia honrar seu compromisso pessoalmente. Assim, pelo menos ele não faria mau juízo a seu respeito. Talvez até lhe escrevesse para expressar sua tristeza pela amizade prematuramente cortada.

Com o rosto rubro de desafio e determinação, correu até a escrivaninha e pegou uma folha de papel de carta. Rapidamente, antes que perdesse a coragem, rabiscou algumas linhas pesarosas, sugerindo que as cartas enviadas aos cuidados da posta-restante em Rennes-les-Bains che-gariam as suas mãos, caso ele desejasse tranquilizá-la, confirmando o recebimento desse bilhete. Não lhe pareceu que pudesse abrir mão de sua reserva a ponto de fornecer o endereço da própria Herdade do Cade.

Anatole ficaria furioso.

Léonie não se incomodou. Era bem feito. Se ele in-sistisse em tratá-la como criança, ela se portaria como tal.

Se ele não a deixasse tomar suas próprias decisões, de agora em diante ela não levaria os seus desejos em conta.

Fechou o envelope e o endereçou. Após uma pequena pausa, tirou da bolsa o vidrinho de perfume e salpi-cou algumas gotas na carta, como fariam as heroínas de seus romances favoritos. Depois, encostou-a nos lábios, como se pudesse imprimir um pouquinho de si mesma no papel branco.

Pronto. Está feito.

Agora, só lhe restava descobrir um modo de deixá-la com o *patron* do hotel sem que Anatole soubesse, para que fosse entregue no dia seguinte a monsieur Constant, na hora marcada, na Praça Gambetta.

Depois, restaria apenas esperar para ver o que acontecia.

No quarto em frente, Anatole sentou-se com a cabeça entre as mãos. Amassada na mão, segurava uma carta que fora entregue no hotel por um mensageiro, cerca de meia hora antes de Léonie reaparecer.

Nem chegava a ser uma carta. Eram apenas cinco palavras, que lhe haviam marcado a alma a ferro e fogo.

“CE N’EST PAS LA FIN.” Não é O fim.

Não havia assinatura nem endereço do remetente, mas Anatole temia compreender muito bem o significado.

Era uma resposta a palavra solitária que ele tinha escrito na última página da agenda que havia deixado em Paris.

“FIM.”

Levantou a cabeça, em desespero, com os olhos castanhos em fogo. Tinha o rosto encovado e branco de susto.

De algum modo, Constant sabia. Sabia que o enterro no Cemitério de Montmartre tinha sido uma farsa e que Isolde estava viva, sabia até que ela estava ali em sua companhia, no Midi.

Passou as mãos pelo cabelo. Como? Como é que Constant ficara sabendo que eles estavam em Carcassonne? Ninguém, a não ser ele, Léonie, Isolde e os criados da casa, sabia que estavam na cidade, muito menos nesse hotel específico.

O advogado sabia. E o padre.

Mas não que eles estavam hospedados neste hotel.

Anatole obrigou-se a se concentrar. Não podia se dar ao luxo de se perder em indagações sobre como eles teriam sido descobertos. Não era o momento de se preocupar com a forma pela qual Constant os havia encontrado — haveria muito tempo para essa análise mórbida depois —, mas de decidir o que fariam agora.

Seus ombros arriaram ao lhe voltar à lembrança a expressão abatida de Isolde. Ele teria dado qualquer coisa para esconder aquilo da mulher, mas ela o encontrara minutos depois da chegada da carta, e ele não conseguira esconder a verdade.

A alegria daquela tarde desfizera-se em cinzas em suas mãos. A promessa de uma vida nova em comum, sem se esconderem nem sentirem medo, havia-lhes escoa-do por entre os dedos.

Ele havia pretendido dar a notícia alegre a Léonie nessa noite. Franziu a testa. Depois do comportamento afrontoso que a irmã tivera nessa tarde, resolveu não fazê-lo. Sua decisão de não envolvê-la no casamento tinha-se confirmado. Ela havia provado que não se podia contar com sua conduta correta.

Anatole foi até a janela, abriu as venezianas e olhou para fora. Não havia ninguém na rua, exceto um bêbado embrulhado num velho casacão militar, com os joelhos encolhidos, arriado no muro em frente.

Fechou as venezianas.

Não tinha como saber se o próprio Constant se encontrava realmente em Carcassonne. Ou, se assim não fosse, quão perto estaria. O instinto lhe dizia que a melhor solução era voltarem imediatamente para Rennes-les-Bains.

Precisava agarrar-se à tênue esperança de que, se Constant tivesse conhecimento da Herdade do Cade, teria mandado sua carta para lá.



CAPÍTULO 62

Léonie esperou Anatole no saguão, com as mãos cruzadas na frente e em silêncio. Exibia um olhar de desafio, mas estava com os nervos à flor da pele, por medo de que o *patron* a entregasse.

Anatole desceu a escada sem lhe dizer palavra. Dirigiu-se à recepção, trocou umas palavras rápidas com o *patron,* passou por ela e saiu para a rua, onde o fiacre os aguardava para levá-los à estação ferroviária. Léonie deu um suspiro de alívio.

— Meus agradecimentos, monsieur — disse em voz baixa.

— *Je vous en prie, mademoiselle* Vernier — respondeu o homem, dando-lhe uma piscadela. Bateu no bolso do paletó. — Farei com que a carta seja entregue, conforme o seu desejo.

Léonie despediu-se com um aceno da cabeça e se apressou a descer a escada para alcançar o irmão.

— Entre — ele lhe ordenou com frieza, enquanto ela subia no fiacre, como quem se dirigisse a uma criada indolente. Léonie enrubesceu.

Anatole inclinou-se para a frente e passou uma moeda de prata ao cocheiro:

— O mais rápido que puder.

Não dirigiu uma só palavra à irmã no breve trajeto até a estação ferroviária. A rigor, nem olhou para ela.

O trânsito da cidade estava lento, nas ruas alagadas e imundas, e eles alcançaram o trem poucos minutos antes da partida, correndo pela plataforma escorregadia até os vagões da primeira classe, na parte dianteira. O guarda segurou a porta para os dois e os introduziu no carro.

A porta fechou-se. Isolde e Marieta estavam aco-modadas num canto.

— Tante Isolde! — exclamou Léonie, esquecendo o mau humor ao vê-la. Não havia uma gota de cor em suas faces e os olhos cinzentos exibiam círculos vermelhos.

Léonie teve certeza de que ela estivera chorando. Marieta levantou-se.

— Achei melhor ficar com a *madama* — murmurou para Anatole —, em vez de me recolher ao meu vagão.

— Fez bem — disse ele, sem tirar os olhos de Isolde. — Eu resolvo com o guarda.

Sentou-se na *banquette* ao lado da mulher e segurou sua mão flácida. Léonie também chegou mais perto:

— O que houve?

— Receio ter pegado um resfriado. A viagem e o clima também me desgastaram bastante — disse Isolde.

Contemplou Léonie com seus olhos cinzentos. — Sinto muitíssimo que você perca o concerto por minha causa.

Sei o quanto esperava por ele.

— A Léonie concorda que a sua saúde vem em primeiro lugar — comentou Anatole em tom cortante, sem dar à irmã a oportunidade de responder por si. — E

também reconhece que não podemos correr o risco de ficar presos aqui, tão longe de casa, apesar da desconside-ração de suas perambulações desta tarde.

A injustiça dessa reprimenda a magoou, mas Léonie conseguiu ficar de boca fechada. Qualquer que fosse a verdadeira razão da partida precipitada de Carcassonne, era claro que Isolde estava adoecendo. Não havia dúvida de que precisava estar no conforto de sua própria casa.

A liás, se A natole tivesse dito isso, eu não teria feito nenhuma reclamação.

O ressentimento pela maneira injusta com que o irmão a tratava espicaçou-a. Recusou-se a perdoá-lo. Convenceu-se de que Anatole é que havia provocado a briga e de que ela, na verdade, não fizera nada de errado.

E, assim, deu um suspiro, amarrou a cara e se pôs a olhar conspicuamente pela janela.

Mas, quando olhou para Anatole, para ver se ele estava observando sua insatisfação, a preocupação crescente com Isolde começou a eclipsar a lembrança da briga com o irmão.

Tocou o apito. Veio a exalação de fumaça no ar úmido e ventoso. O trem partiu aos solavancos.

Na plataforma em frente, minutos depois, o inspetor Thouron e dois policiais parisienses desembarcaram do trem de Marselha. Estavam com cerca de duas horas de atraso, tendo sido retidos por uma avalanche acarretada pelas chuvas fortes, no trecho da ferrovia nos arredores de Béziers.

Thouron foi recebido pelo inspetor Bouchou, da *gendarmerie* de Carcassonne. Trocaram um aperto de mãos.

Depois, cada qual prendendo o casaco esvoaçante junto ao corpo e segurando firmemente o chapéu na cabeça, os dois saíram batalhando contra o furioso vento de proa pela plataforma tempestuosa.

O túnel para pedestres que ligava um lado da esta-

ção ao outro estava alagado, e por isso o chefe da estação os esperava num portãozinho lateral que dava para a rua, segurando a corrente com força, por

medo de que o vento forte o jogasse para o lado oposto e o arrancasse das dobradiças.

— Foi gentileza sua vir ao meu encontro, Bouchou

— disse Thouron, cansado e mal-humorado depois da viagem longa e desconfortável.

Bouchou era um homem corpulento, de rosto corado, aproximando se da idade da aposentadoria, e tinha a tez morena e o físico atarracado que Thouron associava ao Midi. Mas, logo ao primeiro contato, pareceu-lhe um sujeito bastante afável, de modo que seus temores de que, como nortistas pior ainda, parisienses —, ele e seus homens viessem a ser tratados com suspeita afiguraram-se infundados.

— É um prazer ajudar — gritou Bouchou, para se fazer ouvir acima do vento. — Mas confesso estar intrigado com o fato de um homem da sua posição fazer uma viagem dessas. É só uma questão de encontrar o Vernier para informá-lo do assassinato da mãe, *ei* — e lançou um olhar perspicaz para o inspetor. — Ou será que há mais alguma coisa?

O parisiense deu um suspiro.

— Vamos sair deste vento que eu lhe conto.

Dez minutos depois, estavam instalados num pequeno café, pertinho da Cour de Justice Présidiale, onde podiam conversar sem medo de serem entreouvidos. A maior parte da clientela compunha-se de colegas policiais da *gendarmerie* ou funcionários do presídio.

Bouchou pediu dois cálices de um licor local, La Micheline, e aproximou a cadeira para ouvir melhor.

Thouron achou a bebida um pouquinho doce demais para o seu gosto, mas, mesmo assim, bebeu agradecido, enquanto explicava a essência do caso.

Marguerite Vernier, viúva de um *communard* e, mais recentemente, amante de um ilustre herói de guerra, cheio de condecorações, fora encontrada morta no apartamento da família na noite de um domingo, 20 de setembro. Desde então, passara-se um mês, e eles ainda não haviam conseguido localizar o filho nem a

filha, os parentes mais próximos, para lhes dar a notícia de sua perda.

Aliás, embora não houvesse razão para considerar Vernier suspeito, ao mesmo tempo tinham vindo à luz alguns pontos interessantes, umas irregularidades, *quand mème.* Inclusive os indícios crescentes de que ele e a irmã

haviam tomado providências deliberadas para encobrir seu rastro. Isso significava que os homens de Thouron tinham levado algum tempo para descobrir que monsieur e mademoiselle Vernier haviam partido da estação Montparnasse para o sul, e não da estação Saint-Lazare para o oeste ou o norte, como se acreditara anteriormente.

— Para dizer a verdade — admitiu Thouron —, se um de meus homens não se houvesse mantido alerta, não teríamos ido mais longe que isso.

— Prossiga — disse Bouchou, com o olhar aguçado pelo interesse.

— Passadas quatro semanas, você compreende, eu já não podia justificar a vigilância do apartamento 24 horas por dia.

Bouchou encolheu os ombros:

— *Bien sûr.*

— Mas, como às vezes acontece, um de meus policiais, um garoto esperto, Gaston Leblanc, fez amizade com uma criada da casa dos Debussy, a família que reside no apartamento embaixo do dos Vernier, na rue de Berlin.

Ela contou ao Leblanc ter visto o porteiro aceitar dinheiro de um homem e, em troca, entregar-lhe algum tipo de envelope.

Bouchou pôs os cotovelos na mesa.

— E o porteiro o admitiu? Thouron fez que sim.

— A princípio, negou. Essa gente sempre nega.

Mas, ameaçado de detenção, acabou admitindo ter sido pago, e muito bem pago, para entregar qualquer correspondência dirigida ao apartamento dos Vernier.

— Pago por quem? Thouron encolheu os ombros.

— Ele alegou não saber. As transações eram sempre feitas com um criado.

— E você acreditou?

— Sim — disse o parisiense, esvaziando o copo. —

No cômputo geral, acreditei. O resumo da ópera foi que o porteiro afirmou, embora não pudesse ter certeza, que a letra era parecida com a de Anatole Vernier. E que o selo era da província de Aude.

— *Et voilà,* você veio para cá. Thouron fez uma careta.

— Não é grande coisa, eu sei, mas é a única pista que temos. Bouchou levantou a mão para pedir outra rodada.

— E o assunto é delicado, por causa da ligação romântica de madame Vernier, certo?

Thouron confirmou com a cabeça.

— O general Du Pont é um homem de certa reputação e influência. Não é suspeito do crime, mas...

— E você tem certeza disso? — interrompeu Bouchou. — Será que não é só o seu chefe de polícia que não quer se ver embrulhado num escândalo?

Pela primeira vez, Thouron deixou um sorriso bailar de leve nos lábios, o que lhe transformou o rosto, fazendo-o parecer mais jovem do que os seus 40 anos.

— Não nego que meus superiores ficariam bastante... inquietos, digamos, se houvesse provas contra Du Pont — respondeu, cauteloso. — Mas, felizmente para todos os interessados, são muito numerosos os fatores que atenuam a possibilidade de que o general seja o responsável. Mesmo assim, o homem está ansioso por não ter essa sombra pairando sobre sua cabeça. Como é compreensível, ele acha que, enquanto o assassino não for capturado e levado à justiça, haverá rumores e a possibilidade de uma mácula sobre seu caráter.

Bouchou ouviu num silêncio atento, enquanto Thouron desenvolvia o raciocínio

que o levava a crer na inocência de Du Pont — a pista anônima, o fato de o legista haver calculado que o óbito ocorrera algumas horas antes de o corpo ser encontrado, num horário em que Du Pont estava num concerto, à vista de todos, e a questão de quem teria subornado o porteiro.

— Um amante rival? — sugeriu.

— Também pensei nisso — admitiu Thouron. —

Havia duas taças de champanhe, mas havia também um copo de uísque quebrado na grade da lareira. Além disso, embora tenha havido alguns indícios de que o quarto de Vernier foi revistado, os criados insistem em que a única coisa retirada do apartamento foi um retrato de família emoldurado, que ficava no aparador.

Thouron tirou do bolso uma fotografia parecida, feita na mesma ocasião no estúdio parisiense. Bouchou a olhou sem tecer comentários.

— Reconheço — prosseguiu Thouron — que, mesmo que os Vernier tenham estado na província do Aude, talvez já não se encontrem por aqui agora. É uma região grande e, se eles estiverem aqui em Carcassonne, ou numa residência particular no interior, talvez seja muito difícil obter informações sobre seu paradeiro.

— Você tem alguma cópia? Thouron fez que sim.

— Porei um aviso nos hotéis e hospedarias de Carcassonne, para começar, e depois, talvez, nas principais cidades turísticas do sul. Eles se destacariam menos num ambiente urbano do que no interior — comentou, baixando os olhos para a fotografia. — A moça é linda, não é? Essas cores são incomuns — disse. Enfiou a fotografia no bolso do colete. — Deixe-a comigo, Thouron. Verei o que podemos fazer.

O outro inspetor deu um longo suspiro.

— Fico-lhe muito grato, Bouchou. Esse caso tem se arrastado demais.

— *Je vous en prie, T* houron. E agora, que tal jantarmos?

Cada um comeu um prato de costeletas, seguido por um pudim de ameixa cozido no vapor, tudo acompanhado por um *pichet* de um tinto robusto do Minervois. O

vento e a chuva continuaram a açoitar o prédio. Outros fregueses chegaram e se foram, batendo os pés para tirar a água das botas e sacudindo os chapéus. Circulou a notícia de que a prefeitura havia emitido um alerta de inundação, porque o rio Aude estava prestes a transbordar.

Bouchou soltou um grunhido:

— Todo outono eles dizem a mesma coisa, mas nunca acontece! Thouron ergueu as sobrancelhas:

— Nunca?

— Bem, já faz alguns anos — admitiu Bouchou com um sorriso. — Esta noite, acho que as defesas serão suficientes para aguentar.

A tempestade atingiu a Haute Vallée pouco depois das oito horas da noite, justamente quando o trem que transportava Léonie, Anatole e Isolde para o sul aproximava-se da estação de Limoux.

Primeiro as trovoadas, depois um relâmpago bifurcado, que cortou o céu colorido de púrpura. Isolde soltou um grito. No mesmo instante, Anatole pôs-se a seu lado.

— *Je suis là* — acalmou-a.

Outro trovão estalou no ar, fazendo Léonie sobressaltar-se em seu assento, e foi seguido por uma segunda explosão de raios, à medida que a tempestade rolava cada vez mais baixo sobre as planícies. Os *pins maritimes,* os plátanos e as faias balançaram e se curvaram sob as rajadas crescentes de vento. Até os vinhedos, alinhados em fileiras perfeitas, sacudiram com a ferocidade da tempestade.

Léonie esfregou o vidro embaçado e observou, meio horrorizada, meio eufórica, as forças da natureza campeando soltas. O trem prosseguiu em seu avanço laborioso. Em vários momentos, foi obrigado a parar entre as estações, enquanto se retiravam dos trilhos galhos caídos e até pequenas árvores, arrancadas das encostas íngremes dos desfiladeiros pelo açoite da chuva.

A cada estação, mais e mais pessoas pareciam embarcar, substituindo em dobro as que saltavam. Chapéus enterravam-se na cabeça, colarinhos eram levantados para proteger da chuva que se infiltrava pelo vidro fino das janelas do trem. A

demora em cada estação tornou-se cada vez mais interminável, os vagões sempre mais lotados de refugiados da tormenta.

Horas depois, chegaram a Couiza. Nos vales o tempo estava menos furioso, porém não havia fiacres para alugar e fazia muito que o *courrier publique* tinha partido.

Anatole foi obrigado a acordar um dos lojistas e fazê-lo mandar seu filho pelo vale, montado numa mula, a fim de trazer Pascal com o cabriolé para buscá-los.

Enquanto esperavam, eles se abrigaram no prédio miserável de um restaurante anexo à *gare*. *E* ra tarde demais para jantar, mesmo que as condições não fossem tão pavorosas. Mas, ao ver a palidez fantasmagórica de Isolde e a angústia indisfarçável de Anatole, a mulher do proprietário compadeceu se do grupo enlameado e lhe ofereceu tigelas fumegantes de sopa de rabada e pedaços de pão preto ressequido, junto com uma garrafa de vinho forte de Tarascona.

Dois homens juntaram-se a eles, também procurando refugiar-se da tempestade, e trouxeram a notícia de que o rio Aude estava prestes a transbordar em Carcassonne. Já havia bolsões de inundação nos bairros de Trivalle e Barbacane.

Léonie empalideceu, visualizando mentalmente a água negra lambendo os degraus da igreja de Saint-Gimer.

Como teria sido fácil ficar ilhada! As ruas por onde havia caminhado, a dar crédito aos relatos, estavam agora submersas. Depois lhe ocorreu outra ideia: será que Victor Constant estava a salvo?

A tortura de imaginá-lo em perigo agitou-lhe os nervos em todo o trajeto para a Herdade do Cade, deixando-a alheia aos rigores da jornada e à luta dos cavalos exaustos pelas estradas escorregadias e perigosas que os levavam para casa.

Quando entraram na longa alameda de cascalho, com as rodas prendendo nas pedras molhadas e na lama, Isolde estava praticamente desacordada. As pálpebras es-tremeciam, em sua luta para permanecer consciente. A pele tinha uma sensação fria.

Anatole disparou casa adentro, gritando instruções.

Marieta foi chamada para misturar um pó que ajudaria sua patroa a dormir, outra

criada, para buscar o *moine*, uma escalfeta usada para aquecer a cama e retirar a friagem dos lençóis de Isolde, uma terceira, para atiçar o fogo que já ardia na lareira. Então, ao ver que Isolde estava fraca demais para andar, Anatole ergueu-a nos braços e a carregou escada acima. As mechas de seu cabelo louro, agora a lhe descer pelas costas, pendiam feito fios de seda clara contra as mangas negras do paletó do rapaz.

Atônita, Léonie os viu se afastarem. Quando recompôs as ideias, todos tinham desaparecido, deixando-a arranjar-se sozinha.

Enregelada até os ossos e aborrecida, ela os seguiu para o primeiro andar. Tirou a roupa e se deitou na cama.

As cobertas pareciam úmidas. Não havia fogo aceso em sua lareira. O quarto estava inóspito e desolado.

Tentou dormir, mas ficou consciente o tempo todo de Anatole andando pelos corredores. Mais tarde, ouviu o clicar de suas botas nas lajotas do salão lá embaixo, mar-chando de um lado para outro como um soldado na ronda noturna, e escutou o som da porta da entrada se abrindo.

Depois, silêncio.

Por fim, Léonie mergulhou num sono superficial e inquieto, sonhando com Victor Constant.



PARTE VIII

Hotel Herdade do Cade

Outubro de 2007

CAPÍTULO 63

TERÇA-FEIRA, 30 DE OUTUBRO DE 2007

Meredith avistou Hal antes que ele a visse e sentiu uma palpitação ao ver o jeito do rapaz. Ele estava esparramado numa das três poltronas baixas dispostas em volta de uma mesinha, praticamente com a mesma roupa que tinha usado mais cedo — jeans azuis e camiseta branca —só que havia trocado o suéter azul por outro, marrom-claro. Enquanto ela o observava, o rapaz levantou a mão e afastou do rosto o cabelo rebelde.

Meredith sorriu do gesto já conhecido. Deixando a porta fechar-se às suas costas, atravessou a sala em direção a ele. Hal se levantou à sua aproximação.

— Oi — disse ela, pondo a mão em seu ombro. —

Tarde difícil?

— Já tive outras melhores — ele respondeu, dando-lhe um beijo no rosto e se virando para chamar o gar-

çom. — O que posso lhe oferecer?

— O vinho que você recomendou ontem à noite era muito bom.

Hal fez o pedido: *"Une bouteille du Domaine Begude, s'il vous plaît, Georges. Et trois verres."*

— Três taças? — indagou Meredith. A expressão de Hal anuviou-se.

— Topei com meu tio na chegada. Ele pareceu achar que você não se importaria. Disse que vocês estive-

ram conversando. Quando falei que nos encontraríamos para tomar uma bebida, ele se convidou.

— De jeito nenhum — disse Meredith, ansiosa por desfazer a má impressão de Hal. — Ele me perguntou se eu sabia onde você tinha ido, depois que me deixou aqui.

Eu disse que não sabia direito. E foi só.

— Certo.

— Não é o que eu chamaria de uma conversa —insistiu ela, para deixar as coisas claras. Inclinou-se para a frente, com as mãos nos joelhos. — O que aconteceu hoje de tarde?

Hal deu uma espiada na porta e se voltou para ela.

— Seguinte: por que não reservamos uma mesa para jantarmos? Não quero começar a falar e ter que me interromper daqui a alguns minutos, quando meu tio chegar.

A reserva introduz um fim natural, sem que tenhamos de ser muito óbvios. O que acha?

Meredith sorriu.

— Um jantar me parece ótimo. Não almocei. Estou faminta. Com ar satisfeito, Hal levantou-se.

— Volto num instante.

Meredith o viu atravessar a sala em direção à porta e gostou do jeito como parecia preencher o espaço, com seus ombros largos. Viu-o hesitar e virar-se, como se sentisse o olhar dela em suas costas. Seus olhares se encontraram a meio caminho e se sustentaram. Depois, ele deu um meio sorriso e desapareceu no corredor.

Foi a vez de Meredith afastar as franjas pretas do rosto. Sentiu um rubor quente no pescoço, as palmas das mãos úmidas, e abanou a cabeça diante dessa tolice de colegial.

Georges trouxe o vinho num balde de gelo com suporte e lhe serviu uma taça grande, em forma de tulipa.

Meredith bebeu vários goles de uma vez, como se fosse refrigerante, e se abanou com o cardápio de coquetéis deixado na mesa.

Correu os olhos pelo bar, com suas estantes de livros do chão ao teto, e se perguntou se Hal saberia quais deles — se é que havia algum — tinham sobrevivido ao incêndio e feito parte da biblioteca original. Ocorreu-lhe que talvez houvesse algum tipo de vínculo envolvendo a família Lascombe e os Vernier, especialmente considerando a ligação com a gráfica, através da família Bousquet.

Por outro lado, podia ser que todos os livros tivessem vindo do *vide-grenier*, a liquidação do brechó.

Meredith olhou pela janela para a escuridão do lado de fora. Nas bordas mais distantes dos gramados, viu as silhuetas das árvores balançando e se movendo, como um exército de sombras. Teve a sensação fugaz de um olhar a fitá-la, como se alguém tivesse passado em frente à janela e olhado para dentro. Espremeu os olhos, mas não conseguiu enxergar nada.

Então se deu conta de que realmente havia alguém se aproximando por trás. Ouviu passos. Um arrepio de expectativa deslizou por sua espinha. Ela sorriu e se virou, os olhos brilhando.

E se apanhou olhando não para Hal, mas para o rosto de seu tio, Julian Lawrence, cujo hálito tinha um vago cheiro de uísque. Desconcertada, ela modificou a expressão do rosto e começou a se levantar.

— Srta. Martin — disse ele, pondo-lhe a mão de leve no ombro. — Não se levante, por favor.

Julian atirou-se na poltrona de couro à direita de Meredith, inclinou o corpo, serviu-se de vinho e se recostou, antes que ela tivesse chance de dizer que aquele era o lugar de Hal.

— *Santé!* — brindou ele, erguendo a taça. — Meu sobrinho teve outro sumiço?

— Ele foi providenciar uma reserva para jantarmos. Educada, precisa, nada

mais.

Julian apenas sorriu. Usava um terno claro de linho e camisa azul, aberta no pescoço. Como em todas as ocasiões em que ela o vira, parecia à vontade e seguro, se bem que meio corado. Os olhos de Meredith foram atraídos por sua mão esquerda, apoiada no braço da poltrona. Ele deixava transparecer sua idade — cinquenta e tantos anos, e não os quarenta e poucos que ela lhe daria —, mas a pele era bronzeada e a mão parecia forte contra o couro vermelho. Não havia aliança.

Sentindo-se oprimir pelo silêncio, tornou a erguer os olhos para o rosto do homem, que continuava a encará-la do mesmo jeito direto.

Como os olhos de Hal.

Afastou da cabeça essa comparação.

Julian repôs a taça na mesa.

— O que sabe sobre cartas de tarô, Srta. Martin?

A pergunta a apanhou totalmente desprevenida.

Surpresa, ela o encarou, emudecida, perguntando a si mesma por que diabo ele teria escolhido aquele assunto em particular. Seu pensamento voou para a fotografia que ela havia furtado da parede do saguão, o baralho, os sites assinalados em seu laptop, as notas musicais superpostas.

Julian não poderia saber daquilo, de nada daquilo, mas, mesmo assim, ela se sentiu enrubescer de vergonha, como se tivesse sido apanhada em flagrante. Pior, percebeu que ele se comprazia com seu mal-estar.

— Jane Seymour no filme *Com 007 V iva e Deixe Morrer. É* praticamente tudo o que eu sei — respondeu, tentando fazer piada.

— Ah, a bela Solitaire — comentou Julian, erguendo as sobrancelhas. Meredith enfrentou seu olhar sem dizer nada.

— Pessoalmente — prosseguiu ele —, eu me sinto atraído pela história do tarô, embora não acredite nem por um minuto que a cartomancia seja um modo de

planejar a vida.

Meredith percebeu como a voz dele se parecia com a de Hal. Os dois tinham o mesmo hábito de proferir as palavras como se cada uma fosse especial. Mas a diferença fundamental era que o coração de Hal era um livro aberto, deixando todas as emoções à mostra, Julian, ao contrário, sempre soava vagamente zombeteiro. Sarcástico. Ela olhou de relance para a porta, que continuava resolutamente fechada.

— Conhece os princípios que estão por trás da interpretação das cartas do tarô, Srta. Martin?

— Não é algo de que eu tenha grande conhecimento — respondeu ela, torcendo para que Lawrence mudas-se de assunto.

— É mesmo? Meu sobrinho me deu a impressão de que esse era um dos seus interesses. Disse que o assunto sobre as cartas do tarô surgiu quando vocês passeavam por Rennes-le-Château hoje de manhã — e deu de ombros. — Talvez eu tenha entendido mal.

Meredith quebrou a cabeça. O tarô nunca estivera longe do seu pensamento, é claro, mas ela não tinha ne-

nhuma lembrança de ter falado sobre isso com Hal. Julian continuava a encará-la, com um toque de desafio em seu escrutínio inabalável.

No fim, Meredith se apanhou respondendo, apenas para preencher o silêncio incômodo.

— Penso que a ideia é que, embora as cartas pare-

çam ser postas ao acaso, o processo de embaralhá-las, na verdade, é só um modo de deixar que as ligações invisíveis se tornem visíveis.

Ele levantou as sobrancelhas.

— Bem colocado — e continuou a encará-la. —

Alguém já leu as cartas para a senhorita?

Ela deixou escapar um riso estrangulado.

— Por que a pergunta?

Julian tornou a erguer as sobrancelhas.

— Só estou interessado.

Meredith fuzilou-o com os olhos, com raiva por ele a deixar tão constrangida, e com raiva de si mesma por permitir que o fizesse.

Nesse momento, uma mão pousou em seu ombro.

Num sobressalto, ela se virou para trás, assustada, e dessa vez viu Hal a lhe sorrir.

— Desculpe, não pretendi assustá-la.

Hal cumprimentou o tio com um aceno da cabeça e se sentou na poltrona vazia em frente a Meredith. Tirou a garrafa do balde de gelo e se serviu de vinho.

— Estávamos apenas conversando sobre cartas de tarô — disse Julian.

— É mesmo? — comentou Hal, olhando de um para o outro. — O que estavam dizendo?

Meredith fitou-o no fundo dos olhos e leu a mensagem escrita neles. Ficou desolada. Não queria se enredar numa conversa sobre o tarô, mas percebeu que Hal viu nisso uma boa maneira de manter o tio afastado do assunto de sua ida ao comissariado de polícia.

— Apenas perguntei à Srta. Martin se alguma vez já leram as cartas para ela, que estava prestes a responder.

Meredith olhou para Julian, depois para Hal, e percebeu que, a menos que conseguisse pensar em outro tema de conversa nos dois segundos seguintes, teria que entrar na dança.

— Na verdade, leram, sim — acabou dizendo, procurando fazer a ideia parecer a mais insípida possível. —

Em Paris, aliás, faz uns dois dias. Pela primeira e última vez.

— E foi uma experiência agradável, Srta. Martin?

— Foi interessante, com certeza. E quanto ao senhor, Sr. Lawrence? Já puseram cartas para o senhor?

— Julian, por favor — disse ele. Meredith captou a expressão divertida que lhe cruzou rapidamente o rosto, diversão misturada com mais alguma coisa. Um aguçamento do interesse?

— Mas não — prosseguiu ele. — Não faz o meu gênero, embora eu me confesse interessado em parte do simbolismo associado às cartas de tarô.

Meredith sentiu os nervos tensos, ao ver suas suspeitas confirmadas. Aquela não era uma conversinha à toa. Julian estava atrás de algo específico. Ela bebeu outro gole de vinho e estampou uma expressão vazia no rosto.

— É mesmo?

— O simbolismo dos números, por exemplo —continuou ele.

— Como eu disse, não é algo de que eu tenha grande conhecimento.

Julian Lawrence enfiou a mão no bolso. Meredith retesou-se. Seria revoltante demais se ele sacasse um baralho de tarô, um truque reles. Ele sustentou o olhar da mo-

ça por um instante, como se soubesse exatamente o que lhe passava pela cabeça, depois tirou do bolso um maço de Gauloise e um Zippo.

— Cigarro, Srta. Martin? — perguntou, oferecendo-lhe o maço. — Mas receio que tenha de ser lá fora.

Furiosa por ter feito tamanho papel de boba — pior, por ter deixado aquilo transparecer —, ela abanou a cabeça.

— Eu não fumo.

— Muito sensato — disse Julian, pondo o maço na mesa entre eles, com o

isqueiro em cima, e continuou a falar. — O simbolismo dos números na igreja de Rennes-le-Château, por exemplo, é realmente fascinante.

Meredith olhou de relance para Hal, torcendo para que ele dissesse alguma coisa, mas o rapaz continuou com o olhar resolutamente pousado a meia distância.

— Não reparei.

— Não? O número 22, em particular, aparece com uma frequência surpreendente.

Apesar da antipatia que sentia pelo tio de Hal, Meredith percebeu que ia sendo fisgada. Queria saber o que Julian tinha a dizer. Só não queria dar a impressão de estar interessada.

— De que forma?

A pergunta escapou-lhe, meio abrupta. Julian sorriu.

— A pia batismal na entrada, a estátua do demônio Asmodeu. A senhorita deve tê-la visto, não?

Ela fez que sim.

— Asmodeu era tido como um dos guardiães do Templo de Salomão. O templo foi destruído em 598 antes de Cristo. Se somarmos cada algarismo ao seguinte, cinco mais nove mais oito, teremos 22. A senhorita está ciente, presumo, de que existem 22 cartas dos arcanos maiores, não?

— Sim.

Julian encolheu os ombros.

— Pois então.

— Imagino que haja outras ocorrências do número, é isso?

— O dia 22 de julho é o dia de Santa Maria Madalena, a quem a igreja é dedicada. Há uma estátua dela entre os painéis 13 e 14 da Via-Sacra; ela também é retratada em dois dos três vitrais atrás do altar. Uma outra ligação é com

Jacques de Molay, o último líder dos templários; parece que há ligações com os templários em Bézu, do outro lado do vale. Ele foi o vigésimo segundo grão-mestre da Ordem dos Pobres Cavaleiros de Cristo e do Templo de Salomão, para dizer o nome completo da organização.

Além disso, a transliteração francesa do grito de Cristo na cruz, *"Elie, Elie, lamah sabactani"*, ou "Senhor, Senhor, por que me abandonaste?", tem 22 letras. E é o verso de abertura do Salmo 22.

Era tudo muito interessante, de um modo meio abstrato, mas Meredith não conseguia entender por que ele lhe estava dizendo aquilo. Seria apenas para ver sua reação? Para descobrir quanto ela sabia sobre o tarô?

E, o que era mais pertinente, por quê?

— Por último, o pároco de Rennes-le-Château, Bérenger Saunière, morreu a 22 de janeiro de 1917. Há uma história curiosa ligada à morte dele. Dizem que seu corpo foi posto num trono no mirante de sua propriedade, e que os aldeões foram passando em fila, cada qual arrancando uma borla da bainha de seu manto. Exatamente como a imagem do Rei de Pentáculos no Tarô de Waite, aliás. —

Julian encolheu os ombros e prosseguiu: — Ou então, se somarmos dois mais dois, e o ano da morte dele, acaba-remos chegando a...

A paciência de Meredith esgotou-se.

— Sei fazer as contas — ela resmungou entre dentes, depois se virou para Hal. — A que horas é a nossa reserva para o jantar? — perguntou, em tom incisivo.

— Sete e quinze. Daqui a dez minutos.

— É claro que, com a mesma facilidade — continuou Julian, ignorando a interrupção —, para bancar o advogado do diabo, poderíamos pegar qualquer número e encontrar toda uma série de coisas sugestivas de que ele teria um significado especial.

Pegou a garrafa de vinho e se inclinou para completar o copo de Meredith. Ela cobriu a taça com a mão. Hal abanou a cabeça. Julian deu de ombros e virou o que restava do vinho na própria taça.

Nenhum de nós vai dirigir — comentou, com ar

displicente. Meredith viu Hal cerrar os punhos.

— Não sei se meu sobrinho comentou sobre isso, Srta. Martin, mas existe uma teoria de que o projeto da igreja de Rennes-le-Château baseou-se, na verdade, numa construção que existiu em certa época aqui em nossas terras.

Meredith forçou-se a voltar a atenção para o homem.

— É mesmo?

— Há um número significativo de imagens do tarô na igreja: o Imperador, o Eremita, o Hierofante... o qual, como a senhorita decerto deve estar lembrada, é o símbolo da Igreja estabelecida na iconografia do tarô.

— Realmente não sei... Ele continuou a falar:

— Alguns diriam que há uma sugestão do Mago na forma de Cristo, talvez, e, é claro, quatro painéis da Via-Sacra exibem torres, para não falar da Torre Magdala, no belvedere.

— Mas não há a menor semelhança — ela deixou escapar, antes que pudesse se impedir.

Julian inclinou-se acentuadamente para a frente na poltrona.

— Semelhança com quê, Srta. Martin?

Ela ouviu a excitação na voz do homem, como se ele pensasse tê-la flagrado.

— Com Jerusalém — respondeu, dizendo a primeira coisa que lhe veio à cabeça.

Julian ergueu as sobrancelhas.

— Ou talvez com alguma carta de tarô que a senhorita tenha visto. Fez-se silêncio à mesa. Hal tinha o sobrolho carregado. Meredith não soube dizer se ele estava constrangido ou se havia captado a tensão entre ela e seu tio e a entendera mal.

De repente, Julian terminou o vinho, pôs a taça na mesa, empurrou a poltrona

para trás e se levantou.

— Vou deixá-los se divertirem — disse, sorrindo como se houvessem acabado de passar uma meia hora sumamente agradável na companhia uns dos outros. —

Srta. Martin, espero que desfrute o restante de sua estada conosco — acrescentou e pôs a mão no ombro do sobrinho. Meredith viu o esforço de Hal para não se afastar. —

Você pode dar uma passada no meu escritório, depois que se despedir da Srta. Martin? Há umas duas coisas que precisamos discutir.

— Hoje?

Julian sustentou o olhar do sobrinho.

— Hoje.

Hal e Meredith permaneceram em silêncio até ele ir embora.

— Não sei como você pode... — começou ela, mas se interrompeu. Regra número um: nunca critique a família de outra pessoa.

— Como posso aguentar? — disse Hal, em tom selvagem. — A resposta é: não posso. Assim que tiver resolvido as coisas, caio fora daqui.

— E está mais perto de fazer isso?

Meredith viu a beligerância desaparecer do rapaz, no instante em que seus pensamentos passaram da ojeriza ao tio para o luto pelo pai. Hal levantou-se, com as mãos enterradas nos bolsos, e a fitou com olhos nublados.

— No jantar eu lhe conto.

CAPÍTULO 64

Julian tirou o selo de uma nova garrafa, serviu uma dose generosa e se sentou pesadamente diante da escrivaninha, com a reprodução do baralho à sua frente. *Exercício inútil.*

Já havia estudado a reprodução do Tarô Bousquet durante muitos anos, sempre à

procura de alguma coisa, de uma explicação escondida ou de um código que lhe pudesse haver escapado. A busca do baralho original o havia ocupado desde que visitara o vale do Aude pela primeira vez e ouvira os boatos sobre os tesouros enterrados sob as montanhas, as pedras ou até os rios.

Depois de adquirir a Herdade do Cade, chegara prontamente à conclusão, como muitos antes dele, de que todas as histórias que cercavam Rennes-le-Château eram uma farsa, e de que o renegado padre oitocentista que estava no cerne dos boatos — Saunière — andara escavando tesouros mais materiais do que espirituais.

Posteriormente, Julian começara a ouvir histórias de que um certo baralho revelava a localização não de um único túmulo, mas, ao que se dizia, de todo o tesouro do império visigótico. Talvez até o conteúdo do Templo de Salomão, saqueado pelos romanos no século I D.C. e, por sua vez, saqueado quando a própria Roma se rendera aos visigodos no século V.

Havia um boato de que as cartas estariam escondidas dentro das próprias terras da Herdade. Julian havia empatado até o último centavo na tentativa de encontrá-

las, mediante buscas e escavações sistemáticas, começando pela área em torno das ruínas do sepulcro visigótico e ampliando o raio a partir dali. Era um terreno difícil, que exigia um esforço extremamente intensivo em mão de obra

— e portanto caro.

E nada ainda.

Depois de esgotar seu crédito bancário, ele havia começado a tomar empréstimos da receita do hotel. Era útil que, pelo menos em parte, aquele fosse um negócio feito em espécie. Mas era também um ramo difícil para se ganhar dinheiro. Os custos operacionais eram altos. O

lugar ainda estava tentando se firmar quando o banco co-brara os empréstimos. Mesmo assim, ele havia continuado a tirar dinheiro — apostando em que logo encontraria o que procurava e tudo ficaria bem.

Esvaziou o copo de uma vez só.

E uma simples questão de tempo.

A culpa fora de seu irmão. Seymour poderia ter sido paciente. Devia ter confiado nele. Não interferido. Sabia que ele estava quase conseguindo.

Eu teria devolvido o dinheiro.

Balançando a cabeça com os próprios botões, abriu a tampa do Zippo com um estalo. Pegou um cigarro, acendeu-o e deu uma tragada longa. Havia falado com o comissário de polícia de Couiza pouco depois de Hal sair da delegacia, e ele lhe sugerira que seria melhor o rapaz parar de fazer perguntas. Julian havia prometido dar uma palavrinha com o sobrinho e convidara o comissário para um drinque na semana seguinte.

Pegou a garrafa e serviu mais dois dedos. Repensou na conversa do bar. Tinha sido propositadamente canhestro, quase sem sutileza em sua técnica, mas essa lhe pare-

cera a maneira mais fácil de fazer a americana abrir o jogo.

Ela havia relutado em falar do tarô. A garota era esperta.

E atraente, também.

— O quê? O que ela sabe?

Percebeu que o som que estava ouvindo era o tamborilar dos próprios dedos na escrivaninha. Baixou os olhos para a mão, como se ela não lhe pertencesse, e a obrigou a ficar parada.

Numa gaveta trancada da escrivaninha, a escritura de transferência de posse estava pronta para ser assinada e devolvida ao *notaire* em Espéraza. O garoto não era burro.

Não queria ficar na Herdade do Cade. Ele e Hal não poderiam trabalhar juntos, assim como ele e Seymour não o haviam conseguido. Julian vinha dando um intervalo decente para voltar a conversar com o sobrinho sobre seus planos.

— A culpa não foi minha — disse, com a voz en-grolada.

Conviria falar com ela de novo, com a americana.

Ela devia saber alguma coisa sobre o Tarô Bousquet original, caso contrário, por que estaria ali? Sua presença nada tinha a ver com o acidente de Seymour nem com seu sobrinho patético, nem tampouco com as finanças do hotel, agora ele o percebia. A moça estava ali pela mesma razão que ele. E Julian não tinha feito todo o trabalho sujo para ver uma vaca norte-americana chegar e lhe tirar o baralho.

Olhou para os bosques escurecidos. Caíra a noite.

Esticou a mão, acendeu o abajur e soltou um grito.

O irmão estava parado bem atrás dele. Seymour, céreo e sem vida como Julian o vira no necrotério, com a pele do rosto lacerada pela batida, enrugada, olhos injetados.

Deu um pulo da cadeira, o que a fez tombar para trás no chão. O copo de uísque saiu voando pela madeira polida da escrivaninha. Virou-se para trás.

— Você não pode... A sala estava vazia.

Ficou olhando sem compreender, os olhos correndo pela sala, vasculhando as sombras, voltando à janela, e então entendeu. Era seu próprio reflexo pálido, nítido no vidro escurecido. Eram seus olhos, não os do irmão.

Respirou fundo.

Seu irmão estava morto. Ele sabia. Tinha colocado droga na bebida dele. Levara o carro até a ponte fora de Rennes-les-Bains; lutou para encaixá-lo no banco do motorista e soltou o freio de mão. Viu o carro cair.

— Você me obrigou a fazer isso — resmungou.

Ergueu os olhos para a janela e piscou. Nada.

Exalou um longo suspiro de cansaço, depois se curvou e endireitou a cadeira. Por um momento, ficou com as mãos agarradas ao encosto, os nós dos dedos brancos, a cabeça baixa. Sentiu o suor correndo pelas costas entre as omoplatas.

Depois, recompôs-se. Pegou o maço de cigarros, precisando do estímulo da nicotina para acalmar os nervos, e tornou a olhar para a floresta escura lá fora.

O baralho original ainda estava lá, ele sabia.

— Da próxima vez — murmurou. Estava muito perto. Dava para sentir. Da próxima vez ele teria sorte.

Sabia disso.

O uísque derramado chegou à borda da escrivaninha e começou a pingar no tapete, gota a gota.

CAPÍTULO 65

— Certo, desembuche — disse Meredith. — Con-

te-me o que aconteceu. Hal apoiou os cotovelos na mesa.

— Em síntese, eles não veem nenhum motivo para reabrir o caso. Estão satisfeitos com o veredicto.

— E ele é...? — instigou-o com delicadeza.

— Que foi morte acidental. Que o papai estava bêbado — disse, sem rodeios. — Que perdeu o controle do carro, voou pela ponte e caiu no rio Salz. O triplo do limite permitido, é o que diz o laudo toxicológico.

Estavam sentados num dos nichos junto a uma janela. Como ainda era muito cedo, o restaurante estava tranquilo e eles podiam conversar sem ser ouvidos. Do outro lado da toalha de linho, à luz da vela que bruxuleava na mesa, Meredith estendeu as mãos e cobriu as dele.

— Houve uma testemunha, ao que parece. Uma inglesa, uma certa Dra. Shelagh O’Donnell, que mora por aqui — disse o rapaz.

— Isso ajuda, não é? Ela viu o acidente? Hal abanou a cabeça.

— Aí é que está o problema. De acordo com o arquivo, ela ouviu uma freada, o som de pneus. Não chegou propriamente a ver nada.

— Ela deu parte à polícia?

— Não de imediato. Segundo o comissário, muita gente corre demais na curva que entra em Rennes-les-Bains. Só na manhã seguinte, ao ver a ambulância e a polícia resgatando o carro no rio, ela juntou dois mais dois —

e Hal fez uma pausa. — Pensei em conversar com ela. Ver se alguma coisa lhe voltou à lembrança.

— Ela já não a teria dito à polícia?

— Tive a impressão de que eles não a consideram uma testemunha confiável.

— Em que sentido?

— Não disseram isso com todas as letras, mas deixaram implícito que ela estava bêbada. Além disso, não havia marcas de pneus na estrada, então é improvável que ela tenha ouvido alguma coisa. Isso, de acordo com a polícia. — Fez outra pausa. — Eles não quiseram me dar o endereço dela, mas consegui copiar do arquivo o número do telefone. Na verdade... — hesitou. — Convidei-a a vir aqui amanhã.

— E será que isso é boa ideia? Se a polícia achar que você está interferindo, isso não a deixará menos inclinada a ajudar, em vez de mais propensa?

— Eles já estão fulos da vida comigo — retrucou Hal, em tom furioso —, mas, para falar a verdade, tenho a impressão de estar dando com a cabeça num muro. Não me importo mais. Faz semanas que tento fazer a polícia me levar a sério, esperando sentado, sendo paciente, mas isso não me levou a lugar nenhum. — Parou de falar, com o rosto ruborizado. — Desculpe. Isto pode não ser uma grande diversão para você.

— Tudo bem — disse ela, pensando em como Hal

e o tio eram parecidos, em certos aspectos, ambos com o pavio curto; depois, sentiu-se culpada, por saber exatamente quanto Hal detestaria essa comparação.

— Reconheço que não há razão para você aceitar o que eu digo, assim, pelas aparências, mas é que eu não acredito na versão oficial. Não estou dizendo que o meu pai fosse perfeito... para ser franco, não tínhamos tanta coisa assim em

comum. Ele era distante e calado, não era chegado a grandes efusões, mas não havia jeito de ele beber e dirigir. Nem mesmo na França. De jeito nenhum.

— É fácil avaliar mal esse tipo de coisa, Hal — disse Meredith com meiguice. — Nós todos já fizemos isso

— acrescentou, embora nunca o tivesse feito. — Exagerar um pouco na dose. Jogar com a sorte.

— O meu pai, não, eu lhe garanto. Ele gostava de um vinho, mas era fanático a respeito de não pegar o volante se tivesse bebido. Nem mesmo um copo — acrescentou, arriando os ombros. — Minha mãe foi morta por um motorista bêbado — continuou, num tom mais sereno. — A caminho de me buscar na escola, na cidade em que morávamos, às três e meia da tarde. Um idiota num BMW, voltando de um bar, com a cara cheia de champanhe e correndo demais.

Nesse momento, Meredith compreendeu perfeitamente por que Hal não podia aceitar o veredicto da polícia. Mas desejar que as coisas fossem diferentes não fazia disso uma realidade. Ela mesma já passara por isso. Se os desejos fossem promessas, sua mãe teria ficado boa. Todas aquelas cenas e brigas nunca teriam acontecido.

Hal levantou os olhos e a fitou.

— O meu pai não dirigiria se estivesse bêbado. Meredith deu um sorriso evasivo.

— Mas se o laudo toxicológico deu positivo no teste de álcool... — deixou a frase no ar. — O que disse a polícia quando você levantou essa questão?

Hal deu de ombros.

— É óbvio que eles só acharam que eu estava pirado demais com a história toda para raciocinar direito.

— Certo. Vamos examinar isso por outro ângulo.

Os exames poderiam estar errados?

— A polícia diz que não.

— Eles procuraram alguma outra coisa?

— Como o quê?

— Drogas?

Hal abanou a cabeça.

— Não acharam que houvesse necessidade. Meredith pensou um pouco.

— Bem, será que ele poderia estar correndo demais? Ter perdido o controle na curva?

— Voltamos à falta de marcas de pneus na estrada, e, de qualquer maneira, isso não explica o álcool no sangue dele.

Meredith o encarou com um olhar fixo.

— Então o que é, Hal? O que você está dizendo?

— Que ou os exames deram um resultado falso, ou alguém drogou a bebida dele.

A expressão de Meredith a traiu.

— Você não acredita em mim — disse Hal.

— Não é isso que estou dizendo — retrucou ela imediatamente. — Mas, pense bem, Hal. Mesmo supondo que fosse possível, quem faria uma coisa dessas? E por quê?

Hal sustentou o olhar dela, até fazê-la perceber aonde queria chegar.

— Seu tio?

Ele fez que sim.

— Só pode ser.

— Você não pode estar falando sério — ela objetou. — Quer dizer, eu sei que vocês não têm as mesmas opiniões, mas, mesmo assim... acusá-lo de...

— Sei que parece ridículo, mas pense bem, Meredith. Quem mais? Ela abanou a cabeça.

— Você fez essa acusação na polícia?

— Não com todas as letras, mas pedi que o arquivo fosse mostrado à *gendarmerie nationale.*

— E isso significa...?

— A *gendarmerie nationale* investiga crimes. No momento, o desastre está sendo tratado como um acidente de trânsito. Mas, se eu conseguir encontrar algum tipo de indício que o ligue ao Julian, posso fazê-los reconsidera-rem.

Hal fitou-a e prosseguiu:

— Se você conversasse com a Dra. O'Donnell, tenho certeza de que ela se inclinaria mais a se abrir.

Meredith recostou-se na cadeira. A ideia toda era uma loucura. Mas ela percebeu que Hal queria acreditar que era cem por cento verdadeira. Lamentava por ele, porém tinha certeza de que estava enganado. Ele precisava de alguém para culpar, precisava fazer alguma coisa com sua raiva e seu sentimento de perda. E ela sabia por experiência própria que, por pior que fosse a verdade, não conhecê-la era ainda pior. Tornava impossível deixar o passado para trás e seguir em frente com a vida.

— Meredith?

Ela se deu conta de que Hal a observava.

— Desculpe. Eu só estava pensando.

— Você pode estar aqui quando a Dra. O'Donnell vier, amanhã? Ela hesitou.

— Eu ficaria realmente grato.

— Acho que sim — acabou respondendo. — É

claro. Hal deu um suspiro de alívio.

— Obrigado.

Chegou o garçom e, na mesma hora, o clima mudou, tornou-se menos tenso, mais parecido com um encontro usual. Ambos pediram filé e Hal escolheu uma garrafa de um tinto local para acompanhá-lo. Por um momento, ficaram se entreolhando, despertando a atenção um do outro e sorrindo sem jeito, sem saber ao certo o que dizer.

Hal quebrou o silêncio.

— Enfim, chega dos meus problemas. Agora você vai me contar por que está aqui, de verdade?

Meredith ficou imóvel.

— Como disse?

— É óbvio que não é por causa do livro do Debussy, é? Ou, pelo menos, não é só por essa razão.

— Por que você está dizendo isso? — perguntou ela, num tom mais irritado do que havia pretendido.

Hal corou.

— Bem, para começar, as coisas em que você estava interessada hoje de manhã não pareciam ter muito a ver com a Lilly Debussy. Você parecia mais ligada na história deste lugar, de Rennes-les-Bains, e nas pessoas daqui —sorriu. — E também notei que a fotografia que estava pendurada acima do piano desapareceu. Alguém a pegou emprestada.

— Você acha que eu a tirei?

— Você estava olhando para ela hoje de manhã, então... — disse Hal, com um sorriso apologético. — E, bem, quanto ao meu tio... não sei, é provável que eu esteja errado, mas me veio a ideia de que você estaria aqui para investigá-lo. Vocês com certeza não pareceram gostar um do outro.

E tropeçou num impasse.

— Você acha que estou aqui para investigar o seu tio? Está brincando, não é?

— Bom, é possível, talvez — ele deu de ombros.

— Não, não sei. Meredith bebeu um gole de vinho.

— Não tive a intenção de ofendê-la... Ela ergueu a mão:

— Deixe-me ver se entendi direito. Como você não acredita que o acidente do seu pai tenha sido mesmo um acidente, e como acha que os resultados dos testes podem ter sido adulterados, ou que a bebida dele foi dro-gada e o carro foi jogado para fora da estrada...

— É, mas...

— Em suma, você suspeita que o seu tio esteja envolvido na morte do seu pai. Certo?

— Bem, dito dessa maneira, parece... Meredith continuou falando, elevando a voz:

— E assim, por causa disso tudo, por alguma razão maluca, quando eu apareço, você se precipita a concluir que eu estou envolvida, de algum modo? É isso que você acha, Hal? Que eu sou uma espécie de, sei lá, Nancy Drew?

Recostou-se na cadeira e o encarou. Ele teve a gentileza de enrubescer.

— Não pretendi ofendê-la. Mas, bem, foi algo que o papai disse em abril, depois daquela conversa de que eu lhe falei antes, e que me deu a impressão de que ele não estava satisfeito com o modo como o Julian vinha conduzindo as coisas por aqui, e pretendia fazer alguma coisa.

— Se fosse assim, o seu pai não lhe contaria logo de uma vez? Afinal, se houvesse algum problema, isso também afetaria você.

Hal abanou a cabeça.

— Papai não era assim. Detestava fuxicos, boatos.

Nunca diria nada, nem mesmo para mim, enquanto não estivesse completamente

seguro dos fatos. Inocente, até prova em contrário.

Meredith pensou um pouco.

— Claro, isso eu entendo. Mas, mesmo assim, você captou a sensação de que havia alguma coisa errada entre eles?

— Pode ser que fosse uma banalidade, mas tive a impressão de que era. sério. Alguma coisa a ver com a Herdade do Cade e a história dela, não apenas com dinheiro. Desculpe, Meredith, não estou sendo claro — acrescentou, encolhendo os ombros.

— Ele não lhe deixou nada? Um arquivo, anota-

ções?

— Procurei por toda parte, acredite. Não há nada.

— E, juntando isso tudo, você começou a achar que ele poderia ter contratado alguém para dar uma es-quadrinhada no seu tio. Para ver se aparecia alguma coisa.

Meredith parou de falar e o fitou do outro lado da mesa.

— Por que não me perguntou, simplesmente? —disse, com os olhos faiscando de raiva, embora entendesse perfeitamente bem por quê.

— Bom, porque só comecei a achar que você poderia estar aqui para... por causa do meu pai, hoje de tarde, quando pensei no assunto.

Meredith cruzou os braços:

— Então não foi por isso que você começou a conversar comigo no bar, ontem à noite?

— Não, é claro que não! — exclamou Hal, olhando-a com ar sinceramente horrorizado.

— Então por que foi? Ele ficou rubro.

— Puxa, Meredith, você sabe por quê. É bem óbvio.

Foi a vez de Meredith enrubescer.

CAPÍTULO 66

Hal insistiu em assinar a conta do jantar. Enquanto o observava, Meredith se perguntou se o tio o faria pagar a despesa, já que, em termos formais, era o dono do hotel.

No mesmo instante, suas preocupações com ele tornaram a inundá-la.

Saíram do restaurante para o saguão. Ao pé da escada, Meredith sentiu os dedos de Hal se entrelaçarem nos seus.

De mãos dadas e em silêncio, subiram a escadaria.

Meredith estava totalmente calma, sem nenhum nervosismo ou ambivalência. Não precisou pensar se era aquilo que queria. Era gostoso. Tampouco precisaram discutir aonde ir, compreendendo automaticamente que o quarto dela seria melhor. O lugar certo para os dois naquele momento.

Chegaram ao fim do corredor do primeiro andar sem cruzar com outros hóspedes. Meredith girou a chave, ruidosa no corredor silencioso, e abriu a porta. Quase formais, os dois entraram, ainda de mãos dadas.

Réstias de luz branca da lua cheia, a lua do equinó-cio de outono, infiltravam-se pelas janelas e faziam desenhos no piso. Os raios se refletiam e cintilavam na superfície do espelho, assim como no vidro do retrato emoldurado de Anatole e Léonie Vernier e Isolde Lascombe, equilibrado de pé na escrivaninha.

Meredith estendeu a mão para acender a luz.

— Não — disse Hal, baixinho. Pôs a mão por trás da cabeça dela e a puxou para si, o que a levou a aspirar de novo seu perfume, tal como em Rennes-le-Château, do lado de fora da igreja — uma mescla de lã e sabonete.

Beijaram-se, ainda com um vestígio do vinho tinto nos lábios, a princípio com ternura, hesitantes, enquanto a marca da amizade se transformava em outra coisa, em algo mais urgente. Meredith sentiu o bem-estar dar lugar ao desejo, a um calor que se espalhou por seu corpo, come-

çando nas solas dos pés, subindo por entre as pernas, chegando à boca do estômago e ás palmas das mãos, até levar o fluxo intenso de sangue para a cabeça.

Hal inclinou-se e a levantou, erguendo-a nos braços num só movimento e a carregando para a cama. A chave caiu da mão de Meredith, com um baque pesado no car-pete fofo.

— Você é muito leve — sussurrou ele, beijando-a no pescoço. Deitou-a cuidadosamente e se sentou a seu lado, ainda com os pés firmemente plantados no chão, como um ídolo de matinê hollywoodiana com medo da censura.

— Você tem... — começou, parou, tentou outra vez. — Tem certeza de que quer...

Meredith pôs um dedo em seus lábios.

— Psssiu.

Começou a desabotoar vagarosamente os botões da blusa e guiou a mão de Hal. Parte convite, parte instrução.

Ouviu-o prender o fôlego, depois escutou o arfar suave de sua respiração, à luz salpicada de prata do luar. Sentando-se sobre as pernas cruzadas na beira da cama de mogno, inclinou-se para beijá-lo, deixando o cabelo cair no rosto, agora eliminada a diferença de altura entre os dois.

Hal se atrapalhou para tirar o suéter e ficou entala-do, enquanto Meredith enfiava as mãos por baixo de sua camiseta de algodão. Os dois riram, meio tímidos, depois se levantaram para terminar de se despir.

Ela não se sentiu encabulada. Aquilo lhe pareceu totalmente natural, a coisa certa a fazer. Estando em Rennes-les-Bains, era como se tudo houvesse escapado à linha do tempo. Como se, por alguns dias, ela se houvesse des-locado de sua vida costumeira — da pessoa que era, preocupada com as consequências, da vida que corria sempre do mesmo jeito — para um lugar onde vigoravam normas diferentes.

Tirou a última peça de roupa.

— Uau! — exclamou Hal.

Meredith deu um passo em direção a ele e as peles nuas se tocaram, da cabeça aos pés, muito íntimas, surpreendentes. Sentiu quanto ele a desejava, embora se conten-tasse em esperar, em deixar que ela os conduzisse.

Segurando-lhe a mão, ela o puxou para a cama. Levantou as cobertas e ambos deslizaram para baixo dos lençóis, o tecido fresco e impessoal contrastando com o calor gerado por seus corpos. Por um instante, ficaram deitados lado a lado, braço com braço, como um cavaleiro e sua dama num túmulo de pedra; depois, Hal apoiou-se num cotovelo e, com a outra mão, começou a lhe afagar os cabelos.

Meredith respirou fundo, relaxando sob aquele contato.

Depois, a mão deslizou para baixo, alisando-lhe os ombros, o pescoço, roçando lhe os seios, entrelaçando os dedos nos dela, deixando a língua murmurar sobre a superfície de sua pele.

Meredith sentiu-se arder de desejo, esbraseada, como se pudesse acompanhar o curso daquela ânsia nas veias, nas artérias, nos ossos, em todas as partes do corpo.

Ergueu o corpo para Hal, agora com beijos famintos, querendo mais. No momento em que a espera começava a se tornar intolerável, ele mudou de posição e se deixou deslizar para o espaço entre suas pernas nuas. Meredith fitou-lhe os olhos azul-claros e, por um instante, neles viu refletidas todas as possibilidades. O que ela possuía de melhor e de pior.

— Tem certeza? — perguntou ele.

A moça sorriu e estendeu a mão para guiá-lo. Com cuidado, Hal a penetrou suavemente.

— Está tudo bem — Meredith sussurrou.

Ficaram imóveis por um momento, celebrando a paz de estarem nos braços um do outro. E então Hal começou a se mexer, primeiro devagar, depois com um pouco mais de urgência. Meredith plantou as mãos com firmeza nas costas dele, sentindo o martelar do próprio sangue a perpassá-la. Sentiu a potência de Hal, a

força de seus braços e mãos. Enfiou a língua entre seus lábios úmidos e mudos.

Hal respirou mais forte, moveu-se com mais força, impelido pelo desejo, pela carência, pelo êxtase do movimento automático. Meredith estreitou-o contra si, mais apertado, erguendo o corpo a seu encontro, possuindo-o, também capturada pelo momento. Hal gritou seu nome e estremeceu, e ambos se imobilizaram.

O pulsar na cabeça de Meredith atenuou-se aos poucos. Ela sentiu todo o peso do amante voltar, tirando-lhe o fôlego, mas não se mexeu. Afagou-lhe a cabeleira escura e farta e o prendeu em seus braços. Levou um momento para perceber que ele tinha o rosto úmido, que chorava baixinho.

— Ah, Hal — murmurou, compadecida.

— Fale-me um pouco de você — disse ele, algum tempo depois. — Você sabe tanta coisa de mim, sobre o que estou fazendo aqui, sabe até demais, provavelmente, e eu não conheço quase nada a seu respeito, Srta. Martin.

Meredith riu.

— Quanta formalidade, Sr. Lawrence! — disse, deslizando a mão pelo peito do rapaz e mais abaixo.

Hal segurou-lhe os dedos.

— Estou falando sério! Não sei nem onde você mora. De onde vem. O que os seus pais fazem. Ande, conte.

Meredith entrelaçou os dedos nos dele.

— Está bem. Saindo um resumo. Cresci em Milwaukee, fiquei lá até os 18 anos, depois fui para a faculdade na Carolina do Norte. Continuei por lá e fiz minhas pesquisas da pós-graduação. Tive uns dois empregos de professora em cursos de pós-graduação, um em St. Louis, outro nos arredores de Seattle, sempre tentando arranjar financiamento para terminar minha biografia do Debussy.

Avanço rápido de alguns anos. Meus pais adotivos levantaram acampamento, saíram de Milwaukee e se mudaram para Chapel Hill, perto da minha antiga faculdade. No começo do ano, recebi uma oferta de emprego numa universidade particular, não muito longe da UCN, e também, finalmente, uma oferta de uma

editora.

— Pais adotivos? Meredith deu um suspiro.

— Minha mãe biológica, Jeanette, não tinha condi-

ções de cuidar de mim. A Mary é uma prima distante, uma espécie de tia em segundo grau. Eu já havia passado uns tempos com eles, de vez em quando, nas ocasiões em que Jeanette adoecia. No fim, quando as coisas ficaram ruins demais, fui morar com eles de vez. Eles me adotaram formalmente uns dois anos depois, quando minha mãe...

morreu.

As palavras simples, cuidadosamente escolhidas, não fizeram justiça aos anos de telefonemas tarde da noite, às visitas não anunciadas, à gritaria na rua, ao fardo da responsabilidade que Meredith, quando menina, sentira carregar pela mãe perturbada e volátil. E sua recitação objetiva dos fatos também não deu nenhuma pista da culpa que ela ainda alimentava, decorridos tantos anos, pelo fato de sua primeira reação, ao saber da morte da mãe, ter sido não de tristeza, mas de alívio.

Não conseguia se perdoar por isso.

— Parece dureza — comentou Hal.

Meredith sorriu desse eufemismo britânico e se encostou ainda mais no corpo quente dele, a seu lado na cama.

— Eu tive sorte. A Mary é uma mulher admirável.

Foi ela quem me fez começar a estudar violino, depois, piano. Devo tudo a ela e ao Bill.

Hal abriu um sorriso.

— Quer dizer que você está mesmo escrevendo uma biografia de Debussy? — brincou.

Ela lhe deu um murro de mentirinha no braço.

— É claro que estou!

Passaram um momento num silêncio amistoso, quietos, os corpos encostados.

— Mas há alguma coisa, além disso, para você estar aqui — disse Hal, por fim. Virou a cabeça no travesseiro para o retrato emoldurado, do outro lado do quarto. —

Não estou errado quanto a isso, não é?

Meredith sentou-se na cama, puxando o lençol e deixando apenas os ombros à mostra.

— Não, não está errado.

Percebendo que ela ainda não estava pronta para falar, Hal também se sentou e girou as pernas para fora da cama.

— Quer que eu busque alguma coisa para você?

Uma bebida? Qualquer coisa?

— Um copo d’água seria bom.

Viu-o desaparecer no banheiro e emergir segundos depois com duas canecas de escova de dentes, pegar duas garrafas no frigobar e voltar para a cama.

— Aqui está.

— Obrigada — disse Meredith, bebendo um gole da garrafa. — Até agora, tudo que eu sabia sobre a família da minha mãe biológica era que talvez ela tivesse vindo desta região da França, durante ou pouco depois da Primeira Guerra Mundial, e se estabelecido nos Estados Unidos. Tenho uma fotografia de um trisavô, estou bem certa, de uniforme do Exército francês, tirada na praça de Rennes-les-Bains em 1914. A história era que ele tinha ido parar em Milwaukee, mas, como eu não dispunha de um sobrenome, não podia ir muito mais longe. A cidade tinha uma grande população europeia desde o começo do século XIX. O primeiro europeu a se tornar morador permanente foi um comerciante francês, Jacques Veau, que criou um entreposto comercial nos penhascos, no ponto de encontro de três rios, o Milwaukee, o Menomonee e o Kinnickinnic. Portanto,

era bastante plausível.

Nos minutos seguintes, ela deu a Hal uma versão abreviada do que havia descoberto desde a chegada à Herdade do Cade, restringindo-se aos fatos concretos, tudo muito direto. Contou-lhe por que havia retirado o retrato do saguão e falou da partitura que tinha herdado da avó, Louisa Martin, mas não mencionou o baralho. Já fora mais do que suficiente a conversa incômoda no bar, horas antes, e Meredith não queria fazer Hal se lembrar do tio nesse momento.

— Então, você acha que o seu soldado desconhecido é um Vernier — comentou Hal, quando Meredith parou de falar.

Ela fez que sim.

— A semelhança física é impressionante. Cores, feições. Ele poderia ser um irmão mais novo ou um primo, eu acho, mas, levando em conta as datas e a idade, creio que poderia ser um descendente direto — respondeu. Parou e deixou um sorriso estampar-se no rosto. —

E então, pouco antes de descer para jantar, recebi um e-mail da Mary, dizendo haver um registro de um Vernier no cemitério de Mitchell Point, no Milwaukee.

Hal sorriu.

— Então, você acha que Anatole Vernier era o pai dele?

— Não sei. Esse é o passo seguinte — ela suspirou.

— Seria filho da Léonie?

— Nesse caso, ele não seria Vernier, não é?

— Seria, se ela não fosse casada. Hal balançou a cabeça.

— Pode ser.

— Portanto, o negócio é o seguinte. Amanhã, depois de conversarmos com a Dra. O’Donnell, você me ajuda a fazer uma pequena pesquisa sobre os Vernier.

— Fechado — ele retrucou em tom descontraído, mas Meredith percebeu que voltava a ficar tenso. — Sei que você acha que estou dando importância demais a isso, mas eu realmente gostaria muito da sua presença. Ela vem às dez.

— Bem — Meredith murmurou, baixinho, come-

çando a se sentir sono lenta. — Como você disse, é mais provável que ela fale se houver outra mulher presente.

Estava lutando para manter os olhos abertos. Aos poucos, sentiu que se distanciava de Hal. A lua prateada seguiu seu curso pelo céu negro do Midi. Abaixo, no vale, o sino badalou o passar das horas.

CAPÍTULO 67

No sonho, Meredith estava sentada ao piano ao pé da escada. A friagem das teclas e a melodia eram familiares para seus dedos. Ela tocava a peça que fora a marca registrada de Louisa, melhor do que jamais a havia tocado, de forma suave, mas obsedante.

Depois, o piano desapareceu e ela estava andando num corredor comprido e deserto. Havia uma nesga de luz no final e uma escada de pedra, afundada e desgastada no centro pela passagem dos pés e do tempo. Ela se virou para ir embora, mas se viu sempre parada no mesmo lugar. Situava-se em algum ponto da Herdade do Cade, ela sabia, mas não era uma parte que ela reconhecesse da casa ou do terreno.

A luz, um quadrado perfeito, vinha de um lampião a gás na parede, que sibilou e espirrou nela à sua passagem. À frente, no alto da escada, havia uma tapeçaria velha e empoeirada que mostrava uma cena de caça. Por um momento, ela contemplou as expressões cruéis dos homens, as manchas de sangue vivo em suas lanças. Só que, ao olhar com seus olhos de sonho, percebeu que não era um animal que eles caçavam. Não era um urso, um javali nem um lobo. Era uma criatura negra, erguida sobre dois cascos fendidos, com uma expressão de ódio nas feições quase humanas. Um demônio, com pontas vermelhas nas garras. *Asmodeu.*

Ao fundo, chamas. A floresta estava pegando fogo.

Na cama, Meredith gemeu e mudou de posição, enquanto suas mãos

adormecidas, pesadas e sem peso, empurravam uma velha porta de madeira. Havia no chão um tapete de poeira prateada, cintilando ao luar ou sob o halo do lampião a gás.

O ar estava parado. Ao mesmo tempo, o cômodo não dava a sensação úmida ou fria de um espaço deixado vazio. O tempo avançou num salto. Meredith pôde ouvir de novo o piano, só que, dessa vez, distorcido. Como o som de um parque de diversões ou um carrossel, ameaçador e sinistro.

Sua respiração acelerou-se. As mãos adormecidas agarraram as cobertas, no momento em que ela as estendeu e segurou a maçaneta fria de melai.

Abriu a porta. Subiu o degrau de pedra.

Nenhum pássaro voou nem houve murmúrios de vozes ocultas atrás da porta. Ela se viu parada no interior de uma espécie de capela. Pé-direito alto, piso de pedra, um altar, vitrais. Pinturas cobrindo as paredes, imediatamente reconhecidas como os personagens do baralho. Um sepulcro. Em profundo silêncio. Nada senão o eco de seus passos perturbava a quietude. No entanto, pouco a pouco, o ar começou a sussurrar. Ela ouviu vozes, ruídos na escuridão. Pelo menos, vozes por trás do silêncio. E cantando.

Avançou e sentiu o ar abrir-se, como se espíritos invisíveis, perdidos na luz, recuassem para lhe dar passagem. O próprio espaço pareceu prender o fôlego, mar-cando o compasso no ritmo pesado de seu coração.

Meredith continuou andando até chegar diante do altar, num ponto situado a igual distância das quatro janelas recortadas na parede octogonal. Viu-se parada sobre um quadrado marcado em preto no piso de pedra. Em volta dele, letras gravadas no chão.

Ajude-me.

Havia alguém ali. Na escuridão e no silêncio, algo se moveu. Meredith sentiu o espaço à sua volta encolher, dobrar-se sobre si mesmo. Não conseguiu ver nada, mas sabia que estava ali. Uma presença viva, respirando na trama do ar. E sabia que já a vira antes — sob a ponte, na estrada, aos pés da cama. Ar, água, fogo e, agora, terra. Os quatro naipes do tarô, abarcando em si todas as possibilidades.

Ouça-me. Escute-me.

Sentiu-se cair, descer para um lugar de quietude e serenidade. Não sentiu medo. Já não era ela mesma, porém se postava do lado de fora, olhando para dentro. E, já então com clareza no quarto, ouviu a própria voz adormecida chamar calmamente.

— Léonie?

Nesse momento, pareceu-lhe haver uma qualidade diferente na escuridão ao redor da figura encapuzada, um movimento no ar, quase um sopro de vento. Aos pés da cama, a figura moveu de leve a cabeça. Longos cachos acobreados, uma cor sem substância, revelaram-se quando o capuz caiu. Pele translúcida. Olhos verdes, mas transparentes. Forma sem substância. Um longo vestido negro sob a capa. Silhueta sem forma.

Eu sou a Léonie.

Meredith ouviu as palavras dentro da cabeça. Uma voz de mocinha, uma voz vinda de tempos idos. De novo, o clima no aposento pareceu alterar-se. Como se o próprio espaço desse um suspiro de alívio.

N ão posso dormir. Enquanto não for encontrada, jamais poderei dormir. Escute a verdade.

— A verdade? Sobre o quê? — sussurrou Meredith. A luz se alterava, atenuava-se.

A história está nas cartas.

Houve uma movimentação do ar, uma fratura da luz, um bruxulear de algo — alguém — se afastando. Havia uma ameaça nas trevas, que Léonie mantinha afastada.

Mas a presença meiga do fantasma havia desaparecido, substituída por algo destrutivo. Malevolente. Fez-se um frio opressivo, pressionando Meredith. Como a neblina do amanhecer no mar, um toque acre de sal, peixe e fumaça.

Ela estava outra vez no sepulcro. Teve necessidade de correr, mesmo sem saber de quê. Sentiu que se esgueirava para a porta.

Havia algo atrás dela. Uma figura negra, ou algum tipo de bicho. Meredith

chegou quase a sentir seu hálito na nuca, baforadas de nuvens brancas no ar frígido. Mas a nave de pedra foi encolhendo. A porta de madeira foi ficando menor e mais distante.

Un, deux, trois, loup! Pronta ou não, vou te pegar.

Alguma coisa batia os cascos, ganhava velocidade nas sombras, preparava-se para o bote. Meredith começou a correr, o medo dando força as suas pernas bambas. Os tênis escorregavam, deslizavam no piso de pedra. E, sempre atrás dela, o bafo.

Estou quase chegando.

Atirou-se na porta e sentiu o ombro bater no batente, a dor ricocheteando pelo braço. O bicho estava bem atrás, o eriçar dos pelos, o fedor de ferro e sangue, tudo a se fundir na pele dela, na superfície de seu couro cabeludo e nas solas dos pés. Ela se atrapalhou com a ma-

çaneta, chacoalhando, puxando, sacudindo-a em direção a si, mas ela não se abria.

Começou a esmurrar a porta, tentando não olhar para trás, não ser apanhada pelo azul daqueles olhos me-donhos. Sentiu o silêncio aprofundar-se a seu redor. Sentiu os braços malévolos envolvendo-lhe o pescoço, úmidos, frios, ásperos. E o cheiro de mar, arrastando-a para suas profundezas fatais.

CAPÍTULO 68

— Meredith! Meredith! Está tudo bem. Você está em segurança, está tudo bem.

Ela acordou num grande sobressalto, que a deixou arquejante, com to dos os músculos do corpo em alerta, todos os nervos gritando. Os lençóis de algodão estavam enroscados, emaranhados. Seus dedos, rigidamente cerrados. Por um instante, ela se sentiu dominada por uma raiva devoradora, como se o ódio da criatura houvesse penetrado à força sob a superfície de sua pele.

— Meredith, está tudo bem! Estou aqui.

Ela tentou soltar-se, desorientada, até se dar conta de estar sentindo uma pele morna que a apertava para salvá-la, não para feri-la.

— Hal.

A tensão desapareceu de seus ombros.

— Você teve um pesadelo, só isso. Está tudo bem.

— Ela veio aqui. Ela veio aqui... e depois... aquilo veio e...

— Psiu, está tudo bem — Hal repetiu.

Meredith fitou-o. Levantou a mão e traçou com os dedos o contorno de seu rosto.

— Ela veio... e aí, atrás dela, vindo para...

— Não há ninguém aqui além de nós. Foi só um pesadelo. Já passou. Meredith correu os olhos pelo quarto, como se esperasse ver alguém sair das sombras a qualquer momento. Ao mesmo tempo, compreendeu que o sonho havia acabado. Pouco a pouco, deixou Hal tomá-la nos braços. Sentiu o calor e a força dele a cingi-la mais de perto, mantendo-a segura, apertada contra o peito. Sentiu os ossos da própria caixa torácica, subindo e descendo, subindo e descendo.

— Eu a vi — murmurou, embora agora falasse consigo mesma, não com Hal.

— Quem? — sussurrou ele. Meredith não respon-

deu.

— Está tudo bem — repetiu Hal com doçura. —

Volte a dormir. Começou a lhe afagar a cabeça, alisando e afastando a franja de sua testa, como Mary costumava fazer quando ela fora morar em sua casa, para mandar embora os pesadelos.

— Ela esteve aqui — disse Meredith, mais uma vez.

Aos poucos, sob o movimento delicado e repetitivo da mão de Hal, o pavor desvaneceu-se. As pálpebras ficaram pesadas, os braços, as pernas e o tronco também, à medida que foram voltando o calor e a sensação.

Quatro horas da manhã.

As nuvens tinham encoberto a lua e a escuridão era completa. Os amantes, aprendendo a se conhecer, tornaram a adormecer nos braços um do outro, envoltos no escuro azul da manhãzinha, antes do raiar do dia.



PARTE IX

A clareira

Outubro-novembro de

1891

CAPÍTULO 69

SEXTA-FEIRA, 23 DE OUTUBRO DE 1891

Quando Léonie acordou na manhã seguinte, a primeira ideia que lhe veio à cabeça dizia respeito a Victor Constant, como acontecera com a última antes de ela adormecer.

Querendo sentir o ar puro no rosto, ela se vestiu depressa e saiu para a manhãzinha. Havia por toda parte indícios da tempestade da véspera. Galhos partidos, folhas girando em espiral, agitadas pelo vento. Agora tudo se acalmara e o céu rosado do amanhecer estava límpido. Ao longe, entretanto, nos Pireneus, avultava uma massa cinzenta de nuvens de tempestade, trazendo a ameaça de mais chuva.

Léonie deu uma volta pelo lago, parou um pouco no pequeno promontório para observar a água encapelada e retornou lentamente à casa pelos gramados. A bainha de suas saias reluzia de orvalho. Os pés mal deixavam pegadas na grama úmida.

Caminhou para a porta da frente, que deixara des-trancada ao sair de mansinho, e entrou no saguão. Batendo os pés, secou as botas no capacho de cerdas grossas.

Depois, tirou o capuz que lhe encobria o rosto, soltou a presilha da capa e a pendurou de volta no gancho de metal de onde a havia tirado.

Ao cruzar as lajotas pretas e vermelhas em direção à sala de jantar, deu-se conta de estar torcendo para que Anatole ainda não tivesse descido para o desjejum.

Embora preocupada com a saúde de Isolde, ainda estava aborrecida com a partida impetuosa e prematura de Carcassonne, na véspera, e não queria se ver obrigada a ser cortês com o irmão.

Abriu a porta e encontrou a sala deserta, a não ser pela criada, que estava pondo o bule esmaltado de café, com seus desenhos em vermelho e azul, no descanso de metal no centro da mesa.

Marieta fez uma meia mesura.

— Madomaisèla.

— Bom dia.

Léonie deu a volta, para ocupar seu lugar costumeiro na outra ponta da longa mesa oval, o que a deixou de frente para a porta.

Uma ideia a atormentava: se o mau tempo continuasse sem trégua em Carcassonne, talvez o patron do hotel não conseguisse entregar sua carta a Victor Constant na Praça Gambetta. Ou talvez, aliás, por causa da chuva torrencial, o concerto fosse cancelado. Sentiu-se desampara-da e profundamente frustrada ao se dar conta de que não havia como ter certeza de que monsieur Constant receberia sua comunicação.

A menos que ele resolva escrever para me informar.

Suspirou e sacudiu o guardanapo.

— Meu irmão já desceu, Marieta?

— Não, Madomaisèla foi a primeira.

— E minha tia? Já se recuperou de ontem à noite?

Marieta parou, abaixou a voz e disse, como se con-fidenciasse um grande segredo:

— Madomaisèla não sabe? Madama ficou tão mal durante a noite, que o sénher Anatole foi obrigado a mandar buscar o médico na cidade.

— O quê? — disse Léonie, com um arquejo. Levantou-se da cadeira. — Eu não fazia ideia. Preciso vê-la.

— É melhor deixá-la sossegada — apressou-se a dizer Marieta. — Madama estava dormindo feito um bebê há menos de meia hora.

Léonie voltou a se sentar.

— Bem, e o que disse o médico? Foi o Dr. Gabignaud? Marieta fez que sim.

— Disse que madama pegou um resfriado, que estava ameaçando virar coisa pior. Deu-lhe um pó para abaixar a febre. Passou a noite toda com ela, e o seu irmão também.

— Qual é o diagnóstico, agora?

— Madomaisèla terá que perguntar ao sénher Anatole. O doutor conversou com ele em particular.

Léonie sentia-se péssima. Era culpada por seus pensamentos desalmados de antes e por ter, de algum modo, dormido a noite inteira, sem a menor ideia da crise que ocorria noutro ponto da casa. Seu estômago ficou parecendo um amontoado de nós, feito um novelo de linha emaranhado e retorcido. Ela duvidou que conseguisse deixar sequer uma migalha de alimento lhe passar pela boca.

No entanto, quando Marieta voltou e pôs à sua frente um prato de toucinho montes salgado, ovos de galinha frescos e pão branco quentinho, com um rolo de manteiga cremosa, percebeu que talvez conseguisse comer um pouco.

Fez o desjejum em silêncio, com os pensamentos saltitando para a frente e para trás como um peixe atirado na margem do rio, ora inquietando-se com a saúde da tia, ora alimentando ideias agradáveis sobre monsieur Constant, e de novo pensando em Isolde.

Ouviu o som de passos atravessando o saguão. Jogando o guardanapo na mesa, pôs-se de pé num salto e correu para a porta, deparando com Anatole no corredor.

Estava pálido e com as olheiras escuras, como negras manchas deixadas pelos

dedos, o que fazia transparecer que não tinha dormido.

— Desculpe-me, Anatole, acabei de saber. A Marieta sugeriu que seria melhor deixar tante Isolde dormir do que perturbá-la. O médico vai voltar agora de manhã? Ele...

Apesar da aparência péssima, Anatole sorriu. Levantou a mão, como que para desviar o bombardeio de perguntas.

— Calme-toi— disse, passando o braço em volta dos ombros da irmã. — O pior já passou.

— Mas...

— A Isolde vai ficar boa. O Gabignaud foi excelente. Deu-lhe uma coisa para ajudá-la a dormir. Ela está fraca, mas a febre passou. Nada que uns dias de repouso na cama não curem.

Léonie assustou a si mesma ao prorromper em lágrimas. Não se apercebera de quanta afeição havia passado a nutrir pela calma e doce tia.

— Vamos, petite — disse Anatole, em tom cari-nhoso. — Não precisa chorar. Tudo ficará bem. Não há motivo para ficar agitada.

— Não vamos brigar nunca mais — gemeu Léonie.

— Não suporto que não sejamos amigos.

— Nem eu — disse ele, tirando o lenço do bolso e o entregando à irmã. Léonie enxugou o rosto banhado em lágrimas e assoou o nariz.

— Mas que impropriedade para uma dama! — riu-

se ele. — Mamãe ficaria profundamente insatisfeita com você — e sorriu para a irmã. — E então, já tomou o seu café?

Léonie confirmou com um aceno da cabeça.

— Bem, pois eu não. Quer me fazer companhia?

Durante o resto do dia, Léonie ficou perto do irmão, com todos os pensamentos

sobre Victor Constant temporariamente postos de lado. De momento, a Herdade do Cade e o amor e afeição daqueles que a casa abrigava se tornaram o único foco de seu coração e mente.

Durante o fim de semana, Isolde continuou de cama. Estava enfraquecida e se cansava com facilidade, mas Léonie leu para ela à tarde e, aos poucos, a cor foi voltando a seu rosto. Anatole atarefou-se com assuntos concer-nentes à propriedade, em lugar dela, e até sentou-se em sua companhia no quarto, à noite. Se os criados julgaram surpreendente essa familiaridade, não teceram qualquer comentário que chegasse aos ouvidos de Léonie.

Em vários momentos, Léonie surpreendeu o irmão a fitá-la como se estivesse a ponto de lhe fazer uma confidencia. No entanto, em todas as vezes que ela o questionou, ele sorriu e disse que não era nada, depois baixou os olhos e deu continuidade ao que estava fazendo.

No domingo à noite, o apetite de Isolde voltou com intensidade suficiente para que uma bandeja com a ceia fosse levada a seu quarto. Léonie alegrou-se ao ver que a expressão abatida e tensa se fora e que a tia já não parecia tão magra. Na verdade, sob certos aspectos, parecia mais saudável do que antes. Havia um brilho em sua pele, uma luminosidade no olhar. Léonie percebeu que Anatole também havia notado. Andava pela casa assobiando e parecendo muito aliviado.

O assunto principal das conversas nos aposentos dos criados foi a terrível inundação em Carcassonne. Da manhã de sexta-feira à noite de domingo, a cidade e o interior tinham sido devastados pela sucessão de tempestades. As comunicações se romperam e, em algumas áreas, foram inteiramente suspensas. A situação em torno de Rennes-les-Bains e Quillan tinha sido ruim, sem dúvida, porém não mais do que seria esperável na temporada de tempestades outonais.

Na segunda-feira à noite, entretanto, a notícia da catástrofe que havia atingido Carcassonne chegou à Herdade do Cade. Após três dias de chuva ininterrupta, pior nas planícies do que nos vilarejos mais altos nas montanhas, o rio Aude havia finalmente transbordado, nas primeiras horas da madrugada de domingo, inundando a Bastide e as áreas ribeirinhas baixas. As primeiras notícias davam conta de que grande parte do quartier Trivalle e do quartier Barbacane tinha ficado totalmente embaixo d’água. A Ponte Velha, que ligava a Cité medieval à Bastide, ficara submersa, mas transitável. Nos jardins do Hôpital des Malades havia água até a altura dos joelhos. Várias outras construções da margem

esquerda tinham sido inundadas pela enchente.

Mais acima do rio avolumado, perto da represa de Païchérou, árvores inteiras tinham sido arrancadas e retorcidas, agarrando-se desesperadamente à lama.

Léonie ouviu as notícias com ansiedade crescente.

Temeu pelo bem-estar de monsieur Constant. Não havia razão para crer que algum mal lhe houvesse sucedido, mas as inquietações a atormentaram sem remorso. Sua angústia foi ainda pior por ela não poder admitir para Anatole que conhecia os bairros inundados, ou que tinha um interesse particular naquele assunto.

Repreendeu a si mesma. Sabia que era um completo absurdo ter sentimentos tão intensos por uma pessoa em cuja companhia passara pouco mais de uma hora. No entanto, monsieur Constant havia fixado residência em sua cabeça romântica, e ela não conseguia tirá-lo do pensamento. Assim, enquanto nas primeiras semanas de outubro ficara sentada à janela, esperando uma carta da mãe em Paris, agora, já no fim do mês, punha-se a imaginar se haveria uma carta não reclamada de Carcassonne nas caixas da posta-restante de Rennes-les-Bains.

A questão era como poderia fazer a viagem até a cidade em pessoa. Dificilmente poderia confiar um assunto tão delicado a um dos criados, nem mesmo ao amável Pascal ou à meiga Marieta. E havia outra preocupação: se o patron do hotel não houvesse entregado seu bilhete na Praça Gambetta na hora marcada, se é que não tinha havido um adiamento do concerto, monsieur Constant —que era claramente um homem de princípios — seria obrigado, por uma questão de honra, a deixar o assunto morrer.

A ideia de que ele não soubesse onde a encontrar

— ou, do mesmo modo, de que a julgasse mal pela descortesia de não haver mantido seu discreto compromisso

— invadiu-lhe a mente de forma ininterrupta.

CAPÍTULO 70

Sua oportunidade surgiu três dias depois. Na noite de quarta-feira, Isolde melhorou o bastante para cear com Anatole e Léonie na sala de jantar. Comeu

pouco. Ou melhor, provou muitos pratos, mas não pareceu gostar de nenhum. Nem mesmo o café, recém-preparado com os grãos comprados para ela por Léonie em Carcassonne, agradou seu paladar.

Anatole alvoroçou-se em torno dela, fazendo intermináveis sugestões de combinações diferentes que pudessem tentá-la, mas, no fim, conseguiu convencê-la apenas a comer um pouquinho de pão com manteiga cremosa, com uma pitada do delicioso queijo fresco de cabra da região, o chèvre trois jours, e mel.

— Você quer alguma coisa? Seja o que for, farei tudo para consegui-lo. Isolde sorriu:

— Tudo está com um gosto muito peculiar.

— Você precisa comer — disse ele, em tom firme.

— Precisa recuperar as forças e...

Estancou. Léonie notou o olhar entre os dois e novamente se perguntou o que o irmão teria estado prestes a dizer.

— Posso ir a Rennes-les-Bains amanhã e comprar o que você quiser — continuou Anatole.

Súbito, Léonie teve uma ideia:

— Eu posso ir — ofereceu-se, procurando manter um tom descontraído. — Em vez de fazê-lo sair daqui, Anatole, ir à cidade seria um prazer para mim — afirmou.

Virou-se para Isolde e acrescentou: — Conheço bem os seus gostos, tante. Se for possível liberar a carruagem de manhã, o Pascal pode me levar — e fez uma pausa. —

Posso trazer uma lata de gengibre cristalizado dos Magasins Bousquet.

Para seu deleite e animação, viu um lampejo de interesse acender-se nos claros olhos cinzentos de Isolde.

— Confesso que isso é uma coisa que eu conseguiria comer — admitiu ela.

— E talvez — acrescentou Léonie, passando em rápida revista mental as iguarias favoritas de Isolde — eu também pudesse ir ao patissier e comprar uma caixa de Jesuites, não é?

Pessoalmente, ela detestava aqueles bolinhos cremosos, pesados e enjoativos, mas sabia que, vez por outra, Isolde se deixava persuadir a saborear um deles.

— Talvez eles sejam um pouquinho gordurosos para mim, neste momento — sorriu a tia —, mas um daqueles biscoitos com pimenta-do-reino seria perfeito.

Anatole estava sorrindo para ela e balançando a cabeça.

— Muito bem. Então, está resolvido — disse, cobrindo a pequena mão de Léonie com a sua. — Ficarei mais do que satisfeito em acompanhá-la, petite, se você quiser.

— De modo algum. Será uma aventura. Tenho certeza de que há muitas coisas para ocupar o seu tempo aqui.

Ele relanceou o olhar para Isolde.

— É verdade — concordou. — Bem, se você tem

certeza, Léonie...

— Toda certeza — disse ela, animada. — Sairei às dez horas para estar de volta bem a tempo para o almoço.

Vou preparar uma lista.

— É gentileza sua ter todo esse trabalho — disse Isolde.

— O prazer é meu — repetiu Léonie, com sinceridade.

Havia conseguido. Desde que pudesse dar uma fugida até a posta-restante sem o conhecimento de Pascal, em algum momento da manhã, poderia tranquilizar-se quanto às intenções de monsieur Constant a seu respeito, por bem ou por mal.

Ao se recolher à noite, já tinha sonhos sobre como seria segurar uma carta dele

nas mãos. Sonhava com o que diria esse billet doux, com os sentimentos que poderia expressar.

Na verdade, quando enfim adormeceu, já havia re-digido umas cem vezes o rascunho da bela resposta que daria aos — imaginários — protestos de afeição e estima de monsieur Constant, elegantemente formulados.

A manhã de quinta-feira, 29 de outubro, despontou gloriosa.

A Herdade do Cade foi banhada por uma suave luz de cobre, sob um céu infinitamente azul, pontilhado aqui e ali de generosas nuvens brancas. E a temperatura estava amena. Os dias tempestuosos haviam passado, trazendo em seu lugar a lembrança do aroma das brisas estivais. Um perfeito veranico, um été indien.

Às dez e quinze, Léonie desceu da carruagem na Place du Pérou, usando, para essa ocasião, seu vestido di-urno favorito, o vermelho, com jaqueta e chapéu para combinar. De lista de compras em punho, passeou pela Gran'Rue, visitando as lojas uma a uma. Pascal a acompanhou, para carregar suas diversas compras feitas nos Magasins Bousquet, na Les Frères Mareei Pâtisserie e Choco-laterie, uma confeitaria artesanal, e no armarinho, onde comprou linhas. Léonie parou para tomar um sirop de grenadine no café anexo à Maison Gravère, onde ela e Anatole haviam tomado um café em sua primeira expedi-

ção, e se sentiu perfeitamente à vontade.

De fato, sentiu-se como se fizesse parte da cidade e esta lhe pertencesse. E, embora uma ou duas pessoas de quem tinha um conhecimento passageiro se mostrassem meio frias, ou assim lhe pareceu — as esposas desviando os olhos, os maridos mal levantando o chapéu à sua passagem —, Léonie descartou a ideia de que pudesse haver melindrado alguém. A essa altura, acreditava de todo o coração que, embora se considerasse rigorosamente parisiense, na verdade sentia-se mais viva, mais vital na paisagem arborizada das montanhas e lagos do Aude do que jamais lhe acontecera na cidade grande.

Agora, pensar nas ruas sujas e na fuligem do 8º arrondissement, para não falar nas limitações impostas à sua liberdade, deixava-a horrorizada. Com certeza, se Anatole conseguisse persuadir sua mãe a passar o Natal com eles, Léonie ficaria mais do que satisfeita em permanecer na Herdade do Cade até o ano-novo, e mesmo depois.

Cumpriu rapidamente suas incumbências. Às 11

horas, restava apenas escapulir de Pascal por tempo suficiente para dar sua fugida à posta-restante. Pediu-lhe que levasse para a carruagem os embrulhos deixados aos cuidados de um de seus muitos sobrinhos, junto ao bebedou-ro logo ao sul da praça principal. Em seguida, declarou sua intenção de levar seus cumprimentos a monsieur Baillard.

A expressão de Pascal endureceu:

— Eu não sabia que ele tinha retornado a Rennes-les-Bains, madomaisèla. Seus olhares se encontraram.

— Não tenho certeza de que ele esteja de volta —admitiu Léonie —, mas não há problema em andar até lá e voltar. Eu o encontrarei daqui a pouco na Place du Pérou.

Enquanto falava, de repente ela se deu conta de como poderia arquitetar uma oportunidade para ler a carta em particular.

— Aliás, Pascal — acrescentou rapidamente —, você pode me deixar aqui. Acho que voltarei a pé para a Herdade do Cade. Não precisa me esperar. Pascal ficou com o rosto rubro.

— Tenho certeza de que o sénher Anatole não gostaria que eu a abandonasse aqui para fazer o percurso de volta a pé — disse, com uma expressão que deixou claro quanto Anatole havia repreendido Marieta por tê-la deixado escapar de seus cuidados em Carcassonne.

— Meu irmão não lhe deu instruções no sentido de que eu não deveria ser deixada desacompanhada, deu? —retrucou prontamente.

Pascal foi obrigado a admitir que não.

— Pois então. Eu confio na trilha da floresta —disse, em tom firme, — A Marieta nos conduziu pela entrada dos fundos da Herdade do Cade, como você sabe, de modo que ela não me é desconhecida. Está fazendo um dia lindo, possivelmente o último dia ensolarado deste ano, e não creio que meu irmão se opusesse a eu tirar proveito do ar agradável.

Pascal não se mexeu.

— Isso é tudo — disse Léonie, em tom mais ríspido do que havia pretendido.

Ele a encarou por mais um minuto, com o rosto largo impassível, depois estampou um sorriso repentino.

— Como quiser, madomaisèla Léonie — declarou em sua voz calma e firme —, mas a senhorita se explicará com o sénher Anatole, não eu.

— Sim, direi a ele que insisti em que você me deixasse.

— E, com sua permissão, mandarei Marieta abrir o portão e descer meta de do caminho a seu encontro. Para o caso de a senhorita confundir as trilhas.

Léonie ficou desconcertada, tanto com o bom humor de Pascal diante de seu mau gênio quanto com a preocupação dele com seu bem-estar. Porque a verdade era que, apesar do discurso aguerrido, ela ficava meio tensa ao pensar em perfazer sozinha todo o trajeto de volta pela mata.

— Obrigada, Pascal — disse, baixinho. — Prometo que serei rápida. Minha tia e meu irmão nem vão notar.

Ele assentiu com a cabeça, braços cheios de embrulhos, girou nos calcanhares e se foi. Léonie o observou afastar-se.

Quando Pascal dobrou a esquina, uma outra coisa chamou a atenção de Léonie. Ela vislumbrou uma pessoa de capa azul entrando depressa na galeria que levava à igreja, como se não quisesse ser vista. Franziu a testa, mas tirou a ideia da cabeça, enquanto refazia o percurso em direção ao rio.

A título de precaução, para a eventualidade de Pascal segui-la, resolveu andar até a posta-restante pela rua em que se localizavam as acomodações de monsieur Baillard.

Sorriu para uns dois conhecidos de Isolde, mas não parou para dar a menor atenção a ninguém. Em poucos minutos, chegou a seu destino. Para sua enorme surpresa, as venezianas azuis da casinha estavam abertas.

Léonie se deteve. Isolde dissera ter certeza de que monsieur Baillard havia

deixado Rennes-les-Bains por tempo indeterminado. Pelo menos até o dia de Saint-Martin, ou assim lhe haviam informado. Teria a casa sido alugada a outra pessoa, nesse ínterim, ou teria ele retornado antes do previsto?

Léonie correu os olhos pela rue de l'Hermite, que levava, na extremidade próxima ao rio, à rua onde se situava a posta-restante. Estava numa excitação febril ante a possibilidade de receber sua carta. Havia pensado em poucas outras coisas durante dias. Mas, havendo desfruta-do um período de primorosas expectativas, de repente sentiu medo de que suas esperanças estivessem prestes a ser destroçadas. De que não houvesse nenhuma comunicação de monsieur Constant.

E já fazia algumas semanas que vinha lamentando a ausência de monsieur Baillard. Se passasse por ali sem se deter, e depois descobrisse ter perdido uma oportunidade de renovar sua amizade com ele, jamais se perdoaria.

Se houver uma carta, ela continuará lá, daqui a dez minutos.

Deu um passo à frente e bateu à porta.

Por um instante, nada aconteceu. Ela aproximou o ouvido dos painéis pintados e conseguiu captar apenas o som de pés caminhando por um piso de lajotas.

— Oc? — indagou uma voz infantil.

Léonie recuou um passo enquanto a porta se abria, subitamente sem graça por ter resolvido aparecer sem ser convidada. Um garotinho de cabelo escuro e olhos cor de amora postou-se diante dela.

— Monsieur Baillard está? — ela indagou. — Eu sou Léonie Vernier, sobrinha de Madame Lascombe. Da Herdade do Cade.

— Ele a está esperando?

— Bem, não. Eu ia passando e, por isso, tomei a liberdade de fazer uma visita imprevista. Se for inconveniente...

— Que és?

O garoto virou-se. Léonie sorriu de prazer ao som da voz de monsieur Baillard.

Encorajada, chamou-o.

— É a Léonie Vernier, monsieur Baillard!

Minutos depois, a figura inconfundível de traje branco, da qual ela se lembrava com muita clareza desde o jantar formal, apareceu no fim do corredor. Mesmo na penumbra da entrada estreita, Léonie pôde ver que ele sorria.

— Madomaisèla Léonie, que prazer inesperado!

— Estive fazendo umas tarefas para minha tia, que está adoentada, e o Pascal voltou na frente. E eu achava que o senhor estava fora de Rennes-les-Bains no momento, mas, ao ver as venezianas abertas...

Percebeu que estava tagarelando sem parar e mordeu a língua.

— Fico encantado que o tenha feito. Entre, por favor — disse Baillard. Léonie hesitou. Embora ele fosse um homem de certa reputação, um conhecido de tante Isolde e visitante costumeiro da Herdade do Cade, ela sa-

bia que poderia ser considerado impróprio para uma jovem entrar na casa de um cavalheiro solitário.

Mas, afinal, quem está aqui para ver?

— Obrigada. Fico encantada. E cruzou a soleira.

CAPÍTULO 71

Léonie seguiu monsieur Baillard pelo corredor, que dava para uma sala agradável nos fundos da casinha pequenina. Um único janelão dominava toda uma parede.

— Oh! — ela exclamou. — A vista é tão perfeita que parece uma pintura!

— É, sim — sorriu ele. — Tenho sorte.

Tocou uma sineta de prata que ficava numa mesinha baixa, ao lado dá poltrona em que obviamente estivera sentado, junto à larga lareira de pedra. O mesmo menino reapareceu. Léonie correu discretamente os olhos pela sala. Era um

aposento austero e simples, com uma coleção de cadeiras descasadas e uma mesinha de boudoir atrás do sofá. Estantes de livros cobriam toda a extensão da parede em frente à lareira, abarrotadas até o último centímetro.

— Pronto, sente-se, por favor — disse Baillard. —

Conte-me as suas novidades, madomaisèla Léonie. Espero que tudo esteja bem na Herdade do Cade. A senhorita me disse que sua tia estava indisposta. Nada sério, espero.

Léonie tirou o chapéu e as luvas e se instalou defronte dele.

— Ela está muito melhor. Fomos apanhados pelo mau tempo, na semana passada, e minha tia resfriou-se. O

médico foi chamado, mas o pior já passou e ela está ficando mais forte cada dia que passa.

— O estado dela é delicado, e ainda está só no começo. Mas tudo ficará bem — afirmou Baillard.

Léonie o olhou, intrigada com aquela observação aparentemente desconexa, mas nesse momento o menino voltou, carregando uma bandeja de latão com duas taças de cristal decoradas e um jarro de prata, muito parecido com um bule de café, mas ornado com arabescos em dia-mante, e a pergunta morreu em seus lábios.

— Vem da terra santa — explicou-lhe o anfitrião.

— Presente de um velho amigo, já se vão muitos anos.

O criado entregou a Léonie uma taça cheia de um líquido vermelho e espesso.

— O que é isso, monsieur Baillard?

— Um licor local de cereja, guignolet. Admito ter grande predileção por ele. É particularmente saboroso quando consumido com estes biscoitos de pimenta-do-reino — disse, fazendo um sinal para o menino, que ofereceu a travessa a Léonie. — Eles são uma especialidade local e podem ser comprados em qualquer lugar, mas considero os feitos aqui, na Frères Mareei, os melhores que

já provei.

— Também os comprei — disse Léonie. Bebeu um

gole do guignolet e tossiu imediatamente. Era doce, com um sabor marcante de cerejas silvestres, mas realmente muito forte.

— O senhor voltou mais cedo que esperávamos —comentou. — Minha tia me levou a crer que o senhor estaria fora até novembro, pelo menos, talvez mesmo até o Natal.

— Meus assuntos tiveram uma conclusão mais rápida do que eu havia esperado, e por isso voltei. Há algumas histórias aparecendo na cidade. Senti que poderia ser mais útil aqui.

Útil? Léonie achou estranha a palavra, mas não teceu comentários.

— Onde o senhor foi, monsieur Baillard?

— Visitar velhos amigos — veio a resposta serena.

— Além disso, tenho uma casa meio afastada nas montanhas. Numa aldeiazinha chamada Los Seres, não muito longe da antiga cidade fortificada de Montségur. Queria certificar-me de que ela estaria preparada, caso eu precisasse regressar num futuro próximo.

Léonie franziu a testa.

— E isso é provável, monsieur Baillard? Eu tinha a impressão de que o senhor havia alugado acomodações aqui na cidade para evitar os rigores do inverno nas montanhas.

Os olhos dele cintilaram.

— Já vivi muitos invernos nas montanhas, madomaisèla — disse, baixinho. — Uns rigorosos, outros nem tanto: — e se calou por um instante, parecendo absorto em pensamentos. Por fim, recompondo-se mais uma vez, disse: — Mas conte-me: o que tem feito nestas últimas semanas? Teve outras aventuras, madomaisèla Léonie, desde a última vez que nos vimos?

Ela enfrentou seu olhar e respondeu:

— Não voltei ao sepulcro, monsieur Baillard, se é a isso que se refere. Ele sorriu.

— Era exatamente ao que eu me referia.

— Mas devo confessar que a questão do tarô continuou a ter certo interesse para mim — declarou Léonie.

Examinou a expressão dele, mas seu rosto marcado pelo tempo nada deixou transparecer. — Também iniciei uma sequência de desenhos — disse. Hesitou. — Reproduções das imagens das paredes.

— É mesmo?

— São estudos, creio. Não, na verdade, são cópias.

Baillard inclinou-se para a frente na cadeira.

— A senhorita tentou desenhar todos?

— Bem, não — respondeu Léonie, mesmo considerando singular a pergunta. — Apenas os do começo. Os que são chamados de arcanos maiores, e, mesmo assim, não todos os personagens. Descobri que não me sinto inclinada a tentar desenhar algumas imagens. Le Diable, por exemplo.

— E La Tour?

Os olhos da jovem se estreitaram.

— Exato. A Torre também não. Como foi que...

— Quando iniciou esses desenhos, madomaisèla?.

— Na tarde anterior ao jantar. Queria apenas me ocupar, para preencher as horas vazias da espera. Sem a menor intenção consciente, descobri que pintara a mim mesma num desenho, monsieur Baillard, e por isso me senti incentivada a continuar.

— Posso perguntar-lhe em qual deles?

— La Force — veio a resposta. Léonie fez uma pausa, depois estremeceu, ao rememorar a complexidade das emoções que a haviam tomado naquele momento. —

O rosto era o meu. Por que o senhor acha que aconteceu isso?

— A explicação mais óbvia seria que a senhorita viu em si mesma a característica da força.

Léonie aguardou, esperando mais alguma coisa, até ficar claro que, mais uma vez, monsieur Baillard já dissera tudo o que pretendia sobre o assunto.

— Admito que me sinto cada vez mais intrigada com meu tio e com as experiências sobre as quais ele es-

creveu em sua monografia, Les Tarots. Não desejo pressioná-lo a contrariar suas opiniões, monsieur Baillard, mas andei pensando se o senhor teria conhecido meu tio na época dos eventos detalhados no livro.

Examinou-lhe o rosto, em busca de sinais de incentivo ou de desagrado ante essa linha de indagações, mas a expressão de Baillard continuou indecifrável.

— Percebi que... a situação se deu precisamente no período posterior à saída de minha mãe da Herdade do Cade, mas antes de meus tios se casarem — prosseguiu.

Hesitou. — Imagino, sem nenhuma intenção de ser des-respeitosa, que meu tio tenha sido, por natureza, um homem solitário. Não muito atraído pela companhia de outras pessoas, não é?

Parou mais uma vez, oferecendo a monsieur Baillard a oportunidade de dar uma resposta. Ele se manteve perfeitamente imóvel, as mãos venosas descansando no colo, parecendo contentar-se em escutar.

— Pelos comentários feitos por tante Isolde —persistiu Léonie —, fiquei com a impressão de que o senhor teria tido um papel instrumental na apresentação de meu tio ao abade Saunière, quando ele foi nomeado para a paróquia de Rennes-le-Château. Titia também insinuou, assim como o senhor, algumas divergências, boatos e incidentes ligados ao sepulcro, e que teriam exigido a intervenção de um padre.

— Ah — fez Audric Baillard, juntando as pontas dos dedos. Léonie respirou fundo.

— Eu... O abbé Saunière praticou um exorcismo em prol do meu tio, foi isso? Esse... esse evento ocorreu no interior do sepulcro?

Dessa vez, formulada a pergunta, Léonie não se precipitou. Deixou o silêncio fazer o trabalho de persuasão. Por um tempo interminável, ou assim lhe pareceu, o único som audível foi o tiquetaquear do relógio. Num cômodo mais adiante, no corredor, ela pôde discernir um tilintar de louça e o arranhai característico de uma vassou-ra na madeira do piso.

— Para livrar o lugar da presença do mal — ela acabou dizendo. — É isso? Foi o que vislumbrei, uma ou duas vezes. Mas agora me apercebo de que talvez minha mãe tenha sentido a presença dele, monsieur, quando era menina. Ela deixou a Herdade tão logo lhe foi possível.



CAPÍTULO 72

— Em alguns baralhos de tarô — finalmente disse Baillard —, a carta que representa o Diabo tem por modelo a cabeça de Baphomet, o ídolo que os integrantes da Ordem dos Pobres Cavaleiros de Cristo e do Templo de Salomão foram falsamente acusados de cultuar.

Léonie balançou a cabeça, embora não lhe ficasse clara a pertinência que poderia ter essa digressão.

— Diziam haver um presbitério dos templários não muito longe daqui, em Bézu — continuou Baillard. —

Nada disso existiu, é claro. Em matéria de registro histórico, houve uma confusão na memória coletiva, uma fusão dos albigenses com os cavaleiros do Templo. Eles de fato percorreram a Terra contemporaneamente, mas tinham pouca ligação entre si. Foi uma coincidência temporal, não uma superposição.

— Mas de que modo isso se vincula à Herdade do Cade, monsieur Baillard?

Ele sorriu.

— Em sua visita, a senhorita observou a estátua de Asmodeu no sepulcro, è? Sustentando o peso do bénitier?

— Sim.

— Asmodeu, também conhecido como Ashmadia ou Asmodai, provavelmente é um nome derivado de uma formulação do persa, a expressão aeshma-daeva, que significa demônio da ira. Asmodeu aparece num livro deute-rocanônico, Tobias, e também no Testamento de Salomão, que é um livro pseudoepigráfico do Velho Testa-

mento. Ou seja, uma obra supostamente escrita por Salomão e atribuída a ele, mas que é improvável que o tenha sido na realidade histórica.

Léonie balançou a cabeça, apesar de ter um conhecimento meio limitado do Velho Testamento. Nem ela nem Anatole haviam frequentado a escola dominical nem aprendido o catecismo. A superstição religiosa, afirmava sua mãe, não combinava com a sensibilidade moderna.

Tradicionalista em matéria de sociedade e etiqueta, Marguerite era uma veemente adversária da Igreja. De repente, Léonie se perguntou, pela primeira vez, se a violência das convicções de sua mãe remontaria ao ambiente da Herdade do Cade, que ela havia suportado durante a infância, e tomou nota mentalmente de lhe lazer essa pergunta na primeira oportunidade que surgisse.

A voz calma de monsieur Baillard tirou-a de suas reflexões.

— A história conta que o rei Salomão invocou Asmodeu para auxiliá-lo na construção do Templo, o grande Templo. Asmodeu, um demônio muito particularmente associado à luxúria, apareceu, mas sua presença foi perturbadora. Ele previu que, um dia, o reino de Salomão seria dividido.

Baillard levantou-se, cruzou a sala e tirou da estante um livrinho encadernado em couro marrom. Virou as folhas finíssimas com os dedos delicados, até encontrar a passagem que queria.

— Diz aqui: “Minha constelação é como um animal reclinado em sua toca, disse o demônio. Portanto, não me faças tantas perguntas, Salomão, pois eis que teu

reino acabará por dividir-se. Essa tua glória é temporária. Tens a nós para torturar por algum tempo, mas então voltaremos a nos dispersar entre os seres humanos, e o resultado é que seremos adorados como deuses, pois que os homens não sabem o nome dos anjos que nos governam.” — Fechou o livro e levantou os olhos, dizendo: — Testamento de Salomão, Capítulo 5, versículos 4 e 5.

Léonie não soube como reagir a isso, de modo que permaneceu calada.

— Asmodeu, como eu disse antes, é um demônio associado aos desejos carnais — continuou Baillard. —

Em especial, é inimigo dos recém-casados. No livro apó-crifo de Tobias, ele atormenta uma mulher chamada Sara, matando todos os seus sete maridos antes que os casamentos possam se consumar. Na oitava ocasião, o anjo Rafael instrui o último pretendente de Sara a pôr o cora-

ção e o fígado de um peixe sobre brasas. O vapor fuma-rento e malcheiroso repele Asmodeu e o faz fugir para o Egito, onde Rafael o amarra, quebrando seu poder.

Léonie estremeceu, não pelas palavras, mas pela lembrança súbita do mau cheiro vago, porém repulsivo, que lhe havia assaltado as narinas no sepulcro. Um cheiro inexplicável de umidade, fumaça e mar.

— Essas parábolas parecem bastante arcaicas, não é? — comentou o anfitrião. — Destinam-se a transmitir uma verdade maior, porém não raro servem apenas para obscurecer — e bateu com os dedos finos e longos na encadernação de couro. — O livro de Salomão diz também que Asmodeu detesta estar perto da água.

Léonie empertigou-se na cadeira.

— Daí, talvez, a pia de água benta ter sido colocada sobre seus ombros. Seria isso, monsieur Baillard?

— Pode ser. Asmodeu aparece em outras obras de exegese religiosa. No Talmude, por exemplo, ele corres-

ponde a Ashmedai, um personagem muito menos maléfico do que o Asmodeu de

Tobias, embora seus desejos se concentrem nas esposas de Salomão e em Betsabé. Alguns anos depois, em meados do século XV, Asmodai aparece como o demônio da luxúria no Malleus Maleficarum, um catálogo bastante simplista, a meu ver, dos demônios e seus malfeitos. Como colecionador, trata-se de um livro que talvez o seu irmão conheça, não?

Léonie encolheu os ombros.

— Sim, é possível.

— Há quem acredite que diferentes demônios têm um poder especial em diferentes épocas do ano.

— E quando se considera que Asmodeu está em seu auge?

— Durante o mês de novembro.

— Novembro — repetiu ela. Refletiu por um instante. — Mas o que significa, monsieur Baillard, esse casamento da superstição com as suposições: as cartas, o sepulcro, esse demônio, com seu medo da água e seu ódio ao casamento?

Baillard devolveu o livro à estante, foi até a janela e pôs as mãos no peitoril, de costas para ela.

— Monsieur Baillard? — insistiu Léonie.

Baillard virou-se. Por um momento, o sol acobreado que entrava pela enorme janela pareceu criar em torno dele uma auréola de luz. Léonie teve a impressão de estar fitando um profeta do Velho Testamento, como os que veria num quadro a óleo.

Em seguida, ele voltou para o centro da sala e a ilusão se desfez.

— Significa, madomaisèla, que quando as supersti-

ções da aldeia falam de um demônio vagando por estes vales e pelas encostas arborizadas, quando as coisas ficam fora dos eixos, não devemos descartá-las como meras in-vencionices. Existem alguns lugares, e a Herdade do Cade é um deles, em que há forças mais antigas em ação. — Fez uma pausa. — Por outro lado, há aqueles que escolhem invocar essas criaturas, comungar com tais

espíritos, sem compreender que não se pode dominar o mal.

Léonie não acreditava nisso, mas, ao mesmo tempo, sentiu o coração saltar.

— E meu tio fez isso, monsieur Baillard? O senhor está me pedindo para acreditar que meu tio, por meio das cartas e dos espíritos do lugar, invocou o demônio Asmodeu? E que depois se descobriu incapaz de dominá-lo?

Que todas aquelas histórias sobre uma fera são de fato verdadeiras? Que meu tio, pelo menos moralmente, foi responsável pela matança no vale? E que sabia disso?

Audric Baillard sustentou o olhar de Léonie.

— Ele sabia.

— E foi por isso que se viu obrigado a solicitar os préstimos do abbé Saunière, para banir o monstro que havia soltado? — continuou a indagar, mas se deteve. —

Tante Isolde sabia disso?

— Foi antes da época de sua tia por aqui. Ela não sabia. Léonie levantou-se e foi até a janela.

— Não acredito — disse, abruptamente. — Nessas histórias. Diabos, demônios. Não se pode dar crédito a tais histórias no mundo moderno.

Sua voz baixou, ao lhe ocorrer a tristeza daquilo:

— Aquelas crianças — murmurou. Recomeçou a andar de um lado para outro, fazendo as tábuas do piso rangerem e gemerem em sinal de protesto. — Não acredito — repetiu, mas tinha a voz menos segura.

— O sangue atrai sangue — disse Baillard, em voz baixa. — Há coisas que atraem o mal. Um lugar, um objeto, uma pessoa, por força de sua má vontade, podem atra-ir para si circunstâncias negativas, malefícios, pecados.

Léonie parou, com os pensamentos trilhando outros caminhos. Olhou para o gentil anfitrião e tornou a se atirar na cadeira.

— Mesmo supondo que eu pudesse aceitar essas coisas, e o baralho, monsieur Baillard? A menos que eu o entenda mal, o senhor está sugerindo que as cartas podem ser uma força do bem ou do mal, dependendo das circunstâncias em que sejam usadas?

— Isso mesmo. Pense em como a espada é um instrumento do bem ou do mal. É a mão que a brande que a faz assim, não o aço.

Léonie abanou a cabeça.

— Qual é a origem das cartas? Quem as pintou pela primeira vez, e com que objetivo? Quando fiz a primeira leitura das palavras de meu tio, entendi que ele estaria dizendo que, de algum modo, os quadros na parede do sepulcro poderiam descer e se imprimir nas cartas.

Audric Baillard sorriu.

— Se assim fosse, madomaisèla Léonie, haveria apenas oito cartas, ao passo que existe um baralho completo.

Ela ficou decepcionada.

— Sim, suponho que sim. Eu não havia pensado nisso.

— O que não significa, porém, que não haja um núcleo verdadeiro no que a senhorita diz.

— Nesse caso, diga-me, monsieur Baillard, por que aqueles oito quadros, em particular? — perguntou. Seus olhos verdes cintilavam, ao lhe ocorrer uma nova ideia. —

Seria possível que as imagens que continuam impressas na parede sejam as mesmas que meu tio atraiu para si? Que, em outra situação, numa outra dessas comunicações entre os mundos, poderia haver outros quadros, imagens de outras cartas, visíveis nas paredes? — Fez uma pausa. — De pinturas, talvez?

Audric Baillard deixou um vago sorriso brincar em seus lábios.

— As cartas menores, os baralhos comuns de jogo, se preferir, datam dos tempos infaustos em que, mais uma vez, homens que eram movidos pela fé a assassinar,

oprimir e extirpar a heresia fizeram o mundo mergulhar em sangue.

— Os albigenses? — perguntou Léonie, lembrando-se de conversas entre Anatole e Isolde sobre a trágica história do Languedoc no século XIII.

Ele abanou resignadamente a cabeça.

— Ah, que bom seria se as lições fossem aprendidas tão depressa assim, madomaisèla. Mas receio que não o sejam.

Na gravidade de sua voz pareceu a Léonie que, por trás de suas palavras, havia uma sabedoria que abarcava séculos. E ela, que nunca tivera o menor interesse em acontecimentos do passado, descobriu-se querendo compreender como uma consequência levava a outra.

— Não me refiro aos albigenses, madomaisèla Léonie, mas às guerras religiosas posteriores, aos conflitos do século XVI entre a casa católica dos Guise e o que poderíamos chamar, a bem da clareza, de casa huguenote dos Bourbon — explicou. Levantou as mãos e tornou a deixá-las cair. — Como sempre, e talvez venha a ser eter-

namente assim, as exigências da fé associam-se de pronto, e de maneira inextricável, às do território e do controle.

— E os baralhos datam desse período?

— As 56 cartas, originais, destinadas simplesmente a ajudar a passar o tempo nas longas noites de inverno, seguiram de perto a tradição do jogo italiano de tarrochi.

Cem anos antes da época a que me refiro, a corte e a nobreza italianas tinham dado origem à moda desses passatempos. Quando nasceu a república, as cartas representando a nobreza foram substituídas por Senhor e Senhora, Rapaz e Moça, como a senhorita viu.

— A Filie d’Épées — disse Léonie, lembrando-se da pintura na parede do sepulcro. — Em que época?

— Isso não é muito claro. Aproximadamente na mesma época, às vésperas da Revolução, a rigor, é que o inofensivo jogo de tarô foi transformado em algo

diferente na França. Num sistema de adivinhação, num modo de ligar o visível e o conhecido ao invisível e ao desconhecido.

— Então, o baralho já se encontrava na Herdade do Cade?

— As 56 cartas eram propriedade da casa, se a senhorita quiser, e não dos indivíduos dentro dela. O antigo espírito do lugar exercia influência sobre o baralho; as lendas e os boatos o investiam de um outro significado e objetivo. As cartas estavam à espera de alguém que com-pletasse a sequência, percebe?

— Meu tio — disse ela, numa afirmação, não uma pergunta. Baillard fez que sim.

— O Lascombe leu os livros que vinham sendo publicados pelos cartomantes de Paris: as palavras antigas de Antoine Court de Gébelin, os escritos contemporâneos de Eliphas Lévi e Romain Merlin... e foi seduzido por eles.

Acrescentou ao baralho que tinha herdado os 22 arcanos maiores, os que falam das transições fundamentais da vida e do que há mais além, e fixou nas paredes do sepulcro aqueles que desejava invocar para si.

— Meu falecido tio pintou as 22 cartas adicionais?

— Pintou — confirmou Baillard e fez uma pausa.

— Tem agora absoluta convicção, madomaisèla Léonie, de que, por meio das cartas de tarô, no lugar específico e nas condições que possibilitam tais coisas, é possível invocar demônios e fantasmas?

— Não é algo que enalteça a crença, monsieur Baillard, mas constato que acredito — respondeu ela. Fez uma pausa e refletiu por um momento. — Mas o que não entendo é como as cartas controlam os espíritos.

— Oh, não — apressou-se a dizer Baillard. — Esse foi o erro cometido por seu tio. As cartas podem invocar os espíritos, sim, porém jamais controlá-los. Todas as possibilidades estão contidas nas imagens, todo o caráter, todos os desejos humanos, o bem e o mal, todas as nossas longas histórias superpostas, mas, uma vez liberadas, elas ganham vida própria.

Léonie franziu a testa.

— Não compreendo.

— Os quadros na parede são as marcas das últimas cartas invocadas naquele local. Mas se alguém viesse a alterar, mediante o toque do pincel, as feições de uma ou outra, elas passariam a assumir outras características. As cartas podem contar histórias diferentes.

— Isso se aplicaria àquelas cartas em qualquer lugar ou apenas na Herdade do Cade, no sepulcro?

— A questão é a combinação singular, *madomaisèla*, da imagem e do som com o espírito do lugar. Daquele lugar. Ao mesmo tempo, o lugar influencia as cartas. Assim, por exemplo, é possível que agora La Force esteja especificamente ligada à senhorita. Por seu trabalho artístico.

Léonie o fitou.

— Mas eu não vi as cartas em si. Aliás, não pintei cartas, apenas imitações em papel comum do que vi nas paredes.

Ele abriu um sorriso vagaroso.

— As coisas nem sempre se mantém firmes, *madomaisèla*. E, ademais, a senhorita pintou mais do que a si mesma nas cartas, não foi? Pintou também seu irmão e sua tia naquelas imagens.

Léonie enrubesceu.

— São apenas desenhos, destinados a ser uma lembrança de nossa temporada aqui.

— Talvez — disse Baillard, inclinando a cabeça. —

Por meio dessas imagens, as histórias de vocês perdurarão por mais tempo do que a senhorita tenha língua para contá-las.

— O senhor está me assustando, monsieur — ela retrucou, em tom cortante.

— Não é a minha intenção.

Léonie fez uma pausa antes de formular a pergunta que estivera em sua boca desde o primeiro instante em que ouvira falar das cartas de tarô.

— O baralho ainda existe?

Baillard fitou-a com seus olhos sábios.

— O baralho foi conservado — disse, por fim.

— Dentro da casa? — ela se apressou a indagar.

— O abade Saunière implorou a seu tio que destru-

ísse as cartas, que as queimasse, para que nenhum outro homem se sentisse tentado a utilizá-las. E o sepulcro também — acrescentou, abanando a cabeça. — Mas Jules Lascombe era um estudioso. Tinha tão pouca possibilidade de destruir algo de origem tão antiga quanto o próprio abade seria capaz de criticar seu Deus.

— Então as cartas estão escondidas na propriedade? Tenho certeza de que não se encontram no sepulcro.

— Estão em segurança. Escondidas onde o rio secou, onde outrora eram enterrados os antigos reis.

— Mas se é assim, então...

Audric Baillard levou um dedo aos lábios.

— Contei-lhe tudo isso como um modo de refrear sua natureza inquisitiva, madomaisèla Léonie, e não para atiçar sua curiosidade. Compreendo que a senhorita tenha-se sentido atraída por essa história, que deseje ter uma compreensão mais explícita de sua família e dos eventos que moldaram a vida dos seus membros. Mas repito minha advertência: nada de bom advirá da tentativa de encontrar as cartas, especialmente num momento como este, quando as coisas se encontram num equilíbrio tão delicado.

— Num momento como este? O que quer dizer, monsieur Baillard? Por causa da aproximação de novembro?

Mas ficou claro pela expressão de seu rosto que ele não se dispunha a dizer mais nada. Léonie balançou o pé.

Tinha inúmeras perguntas que desejava formular. Abriu a boca para fazê-lo, mas Baillard falou antes que ela pudesse dizer qualquer outra coisa.

— Já basta.

Pela janela aberta veio o som do sino da igrejinha de Saint-Celse e Saint-Nazaire, badalando o meio-dia.

Uma única nota emaciada, assinalando o término da manhã.

O som fez Léonie voltar a atenção para o presente.

Esquecera-se por completo de sua tarefa. Levantou-se de um salto.

— Perdoe-me, monsieur Baillard, já tomei mais que o suficiente do seu tempo — disse, calçando as luvas. —

E, ao fazê-lo, esqueci-me inteiramente de minhas responsabilidades desta manhã. O bureau de poste... Se eu me apressar, talvez ainda...

Apanhando o chapéu, atravessou a sala correndo em direção à porta. Audric Baillard levantou-se, uma figura elegante e intemporal.

— Com sua permissão, monsieur, eu lhe farei outra visita, sim? Au revoir.

— É claro, madomaisèla. O prazer será meu.

Léonie deu-lhe um aceno, retirou-se da sala, atravessou depressa o corredor e saiu para a rua pela porta da frente, deixando Audric Baillard sozinho na sala silenciosa, imerso em suas reflexões. O menino apareceu das sombras e fechou a porta para ela.

Baillard tornou a se sentar em sua cadeira.

— *Si es atal es atal* — murmurou na anciana língua.

O que será, será. — Mas, com essa criança, eu gostaria que não fosse assim.



CAPÍTULO 73

Léonie correu pela rue de 1'Hermite, puxando as luvas nos punhos e lutando com os botões. Dobrou à direita numa curva fechada e seguiu para a agência do correio.

A porta dupla de madeira estava firmemente fechada por uma trava. Léonie esmurrou-a com os punhos e chamou:

— *S'il vous plaît*! Passam apenas três minutos do meio-dia! Por certo deve haver alguém aí dentro, não? *Il ya a quelqu'un. C'est vraiment important*!

Nenhum sinal de vida. Ela tornou a bater e chamar, porém não apareceu ninguém. Uma mulher mal-humorada, com duas tranças grisalhas e finas, debruçou-se na janela em frente e lhe gritou que parasse com aquela barulheira.

Léonie pediu desculpas, percebendo como estava sendo tola ao chamar a atenção para si daquela maneira.

Se havia alguma carta de monsieur Constant à sua espera, agora estava fadada a permanecer lá. Dificilmente lhe seria possível ficar em Rennes-les-Bains até o horário em que a posta-restante reabrisse, à tarde. Ela simplesmente teria que voltar noutra ocasião.

Ficou com as emoções confusas. Aborreceu-se consigo mesma por não ter realizado justamente o que se dispusera a fazer. Ao mesmo tempo, teve a sensação de que lhe fora concedido um adiamento.

Pelo menos, não fiquei sabendo que monsieur Constant não escreveu.

De uma forma estranha, esse raciocínio atrapalhado a animou.

Ela caminhou em direção ao rio. Ao longe, à esquerda, viu os pacientes da estância termal sentados na água fumegante e ferrosa dos bains forts. Atrás deles, uma fileira de enfermeiras de uniforme branco, com os chapelões de aba larga pousados na cabeça feito gigantescas aves marinhas, aguardava pacientemente que seus pupilos saíssem da água.

Léonie atravessou para a margem oposta e encontrou com bastante facilidade a trilha pela qual Marieta os havia conduzido. A floresta estava muito modificada. Algumas árvores tinham perdido a folhagem, fosse pela aproximação natural do outono, fosse pela ferocidade das tempestades que haviam açoitado as encostas. O chão sob seus pés estava acarpetado de folhas nas tonalidades do vinho — dourado, clarete e cobre. Léonie parou um instante, pensando nos esboços de aquarela em que vinha trabalhando. A imagem de Le Mat lhe veio à cabeça e ela considerou que talvez modificasse as cores do fundo, para adequá-las aos matizes outonais da floresta.

Continuou andando, envolta no manto verde das árvores perenifólias mais acima. Gravetos, galhos caídos e pedras, que se haviam desprendido das encostas de ambos os lados, chocalharam e estalaram sob seus pés. O chão estava coberto de pinhas e dos frutos marrons e brilhantes dos castanheiros da índia. Por um momento, Léonie sentiu uma fisgada de saudade. Pensou na mãe e em como, a cada mês de outubro, ela a levara com o irmão ao Parque Monceau para colher castanhas da índia. Esfregou os de-

dos, rememorando a sensação e a textura dos outonos da infância.

Rennes-les-Bains desapareceu de vista. Léonie andou um pouco mais depressa, ciente de que a cidade ainda estava ao alcance de um grito, mas, ao mesmo tempo, tendo a súbita sensação de se achar a uma distância realmente enorme da civilização. Um pássaro levantou voo, batendo as asas com força no ar, e a sobressaltou. Ela riu, nervosa, ao constatar que era apenas um pequeno pombo-torcaz. Ao longe, ouviu tiros de espingardas de caça e se perguntou se a mão de Charles Denarnaud estaria atrás de uma delas.

Seguiu em frente e não tardou a chegar à propriedade. Quando os portões traseiros da Herdade do Cade surgiram no horizonte, sentiu uma onda de alívio. Avan-

çou apressada, esperando ver a criada surgir a qualquer momento com a chave.

— Marieta?

Apenas o som de sua própria voz ecoou. Pela qualidade do silêncio, Léonie percebeu que não havia ninguém ali. Franziu a testa. Não era do estilo de Pascal deixar de fazer o que dissesse que faria. E, apesar de Marieta ficar nervosa com facilidade, em geral era digna de confiança.

Ou será que ela veio e desistiu de esperar?

Sacudiu os portões e constatou que estavam trancados. Sentiu uma onda de mau humor seguido de frustração, ao parar por um instante, com as mãos nas cadeiras, considerando a situação em que se encontrava.

Não queria ter que contornar todo o perímetro para entrar pelo portão da frente. Estava cansada, em função de suas experiências matinais e do esforço da subida pela encosta.

Deve haver outra maneira de entrar no terreno.

Não acreditava que a pequena equipe de jardineiros mantida por Isolde pudesse conservar os limites de uma propriedade tão vasta em perfeitas condições. Léonie era magra. Tinha certeza de que, se procurasse bem, encontraria uma abertura suficientemente larga por onde se esguei-rar. De lá, seria uma simples questão de achar o caminho de volta para as trilhas conhecidas.

Olhou à esquerda e à direita, tentando decidir qual dos caminhos serviria melhor a seus propósitos. No fim, ponderou que as partes em pior estado de conservação tenderiam a ser as mais distantes da casa. Virou-se para a direita. Se tudo desse errado, simplesmente seguiria a linha demarcatória até dar a volta necessária.

Foi andando depressa, espiando por entre as sebes, afastando as sarças e evitando o emaranhado terrível das moitas de amoreiras, à procura de algum ponto de ruptura nas grades de ferro. A parte imediatamente próxima ao portão estava firme, mas, tal como Léonie a recordava, da ocasião de sua chegada à Herdade, a sensação de negligência e abandono intensificou-se à medida que ela continuou a andar.

Não fazia mais de cinco minutos que estava procurando quando encontrou uma descontinuidade na cerca.

Tirou o chapéu, agachou-se e, respirando fundo, esgueirou-se pela abertura estreita, com um sentimento de alívio.

Uma vez do lado de dentro, tirou os espinhos e folhas da jaqueta, sacudiu a lama da bainha das saias e saiu andando com a energia renovada, satisfeita por não estar longe de casa.

Ali a terra era mais íngreme, a copa das árvores, mais escura e opressiva. Léonie não tardou a perceber que estava do lado oposto do bosque de faias e que, se não tomasse cuidado, sua rota a faria passar pelo local do sepulcro. Franziu a testa. Haveria outro caminho?

O que havia era um entrecruzar de pequenas trilhas, e não um rumo claro a seguir. Todas as clareiras e arvoredos pareciam iguais. Léonie não tinha como calcular a direção, a não ser pela confiança no sol que brilhava acima da copa das árvores, mas esse não era um guia fide-digno nas profundezas das sombras. No entanto, disse a si mesma, desde que continuasse a andar para a frente, logo chegaria aos jardins e à casa. Só precisava guardar a esperança de contornar o sepulcro.

Partiu pela ladeira ascendente, seguindo uma vaga trilha que levava a uma pequena clareira. De repente, por uma brecha entre as árvores, avistou o trecho de floresta, na margem oposta do rio Aude, em que ficava o grupo de megálitos que Pascal lhe havia apontado. Com um sobressalto, percebeu então que todos os lugares de nomes diabólicos das imediações eram visíveis da Herdade do Cade: a Poltrona do Diabo, o lago do Diabo, a montanha Chifruda.

Vasculhou o horizonte. Também era visível o ponto em que se encontravam os rios La Blanque e La Salz, um lugar conhecido na região, segundo lhe dissera Pascal, como *le bénitier*.

Léonie obrigou-se a tirar da cabeça a imagem invasiva do corpo retorcido do demônio e seus olhos azuis maléficos. Seguiu adiante, apressada, a passos largos pelo terreno desnivelado, dizendo a si mesma quanto era ab-

surdo perturbar-se com uma escultura, com uma imagem num livro.

A encosta tornou-se uma subida íngreme. O tipo de terreno sob suas botas modificou-se e, em pouco tempo, ela se viu andando na terra nua, e não entre samambaias ou pinhas, numa área ladeada por arbustos ou árvores, mas desprovida deles. Era como uma faixa de papel pardo rasgada em ângulos retos na paisagem verdejante.

Léonie parou para olhar à frente. Ali se erguia uma muralha íngreme, formada pela encosta, como uma barreira atravessada no caminho. Logo acima de sua cabeça havia uma plataforma natural, quase como uma ponte arqueada sobre a faixa de terra em que ela estava. Foi então que se deu conta, subitamente, de

estar parada num leito seco de rio. Em idos tempos, uma torrente de água, trovejando na descida de uma das antigas fontes célticas em pontos mais altos dos morros, havia cavado aquela depressão profunda na encosta.

Voltaram-lhe à lembrança as palavras de monsieur Baillard.

Escondidas onde o rio secou, onde outrora eram enterrados os antigos reis.

Correu os olhos ao redor, procurando qualquer coisa fora do comum, examinando o desenho da terra, das árvores, da vegetação rasteira. Teve a atenção despertada por uma pequena depressão no solo e, ao lado dela, uma pedra cinzenta e achatada, mal discernível sob as faldas e raízes de uma moita de juníperos silvestres.

Foi até lá e se agachou. Estendeu as mãos, afastou o emaranhado das plantas e examinou o espaço verde e úmido em volta das raízes. Pôde então ver que havia um círculo de pedras, oito ao todo. Enfiou as mãos por entre a folhagem, manchando de limo verde e de lama as pontas dos dedos enluvados, para descobrir se havia alguma coisa escondida sob as pedras.

À maior soltou-se rapidamente. Léonie acocorou-se e a pôs no colo. Havia algo pintado na superfície, a carvão ou tinta preta — uma estrela de cinco pontas dentro de um círculo.

Na ânsia de descobrir se teria tropeçado no lugar em que estavam escondidas as cartas de tarô, pôs a pedra de lado. Usou um pedaço de madeira para cavar em volta de cada uma das outras, empilhando a terra num canto.

Viu um fragmento de material pesado, escondido na lama, e percebeu que as pedras o mantinham no lugar.

Continuou a cavar, fazendo o pedaço de madeira caído servir-lhe de pá, raspando pedras e tacos de cerâmica até conseguir soltar o material da terra. Ele tapava um buraquinho. Empolgada, ela o cavucou, tentando soltar o que estava enterrado embaixo, e foi afastando a lama, as minhocas e os besouros, até bater em alguma coisa sólida.

Mais um pouco e se viu olhando para uma caixa simples de madeira, com alças de metal de ambos os lados. Firmando as luvas imundas nas alças, puxou-as. O

terreno relutou em ceder, mas Léonie foi puxando e torcendo até que, finalmente, ele abriu mão de seu tesouro com um som úmido de sucção.

Arfante, ela arrastou a caixa da depressão até uma área de chão seco e a colocou sobre um pedaço da saia.

Sacrificou as luvas para limpar a superfície e abriu devagar a tampa de madeira. Dentro havia outro recipiente, um cofre de metal parecido com aquele em que Marguerite guardava seus bens mais preciosos.

Léonie retirou o cofre, fechou a caixa de madeira e o pôs em cima dela. Havia um pequeno cadeado que, para sua surpresa, estava aberto. Ela tentou levantar a tampa, em frações de milímetro. A peça rangeu, mas cedeu com facilidade.

A luz era tênue sob o arvoredo, e o que quer que estivesse dentro do cofre era escuro. À medida que seus olhos se adaptaram, Léonie julgou discernir um volume embrulhado num tecido preto. Sem dúvida, tinha o tamanho e as proporções certas para ser o baralho. Ela limpou as palmas pegajosas das mãos nas anáguas limpas e secas e, em seguida, desdobrou com cuidado os cantos do tecido.

Viu-se olhando para o verso de uma carta de baralho, maior que as que ela estava acostumada a ver. O verso era pintado de um verde vivo como a floresta, decorado com motivos espiralados de finas linhas de prata e ouro.

Léonie ficou imóvel, reunindo coragem. Soltou a respiração, contou mentalmente até três e virou a carta de cima.

A estranha imagem de um homem moreno, com um longo manto vermelho debruado de borlas, sentado num trono sobre um mirante de pedra, olhou para ela. As montanhas ao longe pareciam familiares. Léonie leu a inscrição na base: *Le Roi des Pentacles.*

Olhou mais de perto, ao notar que o rosto do rei lhe era familiar. E então compreendeu. Era a imagem de alguém — o padre chamado para banir o demônio do sepulcro, e que havia implorado a seu tio que destruísse o baralho. Bérenger Saunière.

Ali estava a prova, sem dúvida, como lhe dissera monsieur Baillard, mal fazia meia hora, de que seu tio não seguira o conselho do pároco.

— *Madomaisèla! Madomaisèla Léonie!*

A jovem virou-se, assustada ao som do próprio nome.

— *Madomaisèla!*

Eram Pascal e Marieta. Obviamente, percebeu, ela se ausentara por tanto tempo, que os dois tinham saído para procurá-la. Embrulhou depressa as cartas. Queria levá-las consigo, mas não tinha no corpo nenhum lugar em que pudesse escondê-las.

Com grande relutância, mas não vendo alternativa, já que não queria que ninguém soubesse o que havia encontrado, repôs o baralho no cofre, o cofre na caixa e a caixa no buraco. Depois, levantou-se e começou a chutar de volta a terra, com as solas já enlameadas das botas.

Quase concluído o trabalho, deixou cair no chão as luvas manchadas e destruídas e também as cobriu.

Teve de confiar no fato de que ninguém havia descoberto o baralho até então e, portanto, não tenderia a encontrá-lo agora. Ela voltaria para levar as cartas, sob a proteção das sombras da noite, quando fosse discreto e seguro fazê-lo.

— *Madomaisèla Léonie*!

Ouviu o pânico na voz de Marieta.

Refez o percurso, subiu na plataforma e desceu correndo a trilha arborizada em direção ao lugar de onde viera, ao som das vozes dos criados. Enveredou pela própria floresta, saindo da trilha, para não dar nenhuma indicação de seu ponto de partida. Por fim, quando achou ter posto uma distância suficiente entre ela mesma e o tesouro, parou, recobrou o fôlego e gritou:

— Estou aqui! Marieta! Pascal! Aqui!

Instantes depois, os rostos apreensivos de ambos irromperam por uma abertura entre as árvores. Marieta estancou, incapaz de esconder a surpresa ou a inquietação ante o estado das roupas de Léonie.

— Perdi as luvas — disse ela, numa mentira espontânea que lhe aflorou

facilmente aos lábios. — Fui obrigada a voltar para procurá-las.

Marieta a olhou fixo.

— E conseguiu achá-las, madomaisèla?.

— Infelizmente, não.

— A sua roupa.

Léonie baixou os olhos para as botas enlameadas, as anáguas manchadas e a saia riscada de lama e líquen.

— Pisei em falso e escorreguei no chão molhado, foi só isso.

Notou que Marieta duvidou de sua explicação, mas a criada teve o bom senso de se manter calada. Voltaram os três para casa em silêncio.



CAPÍTULO 74

Léonie mal teve tempo de lavar a sujeira embaixo das unhas e trocar de roupa antes que tocasse a sineta do almoço.

Isolde foi juntar-se a eles na sala de jantar. Ficou encantada com o que Léonie lhe trouxera da cidade e conseguiu tomar um pouco de sopa. Terminado o almoço, pediu que a sobrinha lhe fizesse companhia. A jovem teve prazer em fazê-lo, embora, enquanto conversavam e joga-vam cartas, estivesse com os pensamentos noutro lugar.

Planejava um modo de voltar à floresta para buscar o baralho e se indagava como arquitetar outra ida a Rennes-les-Bains.

O resto do dia transcorreu sossegado. O céu nu-blou-se ao anoitecer e houve uma chuvarada no vale e na cidade, mas a Herdade praticamente não sofreu nenhuma perturbação.

Na manhã seguinte, Léonie dormiu até mais tarde que de hábito.

Ao emergir no patamar, viu Marieta levando a bandeja com a correspondência pelo saguão, em direção à sala de jantar. Não havia razão alguma para supor que monsieur Constant pudesse haver descoberto seu endereço e lhe escrito diretamente. Aliás, seu medo era o inverso — que ele a houvesse esquecido por completo. Mas, como Léonie vivia numa perpétua névoa de anseios e possibilidades românticas, era-lhe fácil imaginar situações problemáticas e constrangedoras.

Assim, sem a menor esperança de que houvesse uma carta de Carcassonne endereçada a ela, ao mesmo tempo viu-se voando escada abaixo, com a única intenção de interceptar Marieta. Temeu ver — e, sim, contraditori-amente, ansiou por ver — o conhecido brasão do cartão que Victor Constant lhe oferecera na igreja, e que ela havia guardado de cor.

Pôs o olho perto da fresta entre a madeira e a pilastra, no exato momento em que Marieta abriu a porta por dentro e saiu com a salva vazia.

Ambas gritaram de susto.

— *Madomaisèla*!

Léonie fechou a porta, para impedir que o barulho das duas chamasse a atenção de Anatole.

— Você não terá observado, por acaso, se havia alguma carta de Carcassonne, Marieta, terá?

A criada lançou-lhe um olhar inquisitivo.

— Não que eu tenha notado, madomaisèla.

— Tem certeza?

Nesse momento, Marieta pareceu intrigada.

— Havia as circulares de praxe, uma carta de Paris para o sénher Anatole e uma para seu irmão e outra para madama, ambas vindas da cidade.

Léonie deu um suspiro de alívio, com uma pitada de desapontamento.

— Convites, imagino — acrescentou Marieta. —

Envelopes de muito boa qualidade, e endereçados numa letra muito elegante. E com um brasão de família ilustre.

O Pascal disse que foram entregues pessoalmente. Por um tipo estranho, de casacão velho.

Léonie ficou imóvel.

— De que cor era o casaco? Marieta a olhou, surpresa.

— Não sei mesmo, madomaisèla. O Pascal não disse. Agora, se me dá licença...

— É claro — disse Léonie, com um passo atrás. —

Sim, é claro. Hesitou um instante no batente da porta, sem saber ao certo por que, subitamente, estava tão angustiada com a ideia de ir ao encontro do irmão. Era a consciência pesada que a fazia achar que as cartas poderiam ter alguma coisa a ver com ela, nada mais. Afastar-se era um conselho sensato, sabia, mas, mesmo assim, sentiu um mal-estar.

Girou nos calcanhares e subiu outra vez a escada, com passos rápidos e leves.



CAPÍTULO 75

Anatole permaneceu sentado à mesa do café, olhando fixo para a carta. Sua mão tremia ao acender um terceiro cigarro na brasa do anterior. Na sala fechada, o ar estava denso de fumaça. Havia três envelopes na mesa.

Um deles, ainda fechado, tinha o carimbo do correio de Paris. Os outros dois exibiam um timbre em relevo, do tipo dos que adornavam os mostruários das vitrines da loja Stern. Uma folha de papel timbrado, com o mesmo emblema aristocrático de família, repousava sobre o prato vazio à frente dele.

A verdade era que Anatole sempre soubera que um dia seria alcançado por uma carta semelhante. Por mais que tivesse tentado tranquilizar Isolde, esperava-a desde o dia da agressão na Passagem dos Panoramas, em setembro. A

comunicação provocadora que eles haviam recebido no hotel em Carcassonne, na semana anterior, mera-mente confirmara que Constant tinha descoberto o embuste e — pior ainda — os havia caçado.

Embora ele houvesse tentado desdenhar dos temores de Isolde, tudo que ela lhe dissera sobre Constant o tinha levado a temer o que esse indivíduo faria. O padrão e a natureza da doença de Constant, suas neuroses e paranoias, seu gênio incontrolável, tudo apontava para um homem que faria qualquer coisa para se vingar da mulher que julgava tê-lo destratado.

Anatole tornou a olhar para a carta protocolar em sua mão, requintadamente insultuosa, apesar de sua impe-

cável polidez e decoro. Era um desafio formal de Victor Constant para um duelo a ser travado no dia seguinte, sábado, 31 de outubro, ao cair da noite. O conde preferia que eles duelassem com pistolas. Deixaria a cargo de Vernier propor um campo apropriado dentro da Herdade do Cade — terras particulares, para que o combate ilegal passasse despercebido.

Constant concluía informando a Vernier que estava no Hôtel de la Reine, em Rennes-les-Bains, à espera da confirmação de que ele era um homem honrado e aceitaria o desafio.

Não foi a primeira vez que Anatole arrependeu-se da sobriedade que detivera sua mão no Cemitério de Montmartre. Havia sentido a presença de Constant no campo santo. Precisara de todas as suas forças para não se virar e matá-lo lá mesmo, a sangue-frio, e que se danassem as consequências. Nessa manhã, ao abrir a carta, sua primeira ideia fora partir para a cidade e enfrentai Constant em seu covil.

Mas essa reação descontrolada não resolveria a questão.

Durante algum tempo, Anatole ficou sentado em silêncio na sala de jantar. O cigarro queimou-se todo e ele acendeu outro, mas estava por demais consumido pela apatia para fumá-lo.

Precisaria de um segundo no duelo, alguém do lugar, é claro. Será que poderia chamar Charles Denarnaud?

Esse tinha ao menos a virtude de ser um homem tarimba-do. Anatole julgou que

talvez pudesse convencer Gabignaud a comparecer na condição de médico. Mesmo tendo certeza de que o jovem médico relutaria diante do pedido, achava que ele não se recusaria. Anatole fora obrigado a lhe confidenciar a situação existente entre ele e Isolde, por força do estado da esposa. Por isso, achava que o médico concordaria, pelo bem dela, se não pelo seu.

Tentou convencer-se de um desfecho satisfatório: Constant ferido, obrigado a lhe apertar a mão e a dar o conflito por encerrado. De algum modo, porém, não o conseguiu. Ainda que saísse vencedor, não tinha a menor convicção de que Constant viesse a respeitar as regras de combate aceitas.

É claro que ele não tinha alternativa senão aceitar o desafio. Era um homem honrado, mesmo que seus atos neste último ano houvessem ficado longe da honradez. Se não duelasse com Constant, nada jamais se modificaria.

Isolde viveria numa tensão insuportável, sempre à espera de um ataque do conde. E o mesmo aconteceria com todos. O apetite de perseguição do homem, a julgar por sua carta, não dava sinais de se abater. Se Anatole se recusasse a enfrentá-lo, sabia que a campanha de Constant contra eles — contra qualquer pessoa que lhes fosse próxima —só faria intensificar-se.

Nos dias anteriores, ele ouvira rumores vindos da criadagem, dando conta de haver histórias sobre a Herdade do Cade circulando em Rennes-les-Bains. Sugestões inquietantes de que a fera que tanto havia aterrorizado a região na época de Jules Lascombe estava de volta, mais uma vez. Não fizera sentido para Anatole que esse escândalo fosse ressuscitado, e, por isso, ele se inclinara a descartá-lo. Mas agora suspeitava da mão de Constant por trás dos boatos maldosos.

Fechou o punho com força, amassando o papel.

Não deixaria seu filho crescer achando que o pai era um covarde. Tinha de aceitar o desafio. Tinha de atirar para vencer.

Para matar.

Tamborilou na mesa. Coragem não lhe faltava. O

problema estava em saber-se longe de ser um exímio ati-rador. Sua habilidade estava no espadim e no florete, não na pistola.

Deixou essa ideia de lado. Cuidaria disso com Pascal, e talvez com a assistência de Charles Denarnaud, no devido tempo. Nesse instante, havia decisões mais imediatas a tomar, inclusive a questão de dever ou não confidenciar o assunto a sua mulher.

Apagou outro cigarro. Será que Isolde descobriria sozinha a ocorrência do duelo? Uma notícia dessas poderia acarretar uma recaída e ameaçar a saúde do bebê. Não, não podia contar-lhe. Pediria a Marieta que não mencio-nasse a correspondência dessa manhã.

Guardou no bolso frontal do paletó a carta endere-

çada a Isolde com a letra de Constant, a mesma que aparecia na sua. Não tinha esperança de ocultar a situação por muito tempo, mas poderia proteger a paz de espírito da esposa por mais algumas horas.

Desejou poder mandar Isolde para longe. Deu um sorriso resignado, cônscio de que não haveria a menor possibilidade de convencê-la a sair da Herdade do Cade sem uma explicação satisfatória. E, visto que essa era a única coisa que não poderia lhe fornecer, não havia futuro nessa linha de pensamento.

Menos simples de resolver era se deveria ou não contar a Léonie.

Anatole se apercebera de que Isolde tinha razão.

Sua atitude para com a irmã caçula baseara-se mais na menina que ela fora do que na jovem em quem se havia transformado. Ainda a considerava impetuosa e, não raro, infantil, inapta ou refratária a controlar o próprio gênio, ou a manter a boca fechada. Em contraste com isso havia sua indubitável afeição por Isolde, bem como a solicitude com que, nos últimos dias, desde o retorno de Carcassonne, ela havia cuidado da tia.

Anatole tinha resolvido conversar com Léonie no fim de semana anterior. Tencionara contar-lhe a verdade, desde o início de seu romance com Isolde até a situação em que eles se encontravam nesse momento.

A saúde frágil de Isolde havia retardado as coisas, mas agora o recebimento do desafio trouxera para o primeiro plano a necessidade premente dessa conversa. Anatole voltou a tamborilar na mesa. Decidiu contar a história de seu casamento nessa manhã. Dependendo da reação de Léonie, falaria ou não com ela sobre o

duelo, conforme lhe parecesse apropriado.

Pôs-se de pé. Levando consigo todas as cartas, cruzou a sala de jantar até o corredor e tocou a sineta. Marieta apareceu.

— Por gentileza, peça a mademoiselle Léonie que se encontre comigo na biblioteca ao meio dia. Eu gostaria de falar com ela em particular, de modo que conviria ela guardar segredo disso, sim? Por favor, Marieta, convença-a da importância disso. E também não há necessidade de mencionar à madame Isolde as cartas recebidas esta manhã. Eu mesmo a informarei delas.

Marieta pareceu intrigada, mas não questionou as ordens recebidas.

— Onde está o Pascal neste momento? Para sua surpresa, a criada enrubesceu.

— Na cozinha, *sénher*, eu acho.

— Diga-lhe para me encontrar nos fundos da casa dentro de dez minutos. Anatole voltou a seu quarto para se trocar, vestindo uma roupa própria

para andar ao ar livre. Redigiu uma resposta seca e formal para Constant, secou a tinta com o mata-borrão e fechou o envelope, para protegê-lo de olhos curiosos.

Pascal poderia entregar a resposta à tarde. Agora, o único pensamento na cabeça de Anatole era que, pelo bem de Isolde e do filho de ambos, ele não poderia se dar ao luxo de errar.

A carta vinda de Paris permaneceu fechada no bolso do colete.

Léonie andou de um lado para outro no quarto, remoendo a ideia de Anatole ter pedido para vê-la ao meio-dia, e em particular. Seria possível que tivesse descoberto seu subterfúgio? Ou descoberto que ela havia dispensado Pascal e voltado sozinha da cidade?

O som de vozes abaixo da janela aberta chamou-lhe a atenção. Ela se debruçou para fora, com as duas mãos no peitoril de pedra, e observou Anatole atravessando os jardins com Pascal, que carregava com as duas mãos uma caixa comprida de madeira. Assemelhava-se muito a um estojo de pistola. Léonie nunca vira aquele tal equipamento dentro de casa, mas imaginou que seu falecido tio teria possuído tais armas.

Será que eles vão caçar?

Franziu a testa, percebendo que isso era impossível.

Anatole não estava vestido para a caça. Além disso, nem ele nem Pascal carregavam espingardas. Apenas pistolas.

Um pavor invadiu-a repentinamente, com uma intensidade ainda maior por não ter nome. Ela pegou o chapéu e a jaqueta e enfiou os pés apressados em sapatos de sair, com a intenção de segui-los.

Mas conteve seus passos.

Era muito comum Anatole acusá-la de agir sem pensar. Ficar sentada, esperando, era contra a sua natureza, mas de que adiantaria ir atrás dele? Se o objetivo de seu irmão fosse perfeitamente inocente, o fato de ela o seguir como um cachorrinho o deixaria irritado, no mínimo. Anatole não podia ter a intenção de se demorar, já que marcara um encontro com ela ao meio-dia. Léonie deu uma espiada no relógio sobre o console de lareira.

Faltavam duas horas.

Jogou o chapéu sobre a cama e chutou longe os sapatos, depois correu os olhos pelo quarto. Melhor seria ficar por ali e encontrar um passatempo com que se distrair até o encontro com o irmão, ao meio-dia.

Olhou para o material de pintura. Hesitou, depois foi até a secretária e começou a apanhar pincéis e papel.

Essa seria a oportunidade ideal para continuar a pintar sua série de ilustrações. Só faltava completar três.

Pegou água, molhou a ponta do pincel e começou a delinear com tinta preta os contornos do sexto dos oito quadros das paredes do sepulcro.

Carta XVI: A Torre.



CAPÍTULO 76

Na sala particular de visitas do primeiro andar do Hotel de la Reine, em Rennes-les-Bains, dois homens sen-taram-se defronte da lareira acesa, para tirar a friagem da manhã úmida. Dois criados, um parisiense, outro de Carcassonne, ficaram de pé a uma distância respeitosa. De vez em quando, ao julgarem que seus amos não os estavam observando, trocavam rápidas olhadelas desconfiadas um com o outro.

— Você acha que ele solicitará os seus serviços nessa questão?

Charles Denarnaud, com o rosto ainda corado pela quantidade do excelente conhaque consumido no jantar da noite anterior, deu uma tragada funda no charuto, sugando até as folhas acres e dispendiosas se inflamarem.

Havia uma expressão de complacência em seu rosto sarapintado. Ele inclinou a cabeça para trás e soprou um anel branco de fumaça para o teto.

— Tem certeza de que não quer me acompanhar, Constant?

Victor Constant ergueu a mão, a pele esfolada escondida sob as luvas. Não se sentia bem nessa manhã. A expectativa da caçada, próxima de chegar ao fim, estava mexendo com seus nervos.

— Você está confiante em que o Vernier lhe fará o pedido? — repetiu.
Denarnaud ouviu o tom duro como aço na voz do interlocutor e se empertigou na poltrona.

— Não creio ter-me enganado a respeito dele —apressou-se a dizer, cônscio de haver aborrecido Constant. — O Vernier tem poucos contatos em Rennes-les-Bains, certamente nenhum outro com quem mantenha relações que lhe permitam solicitar esse tipo de serviço, e num assunto dessa natureza. Tenho certeza de que ele pedirá que eu o represente. Os prazos envolvidos não lhe darão a oportunidade de fazer maiores buscas.

— Exato — disse o conde, secamente.

— Meu palpite é que ele procurará o Gabignaud, um dos médicos residentes na cidade, para ser o médico presente.

Constant balançou a cabeça e se virou para o criado mais próximo da porta.

— As cartas foram entregues hoje de manhã?

— Sim, monsieur.

— Ninguém o viu na casa? Ele abanou a cabeça.

— Entreguei-as nas mãos de um lacaio, para serem levadas junto com a correspondência da manhã.

Constant pensou um pouco:

— E ninguém sabe que você é a fonte das histórias que estão circulando? O homem tornou a abanar a cabeça.

— Eu apenas disse uma ou duas palavrinhas nos ouvidos das pessoas com mais probabilidade de repeti-las, falando que a fera criada por Jules Lascombe fora avistada outra vez. O rancor e a superstição fizeram o resto. As tempestades são vistas como prova suficiente de que nem tudo vai bem.

— Excelente — disse Constant, fazendo-lhe um gesto. — Volte para as terras da Herdade e observe o que o Vernier faz. Informe ao anoitecer.

— Muito bem, monsieur.

Recuou de costas para a porta, apanhando na passagem o casacão napoleônico azul colocado no espaldar de uma cadeira, e se esgueirou para a rua nublada.

Assim que ouviu o som da porta se fechando, Constant levantou-se.

— Quero este assunto resolvido com rapidez, Denarnaud, e com o mínimo de atenção. Está claro?

Surpreso com o término abrupto da conversa, Denarnaud atrapalhou-se para ficar de pé.

— É claro, monsieur. Está tudo sob controle.

Constant estalou os dedos. Seu criado aproximou-se, segurando uma bolsinha amarrada por cordões. Denarnaud não conseguiu deixar de dar um passo atrás, eno-jado com a pele e a aparência geral do homem.

— Isto é metade do que lhe foi prometido — disse Constant, passando-lhe o dinheiro. — O restante será entregue quando o negócio tiver sido concluído, e a meu contento. Está me entendendo?

As mãos vorazes de Denarnaud fecharam-se em torno da bolsa.

— Você confirmará que não estou de posse de nenhuma outra arma — disse o conde, em tom frio e duro.

— Isso lhe está perfeitamente claro?

— Haverá um par de pistolas para o duelo, monsieur, cada qual com uma única bala. Se o senhor estiver portando outra arma, não a encontrarei — e deu um sorriso bajulador. — Embora eu não acredite que um homem da sua categoria, monsieur, possa deixar de atingir seu alvo na primeira tentativa. Constam pareceu desdenhar da lisonja covarde. — Eu nunca erro — retrucou.



CAPÍTULO 77

— Diabos, ao inferno com isso! — gritou Anatole, chutando o chão com o salto da bota. Pascal foi até a galeria de tiro que havia improvisado numa clareira da floresta, circundada por juníperos silvestres. Repôs as garrafas em fila, voltou para onde estava Anatole e recarregou a pistola para ele.

Dos seis tiros, dois tinham-se perdido, um atingira o tronco de uma faia e dois haviam acertado a cerca de madeira, deslocando três garrafas com a vibração. Apenas um havia atingido o alvo, embora tirasse apenas uma lasca da base da grossa garrafa de vidro.

— Tente de novo, *sénher* — disse Pascal em voz baixa. — Mantenha o olhar firme.

— É o que estou fazendo — resmungou Anatole, mal-humorado.

— Levante os olhos para o alvo, depois torne a baixá-los. Imagine o projétil percorrendo o cano — instruiu Pascal, dando um passo para se afastar. — Firme, *sénher*. Mire no alvo. Não se apresse.

Anatole levantou o braço. Dessa vez, imaginou que, em vez de uma garrafa que um dia contivera cerveja, aquele era o rosto de Victor Constant defronte dele.

— Agora — disse Pascal, baixinho. — Mantenha firme, mantenha firme. Fogo.

Anatole acertou em cheio. A garrafa se estilhaçou, explodindo numa chuva de vidro, como fogos de artifício baratos. O som ricocheteou nos troncos das árvores, levando pássaros a voarem assustados de seus ninhos.

— Bom tiro — disse o criado, cujo rosto largo e impassível, para quebrar a monotonia, refletiu seus pensamentos. — E... quando será esse combate?

O sorriso sumiu do rosto de Anatole.

— Amanhã, ao anoitecer.

Pascal atravessou a clareira, com os gravetos estalando sob os pés, e realinhou as garrafas restantes.

— Vamos ver se consegue acertar uma segunda vez, *sénher*?

— Se Deus quiser, só terei que fazê-lo uma vez —disse Anatole a si mesmo, entre dentes.

Mas deixou Pascal recarregar a pistola e mantê-lo treinando, até a última garrafa ser derrubada e um cheiro de pólvora e cerveja choca encher o ar da clareira cercada de árvores.



CAPÍTULO 78

Faltando cinco minutos para o meio-dia, Léonie saiu do quarto, cruzou o corredor e desceu a escadaria. Parecia composta e senhora de suas emoções, mas seu cora-

ção batia como o tambor de lata de um soldadinho de brinquedo.

Ao cruzar o saguão de lajotas, foi como se seus saltos batessem agourentamente alto, ou assim lhe pareceu, na casa silenciosa. Ela olhou para as mãos e notou

que havia borrifos de tinta verde e preta nas unhas. Durante a manhã angustiada, tinha concluído a ilustração de La Tour, mas não ficara satisfeita. Por mais que houvesse salpicado as folhas das árvores ou tentado colorir o céu com um toque de leveza, havia uma presença inquietante e sombria que se manifestava por meio de suas pinceladas.

Passou pelos mostruários envidraçados que levavam à porta da biblioteca. As medalhas condecorativas, as curiosidades e mementos mal se registraram em sua mente, tão absorta estava ela em prever a conversa que viria.

Na soleira, hesitou. Depois, empinou bem o nariz, levantou a mão e bateu à porta com força, e com mais coragem do que sentia.

— Entre.

Ao som da voz de Anatole, abriu a porta e entrou.

— Você queria me ver? — perguntou, com a sen-

sação de ter sido convocada a depor no conselho de justi-

ça, e não a estar na companhia do irmão.

— Queria — respondeu ele, sorrindo. A expressão de seu rosto e dos olhos castanhos a aliviou, embora a adolescente percebesse que ele também estava tenso. —

Entre, Léonie, sente-se.

— Você está me assustando, Anatole — comentou ela, em voz baixa. — Parece muito solene.

Ele pôs a mão em seu ombro e a conduziu a uma cadeira com o assento forrado de tapeçaria.

— É sobre um assunto sério que quero falar com você. Puxou a cadeira para que ela se sentasse, afastou-se um pouco e virou de frente para a irmã, com as mãos às costas. Foi quando Léonie notou que ele segurava alguma coisa entre os dedos. Um envelope.

— O que é? — perguntou, com a alma aflita, à ideia de que talvez seus piores temores estivessem prestes a se concretizar. E se monsieur Constant, por meio de habilidade e esforço, tivesse obtido o endereço e escrito diretamente para ela? — É uma carta da mamãe? De Paris?

Uma expressão estranha assomou ao rosto de Anatole, como se ele houvesse acabado de se lembrar de algo que lhe havia escapado, mas foi prontamente encoberta.

— Não. Enfim, sim, é uma carta, mas que eu mesmo escrevi. Para você.

No peito de Léonie faiscou um brilho de esperança de que talvez estivesse tudo bem.

— Para mim?

Anatole passou a mão pelo cabelo e deu um suspiro.

— É constrangedora a situação em que me encontro — disse, baixinho.

— Há... uns assuntos de que precisamos falar, mas, agora que é chegado o momento, sinto-me envergonhado, emudecido na sua presença.

Léonie riu.

— Não imagino como isso seja possível. Você certamente não ficaria embaraçado diante de mim, não é?

Havia pretendido que suas palavras soassem como uma brincadeira, mas a expressão muito sombria no rosto de Anatole congelou o sorriso em seus lábios. Ela saltou da cadeira e correu para o irmão.

— O que foi? — exigiu saber. — — É a mamãe? A Isolde? Anatole baixou os olhos para a carta em sua mão.

— Tomei a liberdade de pôr minha confissão no papel.

— Confissão?

— Aqui dentro há informações que eu deveria...

que nós deveríamos ter compartilhado com você há algum tempo. Era o que a Isolde queria, mas achei que eu soubesse o que estava fazendo.

— Anatole! — exclamou Léonie, sacudindo-lhe o braço. — Conte-me.

— É melhor você ler isso em particular. Surgiu uma situação muito mais grave, que requer minha atenção imediata. E a sua ajuda.

Soltou o braço da mãozinha de Léonie e lhe entregou a carta.

— Espero que você possa me perdoar — disse, com a voz embargada.

— Vou esperar lá fora.

E então, sem mais uma palavra, atravessou a sala, abriu porta e se retirou.

A porta fechou-se com estrondo. E o silêncio se re-instalou de pronto.

Perplexa com o que acabara de acontecer e aflita com a visível angústia do irmão, Léonie contemplou o envelope. Seu nome estava grafado em tinta preta, com a letra elegante e romântica de Anatole.

Léonie continuou a fitá-lo, com medo do que haveria dentro dele, e em seguida o abriu.

Ma chère petite Léonie,

V ocê sempre me acusou de tratá-la como criança, mesmo quando ainda usava laços de fita e saias curtas, e eu batalhava com as minhas lições. Desta vez a acusação é justa. É que amanhã, ao anoitecer, estarei na clareira do bosque de faias, preparando-me para enfrentar um homem que tem feito todas as tentativas de nos destruir.

Se o desfecho não me for favorável, não quero que você fique sem uma explicação em resposta a todas as perguntas que com certeza me faria. Seja qual for o resultado do duelo, quero que você saiba a verdade.

A mo Isolde com todo o meu coração e minha alma. Foi junto à sepultura dela que você esteve em março, no que constituiu uma tentativa desesperada de buscar proteção para ela — para nós —

contra as intenções violentas de um homem com quem ela tivera uma aventura passageira e irrefletida. Simular sua morte e seu sepultamento afigurou-se a única maneira de permitir que ela escapasse da sombra sob a qual vivia.

Léonie estendeu a mão, encontrou o encosto da cadeira e se sentou, cuidadosamente.

Admito ter esperado que você descobrisse nosso embuste. Durante aqueles meses difíceis da primavera e início do verão, enquanto continuavam os ataques a mim nos jornais, eu esperava a todo mo-

mento que você me arrancasse a máscara e me recriminasse, mas desempenhei bem demais o meu papel. Sendo tão sincera de coração e de propósitos, por que você duvidaria de que meus lábios franzidos e meu olhar abatido não eram consequência da libertinagem, mas da tristeza?

Devo dizer-lhe que Isolde jamais quis enganá-la. Desde o momento em que chegamos à Herdade do Cade e em que travou conhecimento com você, ela confiou em que seu amor por mim — e tinha esperança de que, com o tempo, esse mesmo amor se estendesse a ela como irmã — lhe permitiria pôr de lado as considerações mo-rais e nos apoiar em nossa farsa. Eu discordei.

Fui um tolo.

Sentado aqui, escrevendo isto, no que talvez seja a véspera de meu último dia na face da Terra, admito que minha pior falha foi a covardia moral. Uma falha dentre muitas.

Mas estas vinham sendo semanas gloriosas, com você e Isolde, nas trilhas e jardins serenos da Herdade do Cade.

A inda há mais. Um último embuste, pelo qual rezo para que você consiga encontrar no coração a possibilidade, se não de perdoar, ao menos de compreender. Em Carcassonne, enquanto você explorava as ruas inocentes, Isolde e eu nos casamos. A gora ela é madame Vernier, sua irmã pelos laços da lei, bem como pela afeição.

E também estou para ser pai.

Entretanto, naquele mesmo dia, de todos o mais feliz, sou-bemos que ele nos

havia descoberto. Esta é a verdadeira explicação de nossa partida abrupta. E também a explicação sobre o declínio e a fragilidade de Isolde. Mas está claro que a saúde dela não tem como suportar as agressões a seus nervos. O assunto não pode permanecer sem solução.

Havendo descoberto de algum modo a farsa do funeral, ele nos perseguiu, primeiro até Carcassonne, agora até Rennes-les-Bains.

Foi por isso que aceitei seu desafio. É a única maneira de resolver o problema de uma vez por todas.

A manhã à noitinha eu o enfrentarei. Peço sua ajuda, petite, como deveria ter pedido muitos meses atrás. Tenho grande necessidade de seus serviços, para esconder de minha amada Isolde os detalhes do duelo. Caso eu não retorne, confio a você a segurança de minha mulher e meu filho. A posse da casa está garantida.

Com toda a afeição e amor de seu irmão,

A .

As mãos de Léonie caíram-lhe no colo. As lágrimas que ela havia lutado para afastar começaram a rolar em silêncio por suas faces. Ela chorou pela lástima de tudo aquilo, pelas burlas e mal-entendidos que os tinham mantido separados. Chorou — por Isolde, pelo fato de ela e Anatole a haverem enganado, por ela própria lhes haver mentido — até esgotar toda a emoção.

Depois, aguçou o pensamento. Agora estava explicada a razão da saída extemporânea de Anatole durante a manhã.

Em questão de dias, horas, ele poderia estar morto.

Léonie correu à janela e a escancarou. Depois da luminosidade da manhãzinha, o dia estava encoberto. Tudo quieto e úmido, sob os raios ineficazes do sol fraco.

Uma neblina outonal flutuava sobre os gramados e jardins, envolvendo o mundo numa calma enganosa.

Amanhã ao anoitecer.

Ela olhou para seu reflexo na janela alta da biblioteca, pensando em como era estranho que pudesse parecer a mesma, estando tão profundamente modificada. Olhos, rosto, queixo, boca: tudo no mesmo lugar em que estivera, apenas três minutos antes.

Sentiu um calafrio. O dia seguinte seria a véspera da Toussaint, o Dia de Todos os Santos. Uma noite de terrível beleza em que o véu entre o bem e o mal atingia sua espessura mais diáfana. Era uma ocasião em que tais eventos podiam ocorrer. Já era um tempo de demônios e atos malévolos.

Impossível deixar que o duelo ocorresse. Cabia a ela impedi-lo. Não se podia permitir que uma pantomima tão pavorosa tivesse continuidade. No entanto, no momento mesmo em que essas ideias lhe correram furiosamente pela cabeça, Léonie soube que não adiantava. Ela não conseguiria fazer Anatole desviar-se do curso de ação que havia escolhido.

— Ele não pode errar o alvo — resmungou entre dentes. Já pronta para enfrentar o irmão, foi até a porta e a abriu.

Anatole estava postado do lado de fora, em meio a uma névoa de fumaça de cigarros, tendo claramente estampada no rosto a angústia dos minutos de espera, enquanto ela estivera lendo.

— Ah, Anatole — disse Léonie, envolvendo-o nos braços. Os olhos dele se encheram de lágrimas.

— Perdoe-me — ele murmurou, deixando-se abra-

çar. — Eu sinto muitíssimo. Você pode me perdoar, petite?



CAPÍTULO 79

Léonie e Anatole passaram boa parte do restante do dia em companhia um do outro. Isolde repousou durante a tarde, dando-lhes tempo para conversar. Anatole estava tão arriado pelo fardo da expectativa e pelo modo como as circunstâncias haviam conspirado contra ele, que Léonie teve a sensação de ser a mais velha dos irmãos.

Ela alternou entre a raiva por ter sido enganada daquela maneira, e durante tantos meses, e o carinho pelo evidente amor que Anatole nutria por Isolde e pelos extremos a que ele havia chegado para protegê-lo.

— A mamãe sabia do embuste? — perguntou várias vezes, atormentada pela lembrança de si mesma ao lado de um caixão vazio no Cemitério de Montmartre. —

Fui a única que não sabia da farsa?

— Não fiz confidencias a ela — disse Anatole —, mas creio que ela compreendeu que havia mais coisas ali do que mostravam as aparências.

— Nenhuma morte — comentou Léonie, baixinho. — E a clínica? Houve uma criança?

— Não. Foi outra mentira, para dar respaldo a nossa farsa.

Só nos momentos de silêncio, quando Anatole se afastava momentaneamente, que Léonie se permitiu sentir de novo a apreensão com o que o dia seguinte poderia trazer. Anatole não quis falar muito do inimigo, bastando-lhe dizer que o homem havia ferido Isolde profundamente, no breve período de convivência entre os dois. Admi-

tiu que o sujeito era parisiense e que claramente lograra êxito em desfazer a pista falsa que lhe fora preparada, e em rastreá-los até o Midi. Mas se declarou incapaz de entender como o homem tinha dado o salto de Carcassonne para Rennes-les-Bains. E se recusou a proferir seu nome.

Léonie ouviu a história da obsessão, do desejo de vingança que movia seu inimigo — os ataques a Anatole nas colunas dos jornais, a agressão na Passagem dos Panoramas, os esforços que ele se dispusera a fazer para destruir o casal —, e escutou o medo real por trás das palavras do irmão.

Os dois não discutiram as consequências, caso Anatole errasse o alvo. Pressionada pelo irmão, Léonie deu sua palavra que, se ele falhasse em sua tarefa e não conseguisse protegê-las, ela encontraria uma forma imediata de sair com Isolde da Herdade do Cade, sob as sombras da noite.

— Então, ele não é um homem honrado? — perguntou a jovem. — Você teme

que ele não cumpra as regras de combate aceitas?

— Receio que não — respondeu Anatole, em tom

grave. — Se as coisas correrem mal amanhã, eu não gostaria que Isolde estivesse aqui quando ele vier procurá-la.

— Ele parece um demônio.

— E eu, um tolo — disse Anatole, baixinho —, por pensar que isso poderia terminar de outra maneira que não esta.

Mais tarde, à noite, depois de Isolde se recolher para dormir, Anatole e Léonie encontraram-se na sala de estar para combinar um plano de campanha para o dia seguinte.

Não agradava a Léonie participar de um engodo, especialmente por ter sido vítima, ela mesma, desse tipo de ocultação, mas admitiu que, no estado em que se encontrava, Isolde não podia saber do que estava para acontecer. Anatole incumbiu a irmã da tarefa de mantê-la ocupada, para que, na hora marcada, ele e Pascal pudessem sair sem ser notados. Ele enviara um recado a Charles Denarnaud, convidando-o para ser seu segundo, e o pedido fora aceito sem hesitação. O Dr. Gabignaud, participante a contragosto, forneceria a assistência médica que pudesse vir a ser necessária.

Apesar de acenar com a cabeça, em aparente aquiescência, Léonie não tinha a menor intenção de atender aos desejos de Anatole. Nem podia pensar em ficar sentada à toa na sala, vendo os ponteiros do relógio avançarem em sua lenta marcha, sabendo que o irmão estava engaja-do num combate daquela natureza. Sabia que teria de descobrir um modo de transferir a responsabilidade por Isolde no período entre o cair da noite e o fim do crepúsculo, embora ainda não conseguisse conceber como isso seria possível.

Mas não deu nenhum indício da desobediência pre-tendida, nem em palavras, nem em atos. E Anatole estava tão absorto em seus planos febris, que não lhe ocorreu duvidar da aquiescência da irmã.

Quando também ele se recolheu para dormir, saindo da sala com uma única vela para iluminar o caminho até a cama, Léonie deixou-se ficar para trás por algum tempo, pensando, decidindo como arranjar as coisas da melhor maneira.

Ela seria forte. Não permitiria que seus medos a dominassem. Tudo correria bem. Anatole feriria ou mata-

ria seu inimigo. Ela se recusava a considerar a outra alternativa.

No entanto, enquanto se escoavam as horas da madrugada, Léonie soube que desejar não tornaria seus desejos realidade.



CAPÍTULO 80

SÁBADO, 31 DE OUTUBRO

A véspera do Dia de Todos os Santos chegou com frio e um alvorecer cor-de-rosa.

Léonie mal havia dormido, e por isso sentia o peso opressivo dos minutos que corriam. Depois do desjejum, quando nem ela nem Anatole conseguiram comer muito, seu irmão passou a manhã a portas fechadas com Isolde.

Sentada na biblioteca, ela os ouviu rindo, sussurrando, fazendo planos. A alegria de Isolde na companhia de Anatole tornou ainda mais penosa a consciência de Léonie de como seria fácil ser-lhes arrancada aquela felicidade.

Quando foi juntar-se a eles para um café na sala íntima, Anatole levantou a cabeça, com o olhar momentaneamente desprevenido. A angústia, o pavor e o sofrimento desnudados em seus olhos fizeram Léonie desviar o rosto, por medo de que sua expressão deixasse transparecer o segredo do irmão.

Depois do almoço, passaram a tarde jogando baralho e lendo histórias em voz alta, com isso atrasando o repouso vespertino de Isolde, como os irmãos haviam planejado. Só às quatro horas foi que ela declarou sua intenção de se recolher a seu quarto até a hora do jantar.

Anatole voltou de lá uns 15 minutos depois, com a tristeza cinzelada em vincos no rosto.

— Ela está dormindo — informou.

Os dois olharam para o céu adamascado, onde os últimos vestígios do sol salpicavam brilhos atrás das nuvens. A força de Léonie finalmente a abandonou.

— Não é tarde demais. Ainda há tempo para can-celar tudo! — exclamou. Segurou a mão do irmão. — Eu lhe imploro, Anatole, não leve isso adiante.

Ele a tomou nos braços e a puxou para si, envolvendo-a no aroma familiar de sândalo e óleo para o cabelo.

— Você sabe que agora não posso me recusar a enfrentá-lo, petite — disse, baixinho. — De outro modo, isso nunca acabará. Além disso, não quero que meu filho cresça pensando que o pai é um covarde. Nem tampouco, aliás, minha irmãzinha corajosa e fiel — acrescentou, es-treitando-a com mais força.

— Ou filha — disse Léonie. Anatole sorriu.

— Ou filha.

O som de passos no piso de lajotas fez ambos se virarem.

Pascal parou aos pés da escada, com o sobretudo de Anatole no braço. A expressão de seu rosto deixava transparecer quão pouco ele queria participar daquela história.

— Está na hora, sénher. Léonie agarrou-o com força.

— Por favor, Anatole. Por favor, não vá. Pascal, não o deixe ir.

Pascal olhou-a com simpatia, enquanto Anatole soltava delicadamente da manga os dedos da irmã.

— Cuide da Isolde — sussurrou. — Da minha Isolde. Deixei uma carta para ela no meu quarto de vestir, caso as coisas... — interrompeu-se. — Não deve faltar nada a ela. Nem a ela nem ao bebê. Mantenha-os seguros.

Léonie ficou olhando, muda de desespero, enquanto Pascal o ajudava a vestir o casaco, e em seguida os dois caminharam depressa para a porta da frente. Na soleira, Anatole virou-se. Levou as mãos aos lábios.

— Amo você, *petite*.

Houve uma lufada de úmido ar vespertino, depois a porta fechou-se com um tremor e os dois se foram. Léonie ficou escutando o estalar abafado de suas botas sobre o cascalho, até não poder ouvi-los mais.

E então a verdade a atingiu em cheio. Ela arriou no primeiro degrau da escada, apoiou a cabeça nos braços e se pôs a soluçar. Das sombras abaixo da escada emergiu Marieta. A moça hesitou, mas, resolvendo esquecer a reserva, sentou-se no degrau ao lado de Léonie e pôs o bra-

ço sobre seus ombros.

— Vai ficar tudo bem, madomaisèla — murmurou.

— O Pascal não deixará acontecer nenhum mal ao sénher.

Um gemido de tristeza, pavor e desesperança explodiu nos lábios de Léonie, como o uivo de um animal selvagem apanhado numa armadilha. Depois, lembrando-se de haver prometido não acordar Isolde, ela emudeceu suas lágrimas.

O acesso de choro não tardou a passar. Léonie sentiu-se zonza, curiosamente esvaziada de emoção. Foi como se tivesse alguma coisa presa na garganta. Esfregou os olhos com força, usando o punho da blusa.

— A minha... — interrompeu-se, ao perceber de repente que já não sabia direito como se referir a Isolde.

— Minha tia ainda está dormindo?

Marieta levantou-se e alisou o avental. A expressão de seu rosto sugeriu que Pascal lhe confiara toda a história.

— Quer que eu vá ver se a madama acordou? Léonie abanou a cabeça.

— Não, deixe-a sossegada.

— Posso trazer-lhe alguma coisa? Uma tisana, quem sabe? Léonie também se levantou.

— Não, agora ficarei perfeitamente bem — respondeu, sorrindo. — Tenho

certeza de que você tem mais do que o suficiente para ocupá-la. Além disso, meu irmão vai precisar de uma bebida quando voltar. Eu não gostaria de deixá-lo esperando.

Por um instante, os olhos das duas jovens se encontraram.

— Muito bem, madomaisèla — acabou dizendo Marieta. — Vou me certificar de que a cozinha esteja preparada.

Léonie permaneceu um pouco no vestíbulo, ouvindo os sons da casa, certificando-se de que não haveria testemunhas do que estava prestes a fazer. Quando teve certeza de que estava tudo em silêncio, subiu correndo a escada, deslizando a mão pelo corrimão de mogno, e pisou de leve pelo corredor até o quarto.

Para sua confusão, ouviu ruídos que vinham do quarto de Anatole. Ficou imóvel, sem confiar no testemunho de seus ouvidos, já que o vira sair de casa meia hora antes, na companhia de Pascal.

Estava prestes a continuar o que tinha a fazer quando a porta se escancarou e Isolde praticamente caiu em seus braços. O cabelo louro estava solto c a camisola, aberta no pescoço. Ela parecia transtornada, como se um demônio ou um fantasma a houvesse arrancado do sono num sobressalto. Léonie não pôde deixar de notar a cicatriz rubra e viva em seu pescoço, e desviou os olhos. O

choque de ver a tia elegante, controlada e serena em meio a tamanha histeria tornou-lhe a voz mais áspera do que ela havia tencionado:

— Isolde! O que foi? Que aconteceu?

Isolde girava a cabeça de um lado para outro, como que numa discordância violenta, e sacudia um pedaço de papel.

— Ele foi! Foi duelar! — gritou. — Temos que impedi-lo!

Léonie ficou fria, ao perceber que Isolde pusera as mãos prematuramente na carta que Anatole havia deixado para ela no quarto de vestir.

— Não consegui dormir, por isso fui procurá-lo.

Em vez dele, achei isto. Parou de repente e encarou Léonie:

— Você sabia — disse, baixinho, num tom subitamente calmo.

Por um instante fugaz, Léonie esqueceu-se de que, no momento mesmo em que falava, Anatole estava caminhando pela floresta para travar um duelo. Tentou sorrir, estendendo a mão para segurar a de Isolde.

— Eu soube das providências que vocês tomaram.

Do casamento — disse, mansamente. — Eu gostaria de ter ido.

— Léonie, eu queria... — Isolde fez uma pausa. —

Nós queríamos lhe contar.

Léonie pôs os braços em volta dela. Num instante, seus papéis se inverteram.

— E sabe que Anatole vai ser pai? — perguntou Isolde, quase num sussurro.

— Sei disso também. É a notícia mais maravilhosa.

Isolde afastou-se de repente.

— Mas você também sabia desse duelo?

Léonie hesitou. Estava a ponto de fugir da pergunta, mas se deteve. Já houvera insinceridade demais entre eles. Um excesso de mentiras destrutivas.

— Sabia — admitiu. — A carta foi entregue ontem por um mensageiro. O Denarnaud e o Gabignaud acompanharam Anatole.

Isolde ficou lívida.

— Por um mensageiro, você disse — murmurou.

— Então ele está aqui. Bem aqui.

— Anatole não errará o alvo — disse Léonie, com uma convicção que não sentia.

Isolde levantou a cabeça e aprumou os ombros.

— Preciso ir ao encontro dele.

Tomada de surpresa pela mudança repentina no ânimo da cunhada, Léonie atrapalhou-se em busca de uma resposta.

— Você não pode — objetou.

Isolde não tomou o menor conhecimento.

— Onde será a disputa?

— Isolde, você não está bem. Seria uma tolice tentar segui-lo.

— Onde? — ela repetiu. Léonie deu um suspiro.

— Numa clareira no bosque de faias. Não sei exatamente onde.

— Onde crescem os juníperos silvestres. Lá existe uma clareira, onde meu falecido marido às vezes se exerci-tava no tiro.

— Pode ser. Ele não disse mais nada.

— Tenho que me vestir — disse Isolde, soltando-se da mão de Léonie. Ela não teve alternativa senão acompanhá-la.

— Mas, mesmo que saiamos agora e encontremos o lugar exato, faz mais de meia hora que Anatole saiu com o Pascal.

— Se formos agora, ainda poderemos detê-los.

Sem desperdiçar tempo com o espartilho, Isolde pôs o duas-peças cinza e a jaqueta dos passeios ao ar livre, calçou as botas nos pés elegantes, os dedos se atrapalhando enquanto amarravam os colchetes de qualquer jeito, e correu para a escada, com Léonie nos calcanhares.

— O adversário dele respeitará o resultado? — indagou Léonie de repente, na esperança de uma resposta diferente da que Anatole lhe dera.

Isolde parou e a fitou, com desespero nos olhos cinzentos.

— Ele é... ele não é um homem honrado.

Léonie apertou-lhe a mão, tanto buscando quanto oferecendo consolo, e outra pergunta lhe veio à cabeça:

— Para quando é o bebê?

Os olhos de Isolde abrandaram-se por um momento.

— Junho, se tudo correr bem. Um bebê do verão.

Quando as duas atravessaram o saguão, pareceu a Léonie que o mundo havia adquirido um matiz mais duro.

Coisas antes conhecidas e preciosas — a mesa e as portas envernizadas, o piano e a banqueta forrada de tapeçaria, na qual ela havia guardado a partitura tirada do sepulcro

— pareceram ter-lhes virado as costas. Objetos frios, mortos.

Léonie tirou as capas pesadas dos ganchos junto à entrada, entregou uma a Isolde, embrulhou-se na outra e abriu a porta. O ar frio do crepúsculo infiltrou-se em torno de suas pernas como um gato, enroscando-se nas meias, nos tornozelos. Ela tirou do suporte o lampião aceso.

— A que horas deve ocorrer o duelo? — perguntou Isolde em voz baixa.

— No crepúsculo. Às seis — respondeu Léonie.

Ergueram os olhos para o céu, de um azul profundo e cada vez mais escuro.

— Se quisermos chegar a tempo, precisamos apressar-nos — disse Léonie. — Depressa, vamos.



CAPÍTULO 81

— Amo você, *petite* — repetiu Anatole consigo mesmo, quando a porta de entrada bateu às suas costas.

Ele e Pascal, que erguia no alto uma lanterna, caminharam em silêncio até o fim da alameda, onde a sege de Denarnaud os aguardava.

Anatole fez um aceno de cabeça para Gabignaud, cuja expressão revelou quão pouco o médico queria fazer parte daquele processo. Charles Denarnaud apertou a mão de Anatole,

— O combatente e o médico vão atrás — anunciou Denarnaud, a voz clara no frio ar do anoitecer. —

Seu criado e eu iremos na frente.

A capota estava levantada. Gabignaud e Anatole entraram. Denarnaud e Pascal, parecendo pouco à vontade nessa companhia, ficaram de frente pata eles, equilibrando no colo o comprido estojo de madeira com as pistolas.

— Você conhece o lugar designado, Denarnaud?

— perguntou Anatole. — A clareira no bosque de faias, no leste da propriedade?

Denarnaud debruçou-se para fora e deu as instru-

ções. Anatole ouviu o cocheiro sacudir as rédeas e o veículo partiu, arreios chocalhando no sereno ar do anoitecer.

Denarnaud foi o único com disposição para conversar. A maioria de suas histórias envolveu duelos em que estivera presente, todos com escapes por um triz, mas sempre acabando bem para seus combatentes. Anatole compreendeu que o homem estava tentando deixá-lo à vontade, mas desejou que ele ficasse calado.

Sentou-se ereto, olhando para a paisagem quase hi-bernai lá fora, pensando que talvez fosse a última ocasião em que veria o mundo. A sucessão de arvores que ladeava a alameda estava coberta de orvalho congelado. O bater pesado dos cascos dos cavalos no chão duro ecoou pelo jardim. No alto, o céu azul-escuro pareceu cintilar como um espelho, quando uma lua pálida elevou-se num esplendor branco.

— Estas são as minhas pistolas — explicou Denarnaud. — Eu mesmo as carreguei. O estojo está trancado.

Vocês tirarão a sorte para decidir se usaremos estas ou as do seu adversário.

— Sei disso — retrucou Anatole; em seguida, lamentando ter soado ríspido, acrescentou: — Minhas desculpas, Denarnaud. Estou com os nervos tensos. Sou-lhe extremamente grato por sua atenção cuidadosa.

— É sempre bom repassar as formalidades — disse Denarnaud, num tom mais alto do que exigiam o espaço restrito da sege e a situação. Anatole percebeu que, apesar de toda a fanfarronice, ele também estava nervoso. —

Não queremos nenhum mal-entendido. Pelo que sei, as coisas são conduzidas de maneira diferente em Paris.

— Acho que não.

— Você andou praticando, Vernier? Anatole balançou a cabeça:

— Com as pistolas da casa.

— Confia nelas? A mira é boa?

— Eu gostaria de ter tido mais tempo.

A sege fez uma curva e começou a andar pelo terreno mais acidentado.

Anatole tentou imaginar sua querida Isolde, dormindo na cama com o cabelo espalhado sobre o travesseiro, os braços longos e alvos. Pensou nos olhos luminosos, verdes e questionadores de Léonie. E no rosto de uma criança ainda não nascida. Tentou gravar na mente aquelas feições amadas.

Estou fazendo isso por elas.

Mas o mundo se havia reduzido à sege chacoalhante, ao estojo de madeira no colo de Denarnaud, à respira-

ção acelerada e nervosa de Gabignaud a seu lado.

Anatole sentiu a sege fazer outra curva para a esquerda. Embaixo das rodas, o terreno tornou-se mais sul-cado e desigual. Súbito, Denarnaud bateu na lateral e gritou para o cocheiro que pegasse uma pequena alameda à direita.

O veículo enveredou pela trilha natural que corria por entre as árvores e emergiu numa clareira. No extremo oposto havia outra carruagem. Com um sobressalto, embora se tratasse do que ele sabia que ia ver, Anatole reconheceu o brasão de Victor Constant, conde de Tourmaline, ouro sobre negro. Dois cavalos baios, emplumados e de antolhos, batiam os cascos no chão duro e frio. Junto deles havia um grupo de homens.

Denarnaud foi o primeiro a saltar, Gabignaud o seguiu, depois desceu Pascal com o estojo de pistolas. Por fim, Anatole saltou. Mesmo àquela distância, com todos os adversários igualmente vestidos de preto, pôde identificar Constant. Com um estremecimento de nojo, reconheceu também as feições vermelhas e variólicas de um dos dois homens que o haviam agredido na noite dos tumultos na Opera, na Passage dos Panoramas. A seu lado, mais baixo e com má aparência, estava um velho soldado de ar dissoluto, com uma capa napoleônica arcaica. Também ele lhe pareceu familiar.

Anatole respirou fundo. Embora Victor Constant houvesse habitado seus pensamentos desde o momento em que ele conhecera e se apaixonara por Isolde, os dois nunca tinham estado na companhia um do outro desde aquela única briga em janeiro.

Ficou surpreso com o ódio que o invadiu. Cerrou os punhos. Precisava da cabeça fria, não de um desejo im-petuoso de vingança. Súbito, porém, o bosque lhe pareceu pequeno demais. Foi como se os troncos nus das laias se acercassem dele.

Anatole tropeçou numa raiz exposta e quase caiu.

— Firme, Vernier — murmurou Gabignaud.

Anatole recompôs suas ideias e observou Denarnaud andar em direção ao grupo de Constant, Pascal logo atrás com o estojo das pistolas nos braços, como um caixão de criança.

Os segundos trocaram cumprimentos formais, cada qual fazendo uma mesura rápida e seca, e se encaminha-ram mais para dentro da clareira. Anatole sentiu os olhos frios de Constant sobre ele, penetrando-o, retos como uma flecha, pela terra enregelada. Também notou que ele parecia doente.

Os dois segundos se deslocaram para o centro da clareira, não muito longe de

onde Pascal havia instalado a galeria de tiro improvisada, na véspera, e contaram os passos até o ponto em que cada homem faria mira. Pascal e o criado de Constant fincaram duas bengalas na terra úmida, para marcar os locais com precisão.

— Como está indo? — murmurou Gabignaud. —

Quer que eu lhe busque algum...

— Nada — retrucou Anatole, depressa. — Não preciso de nada.

Denarnaud voltou.

— Lamento termos perdido o sorteio das pistolas

— e deu um tapinha no ombro de Anatole. — Não fará diferença, tenho certeza. O que importa é a mira, não o cano.

Anatole sentiu-se como um sonâmbulo. Tudo a seu redor parecia amortecido, acontecendo com outra pessoa.

Ele sabia que deveria se inquietar com o fato de ter que usar as pistolas do adversário, mas estava entorpecido.

Os dois grupos se aproximaram um do outro.

Denarnaud tirou o sobretudo de Anatole. O segundo de Constant fez o mesmo com ele. Anatole observou Denarnaud apalpar ostensivamente os bolsos do paletó e do colete de Constant pata ter certeza de que ele não portava outras armas nem tinha cadernetas ou papéis que pudessem lhe servir de escudo.

Denarnaud balançou a cabeça:

— Nenhuma incorreção.

Anatole levantou os braços, enquanto o segundo de Constant deslizava as mãos por seu corpo para confirmar que também ele não tinha nenhuma vantagem oculta. Sentiu o relógio ser retirado do bolso de seu colete e desprendido da corrente.

— Relógio novo, monsieur? Com monograma. Be-

lo trabalho artístico. Ele reconheceu a voz rouca. Era o mesmo homem que lhe havia roubado o cebolão de seu pai no assalto em Paris. Anatole cerrou os punhos para não derrubar o sujeito.

— Largue-o — murmurou em tom selvagem.

O homem olhou de relance para o patrão, deu de ombros e se afastou. Anatole sentiu Denarnaud segurá-lo pelo cotovelo e conduzi-lo a uma das bengalas.

— Vernier, esta é a sua marca. Não posso errar.

Recebeu uma pistola. Era fria e pesada em sua mão, uma arma muito superior às pertencentes a seu falecido tio. O cano era longo e polido, com as iniciais de Constant gravadas no cabo, num monograma a ouro.

Teve a sensação de ver a si mesmo de uma grande altitude. Avistou um homem muito parecido com ele, com o mesmo cabelo negro, o mesmo bigode, o rosto pálido e o nariz com a ponta vermelha de frio.

Diante dele, a alguns passos de distância, viu um homem muito semelhante ao que o perseguira desde Paris até o Midi.

E então, como que ao longe, uma voz se fez ouvir.

Abruptamente, com uma rapidez absurda, o assunto estaria concluído.

— Estão prontos, senhores?

Anatole fez que sim. Constant fez que sim.

— Um tiro para cada um.

Anatole levantou o braço. Constant fez o mesmo.

E então, de novo a mesma voz:

— Fogo.

Anatole não teve consciência de nada, nenhuma visão, nenhum som, nenhum

cheiro; vivenciou uma completa ausência de emoção. Julgou não ter feito nada, mas os músculos de seu braço se contraíram e seus dedos se comprimiram, apertando o gatilho, e houve um estalo quando a trava se soltou. Ele viu o clarão de pólvora na escorva e uma baforada de fumaça desabrochar no ar.

Dois tiros ecoaram na clareira. Os pássaros voaram do alto das árvores circundantes, batendo as asas no pânico da fuga.

Anatole ficou sem respiração. As pernas amolece-ram sob seu corpo. Ele foi caindo, caindo de joelhos na terra dura, pensando em Isolde e Léonie, e então uma quentura se espalhou por seu peito, como os cuidados suavizantes de um banho quente a se infiltrar pelo corpo enregelado.

— Ele está ferido?

Seria a voz de Gabignaud, talvez? Talvez não.

Figuras escuras o cercaram, não mais identificáveis como Gabignaud ou Denarnaud: apenas uma floresta de pernas de calças negras e listradas de cinza, mãos abriga-das em grossas luvas de pele, botas pesadas. Depois, ele ouviu alguma coisa: um grito desvairado, seu nome carregado em agonia e desespero pelo ar gélido.

Tombou de lado no chão. Imaginou ouvir a voz de Isolde a chamá-lo. Quase simultaneamente, porém, percebeu que os outros também ouviam os gritos. O grupo que o cercava se afastou e recuou, o bastante para que ele a visse correndo em sua direção, saindo da cobertura das árvores, com Léonie bem atrás.

— Não, Anatole, não! — gritava Isolde. — Não!

No mesmo instante, outra coisa chamou a atenção de Anatole, nas fímbrias de sua linha de visão. Seus olhos estavam escurecendo. Ele tentou sentar-se, mas uma dor aguda do lado, como uma facada, o fez arquejar. Estendeu a mão, mas não teve força e sentiu-se desabar novamente no chão.

Tudo começou a se mover muito lentamente. Anatole percebeu o que ia acontecer. A princípio, seus olhos não puderam acreditar. Denarnaud havia conferido as regras do duelo. Um tiro, apenas um. No entanto, enquanto ele olhava, Constant deixou cair a pistola do duelo, enfiou a mão no paletó e sacou uma segunda arma, tão pequena que o cano cabia entre seus dedos indicador e

médio. O

braço continuou a descrever um arco ascendente, depois virou para a direita e disparou.

Uma segunda arma, quando só deveria haver uma.

Anatole gritou, finalmente recobrando a voz. Mas era tarde demais.

O corpo dela estancou, como que momentaneamente suspenso no ar, depois foi jogado para trás pela força da bala. Seus olhos se arregalaram, primeiro de surpresa, depois de choque, depois de dor. Anatole a viu cair.

Como ele, até o chão.

Sentiu um grito rasgar-lhe o peito. Tudo a seu redor fez-se um caos, gritaria, berros, pandemônio. E, no centro de tudo, embora isso fosse impossível, ele pensou ouvir o som de uma risada. Sua visão embotou-se, o negro substituindo o branco, despojando o mundo de cor.

Foi o último som que ouviu antes que a escuridão se fechasse sobre ele.



CAPÍTULO 82

Um uivo cortou o ar. Léonie o ouviu, mas a princípio não se deu conta de que o grito saíra de sua própria boca.

Por um momento, ficou cravada no chão, incapaz de aceitar o testemunho dos próprios olhos. Imaginou-se olhando para uma cena teatral, a clareira e cada pessoa captadas no tempo por pincel e tintas, ou pelo disparador de uma lente. Sem vida, imóveis, uma imagem de cartão-postal do eu real de cada um, em carne e osso.

E então, o mundo retornou de chofre. Léonie correu os olhos pela escuridão, a verdade gravando sua marca sangrenta em sua mente.

Isolde caída na terra úmida, os olhos cinzentos manchados de vermelho.

Anatole lutando para se erguer sobre um dos bra-

ços, o rosto crispado de dor, antes de desabar novamente.

Gabignaud agachado a seu lado.

E o mais chocante: o rosto do assassino. O homem que Isolde tanto temia e Anatole tanto odiava, revelado às claras.

Léonie enregelou-se, a coragem arrancada do peito.

— Não — murmurou.

A culpa, cortante como vidro, penetrou em suas defesas. A humilhação, seguida de perto pela raiva, perpassou-a como um rio transbordante. Ali, a poucos passos dela, estava o homem que havia fixado residência em seus pensamentos secretos, o homem com quem havia sonhado desde Carcassonne. Victor Constant.

O assassino de Anatole. O perseguidor de Isolde.

Teria sido ela que o levara até ali?

Léonie ergueu mais alto o lampião, até enxergar com clareza o brasão na lateral da carruagem parada de lado, a uma certa distância, embora não precisasse de confirmação de que era ele.

O ódio, súbito, violento, abarcando tudo, invadiu-a de alto a baixo. Alheia à própria segurança, ela disparou da sombra das árvores para o interior da clareira, correndo em direção ao grupo de homens parado em volta de Anatole e Gabignaud.

O médico parecia paralisado. O choque pelo ocorrido lhe havia retirado a capacidade de ação. Ele se ergueu, cambaleante, quase perdendo o equilíbrio no chão cada vez mais duro, olhando desvairado para Victor Constant e seus homens, depois, atônito, para Charles Denarnaud, que tinha verificado as armas e declarado estarem satisfeitas as condições para o duelo.

Léonie chegou a Isolde primeiro. Atirou-se no chão a seu lado e levantou sua capa. O tecido cinza-claro do lado esquerdo do vestido estava empapado de vermelho, como uma obscena flor de estufa. Léonie tirou a luva e, suspendendo

o punho da blusa de Isolde, procurou sua pulsação. Estava fraca, mas presente. Restava um fiapo de vida. Ela correu as mãos rapidamente pelo corpo prostrado e constatou que a bala a atingira no braço. Desde que não perdesse muito sangue, ela sobreviveria.

— Dr. Gabignaud, *vite*! — gritou. — *Aidez-la*, Pascal!

Seu pensamento saltou para Anatole. Uma espuma levíssima de respiração branca, ao redor da boca e do nariz, à luz crepuscular, deu-lhe a esperança de que também ele não estivesse mortalmente ferido.

Léonie se levantou e deu um passo em direção ao irmão.

— Eu lhe agradeceria por permanecer onde está, mademoiselle Vernier. Você também, Gabignaud.

A voz de Constant a fez estancar. Só nesse momento Léonie registrou o fato de que ele continuava de arma em punho e braço erguido, o dedo no gatilho, pronto para disparar, e de que aquela não era uma pistola de duelo. Na verdade, ela reconheceu Le Protector, um revólver concebido para ser carregado no bolso ou na bolsa.

Sua mãe possuía uma arma exatamente igual.

Constant tinha mais balas.

Léonie sentiu-se enojada consigo mesma, pelas lindas palavras de carinho que o imaginara sussurrando em seus ouvidos. Pelo modo como tinha incentivado, sem pudor nem cuidado com a própria reputação, as atenções dele.

E eu o conduzi a eles.

Obrigou-se a manter a calma. Empinou o nariz e o encarou, olhos nos olhos.

— Monsieur Constant — disse, sentindo o nome como um veneno na língua.

— Mademoiselle Vernier — respondeu ele, ainda apontando o revólver para Gabignaud e Pascal. — Que prazer inesperado! Não imaginei que o Vernier a expusesse a todo este horror.

Os olhos dela correram até onde Anatole jazia no chão e voltaram para Constant.

— Estou aqui por conta própria.

Constant meneou a cabeça. Seu criado avançou, seguido pelo soldado imundo, que Léonie reconheceu como sendo a mesma criatura que a havia seguido com um olhar impertinente, na ocasião em que ela entrara na Cité medieval de Carcassonne. Em desespero, percebeu quão completo tinha sido o plano de Constant.

Os dois homens agarraram Gabignaud e puxaram seus braços para trás, jogando sua lamparina no chão. Léonie ouviu o vidro estilhaçar-se, enquanto a chama se extinguia com um sibilo entre as folhas úmidas. Então, antes que ela se desse conta do que estava acontecendo, o sujeito mais alto sacou um revólver de baixo do casaco, encostou-o na têmpora de Gabignaud e apertou o gatilho.

A força do impacto arrancou o médico do chão. A parte posterior da cabeça explodiu, fazendo chover sangue e ossos em seu executor. O corpo contorceu-se, sacudiu, ficou imóvel.

Como demora pouco tirar a vida de um homem, separar a alma do corpo.

A ideia lhe entrou e saiu da cabeça num átimo. Léonie levou as mãos à boca, sentindo a náusea subir à garganta, depois se dobrou e vomitou na terra molhada.

Pelo canto do olho, viu Pascal dar um pequeno passo atrás, depois outro. Não podia acreditar que se estivesse preparando para fugir — ela nunca tivera motivo para questionar sua lealdade e firmeza até então —, mas o que mais ele estaria fazendo?

Depois, ele lhe fez um sinal e olhou para baixo, para indicar sua intenção.

Léonie ergueu o corpo e se virou para Charles Denarnaud.

— Monsieur — chamou em voz alta, criando uma

distração —, fico surpresa ao vê-lo como aliado desse homem. O senhor será condenado, quando a notícia de sua traição for denunciada.

Ele fez uma careta complacente:

— Pela boca de quem, mademoiselle Vernier? Não há ninguém aqui além de nós.

— Cale-se — ordenou Constant.

— O senhor não dá nenhuma importância a sua irmã — desafiou-o Léonie —, a sua família, para envergonhá-las dessa maneira?

Denarnaud bateu no bolso:

— O dinheiro fala mais alto e por mais tempo.

— Denarnaud, ça suffit.

Léonie olhou de relance para Constant e, pela primeira vez, notou que sua cabeça parecia tremer permanentemente, como se ele tivesse dificuldade de controlar os próprios movimentos.

Mas, nesse instante, viu o pé de Anatole estremecer no chão.

Estaria vivo? Seria possível? O alívio cresceu, imediatamente substituído pelo pavor. Se seu irmão ainda estivesse vivo, só permaneceria assim enquanto Constant o julgasse morto.

A noite havia caído. Embora a lamparina do médico tivesse se quebrado, as restantes lançavam círculos desiguais de luz amarelada no chão.

Léonie forçou-se a dar um passo em direção ao homem que julgara poder amar.

— Isso vale a pena, monsieur? Condenar a si mesmo à danação? E por qual causa fundamental? Ciúme?

Vingança? Por honra certamente não é — e deu mais um passo, dessa vez meio de lado, na esperança de encobrir Pascal. — Deixe-me cuidar do meu irmão. De Isolde.

Agora estava perto o bastante para ver a expressão de desprezo no rosto de Constant. Mal pôde acreditar que um dia havia achado distintas e nobres aquelas feições. Ele parecia visivelmente vil, com a boca cruel e as pupilas que não passavam de pontas de alfinete nos olhos amargos.

Era-lhe repulsivo.

— A senhorita não está propriamente em condi-

ções de dar ordens, mademoiselle Vernier — disse ele, virando a cabeça para onde Isolde estava caída sobre a capa. — E a vagabunda. Um único tiro foi bom demais para ela. Eu gostaria que ela tivesse sofrido como me fez sofrer.

Léonie enfrentou seus olhos azuis sem pestanejar.

— Agora ela está fora do seu alcance — afirmou, a mentira aflorando sem hesitação a seus lábios.

— A senhorita terá que me desculpar, mademoiselle Vernier, por não aceitar sua palavra quanto a isso. Ademais, não há uma única lágrima em seu rosto — acrescentou. Olhou de relance para o corpo de Gabignaud. —

A senhorita tem nervos fortes, mas não creio que seja tão empedernida.

Hesitou, como que a se preparar para desferir o golpe de misericórdia. Léonie sentiu o corpo retesar-se, à espera do tiro que certamente a atingiria, supôs. Percebeu que Pascal estava quase pronto para entrar em ação. Precisou de um esforço enorme para não olhar na direção dele.

— Aliás — disse Constant —, em matéria de caráter, a senhorita me lembra muito a sua mãe.

Tudo se imobilizou, como se o mundo prendesse a respiração: as nuvens brancas, frias no ar noturno, o arre-

pio do vento nos galhos desnudos das árvores, o farfalhar das moitas de juníperos. Léonie finalmente recuperou a fala.

— O que quer dizer? — perguntou. Cada palavra pareceu pingar como chumbo no ar gelado.

Percebeu a satisfação de Constant, que brotava dele como um fedor de curtume, acre, pungente.

— Ainda, não sabe o que aconteceu com sua mãe?

— O que está dizendo?

— Tem sido o assunto do momento em Paris. Se-

gundo eu soube, um dos piores assassinatos com que a mente prosaica dos gendarmes do 8º arrondissement viu-se obrigada a lidar, nos últimos tempos.

Léonie deu um passo atrás, como se ele a tivesse golpeado.

— Ela está morta?

Seus dentes começaram a chacoalhar. Léonie reconheceu a verdade nas palavras de Constant, pela qualidade do silêncio que ele guardou, mas sua mente ainda não podia permitir que a aceitasse. Se assim fosse, ela vacilaria e cairia. E, enquanto isso, Isolde e Anatole iam ficando mais fracos.

— Não acredito no senhor — conseguiu enunciar.

— Ah, acredita, sim, mademoiselle Vernier. Posso vê-lo em seu rosto — e deixou o braço pender, afastando o revólver de Léonie por um instante. Ela deu um passo atrás. Às suas costas, sentiu Denarnaud mexer-se, chegar mais perto, bloqueando-lhe o caminho. À frente, Constant deu um passo em sua direção, cobrindo rapidamente a distância que os separava. E então, pelo canto do olho, ela viu Pascal agachar-se e pegar as pistolas no estojo que fora trazido da casa.

— *Attention*!— ele gritou.

Léonie reagiu sem hesitar, atirando-se no chão, enquanto uma bala assobiava por cima de sua cabeça.

Denarnaud caiu, atingido nas costas.

O conde retaliou no mesmo instante, disparando para a escuridão, mas errou completamente o alvo. Léonie ouviu Pascal na vegetação rasteira e percebeu que ele se deslocava para contornar Constant.

A uma ordem do conde, o velho soldado começou a avançar em direção ao ponto em que Léonie se deitara no chão. O outro homem correu para a borda da clareira, à procura de Pascal, atirando a esmo.

— *Il est ici*!— gritou para o patrão.

Constant tornou a disparar. Mais uma vez, o tiro errou o alvo. Súbito, uma vibração de pés correndo ecoou pelo terreno. Léonie ergueu a cabeça na direção do barulho e ouviu gritos.

— *Arest*!

Reconheceu a voz de Marieta, gritando pela escuridão, e a de outros também. Espremeu os olhos e pôde discernir o brilho de vários lampiões que se aproximavam, cada vez maiores, balançando nas trevas. Depois, o filho do jardineiro, Emile, apareceu no outro extremo da clareira, segurando uma tocha ardente numa das mãos e um porrete na outra.

Léonie viu Constant avaliar a situação. Ele atirou, porém o garoto foi mais rápido e recuou para o abrigo de uma faia. O conde ergueu o braço em linha reta e tornou a disparar para a escuridão. Léonie viu que seu rosto se crispou, enlouquecido, quando ele virou o revólver e disparou mais dois tiros, acertando o tronco de Anatole.

— Não! — ela gritou, rastejando em desespero pelo chão lamacento ate onde estava o irmão. — Não!

Os criados, cerca de oito, incluindo Marieta, avan-

çaram correndo.

Constant não se demorou mais. Jogando o casaco nas costas, saiu da clareira e entrou nas sombras, em dire-

ção ao lugar em que sua carruagem ainda o aguardava, pronta para partir.

— Nada de testemunhas — ordenou.

Sem dizer palavra, seu lacaio virou-se e disparou um tiro na cabeça do velho soldado. Por um instante, o rosto agonizante do homem cristalizou se numa expressão de pasmo. Depois, ele caiu de joelhos e tombou para a frente.

Pascal saiu das sombras e disparou a segunda pistola. Léonie viu Constant tropeçar, as pernas quase vergadas sob o corpo, mas ele continuou a mancar para

longe da clareira. Em meio à confusão e ao caos, ela ouviu as portas da carruagem batendo, o chocalhar dos arreios e o tilintar dos lampiões, enquanto o veículo desaparecia na floresta, encosta acima, em direção ao portão dos fundos.

Marieta já estava cuidando de Isolde. Léonie sentiu Pascal correr e se agachar a seu lado. Um soluço escapou-lhe dos lábios. Ela se levantou com esforço e cambaleou pelos últimos passos que a separavam do irmão.

— Anatole? — murmurou. Estreitou-lhe os ombros largos, sacudindo o, tentando despertá-lo. — Anatole, por favor!

A quietude pareceu aprofundar-se.

Léonie segurou o tecido grosso do sobretudo em que Anatole havia caído e desvirou o irmão. Prendeu o fôlego. Havia muito sangue empoçado no chão onde ele jazera e nos buracos em que as balas lhe haviam penetrado no corpo. Ela aninhou a cabeça de Anatole nos braços e afastou o cabelo de seu rosto. Os olhos castanhos estavam abertos, mas a vida se extinguira.



CAPÍTULO 83

Depois de Constant fugir, a clareira esvaziou-se rapidamente. Com a ajuda de Pascal, Marieta levou Isolde, semi-inconsciente, para a sege de Denarnaud, a fim de reconduzi-la à casa. Embora o ferimento em seu braço não fosse grave, ela havia perdido muito sangue. Léonie falou com a cunhada, mas Isolde não respondeu. Deixou-se conduzir, mas parecia não conhecer ninguém, não reconhecer nada. Ainda estava no mundo, porém distante dele.

Léonie estava enregelada e trêmula, com o cabelo e a roupa impregnados do fedor de sangue, pólvora e terra molhada, mas se recusou a sair de perto de Anatole. O

filho do jardineiro e alguns cavalariços improvisaram uma padiola com seus casacos e com os cabos de madeira das armas com que haviam expulsado Constant e seus homens. Carregaram nos ombros o corpo prostrado de Anatole de volta pelo terreno, as tochas ardendo furiosas no ar negro e gélido. Léonie seguiu atrás, acompanhante solitária de um funeral não anunciado.

Atrás deles foi levado o Dr. Gabignaud. A carroça seria mandada depois para buscar os corpos do velho soldado e do traidor Denarnaud.

A notícia da tragédia que atingira a Herdade do Cade já se havia espalhado quando Léonie chegou à casa.

Pascal havia despachado um mensageiro para Rennes-le-Château, a fim de informar Bérenger Saunière da catástrofe e solicitar sua presença. Marieta fora a Rennes-les-Bains contratar os serviços da mulher local que acompanhava os moribundos e preparava os mortos.

Madame Saint-Loup chegou com um garotinho, que carregava uma enorme bolsa de algodão com o dobro do seu tamanho. Quando Léonie, recobrando o controle, tentou combinar o preço com a mulher, foi informada de que a despesa já fora paga por um vizinho seu, monsieur Baillard. A bondade dele, tão generosamente oferecida, trouxe lágrimas aos olhos entorpecidos da moça.

Os corpos foram colocados na sala de jantar. Léonie observou, numa incredulidade muda, enquanto madame Saint-Loup enchia uma tigela de porcelana com água de uma garrafa de vidro que trouxera consigo.

— É água benta, madomaisèla — resmungou, em resposta à pergunta não formulada da adolescente. Nela mergulhou um galhinho de buxo, depois acendeu duas velas perfumadas, uma para cada um, e começou a recitar suas orações dos mortos. O menino curvou a cabeça.

— Peyre Sant, Pai Santíssimo, aceita este teu servo...

Enquanto era banhada pelas palavras que mescla-vam antigas e novas tradições, Léonie não sentiu coisa alguma. Não houve qualquer momento de graça descendo dos céus nem sentimento de paz pelo passamento de Anatole, nem tampouco luz penetrando na alma e se juntando num círculo comum. Não houve consolo nem poesia nas oferendas da anciã, apenas uma vasta e sonora perda.

Madame Saint-Loup parou. Depois, fazendo um gesto para que o menino lhe passasse uma tesoura de lâminas compridas, começou a cortar a roupa ensanguentada de Anatole. O tecido estava embolado e imundo, por causa da floresta e dos ferimentos dilacerantes, e o processo foi doloroso e difícil.

— Madomaisèla?

A mulher entregou a Léonie dois envelopes retirados dos bolsos de Anatole. Papel prateado e timbre negro na carta de Constant. O segundo envelope, com carimbo de Paris, estava fechado. Ambos tinham bordas vermelho-ferrugem, como se uma moldura tivesse sido pintada na trama espessa do papel.

Léonie abriu a segunda carta. Era uma notificação formal e oficial da gendarmerie do 8º arrondissement, informando Anatole do assassinato de sua mãe na noite de domingo, 20 de setembro. A carta era assinada por um certo inspetor Thouron e fora encaminhada para uma sucessão de endereços, até finalmente encontrar Anatole em Rennes-les-Bains.

Ela solicitava que o rapaz entrasse em contato com a polícia o mais depressa possível.

Léonie amassou a página no punho gelado. Nem por um minuto havia duvidado das palavras cruéis de Constant, atiradas contra ela na clareira, fazia apenas uma hora, mas só nesse momento, diante das palavras oficiais em preto e branco, aceitou a verdade. Sua mãe estava morta. E fazia mais de um mês.

Esse fato — o de a mãe não ter sido pranteada nem reclamada — fez contrair o coração enlutado de Léonie. Morto Anatole, agora esses assuntos caberiam a ela.

Quem mais havia?

Madame Saint-Loup começou a lavar o corpo, lim-pando as mãos e o rosto de Anatole com tamanha ternura, que foi penoso para Léonie contemplar a cena. Por fim, a mulher apanhou vários lençóis de linho, todos amarelados e cheios de remendos com pontos pretos, como se já houvessem prestado serviço muitas vezes.

Léonie não suportou mais assistir àquilo.

— Mande avisar-me quando o abade Saunière chegar — disse, saindo da sala e deixando a mulher entregue ao sinistro processo de costurar a mortalha no corpo de Anatole.

Vagarosamente, como se tivesse chumbo nas pernas, Léonie subiu a escada e foi ao quarto de Isolde. Marieta estava ao lado da patroa. Um médico que Léonie não reconheceu, de cartola preta alta e modesto colarinho dobrado, havia chegado da aldeia, acompanhado por uma enfermeira matronal, de avental

branco e engomado. Parte da equipe residente da estância termal, também eles tinham sido contratados por monsieur Baillard.

Quando Léonie entrou no quarto, o médico estava administrando um sedativo. A enfermeira havia arregaça-do a manga de Isolde e ele lhe espetou a agulha da grossa seringa prateada no braço fino.

— Como está ela? — murmurou Léonie para Mari-

eta. A criada abanou de leve a cabeça:

— Está lutando para ficar conosco, madomaisèla.

Léonie aproximou-se mais da cama. Até para seus olhos destreinados, ficou claro que Isolde oscilava entre a vida e a morte. Fora tomada por uma febre violenta, des-gastante. A jovem sentou-se e lhe segurou a mão. Os len-

çóis embaixo de Isolde encharcaram-se e foram trocados.

A enfermeira pôs em sua testa ardente faixas geladas de linho, que mal esfriavam a pele por um momento.

Quando o medicamento dado pelo médico surtiu efeito, o calor transformou-se em frio e o corpo de Isolde sacudiu sob as cobertas, como se estivesse afetado pela dança de são vito.

As lembranças febris da violência a que Léonie havia assistido foram afastadas por seus temores pela saúde de Isolde. O mesmo se deu com o peso da perda que ameaçava dominá-la, caso pensasse demais. A mãe morta.

Anatole morto. A vida de Isolde e de seu filho não nascido pendendo por um fio.

A lua subiu no céu. Véspera de Todos os Santos.

Pouco depois de o relógio dar 11 horas, houve uma batida à porta e Pascal apareceu.

— Madomaisèla Léonie — disse ele, em tom abafado —, há uns... uns senhores aqui para vê-la.

— O padre? O abade Saunière chegou? Ele abanou a cabeça.

— Monsieur Baillard. E a polícia também.

Pedindo licença ao médico e prometendo a Marieta que voltaria o mais depressa possível, Léonie saiu do quarto e acompanhou Pascal rapidamente pelo corredor.

No alto da escada, parou e olhou para a coleção de cartolas pretas e sobretudos no saguão. Dois homens usavam o uniforme dos gendarmes parisienses, um terceiro, uma versão provinciana dele. Em meio à floresta de trajes escuros e sombrios, um terno claro numa figura esguia.

— Monsieur Baillard — ela gritou, descendo a escada às carreiras e segurando as mãos do amigo. — Fico muito contente por vê-lo aqui — — e olhou para ele. —

O Anatole...

Sua voz engasgou. Ela não conseguiu pronunciar as palavras. Baillard balançou a cabeça.

— Venho trazer minhas condolências — disse, em tom formal, depois abaixou a voz para que seus compa-

nheiros não o ouvissem. — E madama Vernier? Como estão as coisas com ela?

— Mal. Se tanto, seu estado mental é mais preocu-pante para o médico, neste momento, do que as consequências do ferimento. Embora seja importante ter certeza de que o sangue não se infeccione, a bala só raspou a parte interna do braço.

Léonie estancou de repente, só então se aperce-bendo do que dissera monsieur Baillard.

— O senhor sabia que eles eram casados? — murmurou. — Mas eu não... Como...

Baillard levou um dedo aos lábios.

— Esta não é uma conversa para termos na companhia atual — disse, dando-lhe

um sorriso e, em seguida, elevando a voz. — Por mero acaso, madomaisèla Léonie, esses senhores e eu nos vimos fazendo juntos o percurso para a Herdade do Cade. Uma coincidência temporal.

O mais jovem dos dois policiais tirou o chapéu e deu um passo à frente. Tinha olheiras fundas, como se não dormisse há dias.

— Inspetor Thouron — disse, oferecendo a mão.

— De Paris, do comissariado do 8º arrondissement. Meus pêsames, mademoiselle Vernier. E lamento também ser portador de más notícias. Pior ainda, de notícias antigas.

Faz algumas semanas que venho procurando seu irmão para lhe informar... aliás, à senhorita também... que...

Léonie tirou a carta do bolso.

— Não se aflija, monsieur l’lnspecteur — disse-lhe, em tom abatido. Estou ciente da morte de minha mãe.

Isto chegou ontem, se bem que por vias muito tortuosas.

Alem disso, hoje ã tarde, Vic...

Interrompeu-se, sem querer proferir aquele nome.

Os olhos de Thouron se estreitaram.

— A senhorita e seu falecido irmão foram extremamente difíceis de localizar — disse.

Léonie se deu conta da agilidade e inteligência por trás da aparência desalinhada e das feições exaustas.

— E, à luz da... tragédia desta noite, eu perguntaria se, quem sabe, os eventos de um mês atrás, em Paris, e o que aconteceu aqui hoje teriam alguma ligação.

Léonie relanceou os olhos por monsieur Baillard, depois pelo homem mais velho ao lado do inspetor Thouron. Seu cabelo era salpicado de grisalho e ele tinha as

fei-

ções fortes e morenas que eram características do Midi.

— O senhor ainda não me apresentou a seu colega, inspetor Thouron — disse ela, na esperança de adiar um pouco mais a entrevista formal.

— Perdoe-me. Este é o inspetor Bouchou, da gendarmerie de Carcassonne. O Bouchou vem-me auxiliando a localizá-los.

Léonie olhou de um para o outro.

— Não compreendo, inspetor Thouron. O senhor enviou uma carta de Paris, mas também veio em pessoa?

E está aqui hoje. Como é possível?

Os dois homens se entreolharam.

— Posso sugerir, senhores — disse Audric Baillard em voz baixa, mas num tom de autoridade que não admi-tia discordância —, que continuemos esta conversa num ambiente mais privado?

Léonie sentiu o toque dos dedos de Baillard em seu braço e percebeu que se esperava dela uma decisão.

— Há uma lareira na sala de estar — disse.

O grupinho cruzou o saguão de piso xadrez e Léonie abriu a porta.

A lembrança de Anatole guardada naquele cômodo era tão viva, que ela vacilou. Avistou-o mentalmente parado junto à lareira, com as abas do fraque levantadas para deixar o calor das chamas aquecer-lhe as costas, o cabelo brilhando. Ou junto à janela, com um cigarro preso entre os dedos, conversando com o Dr. Gabignaud na noite do jantar. Ou debruçado sobre a mesa de carteado forrada de feltro verde, observando ela e Isolde jogarem vinte e um.

Era como se ele se houvesse gravado no tecido da sala, embora Léonie nunca o houvesse sabido, até aquele instante.

Coube a monsieur Baillard convidar os policiais a se sentarem e conduzi-la a um canto da chaise longue, onde Léonie sentou-se, como que semiadormecida. Baillard permaneceu de pé atrás dela.

Thouron explicou a sequência dos acontecimentos, tal como reconstituída pela polícia, da noite do assassinato da mãe dela, em 20 de setembro, desde a descoberta do cadáver até os pequenos passos dados pela investigação que os tinha levado a Carcassonne e, de lá, a Rennes-les-Bains.

Léonie ouviu as palavras como se viessem de um lugar muito remoto. Elas não lhe penetraram na mente.

Embora fosse de sua mãe que Thouron estava falando —e ela havia amado a mãe —, a perda de Anatole erguera em volta de seu coração um muro de pedra que não permitia a entrada de nenhuma outra emoção. Haveria tempo suficiente para chorar por Marguerite. E também pelo médico gentil e honrado. Por ora, no entanto, nada senão Anatole — e a promessa que ela fizera ao irmão de cuidar de sua mulher e de seu filho — exercia a menor influência em sua mente.

— E então — Thouron foi concluindo —, o porteiro admitiu ter sido pago para entregar qualquer correspondência. A empregada da família Debussy confirmou também ter visto o homem rondando a rue de Berlin, nos dias que levaram e se sucederam ao... incidente.

O inspetor fez uma pausa e acrescentou:

— Aliás, não fosse pela carta escrita a sua mãe por seu falecido irmão, não sei como os teríamos encontrado.

— Você identificou o homem, Thouron? — perguntou Baillard.

— Apenas de vista. Um indivíduo de aparência las-timável. Pele marcada e vermelha, pouco ou nenhum cabelo no couro cabeludo cheio de pústulas.

Léonie sobressaltou-se. Três pares de olhos a fitaram.

— Conhece-o, mademoiselle Vernier? — perguntou Thouron.

A imagem do homem encostando o cano do revól-

ver na têmpora do Dr. Gabignaud e apertando o gatilho.

A explosão de ossos e sangue manchando o chão da floresta.

Léonie respirou fundo.

— Ele é capanga de Victor Constant. Thouron trocou outro olhar com Bouchou.

— O conde de Tourmaline?

— Perdão, como disse?

— Trata-se do mesmo homem: Constant, Tourma-

line. Ele usa qualquer desses nomes, dependendo das circunstâncias e da companhia.

— Ele me deu seu cartão — disse Léonie, com a voz oca. — Victor Constant.

Sentiu a pressão tranquilizadora da mão de Audric Baillard em seu ombro.

— O conde de Tourmaline é suspeito nesse caso, inspetor Thouron? — indagou ele.

O policial hesitou, mas, claramente decidindo que não haveria nenhum benefício em ocultar o fato, assentiu com a cabeça.

— E, pelo que descobrimos, ele também viajou de Paris para o Midi, dias depois do falecido monsieur Vernier — esclareceu.

Léonie não o ouviu. Só conseguia pensar em como seu coração havia saltado quando Victor Constant lhe se-gurara a mão. Em como tinha guardado o cartão dele em segurança, enganando Anatole. Em como, em sua imaginação, aceitara-o em sua companhia de dia e em seus sonhos de noite.

Ela o havia conduzido ao casal. Por causa dela, Anatole estava morto.

— Léonie — perguntou Baillard, em voz baixa. —

Era Constant o homem de quem madama Vernier havia fugido? O homem com quem o sénher Anatole duelou esta noite?

Léonie obrigou-se a responder.

— Era ele — respondeu, com a voz morta.

Baillard atravessou a sala, foi até a mesinha redonda das bebidas, serviu uma taça de conhaque para Léonie e voltou.

— Pela sua expressão, senhores — disse, pondo a taça nas mãos frias da jovem —, creio que esse homem é seu conhecido.

— É — confirmou Thouron. — O nome dele apa-

receu várias vezes no inquérito, mas nunca com indícios suficientes para associá-lo ao crime. Ele parece haver alimentado uma vendeta contra monsieur Vernier, promo-vendo uma campanha engenhosa e em surdina, até estas últimas semanas, quando se tornou menos cuidadoso.

— Ou mais arrogante — interpôs Bouchou. —

Houve um incidente numa... casa de recreação do quartier Barbes, em Carcassonne, que deixou uma moça terrivelmente desfigurada.

— Cremos que o comportamento cada vez mais instável dele se deve, em parte, à aceleração agressiva de sua... doença. Ela começou a lhe afetar o cérebro — disse Thouron, que se interrompeu e moveu os lábios para pronunciar a palavra sem que Léonie a ouvisse: — Sífilis.

Baillard deu a volta na chaise longue e se sentou ao lado de Léonie.

— Diga ao inspetor Thouron o que você sabe —pediu, segurando-lhe a mão.

Léonie levou a taça aos lábios e tomou outro gole.

O álcool queimou-lhe a garganta, mas lhe tirou o gosto amargo da boca.

Que necessidade havia de ocultar alguma coisa agora?

Começou a falar, sem esconder nada, detalhando tudo o que havia acontecido — desde o enterro no cemitério de Montmartre e do assalto na Passagem dos Panoramas até o momento em que ela e seu querido Anatole haviam

desembarcado do courrier publique na Place du Pérou, e até os acontecimentos sangrentos dessa noite, nos bosques da Herdade do Cade. Março, setembro, outubro.

Lá em cima, Isolde continuava cativa da febre cere-bral que a havia tomado no instante em que vira Anatole cair.

Imagens e ideias deslizavam para dentro e para fora de sua mente. Suas pálpebras se entreabriam, oscilantes.

Por um momento alegre e fugaz, ela se via deitada nos braços de Anatole, a luz bruxuleante refletida nos olhos do marido, mas a visão se desfazia. A pele começava a se desprender do rosto dele, revelando o crânio por baixo, deixando apenas uma caveira — ossos, dentes e buracos negros onde seus olhos tinham estado.

E sempre os sussurros, as vozes, os tons maldosos e frios de Constant insinuando-se em seu cérebro hipera-quecido. Isolde se debatia e virava a cabeça no travesseiro, tentando livrá-la daquele eco, mas conseguindo apenas tornar mais alta a cacofonia. O que era voz, o que era eco?

Ela sonhou que viu o filho chorando pelo pai que nunca havia conhecido, separada dele e de Anatole como se estivesse atrás de uma lâmina de vidro. Gritou para os dois, mas nenhum som saiu de seus lábios e eles não a ouviram. Quando estendeu a mão, o vidro se estilhaçou numa miríade de cacos afiados, e ela se viu tocando uma pele fria e inflexível como o mármore. Apenas estátuas.

Lembranças, sonhos, premonições. Uma mente desprendida de suas amarras.

Enquanto o relógio ia batendo os minutos até a meia-noite, a hora das bruxas, o vento começou a assobiar e uivar e sacudir os caixilhos de madeira das janelas da casa.

Uma noite desassossegada. Não era noite para se estar ao relento.



PARTE X

O lago

Outubro de 2007

CAPÍTULO 84

QUARTA-FEIRA, 31 DE OUTUBRO DE 2007

Quando Meredith tornou a acordar, Hal havia saído. Estendeu a mão para o espaço vazio a seu lado na cama, onde ele havia dormido. O lençol estava frio, mas o perfume suave no travesseiro e a marca de onde estivera sua cabeça persistiam.

As venezianas estavam fechadas, deixando escuro o quarto. Meredith consultou o relógio. Oito horas. Calculou que Hal não quisera que as camareiras o vissem e tinha voltado para seu quarto. Levou a mão de leve ao rosto, como se a pele guardasse a lembrança de onde os lábios dele tinham-lhe dado um beijo de despedida, ainda que ela não se recordasse.

Passou algum tempo afundada nas cobertas, pensando em Hal, pensando na sensação dele a seu lado, dentro de seu corpo, e nas emoções que deixara transbordar profusamente na véspera. De Hal, seus pensamentos vagaram para Léonie, a garota de cabelos de cobre, sua outra companheira noturna. Não posso dormir.

As palavras do sonho de que Meredith se recordava, ouvidas, mas não proferidas. A sensação de pesar, de inquietação, o fato de que Léonie queria alguma coisa dela.

Levantou-se da cama. Calçou um par de soquetes grossas, para manter os pés aquecidos. Hal tinha esquecido o suéter, amontoado na cadeira em que o havia jogado na véspera. Meredith o encostou no rosto, aspirando o perfume. Depois o vestiu, enorme e folgado, e catou uma calça de malha.

Olhou para o retrato. A fotografia do soldado sépia, o trisavô Vernier, estava

encaixada no canto da moldura, onde ela a pusera na tarde anterior. Meredith sentiu o aguilhão da possibilidade. As ideias descasadas que viera acumulando na cabeça tinham-se acomodado no decorrer da noite.

O primeiro passo evidente era descobrir se Anatole Vernier tinha sido casado, embora isso fosse mais fácil de falar do que de fazer. Ela também precisava descobrir que ligação ele e Léonie teriam com Isolde Lascombe. Será que moravam na casa em 1891, na época em que a foto fora tirada, ou tinham sido apenas visitantes naquele outono? Como seu trabalho detetivesco on-line lhe recordara na véspera, as pessoas comuns não apareciam na internet, pura e simplesmente. Era preciso pescar em sites de genealogia, eram necessários nomes e datas e cidades de nascimento e óbito, para ter ao menos uma chance de obter a informação.

Ligou o computador e entrou na rede. Ficou desa-pontada, mas não surpresa, ao constatar que não chegara mais nada de Mary, mas digitou depressa outro e-mail para Chapel Hill, para lhe contar as novidades das últimas 24

horas e perguntar se ela poderia verificar mais algumas coisas. Não falou nada sobre Hal. Não falou nada sobre Léonie. Não fazia sentido dar-lhe motivos de preocupa-

ção. Despediu-se, prometendo manter contato, e apertou a tecla ENVIAR.

Com um pouco de frio e se descobrindo com sede, foi ao banheiro encher a chaleira. Enquanto esperava a água ferver, correu os olhos pelas lombadas dos livros na prateleira acima da escrivaninha. Teve a atenção despertada por um deles, Diables et Esprits Maléfiques et Phantômes de la Montagne. Pegou-o e o abriu. A folha de guarda lhe disse tratar-se de uma nova edição de um livro mais antigo de um autor local, Audric S. Baillard, que fora morador de uma aldeia nos Pireneus, Los Seres, e tinha falecido em 2005. Não havia data da publicação original, mas era óbvio que se tratava de um clássico do lugar. De acordo com as críticas na quarta capa, era considerado o texto definitivo sobre o folclore montes dos Pireneus.

Meredith deu uma espiada no índice e viu que o livro se dividia em histórias por região — Couiza, Coustaussa, Durban, Espéraza, Fa, Limoux, Rennes-les-Bains, Rennes-le-Château, Quillan. A ilustração que decorava a parte referente a Rennes-les-Bains era uma fotografia em preto e branco da Place des Deux

Rennes, tirada por volta de 1900, na época em que a praça era conhecida como Place du Pérou. Meredith sorriu. A foto pareceu-lhe muito familiar. Ela conseguiu até identificar o ponto exato, sob os galhos espalhados dos plátanos, em que seu ancestral estivera parado.

A chaleira assobiou e desligou. Meredith derramou um pacotinho de chocolate numa xícara com água quente, mexeu-o com dois torrões de açúcar, levou a bebida e o livro para a poltrona junto à janela e começou a ler.

As histórias da coleção assemelhavam-se de um lugar para outro — mitos sobre demônios e diabos, velhos de gerações, ou até de milênios, ligando o folclore a fenômenos naturais: a Poltrona do Diabo, a montanha Chifruda, o lago do Diabo, todos eles nomes com que Meredith já havia se deparado no mapa. Voltou à página de créditos, para confirmar se realmente não havia indicação de quando o livro fora publicado pela primeira vez. A indicação não estava lá. A história mais recente que ela notou datava do começo da década de 1900, embora, considerando-se que o autor tinha morrido fazia apenas dois anos, ela presumisse que ele teria colhido as histórias em época mais recente.

O estilo de Baillard era claro e conciso, dando as informações factuais com um mínimo de embelezamento.

Animada, Meredith descobriu que havia uma seção inteira sobre a Herdade do Cade. A propriedade passara às mãos da família Lascombe durante as Guerras Religiosas, uma sucessão de batalhas travadas entre católicos e huguenotes, de 1562 a 1568. Antigas famílias haviam sucumbido, substituídas por parvenus recompensados por sua lealdade à casa católica dos Guise ou à casa calvinista dos Bourbon.

Meredith leu depressa. Jules Lascombe tinha herdado a propriedade por ocasião da morte de seu pai, Guy Lascombe, em 1865. Casara-se com uma certa Isolde La-bourde em 1885 e falecera em 1891, sem deixar filhos. Ela sorriu ao ver mais uma peça do quebra-cabeça encaixar-se, com uma olhadela para a eterna Isolde, viúva de Jules, atrás do vidro do porta-retratos. Então lhe ocorreu que não havia notado o nome de Isolde no túmulo da família Lascombe-Bousquet em Rennes-les-Bains e perguntou a si mesma por quê.

Mais uma coisa para verificar.

Tornou a baixar os olhos para a página. Baillard passou a falar das lendas

associadas à Herdade. Durante muitos anos, houvera rumores de uma fera assustadora e perversa que teria aterrorizado a zona rural em torno de Rennes-les-Bains, atacando crianças e lavradores em fazendas isoladas. O traço característico dos ataques eram as marcas de garras: três cortes largos no rosto. Marcas inusitadas.

Meredith tornou a parar, pensando nos ferimentos sofridos pelo pai de Hal quando seu carro caíra no rio. E

na estátua desfigurada de Maria sobre o pilar visigótico, no acesso à igreja de Rennes-le-Château. Seguiu-se de pronto a lembrança de um fragmento do pesadelo — a imagem de uma tapeçaria pendurada numa escadaria mal iluminada. A sensação de ser perseguida, de garras e pelo negro encostando em sua pele, deslizando sobre suas mãos.

Un, deux, trois, loup.

E, de novo, o cemitério de Rennes-les-Bains e a recordação de um dos nomes no monumento aos mortos da Primeira Guerra Mundial: Saint-Loup. Coincidência?

Meredith esticou os braços para cima, tentando livrar-se do frio, da rigidez matinal e das lembranças da noite, e tornou a fitar a página. Houvera muitas mortes e desaparecimentos entre 1870 e 1885. Seguira-se um período de relativa calma, acompanhado por uma intensificação dos boatos a partir do outono de 1891, bem como da convicção crescente de que a criatura — um demônio, no folclore local — abrigava-se num sepulcro visigótico situado nas terras da Herdade do Cade. Houvera mortes —agressões intermitentes, sem atribuição de autoria — durante os seis anos seguintes, e então os ataques haviam cessado abruptamente em 1897. O autor não o dizia com essas palavras, mas deixava implícito que o fim do terror estivera ligado ao fato de algumas partes da casa terem sido arrasadas pelo fogo e de o sepulcro ter sido destruído.

Meredith fechou o livro e se enroscou bem na poltrona. Tomou seu chocolate quente e procurou ordenar as ideias, percebendo o que a incomodava. Não era estranho que, num livro dedicado ao folclore e às lendas, não houvesse nenhuma referência ao baralho de tarô? Audric Baillard devia ter ouvido falar dele durante suas pesquisas. O

baralho não apenas se inspirara na paisagem local e fora impresso pela família Bousquet, como também se enquadrava exatamente no período abarcado pelo

livro.

Seria uma omissão intencional?

E então, de repente, ela tornou a senti-la: uma friagem, uma densidade no ar que antes não estivera ali. A sensação de haver mais alguém presente, não muito longe nem dentro do quarto, mas perto. Fugaz, apenas uma impressão.

Léonie?

Meredith levantou-se, descobrindo-se atraída pela janela. Soltou o comprido trinco de metal, puxou os dois caixilhos altos e envidraçados e empurrou as venezianas para fora, fazendo-as encostar na parede externa. O ar esfriou-lhe a pele e fez seus olhos lacrimejarem. As copas das árvores balançavam, assobiando e suspirando ao ro-dopiar do vento por entre os troncos antigos, pelo emaranhado de folhas e cascas. O ar se agitava, carregando a lembrança em eco da música em seu interior. Notas vagando na brisa. A melodia do próprio lugar.

Ao contemplar as terras que se estendiam à sua frente, Meredith captou um movimento pelo canto do olho. Virou-se para baixo e viu uma figura ágil e graciosa, de capa longa e capuz cobrindo a cabeça, emergir da proteção do prédio.

O vento lhe pareceu ganhar força, agora correndo pela abertura em arco na sebe de buxos que levava às campinas silvestres e, mais adiante, à mata fechada. Apesar da distância, ela pôde discernir as cristas brancas de espuma, quando o vento fez a água bater nas bordas do lago e transpô-las, molhando o gramado.

A silhueta, a impressão, a figura se manteve nas sombras, deslizando sob o olhar nascente do sol pálido, que dardejava e sumia por entre as finas camadas de nuvens que corriam no céu rosado. Pareceu pairar sobre a grama úmida, revestida de um levíssimo brilho de orvalho.

Meredith captou o cheiro de terra, de outono, de solo úmido, de restolho, de fogueiras. E de ossos.

Ficou olhando, num silêncio cativo, enquanto a figura feminina — feminina, tinha certeza — seguiu para o lado oposto do lago ornamental. Por um instante, ela se deteve e ficou parada num pequeno promontório que dava para a água. A visão de Meredith pareceu estreitar-se numa proximidade impossível, como o

close-up de uma câmera. Ela imaginou o capuz caindo do rosto da jovem, que era pálido e perfeitamente simétrico, com olhos verdes que um dia haviam cintilado com a transparência de esmeraldas. Forma sem cor. A massa de mechas revoltas caiu, como cachos de cobre batido, transparentes à luz matinal, sobre os ombros magros do vestido vermelho, descendo até a cintura fina. Silhueta sem forma. A jovem pareceu prender o olhar de Meredith no seu, oferecendo-lhe o reflexo de suas próprias esperanças, temores e fantasias.

Depois, esgueirou-se e desapareceu na floresta.

— Léonie? — Meredith murmurou no silêncio.

Manteve a vigília por mais algum tempo à janela, olhando para o ponto do outro lado do lago em que a figura estivera. O ar distante se acalmara. Nada se agitou nas sombras.

Por fim, ela recuou para o interior do quarto e fechou a janela.

Dias antes — não, até horas antes —, teria ficado apavorada. Temeria o pior. Fitaria seu reflexo no espelho e, em vez do seu, veria o rosto de Jeanette a olhá-la.

Mas não agora.

Não sabia como explicar, mas tudo havia mudado.

Sua mente lhe parecia inteiramente lúcida. Ela estava ótima. Não estava assustada. Não estava enlouquecendo. As visões, as aparições, formavam uma sequência, como uma peça musical. Sob a ponte em Rennes-les-Bains — água.

Na estrada de Sougraigne — terra. Ali no hotel — particularmente nesse quarto, onde a presença dela era mais forte —, ar.

Espadas, o naipe do ar, representava a inteligência e o intelecto. Copas, o naipe associado à água, as emoções.

Pentáculos, o naipe da terra, era o da realidade física, do tesouro. Dos quatro naipes, faltava apenas o do fogo. Varas, o naipe do fogo, da energia e do conflito.

A história está nas cartas.

Ou talvez o quarteto se houvesse completado no passado, não no presente. Quem sabe no incêndio que havia destruído grande parte da Herdade do Cade fazia mais de cem anos?

Meredith voltou para a reprodução do baralho que Laura lhe dera, virando as cartas uma a uma e tornando a examinar as imagens como fizera na tarde anterior, desejando que elas lhe revelassem seus segredos. Dispondo-as uma a uma, deu rédea solta ao pensamento. Pensou na conversa com Hal a caminho de Rennes-le-Château, em como os visigodos enterravam seus reis e nobres junto com seus tesouros, em sepulturas ocultas, não em cemitérios. Em câmaras secretas sob rios, desviando-lhes o curso por tempo suficiente para escavar o local e preparar a câmara mortuária.

Se o baralho original tinha sobrevivido ao incêndio, escondido em segurança nas terras da Herdade do Cade, que lugar seria mais seguro do que uma antiga sepultura visigótica? O próprio sepulcro, segundo o livro de Baillard, datava do mesmo período. Se houvesse um rio na propriedade, seria o esconderijo perfeito. Bem à vista, mas totalmente inacessível.

Lá fora, os raios de sol finalmente cindiram as nuvens.

Meredith bocejou. Sentia-se zonza pela falta de sono, mas vibrante de adrenalina. Deu uma olhadela no relógio. Hal tinha dito que a Dra. O'Donnell chegaria às dez, mas ainda faltava uma hora.

Tempo de sobra para o que tinha em mente.

Hal estava parado em seu quarto, na área reservada ao pessoal do hotel, pensando em Meredith.

Depois de ajudá-la a voltar a dormir, depois do pesadelo, ele se descobrira totalmente desperto. Não querendo perturbá-la, caso acendesse a luz, acabara decidindo sair de mansinho e voltar a seu quarto, para repassar suas anotações antes do encontro com Shelagh O'Donnell.

Queria estar preparado.

Consultou o relógio. Nove horas. Uma hora para esperar até rever Meredith.

Suas janelas, no último andar, davam para o sul e o leste, oferecendo-lhe uma

visão ininterrupta dos gramados e do lago, nos fundos, e da cozinha e das áreas de serviço, na lateral. Hal viu um dos carregadores jogar um saco preto de lixo no latão. Um outro estava de pé, braços cruzados para espantar a friagem, fumando um cigarro. Sua boca soltava baforadas brancas no ar límpido da manhã.

Hal sentou-se no peitoril, depois se levantou e atravessou o quarto para buscar água, e tornou a mudar de ideia. Estava nervoso demais para se aquietar. Sabia que não convinha alimentar muitas esperanças de que a Dra.

O'Donnell viesse a ter todas as respostas. Mesmo assim, não conseguia deixar de acreditar que ao menos ela poderia lhe dar alguma informação sobre a noite da morte de seu pai. Talvez se lembrasse de alguma coisa que obrigasse a polícia a tratá-la como uma morte suspeita, e não um acidente de trânsito.

Passou os dedos pelo cabelo.

O pensamento vagou de novo para Meredith. Hal sorriu. Talvez, quando estivesse tudo terminado, ela não se incomodasse em receber uma visita sua nos Estados Unidos. Obrigou-se a parar. Era ridículo pensar assim depois de apenas dois dias. Mas ele sabia. Não sentia nada tão forte por uma garota fazia muito tempo. Nunca sentira.

E o que havia para impedi-lo? Nada de emprego, um apartamento vazio em Londres. Ele tanto poderia estar nos Estados Unidos quanto em qualquer lugar. Podia fazer o que bem entendesse. Teria dinheiro. Sabia que o tio compraria sua parte.

Se Meredith gostasse de tê-lo por lá.

Postou-se diante da janela alta, vendo a vida do hotel prosseguir em silêncio lá embaixo. Flexionou os braços acima da cabeça e bocejou. Um carro vinha subindo lentamente a longa alameda de entrada. Ele viu uma mulher alta e magra, cabelo curtinho e escuro, saltar e subir, meio hesitante, a escadaria da frente.

Segundos depois, tocou o telefone em sua mesa de cabeceira. Era Eloise, da recepção, para avisar que sua convidada tinha chegado.

— O quê? Ela está adiantada quase uma hora.

— Quer que eu lhe peça para esperar? Hal hesitou.

— Não, tudo bem. Eu desço já.

Tirou o paletó do encosto da cadeira e desceu depressa dois lanços da estreita escada de serviço. Embaixo, parou para enfiar os braços no paletó e fazer uma ligação pelo telefone do pessoal do hotel.

Meredith vestiu o suéter marrom-claro de Hal por cima dos jeans azuis e da camiseta de manga comprida, enfiou os pés nas botas e pegou a jaqueta de brim, uma echarpe e um par de luvas de lã, imaginando que ainda estaria frio lá fora. Já pusera a mão na maçaneta quando o telefone tocou. Correu para atender.

— Olá, você — disse, com uma onda de prazer ao som da voz de Hal. Mas a resposta foi abrupta e objetiva:

— Ela está aqui.



CAPÍTULO 85

— Quem? A Léonie? — gaguejou Meredith, num curto-circuito momentâneo das ideias.

— Quem? Não, a Dra. O’Donnell. Ela já chegou.

Estou na recepção. Você pode descer para nos encontrar?

Meredith deu uma espiada pela janela, percebendo que sua expedição ao lago teria de esperar um pouco mais.

— É claro — suspirou. — Me dê cinco minutos.

Tirou as camadas extras de roupa, substituiu o suéter de Hal por um suéter vermelho de gola redonda, pen-teou o cabelo e saiu do quarto. Chegando ao patamar, parou para dar uma olhada no saguão de piso xadrez lá embaixo. Viu Hal falando com uma mulher alta, de cabelo preto, que lhe pareceu ser conhecida. Levou um instante para situá-la, e então se lembrou. Place des Deux Rennes, na noite de sua chegada, encostada na parede, fumando.

— Ora, vejam só — murmurou consigo mesma. O

rosto de Hal iluminou-se à sua aproximação.

— Oi — disse ela, dando-lhe um beijo rápido no rosto e oferecendo a mão à Dra. O'Donnell. — Eu sou Meredith. Desculpe tê-la feito esperar.

A mulher espremeu os olhos, claramente com dificuldade de situá-la.

— Trocamos umas duas palavras na noite do funeral — disse Meredith, ajudando. — Do lado de fora da pizzaria, na praça, lembra-se?

— Foi? — disse a Dra. O'Donnell. Em seguida, seu rosto relaxou. — Isso mesmo.

— Vou mandar levarem um café para nós no bar

— disse Hal, seguindo à frente. — Lá será um lugar sossegado para conversarmos.

Meredith e a Dra. O'Donnell o acompanharam, a primeira fazendo perguntas à mais velha, para quebrar o gelo. Há quanto tempo ela morava em Rennes-les-Bains, qual era sua ligação com a região, em que ela trabalhava.

As coisas de praxe.

Shelagh O'Donnell respondeu com bastante desenvoltura, mas havia uma tensão nervosa por trás de tudo que dizia. Era muito magra. Os olho ficavam em constante movimento e ela esfregava repetidamente as pontas dos dedos no polegar. Meredith calculou que não teria mais de 30 anos, mas exibia a pele enrugada de uma mulher mais velha. Compreendeu por que a polícia talvez não levasse a sério as suas observações na madrugada.

Sentaram-se à mesma mesa de canto que haviam ocupado na noite anterior, com o tio de Hal. A atmosfera era muito diferente de dia. Foi difícil evocar a lembrança do vinho e dos coquetéis da noite anterior, dado o cheiro de polidor de cera e flores recém-colhidas no bar, assim como a pilha de caixas à espera de que seu conteúdo fosse desembalado.

— Merci— disse Hal, quando a garçonete pôs a bandeja de café à frente deles.

Houve uma pausa enquanto ele o servia. A Dra.

O’Donnell pediu o seu puro. Já Meredith, mexendo o a-

çúcar no café, notou as mesmas cicatrizes vermelhas que vira nos pulsos dela na primeira ocasião, e se perguntou o que teria acontecido para causá-las.

— Antes de qualquer outra coisa, quero agradecer-lhe por ter concorda do em conversar comigo — disse Hal.

Meredith sentiu alívio por ele soar calmo, controlado e racional.

— Conheci o seu pai. Era um bom homem, um amigo. Mas tenho de lhe dizer que realmente não há mais nada que eu possa lhe contar.

— Compreendo — respondeu Hal —, mas, se pu-

der ter um pouquinho de paciência comigo, enquanto dou uma passada nas coisas... Reconheço que o acidente foi há mais de um mês, mas há umas coisas na investigação com que não estou satisfeito. Eu tinha esperança de que você pudesse me falar um pouco daquela noite, em si. Creio que a polícia disse que você pensou ter ouvido alguma coisa, não foi?

Shelagh correu os olhos de Meredith para Hal e tornou a desviados.

— Eles continuam dizendo que o Seymour saiu da estrada porque estava bêbado?

— É o que eu acho difícil de aceitar. Não consigo imaginar meu pai fazendo isso.

Shelagh tirou um fiapo das calças. Meredith notou como estava nervosa

— Como você conheceu o pai do Hal? — pergun-

tou, na esperança de deixá-la um pouco mais confiante.

Hal pareceu surpreso com a interrupção, mas Meredith abanou de leve a cabeça e ele a deixou ir em frente.

Shelagh O’Donnell sorriu. O sorriso transformou-lhe. o rosto e, por um

momento, Meredith percebeu o quanto ela seria atraente, se fosse menos machucada pela vida.

— Naquela noite, na praça, você me perguntou o que queria dizer bien-aimé.

— Isso mesmo.

— Bem, o Seymour era exatamente isso. Uma pessoa de quem todos gostavam. E todos o respeitavam, também, mesmo sem conhecê-lo muito. Ele era sempre educado, gentil com os garçons, os balconistas de loja, tratava a todos com respeito, ao contrário... — interrompeu-se. Meredith e Hal se entreolharam, ambos pensando a mesma coisa: que Shelagh estava comparando Seymour a Julian Lawrence. — Ele não passava muito tempo aqui, é claro — ela se apressou a continuar —, mas eu o conheci quando...

Fez uma pausa e ficou remexendo num botão da jaqueta.

— Sim? — incentivou-a Meredith. — Conheceu-o

quando...?

Shelagh deu um suspiro.

— Passei por... por uma fase difícil na vida, uns dois anos atrás. Estava trabalhando numa escavação arqueológica não muito longe daqui, nos montes Sabarthès, e me deixei envolver numa história. Tomei umas decisões erradas — e fez uma pausa. — O resumo da história é que as coisas ficaram difíceis desde então. Minha saúde não anda muito boa, por isso só consigo trabalhar algumas horas por semana, fazendo algumas avaliações nos ateliês de Couiza.

— Tornou a parar, depois disse: — Vim morar em Rennes-les-Bains há cerca de um ano e meio. Tenho uma amiga, Alice, que mora com o marido e a filha num vilarejo não muito longe daqui, Los Seres, de modo que era um lugar lógico para eu vir.

Meredith reconheceu o nome.

— Los Seres é o lugar de onde veio o escritor Audric Baillard, não é? Hal levantou as sobrancelhas.

— Estive lendo um livro dele, mais cedo. Lá no quarto. É uma das pechinchas do vide-grenier do seu pai.

Nesse momento ele sorriu, obviamente satisfeito por ela ter-se lembrado.

— O homem é esse mesmo — confirmou Shelagh.

— Minha amiga Alice o conhecia bem — acrescentou, mas seus olhos se enevoaram. — Também o conheci.

Pela expressão no rosto de Hal, Meredith percebeu que a conversa lhe trouxera algo à lembrança, mas ele não disse nada.

— A questão é que eu andava tendo problemas.

Bebendo demais — disse Shelagh, virando-se para Hal. —

Conheci o seu pai num bar. Em Couiza, na verdade. Estava cansada, provavelmente tinha bebido além da conta.

Começamos a conversar. Ele foi gentil, ficou meio preocupado comigo. Insistiu em me dar carona na volta para Rennes-les-Bains. Nada de segundas intenções. Na manhã

seguinte, ele apareceu e me levou a Couiza para buscar meu carro — disse e fez uma pausa. — Nunca voltou a mencionar o assunto, mas, depois disso, sempre dava uma passada na minha casa quando vinha da Inglaterra.

Hal balançou a cabeça.

— Então você não acredita que ele teria sentado ao volante se não estivesse em condições de dirigir?

Shelagh encolheu os ombros.

— Não sei dizer com certeza, mas não, não consigo imaginar isso. Meredith continuou a achar que os dois eram meio ingênuos. Muita gente dizia uma coisa e fazia outra, mas, ainda assim, a evidente admiração e o respeito de Shelagh pelo pai de Hal a impressionou.

— A polícia disse ao Hal que você achou ter ouvido o acidente, mas só se deu conta do que tinha acontecido na manhã seguinte — disse, em tom delicado. — É

isso mesmo?

Shelagh levou a xícara de café à boca com a mão trêmula, bebeu uns dois goles e a repôs no pires, chacoalhando-a.

— Para ser franca, não sei o que ouvi. Nem se teve alguma ligação.

— Continue.

— Decididamente foi alguma coisa, mas não o guincho habitual das freadas, nem os pneus cantando quando as pessoas entram naquela curva depressa demais; foi só uma espécie de estrondo, eu acho. — Fez uma pausa. — Eu estava ouvindo um disco do John Martyn, Solid Air. É uma música suave, mas, mesmo assim, eu não teria escutado o barulho lá fora se não estivesse na pausa entre o fim de uma faixa e o começo de outra.

— A que horas foi isso?

— Ali pela uma hora, mais ou menos. Levantei e espiei pela janela, mas não consegui ver absolutamente nada. Estava tudo escuro, em completo silêncio. Presumi que o carro já tinha passado. Só de manhã, quando vi a polícia e uma ambulância na margem do rio foi que fiquei intrigada.

O rosto de Hal deixou claro que ele não sabia onde Shelagh queria chegar com aquela história. Mas Meredith sabia.

— Espere, deixe-me ver se entendi direito. Você está dizendo que olhou pela janela e não viu nenhum fa-rol. Certo?

Shelagh confirmou com a cabeça.

— E contou isso à polícia?

Hal olhou de uma para a outra e comentou:

— Não tenho certeza se isso é tão importante.

— Talvez não seja — apressou-se a dizer Meredith

—, mas é esquisito. Primeiro, mesmo que o seu pai estivesse acima do limite de velocidade, e não estou dizendo que estivesse, será que ele dirigiria sem acender os faróis?

Hal franziu o cenho:

— Mas, se o carro voou por cima da ponte e caiu na água, pode ser que eles tivessem se quebrado.

— É claro, mas, pelo que você disse antes, o carro não ficou especialmente danificado — disse Meredith e prosseguiu. — Além disso, pelo que a polícia lhe contou, a Shelagh ouviu uma freada etc., não é?

Hal fez que sim.

— Só que a Shelagh acabou de nos dizer que isso foi exatamente o que ela não ouviu.

— Ainda não...

— Duas coisas. Primeiro, por que o relatório da polícia foi impreciso? Segundo, e admito que isto é uma especulação, se o seu pai tivesse realmente perdido o controle do carro na curva e voado da ponte, com certeza teria havido: a) mais barulho, e b) alguma coisa visível. Não acredito que todas as luzes se apagassem.

A expressão de Hal começou a mudar.

— Você está sugerindo que o carro poderia ter sido empurrado da borda, em vez de dirigido?

— É uma explicação — disse Meredith.

Por um instante os dois se entreolharam, com os papéis invertidos: Hal cético, Meredith construindo uma argumentação.

— Há mais uma coisa — interpôs Shelagh. Os dois se viraram para ela, depois de quase haverem esquecido sua presença por um momento. — Quando fui me deitar, talvez uns 15 minutos depois, ouvi outro carro na estrada.

Por causa do barulho de antes, fui olhar.

— E? — disse Hal.

— Era um Peugeot azul, indo para o sul, em dire-

ção a Sougraigne. Só de manhã me ocorreu que isso tinha sido depois do acidente, por volta da uma e meia. Se o carro tinha vindo da cidade, o motorista não poderia deixar de ver o automóvel batido, caído no rio. Por que não notificou a polícia naquela hora?

Meredith e Hal se entreolharam, pensando no carro parado no estacionamento do pessoal, nos fundos do hotel.

— Como você pode ter certeza de que era um Peugeot azul? — perguntou Hal, mantendo a voz calma.

— Estava escuro.

Shelagh alvoroçou-se.

— Era exatamente a mesma marca e modelo do meu carro. Todo mundo tem um desses por aqui — disse em tom defensivo. — Além disso, há um poste de luz em frente à janela do meu quarto.

— O que a polícia disse, quando você contou isso?

— Eles não pareceram achar importante — foi a resposta. Shelagh olho de relance para a porta. — Descul-pem, tenho que ir andando.

Levantou-se. Meredith e Hal fizeram o mesmo.

— Escute — disse Hal, pondo as mãos nos bolsos

—, sei que é uma imposição terrível, mas haveria algum modo de convencê-la a ir à delegacia de Couiza comigo?

Para dizer o que você acabou de nos contar?

Shelagh começou a abanar a cabeça.

— Não sei. Já prestei um depoimento.

— Eu sei, mas se fôssemos juntos... — Hal insistiu.

— Vi o laudo do acidente, e quase nada do que você me disse está no arquivo — continuou correndo a mão pelo cabelo. — Eu a levo até lá, sim? — e fixou nela seus olhos azuis. — Só quero chegar ao fundo dessa história. Por meu pai.

Pela expressão angustiada no rosto de Shelagh, Meredith percebeu como aquilo estava sendo difícil para ela.

Era óbvio que não queria ter nada a ver com a polícia.

Mas sua afeição pelo pai de Hal saiu ganhando. Ela fez um aceno curto com a cabeça.

Hal suspirou de alívio.

— Obrigado. Muito obrigado. Vou buscar você, digamos, ao meio-dia Para que você possa resolver suas coisas. Isso lhe convém?

Shelagh fez que sim.

— Tenho uns assuntos urgentes para resolver hoje de manhã, foi por isque cheguei aqui mais cedo, mas estarei em casa às 11 horas.

— Tudo certo. E a sua casa fica...?

Shelagh deu-lhe o endereço. Todos trocaram apertos de mão, meio sem jeito, considerando-se as circunstâncias, e voltaram ao saguão. Meredith foi para seu quarto e deixou Hal levar a Dra. O’Donnell até o carro.

Nenhum deles ouviu o som de uma outra porta fechando — a que separava o bar dos escritórios, na parte dos fundos.

CAPÍTULO 86

Julian Lawrence estava com a respiração acelerada, o sangue latejando nas têmporas. Entrou em seu escritório e bateu a porta com tanta força, que a reverberação fez o vidro das estantes de livros sacudir.

Procurou os cigarros e o isqueiro no bolso do paletó. A mão tremia tanto que ele precisou de várias tentativas para acender um. O comissário havia mencionado que alguém se apresentara para depor, uma inglesa chamada Shelagh O'Donnell, mas tinha dito que ela não vira nada.

O nome soara meio familiar a Julian, mas ele havia deixado o assunto para lá. Como a polícia não parecera levá-la a sério, a coisa não se afigurara importante. Tinham-lhe dito que a mulher era uma *ivrogne*, uma bêbada.

Mesmo na hora em que ela aparecera no hotel nessa manhã, ele não tinha somado dois mais dois. O irônico é que só havia entrado de mansinho no escritório nos fundos do bar, para ouvir a conversa entre ela, Hal e Meredith Martin, por tê-la reconhecido de um dos antiquários de Couiza. E havia concluído, precipitadamente, que a Srta. Martin a havia convidado ao hotel para discutir o Tarô Bousquet.

Depois de escutar, ele percebera por que o nome de O'Donnell lhe soara conhecido. Em julho de 2005, tinha havido um incidente num sítio arqueológico nos montes Sabarthès. Julian não se lembrava dos detalhes exatos, mas várias pessoas haviam morrido, inclusive um famoso escritor local cujo nome lhe escapava. Nada disso tinha importância.

O importante é que a mulher vira o seu carro. Julian tinha certeza de que seria impossível provar que era o dele, e não outro de muitos automóveis idênticos, mas aquilo poderia bastar para inverter os pratos da balança. A polícia não levara O'Donnell a sério como testemunha, mas, se Hal continuasse a forçar a barra, talvez o fizesse.

Julian não acreditava que O'Donnell houvesse associado o Peugeot à Herdade do Cade até aquele momento, caso contrário, dificilmente teria ido lá nesta manhã.

Mas ele não podia correr o risco de que a mulher estabele-cesse essa ligação.

Teria que tomar uma providência. Mais uma vez, sua mão estava sendo forçada, tal como havia acontecido no caso de seu irmão. Ele olhou para o quadro na parede acima da escrivaninha: o antigo símbolo do tarô, que ofe-recia possibilidades infinitas, enquanto ele se sentia cada vez mais aprisionado numa armadilha.

Na prateleira abaixo estavam alguns objetos que ele havia achado em suas escavações na propriedade. Julian havia demorado a aceitar o fato de que o sepulcro destruído era apenas isso, um punhado de pedras antigas, mais nada. Porém havia encontrado uma ou outra peça. Um relógio caro, apesar de danificado, com as iniciais AV, e um medalhão de prata com duas miniaturas, ambos retirados das sepulturas que ele havia descoberto junto ao lago.

Era com isso que se importava: o passado. Encontrar as cartas. Não resolver os problemas do presente.

Foi até o bar envidraçado sobre o aparador e se serviu de um conhaque para acalmar os nervos. Virou-o de uma vez, depois deu uma olhadela no relógio.

Dez e quinze.

Pegou o paletó atrás da porta, pôs uma bala de hor-telã na boca, apanhou as chaves do carro e saiu.

CAPÍTULO 87

Meredith deixou Hal falando ao telefone, tentando marcar o encontro no comissariado de Couiza antes de buscar a Dra. O'Donnell, como prometera.

Deu-lhe um beijo no rosto. Ele ergueu a mão, mexeu a boca para dizer que a veria mais tarde e voltou a sua conversa unilateral. Meredith parou para perguntar à gentil recepcionista se ela sabia onde seria possível pegar emprestada uma pá. Eloise não manifestou qualquer reação a esse pedido estranho, simplesmente sugeriu que o jardineiro devia estar trabalhando nos jardins e talvez pudesse ajudar.

— Obrigada, vou perguntar a ele — disse Meredith, que enrolou a echarpe no pescoço e saiu para o terraço pelas portas de vidro. A neblina das primeiras horas da manhã praticamente se havia dissipado, embora um orvalho prateado fizesse a grama brilhar. Tudo era banhado por uma luz em tons de cobre e ouro, em contraste com o céu frio, pontilhado de nuvens brancas e cor-de-rosa.

Já pairava no ar o cheiro inebriante das fogueiras da véspera de Todos os Santos. Meredith o aspirou, deixando o perfume outonal reconduzi-la à infância. Ela e Mary, recortando religiosamente rostos em abóboras para fazer as lanternas do Halloween. Aprontando sua fantasia para a hora das guloseimas ou travessuras.

Em geral, ela saía com os amigos vestida de fantasma — um lençol branco com dois furos para os olhos e uma boca medonha, pintada com hidrocor preto.

Enquanto descia agilmente os degraus para a trilha de cascalho, ela pensou no que Mary estaria fazendo naquele momento. Depois, conteve-se. Seriam apenas cinco e quinze em casa. Mary ainda devia estar dormindo. Talvez ela lhe telefonasse depois, para lhe desejar um feliz Dia das Bruxas.

O jardineiro não estava visível em parte alguma, porém seu carrinho de mão estava lá. Meredith olhou em volta, para o caso de ele estar voltando, mas não viu nada.

Hesitou, depois pegou a colher de jardineiro que estava em cima das folhas, enfiou-a no bolso e partiu pelos gramados em direção ao lago. Devolveria a ferramenta assim que pudesse.

Foi uma impressão estranha, mas ela se sentiu seguindo os passos da figura que vira mais cedo nos gramados.

Vira? Imaginara?

Apanhou-se dando olhadelas de relance para a fachada do hotel, parando a certa altura para descobrir qual era a sua janela e se perguntando se seria possível ter visto o que julgara ter visto, a uma distância tão grande.

Quando terminou de percorrer a trilha que contornava a esquerda do lago, o terreno começou a se elevar.

Meredith subiu pela encosta gramada até um pequeno promontório que dava para a água, bem defronte do hotel.

Parecia loucura, mas ela se convenceu de que fora exatamente ali que tinha visto a figura parada, mais cedo.

Imaginado.

Havia um banco de pedra curvo, em forma de lua crescente. A superfície brilhava de orvalho. Meredith enxugou-a com as luvas e se sentou. Como toda vez que ficava perto de águas profundas, sua cabeça foi tomada por ideias ligadas a Jeanette e ao modo como ela escolhera pôr fim à vida: entrando no lago

Michigan com os bolsos cheios de pedras. Como Virginia Woolf, soubera Meredith no curso médio, anos depois, embora duvidasse que a mãe houvesse tido conhecimento disso.

No entanto, sentada contemplando o lago, ela se surpreendeu ao se perceber em paz. Estava pensando na mãe biológica, mas sem que isso fosse acompanhado pelo costumeiro sentimento de culpa. Sem o coração aos saltos, sem ondas de vergonha, sem arrependimento. Aquele era um lugar de reflexão, feito para a calma e a privacidade. O

crocitar dos corvos nas árvores, os pios mais agudos dos tordos na sebe alta e grossa de buxos às suas costas, tudo isolado da casa pela extensão de água, mas ainda plenamente visível.

Demorou-se um pouco mais, depois resolveu continuar a andar. Duas horas antes, ficara frustrada por não poder sair correndo e começar a procurai as ruínas do sepulcro. Dado o modo como Shelagh O'Donnell se portara no hotel, ela imaginou que Hal ficaria completamente atarefado. Não esperava que voltasse muito antes da uma.

Pegou o telefone celular, para confirmar que havia sinal, e tornou a guardá-lo. Hal poderia ligar, se precisasse entrar em contato.

Tomando cuidado para não escorregar na grama molhada, desceu para o terreno plano junto ao lago e ava-liou os arredores. Em uma direção, a trilha contornava o lago e levava de volta a casa. Na outra, uma trilha de mato mais alto enveredava pelo bosque de faias.

Meredith pegou a trilha da esquerda. Minutos depois, estava no meio das árvores, serpeando pelos salpicos de luz solar. O caminho levava a uma rede de trilhas en-

trecruzadas, todas muito parecidas. Umas subiam a encosta, outras pareciam descer para o vale. Ela pretendia encontrar as ruínas do sepulcro visigótico e, partindo de lá, procurar um local em que as cartas pudessem estar escondidas. Se fosse uma coisa muito óbvia, elas teriam sido encontradas anos antes, mas Meredith calculou que aquele seria um lugar tão bom quanto qualquer outro para come-

çar.

Seguiu uma trilha que conduzia a uma pequena clareira. Em mais alguns minutos, a encosta iniciou uma descida acentuada. O terreno sob seus pés modificou-se. Ela controlou as pernas, pisando devagar nas pedras e no cascalho escorregadios, descendo aos sacolejos, deslocando pinhas e gravetos caídos, e finalmente se viu parada numa espécie de plataforma natural, quase igual a uma ponte. E

embaixo dela, cruzando-a em ângulo reto, havia uma faixa de terra marrom que descia por toda a floresta verdejante ao redor.

Ao longe, por uma brecha entre as árvores, Meredith discerniu no morro distante um aglomerado de megálitos, cinzentos em meio aos bosques verdes, possivelmente os mesmos que Hal lhe havia apontado no caminho para Rennes-le-Château.

Os pelos de sua nuca se arrepiaram.

Ela percebeu que, dali, praticamente todos os marcos naturais que Hal havia mencionado — a Poltrona do Diabo, o bénitier, o lago do Diabo — eram visíveis. E

mais, daquele ponto, todos os locais usados como pano de fundo nas cartas também eram evidentes.

O sepulcro datava do tempo dos visigodos. Logo, era lógico que pudesse haver outras sepulturas visigóticas nas terras da propriedade, certo? Meredith olhou em volta.

E aquilo ali, pelo menos para seus olhos inexperientes, assemelhava-se muito a um leito seco de rio.

Tentando controlar a empolgação, ela procurou um lugar para descer. Não havia nenhuma descida óbvia. Meredith hesitou, agachou-se e virou o corpo, deixando-se escorregar pela borda. Por um instante, não houve nada, o corpo suspenso no ar pelos cotovelos. Depois, ela se soltou e caiu durante uma fração de segundo, o coração quase parando, até seus pés tocarem o chão.

Sentiu o impacto nos joelhos, endireitou o corpo e começou a descer. Parecia o leito de um regato intermitente ao final de um verão seco, mas estava escorregadio por causa da leve garoa outonal. Esforçando-se para não escorregar

nas pedras soltas e na úmida camada superficial do solo, Meredith foi olhando em volta, em busca de alguma coisa fora do comum.

A princípio, não lhe pareceu haver nenhuma descontinuidade na vegetação rasteira, toda emaranhada e pingando de orvalho. E, então, um pouco mais à frente, logo antes de a trilha dar outro mergulho acentuado, feito um escorregador gigante de parque de diversões, ela notou uma ligeira depressão. Chegou mais perto, até discernir uma pedra cinzenta e chata por baixo das raízes emaranhadas de uma moita esparramada de juníperos, com suas folhas que espetavam feito agulhas e seus frutos verdes e roxos. A depressão não era suficientemente grande para ser uma sepultura, mas a pedra não parecia ter sido posta ali por acaso. Meredith pegou o celular e bateu duas fotos.

Guardou o telefone, aproximou-se e puxou o emaranhado vegetal. os galhos finos eram fortes e duros, feito arame, porém ela conseguiu afastá-los o bastante para dar uma espiada no espaço verde e úmido em volta das raízes.

Sentiu uma descarga de adrenalina. Havia um círculo de pedras, oito ao todo. O desenho acionou uma lembrança em sua cabeça. Ela estreitou os olhos e se deu conta de que o formato das pedras fazia eco à coroa de estrelas na imagem de La Force. E, agora que estava parada ali, ela notou que a paisagem do lugar lembrava particularmente, na cor e no tom, a retratada na carta de tarô.

Com crescente expectativa, enfiou as mãos na folhagem, sentiu o limo verde e a lama penetrarem nas pontas das luvas baratas de lã, e afastou a pedra maior. Limpou a superfície e deu um suspiro de satisfação. Pintada a carvão ou tinta, ali estava uma estrela de cinco pontas dentro de um círculo.

O símbolo do naipe de pentáculos. O naipe do tesouro.

Bateu mais algumas fotos e pôs a pedra de lado. Tirou do bolso a colher de pedreiro furtada e começou a cavar, raspando pedras e cacos de telhas de barro não levadas ao forno. Puxou um dos pedaços maiores e o examinou. Parecia uma telha comum, embora Meredith se perguntasse como aquilo estaria enterrado ali, tão longe da casa.

Depois, a ponta da colher de jardineiro bateu em alguma coisa sólida. Temendo danificar alguma coisa, Meredith a pôs de lado e terminou o trabalho à mão, escavando lama, minhocas e besouros, já sem as luvas, para que os dedos fossem seus olhos.

Por fim, sentiu um pedaço de pano grosso, um tecido encerado. Enfiou a cabeça por baixo das folhas para olhar e levantou as pontas do pano, revelando a linda tampa laqueada de um pequeno baú, incrustado com fileiras de madrepérola entrecruzadas. Parecia uma caixa de joias, ou a caixa de costura de uma dama, linda e visivelmente de alto valor. No alto havia duas iniciais em latão opaco e corroído.

LV.

Meredith sorriu. Léonie Vernier. Tinha que ser.

Já ia abrindo a tampa, mas hesitou. E se o baralho estivesse lá dentro? O que significaria? Será que ela queria mesmo ver as cartas?

Agitada, sentiu a solidão oprimi-la. Os sons da floresta, antes tão gentis, tão tranquilizadores, agora pareciam opressivos, ameaçadores. Tirou o telefone do bolso e checou a hora. Quem sabe não deveria ligar para Hal? O desejo de ouvir outra voz humana — a voz dele — atingiu-a com força. Mas ela reconsiderou. Hal não gostaria de ser perturbado no meio de sua reunião com a polícia. Meredith hesitou, depois enviou um torpedo e se arrependeu na mesma hora. Atividade deslocada. E a última coisa que ela queria era dar a impressão de ser carente.

Tornou a contemplar a caixa diante dos seus olhos.

A história está nas cartas.

Limpou de novo nos jeans as palmas das mãos, su-arentas do esforço e da expectativa. E então, finalmente, levantou a tampa. A caixa estava cheia de carretéis de linha, fitas e dedais. O interior da tampa forrada tinha uma porção de agulhas e alfinetes espetados. Com os dedos sujos, esfolados pelo frio e pela escavação, Meredith tirou alguns carretéis e vasculhou por entre pedaços de feltro e tecido, como fizera antes na terra e na poeira.

E lá estava o baralho. Ela viu a carta de cima com o mesmo verso verde, os desenhos delicados de galhos de árvores entremeados de ouro e prata, embora a cor fosse mais porosa, claramente pintada à mão com um pincel, e não feita à máquina. Deslizou os dedos pela superfície.

Uma textura diferente, áspera, não lisa. Mais parecida com um pergaminho do

que com a reprodução moderna e plastificada do baralho.

Obrigou-se a contar até três, reunindo coragem para virar a carta.

Seu próprio rosto a fitou. Carta XI. La Justice.

Ao contemplar a imagem pintada à mão, mais uma vez Meredith se conscientizou de murmúrios em sua cabeça. Não eram como as vozes que haviam atormentado sua mãe, porém suaves e baixos, a voz que ela ouvira em sonho, transportada no ar que deslizava por entre os galhos e troncos das árvores outonais.

Aqui, o tempo se vai rumo à eternidade.

Meredith levantou-se. Nesse momento, a providência mais lógica seria pegar o baralho e voltar para a casa. Estudar as cartas da maneira adequada, no conforto do seu quarto, com todas as suas anotações, acesso à internet e o baralho reproduzido para comparar com elas.

Só que ela ouviu de novo a voz de Léonie. Na virada de um minuto, o mundo inteiro pareceu reduzir-se àquele lugar. O cheiro de terra em suas narinas, a areia e a lama sob as unhas, a friagem que subia do solo e se infiltrava em seus ossos.

Só que o lugar não é este.

Só que alguma coisa a chamava a se aprofundar mais na floresta. O vento foi ficando mais ruidoso, mais forte, carregando mais do que apenas os ruídos da mata.

Uma música ouvida, mas não ouvida. Ela captou uma vaga melodia no farfalhar das folhas caídas, no tamborilar dos galhos desnudos das faias, um pouco mais além.

Notas isoladas, uma melodia lamuriosa em tom menor, e sempre as mesmas palavras em sua cabeça, conduzindo-a ao sepulcro destruído. Aïci lo tems s’en va res l’Eternitat.

Julian deixou o carro destrancado na área de estacionamento nos arredores de Rennes-les-Bains, andou depressa até a Place des Deux Rennes, cruzando a em diagonal, e entrou na ruazinha em que morava a Dra.

O’Donnell.

Afrouxou a gravata. Havia manchas de suor em suas axilas. Quanto mais ele havia pensado na situação, mais tinham aumentado suas preocupações. Ele só queria encontrar o baralho. Qualquer coisa que impedisse ou atra-sasse isso era intolerável. Nada de problemas pendentes.

Não havia pensado no que diria. Sabia apenas que não podia deixar que ela fosse ao comissariado com Hal.

Então, dobrou a esquina e a viu, sentada sobre as pernas cruzadas na mureta baixa que separava o terraço de sua propriedade da passarela de pedestres, deserta naquele momento, que corria ao longo do rio. Estava fumando e passando as mãos na cabeça, falando num telefone celular.

O que estaria dizendo?

Julian parou, subitamente zonzo. Agora já ouvia a voz dela, o sotaque áspero, todas aquelas vogais breves, a conversa unilateral abafada pelo latejar do sangue em sua própria cabeça.

Deu mais um passo, escutando. A Dra. O’Donnell inclinou se para a frente e, com batidas ríspidas, apagou um cigarro num cinzeiro de prata. Algumas palavras chegaram até Julian.

— Tenho que ver a questão do carro.

Ele apoiou a mão na parede para se equilibrar. Estava com a boca seca, feito um gosto de peixe desidratado, desagradável e azedo. Precisava de uma bebida para tirar aquele gosto. Olhou em volta, já sem raciocinar direito.

Havia um pedaço de pau caído no chão, meio que se pro-jetando da sebe. Pegou-o. Ela continuava falando, falando, falando, contando mentiras. Por que não parava de falar?

Levantou o pedaço de pau e o arriou com força na cabeça da mulher.

Shelagh O’Donnell gritou de susto, e por isso Julian a golpeou de novo, para que não fizesse barulho. Ela tombou de lado nas pedras. Fez-se silêncio.

Ele largou a arma. Por um instante, permaneceu imóvel. Depois, horrorizado e incrédulo, chutou o pedaço de pau para baixo da sebe e começou a correr.



PARTE XI

O sepulcro

N ovembro de 1891

— Outubro de 1897



CAPÍTULO 88

HERDADE DO CADE,

DOMINGO, 1° DE NOVEMBRO DE 1891

Anatole foi sepultado nas terras da Herdade do Cade. O local escolhido foi o pequeno promontório que dava para o vale, do outro lado do lago, sob as sombras verdejantes, perto do banco de pedra em lua crescente no qual Isolde costumava se sentar.

O abbé Saunière oficiou a cerimônia modesta. Léonie — apoiada no braço de Audric Baillard —, maître Fromilhague e madame Bousquet foram os únicos presentes.

Isolde permanecera, sob vigilância constante em seu quarto, sem sequer saber que o funeral estava sendo realizado. Encerrada em seu mundo silente e suspenso, não sabia se o tempo passava depressa ou devagar, se de fato havia cessado, ou se toda a experiência se continha no badalar de um único minuto Sua existência havia-se reduzido às quatro paredes de sua cabeça. Ela discernia o claro e o escuro, sabia que ora a febre a consumia, ora o frio a dilacerava, e sabia também estar aprisionada em algum lugar entre dois mundos, amortalhada num véu que não conseguia afastar.

O mesmo grupo foi levar suas homenagens ao Dr.

Gabignaud, um dia depois, no cemitério da igreja paroquial de Rennes-les-Bains;

dessa vez, a congregação foi au-

mentada pelas pessoas da cidade que haviam conhecido c ad mirado o rapaz. O Dr. Courrent fez o discurso, enalte-cendo o trabalho árduo de Gabignaud, sua paixão e seu sentimento de dever.

Depois dos enterros, entorpecida de tristeza e com as responsabilidades subitamente depositadas em seus ombros jovens, Léonie recolheu-se à Herdade do Cade e pouco se aventurou a sair. A casa entrou numa rotina sem alegria, sempre a mesma, um dia interminável após outro.

No bosque de faias desnudas, as neves chegaram cedo, deitando sobre os gramados e jardins um cobertor branco. O lago congelou e se fez um espelho de gelo sob as nuvens baixas.

Um novo médico, recrutado para substituir Gabignaud como assistente do Dr. Courrent, ia diariamente da cidade monitorar o progresso de Isolde.

— A pulsação de madame Vernier está acelerada hoje — disse um dia, em tom grave, guardando o equipamento na maleta de couro preto e tirando o estetoscópio do pescoço. — A severidade do luto, a tensão que lhe tem sido imposta em função do seu estado, bem, receio pela recuperação plena das faculdades dela quanto mais esta situação se prolongar.

O tempo piorou em dezembro. Ventos tempestuosos vieram do norte, trazendo granizo e gelo, que assalta-vam em ondas os telhados e janelas da casa.

O vale do Aude congelou-se em mistério. Os que não possuíam abrigo, se tinham sorte, eram recolhidos pelos vizinhos. Bois morreram de fome nos campos, os cascos presos na lama e no gelo, apodrecendo. Os rios congelaram. As trilhas ficaram intransitáveis. Não havia alimento, nem para homens nem para animais. A sineta tilintante do sacristão ressoava pelos campos, quando Cristo era levado pela zona rural para abençoar os lábios de mais um pecador moribundo, cruzando veredas que a neve escondera e tornara traiçoeiras. Era como se todos os seres vivos fossem simplesmente deixar de existir, um por um. Nem luz nem calor, como velas apagadas.

Na igreja paroquial de Rennes-les-Bains, o curé Boudet oficiou missas para os mortos e o sino tocou seu pesaroso dobre de finados. Em Coustaussa, o curé Gélis abriu suas portas e ofereceu as pedras frias do chão do presbitério como

abrigo aos que não tinham teto. Em Rennes-le-Château, o abade Saunière pregou sobre o mal que espreitava no campo e exortou sua congregação a buscar a salvação nos braços da única Igreja verdadeira.

Na Herdade do Cade, a criadagem, apesar de abalada pelo que havia ocorrido e por sua participação no episódio, permaneceu fiel. Durante a doença contínua de Isolde, aceitou Léonie como dona da casa. Mas Marieta assustou-se, ao ver a tristeza tirar de Léonie o apetite e o sono, deixando-a magra e abatida. Seus olhos verdes perderam o brilho. Mas a coragem se manteve. Ela se lembrava da promessa feita a Anatole de proteger Isolde e seu filho, e estava decidida a não decepcionar a memória do irmão.

Victor Constant foi acusado do assassinato de Marguerite Vernier em Paris, do assassinato de Anatole Vernier em Rennes-les-Bains e da tentativa de assassinato contra Isolde Vernier, antes Lascombe. Havia também um processo pendente, oriundo da agressão à prostituta de Carcassonne. Foi sugerido — e aceito sem maior investigação — que o Dr. Gabignaud, Charles Denarnaud e um terceiro participante daquele episódio lamentável tinham sido mortos por ordem de Victor Constant, mesmo não tendo sido dele o dedo no gatilho.

A cidade reprovou a notícia de que Anatole e Isolde se haviam casado em segredo, mais pela pressa do que pelo fato de o rapaz ser sobrinho do primeiro marido.

Mas, com o tempo, pareceu que os arranjos na Herdade do Cade viriam a ser aceitos.

A pilha de lenha encostada na parede da copa diminuiu. Isolde dava poucos sinais de estar recuperando as faculdades mentais, mas o bebê crescia vigoroso dentro dela. Dia e noite, em seu quarto no primeiro andar da I lerda de, um bom fogo crepitava e soltava fagulhas na lareira. As horas de sol eram curtas, mal chegando a aquecer o céu antes que a escuridão caísse de novo sobre as terras.

Escrava da tristeza, Isolde permaneceu na encruzilhada entre o mundo do qual se ausentara temporariamente e a região indescoberta mais além. As vozes em seu interior sempre murmuravam que, se ela avançasse, encontraria os entes queridos à sua espera na clareira banhada de sol. Anatole estaria lá, envolto numa luz suave e aco-lhedora. Não havia nada a temer. Em momentos que acreditava abençoados, ela desejava a morte. Para estar com ele. Mas era muito

forte o espírito do filho de Anatole que queria nascer.

Numa tarde monótona e silenciosa, sem nada que a distinguisse dos dias já passados e dos que estavam por vir, Isolde sentiu a sensação retornar a seus membros delicados. Primeiro foram os dedos. Foi tão sutil que quase se confundiu com outra coisa. Uma reação automática, não um ato intencional. Um formigamento nas pontas e embaixo das unhas amendoadas. Depois, um estremecer dos pés alvos sob as cobertas. Mais tarde, uma alfinetada na base do pescoço.

Ela mexeu a mão e a mão obedeceu.

Ouviu um ruído. Dessa vez não foi o murmurar incessante que sempre a acompanhava, mas o som normal e conhecido de uma perna de cadeira arranhando o chão.

Pela primeira vez em meses, não foi distorcido, ampliado nem abafado pelo tempo ou pela luz, mas bateu em sua consciência sem refração

Isolde sentiu alguém se inclinar sobre ela, o calor do hálito em seu rosto.

— *Madama*?

Deixou os olhos se abrirem. Ouviu uma respiração, pés correndo, uma porta se abrindo, gritos no corredor, espirais de, som subindo do saguão lá embaixo, aumentando de intensidade, aumentando a certeza. —

Madomaisèla Léonie! *Madama s'éveille*!

Isolde piscou os olhos ante a claridade. Mais barulho, o contato de dedos frios segurando sua mão. Lentamente, virou a cabeça para um lado e viu o rosto jovem e pensativo da sobrinha a fitá-la.

— Léonie?

Sentiu seus dedos serem apertados.

— Estou aqui.

— Léonie... — a voz de Isolde vacilou. — Anatole, ele...

A convalescença de Isolde foi lenta. Ela andava, levava o garfo à boca e dormia, mas seu progresso físico foi irregular, e a luz havia desaparecido dos olhos cinzentos.

A tristeza a fizera desligar-se de si mesma. Tudo que ela pensava e via, tudo que sentia e cheirava fazia soarem acordes de dolorosa rememoração.

Na maioria das tardes, sentava-se na sala com Léonie, falando de Anatole, com os dedos finos e alvos descansando sobre a barriga crescida. Léonie a ouvia recitar toda a história de seu romance, desde o instante do primeiro encontro até a decisão de agarrar a felicidade, o embuste no Cemitério de Montmartre, a breve alegria do casamento íntimo em Carcassonne, na véspera da grande tempestade.

No entanto, por mais que Isolde contasse a história, o fim continuava o mesmo. Um romance de conto de fadas, de era uma vez... porém com o final feliz roubado.

O inverno passou, finalmente. A neve derreteu, embora, em fevereiro, uma geada cortante ainda vestisse a manhã de um branco nítido.

Na Herdade do Cade, Léonie e Isolde continuaram trancafiadas juntas em sua tristeza, enlutadas, observando as sombras nos jardins. Recebiam poucas visitas, excetua-dos Audric Baillard e madame Bousquet, que, apesar de ter perdido a propriedade quando do casamento de Jules Lascombe, revelou-se uma amiga generosa e uma vizinha gentil.

Vez por outra, monsieur Baillard trazia notícias sobre a caçada policial a Victor Constant, que havia desaparecido durante a madrugada do Hotel de la Reine, em Rennes-les-Bains, na noite de 31 de outubro, e desde então não fora visto na França.

A polícia fez indagações sobre ele nos diversos balneários e sanatórios especializados no tratamento de homens em seu estado, mas não teve sorte. O Estado fez tentativas de confiscar seus bens consideráveis. Sua cabeça foi posta a prêmio. Mesmo assim, não houve quem o visse nem ouvisse rumores a seu respeito.

No dia 25 de março — por uma infeliz coincidência, aniversário do falso sepultamento de Isolde no Cemitério de Montmartre —, Léonie recebeu uma

carta oficial do inspetor Thouron. ele lhe informou que, como a polícia acreditava que Constant havia fugido do país, talvez cruzando a fronteira para Andorra ou a Espanha, iria reduzir a escala da caçada humana. Assegurou lhe que o fu-gitivo seria preso e guilhotinado, se algum dia retornasse a França, e por isso tinha esperança de que madame e mademoiselle Vernier não temessem que Constant voltasse a lhes ser motivo de preocupação.

No final de março, depois que o tempo inclemente mantivera a todos dentro de casa por alguns dias, Léonie descobriu-se pegando a pena para escrever ao antigo amigo e vizinho de Anatole, Achille Debussy. Sabia que ele agora circulava com o nome de Claude Debussy, mas não conseguia se dirigir a ele dessa maneira.

A correspondência preencheu uma ausência em sua vida confinada e, o que era mais importante para seu cora-

ção partido, ajudou a manter um vínculo com Anatole.

Achille lhe contava o que vinha acontecendo nas ruas e nos bulevares que ela e o irmão um dia haviam considerado sua casa, e mexericava sobre quem estava em conflito com quem, sobre todas as rivalidades na Académie, os escritores prestigiados ou caídos em desgraça, as brigas entre os pintores, os compositores desdenhados, os escândalos e os romances.

Léonie não dava importância a um mundo que agora lhe era tão distante, tão vedado a ela, mas aquilo lhe fazia lembrar as conversas com Anatole. Às vezes, nos velhos tempos, ao voltar para casa depois de uma noitada com Achille no Le Chat Noir, o irmão entrava em seu quarto, atirava-se na velha poltrona aos pés da cama, e ela, com as cobertas levantadas até o queixo, ouvia suas histórias. Debussy escrevia principalmente sobre si mesmo, cobrindo páginas e mais páginas com seus garranchos.

Léonie não se incomodava. Aquilo lhe afastava o pensamento de sua própria situação. Sorriu quando ele escreveu sobre suas visitas das manhãs de domingo à igreja de Saint-Gervais, para ouvir o canto gregoriano com seus amigos ateus, todos desafiadoramente sentados de costas para o altar, com isso ofendendo a congregação e o padre ofi-ciante.

Ela não podia deixar Isolde e, mesmo que tivesse liberdade para viajar, a ideia de retornar a Paris era dolorosa demais. Ainda era muito cedo. A seu pedido,

Achille e Gaby Dupont faziam visitas regulares ao Cemitério de Passy, no 16° arrondissement, para depositar flores no túmulo de Marguerite Vernier. A sepultura, paga por Du Pont num último ato de generosidade, ficava perto da do pintor Eduard Manet, escreveu Achille. Um lugar sereno, cheio de sombra. Léonie achou que a mãe ficaria contente por jazer nessa companhia.

O clima mudou com a aproximação de abril, que chegou como um general entrando no campo de batalha.

Agressivo, barulhento, belicoso. Nuvens céleres despeja-ram chuvaradas sobre os picos das montanhas. Os dias tornaram-se um pouco mais longos, as manhãs, um pouco mais claras. Marieta tomou de suas agulhas e linhas. Pôs pregas generosas nas chemises de Isolde e soltou as dobras de suas saias, para acomodar as mudanças em sua forma.

Flores do vale, em tons de roxo, branco e cor-de-rosa, pressionaram seus brotos hesitantes pela crosta que cobria o solo, fazendo-os erguer a face para a luz. Os borrifos de cor, como gotas de tinta caídas de um pincel, tornaram-se mais acentuados, mais frequentes, vibrando no verde das sebes e das alamedas.

Maio chegou tímido, pé ante pé, sugerindo a promessa dos dias mais longos do verão que viria, salpicando a luz do sol nas águas calmas. Nas ruas de Rennes-les-Bains, Léonie não raro se aventurava a visitar monsieur Baillard ou a se encontrar com madame Bousquet para o chá da tarde no salão do Hotel de la Reine. Do lado de fora dos sobrados modestos, canários cantavam em gaio-las agora penduradas ao ar livre. Os limoeiros e as laranjei-ras floriram, enchendo as ruas de sua fragrância citrina.

Em todas as esquinas, as primeiras frutas frescas, trazidas da Espanha pelas montanhas, eram vendidas em carrocinhas de madeira.

De repente, a Herdade do Cade tornou-se gloriosa sob o infindável céu azul. O luminoso sol de junho atingiu os cintilantes picos brancos dos Pireneus. Era chegado o verão, finalmente.

De Paris, Achille escreveu contando que maître Maeterlinck lhe dera permissão para musicar seu novo drama, Pelléas et Mélisande. Enviou também um exemplar de A Derrocada, de Zola, ambientado no verão de 1870 e na Guerra Franco-Prussiana. Anexou um bilhete pessoal, dizendo saber que o livro teria sido do interesse de Anatole, como era para ele, como filhos de communards

convictos. Léonie batalhou com o romance, mas sentiu-se grata pelo sentimento que levara Achille a lhe enviar um presente tão atencioso.

Não permitiu que seus pensamentos retornassem às cartas de tarô. Elas estavam vinculadas aos aconteci-

mentos sombrios da Toussaint e, embora Léonie não conseguisse convencer o abade Saunière a lhe falar das coisas que vira ou fizera a serviço de seu tio, recordou-se das advertências de monsieur Baillard de que o demônio, Asmodeu, palmilhava os vales em tempos conturbados. Apesar de não acreditar em tais superstições, ou assim dizia a si mesma, ela não queria se arriscar a provocar uma repeti-

ção daquele horror.

Guardou seu conjunto incompleto de desenhos.

Eram um lembrete muito penoso de seu irmão e sua mãe.

Le Diable e La Tour ficaram inacabados. Léonie também não voltou à clareira cercada por juníperos silvestres. Sua proximidade do local em que se dera o duelo em que Anatole havia tombado despedaçava-lhe o coração. Era demais para sequer contemplar uma caminhada naquela direção.

As dores de Isolde começaram nas primeiras horas da manhã de sexta-feira, 24 de junho, Dia de São João Ba-tista.

Monsieur Baillard, com sua rede oculta de amigos e companheiros, contratou os serviços de uma sage-femme de sua aldeia nativa de Los Seres. A parteira e a enfermeira especializada chegaram em tempo hábil para o parto.

Ali pela hora do almoço, Isolde tinha progredido consideravelmente Léonie banhou-lhe a testa com toalhas frias e abriu as janelas, para deixai entrarem no cômodo o ar fresco e o aroma dos juníperos e madressilvas que vinha dos jardins. Marieta lhe molhou os lábios com uma esponja, embebida em vinho branco doce e mel.

Na hora do chá, e sem complicações, Isolde já dera à luz um menino saudável e com um portentoso par de pulmões.

Léonie tinha a esperança de que o nascimento mar-casse o início do retorno de Isolde à saúde plena. De que ela ficasse menos apática, menos frágil, menos isolada do mundo a seu redor. Léonie — a rigor, a casa inteira —esperava que uma criança, o filho de Anatole, trouxesse consigo o amor e a sensação de ter um objetivo de que Isolde tanto precisava.

Mas uma sombra negra desceu sobre ela uns três dias depois do parto. Ela indagava sobre a saúde e o bem-estar do filho, mas começou a lutar para se salvar de um mergulho no mesmo estado de alheamento e desânimo que a havia afligido logo depois do assassinato de Anatole.

Seu filhinho, verdadeiro espelho do pai, mais serviu para lhe recordar o que ela havia perdido do que para lhe dar uma razão para prosseguir.

Contrataram-se os serviços de uma ama de leite.

À medida que o verão avançou, Isolde não deu sinais de melhora. Era bondosa, cumpria os deveres com o filho, quando solicitada, mas, afora isso, vivia no mundo de sua mente, ininterruptamente perseguida pelas vozes que lhe povoavam a cabeça.

Enquanto Isolde se mostrava distante, Léonie apai-xonou-se pelo sobrinho, sem reservas nem condições.

Louis-Anatole era um bebê de temperamento ensolarado, com o cabelo negro e os cílios longos de Anatole, emol-durando os espantosos olhos cinzentos herdados da mãe.

Na alegria da companhia do menino, Léonie se esquecia, às vezes por horas a fio, da tragédia que se abatera sobre eles. sobre eles.

Ao avançarem os dias assustadoramente quentes de julho e agosto, vez por outra Léonie acordava de manhã

com um sentimento de esperança, uma leveza no andar, antes de lhe voltarem as lembranças e de as sombras tornarem a descer sobre ela. Mas seu amor e a determinação de impedir que qualquer mal atingisse o filho de Anatole ajudaram-na a recuperar o bom humor.



CAPÍTULO 89

O outono de 1892 transformou-se na primavera de 1893, e ainda assim Constant não voltou à Herdade do Cade. Léonie permitiu-se acreditar que ele estava morto, embora ficasse agradecida se houvesse uma confirmação disso.

Agosto de 1893, como o do ano anterior, foi quente e seco como os desertos africanos. A seca foi seguida por inundações torrenciais em todo o Languedoc, que varreram para longe trechos inteiros de terra das planícies, revelando sob a lama cavernas e esconderijos ocultos desde tempos imemoriais.

Achille Debussy continuou a ser um correspondente regular. Em dezembro, escreveu para cumprimentar pelo Natal e para dizer a Léonie que a Société Nationale apresentaria num concerto l'Après-midi d'un faune, uma nova composição que pretendia ser a primeira de uma suíte de três peças. Ao ler suas descrições naturalistas do fauno em sua clareira, Léonie recordou-se da clareira em que, dois anos antes, havia descoberto o baralho de tarô.

Por um instante, ficou tentada a refazer o percurso até o local e ver se as cartas ainda estavam lá.

Não o fez.

Em vez dos bulevares e avenidas de Paris, seu mundo continuou a ser limitado pelos bosques de faias a leste, pela longa alameda da entrada ao norte, e pelos gramados e jardins ao sul. Só o que a sustentava era o amor de um garotinho e sua afeição pela mulher linda, mas perturbada, de quem ela prometera cuidar.

Louis-Anatole tornou-se um favorito da cidade e da casa, onde foi apelidado de pichon, pequerrucho. Era travesso, mas sempre encantador. Vivia cheio de perguntas, mais parecido com a tia do que com o falecido pai, porém também era capaz de ouvir. A medida que foi crescendo, ele e Léonie caminhavam pelas trilhas e bosques da Herdade do Cade. Ou então ia pescar com Pascal, que também lhe ensinou nadar no lago. Marieta o deixava raspar as tigelas e lamber a colher de pau quando cozinhava —suflês de framboesa, pudins de chocolate. Ele se equilibrava no velho banquinho de três pés junto a beirada da mesa da cozinha, usando o avental de uma das criadas, que lhe descia até os tornozelos, e

Marieta, parada atrás dele para se certificar de que o menino não caísse, ensina-va-lhe a sovar a massa do pão.

Quando Léonie o levava para visitar Rennes-les-Bains, sua diversão favorita era sentar-se no café da calçada que Anatole tanto havia amado. Com os cachos abun-dantes, a camisa de peitilho franzido e as calças de veludo marrom-escuro bem amarradas nos joelhos, sentava-se com as pernas balançando no banco alto de madeira. Tomava suco de cereja ou de maçã e comia musse de chocolate

No seu terceiro aniversário, madame Bousquet deu a Louis-Anatole um caniço de bambu. No Natal seguinte, *maître* Fromilhague mandou uma caixa de soldadinhos de chumbo para a casa e cumprimentou Léonie pelas festas.

O menino também era um visitante regular da casa de Audric Baillard, que lhe contava histórias dos tempos medievais e da honra dos chevaliers que haviam defendido a independência do Midi contra os invasores do norte.

Em vez de fazer o garoto mergulhar nas páginas dos livros de história escurecidos que acumulavam poeira na biblioteca da Herdade do Cade, monsieur Baillard dava vida ao passado. A história predileta de Louis-Anatole era a do cerco Carcassonne, em 1209, e dos corajosos homens, mulheres e até crianças, pouco maiores que ele, que tinham fugido para as aldeias ocultas da Haute Vallée.

Quando ele tinha 4 anos, Audric Baillard deu-lhe uma réplica de uma espada medieval de batalha, de punho entalhado e com a gravação de suas iniciais De Quillan, com a ajuda de um dos muitos primos de Pascal, Léonie comprou um poneizinho castanho, de crina espessa e cauda brancas, com um toque de branco no focinho. Durante todo aquele verão escaldante, Louis-Anatole foi um chevalier, combatendo os franceses ou vencendo as justas, e derrubando latas de uma cerca de madeira montada por Pascal para esse fim, nos gramados dos fundos. Da janela da sala de estar, Léonie observava, relembrando que, quando pequena, havia observado Anatole correr, esconder-se e trepar em arvores no Parque Monceau, com o mesmo sentimento de assombro e inveja.

Louis-Anatole também exibiu um talento acentuado para a música; o dinheiro desperdiçado em aulas de piano para Anatole, em sua meninice, pagou dividendos em seu filho. Léonie contratou um professor de piano de Limoux.

Uma vez por semana, o professor vinha ribombando em seu pequeno cabriolé

pela alameda comprida, de cachecol branco, gravata com alfinete e barba mal apara-da, e durante duas horas treinava Louis-Anatole em exercícios para os cinco dedos e em escalas. Toda semana, na hora de se despedir, ele insistia em que Léonie fizesse o menino exercitar-se com copos de água equilibrados no dorso das mãos, para manter a posição correta. Ela e Louis-Anatole concordavam e, por um ou dois dias, tentavam seguir as instruções. Mas aí a água derramava, em-papando os calções de veludo do menino ou manchando a bainha das saias de Léonie, e os dois riam e passavam a tocar duetos barulhentos.

Quando ficava sozinho, muitas vezes ele se aproximava do piano, pé ante pé, e se punha a experimentar.

Léonie parava no patamar no alto da escada, sem ser vista, e escutava as melodias suaves e repetitivas que seus dedos de menino conseguiam criar. Não importava onde come-

çasse, quase sempre ele voltava para o lá menor. E então Léonie pensava na música que retirara do sepulcro, muitos anos antes, ainda escondida na banqueta do piano, e se perguntava se deveria tirá-la para o sobrinho. Mas, temen-do o poder da música e sua influência no próprio local, detinha sua mão.

Durante todo esse tempo, Isolde viveu num mundo crepuscular, vagando como um espectro pelos aposentos e corredores da Herdade do Cade. Falava pouco, era gentil com o filho e muito querida pelos criados. Só quando fitava os olhos esmeraldinos de Léonie é que algo mais profundo lampejava dentro dela. Então, por um segundo fugaz, a tristeza e a lembrança brilhavam em seus olhos, antes que um manto de escuridão descesse mais uma vez sobre eles. Alguns dias eram melhores que outros. De vez em quando, Isolde emergia das sombras, como o sol saindo detrás das nuvens. Mas depois as vozes recomeçavam e ela punha as mãos nos ouvidos e chorava, e Marieta a re-conduzia delicadamente à privacidade e à penumbra de seu quarto, até virem dias melhores. Os períodos de serenidade tornaram-se mais curtos. As trevas em torno de Isolde se aprofundaram. Anatole nunca estava longe de seu pensamento. Por sua vez, Louis-Anatole aceitava a mãe tal como era — nunca a havia conhecido de outro jeito.

No cômputo geral, não era a vida que Léonie havia imaginado para si. Teria desejado amar, ter uma oportunidade de conhecer mais o mundo, de ser ela

mesma. Porém amava o sobrinho e se compadecia de Isolde e, decidida a cumprir sua promessa a Anatole, não relutava em seu dever.

Os outonos acobreados deram lugar a gélidos invernos brancos, nos quais a neve deitou camadas espessas sobre o túmulo de Marguerite Vernier, em Paris. As primaveras verdejantes deram lugar a luminosos céus dourados e pastagens crestadas, e as urzes-brancas cresceram emaranhadas em torno da sepultura mais modesta de Anatole, junto ao lago da Herdade do Cade.

Terra, vento, água e fogo: o padrão inalterável do mundo natural.

Essa existência pacífica não estava fadada a durar muito mais. Entre o Natal e o ano-novo de 1897 houve uma sucessão de sinais — presságios, avisos até — de que as coisas não corriam bem.

Em Quillan, o filho de um limpador de chaminés caiu e quebrou o pescoço. Em Espéraza, irrompeu um incêndio na fábrica de chapéus, matando quatro das operárias espanholas. Na oficina da família Bousquet, um aprendiz prendeu a mão direita na prensa quente de metal e perdeu quatro dedos.

Para Léonie, a inquietação geral tornou-se específica quando monsieur Baillard foi levar-lhe a notícia indesejada de que seria forçado a deixar Rennes-les-Bains. Era época das feiras locais de inverno — em Brenac, a l9 de janeiro, em Campagne-sur-Aude, no dia 20, e em Belvia-nes, no dia 22. Ele ia visitar esses vilarejos circundantes e seguir para um ponto mais alto nas montanhas. Com o olhar nublado de apreensão, explicou que havia obriga-

ções mais antigas e impositivas do que sua tutela oficiosa de Louis-Anatole, as quais já não podia adiar. Léonie lamentou sua decisão, mas sabia que não convinha questioná-lo. Baillard deu sua palavra de que voltaria antes do Dia de São Martinho, em novembro, quando se recolheriam os aluguéis dos arrendatários.

Ela ficou desolada ao saber que seu séjour duraria tantos meses, mas fazia muito que aprendera que monsieur Baillard nunca se deixava desviar de um objetivo, uma vez tomada sua decisão.

A partida iminente dele — com suas razões inex-plicadas — lembrou a Léonie, mais uma vez, quão pouco ela sabia sobre seu amigo e protetor. Nem sequer sabia ao certo a idade dele, embora Louis-Anatole tivesse declarado que o velho

devia ter pelo menos 700 anos, para ter tantas histórias para contar.

Dias depois da partida de Audric Baillard, irrompeu um escândalo em Rennes-les-Bains. A restauração feita pelo abade Saunière em sua igreja estava praticamente concluída. Nos primeiros meses frios de 1897, foram entregues as estátuas encomendadas de um fornecedor especializado de Toulouse. Entre elas havia um bénitier —uma pia de água benta — apoiado nos ombros de um demônio retorcido. Vozes vociferantes ergueram-se para objetar, insistiu do em que aquela e muitas outras esculturas eram impróprias para uma casa de oração. Enviaram-se cartas de protesto à Mairie e ao bispo, algumas anônimas, exigindo que Saunière fosse levado a prestar contas.

E também exigindo que o padre não mais fosse autorizado a fazer escavações no cemitério.

Léonie não tivera conhecimento das escavações noturnas em torno da igreja, nem de que diziam que Saunière passava as horas entre o ocaso e o alvorecer caminhando pelas encostas vizinhas, à procura de tesouros, ou assim corriam os boatos. Ela não se envolveu nos debates nem na onda crescente de reclamações contra um padre que sempre havia considerado dedicado a sua paróquia. Seu mal-estar proveio do fato de que algumas estátuas correspondiam exatamente as que havia no sepulcro.

Era como se alguém estivesse guiando a mão do abbé Saunière e, ao mesmo tempo, trabalhando para lhe criar dificuldades.

Léonie sabia que ele tinha visto as estátuas, na época de seu falecido tio. Por que o cura haveria de optar por reproduzir imagens que tinham causado tantos malefícios, passados uns 12 anos desde o infausto acontecimento, era algo que ela não conseguia entender. Na ausência de seu amigo e orientador Audric Baillard, não havia ninguém com quem pudesse discutir seus temores.

A insatisfação espalhou-se das montanhas para o vale e para Rennes-les-Bains. Súbito, houve murmúrios de que os distúrbios que haviam atormentado a cidade, anos antes, estavam de volta. Surgiram boatos sobre túneis secretos que ligariam Rennes-le-Château a Rennes-les-Bains e sobre câmaras mortuárias visigóticas. Começaram a ganhar força as alegações de que, tal como antes, a Herdade do Cade servia de refúgio para uma fera. Cães, cabras e até bois foram atacados por lobos ou panteras, que não pareciam temer as armadilhas nem as armas dos

caçadores.

Tratava-se de uma criatura sobrenatural, segundo os boatos espalhados, não regida pelas leis normais da natureza.

Embora Pascal e Marieta se esforçassem muito para impedir que os boatos chegassem aos ouvidos de Léonie, ainda assim algumas das histórias mais maldosas penetraram em sua consciência. Era uma campanha sutil, sem acusações feitas em voz alta, de modo que Léonie não pôde responder à chuva crescente de queixas voltadas contra a Herdade do Cade e seus moradores.

Não havia como identificar a fonte dos rumores malévolos; apenas se constatou que eles vinham-se inten-sificando. Quando o inverno se foi e uma primavera chu-vosa e fria chegou, as insinuações sobre ocorrências sobrenaturais na Herdade do Cade tornaram-se mais frequentes. Aparições de fantasmas e demônios, afirmou-se, e até a realização de rituais satânicos no sepulcro, na calada da noite. Foi um retorno aos tempos sombrios da época de Jules Lascombe como dono da casa. Os rancorosos e os invejosos apontaram para os acontecimentos da véspera da Toussaint de 1891 e afirmaram que a terra estava irrequieta. Exigindo uma retaliação pelos pecados de outrora.

Velhos encantamentos, palavras antigas na língua tradicional, foram rabiscados em pedras às margens da estrada, para afastar o demônio que agora, tal como antes, rondava o vale. Pintaram-se pentagramas a carvão nas pedras da estrada. Oferendas votivas de flores e fitas foram deixadas em santuários sem marcas de identificação.

Uma tarde, quando Léonie estava sentada com Louis-Anatole em seu local favorito, sob os plátanos da Place du Pérou, uma frase proferida com rispidez chamou-lhe a atenção.

— *Lou Diable se ris.*

Ao voltar para a Herdade, ela perguntou a Marieta o que significavam aquelas palavras.

— O Diabo está rindo — traduziu ela, com relutância.

Se não soubesse que isso era impossível, Léonie teria suspeitado da mão de Victor Constant por trás dos rumores e mexericos. Repreendeu-se por essas

ideias.

Constant estava morto. Era o que a polícia achava, tinha que estar morto. Caso contrário, por que OS teria deixado em paz durante quase cinco anos, para retornar só agora?



CAPÍTULO 90

CARCASSONNE

Quando o calor de julho tornou marrons as pastagens verdes entre Rennes-le-Château e Rennes-les-Bains, Léonie não suportou mais seu confinamento. Precisava de uma mudança de cenário.

As histórias sobre a Herdade do Cade haviam-se intensificado. Na verdade, na ultima ocasião em que ela e Louis-Anatole tinham ido a Rennes-les-Bains, o clima fora tão desagradável, que ela havia tomado a decisão de não visitar o local no futuro próximo. Silêncio ou olhares de desconfiança, onde antes tinha havido saudações e sorrisos. Ela não queria que Louis-Anatole assistisse a essas coisas desagradáveis.

A ocasião que escolheu para a viagem foi a fête nationale. Como parte das comemorações pelo aniversário da queda da Bastilha, mais de cem anos antes, haveria uma exibição de fogos de artifício na cidade medieval fortificada de Carcassonne, no dia 14 de julho. Léonie não pusera os pés naquele local desde a visita curta e dolorosa com Anatole e Isolde, mas, pelo bem do sobrinho — seria um presente atrasado por seu quinto aniversário —, pôs seus receios de lado.

Estava decidida a convencer Isolde a acompanhá-los. Nos últimos tempos, os nervos da tia haviam piorado.

Ela dera para insistir em que havia pessoas seguindo-a, observando-a do outro lado do lago, e em que havia ros-

tos sob a água. Via fumaça na floresta, mesmo quando não se acendia nenhuma fogueira. Léonie não queria deixá-la desacompanhada por tantos dias, nem mesmo nas mãos competentes de Marieta.

— Por favor, Isolde — murmurou, afagando-lhe a mão. — Seria bom para você afastar-se daqui por algum tempo. Sentir o sol no rosto — prosseguiu, acarinhando-lhe os dedos. — Significaria muito para mim. E para Louis-Anatole. Seria o melhor presente de aniversário que você poderia lhe dar. Venha conosco, por favor.

Isolde fitou-a com seus olhos cinza-escuros, que pareciam conter grande sabedoria e, ao mesmo tempo, não enxergar nada.

— Se é o que você deseja, eu irei — disse, com sua voz cristalina.

Léonie ficou tão perplexa que atirou os braços em volta da cunhada, assustando-a. Sentiu a magreza de Isolde sob a roupa e o espartilho, mas tirou essa ideia da cabeça. Nunca havia esperado que ela concordasse e, por isso, ficou radiante. Talvez fosse um sinal de que Isolde finalmente estava pronta para contemplar o futuro. De que começaria a conhecer seu lindo filho.

Foi pequeno o grupo que partiu de trem para Carcassonne.

Marieta ficou atenta a sua patroa. Coube a Pascal ocupar Louis Anatole com histórias militares, com as fa-

çanhas do momento realizadas pelo exército francês na África ocidental, no Daomé e na Costa do Marfim. Pascal falou com tanto sabor dos desertos e cachoeiras estronde-antes, e de um mundo perdido que se ocultava num pla-nalto secreto, que Léonie suspeitou que ele havia retirado suas descrições dos textos de monsieur Jules Verne, e não das paginas dos jornais. Louis-Anatole, por sua vez, divertiu o vagão com as histórias de monsieur Baillard sobre os cavaleiros medievais de outrora. Os dois passaram uma viagem perfeitamente satisfatória e sanguinolenta.

Chegaram na hora do almoço, no dia 14 de julho, e encontraram alojamento na parte baixa da Bastide, pertinho da catedral de Saint-Michel e bem longe do hotel em que Isolde, Léonie e Anatole se haviam hospedado, seis anos antes. Léonie passou o restante da tarde visitando os pontos turísticos com o sobrinho empolgado, de olhos arregalados, e o deixou tomar sorvete demais.

Voltaram a seus aposentos às cinco horas, para descansar. Léonie encontrou Isolde reclinada num divã

junto à janela, olhando para os jardins do Boulevard Barbès. Com um nó na boca do estômago, percebeu que ela não tencionava acompanhá-los para ver os fogos de artifício.

Não disse nada, torcendo para estar enganada, mas, ao chegar a hora da partida para o spectacle noturno, Isolde declarou não se sentir disposta a enfrentar a multidão.

Louis-Anatole não ficou decepcionado, porque, a rigor, não havia esperado a companhia da mãe. Mas Léonie se permitiu uma pitada atípica de irritação diante do fato de, nem mesmo nessa ocasião especial, Isolde conseguir despertar para o filho.

Deixando Marieta encarregada de cuidar da patroa, Léonie e Louis-Anatole saíram com Pascal. O spectacle tinha sido planejado e pago por um industrial local, monsieur Sabatier, criador do aperitivo L'Or-Kina e do licor Micheline, conhecido como "La Reine des Liqueurs". A exibição seria uma experiência, mas com a promessa de que o evento seria maior e melhor no ano seguinte, se fos-

se considerado um sucesso. A presença de Sabatier estava em toda parte — nos folhetos promocionais que Louis-Anatole segurou em suas mãozinhas, como suvenir do passeio, e em cartazes afixados nas paredes dos prédios.

Quando a luz do dia começou a esmaecer, a multidão foi-se aglomerando na margem direita do Aude, no quartier Trivalle, erguendo os olhos para os baluartes res-taurados da Cité. Crianças, jardineiros e criadas das famílias importantes, vendedoras de lojas e limpa-botas, todos afluíram para a igreja de Saint-Gimer, onde um dia Léonie se havia abrigado com Victor Constant. Ela afastou da cabeça essa lembrança.

Na margem esquerda, a população aglomerou-se junto ao Hôpital des Malades, ocupando cada espaço em que era possível pôr as mãos ou os pés. Crianças se equili-bravam no muro ao lado da capela de Saint Vincent de Paul. Na Bastide, a multidão juntou-se na Porte des Jaco-bins e ao longo da margem do rio. Ninguém sabia ao certo o que esperar.

— Subindo, pichon — disse Pascal, pondo o menino nos ombros.

Léonie, Pascal e Louis-Anatole posicionaram-se na Ponte Velha, espremidos

num dos bicos — os nichos —que davam para a água. Léonie disse bem alto no ouvido de Louis-Anatole, como quem lhe confiasse um grande segredo, que diziam que até o bispo de Carcassonne se aventurara a sair do palácio para assistir a essa grande celebração do republicanismo.

Caída a noite, os fregueses que jantavam nos restaurantes próximos engordaram o número de presentes na velha ponte. A aglomeração transformou-se numa massa compacta. Léonie ergueu os olhos para o sobrinho, com medo de que talvez fosse muito tarde para ele estar na rua e de que o barulho e o cheiro de pólvora o assustassem, mas ficou encantada ao ver no rosto de Louis-Anatole a mesma expressão de concentração intensa que se lembrava de ter visto no rosto de Achille, quando ele se sentava ao piano para compor.

Sorriu ao se dar conta de estar cada vez mais apta a desfrutar suas lembranças sem ser dominada pelo sentimento de perda.

Nesse momento, teve início o embrassement de la Cité. As muralhas medievais foram abraçadas por uma fúria de chamas em laranja e vermelho, centelhas e fumaça de todas as cores. Rojões foram disparados no céu noturno e explodiram.

Nuvens acres de vapor rolaram da colina sobre o rio, fazendo arder os olhos dos espectadores, mas a magnificência do espetáculo mais do que compensou o desconforto. O céu azul arroxeou-se, reluzindo com os fogos verdes, brancos e vermelhos, enquanto a cidade fortificada era envolta em chamas, fúria e luzes brilhantes.

Léonie sentiu mãozinha quente de Louis-Anatole apoiar-se em seu ombro e cobriu-a com a sua. Seria aquele um novo começo, talvez? Quem sabe a tristeza que lhe dominara a vida por tanto tempo, tempo em demasia, agora afrouxasse suas garras e permitisse ideias de um futuro mais luminoso?

— À L’avenir — disse, baixinho, lembrando-se de Anatole.

O filho dele a ouviu.

— À l’avenir, tante Léonie — disse, retribuindo os votos. Fez uma pausa e acrescentou: — Se eu for bonzinho, podemos vir de novo no ano que vem?

Terminada a exibição e quando a multidão se dispersou, Pascal carregou o menino sonolento no colo até a hospedaria.

Léonie o pôs na cama. Prometendo que voltariam a ter outra aventura igual, deu-lhe um beijo de boa-noite e se retirou, deixando uma vela acesa, como sempre, para afastar os fantasmas, os maus espíritos e os monstros da noite. Estava exausta, fatigada até os ossos pelas agitações do dia e por suas emoções. As lembranças de Anatole —e a culpa pelo papel que ela havia desempenhado, conduzindo Victor Constant até o irmão — tinham-lhe fustiga-do a memória o dia inteiro.

Querendo certificar-se do repouso, ela preparou uma dose de medicamento para dormir e observou o pó branco dissolver-se numa taça de conhaque aquecido. Bebeu-a devagar, enfiou-se embaixo dos lençóis e mergulhou num sono profundo e sem sonhos.

Um alvorecer nublado insinuou-se sobre as águas do Aude, e a pálida luz matinal restituiu ao mundo suas formas.

As margens do rio, as calçadas e as pedras das ruas da Bastide estavam cobertas de panfletos e papel. A ponta quebrada de uma bengala de buxo, algumas folhas de música pisoteadas pela multidão, um boné separado de seu dono. E, por toda parte, os folhetos de monsieur Sabatier.

As águas do Aude estavam lisas como um espelho, mal se movendo na quietude do amanhecer. Um velho barqueiro, Baptistin Cros — conhecido por todos em Carcassonne como Tistou —, conduzia sua balsa chata c pesada pelo rio sereno, em direção ao açude de Païchérou.

Num ponto tão alto, a montante do rio, havia poucos indícios das comemorações da fête nationale. Nada de car-

tuchos vazios, flâmulas nem anúncios, nenhum cheiro remanescente de pólvora ou papel chamuscado. Seu olhar firme contemplou a luz purpúrea que cintilava sobre a Montagne Noite, ao norte, enquanto o céu ia passando do negro para o azul e para o branco da manhã.

A vara de sua balsa tocou em alguma coisa na água.

Tistou virou-se para ver o que seria, equilibrando-se com a desenvoltura trazida pela prática. Era um cadáver.

Lentamente, o velho barqueiro girou sua balsa. A água lambeu-a de perto nas

bordas, mas não a cobriu. Tistou parou momentaneamente. Os cabos suspensos que ligavam um lado ao outro em sua travessia do rio pareciam cantar na brisa suave da manhã, embora não houvesse um sopro de vento.

Tistou ancorou a embarcação, fincando na lama sua vara de madeira, ajoelhou-se e olhou para a água. Sob a superfície verde, discerniu com dificuldade uma forma de mulher. Ela flutuava de bruços. Tistou ficou contente. Os olhos vidrados dos afogados eram difíceis de esquecer, assim como os lábios azulados e a expressão de surpresa, gravada na pele amarela como sebo. Ela não estava há muito tempo na água, pensou o barqueiro. Seu corpo ainda não tivera tempo de se modificar.

A mulher parecia estranhamente serena, os cabelos louros e compridos balançando para lá e para cá, para lá e para cá, como algas. As ideias lentas de Tistou ficaram hipnotizadas com aquele movimento. As costas dela estavam arqueadas; os braços e as pernas oscilavam graciosamente sob as saias, como se, de algum modo, ela estivesse presa ao leito do rio.

Mais uma suicida, pensou Tistou.

Firmou as pernas e se inclinou para a frente, apoiando os joelhos dobrados no banco do remador. Esticou-se e agarrou um pedaço do vestido caseiro cinzento da mulher. Mesmo encharcado e coberto pelo limo do rio, pôde sentir a qualidade do tecido. Puxou-o. A balsa osci-lou perigosamente, mas Tistou já fizera isso inúmeras vezes e sabia o ponto em que ela poderia virar. Respirou fundo, tomou a puxar e segurou a gola do vestido da mulher, para ter mais apoio.

— Un, deux, trois, allez — disse em voz alta, enquanto o corpo escorregava por cima da borda e desaba-va, como um peixe apanhado na rede, no casco molhado da balsa.

Tistou enxugou a testa com o lenço e rearrumou na parte posterior da cabeça a boina que era sua marca registrada. Sem refletir, levou as mãos ao peito e se benzeu.

Era um ato instintivo, não de fé.

Desvirou o corpo. Uma mulher não mais no desabrochar da juventude, porém ainda bonita. Os olhos cinzentos estavam abertos e o cabelo se soltara na água, mas claramente se tratava de uma dama. As mãos alvas eram macias, não as de

quem trabalhasse para ganhar a vida.

Filho de um vendedor de tecidos e de uma costu-reira, Tistou conhecia algodão egípcio de boa qualidade quando o via. Encontrou a etiqueta do costureiro — parisiense —, ainda legível na gola. A mulher tinha no pesco-

ço um medalhão de prata, prata maciça, não folheada, com duas reproduções em miniatura, uma da própria dama, e outra de um homem jovem, de cabelo preto. Tistou o deixou onde estava. Era um homem honesto — não como aqueles abutres que trabalhavam nos açudes do centro da cidade, e que eram capazes de despir um cadáver antes de entregá-lo às autoridades —, mas gostava de conhecer a identidade daqueles que resgatava da água.

Isolde foi prontamente identificada. Léonie dera queixa de seu desaparecimento logo ao amanhecer, no instante em que Marieta havia acordado e constatado que a patroa tinha sumido.

Foram obrigados a permanecer por uns dois dias na cidade, enquanto se cumpriam as formalidades e se as-sinavam os papéis, mas não houve muita dúvida quanto ao veredicto: suicídio praticado em estado de perturbação mental.

Foi deprimente, nublado e silencioso o dia de julho em que Léonie levou Isolde de volta para a Herdade do Cade pela última vez. Culpada pelo pecado mortal de haver tirado a própria vida, Isolde não teria a permissão da Igreja para repousar em campo santo. Além disso, Léonie não suportava a ideia de que ela fosse sepultada no túmulo da família Lascombe.

Em vez disso, solicitou os serviços do curé Gélis, de Coustaussa, o vilarejo com o castelo arruinado a meio caminho entre Couiza e Rennes-les-Bains, para que ele oficiasse uma cerimônia fúnebre privada nas terras da Herdade do Cade. Teria procurado o abade Saunière, mas não lhe pareceu, na situação vigente — ele ainda estava sofrendo nas mãos de seus críticos —, que fosse justo maculá-lo com aquele escândalo.

Ao anoitecer de 20 de julho de 1897, eles sepulta-ram Isolde ao lado de Anatole, no trecho pacífico de terreno do promontório que dava para o lago. Uma nova lápide modesta foi deitada na grama, registrando os nomes e as datas.

Enquanto ouvia as preces murmuradas, segurando firme a mão de Louis--Anatole, Léonie recordou-se de já haver prestado suas homenagens a Isolde num

cemitério de Paris, seis anos antes. A lembrança a invadiu com tamanha clareza e violência, que ela prendeu a respiração.

Reviu-se parada na antiga sala de estar da rue de Berlin, de mãos postas diante de um caixão fechado, uma única palma boiando no vaso de cristal sobre o aparador. Relembrou o cheiro enjoativo de ritual e de morte que se havia infiltrado por todos os cantos do apartamento, o incenso queimando e as velas para mascarar a saturação adocicada do cadáver. Só que não houvera cadáver, é claro. E no andar de baixo, Achille martelando interminavelmente o piano, o som das teclas pretas e brancas infiltrando se pelas tábuas do assoalho, até ela ter a impressão de que ia enlouquecer com a música.

Agora, ao ouvir o baque da terra sobre a tampa de madeira do caixão, seu único consolo foi Anatole ter sido poupado desse dia.

Como que intuindo seu estado de espírito, Louis-Anatole levantou o bracinho e a abraçou pela cintura:

— Não tenha medo, tante Léonie. Eu cuido de você.



CAPÍTULO 91

A sala de estar privada, no primeiro andar de um hotel no lado espanhol dos Pireneus, estava tomada pela fumaça acre dos cigarros turcos que o hóspede residente havia fumado desde sua chegada, algumas semanas antes.

Era um dia quente de agosto, mas ele se vestia como se fosse pleno inverno, usando um grosso sobretudo cinza e luvas macias de couro de bezerro. Tinha o corpo emaciado e sua cabeça abanava de leve, em perpétuo movimento, como que discordando de uma pergunta que ninguém mais ouvira ser formulada. Com mão trêmula, levou um copo de cerveja com alcaçuz aos lábios. Bebeu com cuidado, a boca ferida de pústulas nos cantos. No entanto, apesar da aparência abatida, seus olhos conserva-vam o poder de ordenar, perfurando a alma daqueles a quem fitavam como a mais contundente das punhaladas.

Levantou a taça.

Seu criado aproximou-se com a garrafa de cerveja e encheu o copo do amo. Por um instante, os dois compu-seram um quadro grotesco, o inválido desfigurado e o criado grisalho, cujo couro cabeludo era cheio de pústulas e vermelho, de tanto ser coçado.

— Quais são as novidades?

— Dizem que ela se afogou. Pelas próprias mãos

— respondeu o criado.

— E a outra?

— Cuida do menino.

Constant não disse nada. Os anos de exílio e o avanço implacável da doença tinham-no enfraquecido. Seu corpo definhava. Ele já não conseguia andar com facilidade. Mas tudo isso parecia, se tanto, haver lhe aguçado o pensamento. Seis anos antes, ele fora forçado a agir mais depressa do que desejava. Isso o privara do prazer de des-frutai vingança. Seu interesse em destruir a irmã tivera apenas o objetivo de torturar o próprio Vernier com o conhecimento do fato, de modo que pouco lhe importava.

Mas a morte rápida e limpa de Vernier ainda o decepcio-nava, e agora ele parecia também ter sido privado da de Isolde.

Sua fuga precipitada para a Espanha, cruzando a fronteira, havia significado que, só um ano depois dos eventos da véspera da Toussaint de 1891, Constant ficara sabendo que a vagabunda tinha não apenas sobrevivido a sua bala, mas também vivido para dar à luz um filho. O

fato de ela lhe haver escapado mais uma vez torturava sua mente de forma obsessiva.

Tinha sido o desejo de concluir sua vingança que o mantivera paciente nos seis anos anteriores. As tentativas de confiscar seus bens quase o haviam arruinado. Fora necessária toda a habilidade e imoralidade de seus advogados para proteger seu patrimônio e seu paradeiro.

Constant tinha sido obrigado a ser cauteloso e circunspecto, permanecendo no

exílio, do outro lado da fronteira, até que todo o interesse nele se extinguisse. Finalmente, no inverno anterior, o inspetor Thouron fora promovido e designado para a investigação da conduta de Dreyfus, o oficial do exército que tanto vinha ocupando a força policial parisiense. E, o que era mais importante para o desejo compulsivo de se vingar de Isolde, Constant fora informado de que o inspetor Bouchou, da gendarmerie de Carcassonne, finalmente se havia aposentado, quatro semanas antes.

Estava enfim aberto o caminho para seu silencioso retorno à França.

Ele mandara o criado na frente, para preparar o terreno durante a primavera. Através de cartas anônimas para a prefeitura e as autoridades eclesiásticas, tinha sido fácil atiçar as chamas de uma campanha maledicente contra o abbé Saunière, um padre particularmente associado à Herdade do Cade e aos eventos que Constant sabia terem ocorrido na época de Jules Lascombe. Ele ouvira falar dos boatos sobre um Diabo, um demônio que teria sido solto no passado para aterrorizar a zona rural.

Seus comparsas remunerados é que haviam espalhado novos rumores sobre uma fera que estaria rondando os vales das montanhas e atacando as criações. Seu criado viajara de aldeia em aldeia, instigando a população e espalhando boatos de que o sepulcro nas terras da Herdade do Cade voltara a se tornar um centro de atividades ocultas.

Ele havia começado pelos vulneráveis e desprotegidos —os mendigos descalços que dormiam ao relento ou se a-brigavam sob as carroças dos carreteiros, os pastores em seu isolamento hibernal nas montanhas, os que seguiam os tribunais itinerantes de cidade em cidade. Despejara o veneno de Constant nos ouvidos de comerciantes de tecidos e vidraceiros, limpa-botas das grandes mansões, faxineiras e copeiras.

Os aldeões eram supersticiosos e crédulos. A tradi-

ção, o mito e a história confirmavam as calúnias de Constant. Um sussurro aqui e ali, dizendo que as marcas não eram de patas de animais. Que se ouviam lamentos estra-

nhos na madrugada. Que havia um fedor pútrido. Tudo indicava que um demônio sobrenatural viera cobrar uma retaliação pela situação antinatural que havia prevalecido na Herdade do Cade — uma tia tomada como esposa pelo

sobrinho do marido.

Agora, os três estavam mortos.

Com fios invisíveis, ele teceu sua rede em torno da Herdade do Cade.

E, se era verdade que havia ataques cujo mérito seu criado não reivindicava, Constant presumiu que estes não passavam da ladainha habitual sobre a selvageria das panteras ou dos lobos que espreitavam nas pastagens mais alias e nos picos.

Agora, com a aposentadoria de Bouchou, era a hora certa para agir. Ele já havia esperado tempo demais e por isso tinha perdido a chance de punir Isolde adequadamente. Além disso, apesar dos remédios e tratamentos intermináveis, do mercúrio, das águas e do láudano, Constant estava morrendo. Sabia não dispor de muito tempo antes que sua mente também começasse a falhar. Reconhecia os sinais, já era capaz de se diagnosticar de maneira tão precisa quanto qualquer charlatão. Agora, a única coisa que temia era o breve clarão final de lucidez, antes que as sombras descessem para sempre.

Planejou cruzar a fronteira no começo de setembro e voltar a Rennes-les-Bains. Vernier estava morto. Isolde estava morta. Mas ainda restava o menino.

Do bolso do colete ele tirou o cebolão roubado de Vernier na Passagem dos Panoramas, fazia quase seis anos. Enquanto as sombras da noite espanhola se alongavam, ele o revirou em suas mãos decadentes e sifilíticas, pensando em sua Isolde.



CAPÍTULO 92

No dia 20 de setembro, aniversário da morte de Marguerite Vernier, outra criança desapareceu. Foi a primeira em mais de um mês, levada da margem do rio, a jusante de Sougraigne. O corpo da menina foi encontrado perto da Fontaine des Amoureux, com o rosto terrivelmente desfigurado por marcas de garras, lanhos vermelhos nas faces e na testa. Ao contrário das crianças esquecidas, dos desvalidos, essa era a amada filha caçula de uma família numerosa, com parentes em muitos vilarejos às margens do Aude e do Salz.

Passados dois dias, dois garotos sumiram na floresta, não muito longe do Lac de Barrenc, o lago montanhês supostamente habitado por um demônio. Seus corpos foram encontrados uma semana depois, mas em estado tão precário, que só após algum tempo é que se observou que também tinham sido selvagemente atacados por um animal, a pele arrancada a ponto de deixá-los em carne viva.

Léonie procurou não prestar atenção às coincidências das datas. Enquanto ainda houvera esperança de que as crianças fossem encontradas ilesas, ela havia oferecido a ajuda de seus criados das áreas internas e externas da casa, para que participassem dos grupos de busca. O auxílio tinha sido recusado. Pelo bem de Louis-Anatole, ela manteve um verniz de calma, porém, pela primeira vez, come-

çou a admitir que talvez eles tivessem que sair da Herdade do Cade até a tempestade acalmar.

Maître Fromilhague e madame Bousquet sustentaram que, obviamente, aquilo era obra de cães selvagens ou lobos vindos das montanhas. Nas horas do dia, Léonie também conseguia descartar os boatos de demônios ou criaturas sobrenaturais. Mas, quando caía a noite, seu conhecimento da história do sepulcro e da presença do baralho nas terras da propriedade a deixava menos segura.

O clima na cidade foi se tornando mais e mais a-gressivo, voltando-se cada vez mais contra eles. A Herdade tornou-se alvo de atos mesquinhos de vandalismo.

Uma tarde, Léonie voltou de um passeio pelos bosques e encontrou um punhado de criados perto da porta de uma das dependências externas. Intrigada, acelerou o passo.

— O que houve? — indagou.

Pascal fez meia-volta, com uma expressão horrorizada nos olhos, bloqueando a visão dela com sua estrutura grande e sólida.

— Nada, madama.

Léonie olhou para seu rosto, depois para o jardineiro e seu filho, Émile. Deu mais um passo.

— Pascal?

— Por favor, madama, isso não é para os seus olhos. O olhar da jovem aguçou-se.

— Ora, vamos — disse, em tom displicente —, não sou criança. Tenho certeza de que o que vocês estão escondendo, seja o que for, não pode ser tão ruim.

Mesmo assim, Pascal não se mexeu. Dividida entre a irritação com o jeito superprotetor do empregado e sua própria curiosidade, Léonie estendeu a mão enluvada e o tocou no braço.

— Por gentileza.

Todos os olhos cravaram-se em Pascal, que se manteve firme por um momento e, depois, bem devagar, afastou-se para permitir a Léonie a visão do que ele tanto queria esconder.

O corpo esfolado de um coelho, morto fazia alguns dias, fora empalado na porta com um prego grosso de pe-leteiro. Um enxame de moscas zumbia furiosamente em volta de uma cruz tosca, pintada com sangue na madeira, abaixo da qual estavam escritas a carvão as palavras: PAR

CE SIGNE TU LE VAINCRAS.

A mão de Léonie voou para a boca, pois o mau cheiro e a violência daquilo a deixaram nauseada. Mas ela manteve a compostura.

— Providencie para que isso seja retirado daí. E eu ficaria grata por sua discrição — disse. Olhou para o grupo reunido, vendo o próprio medo refletido nos olhos supersticiosos dos criados. — A de todos vocês.

Ainda assim, a determinação de Léonie não vacilou.

Ela estava decidi da a não se deixar expulsar da Herdade do Cade, certamente não antes que monsieur Baillard re-gressasse. Ele dissera que estaria de volta antes do Dia de São Martinho. Léonie tiniu lhe enviado cartas, por meio do endereço de suas antigas acomodações na rue de l’Hermite, com frequência cada vez maior nos últimos tempos, mas não havia como saber se alguma chegara até ele.

A situação se agravou. Outra criança desapareceu.

No dia 22 de outubro, data que Léonie reconheceu como sendo a do aniversário do casamento clandestino de Anatole e Isolde, a filha de um advogado e sua esposa, linda em seus laços de fita brancos e seus babados franzidos, foi levada da Place du Pérou. O clamor foi imediato.

Por infelicidade, Léonie estava em Rennes-les-Bains no dia em que o corpo dilacerado da menina foi resgatado. O cadáver fora deixado junto ao Fauteil du Diable — a Poltrona do Diabo —, numa encosta não muito distante da Herdade do Cade. Um raminho de junípero silvestre fora enfiado entre os dedos ensanguentados de sua mão.

Léonie ficou gelada ao saber disso, compreendendo a mensagem que lhe fora deixada. A carroça de madeira estrondeou pela Gran'Rue, seguida por um cortejo variegado de aldeões. Homens adultos, calejados nos rigores da vida cotidiana, choravam abertamente.

Ninguém falou. E então uma mulher de rosto vermelho, a boca amargurada e raivosa, avistou-a e a apontou. Léonie sentiu um calafrio de medo quando os olhos acusadores da cidade voltaram-se para ela. Buscando um culpado.

— É melhor irmos andando, madama — sussurrou

Marieta, afastando-a às pressas.

Decidida a não mostrar quanto estava assustada, Léonie manteve a cabeça erguida ao dar meia-volta e se dirigir ao lugar onde a carruagem a esperava. Os murmúrios ficaram mais altos. Palavras gritadas, abusivas, insultos violentos que a atingiram como golpes.

— *Pas luènh* — apressou-a Marieta, segurando-a pelo braço.

Dois dias depois, um trapo em chamas, embebido em azeite e gordura de ganso, foi jogado por uma das janelas da biblioteca, deixada parcialmente aberta. Foi descoberto antes de causar qualquer dano grave, porém a criadagem foi ficando ainda mais tímida, mais vigilante e infeliz.

Todos os amigos e aliados de Léonie na cidade —assim como os de Pascal e Marieta — fizeram o possível para convencer seus acusadores de que eles

estavam enganados, ao acreditarem que havia uma fera daquelas abriga-da na propriedade, mas a cidade havia chegado às suas conclusões tacanhas. Julgava indiscutível que o antigo demônio da montanha tinha voltado para reclamar o que era seu, como fizera na época de Jules Lascombe.

Não há fumaça sem fogo.

Léonie tentou não ver a mão sempre presente de Victor Constant na perseguição à Herdade, mas, ao mesmo tempo, convenceu-se de que ele se preparava para atacar. Procurou convencer a gendarmerie, implorou à prefeitura, rogou a maître Fromilhague que intercedesse em seu favor, mas de nada adiantou. A Herdade estava só.

Após três dias de chuva, os criados da área externa apagaram diversas fogueiras acendidas na propriedade.

Ataques de incendiários. O corpo estripado de um cão foi deixado na escadaria da frente durante a madrugada, levando uma das criadas de quarto mais jovem a desmaiar.

Cartas anônimas foram entregues, obscenas e explícitas em suas descrições de como o relacionamento incestuoso de Anatole e Isolde havia acarretado todo aquele horror no vale.

Isolada com seus temores e suspeitas, Léonie compreendeu que esse fora o objetivo de Constant o tempo todo: despertar na cidade um frenesi de ódio contra eles.

E compreendeu também, embora não dissesse essas palavras em voz alta nem mesmo para si própria, na escuridão da noite, que aquilo nunca teria fim. Assim era a obsessão de Victor Constant. Se ele estava nas imediações de Rennes-les-Bains — e Léonie temia que sim —, não tinha como não saber que Isolde havia morrido. O fato de a perseguição continuar deixou claro que ela precisava transferir Louis-Anatole para um local seguro. Levaria consigo o que pudesse, na esperança de regressar à Herdade do Cade em não muito tempo. Aquela era a casa de Louis-Anatole. Ela não permitiria que Constant o privasse do que era seu por direito inato.

Mas era um plano mais fácil de executar em pensamento do que em ato.

A verdade era que Léonie não tinha para onde ir.

Fazia muito tempo que o apartamento de Paris fora entregue, depois que o general Du Pont parara de pagar as contas. Afora Audric Baillard, madame Bousquet e maître Fromilhague, sua vida confinada na Herdade do Cade significava que ela dispunha de poucos amigos. Achille estava longe demais e, além disso, ocupado com os próprios interesses. Por causa de Victor Constant, Léonie não tinha parentes próximos.

Porém não havia alternativa.

Sem confiar em ninguém além de Pascal e Marieta, ela se preparou para a partida. Tinha certeza de que Constant praticaria seu ato final contra eles na véspera de Todos os Santos. Esse era não apenas o aniversário da morte de Anatole — e a atenção de Constant às datas sugeria que ele gostaria de observá-lo —, como também Isolde deixara escapar certa vez, num momento de lucidez, que 31 de outubro de 1890 fora o dia em que ela havia informado a Constant que sua breve aventura precisava terminar. Todo o resto tivera início nessa ocasião.

Léonie resolveu que, se ele aparecesse na Veille de Toussaint, descobriria que eles haviam partido.

Na tarde gélida de 31 de outubro, ela pôs o chapéu e o casaco, na intenção de voltar à clareira onde os juníperos cresciam à solta. Não queria deixar que Constant encontrasse o baralho de tarô, por mais que lhe fosse improvável tropeçar nele em tamanha vastidão de florestas.

De momento, até que ela e Louis-Anatole pudessem regressar em segurança — e na ausência contínua de monsieur Baillard —, sua intenção era deixá-lo aos cuidados de madame Bousquet.

Já ia saindo pelas portas do terraço quando ouviu Marieta chamar seu nome. Num sobressalto, voltou ao saguão.

— Estou aqui. O que foi?

— Uma carta, madama — disse Marieta, entregando-lhe um envelope. Léonie franziu a testa. Depois dos acontecimentos dos meses anteriores, tratava com cautela qualquer coisa fora do comum. Deu uma olhadela e não reconheceu a letra.

— De quem é?

— O menino disse que veio de Coustaussa.

Franzindo a testa, Léonie a abriu. Era do padre idoso da paróquia, Antoine Gélis, que lhe pedia para visitá-lo nessa tarde, a propósito de um assunto de certa urgência. Como ele era tido como uma espécie de recluso — e Léonie só o havia encontrado duas vezes em seis anos, uma na companhia de Henri Boudet, em Rennes-les-Bains, por ocasião do batismo de Louis-Anatole, outra no enterro de Isolde —, ficou intrigada ao receber essa convocação.

— Alguma resposta, madama?. Léonie ergueu os olhos.

— O mensageiro ainda está aqui?

— Está.

— Traga-o aqui, por favor.

Um garoto mirrado, de calças marrom-escuras, camisa aberta no peito e lenço vermelho no pescoço, segurando o gorro nas mãos fechadas, foi introduzido no saguão. Parecia aterrorizado.

— Não precisa ficar com medo — disse Léonie, esperando deixá-lo à vontade. — Você não fez nada de mal. Só quero perguntar-lhe se foi o próprio curé Gélis quem lhe deu esta carta.

O menino abanou a cabeça. Léonie sorriu.

— Bem, nesse caso, pode me dizer quem lhe deu a carta? Marieta empurrou o menino para a frente.

— A senhora lhe fez uma pergunta.

Aos poucos, mais atrapalhada do que auxiliada pelas intervenções ríspidas de Marieta, Léonie conseguiu arrancar do menino o resumo da história. Alfred estava hospedado com a avó na aldeia de Coustaussa. Estivera brincando nas ruínas do château-fort quando um homem saiu da porta da frente do presbitério e lhe ofereceu um sou para entregar uma carta urgente na Herdade do Cade.

— O curé Gélis tem uma sobrinha que faz isso para ele, madama Léonie — disse Marieta. — Prepara as refeições. Cuida da roupa dele.

— O homem era um criado?

Alfred encolheu os ombros.

Convencida de que não descobriria mais nada com o menino, Léonie o dispensou.

— A senhora vai lá, madama?. — indagou Marieta.

Léonie refletiu. Tinha um sem-número de coisas a fazer antes da partida. Por outro lado, não conseguia acre-

ditar que o padre Gélis lhe enviasse uma comunicação daquelas sem uma boa razão. Era uma situação singular.

— Vou — respondeu, depois de uma pequena he-

sitação. — Peça ao Pascal que me encontre com a carruagem na entrada, imediatamente.

Saíram da Herdade do Cade quase exatamente às três e meia.

O ar estava carregado do aroma das fogueiras de outono. Havia raminhos de buxo e alecrim presos nos batentes das portas das casas e fazendas por que eles passaram no caminho. Nas encruzilhadas haviam surgido santuários improvisa dos de beira de estrada, para a véspera da Toussaint. Antigas orações e invocações, rabiscadas em pedaços de papel e tecido, tinham sido deixadas como oferendas.

Léonie sabia que, nos cemitérios de Rennes-les-Bains e Rennes-le-Château, a rigor, em todas as paróquias das montanhas, viúvas vestidas de crepe e véus negros já estariam ajoelhadas na terra úmida, diante de antigos túmulos, rezando pela salvação daqueles a quem haviam amado. Mais ainda nesse ano, com a praga que se abatera sobre a região.

Pascal forçou bastante os cavalos, até o suor subir de seus dorsos em for ma de vapor e suas narinas se infla-rem no ar frio. Mesmo assim, quase havia

escurecido quando eles terminaram de cobrir a distância de Rennes-les-Bains a Coustaussa e passaram a enfrentar a trilha extremamente íngreme que ia da estrada principal à aldeia.

Léonie ouviu os sinos darem quatro horas no vale.

Deixando Pascal com a carruagem e os cavalos, caminhou pela aldeia deserta. Coustaussa era minúscula, não passava de um punhado de casas. Nada de boulangerie nem café.

Teve pouca dificuldade para encontrar o presbitério, que era anexo a igreja. Lá dentro não parecia haver sinal de vida. Ao que ela visse, nenhuma luz ardia na casa.

Com inquietação crescente, ela bateu à porta pesada. Ninguém veio atender. Tornou a bater, um pouco mais alto.

— Curé Gélis?

Passados alguns minutos, resolveu tentar a igreja.

Contornou a construção de pedra que começava a escurecer, para chegar aos fundos. Todas as portas, na frente e laterais, estavam trancadas. Um gotejante lampião a óleo pendia miseravelmente de um gancho de ferro entortado.

Cada vez mais impaciente, Léonie foi até a casa do outro lado da rua e bateu. Depois de um arrastar de pés do lado de dentro, uma senhora idosa abriu a grade de metal do postigo.

— Quem é?

— Boa tarde — disse Léonie. — Tenho um encon-

tro com o curé Gélis, mas ele não está atendendo.

A dona da casa lançou-lhe um olhar taciturno e desconfiado, sem dizer palavra. Léonie enfiou a mão no bolso e tirou um sou, que a mulher agarrou.

— O ritou não está — finalmente disse.

— Ritou?

— O padre. Foi a Couiza. Léonie espantou-se.

— Não pode ser. Recebi uma carta dele há menos de duas horas, pedindo que eu viesse visitá-lo.

— Vi quando ele saiu — disse a mulher, com evidente prazer. — A senhora é a segunda que vem procurá-lo.

Léonie estendeu a mão e impediu que a mulher fechasse o postigo, não deixando mais que uma réstia de lua passar do lado de dentro para a rua.

— Que tipo de pessoa? — perguntou. — Um ho-

mem? Silêncio. Léonie pegou uma segunda moeda.

— Francês — disse a anciã, cuspindo a palavra como o insulto que pretendia ser.

— Quando foi isso?

— Antes de escurecer. Ainda estava claro.

Intrigada, Léonie retirou os dedos. A grade fechou-se imediatamente.

Ela deu meia-volta, apertando o casaco junto ao corpo para se proteger da chegada da noite. Só podia presumir que, no tempo que o menino levara para fazer o percurso a pé de Coustaussa à Herdade do Cade, o padre Gélis havia desistido de esperar e não pudera adiar mais sua partida. Quem sabe teria sido obrigado a cuidar de outro assunto urgente?

Mais e mais ansiosa para voltar à casa, depois da viagem desperdiçada, Léonie pegou papel e lápis no bolso do casaco e redigiu um bilhete, dizendo ao pároco quanto lamentava não o haver encontrado. Enfiou a nota pela abertura estreita da caixa de correio na parede do presbitério e voltou depressa para onde Pascal a esperava.

Ele conduziu os cavalos ainda mais depressa na viagem de volta, mas cada minuto pareceu esticar-se e Léonie quase gritou de alívio ao avistar as luzes da Herdade do Cade. Pascal diminuiu o ritmo na alameda da entrada, escorregadia

por causa do gelo, e a moça teve vontade de pular da carruagem e ir correndo à frente.

Quando enfim pararam, ela saltou e disparou pelos degraus da entrada, tomada por um pavor anônimo e sem rosto de que alguma coisa, qualquer coisa, pudesse ter acontecido em sua ausência. Abriu a porta e se precipitou casa adentro.

Louis-Anatole veio correndo em sua direção.

— Ele chegou! — gritou.

O sangue de Léonie congelou nas veias.

Por favor, meu Deus, não. O Victor Constant não.

A porta fechou-se às suas costas.



CAPÍTULO 93

— Bonjour, *madomaisèla* — veio uma voz das sombras. A princípio, Léonie achou que seus ouvidos a enga-navam. Ele saiu da penumbra para cumprimentá-la.

— Ausentei-me por tempo demais.

A moça deu um pulo para a frente, de mãos estendidas.

— Monsieur Baillard! — exclamou. — O senhor é muito bem-vindo, muito bem-vindo!

Ele sorriu para Louis-Anatole, que saltitava sobre um pé e outro a seu lado.

— Este rapazinho cuidou muito bem de mim. Divertiu-me tocando piano.

Sem esperar por outro convite, Louis-Anatole atravessou correndo as lajotas pretas e vermelhas, atirou-se na banqueta do piano e começou a tocar.

— Escute só, tante Léonie! — gritou. — Achei isso na banqueta do piano.

Fiquei estudando sozinho.

Uma melodia repetitiva em lá menor, graciosa e suave, as mãozinhas dele lutando para não quebrar os acordes. A música enfim ouvida. Tocada, e lindamente tocada, pelo filho de Anatole.

Sepulcro 1891.

Léonie sentiu as lágrimas assomarem aos olhos.

Sentiu a mão de Audric Baillard segurar a sua, a pele muito seca. Os dois ficaram ouvindo, até o último acorde se extinguir.

Louis-Anatole deixou as mãos caírem no colo, respirou fundo, como se escutasse as reverberações no quase silêncio, e se virou para eles com, uma expressão de orgulho no rosto.

— Pronto, já fiz o exercício. É para você, tante Léonie.

— O *sénher* tem um grande talento — disse monsieur Baillard, aplaudindo. Louis Anatole abriu um sorriso radiante de prazer, — Se eu não puder ser soldado quando crescer, vou viajar para a América e ser um pianista famoso.

— São nobres ocupações, todas as duas — riu Baillard. Depois, o sorriso desfez-se em seu rosto. — Mas agora, meu talentoso amiguinho, há umas coisas que a sua tante e eu precisamos conversar. Você nos dá licença?

— Mas eu...

— Não vai demorar, *petit* — disse Léonie, em tom firme. — Pode ter certeza de que o chamaremos ao terminar.

Louis-Anatole deu um suspiro, mas encolheu os ombros e, com um sorriso, correu para a cozinha, chamando Marieta.

Assim que ele se foi, monsieur Baillard e Léonie entraram depressa na sala de estar. Sob o questionamento preciso e criterioso do amigo, Léonie explicou tudo que tinha acontecido desde que ele saíra de Rennes-les-Bains em janeiro — o trágico, o surreal, o intrigante, inclusive suas suspeitas de que talvez Victor Constant tivesse voltado.

— Escrevi-lhe sobre os nossos problemas — disse, sem conseguir disfarçar a censura na voz —, mas não ti-

nha como saber se o senhor havia recebido alguma das minhas comunicações.

— Algumas, sim, outras eu desconfio que tenham se extraviado — disse ele, em tom sombrio. — A trágica notícia do falecimento de madama Isolde eu só recebi ao retornar, hoje à tarde. Lamentei ouvi-la.

Léonie o fitou, notando como parecia cansado e frágil.

— Foi uma libertação. Fazia algum tempo que ela estava infeliz — disse baixinho. — Conte-me, onde o senhor esteve? Senti uma falta enorme da sua companhia.

Ele juntou as pontas dos dedos longos e finos, como que numa oração.

— Se não fosse uma questão de grande importância pessoal para mim disse, em voz baixa —, eu não a teria deixado. Mas eu recebera a notícia de que uma pessoa...

uma pessoa que eu esperava fazia muitos, muitos anos, havia regressado. Mas... — fez uma pausa e, no silêncio, Léonie ouviu a dor contundente por trás das palavras simples: — Mas não era ela.

A jovem distraiu-se momentaneamente. Só o ouvira falar com tamanha afeição uma vez, mas tivera a impressão de que a moça de quem ele falara com tanta ternura já estava morta fazia anos.

— Não sei ao certo se o compreendo, monsieur Baillard — disse, com cuidado.

— Não — retrucou ele, mansamente. Depois, um ar de determinação dominou suas feições. — Se eu soubesse, não teria saído de Rennes-les-Bains — e deu um suspiro. — Mas aproveitei minha viagem para preparai um refúgio para você e Louis-Anatole.

Os olhos verdes de Léonie arregalaram-se de surpresa.

— Mas só faz uma semana que tomei essa decisão

— objetou. — Menos. O senhor está fora há dez meses.

Como pode...?

Baillard deu um sorriso lento.

— Há muito tempo eu temia que isso viesse a ser necessário.

— Mas como...? Ele ergueu a mão.

— Suas suspeitas estão corretas, madama Léonie.

Victor Constant realmente está nas imediações da Herdade do Cade.

Léonie imobilizou-se.

— Se o senhor tem provas, precisamos informar às autoridades. Até aqui, elas se recusaram a levar a sério minhas preocupações.

— Não tenho provas, apenas suspeitas seguras.

Mas não tenho dúvida de que Constant está aqui com um objetivo. Vocês devem partir esta noite. Minha casa nas montanhas está preparada, à sua espera. Darei as instru-

ções sobre o caminho ao Pascal — e fez uma pausa. —

Ele e a Marieta, que agora deve ser sua esposa, acredito, viajarão com vocês?

Léonie fez que sim.

— Eu lhes confidenciei minhas intenções.

— Vocês poderão ficar em Los Seres pelo tempo que quiserem. Com certeza, até que seja seguro voltar.

— Obrigada, obrigada.

Com lágrimas nos olhos, ela contemplou a sala.

— Ficarei triste por sair desta casa — disse, em voz baixa. — Para minha mãe e

para Isolde, foi um lugar infe-

liz. Mas, para mim, apesar das tristezas contidas aqui, foi um lar.

Parou.

— Há uma coisa que preciso confessar-lhe, monsieur Baillard. O olhar dele se aguçou.

— Seis anos atrás, eu lhe dei minha palavra de que não voltaria ao sepulcro — disse, em tom baixo. — E

cumpri minha promessa. Mas, quanto às cartas, devo dizer-lhe que, depois de me despedir do senhor naquele dia em Rennes-les-Bains... antes do duelo e de Anatole...

— Eu me lembro.

— Resolvi tomar o caminho de volta pela floresta, para ver se encontraria o esconderijo. Só queria ver se conseguiria achar o baralho de tarô.

Olhou para monsieur Baillard, esperando ver decepção ou até censura em seu rosto. Para seu espanto, ele estava sorrindo.

— E você deparou com o lugar.

Foi uma afirmação, não uma pergunta.

— Sim. Mas dou-lhe minha palavra — apressou-se a continuar — que, apesar de ter olhado as cartas, devolvi-as a seu esconderijo — e fez uma pausa.

— Mas agora não gostaria de deixá-las aqui, nas terras da propriedade. Ele poderia descobri-las, e aí...

Enquanto Léonie falava, Audric Baillard enfiou a mão no grande bolso branco do paletó. Pegou um retân-gulo envolto em seda preta, um pedaço de tecido conhecido, e o abriu. A imagem de La Force era visível em cima.

— O senhor está com elas! — exclamou Léonie, dando um passo na direção do amigo, mas se deteve. —

Sabia que eu tinha ido lá?

— Você teve a gentileza de deixar suas luvas como recordação. Não está lembrada?

Léonie enrubesceu até a raiz do cabelo acobreado.

Baillard dobrou a seda preta.

— Fui lá porque, como você, creio que estas cartas não devem ficar em poder de um homem como Victor Constant. E... — interrompeu-se. — Creio que talvez pre-cisemos delas.

— O senhor me alertou a não usar o poder das cartas — objetou Léonie.

— A menos ou até o momento em que não haja alternativa — ele retrucou em voz baixa. — Receio que esse momento esteja chegando.

Léonie sentiu o coração começar a disparar.

— Vamos embora, agora mesmo.

De repente, sentiu-se terrivelmente cônscia de suas anáguas pesadas de inverno e das meias arranhando a pele.

As travessas de madrepérola no cabelo, presente de Isolde, pareceram cravar-se em seu couro cabeludo, como dentes afiados.

— Vamos. Já — ela repetiu.

Sem que o esperasse, apanhou-se lembrando das primeiras semanas felizes na Herdade do Cade, ela, Anatole e Isolde, antes de se abater a tragédia. Lembrou-se de como, naquele outono distante de 1891, fora a escuridão que ela mais havia temido, impenetrável e absoluta, depois das luzes brilhantes de Paris.

Il était une fois. Era uma vez.

Léonie tinha sido outra naquela época, uma jovem inocente, não tocada pelas trevas nem pelo luto. As lágrimas lhe embaçaram a visão, e ela fechou os olhos.

O som de pés correndo pelo corredor afugentou suas lembranças. Ela se levantou

de um salto e se virou na direção do barulho, no exato momento em que a porta da sala se escancarou e Pascal entrou aos tropeços.

— *Madama* Léonie, *sénher* Baillard! gritou. — Há...

há uns homens. Já forçaram a entrada pelos portões!

Léonie correu para a janela. No horizonte distante, viu uma fileira de tochas ardentes, ouro e ocre contra o negro céu noturno.

E então, mais perto, ouviu o som de vidro se estilhaçando.



CAPÍTULO 94

Louis-Anatole entrou correndo na sala, soltando-se de Marieta, e se atirou nos braços da tia. Estava pálido e o lábio inferior tremia, mas tentou sorrir.

— Quem são eles? — perguntou, com a vozinha miúda. Léonie o abraçou apertado.

— São homens maus, petit.

Virou-se de novo para a janela, cobrindo os olhos com a mão para enxergar pelo vidro. A chusma ainda estava a uma certa distância, mas avançava em direção à casa. Cada invasor segurava uma tocha numa das mãos, uma arma na outra. Eles pareciam um exército na iminência da batalha. Léonie presumiu que só estavam esperando o sinal de Constant para atacar.

— São muitos — murmurou. — Como ele conse-

guiu virar a cidade inteira contra nós?

— Jogou com as suas superstições naturais — respondeu Baillard. Republicanos ou monarquistas, eles cresceram ouvindo histórias do demônio que ronda estas terras.

— Asmodeu.

— Nomes diferentes em épocas diferentes, mas o rosto é sempre o mesmo. E, ainda que a boa gente da cidade declare não acreditar nessas histórias durante o dia, à noite sua alma mais profunda e antiga lhe sussurra na escuridão. Fala de seres sobrenaturais que rasgam, dilaceram e não podem ser mortos, e de lugares sombrios e proibi-dos onde as aranhas tecem suas teias.

Léonie sabia que ele tinha razão. Passou-lhe pela cabeça a lembrança da noite do tumulto no Palais Garnier, em Paris. E em seguida, ainda na semana anterior, o ódio no rosto de pessoas que ela conhecia em Rennes-les-Bains. Ela sabia com que rapidez e facilidade a sede de sangue podia tomar conta de uma multidão.

— Madama? — chamou Pascal, em tom urgente.

Léonie viu as chamas coruscando e lambendo o céu negro, refletidas nas folhas úmidas das castanheiras altas que ladeavam a alameda da entrada. Fechou a cortina e recuou da janela.

— Perseguir meu irmão e Isolde até em suas sepulturas, nem isso parece suficiente para eles — murmurou.

Baixou os olhos para os cachos escuros da cabecinha de Louis-Anatole, aninhada em seu corpo, e torceu para que ele não tivesse escutado.

— Não podemos falar com eles, dizer para nos deixarem em paz? — perguntou Pascal.

— A hora das conversas já passou, meu amigo —retrucou Baillard. — Sempre chega um momento em que o desejo de agir, por pior que seja a causa, é mais forte que o desejo de ouvir.

— Teremos que enfrentá-los? Baillard sorriu:

— Um bom soldado sabe quando resistir e enfrentar os inimigos e quando bater em retirada. Esta noite não lutaremos.

Louis-Anatole balançou a cabeça.

— Há alguma esperança? — sussurrou Léonie.

— Sempre há esperança — disse Baillard, em tom suave. Depois, sua expressão

se endureceu e ele se voltou para Pascal.

— A carruagem está pronta?

— Pronta e esperando na clareira junto ao sepulcro. Deve ser longe o bastante para escaparmos da aten-

ção da turba. Tenho esperança de poder tirar-nos daqui sem que sejamos vistos.

— *Ben, ben*. Ótimo. Sairemos pelos fundos, atraves-saremos a trilha e entraremos na floresta, rezando para que o primeiro alvo deles seja a casa em si.

— E os criados? — perguntou Léonie. — Eles também precisam ir embora.

Um rubor intenso espalhou-se pelo rosto largo e franco de Pascal.

— Eles não irão — disse. — Querem defender a casa.

— Não quero que ninguém saia ferido por nossa causa, Pascal — retrucou imediatamente Léonie.

— Direi a eles, madama, mas acho que isso não vai alterar sua determinação.

Léonie viu que ele tinha os olhos úmidos.

— Obrigada — disse, baixinho.

— Pascal, cuidaremos da sua Marieta até nos encontrarmos com você.

— Oc, sénher Baillard.

O criado parou para beijar a esposa e se retirou da sala.

Por um instante, ninguém falou. Depois, a urgência da situação voltou a pressioná-los e todos entraram em ação num sobressalto.

— Léonie — instruiu Baillard —, traga só o que for absolutamente essencial. Marieta, vá buscar a valise e as peles de madama Léonie. Será uma viagem longa e fria.

Marieta engoliu um soluço.

— Na minha valise de viagem, Marieta, já embalada, há uma carteira com papéis dentro da minha caixa de costura. São pinturas, mais ou menos deste tamanho — e gesticulou, indicando o tamanho de um missal. — Fique com a caixa de costura. Guarde-a em segurança. Mas me traga a carteira, sim?

Marieta balançou a cabeça e correu para o saguão.

Léonie esperou que ela saísse e se virou para monsieur Baillard:

— Esta batalha também não é sua, Audric.

— Sajhë — disse ele, baixinho. — Meus amigos me chamam de Sajhë. Léonie sorriu, honrada pela confidência inesperada.

— Muito bem, Sajhë. Uma vez você me disse, já se vão muitos anos, que eram os vivos e não os mortos que mais precisariam dos meus serviços. Está lembrado?

Baixou os olhos para o garotinho e prosseguiu:

— Agora ele é tudo que importa. Se você o levar, ao menos saberei que não falhei em meu dever.

— O amor, o amor verdadeiro perdura, Léonie —sorriu ele. — Seu irmão, Isolde, sua mãe, eles sabiam disso. Não se afastaram de você.

Léonie recordou as palavras que Isolde lhe dissera, ao se sentarem no banco de pedra do promontório, no dia seguinte ao primeiro jantar oferecido na Herdade do Cade. Ela estava falando de seu amor por Anatole, embora Léonie não o soubesse na ocasião. Um amor tão intenso que, sem ele, a vida de Isolde ficara intolerável. Léonie desejaria ter um amor assim.

— Quero que você me dê sua palavra de que levará o Louis-Anatole para Los Seres — retrucou ela e fez uma pausa. — Além disso, eu não me perdoaria se lhe aconte-cesse algo de ruim.

Ele abanou a cabeça.

— Ainda não é minha hora, Léonie. Há muitas coisas que ainda tenho de lazer antes que me seja permitido partir nessa viagem.

Ela olhou de relance para o conhecido lenço amarelo, um quadrado colorido de seda quase imperceptível no bolso do paletó.

Marieta reapareceu no vão da porta, segurando a roupa de sair de Louis Anatole.

— Venha. *Ande!* — disse lhe.

O garotinho aproximou-se dela, obedientemente, e se deixou vestir. Depois, de repente, soltou-se e disparou para o saguão.

— Louis-Anatole! — Léonie o chamou.

— Tem uma coisa que eu preciso pegar — gritou ele, aparecendo instantes depois com a partitura musical na mão. — Não vamos querer ficar sem música lá no lugar pra onde a gente vai — explicou, olhando para os rostos soturnos dos adultos. — Ora, a gente não ia querer!

Léonie abaixou-se:

— Tem toda razão, petit.

— Só que — hesitou ele — não sei pra onde a gente vai. Do lado de fora irrompeu um grito. Um grito de guerra.

Léonie levantou-se depressa, sentindo a mãozinha do sobrinho segurar a sua.

Movidos pelo medo, pela escuridão e pelo pavor de tudo que andava solto nessas horas da véspera de Todos os Santos, os homens, munidos de fogo, porretes e espingardas de caça, começaram a avançar para a casa.

— Começou — disse Baillard. — *Corage*, Léonie.

Seus olhos se cruzaram. Devagar, como se mesmo nessa hora relutasse, ele lhe entregou o baralho de cartas de tarô.

— Lembra-se do que seu tio escreveu?

— Perfeitamente.

Baillard deu um pequeno sorriso:

— Mesmo tendo devolvido o livro à biblioteca e me levado a crer que nunca voltou a consultá-lo? — repreendeu, em tom meigo.

Léonie ruborizou-se.

— Uma ou duas vezes, pode ser que eu tenha voltado a me familiarizar com o conteúdo.

— Talvez seja uma sorte. Nem sempre os velhos são sábios. Mas você compreende que seu destino está ligado a isto, não é? Se optar por dar vida aos quadros que pintou, se invocar o demônio, sabe que ele a levará também?

O medo lampejou nos olhos verdes de Léonie.

— Sei.

— Muito bem.

— O que não entendo é por que o demônio, Asmodeu, não levou meu tio.

Baillard encolheu os ombros.

— O mal atrai o mal. O seu tio não quis abrir mão da vida e lutou com o demônio. Mas ficou marcado para sempre.

— Mas e se eu não conseguir...

— Já chega — interrompeu Baillard, em tom firme.

— Creio que isso ficará claro no momento certo.

Léonie pegou o pacotinho envolto em seda preta e o guardou no bolso amplo da capa, depois correu até o console da lareira e pegou uma caixa de fósforos equilibrada num canto da borda de mármore.

Pondo-se na ponta dos pés, beijou a testa do amigo.

— Obrigada, Sajhë — murmurou. — Pelas cartas.

Por tudo.

O saguão estava escuro quando Léonie, Audric Baillard, Louis-Anatole e Marieta saíram da sala de estar.

Em todos os cantos, todos os nichos, Léonie viu ou ouviu sinais de atividade. O filho do jardineiro, Émile, agora um homem alto e forte, organizava a criadagem da área interna com todas as armas em que podia pôr as mãos. Um velho mosquetão, um alfanje tirado dos mostruários, pedaços de pau. Os criados da área externa estavam armados de espingardas de caça, ancinhos, pás e en-xadas.

Léonie sentiu o choque de Louis-Anatole ao ver transformados daquela maneira os rostos do seu dia a dia.

Sua mãozinha apertou a dela. A jovem parou e disse, em voz alta e clara:

— Não quero que vocês arrisquem a vida. Vocês são leais e valentes, e sei que meu falecido irmão e madama Isolde pensariam o mesmo, se estivessem aqui para ver isto, mas essa não é uma luta que possamos ganhar —e correu os olhos pelo saguão, fitando os rostos conhecidos e os menos conhecidos. — Por favor, eu lhes peço, vão embora enquanto têm essa chance. Voltem para suas famílias, seus filhos.

Ninguém se mexeu. O vidro do retrato em preto e branco, emoldurado e pendurado acima do piano, reluziu, chamando a atenção de Léonie. I Ia hesitou. Uma lembrança de uma tarde ensolarada na Place du Pérou, fazia muito tempo: Anatole sentado, Isolde e ela paradas atrás dele, os três felizes na companhia uns dos outros. Por um instante, ficou tentada a levar a fotografia. Mas, atenta à instrução de levar apenas o que fosse essencial, conteve se.

O retrato permaneceu onde sempre estivera, como se vi-giasse a casa e os que a habitavam.

Ao ver que não havia mais nada a fazer, Léonie e Louis-Anatole saíram pelas portas de metal envidraçadas que davam para o terraço. Baillard e Marieta os seguiram.

Então, do grupo reunido atrás dela, uma voz gritou:

— Boa sorte, madama Léonie. E para você também, pichon. Estaremos aqui quando vocês voltarem.

— *Et a vous aussi* — respondeu o menininho, com sua voz meiga.

Fazia frio do lado de fora. A geada lhes beliscou o rosto e fez suas orelhas doerem. Léonie cobriu a cabeça com o capuz. Eles ouviram a turba no lado oposto da casa, ainda a uma certa distância, mas o som instilou medo em todos.

— Para onde nós vamos, tante Léonie? — murmu-

rou Louis-Anatole. Ela ouviu o medo na voz do sobrinho.

— Vamos atravessar o bosque até onde o Pascal está esperando com a carruagem.

— Por que ele está esperando lá?

— Porque não queremos que ninguém nos veja nem nos escute — ela se apressou a dizer. — E depois, ainda muito quietinhos, preste atenção, vamos para a casa de monsieur Baillard nas montanhas.

— É muito longe?

— É.

O menino calou-se por um instante.

— Quando vamos voltar? Léonie mordeu o lábio.

— Pense nisto como uma brincadeira de esconde-esconde. É só uma brincadeira — disse e levou um dedo aos lábios. — Mas agora precisamos andar depressa, Louis-Anatole. E ficar muito, muito, muito quietinhos.

— E ser muito corajosos.

Os dedos de Léonie apalparam o baralho em seu bolso.

— Ah, sim — ela murmurou. — E corajosos.



CAPÍTULO 95

— *Mettez le feu*! Perto do lago, por ordem de Constant, a multidão — agora nos fundos da casa — mergulhou as tochas na base da cerca de buxos. Passaram-se alguns minutos, depois a cerca começou a pegar fogo, primeiro a rede de galhos, depois os troncos, estalando e soltando faíscas como os fogos de artifício nas muralhas da Cité. As labaredas subiram, oscilaram e se firmaram.

Depois, a voz fria ressurgiu: — *À l'attaque*!

Os homens avançaram num enxame pelos gramados, contornaram o lago, pisotearam as bordas. Saltaram os degraus do terraço, derrubando os vasos de plantas ornamentais.

Constant os seguiu a meia distância, capengando, cigarro na mão, pesadamente apoiado na bengala, como quem acompanhasse um desfile nos Champs-Elysées.

Às quatro horas da tarde, quando tinha certeza de que Léonie Vernier já estaria a caminho de Coustaussa, Constant ainda mandara levar para casa outra criança tru-cidada, para atormentar os pais. Seu criado carregara o cadáver retalhado numa carroça de boi até a Place du Pérou, onde ele aguardava sentado. Fora necessária pouca habilidade, mesmo com suas energias combalidas, para captar a atenção dos passantes. Ferimentos terríveis como aqueles não poderiam ser infligidos por um animal, mas apenas por algo sobrenatural. Uma criatura escondida na Herdade do Cade. Um Diabo, um demônio.

Um cavalariço da Herdade estivera em Rennes-les-Bains na ocasião. o pequeno grupo se voltara contra o menino, exigindo saber como a criatura era controlada onde era mantida. Embora nada houvesse conseguido levá-lo a admitir as histórias absurdas de bruxaria, isso só fizera inflamar a multidão.

Foi o próprio Constant quem havia sugerido que eles invadissem a casa para verem por si. Em poucos minutos, a ideia tinha vingado e se tornado deles. Pouco depois, o conde deixara que o grupo o convencesse a orga-nizar o assalto à Herdade do Cade.

Ele parou aos pés do terraço, esgotado pelo esfor-

ço da caminhada. Viu a turba dividir-se em duas colunas, espalhando-se pela frente e pelo lado, invadindo a escada de pedra que levava ao terraço, nos fundos da casa.

O toldo listrado que se estendia por todo o comprimento do terraço foi o primeiro a pegar fogo, ateado por um garoto que trepou na hera e enfiou a tocha flamejante nas dobras de tecido do canto. Mesmo úmida com o ar de outubro, a fazenda se inflamou e queimou em segundos, e a tocha despencou no terraço. O cheiro de azeite, lona e fogo encheu a noite, numa nuvem de fumaça negra sufocante.

Alguém gritou, acima do caos:

— *Les diaboliques*!

A visão das chamas pareceu inflamar as paixões dos aldeões. A primeira janela foi quebrada, estilhaçando-se o vidro numa ponta de bota revestida de aço. Um estilhaço ficou preso nas grossas calças de inverno do homem, que o chutou longe. Seguiram-se outras janelas. Um a um, os cômodos elegantes foram invadidos pela violência da multidão, que brandia suas tochas para pôr fogo nas cortinas.

Outros três homens pegaram uma urna de pedra e a usaram como um aríete na porta. Vidro e metal vergaram-se e quebraram, quando a moldura cedeu. O trio largou a urna e a multidão inundou o vestíbulo e a biblioteca.

Com trapos em bebidos em azeite e alcatrão, ela ateou fogo às prateleiras de mogno. Um por um, os livros se inflamaram, o papel ressequido e as antigas encadernações de couro pegando fogo com a facilidade da palha. Estalando e faiscando, as chamas lamberam uma prateleira após outra.

Os invasores arrancaram as cortinas. Outras janelas foram despedaçadas, quer pelo calor crescente e pelo metal retorcido, quer por pernas de cadeiras. Com os rostos crispados de ódio e inveja, os homens viraram a mesa que Léonie se sentara e lera Les Tarots pela primeira vez e arrancaram a escada da parede, lutando com as armações de metal. As chamas lamberam as bordas dos tapetes, depois explodiram num incêndio em larga escala.

A massa irrompeu pelo saguão de piso axadrezado.

Andando devagar, empurrando as pernas para adiante de forma canhestra, Constant a seguiu.

Os invasores depararam com os defensores da casa aos pés da escadaria

principal.

Os criados eram largamente superados em número, mas lutaram com bravura. Também eles haviam sofrido com as calúnias, os boatos, a disseminação de rumores, e tanto estavam defendendo sua honra quanto a reputação da Herdade do Cade.

Um jovem lacaio desferiu um contundente golpe enviesado num homem que avançava em sua direção. Apanhado de surpresa, o aldeão tropeçou para trás, com o sangue brotando da cabeça.

Todos se conheciam. Haviam crescido juntos —eram primos, amigos, vizinhos —, mas lutaram como inimigos. Emile foi derrubado por um ponta pé violento de uma bota com ponteira de aço, por um homem que um dia o havia carregado nos ombros para a escola.

A gritaria aumentou.

Os jardineiros e encarregados da manutenção do terreno, munidos de espingardas de caça, atiraram na turba, atingindo um homem no braço, outro na perna. Jorrou sangue da pele dilacerada, braços se ergueram para evitar os golpes. Mas, pela simples força numérica, a casa foi dominada O velho jardineiro foi o primeiro a cair, ouvindo o osso da perna partir-se quando um pé desceu sobre ela. Émile aguentou um pouco mais, até ser agarrado por dois homens e um terceiro esmurrá-lo repetidamente no rosto, até ele desabar. Homens com cujos filhos Emile tinha brincado. Eles o suspenderam e o atiraram por cima da balaustrada. O rapaz pareceu pairar no ar por uma fra-

ção de segundo, depois caiu de cabeça na base da escada.

Aterrissou com os braços e pernas esparramados em ângulos anormais. Apenas um filete de sangue escorreu do canto de sua boca, mas os olhos estavam mortos.

Um primo de Marieta, Antoine, um menino simples, mas de cabeça lúcida o bastante para discernir o certo do errado, viu um homem a quem reconheceu, de cinto na mão. Era o pai de uma das crianças sequestradas. Tinha o rosto crispado de amargura e dor.

Sem compreender nem parar para pensar, Antoine lançou-se à frente, atirando os braços no pescoço do homem e tentando derrubá-lo no chão, Antoine era pesado

e forte, mas não sabia lutar. Em poucos segundos, viu se caído de costas. Levantou as mãos, mas demorou demais.

O cinto o atingiu no rosto e o pino de metal da fivela cravou-se em seu olho aberto. Seu mundo tornou-se vermelho.

Constant parou ao pé da escada, com a mão erguida para proteger o rosto do calor e da fuligem, esperando o criado atravessar correndo o vestíbulo para lhe levar notícias.

— Eles não estão aqui — arfou o homem. — Pro-

curei em toda parte. Parece que saíram com um velho e com o caseiro há uns 15 minutos.

— A pé?

O criado fez que sim.

— Achei isto, monsieur. Na sala de estar.

Victor Constant segurou o objeto com a mão trêmula. Era uma carta de tarô, a imagem de um diabo grotesco, com dois amantes acorrentados a seus pés. Ele tentou focalizá-la, pois a fumaça lhe tirava a visão. Enquanto olhava, pareceu-lhe que o demônio se moveu, contorcendo-se como que sob um fardo. Os amantes passaram a se assemelhar a Vernier e Isolde.

O conde esfregou os olhos doloridos com os dedos enluvados e então lhe ocorreu uma ideia.

— Quando você cuidar do Gélis, deixe essa carta de tarô junto ao corpo. Ela confundirá as coisas, pelo menos. Coustaussa inteira sabe que a moça esteve lá.

O criado assentiu com a cabeça.

— E o senhor, monsieur?

— Ajude-me a chegar à carruagem. Uma criança, uma mulher e um velho? Não creio que possam ter ido longe. Na verdade, acho mais provável que estejam escondidos em algum lugar no terreno. A propriedade é cheia de bosques

íngremes. Só existe um lugar onde eles podem estar.

— E eles? — perguntou o criado, balançando a cabeça em direção à turba.

O som da gritaria subia num crescendo, à medida que a batalha ia chegando ao auge. O saque não tardaria a começar. Mesmo que o menino escapasse nessa noite, não haveria nada para o qual voltar. Ele ficaria na miséria.

— Deixe que se divirtam.



CAPÍTULO 96

Foi difícil andar no escuro, depois de chegarem à mata. Louis-Anatole era um menino forte e monsieur Baillard, apesar da idade, tinha pés surpreendente mente rápidos, porém, mesmo assim, o progresso foi lento. Eles haviam levado um lampião, mas não o acenderam, por medo de chamar a atenção da turba.

Léonie constatou que seus pés conheciam o caminho do sepulcro, que ela evitara por tanto tempo. Enquanto andava, subindo a encosta, sua longa capa preta agitou as folhas de outono caídas e úmidas sob seus pés.

Ela pensou em todas as suas andanças pela propriedade

— pela clareira dos juníperos silvestres, a outra em que Anatole havia tombado, as sepulturas do irmão e de Isolde, lado a lado no promontório do extremo oposto do lago — e seu coração chorou à ideia de que talvez nunca mais voltasse a ver esses lugares. Durante muito tempo sentira-se confinada em sua vida tacanha, mas, agora que chegara o momento de partir, não queria ir embora. As pedras, os morros, os bosques, as trilhas arborizadas, tudo lhe pareceu entremeado na estrutura da pessoa em quem ela se transformara.

— Já estamos chegando, *tante* Léonie? — perguntou Louis-Anatole com a vozinha miúda, depois de caminharem por cerca de 15 minutos. — Minhas botas estão me espetando.

— Quase — ela confirmou, apertando-lhe a mão.

— Cuidado para não escorregar.

— Sabe — disse ele, num tom que desmentia suas palavras —, não tenho o menor medo de aranha.

Chegaram à clareira e diminuíram o passo. A avenida de teixos que Léonie recordava de sua primeira visita parecia mais emaranhada pelo tempo, e o toldo formado por suas copas, menos penetrável do que antes.

Pascal os aguardava. Duas lamparinas fracas nas laterais da carruagem estalavam ao ar frio, e os cavalos batiam as ferraduras dos cascos no chão duro.

— Que lugar é esse, tante, Léonie? — perguntou Louis— Anatole, a curiosidade espantando o medo momentaneamente. — Ainda estamos nas nossas terras?

— Estamos. Esse é o antigo mausoléu. — Onde enterram gente? — Às vezes.

— Por que o papai e a mamãe não estão enterrados aqui? Léonie hesitou.

— Porque eles preferem ficar do lado de fora, entre as árvores e as flores. Estão dormindo perto do lago, lembra-se?

Louis-Anatole franziu a testa.

— Pra escutar os passarinhos? Léonie sorriu.

— Isso mesmo.

— E por isso que você nunca me trouxe aqui? —perguntou ele, dando um passo para se aproximar da porta. — Porque aqui tem fantasmas?

Léonie estendeu o braço e o segurou.

— Não há tempo, Louis-Anatole. Ele fez uma expressão decepcionada. — Não posso entrar?

— Agora, não.

— Tem aranha?

— Talvez, mas, como você não tem medo de aranhas, isso não teria importância.

Ele balançou a cabeça, mas tinha ficado muito pálido.

— A gente volta outro dia. Quando estiver claro.

— É uma excelente ideia.

Léonie sentiu a mão de monsieur Baillard em seu ombro.

— Não podemos demorar mais — disse Pascal. —

Temos de percorrer a maior distância possível antes que o Constant perceba que não estamos em casa — acrescentou. Inclinou o corpo e içou Louis-Anatole para dentro da carruagem. — E então, pichon, está pronto para uma aventura à meia-noite?

Louis-Anatole fez que sim.

— É muito longe.

— Mais longe que o lago de Barrenc?

— Mais longe ainda — respondeu Pascal.

— Não me incomodo. A Marieta vai brincar comigo?

— Vai.

— A tia Léonie vai me contar histórias.

Os adultos trocaram olhares abatidos. Em silêncio, monsieur Baillard e Marieta subiram na carruagem, com Pascal acomodado no assento do cocheiro.

— Vem, tia Léonie — disse o menino. Ela bateu a porta da carruagem com força.

— Mantenha-o em segurança.

— Você não tem que fazer isso — apressou-se a dizer Baillard. — O Constant é um homem doente. É

possível que o tempo e o curso natural das coisas ponham fim a essa vendeta, e logo. Se você esperar, pode ser que tudo isso passe por conta própria.

— Sim, é possível — retrucou ela, em tom veemente. — Mas não posso correr esse risco. Talvez leve três anos, cinco, até dez. Não posso deixar Louis--Anatole crescer sob essa sombra, sempre em dúvida, sempre pers-crutando a escuridão. Achando que há alguém à espreita para lhe fazer mal.

Veio-lhe uma lembrança de Anatole olhando para a rua, do antigo apartamento na rue de Berlin. E uma outra, do rosto atormentado de Isolde, sempre fitando o horizonte, vendo perigos nas menores coisas.

— Não. Não deixarei Louis-Anatole levar esse tipo de vida — disse, em tom mais firme. Sorriu. — Isto tem que acabar. Agora, hoje, aqui — e respirou fundo. — Você também acredita nisso, Sajhë.

Por um momento, à luz bruxuleante dos lampiões, seus olhos se encontraram. E ele assentiu com a cabeça.

— Devolverei as cartas ao antigo lugar delas —disse Baillard, em voz baixa —, quando o menino estiver seguro e não houver olhos para me ver. Pode confiar em mim.

— Tante Léonie? — tornou a chamar Louis-Anatole, um pouco mais aflito.

— Petit, há uma coisa que eu preciso fazer — disse ela, mantendo a voz estável —, o que significa que não posso ir com você neste momento. Você ficará muito mais seguro com o Pascal e a Marieta e com monsieur Baillard.

O rosto do menino crispou-se e ele esticou os bra-

ços para a tia, compreendendo instintivamente que aquilo era mais do que uma separação temporária.

— Não! — gritou. — Não quero deixar você, titia.

Não vou deixar! Atravessou-se no assento e atirou os bra-

ços no pescoço de Léonie. Ela o beijou e lhe afagou o cabelo, depois se soltou dele com firmeza. — Não! — gritou o garotinho, debatendo-se.

— Seja bonzinho com a Marieta — disse ela, sentindo as palavras presas na garganta. — E cuide de monsieur Baillard e do Pascal.

Com um passo atrás, deu um tapa na lateral da carruagem. — Vão! — gritou. — Vão!

Pascal estalou o chicote e o veículo partiu num solavanco. Léonie procurou tapar os ouvidos para o som da voz de Louis-Anatole a chamá-la, chorando, cada vez mais fraca, à medida que ele era levado para longe.

Quando não mais pôde ouvir o chocalhar das rodas no chão duro e gelado, virou-se e andou até a porta da antiga capela de pedra. Cega pelas lágrimas, segurou a ma-

çaneta de metal. Hesitou, virando-se um pouco e olhando para trás. Ao longe havia um intenso brilho alaranjado, cheio de chispas e nuvens de fumaça cinzenta contra o negro céu noturno.

A casa estava em chamas.

Ela fortaleceu sua determinação. Girou a maçaneta, abriu a porta e cruzou a soleira do sepulcro.



CAPÍTULO 97

O ar pesado e gélido correu a seu encontro. Aos poucos, Léonie deixou os olhos se acostumarem à penumbra. Tirou do bolso a caixa de fósforos, abriu a portinha de vidro do lampião e segurou a chama junto ao pavio, até ele se acender.

Os olhos azuis de Asmodeu fixaram-se na jovem, que avançou mais pela nave. Os quadros na parede pareceram pulsar, oscilar e se mover em sua direção, quando ela andou lentamente para o altar. A poeira e a areia arranharam as pedras do piso sob suas botas, ruidosas no silêncio do túmulo.

Léonie não sabia ao certo o que fazer primeiro. Sua mão correu para o baralho no bolso. Na outra estava a carteira de couro com pedaços de papéis dobrados — os desenhos que ela tentara fazer de si mesma, de Anatole, de Isolde —, dos quais não quisera se separar.

Ela finalmente admitira para monsieur Baillard que, depois de ver o baralho com

os próprios olhos, tinha retornado em várias ocasiões ao livro do tio, examinando o texto manuscrito até conhecer cada palavra de cor. Mas, apesar disso, ainda restava uma dúvida quanto à explica-

ção de monsieur Baillard sobre o modo como a vida palpi-tante contida nas cartas e a música levada pelo vento podiam influir uma na outra, para invocar os fantasmas que habitavam esses antigos lugares.

Seria possível?

Léonie compreendeu que não eram apenas as cartas nem a música, nem apenas o lugar, mas a combinação dos três dentro dos limites do sepulcro.

E, se os mitos correspondiam à verdade literal, ela sabia, mesmo em meio as suas dúvidas, que não haveria retorno. Os espíritos a levariam. Já o haviam tentado uma vez sem conseguir, mas, nessa noite, ela deixaria de bom grado que a levassem, desde que também levassem Constant.

E o Louis-Anatole ficará seguro.

Súbito, um som de arranhão, uma batida leve, sobressaltou-a. Léonie olhou em volta, procurando a fonte do ruído, e percebeu, com um suspiro de alívio, que eram apenas os galhos nus de uma árvore do lado de fora batendo na janela.

Pôs a lamparina no chão, riscou um segundo fósforo, depois vários outros, e foi acendendo as antigas velas de sebo postas em candelabros de metal nas paredes. Gotas de gordura começaram a deslizar pelos pavios mortos, solidificando no metal frio, mas, aos poucos, todas as velas se acenderam e o sepulcro encheu-se de sua luz amarela e bruxuleante.

Léonie avançou, com a sensação de que os oito quadros da abside observavam cada movimento seu. Encontrou diante do altar o espaço em que, mais de uma geração antes, Jules Lascombe tinha soletrado o nome da Herdade no piso de pedra, C-A-D-E.

Sem saber se fazia ou não a coisa certa, tirou do bolso as cartas de tarô, desembrulhou-as e pôs o baralho inteiro no centro do quadrado, as palavras do falecido tio lhe reverberavam na cabeça. Pôs a carteira de couro ao lado do baralho e desatou os laços, mas não tirou os desenhos.

A s cartas através de cujo poder eu andaria em outra dimensão.

Levantou a cabeça. Houve um novo momento de quietude. Fora da câmara, ela ouviu o vento mover-se por entre as árvores. Apurou mais o ouvido. A fumaça continuava a subir das velas, imperturbável, mas ela se julgou quase capaz de discernir um som de música, notas fracas, um assobio agudo de vento a se entremear pelos galhos das faias e pela avenida de teixos. E então ela chegou, escorregadia, deslizando por baixo da porta, infiltrando-se pelas frestas entre o chumbo e os vi trais das janelas.

Houve uma lufada de ar e tive a sensação de não estar sozinho.

Léonie sorriu ao se lembrar das palavras na página.

Agora não estava com medo, mas curiosa. E, por um instante fugaz, ao erguer os olhos para a abside octogonal, pensou ter visto, talvez, o rosto de La Force mexer-se. O

mais tênue sorriso espalhara-se pelo rosto pintado. E, por um instante, a moça pareceu exatamente igual a ela — igual a seu próprio rosto, pintado por ela nas cópias das imagens do tarô. O mesmo cabelo de cobre, os mesmos olhos verdes, o mesmo olhar direto.

Eu mesmo e meus outros eus, tanto passados quanto ainda por vir, ficamos igualmente presentes.

A sua volta, Léonie conscientizou-se de um movimento. Espíritos, ou as cartas ganhando vida, não saberia dizer. Os Enamorados, para seu olhar esperançoso e receptivo, assumiram claramente as feições amadas de Anatole e Isolde. Por um instante fugaz, ela julgou reconhecer as feições de Louis-Anatole tremeluzindo por trás da ima-

gem de La Justice, sentada com sua balança e uma fileira de notas na bainha da saia comprida: o menino que ela conhecia, contido nos contornos da mulher da carta. Então, vislumbrados pelo canto do olho, apenas por um segundo, os traços de Audric Baillard — Sajhë — pareceram gravar-se no jovem rosto de Le Pagad.

Léonie ficou totalmente imóvel, deixando a música derramar-se sobre ela. Os rostos, os trajes e as paisagens pareceram mover-se, oscilar e cintilar como estrelas, girando no ar prateado, como que sustentados pela corrente invisível da

melodia. Ela perdeu a noção de si mesma.

Dimensão, espaço, tempo, massa, tudo se esvaeceu na insignificância.

As vibrações, os farfalhos do ar, os fantasmas, supôs ela, roçaram seus ombros e pescoço, deslizaram rente a sua testa, cercaram-na, gentis, delicados, mas sem nunca tocá-la realmente. Um caos silencioso foi crescendo, uma cacofonia de sussurros e suspiros mudos.

Léonie estendeu os braços para a frente. Sentiu-se sem peso, transparente, como que flutuando na água, embora o vestido vermelho continuasse a pendei sobre seu corpo, a capa preta nos ombros. Os espíritos aguardavam que ela se juntasse a eles. A moça virou as mãos estendidas para cima e, com muita clareza, viu o símbolo do infinito surgir na pele alva de suas palmas. Como um oito.

Aïci lo tems s'en va res l'Eternitat.

As palavras saíram de seus lábios, cristalinas. Agora, após uma espera tão longa, não havia como confundir seu significado. Aqui, o tempo se vai rumo à eternidade.

Léonie sorriu e, com o pensamento em Louis-Anatole às suas costas, na mãe, no irmão e na tia diante dela, deu um passo em direção à luz.

Sacolejar pelo terreno acidentado lhe causara grande desconforto, abrindo várias feridas em suas mãos e suas costas. Constant sentiu o pus vazar pelos curativos. Saltou da carruagem.

Cutucou o solo com a bengala. Dois cavalos tinham estado ali — recentemente. Os sulcos das rodas sugeriam apenas uma carruagem e pareciam conduzir para longe do sepulcro, não para ele.

— Espere aqui — instruiu.

Sentiu a força curiosa do vento insinuando-se por entre os troncos muito unidos da avenida de teixos que levava à porta do túmulo. Com a mão livre, apertou o sobretudo na garganta, para se proteger das correntes de ar cada vez mais fortes. Fungou. Seu olfato praticamente havia desaparecido, mas ainda conseguiu captar um odor desagradável, uma mistura peculiar de incenso e do cheiro fétido de algas marinhas apodrecendo na praia.

Embora seus olhos lacrimejassem de frio, ele viu que havia luzes acesas do lado de dentro. A ideia de que o menino pudesse estar escondido ali o impeliu a avançar.

Constant seguiu adiante, sem dar atenção ao som fluido, quase como de água, nem aos assobios, como o vento deslizando por cabos telegráficos ou a vibração dos trilhos de metal à aproximação de um trem. Quase como música.

Recusou-se a se deixar distrair por quaisquer que fossem os truques que Léonie Vernier pudesse ou não tentar, usando a luz, a fumaça ou o som.

Aproximou-se da porta pesada e girou a maçaneta.

A princípio, ela não se mexeu. Presumindo que estivesse trancada, ou que houvesse móveis empilhados como uma barricada, mesmo assim Constant tentou de novo. Dessa vez a porta se abriu quase que imediatamente, e por pouco ele não perdeu o equilíbrio, e entrou meio andando, meio caindo no sepulcro.

Avistou-a de imediato, parada de costas para ele, em frente a um altarzinho disposto numa abside de oito lados. Aliás, ela não fazia a menor tentativa de se esconder. Do menino, nem sinal.

Com o queixo projetado para a frente e os olhos correndo para a esquerda e a direita, Constant prosseguiu pela nave, a bengala batendo nas pedras do piso, enquanto seus pés desciam desajeitados de um passo para outro.

Havia um pedestal vazio logo depois da porta, lascado no alto, como se a estátua lhe tivesse sido arrancada. Conhecidos santos de gesso, dispostos nas paredes atrás das modestas fileiras de bancos desertos, marcaram sua passagem quando ele se aproximou do altar.

— Mademoiselle Vernier — chamou em tom ríspi-

do, irritado com a desatenção da moça.

Mesmo assim, ela não se mexeu. Na verdade, parecia desconhecer a presença dele.

Constant parou e olhou para a pilha de cartas espalhadas no piso de pedra diante do altar.

— Que absurdo é esse? — indagou e pisou no quadrado.

Nesse momento, Léonie virou-se para olhá-lo. O

capuz descobriu seu rosto. Constant levantou as mãos doentes, para proteger os olhos da luz. O sorriso sumiu de seus lábios. Não conseguiu compreender. Ele via as fei-

ções da moça, o mesmo olhar direto, o cabelo agora solto, como no retrato que ele havia furtado da rue de Berlin, mas ela se transformara em outra pessoa.

Enquanto ele se mantinha parado, cativo e cego, Léonie começou a mudar. Os ossos, os tendões, o crânio sob a pele começaram a aparecer.

Constant deu um grito.

Alguma coisa baixou sobre ele, e o silêncio que ele não reconhecera como silêncio foi rompido por uma cacofonia de guinchos e uivos. Ele grudou as mãos nos ouvidos, para impedir as criaturas de lhe entrarem na cabeça, mas seus dedos foram puxados por garras e presas, embora não lhe ficasse uma só marca no corpo.

Foi como se as figuras pintadas houvessem descido da parede, cada uma transformada numa versão perversa de seu eu mais gentil. Unhas transformaram-se em presas, dedos, em garras, olhos, em fogo e gelo. Constant afundou a cabeça no peito, deixando cair a bengala ao cruzar os braços sobre o rosto para se proteger. Caiu de joelhos, arquejante, e seu coração começou a perder o ritmo. Tentou mover-se para diante, sair do quadrado no chão, mas uma força invisível, como um vento esmagador, continuou a empurrá-lo para trás Os uivos e a vibração da música foram ficando mais altos. Pareciam vir tanto de fora quanto de dentro, ecoando em sua cabeça. Fendendo sua mente

— Não! — ele gritou.

Mas as vozes aumentaram de volume e intensidade.

Sem compreender, Constant procurou Léonie. Já não conseguiu vê-la. A luz era brilhante demais, o ar em volta ondulava com a fumaça incandescente.

E então, de trás dele, ou melhor, de um ponto abaixo da superfície de sua própria

pele, veio um ruído diferente. Um arranhar, feito as garras de um animal selvagem, raspando a superfície de seus ossos. Constant se en-

colheu e estrebuchou, gritando de agonia, e caiu no chão com uma arfada.

E, súbito, acocorado em seu peito, com um fedor de peixe e breu, havia um demônio macilento e crispado, com a pele feito couro vermelho, chifres na testa e estranhos e penetrantes olhos azuis. O demônio que ele sabia que não podia existir. Que não existia. No entanto, o rosto de Asmodeu o fitava.

— Não! — gritou Constant, abrindo a boca num derradeiro uivo antes de o Diabo o levar.

No mesmo instante, o ar do sepulcro aquietou-se.

Os murmúrios e suspiros dos espíritos tornaram-se mais tênues, e enfim se fez silêncio. As cartas ficaram espalhadas no chão. Os rostos na parede voltaram a ser planos e bidimensionais, mas houvera uma mudança sutil em suas expressões e atitudes Cada um exibia uma semelhança inconfundível com os que tinham vivido — e morrido —na Herdade do Cade. Como as pinturas de Léonie.

Do lado de fora, na clareira, o criado de Constant escondeu-se, para fugir do vento, da fumaça e da luz. Ouviu o patrão gritar uma vez, depois outra. O som desuma-no deixou-o petrificado demais para se mexer.

Só nesse momento, depois de tudo se aquietar e as luzes no interior do sepulcro se estabilizarem, foi que ele reuniu coragem para sair do esconderijo.

Devagar, aproximou-se da porta e a achou entreaberta. Sua mão hesitante não encontrou resistência.

— Monsieur?

Entrou e tornou a chamar.

— Monsieur?

Uma corrente, como uma exalação, esvaziou a fumaça do sepulcro num único sopro frio, deixando o lugar iluminado pelo lampião da parede.

O lacaio viu imediatamente o corpo do patrão. Ele jazia no chão, de bruços, em frente ao altar, com as cartas de um baralho espalhadas em toda a sua volta. O homem se precipitou para ele e desvirou a forma emaciada de seu amo, e então recuou. No rosto de Constant havia três lanhos profundos e vermelhos, como as marcas violentas de um animal selvagem.

Como garras. Como as marcas que ele próprio gravara nas crianças que os dois haviam matado.

O homem se benzeu mecanicamente e se curvou para fechar os olhos arregalados e aterrorizados do patrão.

Sua mão se deteve quando ele notou a carta retangular sobre o peito de Constant, em cima do coração. Le Diable.

Teria estado ali o tempo todo?

Sem entender, o criado levou a mão ao bolso, no qual podia jurar que tinha posto a carta que o patrão o instruíra a deixar junto ao corpo do padre Gélis, em Coustaussa. O bolso estava vazio.

Será que ele a deixara cair? Que outra explicação podia haver?

Houve um instante de reconhecimento, e então o homem afastou-se do corpo do patrão, cambaleando, e começou a correr pela nave, passou pelos olhos cegos das estátuas e disparou para fora do sepulcro, para longe do rosto de escárnio estampado na carta.

No vale lá embaixo, o sino começou a badalar a meia-noite.



PARTE XII

As ruínas

Outubro de 2007

CAPÍTULO 98

HERDADE DO CADE

QUARTA-FEIRA, 31 DE OUTUBRO DE 2007

— Dra. O’Donnell! — Hal tornou a gritar. Passavam dez minutos do meio-dia. Fazia mais de 15 que ele estava esperando em frente à casa de Shelagh O’Donnell.

Tentara bater à porta. Nenhum dos vizinhos dela estava em casa, e por isso ele tinha saído para dar uma volta e retornado, recomeçando a bater. Nada ainda.

Hal tinha certeza de estar no lugar correto — havia verificado o endereço várias vezes — e não acreditava que ela pudesse ter se esquecido, dentou manter o pensamento positivo, mas isso se tornava um desafio cada vez maior, a cada segundo que passava. Onde estava ela? O trânsito andara ruim nessa manhã, portanto, será que ela ficara retida num engarrafamento? Quem sabe estaria no banho, sem ouvi-lo?

A pior das hipóteses — e a mais provável, ele teve de admitir — era que Shelagh houvesse reconsiderado a ideia de ir com ele à polícia. A antipatia dela pelas autoridades era evidente, e Hal podia facilmente imaginá-la perdendo a pouca coragem que tinha, sem a presença dele e de Meredith para lhe dar apoio.

Passou os dedos pela cabeleira farta, deu um passo atrás e olhou para as venezianas fechadas das janelas. A casa ficava no meio de um bonito casario à margem do rio Aude, de frente para a água, separada da passarela de pe-

destres, num dos lados, por uma cerca de cantoneiras de ferro e hastes de bambu Ocorreu a Hal que talvez ele conseguisse ver o interior do jardim pelos fundos. Seguiu a linha das construções e deu a volta na direção oposta. Por trás, era

difícil saber qual casa era qual, mas ele foi confe-rindo a cor das paredes — uma era pintada de azul claro, outra, de amarelo claro — até se sentir seguro de saber qual delas era a de Shelagh O'Donnell.

Havia uma mureta baixa em ângulo reto com a sebe. Hal chegou mais perto, para ter um vislumbre do terraço. Surgiu-lhe uma esperança no peito. Parecia haver alguém lá.

— Dra. O'Donnell? Sou eu, o Hal Lawrence. Não houve resposta.

— Dra. O'Donnell? É meio-dia e quinze.

Ela parecia estar deitada de bruços no pequeno terraço adjacente à casa. O local era abrigado do vento e o sol estava surpreendentemente quente para o finalzinho de outubro, mas o tempo estava longe de ser apropriado para banhos de sol. Talvez ela estivesse lendo um livro, não dava para ver. Mas, o que quer que estivesse fazendo, pensou Hal, irritado, era claro que havia decidido ignorá-lo, fingir que ele não estava ali. Sua visão era obscurecida por um par de vasos de plantas malcuidados.

— Dra. O'Donnell?

Seu telefone vibrou no bolso. Sem prestar grande atenção, ele pegou o celular e leu o recado.

"*Achei-as. Sepulcro agora. XX*."

Hal olhou com ar perplexo para as palavras na tela, depois seu cérebro entrou em ação e ele começou a sorrir, compreendendo a mensagem de Meredith.

— Pelo menos alguém está tendo uma manhã pro-

dutiva — resmungou e voltou a cuidar de seu assunto imediato. Não o deixaria para lá. Depois de todo o esforço que tinha feito para convencer o comissário a recebê-lo nessa manhã, não ia deixar que Shelagh pulasse fora.

— Dra. O'Donnell! — tornou a chamar. — Sei que a senhora está aí. Começou a ficar intrigado. Mesmo que ela houvesse mudado de ideia, era estranho que não lhe desse a menor atenção. Ele estava fazendo bastante barulho. Hesitou, depois impulsionou o corpo e pulou o muro.

Havia um pedaço pesado de madeira caído no terraço, meio empurrado para baixo da sebe. Hal o apanhou e notou que havia marcas na ponta. Sangue, percebeu.

Correu pelo terraço até onde Shelagh O'Donnell estava caída, imóvel. Uma olhadela foi suficiente para ver que tinha sido golpeada, e mais de uma vez. Hal verificou seu pulso. Ela ainda estava respirando, embora não parecesse nada bem.

Tirou o celular do bolso e, com dedos trêmulos, ligou para chamar uma ambulância.

— *Maintenant*! — gritou, depois de dar o endereço três vezes. — *Oui, elle souffle! Mais vite, alors!*

Desligou o telefone. Entrou às pressas na casa, achou um cobertor jogado no encosto do sofá e correu para fora. Estendeu-o sobre Shelagh com cuidado, para mantê-la aquecida, sabendo que não devia tentar movê-la, depois tornou a entrar na casa e saiu à rua pela porta da frente. Sentia-se culpado pelo que estava prestes a fazer, mas não podia ficar em Rennes-les-Bains esperando os paramédicos. Tinha que voltar.

Esmurrou a porta de uma vizinha. Quando ela atendeu, contou à mulher assustada o que havia acontecido, pediu-lhe para ficar com a dra. O'Donnell até a ambulância chegar e correu para o carro, antes que ela tivesse chance de fazer alguma objeção.

Ligou o motor e pôs o pé no acelerador. Só havia uma pessoa que poderia ser a responsável. Ele tinha que voltar à Herdade do Cade. E encontrar Meredith.

Julian Lawrence bateu a porta do carro e disparou pela escada da entrada do hotel.

Não devia ter entrado em pânico.

Gotas de suor escorriam por seu rosto e empapa-vam o colarinho da camisa. Ele tropeçou na recepção.

Precisava ir para seu escritório e se acalmar. E depois pensar no que fazer.

— Monsieur? Monsieur Lawrence!

Julian deu meia-volta, com a visão meio embaçada, e viu a recepcionista acenando com a mão.

— Monsieur Lawrence — começou Eloise, mas se

interrompeu, assustada. — O senhor está bem?

— Estou ótimo — veio a resposta ríspida. — O

que foi? A moça se retraiu.

— O seu sobrinho me pediu para lhe entregar isto.

Julian cobriu a distância em três passadas e arrancou o papel da mão estendida de Eloise. Era um bilhete de Hal, curto e grosso, querendo marcai um encontro entre os dois para as duas da tarde.

Amassou o papel no punho.

— A que horas ele deixou isto? — perguntou.

— Mais ou menos às dez e meia, monsieur, logo depois de o senhor sair.

— Meu sobrinho está no hotel?

— Acho que foi a Rennes-les-Bains pouco antes do meio-dia, para buscar a visita que esteve aqui mais cedo.

Ao que eu saiba, ainda não voltou.

— A moça americana estava com ele?

— Não. Ela foi para os jardins — — retrucou Eloise, com uma olhadela para as portas que davam para o terraço.

— Quanto tempo faz isso?

— Pelo menos uma hora, monsieur.

— Ela disse o que ia fazer? Disse aonde ia? Você ouviu alguma coisa entre ela e meu sobrinho, Eloise?

Qualquer coisa?

A apreensão crescente ante a conduta de Lawrence transpareceu nos olhos da recepcionista, mas a moça respondeu com calma.

— Não, monsieur, embora...

— O quê?

— Antes de ir para o jardim, ela perguntou se podia pegar emprestada uma... não sei a palavra em inglês...

une pelle.

— Uma pá? — assustou-se Julian.

Eloise recuou, alarmada, quando o homem arriou as duas mãos na escrivaninha, deixando a marca das palmas úmidas no tampo. A srta. Martin dificilmente pediria uma pá se não pretendesse cavar, pensou ele. E havia esperado até saber que ele saíra do hotel.

— As cartas — murmurou Julian. — Ela sabe onde estão.

— *Qu'est-ce qu'il y a, monsieur*?— perguntou Eloise, nervosa. — *Vous semblez...*

Julian não respondeu, apenas girou nos calcanhares, cruzou o saguão e abriu a porta do terraço, fazendo-a bater com força na parede.

— O que devo dizer quando o seu sobrinho voltar?

— gritou Eloise. Pela janelinha nos fundos da recepção ela o viu afastar-se. Não em direção ao lago, como fizera srta. Martin, mas à floresta.

CAPÍTULO 99

Havia uma avenida de teixos bem à frente e o eco de uma antiga trilha. Não parecia levar a parte alguma, porém, olhando mais de perto, Meredith discerniu

o contorno de fundações e algumas pedras quebradas no chão.

Houvera uma construção ali. O lugar é este.

Segurando a caixa com o baralho de cartas, ela andou lentamente para onde um dia estivera o sepulcro. A grama estava úmida sob seus pés, como se tivesse chovido recentemente. Meredith sentiu o abandono e o isolamento do lugar pelas solas das botas enlameadas.

Reprimiu o desapontamento. Um punhado de pedras, as ruínas de uma parede externa e, afora isso, apenas espaço vazio. Capim, até onde a visão alcançava.

Examine mais de perto.

Meredith olhou para o espaço. Viu então que a superfície não era inteiramente plana. Com um pouco de imaginação, percebeu que praticamente podia discernir a marca deixada pelo sepulcro. Uma faixa de terra, talvez de uns seis metros de comprimento por três de largura, como um jardim afundado. Segurando um pouco mais apertadas as alças da caixa, deu um passo à frente. Só ao fazê-lo foi que percebeu que havia levantado o pé.

Como se eu cruzasse uma soleira.

De imediato, a luz pareceu mudar. Ficar mais densa, mais opaca. O rugir do vento em seus ouvidos tornou-se mais alto, como uma nota aguda e repetida, ou um zumbir em cabos telefônicos balançados pela brisa. E Me-

redith detectou um aroma levíssimo de incenso, um cheiro inebriante de pedras úmidas e cultos antigos pairando no ar.

Pôs a caixa no chão, endireitou o corpo e olhou em volta. Um truque do vento fazia uma névoa fina elevar-se do solo úmido. Depois, começaram a surgir minúsculos pontos de luz, um a um, pairando suspensos junto à periferia da ruína, como se uma mão invisível acendesse uma série de velas minúsculas. À medida que os halos de luz foram-se ligando uns aos outros, deram forma às paredes desaparecidas do sepulcro. Pelo véu de névoa fina Meredith pensou discernir o contorno de algumas letras no chão: C-A-D-E. Ao dar um passo à frente, a superfície sob suas botas também lhe pareceu modificada. Já não era pedra e grama, porém lajes duras e frias.

Meredith ajoelhou-se, indiferente à umidade que se infiltrava pelos joelhos dos jeans. Pegou o baralho e fechou a tampa. Não querendo estragar as cartas, tirou a jaqueta e a estendeu pelo avesso sobre a caixa de costura.

Embaralhou-as como Laura lhe mostrara em Paris, depois cortou o baralho em três pilhas separadas, usando a mão esquerda. Tornou a juntá-las — a do meio, a de cima e a de baixo — e pôs todo o baralho virado para baixo sobre a mesa improvisada.

Não posso dormir.

Não havia possibilidade de Meredith tentar fazer uma leitura sozinha. Toda vez que relia as anotações que tinha feito, ficava mais confusa do que antes com os significados. Pretendia apenas abrir as cartas — talvez oito, res peitando a relação da música com o lugar —, até emergir algum padrão.

Até que, como prometera Léonie, as cartas contassem a história.

Virou a primeira e sorriu ao ver o rosto familiar de La Justice. Apesar do embaralhamento e do corte, era a mesma carta que estivera por cima no mo mento em que ela encontrara o baralho no esconderijo, no leito seco do rio.

A segunda foi La Tour, uma carta de conflito e ameaça. Ela a pôs ao lado da primeira e pegou outra. Os olhos azul-claros de Le Pagad a fitaram, uma das mãos apontando para o céu, outra para o chão, e com o símbolo do infinito acima da cabeça. Era uma imagem ligeiramente ameaçadora, nem claramente boa nem claramente má. Ao fitá-la, Meredith começou a achar que conhecia aquele rosto, embora ainda não pudesse reconhecê-lo.

A quarta carta novamente a fez sorrir: Le Mat. Anatole Vernier, de terno branco, chapéu de palha e bengala na mão, tal como pintado pela irmã. La Prêtresse o seguiu

— Isolde Vernier, linda, elegante e sofisticada. Depois, Les Amoureux, Isolde e Anatole juntos.

A carta sete foi Le Diable. A mão de Meredith pai-rou um instante sobre essa, enquanto ela via as feições maléficas de Asmodeu ganharem forma diante de seus olhos. O demônio, personificação dos terrores e assombrações das montanhas relatados por Audric S. Baillard em seu livro. Histórias de

perversidade, passadas e presentes.

Meredith soube então, pela sequência que havia tirado, qual seria a última carta. Todas as *dramatis personae* estavam ali, retratadas nas cartas que Léonie havia pintado, mas modificadas ou transformadas de algum modo, a fim de contar uma história específica.

Com o aroma de incenso nas narinas e as cores do passado fixadas na imaginação, Meredith sentiu o tempo escoar-se. Num presente contínuo, tudo o que viera antes e tudo o que ainda estava por vir uniram-se nesse ato de colocação das cartas.

Coisas deslizando entre o passado e o presente.

Ela tocou a última carta com as pontas dos dedos e, sem sequer desvirá-la, sentiu Léonie sair das sombras.

Carta VIII: La Force.

Deixando-a virada, sentou-se no chão, sem sentir o frio nem a umidade, e contemplou a oitava de cartas dispostas na caixa. Então percebeu que as imagens começavam a mudar. Sentiu o olhar atraído por Le Mat. No começo, foi apenas um toque de cor que não estivera ali até então. Uma pitada de sangue, quase pequena demais para ver, aumentando, desabrochando vermelha no branco do paletó de Anatole. Cobrindo-lhe o coração. Por um instante, os olhos pintados pareceram prendê-la em seu olhar.

Meredith prendeu a respiração, atônita, mas sem conseguir desviar-se, ao se dar conta de que estava vendo Anatole Vernier morrer. A figura escorregou lentamente para a base do chão pintado, revelando as montanhas de Soularac e Bézu, visíveis ao fundo.

Aflita, por não querer ver mais nada, porém, ao mesmo tempo, sentindo que não tinha escolha, viu-se atraída por um movimento na carta adjacente. Virou-se para La Prêtresse. De início, o belo rosto de Isolde Vernier olhou-a calmamente da carta II: uma mulher serena, com um vestido longo azul e as luvas brancas que lhe en-fatizavam os dedos compridos e elegantes, os braços finos. Então, as feições começaram a se alterar e a cor pas-

sou do rosa para o azul. Os olhos se arregalaram, os bra-

ços pareceram planar sobre a cabeça, como se ela nadasse, flutuasse.

Afogando-se.

Um eco da morte da mãe da própria Meredith.

A carta pareceu escurecer, enquanto as saias de Isolde se inflavam na água, em volta dos pés calçados em meias, a seda tremeluzente no verde opaco do mundo su-baquático, os dedos cobertos de limo tirando dos pés os sapatos marfim.

Os olhos de Isolde se fecharam, mas, ao fazê-lo, Meredith viu que a expressão luzindo neles era de alívio, não de medo, não do horror do afoga mento. Como era possível? Teria sua vida sido um fardo tão grande que ela havia desejado morrer?

Olhou de relanço para o fim da fila, Le Diable, e sorriu. As duas figuras aprisionadas aos pés do demônio já não estavam lá. As correntes pendiam vazias na base da coluna Asmodeu estava só.

Meredith respirou fundo. Se as cartas podiam contar a história do que havia acontecido, o que teria havido com Léonie? Estendeu a mão, mas ainda não conseguiu fazer-se abrir a carta. Estava desesperada para saber a verdade. Ao mesmo tempo, tinha medo da história que pudesse ver nas imagens cambiantes.

Pôs a unha sob um canto da carta, fechou os olhos e contou até três. Então, olhou.

A face da carta estava em branco.

Meredith ergueu-se sobre os joelhos, sem confiar no testemunho dos próprios olhos. Segurou a carta, virou-a e tornou a desvirá-la.

A carta continuou vazia, completamente branca; não restavam nem mesmo os verdes e azuis da paisagem do Midi.

Nesse momento, um som invadiu suas reflexões.

Um graveto quebrado, um estalar de pedras tiradas do lugar na trilha, o súbito bater das asas de um pássaro levantando voo de uma árvore.

Meredith pôs-se de pé, meio que olhando para trás, mas não viu nada.

— Hal?

Mil ideias lhe passaram pela cabeça, nenhuma delas tranquilizadora. Afastou-as. Tinha que ser Hal. Ela lhe dissera aonde ia. Ninguém mais sabia onde estava.

— Hal, é você?

Os passos se aproximaram. Alguém vinha andando depressa pela mata — o chiar de folhas deslocadas, o estalar de gravetos sob os pés. Se era ele, por que não respondia?

— Hal, isso não tem graça.

Meredith não soube o que fazer. O mais sensato seria correr, não ficar por ali esperando para ver o que a pessoa quereria.

N ão, o mais sensato é não ter uma reação emocional absurda.

Tentou dizer a si mesma que devia ser apenas outro hóspede dando um passeio pelos bosques, tal como ela.

Ao mesmo tempo, tratou de agir depressa para guardar as cartas. Notou então que várias outras estavam em branco.

A segunda carta tirada por ela, La Tour, também estava vazia, assim como Le Pagad.

Com os dedos desajeitados de nervosismo e de frio, estendeu a mão para pegar o baralho. Veio-lhe a sensa-

ção de uma aranha correndo sobre a pele nua. Meredith sacudiu o pulso para tirá-la, mas não havia nada ali, embora a sensação persistisse.

Também houve então um cheiro diferente. Já não era o perfume das folhas caídas e da pedra úmida, nem do incenso que ela havia imaginado, mi nutos antes, mas um fedor de peixe podre ou de mar num estuário estagnado.

E um cheiro de fogo — não o das conhecidas fogueiras de outono no vale, mas

de cinza quente, fumaça acre e pedra queimando.

O momento passou. Meredith piscou os olhos, recompôs-se rapidamente. Então, pelo canto do olho, notou um movimento. Havia uma espécie de bicho de pelo preto e sarapintado deslocando-se pela vegetação rasteira. Contornando a clareira. Meredith ficou imóvel. A coisa parecia ser do tamanho de um lobo ou um javali, embora ela não soubesse se ainda havia lobos na França, e saltitava de uma perna para a outra. Ela agarrou a caixa com mais for-

ça. Pôde então discernir um par de pernas dianteiras re-pulsivamente deformadas e a pele apergaminhada, cheia de bolhas. Por um segundo, a criatura fitou-a com seus penetrantes olhos azuis. Meredith sentiu uma dor aguda no peito, como se lhe cravassem a ponta de uma faca, e em seguida a criatura se afastou e a pressão no peito diminuiu.

Meredith ouviu uma barulheira. Baixou os olhos e viu a balança da justiça escorregar da mão da figura da carta XI. Ouviu o estrépito quando os pratos de bronze e os pesos de ferro caíram no piso de pedra do desenho e se espalharam.

Vou pegá-la.

As duas histórias se fundiram, como Laura tinha previsto. Passado e presente unidos pelas cartas.

Meredith sentiu um arrepio nos pelos da nuca e percebeu que, enquanto estivera olhando para a mata, tentando enxergar o que estaria na penumbra da floresta, esquecera-se da ameaça vinda do lado oposto.

Era tarde demais para correr.

Alguém — alguma coisa — já estava às suas costas.

CAPÍTULO 100

— Me dê as cartas — disse ele. Meredith sentiu o coração na boca, ao som daquela voz. Girou o corpo, apertando o baralho com força, e recuou no mesmo instante. Sempre imaculado, em todas as ocasiões em que ela o vira antes, em Rennes-les-Bains e no hotel, Julian Lawrence parecia um trapo. Tinha a camisa aberta no peito e transpirava profusamente. E havia em seu hálito um cheiro azedo de conhaque.

— Há alguma coisa ali — disse ela, deixando as palavras escaparem antes de ter tempo de pensar. — Um lobo ou coisa assim, eu lhe garanto. Eu o vi. Do lado de fora das paredes.

Julian parou, a confusão toldando seus olhos desesperados.

— Paredes? Que paredes? Do que você está falando?

Meredith olhou. As velas continuavam a bruxulear, formando sombras que desenhavam a forma do túmulo visigótico.

— Você não está vendo? Ora, mas é muito claro.

Não vê as luzes brilhando onde era o sepulcro?

Um sorriso matreiro bailou nos lábios de Julian.

— Ah, já entendi o que você está fazendo, mas não vai funcionar. Lobos, animais, fantasmas, é tudo muito divertido, mas você não vai me impedir de conseguir o que eu quero — e deu mais um passo em direção a ela. —

Entregue-me as cartas.

Meredith recuou um passo, trôpega. Por um instante, sentiu-se tentada. Estava na propriedade dele, andara escavando suas terras sem permissão. Era ela a errada, não ele. Mas a expressão no rosto de Julian fez seu sangue gelar. Os olhos azuis penetrantes, as pupilas dilatadas. O

medo lhe correu pela espinha, ao pensar em como eles estavam isolados, a quilômetros de qualquer lugar, em plena mata.

Precisava ter algum tipo de vantagem. Observou com cautela enquanto Julian corria os olhos pela clareira.

— Foi aqui que você achou O baralho? — perguntou ele. — Não, eu escavei aqui. Não estava aqui.

Até esse momento, Meredith não havia acreditado nas teorias de Hal sobre o tio. Mesmo que a dra.

O’Donnell tivesse razão e que tivesse sido o carro azul de Julian Lawrence na estrada, logo depois do acidente, ela ainda não acreditava muito que ele não teria parado para ajudar. Mas, agora, nada daquilo parecia tão amalucado.

Meredith deu outro passo atrás.

— O Hal vai chegar a qualquer momento — disse.

— E que diferença isso faz?

Ela olhou em volta, tentando calcular se conseguiria fugir. Era muito mais jovem, estava em muito melhor forma que ele. Mas não queria abandonar a caixa de costura de Léonie no chão. E, mesmo que Julian Lawrence achasse que ela só estava tentando assustá-lo com aquela história de lobos, ela sabia que tinha visto alguma coisa, algum predador espreitando nas fímbrias da clareira, pouco antes de Lawrence aparecer.

— Dê-me as cartas e eu não a machuco — disse ele. Meredith deu mais um passo atrás.

— Não confio em você.

— Não acho que tenha muita importância se você confia ou não em mim — rebateu ele, e então, como se um interruptor se ligasse, de repente perdeu a paciência e berrou: — Me dê as cartas!

Meredith recuou mais ainda, aos tropeços, apertando o baralho contra o peito. E voltou a sentir os odores: mais forte do que antes, aquele fedor repulsivo de peixe podre e um cheiro ainda mais penetrante de fogo.

Mas Lawrence estava totalmente alheio a tudo, a não ser às cartas que ela segurava. Continuou andando em direção à moça, chegando cada vez mais perto, estendendo a mão.

— Saia de perto dela!

Meredith e Lawrence viraram-se em direção à voz, enquanto Hal saía correndo da floresta, aos gritos, e partia direto para cima do tio.

Lawrence girou o corpo, arremeteu contra ele, recuou o braço e soltou um murro

de direita que o acertou embaixo do queixo. Apanhado de surpresa, o rapaz caiu, o sangue explodindo da boca e do nariz.

— Hal!

Ele chutou o tio, atingindo-o na lateral do joelho.

Lawrence tropeçou, mas não caiu. Hal fez força para se levantar, mas, apesar de Julian ser mais velho e muito mais pesado, ele sabia brigar e já havia usado os punhos com mais frequência que o sobrinho. Suas reações eram mais rápidas. Ele juntou as mãos e as arriou com toda a força na nuca do rapaz.

Meredith correu para a caixa de costura, jogou o baralho lá dentro, fechou a tampa e correu de volta para onde Hal jazia no chão, inconsciente.

Julian não tem nada a perder.

— Passe-me as cartas, srta. Martin.

Houve outra rajada de vento, com cheiro de queimado. Dessa vez, Lawrence também o sentiu. Houve um breve lampejo de confusão em seus olhos.

— Eu mato você, se for preciso — disse ele, num tom tão displicente que tornou a ameaça ainda mais crível.

Meredith não respondeu. Agora, a bruxuleante luz de velas que ela imaginara ver nas paredes do sepulcro estava se transformando em labaredas laranja, douradas e negras. O

sepulcro começou a incendiar. Uma fumaça negra envolveu a clareira, lambendo as pedras. Meredith imaginou ouvir o estalar da tinta nos santos de gesso, entrando em combustão. Os vitrais das janelas explodiram, lançados para fora, e os caixilhos de metal se vergaram.

— Você não está vendo? — gritou ela. — Não percebe o que está acontecendo?

Viu a apreensão espalhar-se pelo rosto de Lawrence e, em seguida, uma expressão de puro pavor saltar-lhe dos olhos. Meredith virou-se para trás, mas demorou muito para enxergar com clareza. Alguma coisa passou correndo por ela, uma espécie de animal de pelagem negra e sara-pintada, com estranhos

movimentos espasmódicos, e saltou.

Lawrence deu um grito.

Horrorizada, a jovem o viu cair, tentar impulsionar-se para trás no chão e arquear as costas, feito um caran-guejo grotesco. Ele jogou os braços para cima, como se lutasse com uma criatura invisível, golpeando o ar, ber-rando que havia alguma coisa dilacerando seu rosto, seus olhos, sua boca. As mãos lhe arranharam o próprio pesco-

ço, cortando a pele, como se ele tentasse livrar — se de um punho cerrado a asfixiá-lo.

E Meredith ouviu o sussurro, uma voz diferente, mais grave e mais alta que a de Léonie, reverberando em sua cabeça. Não reconheceu as palavras, mas compreendeu o sentido.

Fujhi, poudes; Escapa, non.

Fugir, podes; escapar, não.

Ela viu a capacidade de luta abandonar Lawrence, que tombou de costas no chão.

O silêncio desceu imediatamente na clareira. Meredith olhou em volta. Estava parada sobre um mero peda-

ço de grama. Nem chamas nem paredes, nem o cheiro do túmulo.

Hal se mexeu, erquendo-se num dos cotovelos. Levou a mão ao rosto e estendeu a palma, pegajosa de sangue.

— Que diabo aconteceu?

Meredith aproximou se correndo e o envolveu nos braços.

— Ele bateu em você. Deixou-o desmaiado por algum tempo.

Hal pestanejou e virou a cabeça para onde o tio estava caído no chão. Arregalou os olhos.

— Você...?

— Não — disse ela, depressa. — Não toquei nele.

Não sei o que aconteceu. Num minuto ele estava... — parou, sem saber como poderia descrever o que tinha visto.

— Ataque cardíaco?

Meredith abaixou-se ao lado de Julian, cujo rosto estava branco feito giz, com toques de azul em torno do nariz e da boca.

— Ele ainda está vivo — anunciou, tirando o celular do bolso e jogando-o para Hal. — Telefone. Se os paramédicos forem rápidos...

Hal pegou o aparelho, mas não se mexeu para dis-car. Meredith viu a expressão em seus olhos e soube o que ele estava pensando.

— Não — disse, baixinho. — Assim, não.

Hal sustentou seu olhar por um momento, os olhos azuis faiscando de mágoa, ante a possibilidade de se vingar do tio pelo que ele fizera. Um mago, com poder sobre a vida e a morte.

— Faça a ligação, Hal.

Durante mais um instante, a decisão ficou na balança. Depois, os olhos de Hal se enevoaram e ele voltou a si. Justiça, não vingança. Começou a teclar o número.

Meredith agachou-se ao lado de Lawrence, não mais aterrorizante, porém patético. Tinha as palmas das mãos viradas para cima. Havia nelas uma estranha marca vermelha, muito parecida com o número oito. Ela pôs a mão em seu peito e compreendeu. O homem já não respirava.

Levantou-se devagar.

— Hal.

O rapaz a olhou. Ela apenas abanou a cabeça.

— É tarde demais.

CAPÍTULO 101

DOMINGO, 11 DE NOVEMBRO

Onze dias depois, Meredith postou-se no promontório que dava para o lago, vendo um pequeno caixão de madeira ser baixado à terra. Era um grupo pequeno. Ela e Hal, agora proprietário legal da Herdade do Cade, e Shelagh O'Donnell, que ainda exibia as marcas do ataque de Julian. Lá estavam também o pároco local e um represen-tante da Mairie. Com alguma persuasão, a prefeitura havia autorizado a realização da cerimônia, mediante a alegação de que o local podia ser identificado como aquele em que Anatole e Isolde Vernier estavam enterrados. Julian Lawrence havia saqueado as sepulturas, mas não perturbara os ossos.

E agora, passados mais de cem anos, Léonie finalmente poderia ser levada a repousar junto aos corpos de seu irmão amado e da mulher dele. A emoção trouxe a Meredith um nó na garganta.

Nas horas subsequentes à morte de Julian, os restos mortais de Léonie tinham sido desencavados de uma cova rasa sob as ruínas do sepulcro. Era quase como se ela simplesmente houvesse deitado no chão para descansar.

Ninguém soube explicar por que não fora encontrada antes, dadas as amplas escavações feitas no local. Nem por que seus ossos, durante todo aquele tempo, não tinham sido espalhados por animais selvagens.

Mas Meredith estivera aos pés da sepultura e vira como as cores da terra sob o corpo adormecido de Léo-

nie, os tons acobreados das árvores acima dela e os fragmentos desbotados de tecido que ainda vestiam seu corpo, mantendo-a aquecida, combinavam com a ilustração de uma das cartas do tarô. Não da réplica, mas do original.

Carta VIII: La Force. E, por um instante, Meredith tinha imaginado ver o eco de lágrimas naquele rosto frio.

Terra, ar, fogo, água.

No emaranhado de formalidades e da infindável burocracia francesa, até então tinha sido impossível descobrir com exatidão o que havia acontecido com

Léonie na noite de 31 de outubro de 1897. Houvera um incêndio na Herdade do Cade, disso havia registros. Ele havia ir-rompido mais ou menos ao anoitecer, e em poucas horas tinha destruído parte da casa principal. A biblioteca e o estúdio tinham sido os cômodos mais danificados. Também havia indícios de que o incêndio tinha sido intencionalmente provocado.

Na manhã seguinte, Dia de Todos os Santos, vários corpos tinham sido recuperados das ruínas ainda fumegantes: criados que, segundo se presumia, tinham ficado presos entre as chamas. E houvera outras vítimas, homens da própria Rennes-les-Bains que não trabalhavam na propriedade.

Não estava claro por que Léonie Vernier havia decidido ficar — ou fora forçada a isso — quando outros habitantes da Herdade do Cade, entre eles seu sobrinho, Louis-Anatole, tinham fugido. Também não havia explicação de por que o incêndio se alastrara tão depressa e até um ponto tão distante, destruindo igualmente o sepulcro.

O Courrier d'Aude e outros jornais locais da época havi-

am mencionado os ventos fortes daquela noite, mas, ainda assim, teriam eles reduzido a distância entre a casa e o túmulo visigótico na floresta?

Meredith sabia que haveria de descobrir. Com o tempo, faria todas as peças se encaixarem.

O sol nascente cintilou na superfície da água, nas árvores e na paisagem que por tanto tempo haviam guardado seus segredos. Um sopro de brisa murmurou pelas terras, atravessando o vale. A voz do padre, clara e atemporal, trouxe Meredith de volta ao presente.

— *In nomine Patri, et Filii, et Spiritus Sanctus.*

A mão de Hal segurou a dela.

Amen. Assim seja.

O curé, um homem alto, com um pesado hábito de feltro preto, sorriu para Meredith. Estava com a ponta do nariz vermelha, ela notou, e seus olhos castanhos e meigos cintilavam com o ar frio.

— Mademoiselle Martin, c’est à vous, alors.

Ela respirou fundo. Agora que era chegado o momento, ficou subitamente tímida. Relutante. Sentiu Hal apertar-lhe a mão e soltá-la delicadamente.

Lutando para controlar as emoções, ela deu um passo à frente, até a borda da sepultura. Tirou do bolso dois artigos recuperados do escritório de Julian Lawrence: um medalhão de prata e um relógio masculino de bolso, tipo cebolão. Ambos traziam a simples gravação de iniciais e de uma data — 22 de outubro de 1891 —, comemoran-do o casamento de Anatole Vernier e Isolde Lascombe.

Meredith hesitou, depois se abaixou e os jogou delicadamente na terra, que era o seu lugar.

Ergueu os olhos para Hal, que lhe sorriu e fez um leve aceno com a cabeça. Meredith tornou a respirar fun-

do, depois pegou um envelope: a partitura musical, sua valiosa herança de família, transportada pelo oceano por Louis-Anatole, da França para os Estados Unidos e, ao longo das gerações, para ela.

Era difícil abrir mão dela, mas Meredith sabia que o lugar da partitura era com Léonie.

Baixou os olhos para a pequena lápide de ardósia colocada no chão, o cinza em contraste com a relva: LÉONIE VERNIER

22 DE AGOSTO DE 1874 — 31 DE OUTUBRO

DE 1897

REQUIESCAT IN PACEM

Soltou o envelope. Ele rodopiou e foi descendo em espiral, descendo pelo ar parado, um lampejo branco caindo lentamente de seus dedos enluva dos de preto.

Que os mortos descansem em paz. Que os mortos durmam.

Meredith recuou um passo, as mãos postas, a cabe-

ça baixa. Por um mo mento, o pequeno grupo ficou em silêncio, rendendo suas últimas homenagens. Depois, a jovem acenou com a cabeça para o padre.

— Merci, Monsieur le Curé.

— *Je vous en prie.*

Com um gesto intemporal, ele pareceu congregar todos os que estavam reunidos no promontório, virou-se e conduziu o pequeno grupo de volta, descendo a ladeira e contornando o lago. Quando eles iam atravessando os gramados, que brilhavam com o orvalho da manhã, o sol nascente refletiu-se como labaredas nas janelas da casa.

Meredith parou de repente.

— Você me dá um minuto? Hal fez que sim.

— Só vou acomodá-los lá dentro, depois volto para buscar você.

Ela o viu afastar-se e subir para o terraço, e se virou para contemplar o outro lado do lago. Queria demorar-se um pouco mais.

Apertou o casaco no corpo. Seus dedos das mãos e dos pés estavam dor mentes e seus olhos ardiam. As formalidades haviam terminado. Ela não que ria deixar a Herdade do Cade, mas sabia que estava na hora. Nesse mesmo horário, no dia seguinte, estaria regressando a Paris. E, no outro dia, terça-feira, 13 de novembro, estaria num avião sobrevoando o Atlântico, a caminho de casa. E

aí teria que descobrir que diabo fazer depois. Definir se havia um futuro para ela e Hal.

Por sobre as águas adormecidas, lisas como um espelho, ela contemplou o promontório. E então, ao lado do velho banco de pedra, julgou ver uma figura, uma silhueta tremeluzente e insubstancial de vestido verde e branco, justo na cintura, de saia ampla e mangas bufantes.

Os cabelos lhe caíam soltos, cobre fulgente sob os raios frios do sol. As árvores atrás dela, prateadas pelos cristais de gelo, cintilavam como metal.

Meredith pensou ouvir música mais uma vez, embora não soubesse ao certo se

era em sua cabeça ou vinha das profundezas da terra. Como notas em papel manuscrito, mas grafadas no ar.

Ficou parada em silêncio, esperando, observando, sabendo que seria a última vez. Houve um lampejo súbito na água, uma refração da luz, quem sabe, e ela viu Léonie erguer a mão. A silhueta de um braço fino contra o céu esbranquiçado. Dedos longos em luvas negras.

Pensou no baralho de tarô. Nas cartas de Léonie, pintadas por ela fazia mais de cem anos, para contar sua história e a das pessoas a quem havia amado. Na confusão caótica das horas imediatamente posteriores à morte de Julian, na véspera de Todos os Santos — enquanto Hal ia ao comissariado e se trocavam telefonemas com o hospital, onde Shelagh estava em tratamento, e com o necrotério, para onde o corpo de Julian fora levado —, Meredith, em silêncio e sem qualquer alarde, havia reposto as cartas na caixa de costura de Léonie e as devolvera ao antigo esconderijo na floresta.

Tal como a partitura de piano, Sepulcro 1891, o lugar delas era na terra.

Os olhos de Meredith mantiveram-se fixados a meia distância, mas a imagem já esmaecia.

Ela está indo embora.

Fora o desejo de justiça que mantivera Léonie ali, até que toda a história fosse contada. Agora ela poderia descansar em paz, no solo tranquilo que tanto havia amado.

Meredith sentiu Hal aproximar-se e parar a seu lado.

— Como vai indo? — ele perguntou, baixinho.

Que os mortos descansem em paz. Que os mortos durmam.

Meredith sabia que ele vinha lutando para entender as coisas. Nos 11 dias anteriores, os dois haviam conversado sem parar. Ela lhe contara tudo o que tinha acontecido, até o momento em que ele irrompera pela clareira, minutos depois do tio. Falara de Léonie, da leitura do tarô em Paris, da ob sessão que se estendera por mais de cem anos e havia ceifado tantas vidas, das histórias do demô-

nio e da música do lugar, de como ela se sentira atraída pela Herdade do Cade, de algum modo. Mitos, lendas, fatos, história, tudo misturado.

— Você está legal? — insistiu ele.

— Estou bem. Só com um pouco de frio.

Seus olhos ainda estavam fixos a meia distância. A luz estava mudando. Até os pássaros tinham parado de cantar.

— O que eu ainda não entendo — disse Hal, enfiando as mãos nos bolsos — é por que você. Quer dizer, é óbvio que existe a ligação familiar com os Vernier, mas, mesmo assim...

Deixou a frase morrer, sem saber direito aonde queria chegar.

— Talvez seja porque eu não acredito em fantasmas — veio a resposta em voz baixa.

Agora ela já não estava cônscia de Hal, do frio, da pálida luz violeta que se espalhava pelo vale do Aude. Apenas do rosto da mocinha do outro lado da água. O espírito dela estava se apagando no arvoredo ao fundo, nos cristais de orvalho, desvanecendo-se. Meredith manteve os olhos concentrados num único ponto. Léonie quase havia sumido. Sua silhueta oscilava, deslizava, ia escapulindo, como o eco de uma nota.

Do cinza para o branco, para o nada.

Meredith levantou a mão como que num aceno, quando o contorno tremeluzente enfim se desfez na ausência. Aos poucos, abaixou o braço. *Requiescat in pacem.*

E então, finalmente, tudo se fez silêncio. Tudo se fez espaço.

— Tem certeza de que você está bem? — repetiu Hal, com ar preocupado. Ela balançou a cabeça devagar.

Durante mais alguns minutos, continuou a fitar o espaço vazio, sem querer romper sua ligação com aquele lugar. Depois, respirou fundo e se achegou a Hal. A sua sensação de calor, de carne sólida e sangue.

— Vamos voltar — disse-lhe.

De mãos dadas, os dois deram meia-volta e atravessaram os gramados em direção ao terraço nos fundos do hotel. Seus pensamentos tinham rumos muito diferentes. Hal pensava num café. Meredith, em Léonie. E na grande saudade que sentiria dela.



CODA

Três anos depois

DOMINGO, 31 DE OUTUBRO DE 2010

— Senhoras e senhores, boa noite. Meu nome é Mark e tenho a grande honra de dar as boas-vindas à Sra.

Meredith Martin em nossa livra ria esta noite.

Houve uma salva de palmas entusiásticas, ainda que pouco numerosas, e o silêncio desceu sobre a pequena livraria independente. Hal, sentado na primeira fila, deu-lhe um sorriso de incentivo. De pé ao fundo, de braços cruzados, estava sua editora, que lhe fez sinal de positivo com o polegar.

— Como muitos de vocês sabem — continuou o gerente —, a srta, Martin é autora da aclamada biografia do compositor francês Claude Debussy lançada no ano passado, com críticas extasiadas. Mas o que talvez não sai-bam...

Mark era um velho amigo, e Meredith teve a pavorosa intuição de que ele ia começar lá atrás, conduzindo a plateia por todo o ensino fundamental, pelo curso médio e pela universidade, antes mesmo de entrar no tema do livro.

Deixou a mente vagar por trilhas conhecidas. Pensou em tudo o que acontecera

para levá-la a esse ponto.

Três anos de pesquisas, levantamento de provas, checagens e rechecagens, na tentativa de encaixar as peças da história de Léonie, ao mesmo tempo em que batalhava para concluir e entregar a bio grafia de Debussy dentro do prazo.

Nunca soubera ao certo se Lilly Debussy tinha visitado Rennes-les-Bains, mas as duas histórias tinham-se encontrado bem cedo, de um modo mais excitante. Ela descobrira que os Vernier e os Debussy tinham sido vizi-

nhos na rue de Berlin, em Paris. E, ao visitar o túmulo de Debussy no Cimetière de Passy, no 16º arrondissement, onde também estavam enterrados Manet e Morisot, Fauré e André Messager, havia encontrado, escondida num canto do cemitério, sob a copa das árvores, a sepultura de Marguerite Vernier.

No ano seguinte, outra vez em Paris com Hal, fizera uma visita ao túmulo para depositar flores.

Logo depois de entregar a biografia, na primavera de 2008, concentrara-se integralmente nas pesquisas sobre a Herdade do Cade e sobre a maneira como sua família havia emigrado da França para os Estados Unidos.

Tinha começado por Léonie. Quanto mais lera sobre Rennes-les-Bains e as teorias a respeito do abbé Saunière e Rennes-le-Château, mais se convencera de que estava certa a opinião de Hal de que tudo fizera parte de uma cortina de fumaça, destinada a desviar a atenção dos acontecimentos na Herdade do Cade. Inclinara-se a achar que os três corpos encontrados no jardim da casa do abade Saunière na década de 1950, em Rennes-le-Château, estavam ligados aos eventos de 31 de outubro de 1897 na Herdade do Cade.

Meredith suspeitava que um dos corpos era o de Victor Constant, o homem que havia assassinado Anatole e Marguerite Vernier. Os registros mostravam que ele tinha fugido para a Espanha e se tratado do terceiro estágio da sífilis em diversas clínicas, mas havia regressado à França no outono de 1897. O segundo corpo talvez fosse o do criado de Constant, que sabidamente estivera na multidão que havia atacado a casa. Seu cadáver nunca fora encontrado. O terceiro era mais difícil de explicar: espinha torcida, braços anormalmente compridos, uma pessoa de não mais de um metro e vinte de altura.

O outro acontecimento que chamara a atenção de Meredith tinha sido o

assassinato do pároco de Coustaussa, Antoine Gélis, em algum horário da mesma noite de outubro de 1897. Gélis era um recluso. À primeira vista, sua morte parecia desvinculada das ocorrências na Herdade do Cade, a não ser pela coincidência da data. Ele fora inicialmente atacado com os próprios atiçadores, depois com um machado encontrado na lareira do antigo presbitério. O Courrier d'Aude havia relatado haver 14 ferimentos em sua cabeça e fraturas múltiplas no crânio.

Tinha sido um assassinato de especial selvageria, e aparentemente imotivado. Os assassinos nunca foram encontrados. Todos os jornais locais da época haviam publicado a matéria, com detalhes praticamente idênticos. De pois de assassinar o ancião, os criminosos tinham deitado o corpo e cruzado as mãos da vítima no peito. A casa fora revistada e um cofre fora arrombado, mas uma sobrinha que cuidava de Gélis dissera que o cofre estava vazio, de qualquer maneira. Nada parecia ter sido levado.

Pesquisando um pouco mais, Meredith havia descoberto dois detalhes escondidos nas reportagens dos jornais. Primeiro que, na tarde da véspera de todos os Santos, uma jovem cuja descrição correspondia à de Léonie Vernier tinha visitado o presbitério em Coustaussa. Haviam recuperado um bilhete manuscrito. Segundo, que uma carta de tarô fora deixada entre os dedos da mão esquerda do morto. Carta XV: Le Diable.

Ao ler isso, recordando o que tinha acontecido nas ruínas do sepulcro, Meredith julgara compreender. O Di-

abo, por meio de seu servo Asmodeu, havia tomado o que lhe pertencia.

Quanto a quem tinha posto a caixa de costura de Léonie e o baralho original em seu esconderijo, no leito seco do rio, isso ficara sem solução O coração de Meredith imaginava Louis-Anatole infiltrando-se às escondidas na Herdade do Cade, na calada da noite, e repondo as cartas em seu lugar, em memória da tia. Sua cabeça lhe dizia que o mais provável era que tivesse sido um homem chamado Audric Baillard, cujo papel na história ela ainda não conseguira decifrar de modo satisfatório.

As informações genealógicas tinham sido um levantamento mais direto Com a ajuda de uma mesma senhora da prefeitura de Rennes-les-Bains, que se revelara despachada e extremamente eficiente, Meredith havia montado a história de

Louis-Anatole durante o verão e o começo do outono de 2008. Filho de Anatole e Isolde, ele havia crescido sob os cuidados de Audric Baillard, num pequeno vilarejo da cordilheira de Sabarthès chamado Los Seres. Depois da morte de Léonie, Louis-Anatole nunca mais regressara à Herdade do Cade, que ficara em completo abandono. Meredith havia presumido que o guardião de Louis-Anatole devia ter sido o pai ou, quem sabe, até o avô do Audric S. Baillard que tinha escrito Diables et Esprits Maléfiques et Phantômes de la Montagne.

Louis-Anatole Vernier, juntamente com um criado da família, Pascal Barthes, alistara-se no exército francês em 1914 e estivera em combate. Pascal recebera muitas condecorações, mas não tinha sobrevivido à guerra. Louis

— Anatole, sim, e, uma vez declarada a paz em 1918, havia emigrado para os Estados Unidos, transferindo ofici-almente as terras abandonadas da Herdade do Cade para seus parentes do lado Bousquet da família. A princípio, ele se sustentara tocando piano em barcos a vapor e no vaudevile. Embora não pudesse prová-lo, Meredith gostava de pensar que ele teria ao menos cruzado o caminho de um outro músico do vaudevile, Paul Foster Case.

Louis-Anatole tinha-se estabelecido nos arredores de Milwaukee, no que era agora o Parque Mitchell. Desvendar o capítulo seguinte da história tinha sido muito fácil. Ele se apaixonara por uma mulher casada, uma certa Lillian Matthews, que havia engravidado e tido uma filha.

Louisa. Pouco depois, o romance chegara ao fim, e Lillian e Louis-Anatole pareciam haver perdido o contato. Meredith não conseguira encontrar nenhum indício de contato entre o pai e a filha, mas tinha esperança de que Louis Anatole houvesse acompanhado o progresso da filha a distância.

Louisa herdara o talento musical do pai. Tornara-se pianista profissional nos salões de concerto dos Estados Unidos da década de 1930, não nos barcos a vapor do Mississipi. Depois de seu concerto de estreia, numa pequena sala de Milwaukee, ela havia encontrado um pacote à sua espera na porta do cama rim. Continha uma única fotografia de um rapaz de uniforme e uma partitura musical: Sepulcro 1891.

Às vésperas da Segunda Guerra Mundial, Louisa ficara noiva de um outro músico, um violinista que ela havia conhecido no circuito dos concertos. Jack Martin era extremamente tenso e volátil, mesmo antes de ser destruído por sua

experiência num campo de prisioneiros de guerra na Birmânia. Tinha regressado aos Estados Unidos viciado em drogas, sofrendo de alucinações e pesadelos.

Ele e Louisa tiveram uma filha, Jeanette, mas era claro que se tratara de uma situação difícil, e, quando Jack saiu de cena na década de 1950, Meredith imaginava que Louisa não tinha ficado triste.

Três anos de trabalhosas pesquisas, e ela havia conseguido chegar ao presente. Jeanette tinha herdado a beleza, o talento e o caráter do avô, Louis--Anatole, e também da mãe, Louisa, mas herdara igualmente a fragilidade e a vulnerabilidade da bisavó francesa, Isolde, e do pai, Jack.

Meredith baixou os olhos para a quarta capa do livro, que descansava em seu colo nervoso. Era uma reprodução da fotografia de Léonie, Anatole e Isolde tirada na praça de Rennes-les-Bains em 1891. Sua família.

Mark, o gerente da loja, continuava falando. Hal atraiu a atenção dela e lhe fez um sinal, fechando a boca como se fosse um zíper.

Meredith riu. Hal se mudara para os Estados Unidos em outubro de 2008, o que tinha sido o melhor presente de aniversário que ela poderia receber. O aspecto legal das coisas tinha-se complicado em Rennes-les-Bains.

A homologação do inventário demorara um pouco e houvera problemas para determinar a causa exata da morte de Julian Lawrence. Não tinha sido derrame nem infarto.

Não houvera sinais visíveis de qualquer tipo de trauma, afora umas cicatrizes inexplicáveis nas palmas de suas mãos. O coração dele simplesmente havia parado de bater.

Se ele tivesse sobrevivido, era improvável que houvesse enfrentado acusações pelo assassinato do irmão ou pela tentativa de homicídio contra Shelagh O’Donnell. As provas circunstanciais de ambos os casos eram convincen-tes, mas, nas circunstâncias vigentes, a polícia relutaria em reabrir o inquérito sobre a morte de Seymour. Quanto a Shelagh, ela não tinha visto seu agressor e não houvera testemunhas.

Mas houvera claros indícios de fraude e de que Julian Lawrence passara anos sonegando impostos sobre os lucros, e desviando parte destes para financiar sua

obsessão. Diversos artefatos visigóticos valiosos, todos ilegalmente obtidos, foram recuperados. Em seu cofre havia mapas mostrando suas escavações detalhadas do terreno, além de cadernos e mais cadernos com anotações sobre um certo baralho de tarô. Ao ser interrogada, em novembro de 2007, Meredith havia admitido possuir uma reprodução do mesmo baralho, mas dissera acreditar-se que o original fora destruído no incêndio de 1897.

Hal tinha vendido a Herdade do Cade em março de 2008. O negócio não dava dinheiro, só trazia dívidas. Ele havia apaziguado seus fantasmas. Estava pronto para seguir em frente. Mas se mantivera em contato com Shelagh O'Donnell, que agora morava em Quillan e lhes dissera que um casal de ingleses, com dois filhos adolescentes, havia assumido o controle e logrado trans formar o negócio num dos mais bem-sucedidos hotéis familiares do Midi.

— Portanto, senhoras e senhores, uma salva de palmas, por favor, para a srta. Meredith Martin.

Houve uma explosão de aplausos estrondosos, inclusive, suspeitou Meredith, por Mark ter finalmente parado de falar. Ela respirou fundo, compôs-se e ficou de pé.

— Obrigada por essa apresentação generosa, Mark, e é ótimo estar aqui. A gênese deste livro, como alguns de vocês sabem, foi uma viagem que fiz quando estava trabalhando na minha biografia de Debussy. Minhas pesquisas me levaram a uma cidadezinha encantadora dos Pireneus, chamada Rennes-les-Bains, e, a partir de lá, a uma investigação de meus próprios antecedentes familiares. Este livro de memórias é minha tentativa de dar descanso aos fantasmas do passado.

Fez uma pausa e continuou:

— A heroína do livro, se vocês quiserem saber, é uma mulher chamada Léonie Vernier. Sem ela, eu não estaria aqui hoje — e sorriu. — Mas o livro é dedicado a Mary, minha mãe. Tal como Léonie, ela é uma senhora admirável.

Meredith viu Hal entregar um lenço de papel a Mary, sentada entre ele e Bill na primeira fila.

— Foi Mary quem introduziu a música na minha vida. Foi ela quem me incentivou a continuar a fazer perguntas e a nunca fechar as ideias a nenhuma

possibilidade.

Foi ela quem me ensinou a sempre aguentar firme, por piores que fossem as situações. E, o mais importante —sorriu, adotando um tom um pouco mais leve —, e especialmente apropriado na noite de hoje, foi Mary quem me mostrou como fazer as melhores lanternas de abóbora que já existiram no Dia das Bruxas!

O grupo de familiares e amigos riu.

Meredith esperou, agora tão animada quanto nervosa, até o silêncio voltar à sala. Levantou o livro e come-

çou a ler.

Esta história começa numa cidade de ossos. Nas vielas dos mortos. Nas silenciosas alamedas, passeios e becos do Cemitério de Montmartre, em Pa ris, lugar habitado por túmulos e anjos de pedra, e pelos fantasmas er-rantes dos,que foram esquecidos antes mesmo de esfria-rem nas sepulturas.

Enquanto suas palavras flutuavam para a plateia, tornando-se parte da massa de histórias a serem contadas naquela noite de Halloween, os sons confortáveis da velha construção foram o seu acompanhamento. Cadeiras rangendo sobre as tábuas de madeira do piso, o chiado dos antigos encanamentos de água no telhado, o clangor das buzinas dos carros na rua, a cafeteira zumbindo num canto. Do bar ao lado, as melodias de piano que atravessavam as paredes. Teclas brancas e pretas produzindo notas que serpeavam pelos rodapés, pelas tábuas do assoalho, pelos espaços ocultos entre o piso e o teto.

Meredith diminuiu o ritmo ao se aproximar do fim da leitura.

E que, na verdade, esta história não começa com a ausência de ossos numa sepultura parisiense, mas com um baralho. O Tarô Vernier.

Houve um momento de silêncio, e então começaram os aplausos.

Meredith se apercebeu de haver estado como que prendendo a respiração, e exalou com alívio. Ao olhar para os amigos, os familiares, os colegas, por uma fração de segundo, ali, na luz cambiante, imaginou ver uma garota de longos cabelos de cobre e luminosos olhos verdes parada no fundo da sala, sorrindo.

Retribuiu-lhe o sorriso. Mas, quando tornou a olhar, não havia ninguém lá.

Pensou em todos os fantasmas que haviam afetado sua vida. Em Marguerite Vernier, no Cemitério de Passy.

No cemitério de Milwaukee, perto do ponto em que os três rios se encontram, onde seu trisavô, Louis-Anatole Vernier — soldado da França, cidadão dos Estados Unidos —, fora conduzi do a seu último repouso. Em Louisa Martin, pianista cujas cinzas se haviam dispersado ao vento. Em sua mãe biológica, sepultada nas areias em que o sol se punha no lago Michigan. Mais do que tudo, porém, pensou em Léonie, dormindo pacificamente nas terras da Herdade do Cade.

Ar, água, fogo, terra.

— Obrigada — disse Meredith, quando terminaram os aplausos. — E muito obrigada a todos por terem vindo.

NOTA DA AUTORA SOBRE O

TARÔ VERNIER

O Tarô Vernier é um baralho imaginário, criado para Sepulcro, pintado por Finn Campbell-Notman e baseado no clássico baralho de Rider Waite (1910).

Os especialistas não conseguem chegar a um acordo quanto às origens antigas do tarô: a Pérsia, a China, o antigo Egito, a Turquia, a índia, todos o reivindicam. Mas costuma-se aceitar que o formato das cartas que hoje as-sociamos ao tarô data da Itália de meados do século XV.

Existem centenas de baralhos, e outros entrando no mer-cado a cada ano. Os mais populares continuam a ser o Tarô de Marselha, com suas inconfundíveis ilustrações em tons vivos de amarelo, azul e vermelho, e o narrativo baralho Waite Universal, concebido em 1916 pelo ocultista inglês Arthur Edward Waite e com ilustrações da pintora norte-americana Pamela Colman Smith. É esse o baralho usado por Solitaire no filme de James Bond Com 007 Viva e Deixe Morrer.

Para os que desejarem saber mais sobre o tarô, existem inúmeros livros e páginas na internet. O melhor guia completo é o livro de Rachel Pollack, The Complete

Illustrated Guide to Tarot, publicado pela editora Element (1999).

AGRADECIMEN TOS

Tive a extrema sorte de contar com o apoio, a orientação e a ajuda prática de inúmeras pessoas durante a redação de Sepulcro. É desnecessário dizer que quaisquer erros, sejam de fato, sejam de interpretação, são meus.

Meu agente, Mark Lucas, continua a ser não apenas um editor esplêndido e um grande amigo, mas também meu fornecedor de notinhas autoadesivas multicores —vermelhas, desta vez! Obrigada igualmente a todo o pessoal da agência Lucas Alexander Whitley Ltd. (LAW), pelo empenho no trabalho e pelo apoio, em especial a Alice Saunders, Lucinda Bettridge e Petra Lewis. Agradeço também a Nicki Kennedy por seu entusiasmo, a Sam E-denborough e à equipe da Intercontinental Literary Agency (ILA); e ainda a Catherine Eccles, amiga e conterrâ-nea em Carcassonne, da Anne Louise Fisher Associates.

No Reino Unido, tenho a felicidade de ser publicada pela editora Orion, Tudo começou com Malcolm Edwards e a incomparável Susan Lamb. Com Sepulcro, o diretor editorial Jon Wood (superenérgico), a editora Ge-nevieve Pegg (supereficiente e calma) e a editora de textos Jane Selley foram incansáveis no trabalho e tornaram todo o processo, do começo ao fim, imensamente divertido!

Agradeço também aos heróis e heroínas, frequentemente não cantados em verso e prosa, dos departamentos de produção, vendas e marketing, publicidade e outros

— em particular a Gaby Young, Mark Rusher, Dallas Manderson, Jo Carpenter e todo o pessoal da LBS

Nos Estados Unidos, eu gostaria de agradecer a George Lucas e a minha maravilhosa editora na Putnam, Rachel Kahan. E ainda, na Alemanha, a Annette Weber, da editora Droemer; e na França, a Philippe Dorey e Isa-belle Laffont, da Lattés.

Faço um agradecimento especial ao escritor e compositor Greg Nunes, que me ajudou nas passagens sobre Fibonacci e compôs a bela peça musical, Sepulcro 1891, que aparece no livro e na versão em áudio. Sou também muito grata a Finn Campbell-Notman e ao departamento de arte da Orion pelas oito cartas do Taro Vernier.

Quero expressar minha gratidão aos intérpretes e entusiastas do tarô de ambos os lados do Atlântico, que foram generosos com seus conselhos, sugestões e experiências; em especial, gostaria de agradecer a Sue, Louise, Estelle e Paul; à Mysteries, em Covent Garden; a Ruby (outro nome da romancista Jill Dawson), por ter feito uma leitura das cartas para Meredith; e a todos aqueles que preferem se manter no anonimato.

Na França, agradeço a Martine Rouche e Claudine l'Hôte-Azema, em Mirepoix; a Régine Foucher, em Rennes-les-Bains; a Michelle e Ròland Hill, por me haverem permitido ver o diário; à sra. Breithaupt e sua equipe em Carcassonne; e a Pierre Sanchez e Chantal Billautou, por toda a ajuda prática nos últimos 18 anos.

Um imenso agradecimento vai para os amigos, em especial Robert Dye, Lucinda Montefiore, Kate e Bob Hingston, Peter Clayton, Sarah Mansell, Tim Bouquet, Cath e Pat O'Hanlon, Bob e Maria Pulley, Paul Arnott, Lydia Conway, Amanda Ross, Tessa Ross, Kamila Sham-sie e Rachel Holmes. Cabe fazer uma menção especial à equipe de pesquisa de Rennes-les-Bains, formada por Maria Rejt, Jon Evans e Richard Bridges, os quais talvez tenham passado mais tempo do que desejariam naquela pizzaria!

Acima de tudo, meu amor e gratidão vão para minha família, muito particularmente para meus fabulosos pais, Richard e Barbara Mosse, e minha sogra, Rosie Turner, que mantém tudo funcionando.

Nossa filha, Martha, é sempre alegre e entusiástica, bem-humorada e cheia de apoio, e nunca duvidou de que o livro seria concluído. Felix passou meses e meses percorrendo a região de Sussex Downs, deixando as ideias brotarem soltas, fazendo sugestões de tramas e oferecendo descobertas e ideias editoriais — sem a contribuição dele, Sepulcro seria um livro muito diferente.

Por fim, como sempre, Greg. Seu amor e confiança, que proporcionam tudo, desde orientação editorial e prática até a feitura de cópias de segurança de todos aqueles arquivos, além de comida, noite após noite, fazem toda a diferença do mundo. Como sempre fizeram.

Pas a pas... todos os passos do caminho.

SOBRE A AUTORA

KATE MOSSE é autora de outros cinco livros, entre os quais o best-seller internacional Labirinto, traduzido em 15 idiomas e publicado em 40 países. Mosse é diretora honorária do Orange Prize for Fiction, prêmio literário que ajudou a criar, em 1996. Ela vive com a família entre West Sussex, na Inglaterra, e Carcassonne, na França, ci-dadela medieval que é palco das tramas de Labirinto e Sepulcro.

A FORÇA
IX
A JUSTIÇA
XIV
O LOUCO
0
O MAGO
I

A TORRE
XVI

O DIABO
XV

A JUSTIÇA
II

OS ENAMORADOS
IV

This document was created with Win2PDF available at http://www.win2pdf.com.

The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.

This page will not be added after purchasing Win2PDF.